

THE HEROES

OF OLYMPUS



THE LOST HERO



AUTHOR OF THE BEST-SELLING PERCY JACKSON SERIES

RICK RIORDAN

ÍNDICE

Capítulo I.....	7
Capítulo II	18
Capítulo III.....	29
Capítulo V	54
Capítulo VI.....	60
Capítulo VII	67
Capítulo VIII	75
Capítulo IX.....	84
Capítulo X.....	93
Capítulo XI.....	105
Capítulo XII	112
Capítulo XIII	120
Capítulo XIV	123
Capítulo XV	132
Capítulo XVI.....	141
Capítulo XVII	145
Capítulo XVIII	150
Capítulo XIX.....	159
Capítulo XX	162
Capítulo XXI.....	173
Capítulo XXII	179
Capítulo XXIII	188
Capítulo XXIV	192
Capítulo XXV	203
Capítulo XXVI.....	209
Capítulo XXVIII	220
Capítulo XXVIII	225

Capítulo XXIX	238
Capítulo XXX	247
Capítulo XXXI	251
Capítulo XXXII	257
Capítulo XXXIII	267
Capítulo XXXIV	277
Capítulo XXXV	284
Capítulo XXXVI	292
Capítulo XXXVII	299
Capítulo XXXVIII	303
Capítulo XXXIX	315
Capítulo XL	321
Capítulo XLI	327
Capítulo XLII	332
Capítulo XLIII	339
Capítulo XLIV	342
Capítulo XLV	346
Capítulo XLVI	350
Capítulo XLVII	356
Capítulo XLVIII	360
Capítulo XLIX	367
Capítulo L	371
Capítulo LI	379
Capítulo LII	385
Capítulo LIII	394
Capítulo LIV	399
Capítulo LV	401
Capítulo LVI	405
Deuses em The Lost Hero	410

AGRADECIMENTOS

Está terminada mais uma tradução da . mafia dos livros ., e me orgulho imensamente. No primeiro momento em que li a última página de *O Último Olimpiano*, fiquei querendo mais. Até que foi lançado *The Lost Hero*, e o meu coração, assim como o de milhões de fãs também, bateu mais forte.

Há, nas seguintes páginas, a colaboração de simples “interneteiros” que gastaram suas horas vagas, onde poderiam fazer mil coisas, para sentar-se em frente a um computador e digitar. Crendo que muitos concordam comigo, isso não é algo simples, fácil nem sequer rápido. Mas ao mesmo tempo um tradutor exercita a sua leitura, aprende palavras novas (porque normalmente é preciso um dicionário de inglês-português em mãos), e muito mais.

Seria estupidez dizer que esse PDF, com mais de 400 páginas, foi feito simples e puramente para termos créditos. Na comunidade em que a tradução foi organizada, muitos fãs se reuniam para conversar, ou trocar spoilers, ou votar em enquetes relevantes. Sempre ficamos com gostinho de “quero mais”, e não há problema nenhum nisso. Todos eram amigos.

Essa nova obra do renomado autor Rick Riordan lhe trará muitas aventuras, traições, e verdadeiras provas de amizade (e muito além disso). Houve primeiramente uma confusão na minha cabeça sobre quem era o melhor herói. Se era Leo, Piper ou Jason. Agora reflito, e chego à decisão que os três são igualmente heróicos, ricos de coragem e lealdade, e cheios de surpresa. Dessa vez, diferentemente de Percy Jackson e os Olimpianos, esse livro traz inimigos do mal menos conhecidos e os seus aspectos, que a maioria das pessoas acha que são fracos e aqui descobrem o contrário. Rick muda o modo de narração, o que foi triste para alguns leitores, mas não deixa de expôr ações, sentimentos e a opinião de cada personagem de modo claro e animador, o que faz ser realmente difícil parar de ler.

Vale lembrar que a tradução acabou, mas as discussões de spoilers e as conversas sobre assuntos diversos, continuam. A confraternização entre fãs enriquece a trama, trazendo á tona simples frases postas no livro que passam despercebidas pela primeira vez, mas em seguida, reunidos em grupo, os fãs podem discutir a respeito de mensagens subliminares do autor, suas verdadeiras e prováveis intenções. A mitologia grega é cheia de traições e inimizades, mas essa nova série mostra a verdade através dos mitos, meio que cortando-os em pedaços e espondo cada pedaço de vez, que após combinados, esses pedaços formariam algo grande e significativo e que faria sentido, mesmo não sendo o que você esperava. Algo como quebra-cabeça. E é com essa incrível comparação de quebra-cabeça e livro que nem eu mesmo entendi, vamos ao próximo parágrafo.

Espero que vocês curtam ler esse livro tanto quanto curti montá-lo. Sem mais enrolações, devore agora *O Herói Perdido*, um livro incrível que esquenta suas emoções a cada linha. Boa leitura!

Diego de T. A. D. Oliveira

Para Haley e Patrick, sempre os primeiros a ouvir histórias.

Sem eles, o Acampamento Meio-Sangue não existiria.

JASON

ANTES MESMO DE SER ELETROCUTADO, Jason estava tendo um dia podre.

Ele acordou no banco traseiro de um ônibus escolar, sem ter certeza de onde estava, segurando a mão de uma garota que ele não conhecia. Essa não era necessariamente a parte podre. A menina era bonita, mas ele não conseguia entender quem ela era ou o que ela estava fazendo ali. Ele se sentou e esfregou os olhos, tentando pensar.

Umas poucas dúzias de crianças espalhavam-se pelos bancos em frente ao dele, ouvindo seus iPods, conversando, ou dormindo. Todos eles pareciam ter sua idade... Quinze? Dezesseis? Ok, isso era assustador. Ele não sabia sua própria idade.

O ônibus trafegava por uma estrada esburacada. Do lado de fora das janelas, passava o deserto, debaixo de um brilhante céu azul.

Jason estava certo que ele não morava no deserto. Ele tentou pensar novamente... a última coisa que ele lembrava...

A garota apertou sua mão. “Jason, você está bem?”

Ela usava jeans desbotados, botas de caminhada, e uma jaqueta de lã de snowboard. Seu cabelo castanho-chocolate era cortado de forma desigual, com os lados trançados para baixo. Ela não usava maquiagem, como se ela estivesse tentando não chamar atenção para si mesma; mas não funcionou. Ela era realmente bonita. Seus olhos pareciam mudar de cor como em um caleidoscópio — marrom, azul, e verde.

Jason soltou a mão dela. “Hum, eu não —”

Na parte da frente do ônibus, um professor gritou “Está bem, bolinhos, ouçam!”

O homem obviamente era um treinador. Seu boné de beisebol estava afundado na cabeça, deixando a vista somente seus olhos lustrosos. Ele tinha uma barbicha rala e uma cara azeda, como se tivesse comido algo mofado. Seus braços castanhos e peito vestindo uma radiante camisa pólo laranja. Suas calças de treino de náilon e seus Nikes estavam imaculadamente brancos. Usava um apito pendurado no pescoço, e um mega-

fone estava preso ao seu cinto. Ele teria parecido bastante assustador se não tivesse apenas um metro e meio de altura. Quando ele se levantou no corredor, um dos estudantes gritou “Levante-se, Treinador Hedge!”

“Eu ouvi isso!” O treinador examinou o ônibus atrás do ofensor. Então seus olhos fixaram-se em Jason e sua carranca se aprofundou.

Uma sacudida desceu pela coluna de Jason. Ele estava certo de que o treinador sabia que ele não pertencia aquele lugar. Ele estava indo chamar Jason, perguntar o que ele estava fazendo no ônibus — e Jason não saberia o que dizer.

Só que o Treinador Hedge olhou para longe e pigarreou. “Chegaremos em cinco minutos! Permaneçam com sua dupla. Não percam suas planilhas. E se um de vocês preciosos pequenos bolinhos causarem qualquer problema nessa excursão, eu vou pessoalmente mandá-los de volta para o campus do jeito difícil..”

Ele pegou um taco de baseball e fez como se estivesse batendo em um pombo-correio.

Jason olhou para a garota ao seu lado. “Ele pode falar conosco desse jeito?.”

Ela deu de ombros. “Ele sempre fala. Essa é a Wilderness School, ‘Onde crianças são os animais’.”

Ela falou como se fosse uma piada que tinham partilhado antes.

“Isso é um algum tipo de engano,” Jason falou. “Eu não devia estar aqui.”

O garoto que estava a sua frente virou e riu. “Sim, certo, Jason. Todos nós fomos enquadrados! Eu não fugi seis vezes. Piper não roubou uma BMW.”

A garota corou. “Eu não roubei esse carro, Leo!”

“Oh, eu esqueci, Piper. Qual foi a sua história? Você ‘jogou conversa’ para o vendedor emprestar para você?” Ele levantou as sobrancelhas para Jason como se dissesse, Você acredita nela?

Leo parecia um elfo latino do Papai Noel, com cabelos pretos encaracolados, orelhas pontudas, uma cara alegre, infantil, e um sorriso travesso que lhe disse logo: esse cara não deve ser confiável na presença de fósforos ou objetos cortantes. Seus dedos longos e ágeis não paravam de se movimentar — batucando no banco, colocando o cabelo atrás das orelhas, brincando com os botões do paletó de farda de exército. Ou o garoto era naturalmente hiperativo ou se entupiu de bastante açúcar e cafeína o suficiente para dar um ataque cardíaco a um búfalo.

“De qualquer forma,” disse Leo, “Eu espero que esteja com a sua planilha, porque eu usei a minha para fazer bolas de cuspe a dias atrás. Por que você está me olhando assim? Alguém desenhou na minha cara de novo?”

“Eu não te conheço,” Jason disse.

Leo deu-lhe um sorriso de crocodilo. “Claro. Não sou seu melhor amigo. Eu sou o clone mau dele.”

“Leo Valdez!” Treinador Hedge gritou da frente. “Algum problema aí atrás?”

Leo piscou para Jason. “Assista essa.” Ele virou-se para frente. “Desculpe-me, Treinador! Eu estava tendo problemas para te escutar. Você pode usar seu megafone, por favor?”

O Treinador Hedge grunhiu como se ele estivesse feliz por ter uma desculpa. Ele tirou o megafone do seu cinto e continuou a dar orientações, mas sua voz saiu como a de Darth Vader. As crianças caíram na gargalhada. O treinador tentou novamente, mas desta vez o megafone bradou: “A vaca diz moo!”

Os garotos gritaram, e o treinador bateu o megafone. “Valdez!”

Piper abafou um riso. “Meu Deus, Leo. Como você fez isso?”

Leo deixou uma pequena chave de fenda Phillips cair de sua manga. “Sou um garoto especial..”

“Gente, é sério,” Jason confessou. “O que estou fazendo aqui? Para onde estamos indo?”

Piper arqueou suas sobrancelhas. “Jason você está brincando?”

“Não! Eu não tenho ideia —”

“Ah, sim, ele está brincando,” Disse Leo. “Ele está tentando descontar daquela vez que tinha creme de barbear na Jell-O, não é?”

Jason olhou para ele sem expressão.

“Não, eu acho que ele está falando sério.” Piper tentou pegar sua mão novamente, mas ele a puxou.

“Me desculpe,” Ele disse. “Eu não — Eu não posso —”

“É isso aí!” Treinador Hedge gritou pela frente. “A fila de trás acabou de se oferecer para limpar a bagunça depois do almoço!”

O resto dos garotos aplaudiu.

“Isso é chocante,” Disse Leo.

No entanto, Piper manteve seus olhos em Jason, como se ela não pudesse se decidir se estava machucada ou preocupada. “Você bateu a cabeça ou algo assim? Você realmente não sabe quem somos?”

Jason deu com os ombros, impotente. “É pior do que isso. Eu não sei quem eu sou.”

O ônibus deixou-os na frente de um grande complexo de estuque vermelho parecido com um museu, localizado no meio do nada. Talvez seja isso o que é: o Museu Nacional de Meio do Nada, Jason pensou. Um vento frio soprava do deserto. Jason não tinha prestado muita atenção ao que ele estava usando, mas não era nem perto de ser quente o suficiente: jeans e tênis, uma camiseta roxa, e um blusão preto fino.

“Então, um curso intensivo para amnésia,” Leo disse, em um tom prestativo que levou Jason a pensar que não ajudaria em nada. “Nós frequentamos a ‘Wilderness School’” — Leo fez as aspas no ar com os dedos. “O que significa que somos ‘crianças más’. Sua família ou o órgão responsável por você decidiram que você era muito problemático, então te mandaram para esta adorável prisão — me desculpe, ‘internato’ — em Armpit, Nevada, na qual você aprende valiosas habilidades naturais como correr dez quilômetros por dia, através dos cactos e tecelagem de margaridas em chapéus! E para um tratamento especial nós vamos à viagens ‘educacionais’ de campo com o Treinador Hedge que mantém a ordem com um taco de baseball. Está tudo voltando para você agora?”

“Não.” Jason olhou apreensivamente para as outras crianças: vinte garotos, talvez, e a metade deste número de garotas. Nenhum deles parecia ser criminosos perigosos, só que ele imaginou o que eles teriam feito para serem sentenciados a uma escola para delinquentes e imaginou por que ele pertencia a este grupo.

Leo revirou os olhos. “Você realmente vai continuar com isso, não é? Ok, então nós três entramos aqui juntos este ano. Nós somos bem próximos. Você faz tudo o que eu digo e me dá sua sobremesa e faz meus deveres...”

“Leo!” Piper vociferou.

“Está bem. Ignore esta última parte. Mas nós somos amigos. Bom, Piper é um pouco mais do que sua amiga nas últimas semanas —”

“Leo, pára com isso!” O rosto de Piper ficou vermelho. Jason também podia sentir seu rosto queimando. Pensou que se lembraria se estivesse saindo com uma garota como a Piper.

“Ele está com amnésia ou algo do tipo.” Piper disse. “Nós temos que contar a alguém.”

Leo zombou. “Quem, o Treinador Hedge? Ele tentaria curar o Jason batendo no topo da sua cabeça.”

O treinador estava na frente do grupo, gritando ordens e assoprando seu apito para manter as crianças na fila, mas, de vez em quando, ele olhava para Jason e franzia as sobrancelhas.

“Leo, Jason precisa de ajuda.” Piper insistiu. “Ele teve uma concussão ou...”

“E aí, Piper.” Um dos outros meninos ficou para trás para se juntar aos três enquanto a turma se dirigia para o museu. O garoto novo se espreguiou entre Jason e Piper e derrubou Leo. “Não fale com estes perdedores. Você é minha parceira, lembra-se?”

O novo rapaz tinha cabelos escuros cortados ao estilo do Super-Homem, era bem bronzeado, e tinha dentes tão brancos que eles deveriam vir com uma placa de recomendação: não olhe diretamente para os dentes, pode causar cegueira permanente. Ele vestia um casaco dos Dallas Cowboys, calças jeans e botas ao estilo faroeste, e ele sorria como se fosse um presente de Deus para todas as meninas delinquentes de todo lugar. Jason odiou-o instantaneamente.

“Vá embora, Dylan,” Piper resmungou. “Eu não pedi para trabalhar com você.”

“Ah, não seja assim. Hoje é o seu dia de sorte!” Dylan enganchou seu braço no de Piper e a arrastou pela entrada do museu. Piper deu uma última olhada por sobre o ombro, como se fosse um pedido de ajuda urgente.

Leo se levantou e se limpou. “Eu odeio esse cara.” Ele ofereceu seu braço a Jason, como se eles fossem entrar juntos pulando. “Eu sou o Dylan. Eu sou tão legal, eu gostaria de namorar comigo mesmo, mas eu não consigo descobrir como! Você quer sair comigo, então? Você tem tanta sorte!.” “Leo,” Jason disse, “você é estranho.”

“É, você me diz isso bastante.” Leo sorriu largamente. “Mas se você não se lembra de mim, isso significa que eu posso recontar todas as minhas piadas antigas. Vamos lá!”

Jason deduziu que, se este era seu melhor amigo, sua vida devia ser uma bagunça, mas ele seguiu Leo para dentro do museu.

...

Eles caminharam para dentro do prédio, parando aqui e ali para o treinador Hedge lhes dar um sermão com o seu megafone, que alternadamente o fazia parecer um lorde *Sith* ou soltava comentários aleatórios como “o porco diz oink.”

Leo continuava tirando porcas de parafusos, pregos, limpadores de cachimbo do bolso e juntando-os, como se ele tivesse que manter suas mãos ocupadas o tempo todo.

Jason estava distraído demais para prestar muita atenção para as exposições, mas elas falavam do Grand Canyon e da tribo Hualapai, que era dona do museu.

Algumas garotas continuavam olhando para Piper e Dylan e rindo baixinho. Jason deduziu que estas garotas eram do grupo das populares. Elas usavam calças jeans combinando, blusas rosa e tanta maquiagem que elas poderiam ir a uma festa de Dia das Bruxas.

Uma delas disse “Ei, Piper, a sua tribo cuida desse lugar? Você entra de graça se fizer a dança da chuva?”

As outras garotas riram. Até o assim dito parceiro da Piper, Dylan, supriu um sorriso. O casaco de *snowboard* de Piper escondeu suas mãos, mas Jason teve a sensação de que ela tinha cerrado seus punhos.

“Meu pai é Cherokee,” ela disse, “e não Hualapai. Mas é claro, você precisaria de alguns neurônios para saber a diferença, Isabel.”

Isabel abriu os olhos em uma surpresa irônica, de maneira que fez ela parecer uma coruja maquiada. “Ah, desculpe-me. A sua mãe era dessa tribo? Ah, é verdade. Você nunca conheceu sua mãe.”

Piper avançou sobre ela, mas antes que uma briga pudesse começar, o treinador Hedge vociferou “Já chega, vocês aí atrás! Sejam um bom exemplo ou eu vou pegar o meu taco de baseball!.” O grupo prosseguiu para a próxima exposição, mas algumas meninas continuaram soltando pequenos comentários para Piper.

“É bom estar de volta à reserva?,” uma perguntou com uma voz doce.

“O pai deve estar bêbado demais para trabalhar,” outra disse com um pesar falso. “É por isso que ela se tornou cleptomaníaca.”

Piper ignorava, mas Jason estava pronto para socá-las. Ele poderia não se lembrar de Piper e nem de quem ele era, mas ele odiava crianças más. Leo segurou seu braço. “Fique calmo. Piper não gosta que lutemos suas batalhas por ela. Além disso, se essas garotas descobrissem a verdade sobre o pai dela, elas estariam todas a reverenciando e gritando ‘nós não somos merecedoras!’”

“Por quê? O que tem o pai dela?”

Leo riu, sem acreditar. “Você não está brincando? Você realmente não se lembra de que o pai da sua namorada...”

“Olha, eu queria lembrar, mas eu nem mesmo me lembro dela, muito menos de seu pai.”

Leo assobiou. “Tanto faz. Nós temos que conversar quando voltarmos ao dormitório.”

Eles chegaram ao final da sala de exibições, onde grandes portas de vidro levavam a um terraço.

“Tudo bem, bolinhos.,” o treinador Hedge anunciou. “Vocês estão prestes a ver o *Grand Canyon*. Tentem não quebrá-lo. O observatório aguenta o peso de setenta jatos, então vocês, pesos-pena, devem estar seguros lá. Se possível, evitem empurrar uns aos outros por sobre a cerca, porque isso me daria mais papelada pra preencher.”

O treinador abriu as portas e todos saíram. O *Grand Canyon* se estendia diante deles, ao vivo e em pessoa. Além da beira, se abria uma passarela em forma de ferradura feita de vidro, de forma a permitir que você possa ver através dela.

“Cara,” Leo disse. “Isso é muito louco.”

Jason tinha de concordar. Apesar de sua amnésia e de sua sensação de que ele não pertencia àquele grupo, ele não podia evitar ficar impressionado.

O desfiladeiro era maior e mais largo do que se poderia imaginar por uma foto. Eles estavam tão alto que pássaros voavam abaixo deles. Quinhentos pés abaixo, um rio serpenteava ao longo do pé do desfiladeiro. Bancos de nuvens de tempestade haviam se movido ao alto enquanto eles estavam dentro do museu, lançando sombras que pareciam rostos zangados sobre o penhasco. Até onde Jason podia ver em qualquer direção, ravinas vermelhas e cinzas cortavam o deserto como se um Deus louco tivesse o cortado com uma faca.

Jason sentia uma dor perfurante atrás dos olhos. Deuses loucos... De onde ele tirou essa idéia? Ele sentia como se tivesse chegado perto de algo importante — algo que ele devia saber. Ele também tinha a inequívoca sensação de que ele estava em perigo.

“Você está bem?,” Leo perguntou. “Você não vai vomitar por cima da cerca, vai? Porque eu deveria ter trazido minha câmera.”

Jason se apoiou na grade. Ele estava tremendo e suando, mas não tinha nada a ver com altura. Ele piscou e a dor atrás dos olhos melhorou um pouco.

“Eu estou bem,” ele disse. “É só uma dor de cabeça.”

Trovões estrondavam acima deles. Um vento frio quase o derrubou de lado

“Isto não pode ser seguro.” Leo lançou um olhar furtivo para as nuvens. “A tempestade está bem acima de nós, mas o céu está limpo ao nosso redor. Estranho, não?”

Jason olhou para cima e viu que Leo estava certo. Um círculo de nuvens escuras havia se estacionado em cima do observatório, mas o resto do céu em todas as direções estava perfeitamente limpo. Jason teve um pressentimento ruim sobre isso.

“Tudo bem, molengas!” Gritou o Treinador Hedge. Ele franziu o cenho para a tempestade como se isso o incomodasse muito. “Talvez tenhamos que encerrar o passeio, então mãos a obra! Lembrem-se, frases completas!”

A tempestade rugia, e a cabeça de Jason começou a doer de novo. Sem saber por que fez isso, enfiou a mão no bolso do jeans e de lá tirou uma moeda — um círculo de ouro do tamanho de uma moeda de 50 *cents*, um pouco mais espessa e mais desigual. Em um dos lados estava estampada a figura de um machado de batalha. No outro estava o rosto de um garoto coberto de louros. A inscrição dizia algo como *ivlivs*.

“Nossa, isso é ouro?” Leo perguntou. “Você esteve escondendo de mim!”

Jason colocou a moeda longe, se perguntando como ele viria a tê-la, e porque ele sentia que precisaria dela em breve.

“Não é nada” ele disse. “Só uma moeda.”

Leo balançou os ombros. Talvez sua mente tivesse que manter se movimentando tanto quanto suas mãos. “Vamos lá” ele disse. “Te desafio a cuspir na beirada.”

Eles não se esforçaram muito na planilha. Por um motivo, Jason estava muito distraído com a tempestade e com os seus próprios sentimentos confusos. Por outro motivo, ele não tinha nenhuma idéia como “nomear três camadas sedimentares que você observa” ou “descrever dois exemplos de erosão.”

Leo não era de muita ajuda. Ele estava muito ocupado construindo um helicóptero de limpadores de cachimbo.

“Confira isso.” Ele lançou o helicóptero. Jason imaginou que iria despencar, mas as lâminas dos limpadores de cachimbo estavam realmente afiadas. O pequeno helicóptero voou pelo desfiladeiro antes de perder a força inicial e cair em espiral no vazio.

“Como você fez isso?” Jason perguntou.

Leo deu de ombros “Poderia ter sido mais legal se eu tivesse alguns elásticos..”

“Falando sério,” Jason falou, “Nós somos amigos?.”

“Na última vez que eu verifiquei.”

“Você tem certeza? Qual foi o primeiro dia que nós nos encontramos? Do que nós falamos?”

“Foi...” Leo franziu a testa. “Não lembro exatamente. Tenho ADHD, cara. Você não pode esperar que eu me lembre de detalhes.”

“Mas eu não me lembro de nada de você. Não me lembro de ninguém daqui. E se —.”

“Você está certo e todo mundo está errado?” Leo perguntou. “Você acha que só apareceu aqui nesta manhã, e todos nós temos memórias falsas de você?” Uma pequena voz na cabeça de Jason dizia, É exatamente o que eu penso.

No entanto, isso parecia loucura. Todo mundo tinha certeza da presença dele. Todos agiram como se ele fosse uma parte normal da classe — exceto para o Treinador Hedge.

“Pegue a planilha.” Jason entregou o papel para Leo. “eu já volto.”

Antes que Leo pudesse protestar, Jason se dirigiu ao observatório.

O grupo escolar deles tinha o lugar inteiramente para eles mesmos. Talvez fosse muito cedo para turistas, ou talvez o clima estranho tenha assustado todos. As crianças da ‘Wilderness School’ se espalharam em pares em todo o observatório. A maioria estava brincando ou conversando. Alguns garotos estavam jogando moedas de um centavo para além da cerca. A mais ou menos cinqüenta pés de distancia, Piper estava tentando preencher a sua planilha, mas o seu parceiro estúpido, Dylan, estava jogando cantadas nela, colocando a sua mão no ombro da garota e dando-lhe aquele ofuscante sorriso branco. Ela continuava afastando-o, e quando ela viu Jason, olhou para ele como quem diz, Estrangule este garoto para mim.

Jason fez sinal para ela esperar. Ele caminhou até o Treinador Hedge, que estava encostado em seu taco de baseball, estudando as nuvens de tempestade.

“Você fez isto?” o treinador perguntou para ele.

Jason deu um passo para trás. “Fiz o que?” Souu como se o treinador tivesse acabado de perguntar se ele tinha feito a tempestade.

O Treinador Hedge olhou para ele, seus lustrosos olinhos brilhando sob a aba do boné. “Não brinque comigo, criança. O que você está fazendo aqui e por que está atrapalhando meu trabalho?”

“Você quer dizer que... você não me conhece?” Jason falou. “Não sou um de seus alunos?”

Hedge inspirou. “Nunca tinha visto você até hoje”

Jason estava tão aliviado que quase quis chorar. Pelo menos ele não estava ficando louco. Ele estava no lugar errado. “Olhe, senhor, eu não sei como cheguei aqui. Eu só acordei no ônibus da escola. Tudo que eu sei é que eu não deveria estar aqui.”

“Está certíssimo.” A voz rouca de Hedge caiu para um sussurro, como se ele fosse partilhar um segredo. “Você tem uma maneira poderosa de manipular a névoa, criança, já que você pode fazer todas essas pessoas pensarem que te conhecem; mas você não pode me fazer de tolo. Eu estive farejando um monstro por dias. Eu sabia que nós tínhamos um invasor, mas você não cheira como um monstro. Você cheira como um meio-sangue. Então — quem é você, e de onde você veio?”

A maior parte do que o treinador falou não fazia sentido, mas Jason decidiu responder honestamente. “Não sei quem eu sou. Não tenho nenhuma lembrança. Você tem que me ajudar.”

Treinador Hedge estudou o seu rosto como se estivesse tentando ler os pensamentos de Jason.

“Ótimo,” murmurou Hedge. “Você está sendo verdadeiro.”

“É claro que eu estou! E o que é tudo isso sobre monstros e meio-sangues? São códigos ou alguma coisa assim?”

Hedge estreitou seus olhos. Parte de Jason se perguntou se o cara era só louco. A outra parte, porém, sabia melhor.

“Olhe garoto,” Hedge falou, “Eu não sei quem você é. Só sei o que você é, e isso significa problema. Agora eu tenho que proteger três de vocês e não dois. Você é o pacote especial? É isso?.”

“Do que você está falando?”

Hedge olhou para a tempestade. As nuvens estavam ficando mais grossas e mais escuras, pairando diretamente sobre a passarela.

“Essa manhã,” Hedge falou, “recebi uma mensagem do acampamento. Eles disseram que uma equipe de extração está a caminho. Eles estão vindo para pegar um pacote especial, mas eles não deveriam me dar detalhes. Eu pensei por mim mesmo. Os dois que eu estou observando são mais poderosos, mais velhos que a maioria. Eu sei que eles estão sendo perseguidos. Eu posso sentir o cheiro de um monstro no grupo. Eu imaginei que esse era o motivo para de repente o acampamento estar frenético para buscá-los. Então você aparece do nada. Então, você é o pacote especial?.”

A dor atrás dos olhos de Jason ficou pior do que nunca. Meio-sangues. Acampamento. Monstros. Ele continuou sem entender nada do que Hedge estava falando, mas as palavras lhe deram um pesado congelamento nos miolos — como se sua mente estivesse tentando acessar informações que deveriam estar ali, mas não estavam.

Ele tropeçou, e o Treinador Hedge o pegou. Para um cara pequeno, o treinador tinha mãos de ferro.

“Calma lá, molenga. Você disse que não tem lembranças, né? Bem. Eu vou ter que te observar, também, até a equipe chegar aqui. Vamos deixar o diretor descobrir essas coisas.”

“Que diretor?” disse Jason. “Que acampamento?”

“Apenas sente. Reforços devem chegar aqui em breve. Espero que nada aconteça antes —”

Um raio caiu acima de suas cabeças. O vento se manifestou com vingança. Planilhas voaram para dentro do Grand Canyon, e a ponte inteira estremeceu. Crianças gritaram, tropeçando e agarrando os trilhos.

“Eu preciso falar uma coisa,” Hedge resmungou. Ele gritou em seu megafone: “Todo mundo lá dentro! A vaca disse mu! Fora do observatório”

“Achei que você disse que isso era estável!” Jason gritou por cima do vento.

“Em circunstâncias normais,” Hedge concordou, “as quais não são. Vamos!”

JASON

A TEMPESTADE SE TRANSFORMOU NUM FURACÃO EM MINIATURA. Um funil de nuvens serpenteava em direção ao observatório como os tentáculos de uma águamarinha monstro.

Crianças gritaram e correram para o prédio. O vento arrancou seus cadernos, jaquetas, chapéus e mochilas. Jason derrapou pelo piso escorregadio.

Leo perdeu o equilíbrio e quase caiu sobre os trilhos, mas Jason agarrou sua jaqueta e puxou ele de volta.

“Obrigado, cara!” Leo gritou.

“Vai, vai, vai!” Disse o treinador Hedge.

Piper e Dylan estavam segurando as portas abertas, agrupando as outras crianças no interior. A jaqueta de *snowboard* da Piper estava se agitando descontroladamente com o vento, seu cabelo preto estava todo em seu rosto. Jason pensou que ela devia estar congelando, mas ela parecia calma e confiante — falando para os outros que daria tudo certo, encorajando eles a se manterem em movimento.

Jason, Leo e o treinador Hedge correram em direção a eles, mas era como correr em areia movediça. O vento parecia lutar contra eles, os empurrando de volta.

Dylan e Piper empurraram mais uma criança para dentro, e depois perderam o seu domínio sobre a porta. Eles acabaram fechados no observatório. Piper puxou as alças. As crianças que estavam no interior bateram nos vidros, mas as portas pareciam presas.

“Dylan ajude!” Piper gritou.

Dylan só ficou observando, com um sorriso idiota, sua jaqueta dos Cowboys ondulando ao vento, como se ele repentinamente estivesse gostando da tempestade.

“Sinto muito, Piper,” disse ele. “Estou cansado de ajudar.” Ele movimentou rapidamente seu pulso e Piper voou para trás, batendo na porta e deslizando pelo convés do observatório.

“Piper!” Jason tentou a custo ir para frente, mas o vento estava contra ele, e o Treinador Hedge o puxou para trás.

“Treinador,” Disse Jason, “Deixe-me ir!.”

“Jason, Leo, fiquem atrás de mim,” o treinador ordenou. “Essa é minha luta. Eu deveria saber que era nosso monstro.”

“O que?” Leo demandou. Uma planilha errante bateu em seu rosto, mas ele a afastou. “Que monstro?.”

O boné do treinador foi soprado para longe e acima de seu cabelo crespo estavam dois galos — como aqueles que os personagens de desenho animado ganham quando batem a cabeça. O Treinador Hedge levantou seu bastão de baseball — mas não era mais um bastão regular. De alguma forma ele tinha se transformado em um bastão de ramo de árvore em forma crua, com ramos e folhas ainda anexados.

Dylan deu a ele o seu sorriso feliz e psicótico. “Ah, vamos lá, treinador. Deixa o garoto me atacar. Afinal, você está ficando muito velho para isso. Não é por isso que eles te trouxeram para esta escola estúpida? Eu estive no seu time a temporada toda e você nem reparou. Você está perdendo seu faro, vovô.”

O treinador fez um som irritado, como um animal balindo. “É isso aí, queridinho. Eu vou te derrubar.”

“Você acha que pode proteger três meio-sangues de uma vez só, velho?,” Dylan riu. “Boa sorte.”

Dylan apontou para Leo e uma nuvem em forma de funil se materializou ao redor dele. Leo voou pelo observatório como se ele tivesse sido arremessado. De alguma forma, ele conseguiu girar no ar e bateu de lado na parede do desfiladeiro. Ele derrapou, procurando desesperadamente por algum apoio para as mãos. Finalmente, ele agarrou uma pequena fenda cerca de 50 pés abaixo da passarela e se segurou com as pontas dos dedos.

“Ajudem-me!,” ele gritou para os outros. “Uma corda, por favor? Um elástico de *bungee jump*? Alguma coisa?”

O treinador Hedge praguejou e atirou para Jason seu galho. “Eu não sei quem é você, garoto, mas eu espero que você seja bom. Mantenha aquela coisa ocupada” — ele apontou com o dedão para Dylan — “enquanto eu pego o Leo”

“Pegá-lo como?,” Jason perguntou. “Você vai voar?”

“Voar, não. Escalar.” Hedge arrancou seus sapatos e Jason quase teve um enfarte. Ele tinha cascos — cascos de bode. O que significava que aquelas coisas em sua cabeça, Jason comprehendeu, não eram galos. Eram chifres.

“Você é um fauno,” Jason disse.

“Sátiro!,” vociferou Hedge. “Faunos são Romanos. Mas nós discutiremos isso depois.”

Hedge pulou a grade. Ele partiu em direção à parede do desfiladeiro e bateu com os cascos primeiro. Ele desceu o penhasco com uma agilidade incrível, encontrando apoios para os pés não maiores do que selos, desviando de redemoinhos que tentavam atacá-lo enquanto ele prosseguia na direção de Leo.

“Isso não é fofo?,” Dylan se virou para Jason. “Agora é a sua vez, garoto.”

Jason atirou o bastão. Pareceu inútil com ventos tão fortes, mas o galho voou direto na direção de Dylan, até curvando quando ele tentava desviar, e bateu na sua cabeça com tanta força que ele caiu de joelhos.

Piper não estava tão estupefata quanto parecia. Seus dedos se fecharam ao redor do galho quando este rolou para perto dela, mas, antes que ela pudesse usá-lo, Dylan se levantou. Sangue — sangue dourado — corria de sua testa.

“Boa tentativa, garoto.” Ele tinha um olhar penetrante para Jason. “Mas você vai ter que fazer melhor.”

O observatório estremeceu. Trincados apareceram no vidro. Dentro do museu, as crianças pararam de bater nas portas. Elas se afastaram, olhando aterrorizadas.

O corpo de Dylan se dissolveu em fumaça, como se suas moléculas estivessem se descolando. Ele tinha o mesmo rosto, o mesmo sorriso branco brilhante, mas todo o seu corpo era repentinamente composto de um vapor preto em espiral, seus olhos pareciam faíscas elétricas em uma viva nuvem de tempestade. Ele abriu asas pretas de fumaça e se elevou acima do observatório. Se anjos pudessem ser maus, Jason pensou, eles pareceriam exatamente com isso.

“Você é um *ventus*,” Jason disse, apesar de não ter nenhuma idéia de como ele sabia essa palavra. “Um espírito da tempestade.”

A risada de Dylan parecia o som de um tornado arrancando um telhado. “Estou feliz por ter esperado, semideus. Eu sabia de Leo e Piper por semanas. Eu poderia tê-los matado a qualquer momento. Só que minha senhora me disse que havia um terceiro a caminho — alguém especial. Ela vai me recompensar enormemente pela sua morte!”

Mais duas nuvens em forma de funil apareceram de cada lado de Jason e se transformaram em venti — rapazes espetrais com asas de fumaça e olhos que tremeluziam como raios.

Piper se manteve abaixada, fingindo estar aturdida, sua mão ainda segurando o galho. Seu rosto estava pálido, mas ela deu a Jason um olhar determinado e ele entendeu a mensagem: mantenha-os distraídos, baterei neles por trás.

Linda, esperta e violenta. Jason desejava poder se lembrar de tê-la como sua namorada. Ele fechou seus punhos e se preparou para atacar, mas ele nunca teve a chance.

Dylan levantou sua mão com arcos de eletricidade correndo entre seus dedos, e atirou em Jason no peito.

Bang! Jason se viu deitado de costas no chão. Sua boca estava com gosto de lâmina de alumínio queimada. Ele levantou a cabeça e percebeu que suas roupas estavam fumegando. O raio foram direto em sua direção e explodiu seu sapato esquerdo. Seus pés estavam negros de fuligem.

Os espíritos da tempestade estavam rindo. Os ventos enfureciam-se. Piper estava gritando desafiadoramente, mas tudo parecia metálico e distante.

Do canto de seu olho, Jason viu o treinador Hedge escalando o penhasco com Leo nas suas costas. Piper estava de pé, balançando desesperadamente o galho para afastar os dois espíritos de tempestade extras, mas eles estavam apenas brincando com ela. O galho atravessou seus corpos como se eles não estivessem lá. E Dylan, um tornado escuro com asas e olhos, avançou ameaçadoramente em direção a Jason.

“Pare,” Jason persuadiu. Ele se levantou cambaleante, e não tinha certeza de quem estava mais surpreso: ele ou os espíritos de tempestade.

“Como você está vivo?” a forma de Dylan surgiu. “Aquilo tinha eletricidade suficiente para matar vinte homens!”

“Minha vez,” disse Jason.

Ele colocou a mão no bolso e tirou a moeda de ouro. Ele deixou seus instintos assumirem, lançando a moeda no ar como já tinha feito milhares de vezes. Ele a capturou na palma da mão, e de repente estava segurando uma espada — uma arma perversamente afiada de dois gumes. O cunho coube perfeitamente em seus dedos, e tudo era puro ouro — cabo, cunho e lâmina.

Dylan rosnoe e se apoiou para levantar. Ele olhou para seus dois comparsas e gritou, “E então?! Matem-no!”

Os outros espíritos de tempestade não pareceram felizes com aquela ordem, mas voaram em direção a Jason com seus dedos faiscando eletricidade.

Jason se atirou contra o primeiro espírito. Sua lâmina atravessou o espírito e a forma esfumaçada da criatura se desintegrou. O segundo espírito atirou um raio, mas a espada de Jason absorveu a carga. Jason se moveu para frente — uma rápida investida, e o segundo espírito de tempestade se dissolveu em pó dourado.

Dylan se lamentou indignado. Ele olhou para baixo como se esperasse que seus comparsas se reestruturassem, mas o pó dourado continuou disperso no ar. “Impossível! Quem é você, meio-sangue?”

Piper estava tão aturdida que deixou o taco cair. “Jason, como...?”

Então o Treinador Hedge saltou de volta no observatório e derrubou Leo como se fosse um saco de farinha.

“Espíritos, temam a mim!” Hedge berrou, flexionando seus braços curtos. Então ele olhou em volta e percebeu que só havia o Dylan.

“Maldição, menino!” ele se virou para Jason. “Você não deixou alguns para mim? Eu gosto de desafios!”

Leo se levantou, respirando com dificuldade. Ele parecia completamente humilhado, suas mãos sangrando de escalar as pedras. “Ei, Treinador SuperCabra, ou o que quer que você seja — eu acabei de cair do maldito Grand Canyon! Pare de pedir por desafios!”

Dylan sibilou para eles, mas Jason podia perceber medo nos olhos dele. “Vocês não fazem ideia de quantos inimigos vocês despertaram, meio-sangues. Minha mestra irá destruir todos os semideuses. Esta guerra vocês não podem vencer.”

Acima deles, a chuva se explodiu em uma tempestade com força total. Rachaduras apareceram no observatório. Lençóis de água caíam, e Jason teve que se abaixar para manter o equilíbrio.

Um buraco se abriu entre as nuvens — um turbilhão de preto e prateado.

“Minha mestra me chama de volta!” Dylan gritou de alegria. “E você, semideus, virá comigo!”

Ele investiu contra Jason, mas Piper atacou o monstro por trás. Mesmo ele sendo feito de fumaça, Piper de alguma maneira conseguiu se conectar. Os dois começaram a cair. Leo, Jason e o treinador se inclinaram para ajudar, mas o espírito gritou com ódio. Ele jogou uma corrente de ar que derrubou todos eles. A espada de Jason derrapou entre o vidro. Leo bateu a parte de trás da cabeça e se encolheu em um canto, atordoado e

gemendo. Piper recebeu o pior. Ela foi arrancada das costas de Dylan e bateu na grade, caindo na borda até que ela estava pendurada por uma mão sobre o abismo.

Jason se moveu em direção a ela, mas Dylan gritou, “Eu vou me vingar por essa!”

Ele agarrou o braço de Leo e começou a subir, arrastando um Leo semi-consciente com ele. A tempestade rodopiou com mais força, puxando eles para cima como um aspirador de pó.

“Socorro!” Piper gritou. “Alguém!”

Ela, então, escorregou, gritando enquanto caía.

“Jason, vá!” Hedge gritou. “Salve-a!”

O treinador se lançou contra o espírito com alguns golpes fortes de Bode Fu — atacando-o com seus chifres, liberando Leo do poder do espírito. Leo caiu são e salvo no chão, mas Dylan agarrou o braço do treinador em troca. Hedge tentou cabecear ele, e então o chutou e o chamou de queridinho. Eles se levantaram no ar, ganhando velocidade.

O Treinador Hedge gritou mais uma vez, “Salve-a! Eu cuido disso!” Então o sátiro e o espírito de tempestade rodopiam entre as nuvens e desapareceram.

Salvar ela? Jason pensou. Ela está morta!

No entanto, outra vez seus instintos venceram. Ele correu para a grade pensando, Eu sou louco, e pulou de lado.

...

Jason não estava com medo da altura. Ele estava com medo de ser esmagado no chão do desfiladeiro, mil e quinhentos metros abaixo. Ele percebeu que não tinha conseguido nada, exceto morrer junto com Piper, mas jogou os braços para a frente e caiu de cabeça. As bordas do desfiladeiro passavam por ele como num filme em velocidade acelerada. Seu rosto parecia que estava descascando.

Num piscar de olhos, ele alcançou Piper, que caía descontroladamente. Ele seguiu a cintura dela e fechou os olhos, aguardando a morte. Piper gritou. O vento assobiou no ouvido de Jason. Ele imaginou como seria morrer. Ele estava pensando, provavelmente não era muito bom. Ele desejou que de alguma forma eles nunca batessem no chão.

De repente, o vento parou. O grito de Piper se transformou em um suspiro estrangulado. Jason pensou que eles deveriam estar mortos, mas não sentiu impacto nenhum.

“J-J-Jason,” Piper murmurou.

Ele abriu os olhos. Eles não estavam mais caindo. Estavam flutuando no meio do ar, trezentos metros acima do rio.

Ele abraçou Piper com força, e ela se reposicionou de forma que também estava abraçando ele. Eles estavam de frente, nariz a nariz. O coração dela batia tão forte que Jason podia sentir através da roupa dela.

O hálito dela cheirava a canela. Ela disse, “Como você—”

“Eu não fiz nada,” ele respondeu. “Acho que eu saberia se soubesse voar...”

Então ele pensou: Eu não sei nem mesmo quem eu sou.

Ele pensou estar subindo. Piper ganiu conforme eles começavam a ir para cima. Eles não estavam exatamente flutuando, Jason decidiu. Ele podia sentir a pressão embaixo dos pés como se eles estivessem balançando em cima de um cilindro a gás.

“O ar está ajudando a gente,” ele disse.

“Bem, diga a ele para ajudar mais! Tira a gente daqui!”

Jason olhou para baixo. A coisa mais fácil a fazer seria descer tranquilamente até o chão do desfiladeiro. Então ele olhou para cima. A chuva tinha parado. As nuvens não pareciam tão violentas, mas ainda estava trovejando e piscando. Não havia garantia de que os espíritos tinham sumido de vez. Ele não fazia ideia do que tinha acontecido ao Treinador Hedge. E ele tinha deixado Leo lá em cima, semi-inconsciente.

“Nós temos que ajudá-los,” Piper disse, como se lesse os pensamentos dele. “Você pode—”

“Vamos ver.” Jason pensou para cima, e instantaneamente eles foram em direção ao céu.

O fato dele estar escalando o ar seria algo legal em outras circunstâncias, mas ele estava extremamente em choque. Assim que eles alcançaram o observatório, correram em direção ao Leo.

Piper virou para Leo, e ele grunhiu. O casaco dele de exército estava ensopado pela chuva. Seu cabelo cacheado brilhava a ouro por rolar em pó de monstro. Mas pelo menos ele não estava morto.

“Estúpido... bode... feio,” ele murmurou.

“Aonde ele foi?” Piper perguntou.

Leo apontou para cima. “Nunca voltou. Por favor, diga que ele não salvou mesmo a minha vida.”

“Duas vezes,” Jason falou.

Leo grunhiu ainda mais alto. “O que aconteceu? O cara tornado, a espada de ouro... eu bati a minha cabeça. Foi isso, certo? Estou alucinando?”

Jason tinha esquecido a espada. Ele foi até onde ela estava e a pegou. A lâmina estava bem balanceada. Numa intuição ele a girou. No meio da volta, a espada se transformou novamente em uma moeda e pousou na sua palma.

“É,” Leo disse. “Definitivamente alucinando.”

Piper se arrepiou por causa da roupa molhada pela chuva. “Jason, aquelas coisas—”

“Venti,” ele disse. “Espíritos de tempestade.”

“Tá. Você agiu como... como se você já tivesse visto eles antes. Quem é você?”

Ele balançou a cabeça. “É isso que eu estava tentando te dizer. Eu não sei.”

A tempestade parou. As outras crianças da Wilderness School olhavam para as portas de vidro horrorizadas. Os guardas de segurança estavam mexendo nas fechaduras, mas não pareciam estar conseguindo nada.

“O Treinador Hedge disse que tinha que proteger três pessoas,” Jason lembrou. “Eu acho que ele estava falando da gente.”

“E aquela coisa em que o Dylan se transformou...” Piper tremeu. “Meu Deus, eu não acredito que ele estava me passando cantadas. Ele chamou a gente de... como era, semideuses?”

Leo se deitou de costas no chão, olhando para o céu. Ele não parecia ansioso para levantar. “Não sei o que semi significa,” ele disse. “Mas eu não estou me sentindo muito divino não. Vocês estão?”

Houve um som quebradiço como de galhos secos estalando, e as rachaduras no observatório começaram a aumentar.

“Nós precisamos sair daqui,” Jason falou. “Talvez se nós—”

“Aaaah tá,” Leo interrompeu. “Olhem para cima e me digam se aquilo são cavalos voadores.”

De início Jason pensou que Leo tinha batido a cabeça forte demais. Só que então ele viu uma silhueta escura descendo do leste — devagar demais para ser um avião, grande demais para ser um pássaro. Conforme foi se aproximando, ele pôde ver um par de animais alados — cinza, de quatro patas, exatamente como cavalos — exceto pelo fato de que cada um tinha asas de seis metros. E eles estavam puxando uma caixa pintada com duas rodas: uma biga.

“Reforços,” ele disse. “Hedge disse que um pelotão de extração estava vindo atrás da gente.”

“Pelotão de extração?” Leo se levantou. “Isso parece doloroso.”

“E para onde eles vão extrair a gente?” Piper perguntou. Jason observou a biga pousar na ponta do observatório. Os cavalos alados dobraram suas asas e galoparam nervosamente através do vidro, como se sentissem que estava quase quebrando. Dois adolescentes estavam na biga — uma loira alta, talvez um pouco mais velha que Jason, e um cara largo com a cabeça raspada e um rosto como uma pilha de tijolos. Os dois usavam calças jeans e camisetas laranja, com escudos guardados nas costas. A garota pulou antes mesmo da biga parar de andar. Ela pegou uma faca e correu em direção ao grupo de Jason enquanto o cara largo controlava os cavalos.

“Onde ele está?” a garota demandou. Seus olhos cinzentos eram ferozes e um pouco assustadores.

“Onde está quem?” Jason perguntou.

Ela franziu o cenho como se a resposta dele fosse inaceitável. Então ela se virou para Leo e Piper. “E o Gleeson? Onde está o seu protetor, Gleeson Hedge?”

O primeiro nome do treinador era Gleeson? Jason teria rido se a manhã não tivesse sido tão estranha e assustadora. Gleeson Hedge: Treinador de futebol, homem bode, protetor de semideuses. Claro. Por que não?

Leo pigarreou. “Ele foi capturado por algumas... coisas-tornado.”

“Os Ventus,” Jason disse. “Espíritos de tempestade.”

A menina loira levantou uma sobrancelha. “Você quer dizer *anemoi thuellai*? Esse é o termo grego. Quem é você e o que aconteceu?”

Jason se esforçou ao máximo para explicar, embora fosse difícil encarar aqueles olhos cinzentos tão intensos. Mais ou menos no meio da história, o outro cara da biga se

aproximou. Ele ficou lá encarando eles, seus braços cruzados. Ele tinha uma tatuagem de arco-íris no bíceps, o que parecia um pouco atípico.

Quando Jason terminou a história, a garota loira não parecia satisfeita. “Não, não, não! Ela me disse que ele estaria aqui. Ela disse que se eu viesse aqui, encontraria a resposta.”

“Annabeth,” o cara careca gruniu. “Olha só.” Ele apontou para o pé de Jason.

Jason não tinha parado para pensar a respeito, mas ele ainda estava sem seu sapato esquerdo que tinha sido arrancado pelo raio. Seu pé livre estava bem, mas parecia um pedaço de carvão. “O cara com um sapato só,” disse o cara careca. “Ele é a resposta.”

“Não, Butch,” a garota insistiu. “Ele não pode ser. Eu fui enganada.” Ela olhou para o céu como se ele tivesse feito algo errado. “O que vocês querem de mim?” ela gritou. “O que vocês fizeram com ele?”

O céu tremeu, e os cavalos relincharam urgentemente.

“Annabeth,” disse o cara careca, Butch, “nós temos que ir. Vamos levar esses três pro acampamento e tentar descobrir lá. Aqueles espíritos de tempestade podem voltar.”

Ela exasperou-se por um momento. “Ótimo.” Ela encarou Jason com um olhar ressentido. “Nós vamos resolver isso depois.” Ela girou o corpo pelo calcanhar e marcou em direção à biga.

Piper balançou a cabeça. “Qual é o problema dela? O que tá rolando?”

“Sério mesmo,” Leo concordou.

“Nós precisamos tirar vocês daqui,” Butch disse. “Eu explico no caminho.”

“Eu não vou a lugar nenhum com ela.” Jason apontou em direção à loira. “Ela me olha como se quisesse me matar.”

Butch hesitou. “Annabeth é tranquila. Você tem que dar uma folga pra ela. Ela teve uma visão dizendo a ela para vir aqui, para achar um cara com um sapato só. Essa deveria ser a resposta para o problema dela.”

“Qual problema?” Piper perguntou.

“Ela está procurando por um dos nossos campistas, que está desaparecido há três dias,” Butch disse. “Ela está perdendo a cabeça de preocupação. Ela esperava que ele estivesse aqui.”

“Quem?” Jason perguntou.

“O namorado dela,” Butch disse. “Um cara chamado Percy Jackson.”

PIPER

DEPOIS DE UMA MANHÃ DE ESPÍRITOS DE TEMPESTADE, homens-bode, e namorados voadores, Piper deveria estar perdendo a cabeça. Ao invés disso, tudo que ela sentia era medo.

Está começando, ela pensou. Assim como o sonho disse.

Ela ficou na parte de trás da biga com Leo e Jason, enquanto o cara careca, Butch, controlava as rédeas, e a garota loira, Annabeth, ajustava um aparelho de navegação feito de bronze. Eles subiram o Grand Canyon e rumaram para o leste, o vento frio passando direto pelo casaco de Piper. Atrás deles, mais nuvens de tempestade estavam se formando.

A biga balançou e deu um solavanco. Não havia cintos de segurança e a parte de trás estava aberta, então Piper pensou se Jason poderia pegá-la novamente se caísse. Aquilo fora a parte mais perturbadora da manhã — não que Jason pudesse voar, mas que ele havia segurado ela nos braços e ainda não sabia que ela era.

Em todo o semestre ela trabalhou no relacionamento, tentando fazer Jason notá-la mais que como uma amiga. Finalmente ela havia conseguido a grande vitória de beijá-lo. As últimas semanas foram às melhores de sua vida. E então, três noites atrás, o sonho havia arruinado tudo — aquela voz horrível, dando-lhe horríveis notícias.

Ela não tinha contado para ninguém, nem mesmo Jason.

Agora ela nem mesmo tinha a *ele*. Era como se alguém tivesse apagado a memória dele, e ela estava presa no pior “repetir” de todos os tempos. Ela queria gritar. Jason ficou no seu lado direito: aqueles olhos da cor do céu, o cabelo loiro cortado curto, aquela pequena e bonita cicatriz no seu lábio superior. Seu rosto era bondoso e gentil, mas sempre um pouco triste. E ele só olhou para o horizonte, nem mesmo notando-a.

Entretanto, Leo estava sendo aborrecedor, como de costume. “Isso é tão legal!” Ele cuspiu uma pena de pégaso da boca. “Para onde estamos indo?”

“Para um lugar seguro,” Annabeth disse. “O único lugar seguro para pessoas como nós. Acampamento Meio-Sangue.”

“Meio-Sangue?” Piper estava imediatamente de guarda. Ela odiava aquela palavra. Ela fora chamada de meio-sangue várias vezes — meio índia, meio branca — e nunca era um elogio. “Esse é algum tipo de brincadeira sem-graça?”

“Ela quer dizer que somos semideuses,” Jason disse. “Meio deuses, meio mortais.”

Annabeth olhou para trás. “Você parece saber muito, Jason. Mas, sim, semideuses. Minha mãe é Atena, deusa da sabedoria. O Butch aqui é o filho de Íris, a deusa do arco-íris.”

Leo silenciou-se. “Sua mãe é uma deusa do arco-íris?”

“Tem algum problema com isso?” Butch disse.

“Não, não,” Leo disse. “Arco-íris. Muito macho.”

“Butch é nosso melhor equitador,” Annabeth disse. “Ele se dá bem com os pégasos.”

“Arco-íris, pôneis,” Leo murmurou.

“Eu vou lhe jogar dessa biga,” Butch alertou.

“Semideuses,” Piper disse. “Você quer dizer que acha que é... você acha que nós somos —”

Um raio lampejou. A biga estremeceu, e Jason gritou, “A roda direita está pegando fogo!”

Piper recuou. Sem dúvida, a roda estava queimando, chamas brancas engolindo o lado da biga.

O vento zuniu. Piper olhou atrás deles e viu formas escuras formando-se nas nuvens, mais espíritos de tempestade espiralando para a biga — exceto que esses pareciam mais como cavalos do que anjos.

Ela começou a falar, “Por que eles são —”

“Os *anemoi* vem em diferentes formas,” Annabeth disse. “Às vezes humana, às vezes garanhões, dependendo de quão caóticos eles são. Segure-se. Isso vai ficar feio.”

Butch chicoteou as rédeas. Os pégasos aumentaram a velocidade com uma explosão, e a biga obscureceu. O estômago de Piper subiu a garganta. Sua visão estava escura e, quando voltou ao normal, eles estavam num lugar totalmente diferente.

Um oceano cinza e frio estendia-se à esquerda. Campos cobertos de neve, estradas, e florestas expandiam-se na direita. Diretamente abaixo deles havia um vale verde, como uma ilha de primavera, cercada com colinas nevadas em três lados e com água no norte. Piper viu construções como os templos da Grécia Antiga, uma grande mansão azul, complexos esportivos, um lago, e uma parede de alpinismo que parecia estar em chamas. Mas, antes que ela realmente pudesse processar tudo que estava vendo, as rodas deles soltaram e a biga despencou do céu.

Annabeth e Butch tentaram manter o controle. Os pégasos trabalharam para se-gurar a biga no voo, mas eles pareciam exaustos da explosão de velocidade, e carregar a biga e o peso de cinco pessoas era simplesmente demais.

“O lago!” Annabeth gritou. “Mire no lago!”

Piper lembrou de algo que seu pai havia contado uma vez para ela, sobre cair na água de grandes alturas ser tão pior quanto cair em cimento.

E então — *BUM*.

O maior choque foi o frio. Ela estava submersa, tão desorientada que ela não sabia qual caminho levava para cima.

Ela só tinha tempo para pensar: *Esse seria um jeito estúpido de morrer*. Aí faces apareceram na escuridão verde — garotas com longos cabelos negros e olhos amarelos brilhantes. Elas sorriram para ela, pegaram seus ombros, e a puxaram.

Elas lançaram-na para cima, ofegando e tremendo de frio, para a praia. Próximo, Butch estava no lago cortando as armaduras naufragadas dos pégasos. Felizmente, os cavalos pareciam bem, mas eles estavam batendo as asas e espirrando água para todo lado. Jason, Leo, e Annabeth já estavam na praia, rodeados por garotos dando-lhes cobertores e fazendo perguntas. Alguém pegou Piper pelos braços e ajudou-a a ficar em pé. Aparentemente as pessoas caiam no lago com frequência, pela razão de que alguns dos campistas correram para cima dela com folhas grandes de bronze parecendo sopradores e jogaram ar quente em Piper, que fez com que em, aproximadamente, dois segundos suas roupas estivessem secas.

Havia pelo menos vinte campistas ao redor — o mais novo de talvez nove anos, o mais velho a nível de faculdade, dezoito ou dezenove — e todos eles tinham camisetas laranjas como a de Annabeth. Piper olhou novamente para a água e viu aquelas garotas estranhas um pouco abaixo da superfície, seus cabelos flutuando na correnteza. Elas acenaram com *adeuzinho*, e desapareceram nas profundezas. Um segundo depois os destroços da biga foram puxados do lago e pousados próximo com um ruído molhado.

“Annabeth!” Um cara com um arco e aljava nas costas abriu caminho através da multidão. “Eu disse que você poderia pegar *emprestada* a biga, e não destruí-la!”

“Will, me desculpe,” Annabeth suspirou. “Eu vou consertá-la, prometo.”

Will olhou zangado para sua biga destruída. Então ele julgou Piper, Leo, e Jason. “São esses? Pelo jeito, maiores de treze. Por que ainda não foram reclamados?”

“Reclamados?” Leo perguntou.

Antes que Annabeth pudesse responder, Will disse, “Algum sinal do Percy?”

“Não,” Annabeth admitiu.

Os campistas murmuraram. Piper não tinha ideia de quem esse cara, Percy, era, mas seu desaparecimento parecia ser algo consideravelmente grande.

Outra garota avançou — alta, asiática, o cabelo negro em cachos, várias jóias, e maquiagem perfeita. De algum jeito ela conseguia fazer jeans e uma camiseta laranja parecerem deslumbrantes. Ela olhou para Leo, fixou os olhos em Jason como se ele fosse valioso de sua atenção, então torceu os lábios para Piper como se ela fosse um burrito velho que havia sido tirado de uma lixeira. Piper conhecia esse tipo de garota. Ela tivera relações com várias garotas assim na Wilderness School e todas as outras estúpidas escolas que seu pai havia mandado-a. Piper soube instantaneamente que elas seriam inimigas.

“Bem,” a garota disse, “eu espero que eles valham o problema.”

Leo bufou. “Nossa, obrigado. O que nós somos, seus novos mascotes?”

“Sem brincadeiras,” Jason disse. “Quem sabe algumas perguntas antes de vocês começarem a nos julgar — tipo, o que é esse lugar, porque estamos aqui, quanto tempo temos que ficar?”

Piper tinha as mesmas perguntas, mas uma onda de ansiedade passou sobre ela. *Valham o problema.* Se eles ao menos soubessem sobre seu sonho. Eles não tinham ideia...

“Jason,” Annabeth disse, “prometo que vamos responder suas perguntas. E Drew” — ela franziu para a garota bonita — “todos os semideuses valem a pena salvar. Mas vou admitir que a viagem não foi como eu esperava.”

“Ei,” Piper disse, “nós não pedimos para sermos trazidos aqui.”

Drew fungou. “E ninguém *quer* vocês. Seu cabelo sempre parece um texugo morto?”

Piper avançou, pronta para bater nela, mas Annabeth disse, “Piper, pare.”

Piper parou. Ela não estava nem um pouco amedrontada com a Drew, mas Annabeth não parecia com alguém que ela iria querer como inimiga.

“Precisamos fazer nossos novos recém-chegados sentirem-se em casa,” Annabeth disse, com outro olhar afiado para Drew. “Vamos designar um guia para cada, dar um passeio no acampamento. Esperançosamente, na fogueira essa noite, eles serão reclamados.”

“Alguém vai me dizer o que significa *reclamados*?” Piper perguntou.

Subitamente houve um ofego coletivo. Os campistas cederam. Primeiro, Piper pensou que fez algo errado. Então ela percebeu que seus rostos estavam banhados numa estranha luz vermelha, como se alguém tivesse aceso uma tocha atrás dela. Ela virou e quase esqueceu como respirar.

Flutuando sobre a cabeça de Leo estava uma imagem holográfica em chamas — um martelo de fogo.

“Isso,” Annabeth disse, “é ser reclamado.”

“O que eu fiz?” Leo voltou para o lago. Então ele olhou para cima e gritou. “Meu cabelo está queimando?” Ele abaixou-se, mas o símbolo seguiu-o, sacudindo e trançando de forma que parecia que ele estava tentando escrever algo em chamas com a cabeça.

“Isso não deve ser bom,” Butch murmurou. “A maldição —”

“Butch, cale-se,” Annabeth disse. “Leo, você acabou de ser reclamado —”

“Por um deus,” Jason interrompeu. “Esse é o símbolo do Vulcano, não é?”

Todos os olhos viraram para ele.

“Jason,” Annabeth disse cuidadosamente, “como você sabia disso?”

“Não sei.”

“Vulcano?” Leo perguntou. “Eu nem GOSTO de *Jornada nas Estrelas*. Sobre o que vocês estão falando?”

“Vulcano é o nome romano para Hefesto,” Annabeth disse, “o deus dos ferreiros e do fogo.”

O martelo de fogo enfraqueceu, mas Leo continuou agitando o ar como se tivesse medo que aquilo estivesse lhe seguindo. “O deus do *quê*? Quem?”

Annabeth virou para o cara com o arco. “Will, você poderia ficar com Leo, dar um passeio? Apresente-o aos seus companheiros no Chalé Nove.”

“Claro, Annabeth.”

“O que é Chalé Nove?” Leo perguntou. “E eu não sou um Vulcão!”

“Vamos lá, Sr. Spock, eu vou explicar tudo.” Will colocou uma mão no ombro dele e desviou-o em direção aos chalés.

Annabeth voltou sua atenção para Jason. Geralmente, Piper não gostava quando outras garotas olhavam seu namorado, mas Annabeth não parecia se importar de que ele fosse um cara bonito. Ela estudou-o mais como se ele fosse uma planta complicada.

Finalmente ela disse, “Mostre seu braço.”

Piper viu o que ela estava vendo, e seus olhos arregalaram-se.

Jason tinha tirado seu casaco depois do mergulho no lago, deixando os braços nus, e no lado do seu antebraço direito tinha uma tatuagem. Como Piper nunca havia notado antes? Ela olhou para os braços de Jason um milhão de vezes. A tatuagem não poderia ter simplesmente *aparecido*, mas estavam gravadas sombriamente, impossível de errar: uma dúzia de linhas retas como um código de barras, e acima delas, uma águia com as letras spqr.

“Eu nunca vi marcas como essa,” Annabeth disse. “Onde você as conseguiu?”

Jason sacudiu a cabeça. “Eu realmente estou cansado de dizer isso, mas eu não sei.”

Os outros campistas empurraram-se para frente, tentando dar uma olhada na tatuagem de Jason. As marcas pareciam aborrecê-los *muito* — quase como uma declaração de guerra.

“Elas parecem queimadas na sua pele,” Annabeth notou.

“Elas foram,” Jason disse. Então ele estremeceu como se sua cabeça estivesse doendo. “Quero dizer... Eu acho que sim. Eu não lembro.”

Ninguém disse nada. Estava claro que os campistas viam Annabeth como a líder. Eles estavam esperando por seu veredito.

“Ele precisa ir direto para Quíron,” Annabeth decidiu. “Drew, você iria —”

“Absolutamente.” Drew atou seu braço com o de Jason. “Desse jeito, querido. Eu vou lhe apresentar ao nosso diretor. Ele é... um cara *interessante*.” Ela deu a Piper um olhar presunçoso e dirigiu Jason em direção à grande casa azul na colina.

A multidão começou a dispersar, até sobrar somente Annabeth e Piper.

“Quem é Quíron?” Piper perguntou. “Jason está em algum tipo de encrenca?”

Annabeth hesitou. “Boa pergunta, Piper. Vamos lá, vamos dar uma volta. Precisamos conversar.”

PIPER

PIPER LOGO PERCEBEU QUE O CORAÇÃO DE ANNABETH não estava no passeio.

Ela falou sobre todas essas coisas surpreendentes que o acampamento oferecia — arco e flecha mágico, equitação de pégaso, a parede de lava, luta com monstros — mas ela não demonstrou nenhuma animação, como se sua mente estivesse em outro lugar. Ela apontou para o pavilhão de jantar ao ar livre que contemplava do alto o Estreito de Long Island. (Sim, Long Island, Nova York; eles haviam viajado *aquela* distância na biga.) Annabeth explicou que o Acampamento Meio-Sangue era na maior parte um acampamento de verão, mas alguns garotos ficavam aqui quase um ano, e eles tinham adicionado tantos campistas que sempre estava cheio agora, até no inverno.

Piper queria saber quem dirigia o acampamento, e como eles sabiam que Piper e seus amigos eram membros dali. Ela queria saber se teria que ficar em tempo integral, ou se ela teria alguma vantagem nas atividades. Você poderia ser jubilado na luta com monstros? Milhões de perguntas borbulhavam na sua cabeça, mas dado o ânimo de Annabeth, ela decidiu ficar quieta.

Enquanto eles subiam uma colina na beira do acampamento, Piper virou e teve uma incrível visão do vale — uma grande extensão de florestas ao noroeste, uma linda praia, o riacho, o lago de canoagem, magníficos campos verdes, e a amostra completa dos chalés — um bizarro agrupamento de construções, arranjados como um ômega grego, Ω, com um laço de chalés ao redor de um campo central, e duas asas ressaltando a base em cada lado. Piper contou vinte chalés ao total. Um brilhava a ouro, outro a prata. Um tinha grama no telhado. Outro era vermelho vivo com trincheiras de arame farpado. Um chalé era preto com ardentes tochas verdes na frente.

Tudo isso parecia como um mundo diferente das colinas nevadas e campos do lado de fora.

“O vale é protegido dos olhos mortais,” Annabeth disse. “Como você pode ver, o clima é controlado, também. Cada chalé representa um deus grego — um lugar para o filho daquele deus viver.”

Ela olhou para Piper como se estivesse tentando julgar como Piper estava tratando as notícias.

“Você está dizendo que minha mãe era uma deusa.”

Annabeth assentiu. “Você está tomando isso com uma tremenda calma.”

Piper não pôde dizer a ela o porque. Ela não podia admitir que isso só confirmava algumas misteriosas sensações que ela teve por anos, discussões que ela tivera com seu pai sobre por que não haviam fotos da mãe na casa, e por que o pai nunca contou-lhe exatamente como ou por que sua mãe havia deixado-os. Mas principalmente, o sonho havia alertado-a que isso estava vindo. *Logo eles a encontrarão, semideusa*, aquela voz falou grossamente. *Quando eles lhe encontrarem, siga nossas direções. Colabore, e seu pai poderá viver.*

Piper tomou um fôlego vacilante. “Acho que depois dessa manhã, será um pouco mais fácil de acreditar. Então, quem é minha mãe?”

“Devemos saber logo,” Annabeth disse. “Você tem o quê — quinze anos? Os deuses deviam reclamar você quando tivesse treze. Esse foi o acordo.”

“O acordo?”

“Eles fizeram uma promessa no último verão... bem longa história... mas eles prometeram não ignorar seus filhos semideuses, não mais, reclamá-los na hora que fizessem treze. Às vezes demora um pouco, mas você viu como foi rápido para Leo ser reclamado quando chegou aqui. Deve acontecer com você em breve. De noite na fogueira, aposto que teremos um sinal.”

Piper queria saber se ele teria um grande martelo flamejante sobre a cabeça, ou, com sua sorte, algo até mais embaraçoso. Um marsupial flamejante, talvez.

Quem quer que sua mãe fosse, Piper não tinha razão para pensar que ela estaria orgulhosa de reclamar uma filha cleptomaníaca com tantos problemas. “Por que treze anos?”

“O mais velho que você chega,” Annabeth disse, “o mais velho que os monstros lhe notam, até tentarem te matar. Por volta dos treze anos é geralmente quando começa. É por isso que mandamos protetores nas escolas para encontrar vocês, trazê-los ao acampamento antes que seja tarde demais.”

“Como o Treinador Hedge?”

Annabeth assentiu. “Ele é — ele era um sátiro: meio homem, meio bode. Sátiros trabalham para o acampamento, encontrando semideuses, os protegendo, trazendo-os enquanto ainda tem tempo.”

Piper não tinha problemas para acreditar que o Treinador Hedge era metade bom. Ela vira o cara comer. Ela nunca gostou muito do treinador, mas ela não podia acreditar que ele se sacrificara para salvá-los.

“O que aconteceu com ele?” ela perguntou. “Quando subimos nas nuvens, ele... ele se foi para sempre?”

“Difícil dizer.” A expressão de Annabeth estava aflita. “Espíritos de tempestade... são difíceis de combater. Mesmo nossas melhores armas, de Bronze celestial, passam através deles a não ser que você possa pegá-los de surpresa.”

“A espada de Jason transformou-os em pó,” Piper lembrou.

“Ele teve sorte, então. Se você golpear um monstro certeiro, você pode dissolvê-los, enviar a sua essência de volta ao Tártaro.”

“Tártaro?”

“Um abismo imenso no Mundo Inferior de onde os piores monstros vêm. Um tipo de buraco de maldade sem fundo. De qualquer jeito, quando os monstros dissolvem, geralmente leva meses, anos até que possam se reformarem. Mas desde que esse espírito de tempestade, Dylan, partiu — bem, eu não sei por que ele manteria Hedge vivo. Hedge era um protetor, entretanto. Ele conhecia os riscos. Sátiros não têm almas mortais. Ele irá reencarnar como uma árvore ou flor ou alguma coisa assim.”

Piper tentou imaginar o Treinador Hedge como uma moita de amores-perfeitos muito irritadiços. Aquilo a fez sentir-se pior ainda.

Ela olhou fixamente para os chalés abaixo, e uma sensação preocupante a tomou. Hedge morrera para trazê-la aqui em segurança. O chalé da sua mãe estava em algum lugar ali embaixo, o que significava que ela tinha irmãos e irmãs, mais pessoas que ela teve de abandonar.

Faça o que falamos para você, a voz tinha dito. *Ou as consequências serão dolorosas.* Ela contraiu as mãos debaixo dos braços, tentando fazê-las parar de tremer.

“Será legal,” Annabeth prometeu. “Você tem amigos aqui. Todos nós temos vivido coisas esquisitas. Sabemos o que você está passando.”

Duvido, Piper pensou.

“Eu fui expulsa de cinco diferentes escolas nesses últimos cinco anos,” ela disse. “Meu pai está correndo atrás de lugares para me colocar.”

“Só cinco?” Annabeth não soava como se estivesse provocando. “Piper, todos aqui somos encrenqueiros qualificados. Eu fugi de casa quando tinha sete anos.”

“Sério?”

“Ah, sim. A maior parte de nós é diagnosticada com transtorno de déficit de atenção ou dislexia, ou ambos —”

“Leo tem ADHD,” Piper disse.

“Certo. É porque somos preparados para a batalha. Agitados, impulsivos — não nos encaixamos como crianças normais. Você deve ter ouvido quanto problema Percy —” Seu rosto escureceu. “De qualquer jeito, semideuses conseguem uma má reputação. Como você entrou em encrenca?”

Normalmente quando alguém fazia aquela pergunta, Piper começava uma luta, ou mudava de assunto, ou causava algum tipo de distração. Mas por algum motivo ela achou-se falando a verdade.

“Eu roubo coisas,” ela disse. “Bem, não realmente *roubo*...”

“Sua família é pobre?”

Piper riu amargamente. “Não mesmo. Eu fazia isso... Não sei por quê. Por atenção, acho. Meu pai nunca tinha tempo para mim a menos que entrasse em encrenca.”

Annabeth assentiu. “Eu posso entender. Mas você disse que não realmente rouava? O que você quer dizer?”

“Bem... ninguém nunca acredita em mim. A polícia, professores — até as pessoas de quem eu pego coisas: eles são tão embarçados, eles vão negar o que aconteceu. Mas a verdade é que eu não roubo nada. Eu só peço coisas para as pessoas. E eles me dão as coisas. Até uma BMW conversível. Eu só pedi. E o revendedor disse, ‘Certo. Pegue-a.’ Depois, ele percebeu o que fizera, eu acho. Então a polícia veio atrás de mim.”

Piper esperou. Ela estava costumada às pessoas chamando-a de mentirosa, mas quando ergueu os olhos, Annabeth apenas assentiu.

“Interessante. Se seu *pai* fosse o deus, eu diria que você é uma criança de Hermes, deus dos ladrões. Ele pode ser bastante convincente. Mas seu pai é mortal...”

“Muito,” Piper concordou.

Annabeth sacudiu a cabeça, aparentemente iludida. “Eu não sei, então. Com sorte, sua mãe irá lhe reclamar à noite.”

Piper quase esperou que não acontecesse. Se sua mãe fosse uma deusa, ela saberia sobre aquele sonho? Ela saberia o que Piper fora pedida para fazer? Piper queria

saber se deuses olimpianos alguma vez detonaram seus filhos com raios por serem maus, ou descesse-os ao Mundo Inferior.

Annabeth estava estudando-lhe. Piper decidiu que teria de ser cuidadosa com o que dizia agora. Annabeth era obviamente bastante esperta. Se alguém pudesse descobrir o segredo de Piper...

“Vamos lá,” Annabeth disse finalmente. “Há uma coisa a mais que eu preciso checar.

Elas andaram um pouco mais até que alcançaram uma caverna perto do topo da colina. Ossos e espadas velhas espalhavam-se no chão. Tochas ladeavam a entrada, que estava coberta com uma cortina de veludo enfeitada com cobras. Parecia o cenário para algum tipo de show de marionetes.

“O que tem aí?” Piper perguntou.

Annabeth colocou a cabeça para frente, então suspirou e fechou as cortinas. “Nada, agora. Lugar de uma amiga. Estive esperando-a por alguns dias, mas até agora, nada.”

“Sua amiga mora numa caverna?”

Annabeth quase controlou um sorriso. “Na verdade, a família dela tem um condomínio de luxo no Queens, e ela vai para uma escola de moças em Connecticut. Mas quando ela está aqui no acampamento, sim, ela mora na caverna. Ela é nosso oráculo, prevê o futuro. Eu estava esperando que ela pudesse me ajudar —”

“A encontrar Percy,” Piper supôs.

Toda a energia drenou-se de Annabeth, como se ela estivesse segurando-a o máximo que pôde. Ela sentou numa rocha, e sua expressão estava tão cheia de dor, Piper sentiu-se como uma voyeur.

Ela forçou-se a olhar para outro lado. Seus olhos flutuaram para o topo da colina, onde um pinheiro solitário dominava o horizonte. Algo brilhava no seu galho mais baixo — como um tapete felpudo e dourado.

Não... não um tapete. Era o velocino de uma ovelha.

Ok, Piper pensou. Acampamento grego. Eles tinham uma réplica do Velocino de Ouro.

Então ela notou a base da árvore. No começo ela pensou que a árvore estava enrolada numa pilha de cabos roxos. Mas os cabos tinham escamas reptilianas, patas com

garras, e uma cabeça parecida com a de uma cobra com olhos amarelos e narinas fumegantes.

“Aquilo é — um dragão,” ela gaguejou. “Aquele é o Velocino de Ouro *verdadeiro*?”

Annabeth assentiu, mas estava claro que ela não estava realmente ouvindo. Seus ombros abaixaram. Ela esfregou o rosto e tomou um fôlego trêmulo. “Desculpe. Estou um pouco cansada.”

“Você parece pronta para cair,” Piper disse. “Há quanto tempo está procurando pelo seu namorado?”

“Três dias, seis horas, e aproximadamente vinte minutos.”

“E você não tem ideia do que aconteceu com ele?”

Annabeth balançou a cabeça miseravelmente. “Estábamos tão animados por causa de que ambos começáramos as férias de inverno cedo. Nos encontráramos no acampamento na terça-feira, calculamos que nós tínhamos três semanas juntos. Seria incrível. Então depois da fogueira, ele — me deu um beijo de boa noite, voltou para o seu chalé, e na manhã seguinte, ele havia partido. Procuramos pelo acampamento inteiro. Contámos sua mãe. Tentamos alcançá-lo de todas as maneiras que sabemos. Nada. Ele simplesmente desapareceu.”

Piper estava pensando: *Três dias atrás*. A mesma noite que ela tivera seu sonho. “Há quanto tempo vocês dois estão juntos?”

“Desde agosto,” Annabeth disse. “Dezoito de agosto.”

“Quase exatamente quando eu encontrei Jason,” Piper disse. “Mas só ficamos juntos por algumas semanas.”

Annabeth estremeceu. “Piper... sobre isso. Talvez você devesse sentar-se.”

Piper sabia onde isso ia dar. Pânico começar a crescer dentro dela, como se os pulmões estivessem cheios d’água. “Olhe, eu sei que Jason pensou — ele pensou que só apareceu na nossa escola hoje. Mas não é verdade. Eu o conheço há quatro meses.”

“Piper,” Annabeth disse tristemente. “É a Névoa.”

“O quê?”

“Névoa. É um tipo de véu separando o mundo mortal do mundo mágico. Mentes mortais — elas não podem processar coisas estranhas como deuses e monstros, então a Névoa distorce a realidade. Faz mortais verem coisas de um modo que eles *possam* en-

tender — como se os olhos deles só pudessem saltar sobre esse vale completamente, ou eles pudessem olhar para aquele dragão e ver uma pilha de cabos.”

Piper tragou. “Não. Você mesma disse que eu não sou uma mortal comum. Eu sou uma semideusa.”

“Até semideuses podem ser afetados. Eu vi isso várias vezes. Monstros infiltram-se em algum lugar como uma escola, passam-se por humanos, e todos *acham* que lembram daquela pessoa. Eles acreditam que ele sempre esteve por perto. A Névoa pode mudar memórias, até criar memórias de coisas que nunca aconteceram —”

“Mas Jason não é um monstro!” Piper insistiu. “Ele é um humano, ou semideus, ou como você quiser chamá-lo. Minhas memórias não são falsas. Elas são *muito* reais. A vez que nós colocamos as calças do Treinador Hedge no fogo. A vez que Jason e eu assistimos uma chuva de meteoros no telhado do dormitório e eu finalmente consegui fazer o sujeito estúpido me beijar...”

Ela encontrou-se falando, contando para Annabeth sobre todo o seu semestre na Wilderness School. Ela havia gostado do Jason desde há primeira semana que se encontraram. Ele era tão bondoso com ela, e tão paciente, ele podia até tramar com o hiperativo Leo e suas estúpidas brincadeiras. Ele havia aceitado-a por ser ela mesma e não a julgou por causa das coisas estúpidas que ela fizera. Eles gastaram horas conversando, olhando para as estrelas, e consequentemente — *finalmente* — dando as mãos. Tudo aquilo *não podia* ser mentira.

Annabeth franziu os lábios. “Piper, suas memórias são mais aguçadas que a maioria. Vou admitir isso, e não sei por que isso. Mas se você o conhece tão bem—”

“Eu conheço!”

“Então de onde ele é?”

Piper sentiu-se como se fosse atingida entre os olhos. “Ele deve ter me dito, mas —”

“Você já havia notado sua tatuagem hoje mais cedo? Ele já lhe disse alguma coisa sobre seus pais, ou seus amigos, ou sua última escola?”

“Eu — eu não sei, mas —”

“Piper, qual é o sobrenome dele?”

Sua mente ficou vazia. Ela não sabia o sobrenome de Jason. Como podia ser?

Ela começou a chorar. Ela se sentiu uma completa tola, mas ela sentou-se na rocha do lado de Annabeth e sentiu-se quebrada em pedaços. Era muito. *Tudo* que era bom na sua vida estúpida e miserável tinha que ser tirado?

Sim, o sonho lhe havia dito. *Sim, a menos que você faça exatamente o que dissermos.*

“Ei,” Annabeth disse. “Vamos descobrir. Jason está aqui agora. Quem sabe? Talvez vocês vão se resolver realmente.”

Não é provável, Piper pensou. Não se o sonho havia lhe dito a verdade. Mas ela não podia falar isso.

Ela limpou uma lágrima da bochecha. “Você me trouxe aqui para que ninguém me visse chorando, hein?”

Annabeth deu de ombros. “Pensei que seria difícil para você. Eu sei como é perder um namorado.”

“Mas eu ainda não posso acreditar... Eu *sei* que tivemos algo. E agora simplesmente se foi, ele nem me reconhece. Se ele realmente só apareceu hoje, então por quê? Como ele chegou aqui? Por que ele não pode lembrar-se de nada?”

“Boas perguntas,” Annabeth disse. “Esperamos que Quíron possa compreender isso. Mas agora, precisamos deixar você arrumada. Está pronta para voltar lá pra baixo?”

Piper fitou o louco agrupamento de chalés no vale. Sua nova casa, uma família que, supostamente, a entendia — mas em breve eles só seriam outro grupo de pessoas que ela desapontaria, só outro lugar de onde ela seria expulsa. *Você irá abandoná-los por nos*, a voz lhe alertara. *Ou você perderá tudo.*

Ela não tinha escolha.

“Sim,” ela mentiu. “Estou pronta.”

No campo central, um grupo de campistas estava jogando basquete. Eles eram jogadores incrível. Nenhuma errava a cesta. Bolas de três pontos entravam automaticamente.

“Chalé do Apolo,” Annabeth explicou. “Turma de faroleiros com armas projéteis — flechas, bolas de basquete.”

Eles passaram por uma depressão central, onde dois rapazes estavam cortando um ao outro com espadas.

“Lâminas reais?” Piper notou. “Não é perigoso?”

“Faz parte do ponto,” Annabeth disse. “Ah, desculpe. Trocadilho mau. Aquele é meu chalé. Número Seis.” Ela assentiu para uma construção cinza com uma coruja esculpida sobre a porta. Através da entrada aberta, Piper pôde ver prateleiras de livros, exposição de armas, e um daqueles SMART Board computadorizados que eles tinham em salas de aula. Duas garotas estavam desenhando um mapa que parecia com um diagrama de batalha.

“Falando de lâminas,” Annabeth disse, “venha aqui.”

Ela levou Piper para o lado do chalé, para um grande abrigo de metal que parecia que fora feito para instrumentos de jardinagem. Annabeth destrancou-o, e dentro não havia *nenhum* instrumento de jardinagem, a menos que você queira fazer uma guerra nas suas plantações de tomate. O abrigo estava alinhado com todos os tipos de armas — de espadas a arpões e porretes como o do Treinador Hedge.

“Todo semideus precisa de uma arma,” Annabeth disse. “Hefesto faz o melhor, mas temos uma boa seleção, também. Tudo de Atena é sobre estratégia — combinando a arma certa para a pessoa certa. Vamos ver...”

Piper não sentiu-se muito como ir às compras, por objetos mortais, mas ela sabia que Annabeth estava tentando fazer algo bondoso para ela.

Annabeth deu para ela uma pesada espada, que Piper dificilmente podia levantar.

“Não,” ambas disseram de uma vez.

Annabeth procurou um pouco mais longe no abrigo e tirou algo mais.

“Uma espingarda?” Piper perguntou.

“Mossberg 500.” Annabeth checou a ação de tiro como se não fosse nada demais. “Não se preocupe. Não fere humanos. É modificada para atirar bronze Celestial, então só mata monstros.”

“Hã, eu não acho que seja meu estilo,” Piper disse.

“Hum, sim,” Annabeth concordou. “Muito superficial.”

Ela colocou a espingarda de volta e começou a remexer por uma prateleira de bestas quando algo no canto do abrigo chamou a atenção de Piper.

“O que é aquilo?” ela disse. “Uma faca?”

Annabeth tirou-a e assoprou a poeira da bainha. Parecia não ter visto a luz do dia por séculos.

“Não sei, Piper.” Annabeth soou inquieta. “Não acho que você queira essa. Espadas geralmente são melhores.”

“Você usa uma faca.” Piper apontou para a faca presa no cinto de Annabeth.

“Sim, mas...” Annabeth deu de ombros. “Bem, dê uma olhada se quiser.”

A bainha usada era de couro e preta, atada em bronze. Nada extravagante, nada superficial. A alça de madeira polida cabia belamente na mão de Piper. Quando ela desembainhou, encontrou uma lâmina triangular de quarenta e cinco centímetros — bronze cintilando como se tivesse sido polida ontem. As pontas eram mortalmente afiadas.

Seu reflexo na lâmina pegou-a de surpresa. Ela parecia mais velha, mais séria, e não tão assustada quanto se sentia.

“Ela serve para você,” Annabeth admitiu. “Esse tipo de lâmina é chamado de pàazonium. Era principalmente ceremonial, carregada por oficiais de auto-nível nos exér-citos gregos. Mostrava que você era uma pessoa de poder e rica, mas numa luta, pode protegê-la bem.”

“Eu gosto,” Piper disse. “Por que você não achou que seria bom?”

Annabeth exalou. “Essa lâmina tem uma longa história. A maioria das pessoas teria medo de ficar com ela. Sua primeira dona... bem, as coisas não foram muito bem para ela. Seu nome era Helena.”

Piper engasgou. “Espere, você quer dizer *a* Helena? Helena de Tróia?

Annabeth assentiu.

Subitamente Piper sentiu que devia estar segurando o punhal com luvas cirúrgicas.

“E isso está simplesmente acomodado no seu abrigo de ferramentas?”

“Somos rodeados por coisas da Grécia Antiga,” Annabeth disse. “Isso não é um museu. Armas como essa — elas foram feitas para sempre serem usadas. Elas são nossa herança como semideuses. Esse foi um presente de casamento de Menelau, primeiro marido de Helena. Ela nomeou a adaga como Katoptris.”

“Significado?”

“Espelho,” Annabeth disse. “Vidro para olhar. Provavelmente por que foi a única coisa para que Helena a usou. Não acho que até tenha visto uma batalha.”

Piper olhou para a lâmina novamente. Por um momento, sua própria imagem olhou para ela, mas então o reflexo mudou. Ela viu chamas, e uma face grotesca como

algo esculpido de um leito de rocha. Ela ouviu a mesma risada como no sonho. Ela viu seu pai numa prisão, amarrando a um poste de frente para uma fogueira estrondosa.

Ela deixou a lâmina cair.

“Piper?” Annabeth gritou para as crianças do Apolo no campo, “Médico! Preciso de ajuda aqui!”

“Não, está — está tudo bem,” Piper controlou-se.

“Tem certeza?”

“Sim. Eu só...” Ela tinha que se controlar. Com os dedos trêmulos, ela levantou a adaga. “Eu só fiquei um pouco tonta. Muitos acontecimentos hoje. Mas... eu quero ficar com a adaga, se estiver tudo bem.”

Annabeth hesitou. Então, acenou para as crianças de Apolo ficar onde estavam. “Ok, se você está certa. Você ficou realmente pálida, aí. Pensei que você estava tendo uma doença repentina ou algo assim.”

“Estou legal,” Piper prometeu, embora seu coração ainda estivesse acelerado. “Tem... hã, um celular no acampamento? Eu posso ligar pro meu pai?”

Os olhos cinza de Annabeth estavam quase tão desanimados quanto a lâmina da adaga. Ela parecia estar calculando um milhão de possibilidades, tentando ler os pensamentos de Piper.

“Não permitimos celulares,” ela disse. “A maioria dos semideuses, se eles usam um celular, é como mandar um sinal, deixando os monstros saberem onde você está. Mas... eu tenho um.” Ela tirou-o rapidamente do bolso. “Um pouco contra as regras, mas se puder ser nosso segredo...”

Piper o pegou agradecidamente, tentando não deixar suas mãos tremarem. Ela distanciou-se de Annabeth e virou para encarar o campo central.

Ela ligou para a linha privada do pai, mesmo que soubesse o que iria acontecer. Caixa postal. Ela esteve tentando por três dias, desde seu sonho. A Wilderness School só permitia privilégios de celular uma vez por dia, mas ela ligou todas as manhãs, e não chegou a lugar nenhum.

Com relutância ela discou o outro número. A assistente pessoal do seu pai respondeu imediatamente. “Escritório do Sr. McLean.”

“Jane,” Piper disse, rangendo os dentes. “Onde está meu pai?”

Jane ficou em silêncio por um momento, provavelmente pensando se ela poderia escapar se desligasse.

“Piper, achei que você não devia ligar da escola.”

“Talvez eu não esteja na escola,” Piper disse. “Talvez eu tenha fugido para viver entre criaturas silvestres.”

“Hum.” Jane não soava preocupada. “Bem, eu vou dizer que você ligou.”

“Onde ele está?”

“Saiu.”

“Você não sabe, sabe?” Piper diminuiu a voz, pensando que Annabeth seria muito experiente para ouvir. “Quando você vai ligar para a polícia, Jane? Ele pode estar com problemas.”

“Piper, não vamos virar isso num circo da mídia. Tenho certeza de que ele está bem. Ele sai ocasionalmente. Mas ele sempre volta.”

“Então, é verdade. Você *não* sabe —”

“Eu tenho que ir, Piper,” Jane vociferou. “Divirta-se na escola.”

A linha morreu. Piper xingou. Ela voltou para Annabeth e devolveu o celular.

“Sem sorte?” Annabeth perguntou.

Piper não respondeu. Ela não confiava em si mesma no momento, de que não iria chorar de novo.

Annabeth olhou para a tela do telefone e hesitou. “Seu sobrenome é McLean? Desculpe, não é meu serviço. Mas parece realmente familiar.”

“Nome comum.”

“Sim, suponho. O que seu pai faz?”

“Ele tem uma posição nas Belas-Artes,” Piper disse automaticamente. “Ele é um artista de Cherokee.”

Sua resposta-padrão. Não uma mentira, só não era a verdade completa. A maioria das pessoas, quando ouviam isso, entendiam que seu pai vendia souvenirs índios num *stand* do lado da estrada numa reserva. Acomodando Touros com cabeça que se mexem, colares de concha, blocos de papel do Big Chief — esse tipo de coisa.

“Ah.” Annabeth não parecia convencida, mas ela guardou o telefone. “Você está se sentindo bem? Quer continuar?”

Piper fixou sua nova adaga no seu cinto e prometeu a si mesma que depois, quando estivesse sozinha, ela entenderia como aquilo funcionava. “Certo,” ela disse. “Eu quero ver tudo.”

Todos os chalés eram legais, mas nenhuma estampava Piper como *o dela*. Nenhum sinal ardente — marsupiais ou qualquer coisa — aparecia sobre sua cabeça.

O Chalé Oito era inteiramente de prata e brilhava como a luz da lua.

“Ártemis?” Piper supôs.

“Você conhece a mitologia grega,” Annabeth disse.

“Eu li um pouco quando meu pai estava trabalhando num projeto ano passado.”

“Pensei que ele fazia arte de Cherokee.”

Piper refreou um palavrão. “Ah, certo. Mas — você sabe, ele faz outras coisas também.”

Piper pensou que tinha entregado tudo: McLean, mitologia grega. Agradecidamente, Annabeth não pareceu fazer a conexão.

“De qualquer jeito,” Annabeth continuou, “Ártemis é deusa da lua, deusa da caça. Mas sem campistas. Ártemis era uma virgem eterna, então não tem filhos.”

“Ah.” Aquele tipo ficou à toa para Piper. Ela sempre gostou das histórias de Ártemis, e pensou que ela faria uma boa mãe.

“Bem, *há* as Caçadoras de Ártemis,” Annabeth corrigiu. “Elas nos visitam às vezes. Elas não são as filhas de Ártemis, mas são suas ajudantes — esse bando de adolescentes imortais que aventuram-se juntas e caçam monstros e coisas assim.”

Piper recobrou-se. “Parece legal. Elas são imortais?”

“A menos que morram em combate, ou quebrem seus juramentos. Mencionei que elas têm que se afastar dos garotos? Sem encontros — nunca. Pela eternidade.”

“Ah,” Piper disse. “Não importa.”

Annabeth riu. Por um momento ela pareceu quase feliz, e Piper pensou que ela seria uma boa amiga para ficar nas melhores horas.

Esqueça, Piper lembrou-se. Você não vai fazer amigos aqui. Não quando eles descobrirem.

Elas passaram o próximo chalé, Número Dez, que estava decorado como uma casa da Barbie com cortinas com laço, uma porta rosa, e vasos de cravos nas janelas. Elas andaram na entrada, e o cheiro de perfume quase fez Piper vomitar.

“Gah, é onde as super-modelos vem para morrer?”

Annabeth sorriu. “Chalé de Afrodite. Deusa do amor. Drew é a conselheira.”

“Percebe-se,” Piper rosou.

“Elas não são todas más,” Annabeth disse. “A última conselheira que tivemos era incrível.”

“O que aconteceu com ela?”

A expressão de Annabeth escureceu. “Devíamos continuar andando.”

Elas olharam para as outras cabines, mas Piper só ficou mais deprimida. Ela queria saber se podia ser a filha de Deméter, a deusa da colheita.

Então novamente, Piper matou todas as plantas que já tocou. Atena era legal. Ou talvez Hécate, a deusa da magia. Mas isso realmente não importava. Até aqui, onde todos deviam encontrar um parente perdido, ela sabia que ainda acabaria a criança indesejável. Ela não estava pensando na fogueira à noite.

“Nós começamos com os doze deuses olímpicos,” Annabeth explicou. “Deuses do sexo masculino na esquerda, do sexo feminino à direita. Então ano passado, acrescentamos um novo grupo de chalés para os outros deuses que não tinham tronos no Olimpo — Hécate, Hades, Íris —”

“Quais são os dois maiores, afinal?” Piper perguntou.

Annabeth franziu a testa. “Zeus e Hera. Rei e rainha dos deuses.”

Piper olhou para aquela direção, e Annabeth seguiu, embora ela não agisse muito animada. O chalé de Zeus fazia Piper se lembar de um banco. Mármore branco com grandes colunas na frente e portas de bronze polido brasonado com raios.

O chalé de Hera era menor, mas feito no mesmo estilo, exceto que as portas eram esculpidas com desenhos de penas de pavão, brilhando em diferentes cores.

Diferente dos outros chalés, que eram todos barulhentos, abertos e cheios de atividade, os chalés de Zeus e Hera pareciam fechados e em silêncio.

“Estão vazios?” Piper perguntou.

Annabeth assentiu. “Zeus ficou um bom tempo sem ter filhos. Bem, na maioria. Zeus, Poseidon e Hades, os irmãos mais velhos entre os deuses — eles são chamados de

Os Três Grandes. Seus filhos são realmente poderosos, realmente perigosos. Pelos últimos setenta anos aproximadamente, eles tentaram evitar filhos semideuses.”

“Tentaram evitar?”

“Algumas vezes eles... hã, trapacearam. Eu tenho uma amiga, Thalia Grace, que é filha de Zeus. Mas ela desistiu da vida de acampamento e se tornou uma Caçadora de Ártemis. Meu namorado, Percy, ele é um filho de Poseidon. E há um garoto que aparece às vezes, Nico — filho de Hades. Exceto por eles, não há outros semideuses filhos dos Três Grandes deuses. Pelo menos, não que saibamos.”

“E Hera?” Piper olhou para as portas decoradas de pavão. O chalé a incomodava, embora ela não tinha a certeza do porquê.

“Deusa do casamento.” O tom de Annabeth estava cuidadosamente controlado, como se ela estivesse tentando evitar de xingar. “Ela não tem filhos com ninguém a não ser Zeus. Assim, é, sem semideuses. O chalé é só honorário.”

“Você não gosta dela,” Piper notou.

“Temos uma longa história,” Annabeth admitiu. “Eu achei que teríamos paz, mas quando Percy desapareceu... eu tive essa visão misteriosa no sonho por ela.”

“Dizendo para você ir nos buscar,” Piper disse. “Mas você pensou que Percy estaria ali.”

“Provavelmente é melhor que eu não fale sobre isso,” Annabeth disse. “Eu não tenho nada de bom para falar sobre Hera agora.”

Piper olhou a base das portas. “Então quem entra aqui?”

“Ninguém. O chalé é só honorário, como eu disse. Ninguém entra.”

“Alguém entra.” Piper apontou para uma pegada na soleira empoeirada da porta. Por instinto, ela empurrou as portas e elas abriram facilmente.

Annabeth recuou. “Hã, Piper, não acho que deveríamos —”

“Devíamos fazer coisas perigosas, certo?” E Piper entrou.

O chalé de Hera não era um lugar onde Piper iria querer morar. Era tão frio quanto um freezer, com um círculo de colunas brancas ao redor de uma estátua central da deusa, três metros de altura, sentada num trono em um fluido manto dourado. Piper sempre pensou em estátuas gregas como brancas com olhos vazios, mas essa estava lustrosa-

mente pintada de forma que parecia quase humana — exceto ser imensa. Os olhos penetrantes de Hera pareciam seguir Piper.

Nos pés da deusa, uma chama queimava em um braseiro de bronze. Piper queria saber quem cuidava dali se o chalé estava sempre vazio. Havia um falcão de pedra no ombro de Hera, e na sua mão tinha um cajado com uma flor de lótus no topo. O cabelo da deusa estava preso em tranças negras. Seu rosto sorria, mas os olhos eram frios e sagazes, como se dissessem: *Sua mãe conhece melhor. Agora não passe por mim ou terei que pisar em você.*

Não havia mais nada no chalé — sem camas, sem móveis, sem banheiros, sem janelas, nada que realmente alguém pudesse usar para viver. Para uma deusa da casa e do casamento, o lugar de Hera fazia Piper se lembrar de uma tumba.

Não, essa não era sua mãe. Pelo menos Piper tinha certeza *daquilo*. Ela não entrara aqui por que sentirá uma *boa* conexão, mas porque seu sentido de medo era mais forte aqui. Seu sonho — aquele horrível ultimato que ela passou — tinha alguma relação com esse chalé.

Ela congelou. Eles não estavam sozinhos. Atrás da estátua, num pequeno altar atrás estava uma figura coberta num xale escuro. Somente suas mãos eram visíveis, as palmas para cima. Ela parecia estar cantando algo como um feitiço ou rezando.

Annabeth ofegou. “Rachel?”

A outra garota virou. Ela baixou o xale, revelando um cabelo ondulado e ruivo e um rosto sardento que não combinava com a seriedade do chalé ou do xale preto também. Ela parecia ter uns dezessete anos, uma adolescente totalmente normal numa blusa verde e jeans esfarrapados cobertos com marcadores sem sentido. Apesar do chão frio, ela estava descalça.

“Ei!” Ela correu para dar um abraço em Annabeth. “Mil desculpas! Eu vim o mais rápido que pude.”

Elas conversaram por alguns minutos sobre o namorado de Annabeth e como não havia notícias, etc., até finalmente Annabeth lembrar-se de Piper, que estava parada ali sentindo-se desconfortável.

“Estou sendo rude,” Annabeth desculpou-se. “Rachel, essa é Piper, uma dos meio-sangues que resgatamos hoje. Piper, essa é Rachel Elizabeth Dare, nosso oráculo.”

“A amiga que mora na caverna,” Piper supôs.

Rachel sorriu. “Sou eu.”

“Então você é um oráculo?” Piper perguntou. “Você pode prever o futuro?”

“E mais como se o futuro me assaltasse de tempos em tempos,” Rachel disse. “Eu falo profecias. O espírito do oráculo tipo que me sequestra todas as vezes e fala coisas importas que não faz sentido para ninguém. Mas sim, as profecias contam o futuro.”

“Ah.” Piper mudou o apoio de um pé ao outro. “É legal.”

Rachel riu. “Não se preocupe. Todos acham isso um pouco arrepiador. Até eu. Mas geralmente eu sou inofensiva.”

“Você é uma semideusa?”

“Não,” Rachel disse. “Só mortal.”

“Então o que você...” Piper indicou com a mão ao redor da sala.

O sorriso de Rachel esvaiu. Ela olhou para Annabeth, então voltou para Piper. “Só uma intuição. Algo sobre esse chalé e o desaparecimento de Percy. Eles estão conectados de algum jeito. Eu aprendi a seguir minhas intuições, especialmente no mês passado, desde que os deuses se silenciaram.”

“Silenciaram?” Piper perguntou.

Rachel franziu a testa para Annabeth. “Você ainda não contou para ela?”

“Eu estava chegando lá,” Annabeth disse. “Piper, pelo último mês... bem, é normal para os deuses não conversarem muito com os filhos, mas geralmente podemos contar com algumas mensagens uma hora ou outra. Alguns de nós podem até visitar o Olimpo. Eu gastei praticamente todo o semestre no Edifício Empire State.”

“Desculpe?”

“A entrada para o Monte Olimpo esses dias.”

“Ah,” Piper disse. “Certo, por que não?”

“Annabeth estava redesenhando o Olimpo depois que foi destruído na Guerra dos Titãs,” Rachel explicou. “Ela é uma arquiteta incrível. Você devia ver o balcão de salada —”

“Resumindo,” Annabeth disse, “começando a um mês atrás, o Olimpo caiu em silêncio. A entrada foi fechada, e ninguém pôde entrar. Ninguém sabe o porquê. É como se os deuses se prendessem. Até minha mãe não respondeu minhas preces, e nosso diretor do acampamento, Dioniso, foi chamado de volta.”

“O diretor do acampamento de vocês era o deus do... vinho?”

“Sim, é uma —”

“Longa história,” Piper supôs. “Certo. Continue.”

“É isso, realmente,” Annabeth disse. “Semideuses ainda são reclamados, porém nada mais. Sem mensagens. Sem visitas. Nenhum sinal que os deuses até possam estar ouvindo. É como se algo tivesse acontecido — algo *realmente* mau. Então Percy desapareceu.”

“E Jason apareceu na nossa excursão de campo,” Piper completou. “Sem memória.”

“Meu —” Piper parou antes que pudesse dizer “namorado,” mas o efeito fez seu peito doer. “Meu amigo. Mas Annabeth, você disse que Hera lhe mandou uma visão de sonho.”

“Certo,” Annabeth disse. “A primeira comunicação de um deus num mês, e é Hera, a deusa menos útil, e ela me contata, sua semideusa menos favorita. Ela me diz que vou descobrir o que aconteceu com Percy se eu for para o Grand Canyon pelos céus e procurar um garoto com um sapato. Ao invés disso, eu encontro vocês, e o garoto com um sapato é Jason. Não faz sentido.”

“Algo mau está acontecendo,” Rachel concordou. Ela olhou para Piper, e Piper sentiu um desejo esmagador de contar a elas sobre seu sonho, confessar que *ela* sabia o que estava acontecendo — pelo menos, parte da história. E as coisas más estavam só começando.

“Gente,” ela disse. “Eu — eu preciso —”

Antes que ela pudesse continuar, o corpo de Rachel endureceu. Seus olhos começaram a brilhar com uma luz esverdeada, e ela agarrou Piper pelos ombros.

Piper tentou recuar, mas as mãos eram como fios de aço.

Me liberte, ela disse. Mas não era a voz de Rachel. Soava como uma mulher mais velha, falando de algum lugar muito longe, muito abaixo, ecoando num tubo.

Me liberte, Piper McLean, ou a terra irá nos engolir. Deve ser no solstício.

A sala começou a girar, Annabeth tentou separar Piper de Rachel, mas não adiantou. Fumaça verde a envolveu, e Piper não estava mais certa se ela estava acordada ou sonhando. A estátua gigante da deusa parecia levantar do trono. Inclinou-se para Piper, seus olhos perfurando dentro dela. A boca da estátua abriu, sua respiração com um perfume horrivelmente denso. Ela falou na mesma voz ecoada: *Nossos inimigos se agitam. O ardente é só o primeiro. Curve-se ao seu desejo, e o rei deles irá se erguer, condenando todos nós. ME LIBERTE!*

Os joelhos de Piper dobraram, e tudo ficou escuro.

L E O

O TOUR DE LEO ESTAVA SENDO ÓTIMO ATÉ ele descobrir sobre o dragão.

O cara arqueiro, Will Solace, parecia bastante legal. Tudo que ele mostrava para Leo era tão incrível, só podia ser ilegal. Verdadeiros navios de guerra gregos ancorados na praia que às vezes tinham lutas de prática com flechas em chamas e explosivos? Ótimo! Sessões de habilidades & artes onde você podia fazer esculturas com motosserras e maçaricos? Leo estava, tipo, *Me inscreva!* A floresta era cheia de monstros perigosos, e ninguém deveria entrar lá sozinho? Perfeito! E o acampamento estava inundado de garotas bonitas. Leo não entendeu muito o negócio todo de relacionados-com-os-deuses, mas esperou que não significasse que ele era primo de todas aquelas damas. Isso seria péssimo. No mínimo, ele queria olhar aquelas garotas submersas no lago novamente. Elas eram definitivamente algo pelo que valia a pena se afogar.

Will mostrou os chalés, o pavilhão de jantar, e a arena de espadas.

“Eu tenho uma espada?” Leo perguntou.

Will olhou para ele como se achasse a ideia perturbadora. “Você provavelmente fará a sua própria, vendo como você está no Chalé Nove.”

“Sim, o que tem lá? Vulcano?”

“Geralmente não chamamos os deuses pelos seus nomes romanos,” Will disse. “Os nomes originais são gregos. Seu pai é Hefesto.

“Festus?” Leo ouvira aquilo dizer aquilo antes, mas ele ainda estava desanimado. “Parece o deus dos cowboys.”

“*He-festo*,” Will corrigiu. “Deus dos ferreiros e do fogo.”

Leo também ouvira aquilo, mas estava tentando não pensar sobre isso. O deus do fogo... sério? Considerando o que aconteceu com a sua mãe, aquilo parecia uma brinandeira enjoada.

“Então o martelo flamejante sobre minha cabeça,” Leo disse. “Coisa boa, ou coisa má?”

Will demorou um pouco para responder. “Você foi reclamado quase imediatamente. Isso geralmente é bom.”

“Mas aquele cara do arco-íris e dos pôneis, Butch — ele mencionou uma maldição.”

“Ah... olhe, não é nada. Desde que o último conselheiro do Chalé Nove morreu ___”

“Morreu? Tipo, dolorosamente?”

“Eu devo deixar seus companheiros de chalé lhe falar sobre isso.”

“Sim, onde *estão* meus companheiros de chalé? O conselheiro deles não deveria estar me dando o *tour VIP*?”

“Ele, hã, não pode. Você verá por quê.” Will o impeliu para frente antes que Leo pudesse fazer mais perguntas.

“Maldições e morte,” Leo disse para si. “Isso fica cada vez melhor.”

Ele estava na metade do caminho através do campo quando ele localizou sua antiga babá. E ela *não* era o tipo de pessoa que ele esperava ver num acampamento de semideuses.

Leo congelou no caminho.

“Qual é o problema?” Will perguntou.

Tia Callida — *Tiazinha* Callida. É como ela chamava a si, mas Leo não a via desde que ele tinha cinco anos de idade. Ela estava simplesmente parada ali, na sombra de um grande chalé branco no fim do campo, observando-o. Ela usava seu vestido de viúva de linho preto, com um xale preto colocado sobre sua cabeça. Seu rosto não mudou — pele parecendo couro, olhos negros penetrantes. Suas mãos secas eram como garras. Ela parecia velha, mas nenhuma diferença que Leo lembrava.

“Aquela velhinha...” Leo disse. “O que ela está fazendo aqui?”

Will tentou seguir seu olhar. “Que velhinha?”

“Cara, *a* velhinha. A de preto. Quantas velhinhas você vê por aqui?”

Will franziu a testa. “Acho que você teve um longo dia, Leo. A Névoa ainda pode estar fazendo truques na sua mente. Que tal se formos direto para seu chalé agora?”

Leo queria protestar, mas quando ele olhou de volta para o grande chalé branco, Tia Callida havia partido. Ele tinha *certeza* que ela estava ali, quase como se pensar na sua mãe havia convocado Callida de volta do passado.

E aquilo não era bom, pois Tia Callida tentara matá-lo.

“Só brincando com você, cara.” Leo puxou algumas engrenagens e alavancas dos bolsos e começou a remexê-las para acalmar os nervos. Ele não podia ter todos no acampamento pensando que ele era louco. Pelo menos, não mais louco do que ele realmente era.

“Vamos ver o Chalé Nove,” ele disse. “Estou com ânimo para uma boa maldição.”

Do lado de fora, o chalé de Hefesto parecia um RV enorme com lustrosas paredes de metal e janelas com lâminas de metal. A entrada era tipo uma porta de cofre, circular com alguns metros de espessura. Abriu com várias engrenagens de metal girando e êmbolos hidráulicos soprando fumaça.

Leo assobiou. “Eles conseguiram um tema bem legal, hein?”

Dentro, o chalé parecia deserto. Beliches de aço estavam dobrados nas paredes como camas Murphy high-tech. Cada um tinha um painel de controle digital, piscando luzes LED, jóias brilhantes, e engrenagens interligadas. Leo percebeu que cada campista tinha sua própria combinação para liberar sua cama, e provavelmente tinha uma câmara de armazenamento atrás, talvez algumas armadilhas para afastar visitantes indesejados. Pelo menos, é o jeito que Leo teria desenhado. Um mastro de incêndio desceu do segundo andar, ainda que o chalé não parecesse *ter* um segundo andar olhando pelo lado de fora. Uma escadaria circular baixava em algum tipo de porão. As paredes estavam alinhadas com todo o tipo de instrumento de poder que Leo podia imaginar, mais uma grande variedade de facas, espadas, e outras ferramentas de destruição. Uma grande banca transbordava de sobras de metal — parafusos, pinos, arruelas, pregos, rebites, e um milhão de outros pedaços de máquina. Leo teve um grande impulso para apertar tudo nos bolsos do seu casaco. Ele amava aquele tipo de coisa. Mas ele precisaria de mais cem casacos para ajustar tudo.

Olhando ao redor, ele podia quase imaginar que estava de volta às lojas de máquina da sua mãe. Não as armas, talvez — mas as ferramentas, as pilhas de sobras, o cheiro de graxa e metal e motores quentes. Ela teria amado esse lugar.

Ele repeliu aquele pensamento. Ele não gostava de memórias dolorosas. *Continue andando* — esse era seu lema. Não insista nas coisas. Não fique em um lugar por muito tempo. Era o único jeito de enfrentar a tristeza.

Ele pegou um instrumento comprido da parede. “Um cortador de ervas daninhas? O que o deus do fogo quer com um cortador de ervas daninhas?”

Uma voz nas sombras disse, “Você se surpreenderia.”

No fundo do quarto, um dos beliches estava ocupado. Uma cortina escura de material de camuflagem foi recolhida, e Leo pôde ver o rapaz que estava invisível a um segundo atrás. Era difícil contar muito sobre ele porque estava coberto de gesso no corpo. Sua cabeça estava enrolada numa gaze exceto pela face, que estava inchada e ferida. Ele parecia um boneco de gesso depois de uma luta.

“Eu sou Jake Mason,” o rapaz disse. “Eu apertaria sua mão, mas...”

“Sim,” Leo disse. “Não levante.”

O garoto abriu um sorriso, então estremeceu, como se mexer o rosto doesse. Leo queria saber o que aconteceu com ele, mas teve medo de perguntar.

“Bem-vindo ao Chalé Nove,” Jake disse. “Faz muito tempo desde que tivemos novas pessoas. Eu sou o conselheiro por enquanto.”

“Por enquanto?” Leo perguntou.

Will Solace limpou a garganta. “Então onde está todo o mundo, Jake?”

“Embaixo, nas forjas,” Jake disse saudosamente. “Eles estão trabalhando no... você sabe, aquele problema.”

“Ah.” Will mudou o assunto. “Então, você conseguiu uma cama extra para Leo?”

Jake estudou Leo, calculando sua altura. “Você acredita em maldições, Leo? Ou fantasmas?”

Eu acabei de ver minha babá do mal, Tia Callida, Leo pensou. Ela *tinha* que estar morta depois de todos esses anos. E eu não posso ficar um dia sem lembrar minha mãe no incêndio naquela loja de máquinas. Não fale para mim sobre fantasmas, soldado.

Mas em voz alta, ele disse, “Fantasmas? Aha. Não. Eu sou tranquilo. Um espírito de tempestade me atirou no Grand Canyon essa manhã, mas você sabe, tudo num dia de trabalho, certo?”

Jake assentiu. “É bom. Porque eu vou lhe dar a melhor cama no chalé — a de Beckendorf.”

“Uau, Jake,” Will disse. “Tem certeza?”

Jake gritou: “Beliche 1-A, por favor.”

Todo o chalé tremeu. Uma sessão circular do chão espiralou-se e abriu como a lente de uma câmera, e uma cama *enorme* apareceu repentinamente. A armação de bronze tinha uma estação de jogo embutido no pé, um sistema estéreo na cabeceira, um refrigerador com porta de vidro montado na base, e um grupo inteiro de painéis de controle funcionando no lado.

Leo foi para a direita e descansou os braços atrás da cabeça. “Eu posso cuidar disso.”

“Ela recolhe para um quarto privado abaixo,” Jake disse.

“Ah, hum, ok,” Leo disse. “Até mais tarde. Vou estar lá na Caverna do Leo. Que botão eu aperto?”

“Aguenta aí,” Will Solace protestou. “Vocês têm quartos privados subterrâneos?”

Jake provavelmente teria sorriso se não desse tanto. “Nós temos vários segredos, Will. Vocês do Apolo não podem ter toda a diversão. Nossos campistas estiveram escavando o sistema de túneis sob o Chalé Nove por quase um século. Ainda nem encontramos o fim. Aliás, Leo, se você não se importa em dormir na cama de um homem morto, ela é sua.”

Subitamente Leo não se sentiu como se recuasse. Ele sentou-se, tomando cuidado para não tocar em nenhum dos botões “O conselheiro que morreu — essa era sua cama?”

“Sim,” Jake disse. “Charles Beckendorf.”

Leo imaginou serrotes vindo pelo colchão, ou talvez uma granada costurada dentro dos travesseiros. “Ele não, tipo, morreu *na cama*, morreu?”

“Não,” Jake disse. “Na Guerra dos Titãs, último verão.”

“A Guerra dos Titãs,” Leo repetiu, “que não tem *nada* a ver com essa cama superlegal?”

“Os Titãs,” Will disse, como se Leo fosse um idiota. “Os caras mais poderosos que governavam o mundo antes dos deuses. Eles tentaram fazer um retorno no último verão. O líder deles, Cronos, construiu um novo palácio no topo do Monte Tam na Califórnia. Seus exércitos vieram para Nova York e quase destruíram o Monte Olimpo. Vários semideuses morreram tentando pará-los.”

“E estou supondo que isso não estava nos noticiários?” Leo disse.

Parecia como uma pergunta limpa, mas Will sacudiu a cabeça em descrença. “Você não ouviu sobre o Monte Santa Helena em erupção, ou as esquisitas tempestades atravessando o país, ou aquele colapso da construção em St. Louis?”

Leo deu de ombros. No último verão, ele estivera correndo para uma outra casa adotiva. Então um oficial ocioso o pegou no Novo México, e a corte sentenciou-o à facilidade correcional mais próxima — a Wilderness School. “Acho que estava ocupado.”

“Não importa,” Jake disse. “Você teve sorte de perder isso. A coisa é, Beckendorf foi uma das primeiras baixas, e desde então —”

“Seu chalé foi amaldiçoado,” Leo supôs.

Jake não respondeu. Mais uma vez, o rapaz estava num gesso. Aquela *era* uma resposta. Leo começou a notar pequenas coisas que ele não vira antes — uma marca de explosão na parede, uma mancha no chão que podia ser óleo... ou sangue. Espadas quebradas e máquinas esmagadas jaziam nos cantos do quarto, talvez fora de funcionamento. O lugar se *sentia* infeliz.

Jake suspirou demoradamente. “Bem, eu devia descansar um pouco. Espero que você goste daqui, Leo. Costuma ser... realmente legal.”

Ele fechou os olhos, e a cortina de camuflagem caiu sobre a cama.

“Vamos lá, Leo,” Will disse. “Vou te levar nas forjas.”

Enquanto eles iam, Leo olhou de volta para sua nova cama, e ele quase podia imaginar um conselheiro morto sentando ali — outro fantasma que não deixaria Leo sozinho.

LEO

“COMO ELE MORREU?” LEO PERGUNTOU. “Digo, Beckendorf.”

Will Solace marchou em frente. “Explosão. Beckendorf e Percy Jackson explodiram um cruzeiro cheio de monstros. Beckendorf não teve sucesso.”

Lá estava aquele nome novamente — Percy Jackson, o namorado desaparecido de Annabeth. O cara deve estar em todas por aqui, Leo pensou.

“Então Beckendorf era muito popular?” Leo perguntou. “Digo — antes de explodir?”

“Ele era impressionante,” Will concordou. “Foi difícil para todo o acampamento quando ele morreu. Jake — ele se tornou conselheiro no meio da guerra. Do mesmo jeito que eu, na verdade. Jake deu seu melhor, mas ele nunca quis ser líder. Ele só vive construindo coisas. Então depois da guerra, as coisas começaram a dar errado. As bigas do Chalé Nove explodiram. Seus autômatos ficaram loucos. Suas invenções começaram a dar problemas. Era como uma maldição, e no fim as pessoas começaram a chamar isso assim — a Maldição do Chalé Nove. Então Jake teve seu acidente —”

“Que tinha algo a ver com o problema que ele mencionou,” Leo supôs.

“Eles estão trabalhando nisso,” Will disse sem entusiasmo. “E aqui estamos nós.”

A forja parecia uma locomotiva movida a vapor que batera no Parthenon grego e eles fundiram juntos. Colunas brancas de mármore alinhavam as paredes manchadas de fuligem. Chaminés lançavam fumaça sobre uma falsificação elaborada com um grupo de deuses e monstros. A estrutura estava no canto de um canal, com várias turbinas girando uma série de engrenagens de bronze. Leo ouviu maquinaria opressiva dentro, chamas crepitando, e martelos batendo em bigornas.

Eles passaram pela entrada, e uma dúzia de garotos e garotas que estavam trabalhando em vários projetos congelaram. O barulho morreu sob o ruído da forja e do *click-click-click* de engrenagens e alavancas.

“E aí, galera,” Will disse. “Esse é o novo irmão de vocês, Leo — hã, qual é o seu sobrenome?”

“Valdez.” Leo percorreu os olhos pelos outros campistas. Ele realmente era relacionado com todos eles? Seus primos vieram de algumas grandes famílias, mas ele sempre teve apenas sua mãe — até ela morrer.

Crianças subiram e começaram a apertar mãos e apresentarem-se. Seus nomes se misturaram juntos: Shane, Christopher, Nyssa, Harley (é, como a moto). Leo sabia que não podia decorar todos eles. Eram muitos. Muita pressão.

Nenhum deles se parecia um com os outros — rostos de todos os diferentes tipos, tons de pele, cor do cabelo, altura. Você nunca pensaria, *Ei, olha, é a turma do Hefesto!*

Mas todos eles tinham mãos poderosas, tomadas com calos e manchadas com graxa de motor. Até o pequeno Harley, que não devia ter mais que oito anos, parecia podia ir a seis rounds contra Chuck Norris sem suar.

E todas as crianças compartilhavam um triste tipo de seriedade. Seus ombros estavam caídos como se a vida os tivesse abatido duramente. Vários pareciam ter sido fisicamente perturbados, também. Leo contou dois braços com gesso, um par de muletas, um tapa-olho, seis bandagens, e aproximadamente sete mil Band-Aids.

“Ok, muito bem!” Leo disse. “Eu ouvi que esse é o chalé da festa!”

Ninguém riu. Todos só olharam para ele.

Will Solace bateu de leve no ombro de Leo. “Eu vou deixar vocês se entenderem. Alguém mostra o jantar para Leo quando for à hora?”

“Eu posso,” uma das garotas disse. Nyssa, Leo lembrou. Ela usava calças de camuflagem, um *top* que exibia seus braços amarelos, e uma bandana vermelha sobre um punhado de cabelos negros. Exceto pelo seu Band-Aid soridente no queixo, ela parecia uma daquelas heroínas de ação, como se a qualquer segundo ela fosse pegar uma metralhadora e começar a matar aliens do mal.

“Legal,” Leo disse. “Eu sempre quis uma irmã que pudesse me atacar.”

Nyssa não sorriu. “Vamos lá, brincalhão. Eu vou te mostrar os arredores.”

Leo não era nenhum desconhecido das oficinas. Ele cresceu ao redor de macacos de graxa e instrumentos de força. Sua mãe costumava brincar que sua primeira chupeta foi um trocador de pneu. Mas ele nunca viu um lugar como a forja do acampamento.

Um rapaz estava trabalhando num machado de batalha. Ele ficava testando a lâmina numa placa de concreto. Cada vez que ele batia, o machado cortava a placa como se fosse de queijo quente, mas ele parecia insatisfeito e voltava para afiar a ponta.

“O que ele está planejando matar com aquilo?” Leo perguntou para Nyssa. “Um couraçado de batalha?”

“Você nunca sabe. Até com bronze Celestial —”

“É o metal?”

Ela assentiu. “Extraído do próprio Monte Olimpo. Extremamente raro. Afinal, geralmente desintegra monstros em contato, mas grandes monstros poderosos têm peles notoriamente flexíveis. Drakons, por exemplo —”

“Você quer dizer dragões?”

“Espécies similares. Você aprenderá a diferença na aula de luta com monstros.”

“Aula de luta com ombros. É, já consegui minha faixa preta lá.”

Ela não abriu um sorriso. Leo esperou que ela não fosse tão séria em todo o tempo. O lado da família do seu pai tinha que ter *algum* senso de humor, certo?

Eles passaram por alguns rapazes fazendo um brinquedo de corda. Pelo menos era o que parecia. Era um centauro de quinze centímetros — meio homem, meio cavalo — armado com um arco em miniatura. Um dos campistas acionou a manivela no rabo do centauro, e ele zumbiu a vida. Ele galopou pela mesa, gritando, “Morra, mosquito! Morra, mosquito!” e atirando em tudo no caminho.

Aparentemente isso aconteceu antes, pois todos souberam descer no chão exceto Leo. Seis flechas do tamanho de agulhas enterraram-se na sua camisa antes de um campista pegar um martelo e esmagar o centauro em pedaços.

“Maldição estúpida!” O campista agitou o martelo no céu. “Eu só quero um matorrão mágico de insetos! É muito para pedir?”

“Ai,” Leo disse.

Nyssa tirou as agulhas da sua camisa. “Ah, você está bem. Vamos continuar antes que eles o reconstruam.”

Leo esfregou o peito enquanto andavam. “Esse tipo de coisa acontece muito?”

“Nos últimos tempos,” Nyssa disse, “tudo que construímos vira sucata.”

“A maldição?”

Nyssa franziu a testa. “Eu não acredito em maldições. Mas *alguma coisa* está errada. E se não descobrirmos o problema do dragão, isso vai ficar cada vez pior.”

“O problema do dragão?” Leo esperou que ela estivesse falando sobre um dragão em miniatura, talvez um que matasse baratas, mas ele teve a sensação que não teria tanta sorte.

Nyssa o levou para um grande mapa de parede que um par de meninas estava estudando. O mapa mostrava o acampamento — um semi-círculo de terra com o Estreito de Long Island na costa do norte, a floresta ao oeste, os chalés ao leste, e um anel de colinas no sul.

“Tem que ser nas colinas,” a primeira garota disse.

“Nós *olhamos* nas colinas,” a segunda argumentou. “A floresta é um lugar melhor para se esconder.”

“Mas já colocamos armadilhas —”

“Espere,” Leo disse. “Vocês perderam um dragão? Um dragão de tamanho real, *verdadeiro*?”

“É um dragão de bronze,” Nyssa disse. “Mas sim, um autômato de tamanho real. O chalé de Hefesto o construiu anos atrás. Então se perdeu na floresta até alguns verões passados, quando Beckendorf o encontrou em pedaços e o reconstruiu. Tem estado ajudando a proteger o acampamento, mas, hã, é um pouco imprevisível.”

“Imprevisível,” Leo disse.

“Fica louco e derruba chalés, incendeia as pessoas, tenta comer os sátiros.”

“É bastante imprevisível.”

Nyssa assentiu. “Beckendorf era o único que podia controlá-lo. Então ele morreu, e o dragão só foi ficando cada vez pior. No fim, ele ficou furioso e fugiu. Ocasionalmente ele aparece, destrói alguma coisa, e parte novamente. Todos nós esperamos encontrá-lo e destruí-lo —”

“*Destruí-lo?*” Leo estava pálido. “Vocês têm um dragão de bronze em tamanho real, e querem *destruí-lo*?”

“Ele respira fogo,” Nyssa explicou. “É mortal e fora de controle.”

“Mas é um dragão! Cara, é impressionante. Você não pode tentar conversar com ele, controlá-lo?”

“Tentamos. Jake Mason tentou. Você viu como isso acabou bem.”

Leo pensou em Jake, enrolado num gesso, dormindo sozinho no seu beliche. “Mas —”

“Não temos opção.” Nyssa virou para as outras garotas. “Vamos tentar mais armadilhas na floresta — aqui, aqui, e aqui. Encha-as com trinta litros de óleo de motor.”

“O dragão bebe isso?” perguntou Leo.

“É.” Nyssa suspirou pesarosamente. “Ele costumava gostar disso com um pouco de molho de pimenta, antes de dormir. Se ele pular numa armadilha, podemos entrar com pulverizadores ácidos — deve dissolver na sua pele. Então conseguimos cortadores de metal e... e acaba o trabalho.”

Todas pareciam tristes. Leo percebeu que elas não queriam matar o dragão tanto quanto ele queria.

“Gente,” ele disse. “Tem que haver outro jeito.”

Nyssa pareceu incerta, mas alguns outros campistas pararam com o que estavam trabalhando e amontoaram-se para ouvir a conversa.

“Como o quê?” um perguntou. “A coisa respira fogo. Não podemos nem chegar perto.”

Fogo, Leo pensou. Ah, cara, as coisas que ele podia dizer para eles sobre fogo... Mas ele tinha que ser cuidadoso, mesmo se esses fossem seus irmãos e irmãs. *Especificamente* se ele tivesse que viver com eles.

“Bem...” Ele hesitou. “Hefesto é o deus do fogo, certo? Então ninguém de vocês tem, tipo, resistência ao fogo ou algo parecido?”

Ninguém agiu como se fosse uma pergunta louca, o que era um alívio, mas Nyssa balançou a cabeça gravemente.

“É uma habilidade dos ciclopes, Leo. Semideuses filhos de Hefesto... somos apenas bons com nossas mãos. Somos construtores, artesãos, fabricantes de armas — coisas assim.”

Os ombros de Leo caíram. “Ah.”

Um garoto no fundo disse, “Bem, um longo *tempo* atrás —”

“Sim, ok,” Nyssa reconheceu. “Um longo tempo atrás algum filho de Hefesto nasceu com poder sobre o fogo. Mas aquela habilidade era muito, muito rara. E sempre perigosa. Nenhum semideus assim nasceu em séculos. O último...” Ela olhou para um dos garotos por ajuda.

“Mil, seiscentos e sessenta e seis,” a garota ofereceu. “Cara chamado Thomas Faynor. Ele começou o Grande Incêndio de Londres, destruí quase toda a cidade.”

“Certo,” Nyssa disse. “Quando uma criança de Hefesto assim aparece, normalmente significa que algo catastrófico está prestes a acontecer. E não precisamos de mais nenhuma catástrofe.”

Leo tentou manter seu rosto limpo de emoção, o que não era seu ponto forte. “Acho que estou entendendo. Muito mau, porém. Se você pudesse resistir às chamas, você poderia chegar perto do dragão.”

“Então ele te mataria com suas garras e dentes,” Nyssa disse. “Ou simplesmente pisaria em você. Não, temos que destruí-lo. Confie em mim, se alguém *pudesse* descobrir outra resposta...”

Ela não acabou, mas Leo captou a mensagem. Esse era o grande teste do chalé. Se eles pudessem fazer algo que só Beckendorf podia fazer, se eles pudessem subjugar o dragão sem matá-lo, então talvez a sua maldição seria retirada. Mas eles estavam vazios de ideias. Qualquer campista que descobrisse como, seria um herói.

Uma buzina de concha soprou na distância. Campistas começaram a levantar suas ferramentas e projetos. Leo não havia percebido que estava ficando tão tarde, mas ele olhou pela janela e viu o sol baixando. Seu ADHD fazia isso com ele às vezes. Se ele estava aborrecido, uma aula de cinquenta minutos parecia ter seis horas. Se ele estava interessado em alguma coisa, como dar um *tour* no acampamento semideus, as horas passavam despercebidas e *bam* — o dia havia acabado.

“Jantar,” Nyssa disse. “Vamos, Leo.”

“Lá no pavilhão, certo?” ele perguntou.

Ela assentiu.

“Vocês vão na frente,” Leo disse. “Você pode... me dar um segundo?”

Nyssa hesitou. Depois sua expressão derreteu. “Certo. É muito para processar. Lembro do meu primeiro dia. Suba quando estiver ponto. Só não toque em nada. Quase todos os projetos aqui podem matar você se não for cuidadoso.”

“Sem tocar,” Leo prometeu.

Seus companheiros saíram da forja. Logo, Leo estava sozinho com os sons dos foles, turbinas, e pequenas máquinas clicando e zunindo.

Ele olhou para o mapa do acampamento — os locais onde seus irmãos recém-encontrados iriam colocar armadilhas para pegar um dragão. Isso estava errado. Plano errado.

Muito raro, ele pensou. E sempre perigoso.

Ele estendeu sua mão e estudou seus dedos. Eles eram longos e finos, e não cheio de calos como os dos outros campistas de Hefesto. Leo nunca fora o garoto maior ou mais forte. Ele sobreviveu em duros bairros, duras escolas, duras casas de adoção usando sua sabedoria. Ele era o palhaço da sala, o bobo da corte, porque ele aprendeu cedo que se você fizesse piadas e fingisse que você não estava assustado, você geralmente não seria batido. Até os piores gângsters iriam lhe tolerar, manter você por perto para risadas. E mais, humor era um bom jeito de esconder a dor. E se isso não funcionasse, sempre haveria o Plano B. Fugir. Mais e mais.

Havia um Plano C, mas ele prometeu para si próprio nunca usá-lo de novo.

Ele sentiu um impulso de tentar isso agora — algo que ele não fizera desde o acidente, desde a morte de sua mãe.

Ele estendeu seus dedos e os sentiu formigando, como se estivessem acordando — alfinetes e agulhas.

Então chamas tremularam à vida, ondulações de fogo vermelho dançando pela sua palma.

J A S O N

ASSIM QUE JASON VIU A CASA, ele soube que era um homem morto.

“Aqui estamos nós!” Drew disse alegremente. “A Casa Grande, quartel-general do acampamento.”

Ela não parecia ameaçadora, só uma mansão de quatro andares pintada de azul bebê com acabamento branco. A varanda tinha cadeiras de descanso, uma mesa de cartas, e uma cadeira de rodas vazia. Sinos de vento formavam ninfas se transformando em árvores quando batiam. Jason podia imaginar velhinhos vindo aqui para férias de verão, sentados na varanda e bebendo suco de ameixa enquanto assistiam o pôr-do-sol. Entretanto, as janelas pareciam olhar para ele como olhos irritados. A grande entrada parecia pronta para engoli-lo. Na aresta mais alta, um cata-vento de uma águia de bronze girava no ar e apontava direto na sua direção, como se dissesse para ele dar meia-volta.

Cada molécula no corpo de Jason lhe disse que ele estava em território inimigo.

“Eu *não* devia estar aqui,” ele disse.

Drew enroscou seu braço no dele. “Ah, por favor. Você é *perfeito* aqui, querido. Acredite em mim, eu já vi vários heróis.”

Drew cheirava como o Natal — uma estranha combinação de pinheiro e noz-moscada. Jason queria saber se ela sempre cheirava assim, ou se era algum tipo de perfume especial para os feriados. Seu delineador rosa era realmente distrativo. Toda hora que ela piscava, ele se sentia obrigado a olhar para ela. Talvez aquele fosse seu objetivo, exibir seus belos olhos castanhos. Ela era linda. Sem nenhuma dúvida disso. Mas ela fez Jason se sentir desconfortável.

Ele puxou seu braço do modo mais gentil que pôde. “Olhe, eu prezo —”

“É aquela garota?” Drew fez beiço. “Ah, por favor, me diga que você *não* está namorando a Rainha do Lixo.”

“Você quer dizer Piper? Hã...”

Jason não sabia como responder. Ele nem pensava se vira Piper mais cedo, mas ele se sentia estranhamente culpado por isso. Ele sabia que não deveria estar nesse lugar. Ele não devia fazer amizades com essas pessoas, e certamente ele não deveria namorar nenhuma delas. Entretanto... Piper estivera segurando sua mão quando ele acordou naquele ônibus. Ela acreditava que era sua namorada. Ela estivera brava no céu, lutando com aqueles *ventus*, e quando Jason a pegara no meio do ar e eles se seguraram cara-a-cara, ele não podia fingir que ele não estava um pouco tentado a beijá-la. Mas aquilo não estava certo, Ele nem sabia sua própria história. Ele não podia trocar emoções com ela assim.

Drew rolou os olhos. “Deixe-me te ajudar a decidir, querido. Você merece coisa melhor. Um garoto com o seu rosto e talento óbvio?”

Ela não estava olhando para ele, porém. Ela estava olhando para um local bem acima da sua cabeça.

“Você está esperando um sinal,” ele supôs. “Como aquele sobre a cabeça do Leo.”

“O quê? Não! Bem... sim. Digo, do que ouvi, você é bastante poderoso, certo? Você vai ser importante no acampamento, então calculo que seu pai irá lhe reclamar a qualquer momento. E eu amaria ver isso. Eu quero estar com você a cada passo do caminho! Então é seu pai ou sua mãe o deus? Por favor me diga que não é sua mãe. Eu odiaria se você fosse um filho de *Afrodite*.”

“Por quê?”

“Porque você seria meu meio-irmão, bobo. Você não pode ficar com alguém do seu próprio chalé. Eca!”

“Mas todos os deuses não são relacionados?” Jason perguntou. “Então todos aqui não são seus primos ou alguma coisa?”

“Como você é fofo! Querido, o lado divino da sua família não, exceto pelo seu pai. Então qualquer um de outro chalé — eles são jogo limpo. Então quem é seu parente olimpiano — mãe ou pai?”

Como normalmente, Jason não tinha uma resposta. Ele ergueu os olhos, mas nenhum sinal brilhante apareceu sobre sua cabeça. No topo da Casa Grande, o cata-vento ainda estava apontando na sua direção, aquela águia de bronze olhando como se falasse, *Dê meia-volta, criança, enquanto ainda pode.*

Então ele ouviu passos na varanda da frente. Não — não passos — *cascos*.

“Quíron!” Drew chamou. “Esse é Jason. Ele é totalmente incrível!”

Jason recuou tão rápido que ele quase caiu. Contornando o canto da varanda estava um homem nas costas de um cavalo. Exceto que ele não estava nas costas do cavalo — ele era parte de um. Da cintura para cima ele era humano, com cacheados cabelos castanhos e uma barba bem-cortada. Ele vestia uma camiseta que dizia *Melhor Centauro do Mundo*, e tinha um arco e uma aljava amarrados nas costas. Sua cabeça era tão alta que ele precisava se abaixar para não bater nas luzes da varanda, porque da cintura para baixo, ele era um garanhão branco.

Quíron começou a sorrir para Jason. Então a cor drenou do seu rosto.

“Você...” Os olhos do centauro arregalaram-se como os de um animal sendo apertado. “Você devia estar morto.”

* * *

Quíron ordenou para Jason — bem, *convidou*, mas soou como uma ordem — entrar na casa. Ele falou para Drew voltar ao seu chalé, o que fez Drew não parecer feliz.

O centauro trotou para a cadeira de rodas vazia na varanda. Ele se desfez da sua aljava e arco e recuou-se na cadeira, que abriu como uma caixa de mágica. Quíron cuidadosamente abaixou-se nela com suas pernas traseiras e começou a se apertar num espaço que devia ser muito pequeno. Jason imaginou barulhos inversos de um caminhão — *bip, bip, bip* — enquanto a metade de baixo do centauro desaparecia e a cadeira ajustou-se, fazendo aparecer um conjunto de pernas humanas falsas cobertas por um cobertor, de forma que Quíron parecia ser um mortal normal numa cadeira de rodas.

“Me siga,” ele ordenou. “Temos limonada.”

A sala de estar parecia que fora reprimida por uma floresta tropical. Videiras curvavam-se pelas paredes e pelo teto, o que Jason achou um pouco estranho. Ele não achava que plantas crescessem assim, do lado de dentro, especialmente no inverno, mas essas eram frondosas e verdes e cheios com cachos de uvas vermelhas.

Sofás de couro encaravam uma lareira de pedra com o fogo estalando. Apertado num canto, um fliperama de Pacman antigo fazia *bip* e piscava. Montada nas paredes havia uma coleção de máscaras — como de teatro grego, sorridentes/tristes, máscaras Mardi Gras emplumadas, máscaras de *carnevale* venezianas com grandes narizes parecidos com bicos, e máscaras esculpidas em madeira da África. Videiras cresciam entre suas bocas parecendo que elas tinham línguas frondosas. Algumas tinham uvas vermelhas inchando pelo buraco dos olhos.

Mas a coisa mais esquisita era a cabeça do leopardo estofado sobre a lareira. Parecia tão real, seus olhos pareciam seguir Jason. Então ele rosnou, e Jason quase saltou de sua pele.

“Ora, Seymour,” Quíron repreendeu. “Jason é um amigo. Comporte-se.”

“Essa coisa está viva!” Jason disse.

Quíron remexeu no bolso lateral da sua cadeira de rodas e tirou um pacote de biscoitos. Ele jogou um para o leopardo, que o abocanhou e lambeu os lábios.

“Você precisa desculpar a decoração,” Quíron disse. “Tudo isso era um presente de despedida do nosso antigo diretor antes de ser chamado ao Monte Olimpo. Ele achou que iria nos ajudar a lembrá-lo. O Sr. D tem um senso de humor estranho.”

“Sr. D,” Jason disse. “Dioniso?”

“Uhhumm.” Quíron derramou limonada, embora suas mãos estivessem tremendo um pouco. “Como por Seymour, bem, o Sr. D o liberou de uma venda de garagem em Long Island. O leopardo é o animal sagrado de Dioniso, entende, e o Sr. D ficou aterrorizado que alguém empalhasse tal nobre criatura. Ele decidiu concedê-lo a vida, numa hipótese que a vida como uma cabeça pendurada era melhor do que nenhuma vista, afinal. Devo dizer que é um destino mais bondoso do que o antigo dono de Seymour teve.”

Seymour exibiu suas presas e cheirou o ar, como se procurasse mais biscoitos.

“Se ele é só uma cabeça,” Jason disse, “para onde vai a comida quando ele come?”

“Melhor não perguntar,” Quíron disse. “Por favor, sente.”

Jason pegou um pouco de limonada, apesar do seu estômago estar agitado. Quíron reclinou-se na sua cadeira de rodas e tentou um sorriso, mas Jason podia dizer que era forçado. Os olhos do velho homem estavam tão profundos e escuros quanto poços.

“Então, Jason,” ele disse, “você se importaria caso me dissesse — er — de onde você é?”

“Queria eu saber.” Jason lhe contou toda a história, de acordar no ônibus até cair no Acampamento Meio-Sangue. Ele não escondeu nenhum detalhe, e Quíron era um bom ouvinte. Ele não reagiu à história, nada a não ser assentir animadoramente por mais.

Quando Jason acabou, o velho homem deu um gole na limonada.

“Entendo,” Quíron disse. “E você deve ter perguntas para mim.”

“Só uma,” Jason admitiu. “O que você quis dizer quando falou que eu deveria estar morto?”

Quíron o estudou com preocupação, como se esperasse que Jason explodisse em chamas. “Meu garoto, você sabe o que essas marcas no seu braço significam? A cor da sua camisa? Você lembra de algo?”

Jason olhou para a tatuagem no seu antebraço: SPQR, a águia, vinte linhas retas.

“Não,” ele disse. “Nada.”

“Você sabe onde está?” Quíron perguntou. “Você entende o que esse lugar é, e quem eu sou?”

“Você é o centauro Quíron,” Jason disse. “Suponho que seja o mesmo das histórias antigas, que costumava treinar os heróis gregos como Hércules. Esse é um acampamento para semideuses, filhos dos deuses olimpianos.”

“Então você acredita que esses deuses ainda existem?”

“Sim,” Jason disse imediatamente. “Digo, não acho que devíamos *adorá-los* ou sacrificar galinhas por eles ou qualquer coisa, mas eles ainda estão por perto pois são uma poderosa parte da civilização. Eles vão de país em país conforme o centro do poder se desloca — como eles foram da Grécia Antiga para Roma.”

“*Não podia ter dito melhor.*” Algo na voz de Quíron mudou. “*Então você já sabe que os deuses são reais. Você já foi reclamado, não foi?*”

“*Talvez,*” Jason respondeu. “*Não tenho total certeza.*”

O leopardo Seymour rosnou.

Quíron esperou, e Jason percebeu o que acabou de acontecer. O centauro havia mudado para outro idioma e Jason entendera, automaticamente respondendo na mesma língua.

“*Quis erat —*” Jason vacilou, então fez um esforço consciente para falar inglês. “O que foi aquilo?”

“Você sabe Latim,” Quíron observou. “A maioria dos semideuses reconhecem algumas frases, naturalmente. Está no sangue deles, mas não tanto quanto Grego Antigo. Ninguém pode falar Latim fluentemente sem prática.”

Jason tentou envolver a mente no que aquilo significava, mas vários pedaços da sua memória estavam perdidos. Ele ainda tinha a sensação que não deveria estar aqui. Era errado — e perigoso. Mas pelo menos Quíron não metia medo. Na verdade o centauro parecia preocupado com ele, com medo pela sua segurança.

O fogo refletia nos olhos de Quíron, fazendo-os danças agastadamente. “Eu ensinei o seu xará, você sabe, o Jasão original. Ele teve um caminho duro. Eu vi vários

heróis ir e vir. Ocasionalmente, eles têm finais felizes. Na maior parte, não. Isso quebra meu coração, como perder um filho sempre que um dos meus pupilos morre. Mas você — você não é como qualquer pupilo que eu já ensinei. Sua presença aqui poderia ser um desastre.”

“Obrigado,” Jason disse. “Você deve ser um professor inspirador.”

“Desculpe, meu garoto. Mas é verdade. Eu esperava que depois do sucesso do Percy —”

“Percy Jackson, você se refere. O namorado da Annabeth, o que está sumido.”

Quíron assentiu. “Esperava que depois que ele tivesse sucesso na Guerra dos Titãs e salvasse o Monte Olimpo, pudéssemos ter alguma paz. E eu poderia ser capaz de desfrutar um triunfo final, um final feliz, e talvez uma retirada discreta. Eu devia ter me informado melhor. O último capítulo se aproxima, assim como foi antes. O pior ainda está por vir.”

No canto, o fliperama fez um triste som *pa-pa-pa-pa*, como se o Pacman tivesse morrido.

“Ok...” Jason disse. “Então — último capítulo, aconteceu antes, pior ainda por vir. Soa divertido, mas podemos voltar à parte onde eu devia estar morto? Não gosto dessa parte.”

“Tenho medo que não possa explicar, meu garoto. Jurei pelo Rio Styx e por todas as coisas sagradas que eu nunca...” Quíron franziu a testa. “Mas você está aqui, em violação do mesmo juramento.” Isso também, não deveria ser possível. Eu não entendo. Quem faria tal coisa? Quem —”

O leopardo Seymour berrou. Sua boca congelou, meio aberta. O fliperama parou de fazer *bip*. O fogo parou de estalar, suas chamas endurecendo como vidro vermelho. As máscaras olhavam para Jason silenciosamente com seus olhos de uva grotescos e línguas frondosas.

“Quíron?” Jason perguntou. “O que está aconte...”

O velho centauro congelara, também. Jason pulou do sofá, mas Quíron continuou olhando para o mesmo lugar, sua boca aberta no meio de uma afirmação. Seus olhos não piscavam. Seu peito não se mexia.

Jason, uma voz disse.

Por um horrível momento, ele pensou que o leopardo falou. Então névoa escura evaporou da boca do Seymour, e um pensamento ainda pior ocorreu a Jason: *espíritos de tempestade*.

Ele pegou a moeda de ouro do seu bolso. Com um rápido arremesso, ela se transformou numa espada.

A névoa tomou a forma de uma mulher em roupas negras. Seu rosto estava encapuzado, mas seus olhos brilhavam na escuridão. Sobre seus ombros ela usava uma capa de pele de cabra. Jason não tinha certeza de como sabia que era pele de cabra, mas ele a reconheceu e sabia que era importante.

Você atacaria seu patrono? A mulher repreendeu. Sua voz ecoou na cabeça de Jason. *Abaixe sua espada.*

“Quem é você?” ele exigeu. “Como você —”

Nosso tempo é limitado, Jason. Minha prisão cresce mais forte a cada hora. Me tomou um mês inteiro para reunir energia o suficiente até para trabalhar com a menor magia entre seus grilhões. Eu consegui trazer você aqui, mas agora não me resta muito tempo, e até menos energia. Essa pode ser a última vez que eu fale com você.

“Você está numa prisão?” Jason decidiu que talvez ele não baixaria sua espada. “Olhe, eu não te conheço, e você não é meu patrono.”

Você me conhece, ela insistiu. *Eu conheço você desde o seu nascimento.*

“Eu não lembro. Eu não lembro de nada.”

Não, você não lembra, ela concordou. *Isso também foi necessário. Tempos atrás, seu pai me deu sua vida como presente para apaziguar minha raiva. Ele lhe nomeou como Jason, por causa do meu mortal favorito. Você pertence a mim.*

“Uou,” Jason disse. “Eu não pertenço a ninguém.”

Agora é a hora de pagar sua dívida, ela disse. *Encontre minha prisão. Me liberte, ou o rei deles irá erguer-se da terra, e eu serei destruída. Você nunca reaverá sua memória.*

“É uma ameaça? Você pegou minhas memórias?”

Você tem até o pôr-do-sol no solstício, Jason. Quatro pequenos dias. Não me faça.

A mulher obscura dissolveu, e a névoa girou para a boca do leopardo.

O tempo descongelou. O berro do Seymour veio numa tosse como se tivesse engolido uma bola de pelos. O fogo estalou para a vida, o fliperama fez bip, e Quíron disse, “— ousaria trazer-lhe aqui?”

“Provavelmente a mulher na névoa,” Jason propôs.

Quíron olhou em surpresa. “Você não estava sentado... por que você tem uma espada na mão?”

“Odeio lhe dizer isso,” Jason disse, “mas eu acho que seu leopardo comeu uma deusa.”

Ele contou para Quíron sobre a visita congelada-no-tempo, a obscura figura nevoenta que desapareceu na boca de Seymour.

“Ah, meu caro,” Quíron murmurou. “Isso explica muito.”

“Então por que você não explica muito para mim?” Jason disse. “Por favor.”

Antes que Quíron pudesse dizer alguma coisa, passos ecoaram na varanda do lado de fora. A porta da frente abriu com uma batida, e Annabeth e outra garota, uma ruiva, entraram explodindo, arrastando Piper entre elas. A cabeça de Piper folgava como se estivesse inconsciente.

“O que aconteceu?” Jason apressou-se. “O que há de errado com ela?”

“Chalé de Hera,” Annabeth ofegou, como se tivessem corrido por todo o caminho. “Visão. Mau.”

A garota ruiva olhou para cima, e Jason viu que ela estava chorando.

“Eu acho...” A garota ruiva tragou. “Eu acho que posso ter matado ela.”

JASON

JASON E A RUIVA, QUE APRESENTOU-SE como Rachel, colocaram Piper no sofá enquanto Annabeth apressou-se pro corredor para pegar um kit de primeiros socorros. Piper ainda estava respirando, mas ela não acordaria. Ela parecia estar em algum tipo de coma.

“Temos que curá-la,” Jason insistiu. “Tem um jeito, certo?”

Vendo-a tão pálida, mal respirando, Jason sentiu uma onda de proteção. Talvez ele realmente não a conhecesse. Talvez ela não fosse sua namorada. Mas eles sobreviveram no Grand Canyon juntos. Eles passaram por todo esse caminho. Ele a deixara de lado por um instante, e *isso* aconteceu.

Quíron colocou uma mão na sua testa e fez uma careta. “Sua mente está em frágil estado. Rachel, o que aconteceu?”

“Eu queria saber,” ela disse. “Assim que cheguei no acampamento, tive uma premonição sobre o chalé de Hera. Eu entrei. Annabeth e Piper entraram enquanto eu estava lá. Conversamos, e então — eu simplesmente apaguei. Annabeth disse que falei numa voz diferente.”

“Uma profecia?” Quíron perguntou.

“Não. O espírito de Delfos vem de dentro. Eu sei como sente. Era como a uma longa distância, uma força tentando falar através de mim.”

Annabeth passou com uma bolsa de couro. Ela ajoelhou-se do lado da Piper. “Quíron, o que aconteceu lá — eu nunca vi nada parecido. Eu já ouvi a voz de profecia da Rachel. Ela diferente. Ela soou como uma mulher mais velha. Ela pegou os ombros da Piper e lhe disse —”

“Para libertá-la duma prisão?” Jason chutou.

Annabeth olhou para ele. “Como você sabia disso?”

Quíron fez um gesto de três dedos sobre o coração, como uma proteção contra o mal.

“Jason, conte para elas. Annabeth, a bolsa de remédios, por favor.”

Quíron pingou gotas de um frasco medicinal na boca de Piper enquanto Jason explicava o que aconteceu quando a sala congelou — a mulher escura na névoa que alegou ser o patrono de Jason.

Quando ele acabou, ninguém falou, o que fez ele se sentir mais aflito.

“Então isso acontece sempre?” ele perguntou. “Ligações sobrenaturais de condenados exigindo que você o tire da cadeia?”

“Seu patrono,” Annabeth disse. “Não o seu pai olimpiano?”

“Não, ela disse *patrono*. Ela também disse que meu pai havia lhe dado a minha vida.”

Annabeth franziu a sobrancelha. “Eu nunca ouvi falar de nada assim antes. Você disse no céu que o espírito de tempestade — ele alegou estar trabalhando para alguma mestra que estava dando ordenos, certo? Pode ser essa mulher que você viu, bagunçando sua mente?”

“Eu acho que não,” Jason disse. “Se ela fosse minha inimiga, ela estaria pedindo pela minha ajuda? Ela está aprisionada. Ela está preocupada sobre algum inimigo fortalecendo. Algo sobre a ascensão de um rei da terra no solstício —”

Annabeth virou para Quíron. “Cronos não. Por favor me diga que não é isso.”

O centauro parecia infeliz. Ele segurou o pulso de Piper, checando sua pulsação.

Finalmente ele disse, “Não é Cronos. Aquela ameaça está acabada. Mas...”

“Mas o quê?”

Quíron fechou a bolsa de remédios. “Piper precisa de descanso. Deveríamos discutir isso depois.”

“Ou agora,” Jason disse. “Er, Sr. Quíron, você me disse que a ameaça maior estava vindo. O último capítulo. Possivelmente você não pode querer dizer algo pior que um exército de titãs, não é?”

“Ah,” Rachel disse numa voz baixa. “Ah, gente. A mulher era Hera. É claro. Seu chalé, sua voz. Ela mostrou-se para Jason no mesmo momento.”

“Hera?” O rosnado de Annabeth foi até mais feroz do que o de Seymour. “*Ela trouxe você? Ela fez isso com Piper?*”

“Eu acho que a Rachel está certa,” Jason disse. “A mulher parecia uma deusa. E ela vestia isso — essa capa de pele de cabra. É um símbolo de Juno, né?”

“É?” Annabeth franziu a testa. “Eu nunca ouvi isso.”

Quíron assentiu com relutância. “De Juno, o aspecto romano de Hera, mais em seu estado guerreiro. A capa de pele de cabra era um símbolo do soldado romano.”

“Então hera está aprisionada?” Rachel perguntou. “Quem poderia fazer isso à rainha dos deuses?”

Annabeth cruzou os braços. “Bem, quem quer que sejam, talvez devêssemos agradecê-los. Se eles podem calar Hera —”

“Annabeth,” Quíron alertou, “ela ainda é uma dos olimpianos. De várias maneiras, ela é a cola que mantém a família dos deuses unida. Se ela realmente foi presa e está em perigo destruição, isso poderia abalar os alicerces do mundo. Isso poderia desafinar a estabilidade do Olimpo, o que não nunca é bom nem nos melhores momentos. E se Hera pediu ajuda a Jason —”

“Certo,” Annabeth rosnou. “Bem, sabemos que os titãs podem capturar um deus, né? Atlas capturou Ártemis alguns anos atrás. E nas histórias antigas, os deuses capturavam um ao outro em armadilhas a toda hora. Mas algo pior que um titã...?”

Jason olhou para a cabeça de leopardo. Seymour estava saboreando os lábios como se a deusa tivesse um sabor melhor que um biscoito. “hera disse que esteve tentando quebrar os grilhões da sua prisão por um mês.”

“Que é o tempo que o Olimpo foi fechado,” Annabeth disse. “Então os deuses devem saber que algo ruim está acontecendo.”

“Mas por que usar sua energia para me enviar aqui?” Jason perguntou. “Ela limpou minha memória, estatelou-me na excursão da Wilderness School, e mandou para você uma visão de sonho para vir me pegar. Por que eu sou tão importante? Por que não simplesmente mandar umas chamas de emergência para os outros deuses — deixá-los saber onde ela está para que eles a libertem?”

“Os deuses precisam de heróis para fazer vossa vontade aqui embaixo na terra,” Rachel disse. “Está certo, né? Os destinos deles são sempre entrelaçados com semideuses.”

“É verdade,” Annabeth disse, “mas Jason lembrou de uma coisa importante. Por que ele? Por que pegar a sua memória?”

“E Piper está envolvida de algum jeito,” Rachel disse. “Hera lhe mandou a mesma mensagem — *Me liberte*. E, Annabeth, isso deve ter algo em relação ao desaparecimento de Percy.”

Annabeth fixou os olhos em Quíron. “Por que você está tão quieto, Quíron? O que é isso que estamos enfrentando?”

O rosto do velho centauro parecia que havia sido envelhecida em dez anos numa questão de minutos. As linhas em torno dos seus olhos estavam profundamente gravadas. “Minha querida, nisso, eu não posso lhe ajudar. Me desculpe, mesmo.”

Annabeth pestanejou. “Você nunca... você *nunca* escondeu informação de mim. Até a última grande profecia —”

“Estarei no meu escritório.” Sua voz estava pesada. “Preciso de algum tempo para pensar antes do jantar. Rachel, você ficará observando a garota? Chame Argos para trazê-la à enfermaria, se quiser. E Annabeth, você devia falar com o Jason. Conte para ele sobre — sobre os deuses gregos e romanos.”

“Mas...”

O centauro virou sua cadeira de rodas e a rolou para o corredor. Os olhos de Annabeth ficaram coléricos. Ela murmurou algo em grego, e Jason teve o pressentimento que não era elogioso para centauros.

“Me desculpe,” Jason disse. “Acho que minha presença aqui — eu não sei. Eu baguncei as coisas vindo para o acampamento, de algum jeito. Quíron disse que ele declarou um juramento e não podia falar sobre isso.”

“Que juramento?” Annabeth perguntou. “Eu nunca vi ele agir assim. E por que ele iria me dizer para eu lhe falar sobre os deuses...”

Sua voz morreu. Aparentemente ele notou a espada de Jason acomodada na mesinha de café. Ela tocou a lâmina cuidadosamente, como se pudesse estar quente.

“É ouro?” ela disse. “Você lembra onde a conseguiu?”

“Não,” Jason disse. “Como disse, não lembro de nada.”

Annabeth assentiu, como se tivesse acabado de bolar um plano um pouco desesperado. “Se Quíron não ajudará, temos que descobrir as coisas por nós mesmos. O que significa... Chalé Quinze. Rachel, você vai ficar de olho na Piper?”

“Claro,” Rachel prometeu. “Boa sorte, vocês dois.”

“Espere,” Jason disse. “O que tem no Chalé Quinze?”

Annabeth ficou de pé. “Talvez um jeito de conseguir sua memória de volta.”

Eles foram em direção a uma asa mais nova de chalés no canto sudoeste do campo. Alguns eram luxuosos, com paredes brilhantes ou tochas em chamas, mas o Chalé Quinze não era tão dramático. Parecia uma casa de campo antiquada com paredes de lama e um telhado ímpeto. Na porta havia pendurada uma coroa de flores carmesim — papoulas vermelhas, Jason pensou, embora não tivesse certeza como sabia.

“Você acha que é o chalé do meu pai?” ele perguntou.

“Não,” Annabeth disse. “É o chalé para Hipnos, o deus do sono.”

“Então por quê —”

“Você esqueceu tudo,” ela disse. “Se há um deus que pode nos ajudar a descobrir perda de memória, esse é Hipnos.”

Dentro, mesmo que já estava quase na hora do jantar, três crianças soavam adormecidas debaixo de pilhas de cobertas. Um fogo vivo estalava na lareira. Sobre a cornija pendia um ramo de árvore, cada galho pingando líquido branco numa coleção de vasos de estanho. Jason estava tentado a pegar uma gota no seu dedo só para ver o que era, mas deteve-se.

Uma música suave de violino tocava de algum lugar. O ar cheirava como lavanderia limpa. O chalé era tão aconchegante e pacífico que as pálpebras de Jason começaram a se sentirem pesadas. Uma soneca parecia uma grande ideia. Ele estava exausto. Havia várias camas vazias, todas com travesseiros de pena e lençóis limpos e colchas fofas e — Annabeth o cutucou. “Sai dessa.”

Jason pestanejou. Ele percebeu que seus joelhos estavam começando a dobrar.

“O Chalé Quinze faz isso com todos,” Annabeth avisou. “Se você me perguntar, esse lugar é ainda mais perigoso que o chalé de Ares. Pelo menos com Ares, você pode aprender onde as minas terrestres estão.”

“Minas terrestres?”

Ela se aproximou a criança roncando mais próxima e balançou seu ombro. “Clovis! Acorde!”

A criança parecia um bebê. Ele tinha um topete loiro numa cabeça em forma de cunha, com feições grossas e um grande pescoço. Seu corpo era sólido, mas ele tinha pequenos braços finos como se nunca houvesse levantado algo mais pesado que um travesseiro.

“Clovis!” Annabeth balançou mais forte, então finalmente bateu na sua testa aproximadamente seis vezes.

“O-o-o quê?” Clovis reclamou, sentando e apertando os olhos. Ele bocejou imensamente, e Annabeth e Jason bocejaram também.

“Pare com isso!” Annabeth disse. “Precisamos de sua ajuda.”

“Eu estava dormindo.”

“Você *sempre* está dormindo.”

“Boa noite.”

Antes que ele pudesse adormecer, Annabeth puxou seu travesseiro da cama.

“Não é justo,” Clovis reclamou humildemente. “Devolva.”

“Primeiro ajuda,” Annabeth disse. “Depois dorme.”

Clovis suspirou. Sua respiração cheirava como leite quente. “Certo. O quê?”

Annabeth explicou sobre o problema de Jason. Todas as vezes ela estalava os dedos sob o nariz de Clovis para mantê-lo acordado.

Clovis deve ter ficado realmente animado, porque quando Annabeth acabou, ele não dormiu. Ele na verdade levantou e esticou-se, então sorriu para Jason.

“Então você não lembra de nada, hein?”

“Só impressões,” Jason disse. “Sensações, como...”

“Sim?” Clovis disse.

“Como eu sei que não devia estar aqui. Nesse acampamento. Estou em perigo.”

“Hum... Feche seus olhos.”

Jason olhou para Annabeth, mas ela assentiu de forma tranquilizadora.

Jason sentiu medo se acabaria roncando em um dos beliches para sempre, mas ele fechou os olhos. Seus pensamentos tornaram-se obscuros, como se ele estivesse afundando num lago escuro.

A próxima coisa que ele sabia, seus olhos cederam. Ele estava numa cadeira pelo fogo. Clovis e Annabeth ajoelharam-se do lado dele.

“— sério, tudo bem,” Clovis estava falando.

“O que aconteceu?” Jason disse. “Quanto —”

“Só alguns minutos,” Annabeth disse. “Mas foi tenso. Você quase dissolveu.”

Jason esperou que ela tivesse dito *literalmente*, mas sua expressão estava séria.

“Geralmente,” Clovis disse, “memórias são perdidas por um bom motivo. Elas afundam na superfície como sonhos, e com um bom sono, eu posso trazê-las de volta. Mas isso...”

“Letes?” Annabeth perguntou.

“Não,” Clovis disse. “Nem Letes.”

“Letes?” Jason perguntou.

Clovis apontou para o ramo de árvore derramando gotas leitosas sobre a lareira. “O Rio Letes no Mundo Inferior. Dissolve suas memórias, limpa sua mente permanentemente. É o ramo de uma árvore de álamo do Mundo Inferior, mergulhada no Letes. É o símbolo do meu pai, Hipnos. Letes não é um lugar que você queira nadar.”

Annabeth assentiu. “Percy foi lá uma vez. Ele me disse que poderoso o bastante para limpar a mente de um titã.”

Jason estava subitamente feliz por não ter tocado o ramo. “Mas... não é meu problema?”

“Não,” Clovis concordou. “Sua mente não foi limpa, e suas memórias não foram enterradas. Elas foram roubadas.”

O fogo estalou. Gotas da água do Letes gotejavam nos copos de estanho na cornija. Um dos outros campistas do Hipnos murmuraram no sono — algo sobre um pato.

“Roubadas,” Jason disse. “Como?”

“Um deus,” Clovis disse. “Só um deus teria esse tipo de poder.”

“Sabemos disso,” disse Jason. “Foi Juno. Mas como ela fez isso, e por quê?”

Clovis coçou o pescoço. “Juno?”

“Ele quer dizer Hera,” Annabeth disse. “Por algum motivo, Jason gosta dos nomes romanos.”

“Hum,” Clovis disse.

“O quê?” Jason perguntou. “Significa algo?”

“Hum,” Clovis disse novamente, e dessa vez Jason percebeu que ele estava roncando.

“Clovis!” ele gritou.

“O quê? O quê?” Seus olhos alargaram-se. “Estábamos falando sobre travesseiros, certo? Não, deuses. Eu lembro. Gregos e romanos. Certo, pode ser importante.”

“Mas eles são os mesmos deuses,” Annabeth disse. “Apenas com nomes diferentes.”

“Não exatamente,” Clovis disse.

Jason sentou-se, agora muito mais acordado. “O que você quer dizer, não exatamente?”

“Bem...” Clovis bocejou. “Alguns deuses são apenas romanos. Como Jano, ou Pomona. Mas até os maiores deuses gregos — não foi só o nome deles que mudou quando moveram para Roma. Suas aparências mudaram. Seus atributos mudaram. Eles até tiveram personalidades levemente diferentes.”

“Mas...” Annabeth vacilou. “Ok, então talvez as pessoas os viram diferentemente através dos séculos. Isso não muda quem eles são.”

“Com certeza sim.” Clovis começou a adormecer, e Jason estalou os dedos sob seu nariz.

“Estou indo, mãe!” ele gritou. “Digo... Sim, estou acordado. Então, hã, personalidades. Os deuses mudam para refletir às suas culturas locais. Você sabe disso, Annabeth. Digo, nesses dias, Zeus gosta de ternos feitos por alfaiates, realidade na televisão, e aquele restaurante de comida chinesa na Rua Vigésima-oitava leste, certo? Era o mesmo nos tempos romanos, e os deuses eram romanos tanto quanto eles eram gregos. Era um grande império, conservado por séculos. Então naturalmente os seus aspectos romanos ainda são uma grande parte dos seus caráteres.”

“Faz sentido,” Jason disse.

Annabeth balançou a cabeça, iludida. “Mas como você sabe isso tudo, Clovis?”

“Ah, eu gasto muito tempo sonhando. Eu vejo os deuses neles o tempo todo — sempre mudando de forma. Sonhos são fluidos, você sabe. Você pode estar em lugares diferentes de uma só vez, sempre mudando identidades. É tanto quanto ser um deus, na verdade. Como recentemente, eu sonhei que estava assistindo uma apresentação do Michael Jackson, e então eu estava no palco *com* o Michael Jackson, e estávamos cantando essa música, e eu *não* conseguia lembrar as palavras para ‘The Girl Is Mine.’ Ah, gente, foi tão embarracoso, eu —”

“Clovis,” Annabeth interrompeu. “De volta a Roma?”

“Certo, Roma,” Clovis disse. “Assim nós chamados os deuses pelos seus nomes gregos porque são as suas formas originais. Mas dizer que seus aspectos romanos são

exatamente o mesmo — isso não é verdade. Em Roma, eles se tornaram mais militares. Eles não se misturavam muito com mortais. Eles eram severos, mais poderosos — os deuses de um império.”

“Como o lado negro dos deuses?” Annabeth perguntou.

“Não exatamente,” Clovis disse. “Eles erguiam-se para a disciplina, honra, força ____”

“Coisas boas, então,” Jason disse. Por algum motivo, ele sentia a necessidade de falar pelos deuses romanos, embora não tivesse certeza do que isso importava para ele. “Digo, disciplina é importante, certo? É o que fez Roma continuar por tanto tempo.”

Clovis lhe deu um olhar curioso. “É verdade. Mas os deuses romanos não eram muito amigáveis. Por exemplo, meu pai, Hipnos... ele não fazia muito a não ser dormir nos tempos gregos. Nos tempos romanos, eles o chamavam de Somnus. Ele gostava de matar as pessoas que não ficavam alertas aos seus trabalhos. Se eles adormecessem na hora errada, *bum* — eles nunca acordariam. Ele matou o piloto de Eneias quando eles estavam saindo a barco de Troia.”

“Cara legal,” Annabeth disse. “mas eu ainda não entendo o que isso tem a ver com Jason.”

“Nem eu,” Clovis disse. “Mas se Hera pegou sua memórias, só ela pode devolvê-la. E se eu tivesse que encontrar a rainha dos deuses, eu esperaria que ela estivesse mais num ânimo Hera do que num ânimo Juno. Posso voltar a dormir agora?”

Annabeth olhou para o ramo sobre o fogo, pingando água do Letes nos vasos. Ela parecia tão preocupada, Jason queria saber se ela estava considerando uma bebida para esquecer seus problemas. Então ela levantou e jogou para Clovis seu travesseiro. “Obrigada, Clovis. “Vemos você no jantar.”

“Posso ter serviço de quarto?” Clovis bocejou e topou-se no seu beliche. “Me sinto meio... zzzz...” Ele caiu com sua cabeçada no ar e seu rosto enterrou-se no travesseiro.

“Ele não vai sufocar?” Jason perguntou.

“Ele ficará bem,” Annabeth disse. “Mas estou começando a achar que você está em sérios problemas.”

PIPER

PIPER SONHOU SOBRE SEU ÚLTIMO DIA com o pai.

Eles estavam na praia perto de Big Sur, descansando do surfe. A manhã foi tão perfeita que Piper sabia que algo tinha que dar errado logo — uma multidão furiosa de paparazzi, ou talvez um grande tubarão branco atacaria. De jeito nenhum sua sorte poderia continuar.

Mas até agora, eles tinham excelentes ondas, um céu nublado, e dois quilômetros de mar completamente para eles. Seu pai encontrou esse lugar fora da trilha, alugou uma casa de campo com vista para o mar e as propriedades em cada lado, e de algum jeito conseguiu manter isso em segredo. Se ele ficasse ali muito tempo, Piper sabia que os fotógrafos o encontrariam. Eles sempre encontravam.

“Belo trabalho aqui, Pipes.” Ele lhe deu o sorriso pelo qual ele era famoso: dentes perfeitos, queixo com covinhas, uma piscadela nos seus olhos escuros que sempre brotavam um grito nas mulheres e as faziam pedir-lhe para assinar seus corpos com tinta permanente. (*É sério*, Piper pensou, *tenha uma vida*.) Seu cabelo negro cortado a escovinha brilhava com água salgada. “Você está ficando melhor no Hang Ten.”

Piper corou em orgulho, embora ela suspeitasse que o pai só estava sendo simpático. Ela ainda gastava a maioria do tempo caindo. Parecia um talento especial atropelar a si mesma com uma prancha de surfe. Seu *pai* era um surfista natural — o que não fazia nenhum sentido desde que ele ressuscitou uma pobre criança em Oklahoma, centenas de quilômetros do oceano — mas ele era incrível nas ondulações. Piper teria desistido de surfar a muito tempo atrás exceto que isso a deixava ficar com ele. Não haviam muitos jeitos para conseguir aquilo.

“Sanduíche?” O pai cavou na cesta de piquinique que seu *chef*, Arno, fizera. “Vamos ver: pesto de peru, bolo de caranguejo wasabi — ei, um especial da Piper. Manteiga de amendoim e geleia.”

Ela pegou o sanduíche, embora seu estômago estivesse muito agitado para comer. Ela sempre pedia PJ&B. Piper era vegetariana, por uma coisa. Ela era desde que haviam passado dirigindo por aquele matadouro em Chino e o cheiro fez as suas entradas quererem ir para fora. Mas era mais que isso. PB&J era comida simples, como

uma criança normal teria para almoço. Às vezes ela fingiu que era seu pai que fazia isso para ela, não um personal chef da França que gostava de enrolar o sanduíche numa folha de ouro com um diamante brilhante ao invés de um palito de dente.

Alguma coisa não podia ser simples? É por isso que ela recusava as roupas elaboradas que seu pai sempre oferecia, o estilista de sapatos, as visitas ao salão. Ela cortava seu próprio cabelo com um par de tesouras de plásticos seguras do Garfield, deliberadamente o tornando desigual. Ela preferia usar tênis velhos, jeans, uma camiseta, e sua antiga jaqueta da vez que foram esquiar na neve.

E ela odiava as escolas particulares esnobes que papai pensava que eram boas para ela. Ela continuava sendo espulsa. Ele continuou a encontrar mais escolas.

Ontem, ela tinha realizado seu maior guincho mais uma vez — dirigindo aquela BMW “emprestada” para fora da concessionária. Ela *tinha* que realizar uma proeza maior toda a vez, porque estava mais difícil ainda conseguir a atenção do pai.

Agora ela lamentava. O pai ainda não sabia.

Ela queria contá-lo essa manhã. Ele havia surpreendido-a com essa viagem, e ela não podia arruinar isso. Era a primeira vez que eles teriam um dia juntos em o que — três meses?

“Qual o problema?” Ele lhe passou um refrigerante.

“Pai, tem uma coisa —”

“Espere, Pipes. Isso é uma face séria. Pronta para Três Perguntas Quaisquer?”

Eles estiveram jogando aquele jogo por anos — o modo do seu pai de ficar conectado no menor tempo possível. Eles podiam perguntar um para o outro três perguntas quaisquer. Nada fora dos limites, e você tinha que responder honestamente. O resto do tempo, o pai prometia focar fora da vida dela — o que era fácil, desde que ele nunca estava por perto.

Piper sabia que a maioria das crianças acharia um Perguntas e Respostas assim com os pais totalmente mortificante. Mas ela avançou a isso. Era como surfar — não fácil, mas um jeito de sentir como se realmente tivesse um pai.

“Primeira pergunta,” ela disse. “Mamãe.”

Sem surpresa. Era sempre um dos seus tópicos.

Seu pai deu de ombros com resignação. “O que você quer saber, Piper? Eu já lhe disse — ela desapareceu. Não sei porquê, ou para onde ela foi. Depois que você nasceu, ela simplesmente partiu. Eu nunca mais ouvi falar dela.”

“Você acha que ela ainda está viva?”

Não era uma pergunta real. Seu pai permitia-se dizer que não sabia. Mas ela queria ouvir como ele responderia.

Ele olhou para as ondas.

“Seu avô Tom,” ele disse finalmente, “ele costumava me dizer que se você andar longe o bastante para o pôr-do-sol, você viria para o País Fantasma, onde você poderia conversar com a morte. Ele disse a muito tempo atrás, você poderia trazer a morte de volta; mas então a humanidade bagunçaria. Bem, é uma longa história.”

“Como a Terra dos Mortos para os gregos,” Piper lembrou. “Era no oeste, também. E Orfeu — ele tentou trazer sua esposa de volta.”

Seu pai assentiu. Um ano antes, ele tivera esse papel maior como um rei da Grécia Antiga. Piper havia lhe ajudado a pesquisar os mitos — todas aquelas histórias antigas sobre pessoas virando pedra e afundando em lagos de lava. Eles tiveram um tempo divertido lendo juntos, e isso fez a vida de Piper não parecer tão má. Por um instante ela se sentiu mais próxima do pai, mas como tudo, isso não continuou.

“Várias semelhanças entre os gregos e os Cherokee,” o pai concordou. “Eu penso o que seu avô pensaria se nos visse agora, sentando no fim da terra ocidental. Ele provavelmente pensaria que somos fantasmas.”

“Então você está dizendo que acredita nessas histórias? Você acha que a mamãe está morta?”

Seus olhos molharam, e Piper viu a tristeza atrás dele. Ela entendeu o porquê de mulheres serem tão atraentes para ele. Na superfície, ele parecia confiante e forte, mas seus olhos seguravam muita tristeza. Mulheres queriam descobrir porquê. Elas queriam confortá-lo, e elas nunca podiam. O pai contava a Piper que era coisa de Cherokee — todos eles tinham aquela escuridão dentro deles de gerações de dor e sofrimento. Mas Piper pensou que era mais que isso.

“Eu não acredito nas histórias,” ele disse. “Elas são divertidas de contar, mas se eu realmente acreditasse em País Fantasma, ou espíritos animais, ou deuses gregos... eu não acho que poderia dormir na noite. Eu sempre estaria procurando por alguém para acusar.”

Alguém para acusar pela morte do vovô Tom de câncer de pulmão, Piper pensou, antes que seu pai ficasse famoso e tivesse dinheiro para ajudar. Para mamãe — a única mulher que ele já amou — abandoná-lo sem mesmo uma carta de adeus, deixando-o com uma garota recém-nascida pelo qual ele não estava pronto para cuidar. Para ele ser um sucesso tão grande, e ainda infeliz.

“Eu não sei se ela está viva,” ele disse. “Mas eu acho que ela também pode estar no País Fantasma, Piper. Não há volta para ela. Se eu acreditasse por outro lado... eu não acho que poderia tolerá-la, afinal.”

Atrás deles, a porta de um carro abriu. Piper virou, e seu coração afundou. Jane estava marchando na direção deles no seu terno de trabalho, vacilando sobre a areia nos seus altos calcanhares, seu PDA na mão. O olhar no seu rosto estava em parte confuso, em parte triunfante, e Piper sabia que ela manteria contato com a polícia.

Por favor caia, Piper rezou. Se há algum espírito animal ou deus grego que possa ajudar, a faça dar um mergulho. Não estou pedindo dano permanente, só eliminá-la pelo resto do dia, por favor?

Mas Jane continuou avançando.

“Pai,” Piper disse rapidamente. “Uma coisa aconteceu ontem...”

Mas ele viu Jane também. Ele já estava reconstruindo seu rosto de negócios. Jane não estaria aqui se não fosse sério. Um diretor de estúdio chamava — um projeto foi arruinado — ou Piper havia estragado tudo novamente.

“Vamos voltar a isso, Pipes,” ele prometeu. “É melhor eu ver o que a Jane quer. Você sabe como ela é.”

Sim — Piper sabia. O pai marchou pela areia para encontrá-la. Piper não podia ouvi-los conversando, mas ela não precisava. Ela era boa em leitura facial. Jane lhe deu os fatos sobre o carro roubado, ocasionalmente apontando para Piper como se ela fosse um animal repulsivo que silvava no carpete.

A energia e entusiasmo do pai drenaram. Ele gesticulou pra Jane esperar. Então ele voltou para Piper. Ela não podia aguentar aquele olhar nos olhos deles — como se ela tivesse traído sua confiança.

“Você me disse que iria tentar, Piper,” ele disse.

“Pai, eu odeio aquela escola. Eu não posso fazer isso. Eu queria lhe dizer sobre a BMW, mas —”

“Eles lhe expulsaram,” ele disse. “Um carro, Piper? Você vai fazer dezesseis no próximo ano. Eu lhe compraria qualquer carro que quisesse. Como você pôde —”

“Você quer dizer que *Jane* me compraria um carro?” Piper exigiu. Ela não podia ajudar nisso. A raiva só aumentava e derramava para fora dela. “Pai, só ouça por uma vez. Não me faça esperar por você para fazer suas estúpidas três perguntas. Eu quero ir para uma escola normal. Eu quero que *você* me leve para a noite dos pais, e não Jane.

Ou me eduque em casa! Eu aprendi tanto quando lemos sobre a Grécia juntos. Poderíamos fazer isso toda a hora! Poderíamos —”

“Não faça isso comigo,” seu pai disse. “Eu faço o melhor que posso, Piper. Já tivemos essa conversa.”

Não, ela pensou. Você adiou essa conversa. Por anos.

Seu pai suspirou. “Jane falou com a polícia, fechou um acordo. A concessionária não pressionar, mas você tem que concordar em ir para um internato em Nevada. Eles são especialistas em problemas... em crianças com assuntos difíceis.”

“É o que eu sou.” Sua voz estremeceu. “Um problema.”

“Piper... você disse que tentaria. Você me desapontou. Eu sei mais o que fazer.”

“Faça qualquer coisa,” ela disse. “Mas faça você mesmo! Não deixe Jane cuidar disso para você. Você não pode simplesmente me despachar.”

O pai olhou para a cesta de pique-nique. Seu sanduíche estava intocado num pedaço de folha dourada. Eles planejaram uma tarde inteira no surfe. Agora isso estava arruinado. Piper não pôde acreditar que ele realmente cedera aos desejos da Jane. Não dessa vez. Não em algo maior que um internato.

“Vá vê-la,” papai disse. “Ele tem os detalhes.”

“Pai...”

Ele desviou o olhar, olhando para o oceano como se pudesse ver todo o caminho para o País Fantasma. Piper prometeu a si que não iria chorar. Ela foi em direção a Jane, que sorria friamente e segurava uma passagem de voo. Como sempre, ela já arranjou tudo. Piper era só outro problema diário que Jane agora podia tirar da lista.

* * *

O sonho de Piper mudou.

Ela estava no topo de um Monte de noite, as luzes da cidade cintilando abaixo. Em frente a ela, uma fogueira luzia. As chamas arroxeadas pareciam fazer mais sombras que a luz, mas o calor era tão intenso que suas roubas queimavam.

“Esse é o seu segundo alerta,” uma voz ressoou, tão poderosa que sacudiu o mundo. Piper ouvira aquela voz antes nos seus sonhos. Tentou convencer-se que não era tão assustador quanto ela lembrava, mas era pior.

Atrás da fogueira, um grande rosto aparecia indistintamente na escuridão. Parecia flutuar sobre as chamas, mas Piper sabia que devia estar conectado a um corpo

enorme. As feições rudes devem ter sido esculpidas de rochas. O rosto díbilmente parecia vivo exceto pelos seus penetrantes olhos brancos, como diamantes novos, e sua estrutura horrível de medo, trançada com ossos humanos. Ela sorriu, e Piper tremeu.

“Você fará o que lhe for dito,” o gigante disse. “Você irá na missão. Execute nossa ordem, e você pode partir viva. Caso contrário —”

Ele gesticulou para um lado do fogo. O pai de Piper estava pendurado inconsciente, amarrado num poste.

Ela tentou gritar. Ela queria chamar pelo seu pai, e exigir que o gigante o soltasse, mas sua voz não funcionaria.

“Estarei observando,” o gigante disse. “Me siva, e ambos vivem. Você tem a palavra de Encélado. Me falhe... bem, eu dormir por um milênio, jovem semideusa. Eu estou com *muita* fome. Falhe, e vou comer bem.”

O gigante riu. A terra estremeceu. Uma fenda abriu-se nos pés de Piper, e ela tombou na escuridão.

Ela acordou como se tivesse sido pisoteada por uma multidão dançando o passo-irlandês. Seu peito doía, e ela mal podia respirar. Ela desceu e fechou a mão ao redor do punho da adaga que Annabeth lhe dera — Katoptris, a arma da Helena de Troia.

Então o Acampamento Meio-Sangue não foi um sonho.

“Como você está se sentindo?” alguém perguntou.

Piper tentou focar-se. Ela estava deitada numa cama com uma cortina branca num lado, como uma enfermaria. Aquela garota ruiva, Rachel Dare, sentava perto dela. Na parede tinha um pôster com o desenho de um sátiro que parecia incomodamente como o Treinador Hedge com um termômetro na boca. A legenda dizia: *Não deixe doenças chegarem ao seu bode!*

“Onde —” A voz de Piper morreu quando ela viu o sujeito na porta.

Ele parecia um surfista típico da Califórnia — bronzeado, cabelo loiro, vestindo um short e uma camiseta. Mas ele tinha centenas de olhos azuis sobre o corpo — ao longo dos braços, nas pernas, e em todo o rosto. Até seus pés tinham olhos, olhando para ela por entre as tiras das sandálias.

“Esse é Argos,” Rachel disse, “nossa chefe da segurança. Ele só está dando uma olhada nas coisas... por assim dizer.”

Argos assentiu. O olho no seu queixo piscou.

“Onde — ?” Piper tentou novamente, mas sentia como se estivesse falando através de um bocado de algodão.

“Você está na Casa Grande,” Rachel disse. “Escritórios do acampamento. Lhe trazemos aqui quando você caiu.”

“Você me agarrou,” Piper lembrou. “A voz de Hera — ”

“Me perdoe por aquilo,” Rachel disse. “Acredite em mim, *não* foi minha ideia ser possuída. Quíron lhe curou com um pouco de néctar — ”

“Néctar?”

“A bebida dos deuses. Em pequenas quantidades, cura semideuses, se assim não — er — te reduz a cinzas.”

“Ah. Divertido.”

Rachel sentou-se mais para a frente. “Você lembra sua visão?”

Piper teve um momento de medo, pensando que ela dizia sobre o sonho com o gigante. Então ela percebeu que Rachel estava falando sobre o que aconteceu no chalé de Hera.

“Tem algo de errado com a deusa,” Piper disse. “Me disse para libertá-la, como se estivesse presa. Ela mencionou a terra nos engolindo, e um ardente, e algo sobre o solstício.”

No canto, Argos fez um som retumbante no peito. Seus olhos todos agitaram-se de uma vez.

“Hera criou Argos,” Rachel explicou. “Ele na verdade é bastante sensível quando vem para a segurança dela. Estamos tentando impedi-lo de chorar, porque da última vez que isso aconteceu... bem, causou uma bela duma inundação.”

Argos fungou. Ele pegou um punhado de lenços do criado-mudo e começou a esfregar todos os olhos sobre o corpo.

“Então...” Piper tentou não olhar enquanto Argos limpava as lágrimas dos cotovelos. “O que aconteceu com Hera?”

“Não temos certeza,” Rachel disse. “Annabeth e Jason estiveram aqui por você, a propósito. Jason não queria te deixar, mas Annabeth teve uma ideia — algo que pode restaurar as memórias dele.”

“Isso é... isso é legal.”

Jason estivera aqui por ela? Ela queria estar consciente para isso. Se ele conseguisse sua memória de volta, aquilo seria uma coisa boa? Ela ainda estava resistindo para a esperança que eles realmente conheciam um ao outro. Ela não queria que o relacionamento deles fosse só um truque da Névoa.

Recomponha-se, ela pensou. Se ela ia salvar seu pai, não importava se Jason gostava dela ou não. Ele a odiaria no fim. Todos aqui iriam.

Ele olhou para a adaga ceremonial amarrado no seu lado. Annabeth disse que era uma marca de poder e status, mas não normalmente usada em batalha. Tudo de amostra e nenhuma matéria. Uma falsa, assim como Piper. E seu nome era Katoptris, espelho. Ela não ousou desembainhá-la novamente, porque ela não poderia carregar para ver seu próprio reflexo.

“Não se preocupe.” Rachel apertou sua mãe. “Jason parece um cara bom. Ele tem uma visão também, muito parecida com a sua. O que quer que esteja acontecendo com Hera — eu acho que vocês dois deverão trabalhar juntos.”

Rachel sorriu como se fosse uma boa notícia, mas os espíritos de Piper afundaram mais ainda. Ela pensou que essa missão — o que quer que fosse — envolveria pessoas sem reputação. Agora Rachel estava basicamente lhe dizendo: *Boas notícias! Não só seu pai é que será sequestrado por um gigante canibal, você também conseguirá traír o cara que você gosta! Isso não é incrível?*

“Ei,” Rachel disse. “Não precisa chorar. Você vai compreender.”

Piper secou os olhos, tentando controlar-se. Essa não era ela. Ela devia ser resistente — uma ladra de carros endurecida, a aflição das escolas particulares de L.A. Aqui estava ela, chorando como um bebê. “Como você pode saber o que estou encarando?”

Rachel deu de ombros. “Eu sei que é uma escolha difícil, e suas opções não são perfeitas. Como disse, eu tenho intuições às vezes. Mas você será reclamada na fogueira. Tenho quase certeza. Quando você souber quem seu pai olimpiano é, as coisas podem ficar mais claras.”

Mais claras, Piper pensou. Não necessariamente melhores.

Ela sentou na cama. Sua testa doía como se alguém tivesse dirigido um prego entre seus olhos. *Não há como conseguir sua mãe de volta*, seu pai lhe dissera. Mas aparentemente, à noite, sua mãe a reclamaria. Pela primeira vez, Piper não tinha certeza se queria isso.

“Espero que seja Atena.” Ela ergueu os olhos, com medo que Rachel pudesse tirar sarro dela, mas o oráculo só sorriu.

“Piper, não lhe censuro. Sinceramente? Acho que Annabeth está esperando isso também. Vocês têm muito em comum.”

A comparação fez Piper se sentir mais culpada ainda. “Outra intuição? Você não sabe nada sobre mim.”

“Você se surpreenderia.”

“Você só está falando isso porque você é um oráculo, não é? Você devia soar toda misteriosa.”

Rachel riu. “Não fique dando meus segredos, Piper. E não se preocupe. As coisas vão se resolver — somente talvez não do jeito que você planeja.”

“Não está me fazendo sentir melhor.”

Em algum lugar distante, uma buzina de concha soou. Argos rosnou e abriu a porta.

“Jantar?” Piper supôs.

“Você dormiu durante ele,” Rachel disse. “Hora da fogueira. Vamos descobrir quem você é.”

PIPER

TODA A IDEIA DA FOGUEIRA ALUCINAVA PIPER. A fazia lembrar aquela grande fogueira nos sonhos, e seu pai amarrado num poste.

O que ela conseguiu era quase tão apavorante quanto: um grupo de canto. As escadas do anfiteatro eram gravadas no lado de uma colina, encarando um poço de fogo alinhado com pedras. Cinquenta ou sessenta crianças enchiam as fileiras, agrupadas sob vários banners.

Piper localizou Jason na frente, do lado de Annabeth. Leo estava por perto, sentando com um grupo de campistas fortes sob um banner cinza de aço brasonado com um martelo. Em pé à frente do fogo, meia-dúzia de campistas com guitarras e harpas antigas e estranhas — liras? — estavam pulando, liderando uma música sobre pedaços de armaduras, algo sobre como as suas avós vestiam-se para a guerra. Todos estavam cantando com eles e fazendo gestos para os pedaços de armadura e brincando. Foi possivelmente a coisa mais estranha que Piper já viu — uma daquelas músicas de fogueira que seriam completamente embaraçosas na luz do dia; mas no escuro, com todos participando, era meio que brega e divertido. Conforme o nível de energia crescia, as chamas também cresciam, virando de vermelho para laranja e para ouro.

Finalmente a música acabou com vários aplausos desordeiros. Um sujeito num cavalo trotou. Pelo menos na luz bruxuleante, Piper *pensou* que era um sujeito num cavalo. Então ela percebeu que era um centauro — na metade de baixo era um garanhão branco, na sua metade de cima um sujeito de meia-idade com cabelo cacheado e uma barba cortada. Ele brandiu uma lança espetada com marshmallows torrados. “Muito bem! E um bem-vindo especial para nossas novas visitas. Eu sou Quíron, diretor do acampamento e das atividades, e estou feliz que todos vocês chegaram aqui vivos e com a maioria dos seus membros fixados. Num momento, prometo que vamos aos marshmallows, mas primeiro —”

“E o capture a bandeira?” alguém gritou.

Rosnados romperam entre algumas crianças com armadura, dentando sob um banner vermelho com o emblema duma cabeça de javali.

“Sim,” o centauro disse. “Eu sei que o chalé de Ares estava ansioso para retornar à floresta para as nossas atividades regulares.”

“E matar pessoas!” um deles gritou.

“Porém,” Quíron disse, “até o dragão ser posto sob controle, isso não será possível. Chalé Nove, algo para informar a respeito disso?”

Ele virou para o grupo do Leo. Leo piscou para Piper e atirou nela com uma arma imaginária. A garota perto dele levantou-se inconfortavelmente. Ela vestia um casaco do exército como o de Leo, com seu cabelo coberto com uma bandana vermelha. “Estamos trabalhando nisso.”

Mais rosnados.

“Como, Nyssa?” uma criança de Ares exigiu.

“Realmente difícil,” a garota disse.

Ela sentou a vários gritos e reclamações, que fizeram o fogo crepitante caoticamente. Quíron bateu o casco contra as pedras do poço de fogo — *bang, bang, bang* — e os campistas silenciaram.

“Teremos que ser pacientes,” Quíron disse. “Entretanto, temos questões mais urgentes a discutir.”

“Percy?” alguém perguntou. O fogo escurecia a cada vez, mas Piper não precisava do ânimo das chamas para sentir a ansiedade da multidão.

Quíron gesticulou para Annabeth. Ela tomou um fôlego profundo e levantou.

“Eu não encontrei Percy,” ela anunciou. Sua voz falhou um pouco quando ela disse seu nome. “Ele não estava no Grand Canyon como pensei. Mas não estamos desistindo. Temos equipes em todos os lugares. Grover, Tyson, Nico, as Caçadoras de Ártemis — todos estão procurando. Nós *vamos* encontrá-lo. Quíron está falando sobre algo diferente. Uma nova missão.”

“É a Grande Profecia, não é?” uma garota gritou.

Todos viraram. A voz viera de um grupo atrás, sentando sob um banner cor-de-rosa com uma pomba. Eles estiveram conversando entre eles e não dando muita atenção até a líder deles se levantar: Drew.

Todos olharam surpresas. Aparentemente Drew não discutia muito com a multidão.

“Drew?” Annabeth disse. “O que você quer dizer?”

“Bem, vamos lá.” Drew abriu as mãos como se a verdade estivesse óbvia. “O Olimpo está fechado. Percy está desaparecido. Hera lhe manda uma visão e você volta com três novos semideuses num dia. Digo, algo estranho está acontecendo. A Grande Profecia começou, certo?”

Piper sussurrou para Rachel, “Sobre o que ela está falando — a Grande Profecia?”

Então ela percebeu que todos estavam olhando para Rachel, também.

“Então?” Drew invocou. “Você é o oráculo. Começou ou não?”

Os olhos de Rachel pareciam assustados na luz da fogueira. Piper tinha medo que ela pudesse apertar e começar a canalizar uma estranha deusa-pavão novamente, mas ela deu um passo à frente calmamente e disse ao acampamento.

“Sim,” ela disse. “A Grande Profecia começou.”

Pandemônio rompeu.

Piper pegou o olho do Jason. Ele gesticulou com os lábios, *Você está bem?* Ela assentiu e administrou um sorriso, mas então desviou o olhar. Era muito doloroso vê-lo e não estar com ele.

Quando a conversa finalmente baixou, Rachel deu outro passo para a plateia, e mais de cinquenta semideuses recuaram dela, como se uma mortal ruiva e magra fosse mais ameaçadora que todos eles colocados juntos.

“Para esses de vocês que não ouviram,” Rachel disse, “a Grande Profecia foi minha primeira profecia. Chegou a Agosto. É assim:

“Sete meio-sangues atenderão ao chamado. Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado —”

Jason atirou a seus pés. Seus olhos pareciam selvagens, como se tivesse acabado de ser acertado por uma arma de eletrochoque.

Até Rachel pareceu pega de surpresa. “J-Jason?” ela disse. “O que está —”

“Ut cum spiritu postrema sacramentum dejuremus,” ele cantou. *“Et hostes ornamenti addent ad ianuam necem.”*

Um silêncio inquietante estabeleceu-se no grupo. Piper pôde ver pelos seus rostos que vários deles estavam tentando traduzir as linhas. Ela podia dizer que era latim,

mas não tinha certeza porque seu esperançosamente futuro namorado estava subitamente cantando como um sacerdote católico.

“Você acabou de... finalizar a profecia,” Rachel gaguejou. “— *Um juramento a manter com um alento final / E inimigos com armas ás Portas da Morte afinal*. Como você —”

“Eu conheço essas linhas.” Jason tremeu e colocou as mãos nas têmporas. “Não sei como, mas eu *conheço* essa profecia.”

“Em latim, nada menos,” Drew gritou. “Bonito e esperto.”

Houve alguns risos do chalé de Afrodite. Deus, que bando de perdedores, Piper pensou. Mas não fazia muito para quebrar a tensão. A fogueira estava queimando uma tonalidade caótica e nervosa de verde.

Jason sentou, parecendo embarracado, mas Annabeth colocou uma mão no seu ombro e murmurou algo tranquilizador. Piper sentiu uma pontada de ciúmes. Devia ser *ela* do lado dele, confortando-o.

Rachel Dare ainda parecia um pouco mexida. Ela olhou para Quíron pedindo por orientação, mas o centauro continuou sorridente e em silêncio, como se estivesse assistindo uma peça que não poderia interromper — uma tragédia que acabaria com muitas pessoas mortas no palco.

“Bem,” Rachel disse, tentando recuperar sua compostura. “Então, é, essa é a Grande Profecia. Esperávamos que não pudesse acontecer por anos, mas temo que esteja começando agora. Não posso provar. Só uma sensação. E como Drew disse, alguma coisa estranha está acontecendo. Os sete semideuses, quem quer que sejam, ainda não foram reunidos. Tenho a sensação que alguns estão aqui essa noite. Alguns não.”

Os campistas começaram a agitarem e murmurarem, olhando um para o outro nervosamente, até uma voz sonolenta na multidão gritou, “Estou aqui! Ah... vocês estavam fazendo chamada?”

“Volte a dormir, Clovis,” alguém gritou, e várias pessoas riram.

“Entretanto,” Rachel continuou, “não sabemos o que a Grande Profecia significa. Não sabemos que desafio os semideuses irão enfrentar, mas como a *primeira* Grande Profecia profetizou a Guerra dos Titãs, podemos supor que a *segunda* Grande Profecia irá profetizar algo pelo menos nesse nível de maldade.”

“Ou pior,” Quíron murmurou.

Talvez ele não quisesse que todos ouvissem, mas ouviram.

A fogueira imediatamente virou roxo escuro, a mesma cor como no sonho de Piper.

“O que nós *sabemos*,” Rachel disse, “é que a primeira fase começou. Um problema maior surgiu, e precisamos de uma missão para resolver isso. Hera, a rainha dos deuses, foi pega.”

Silêncio chocado. Então cinquenta semideuses começaram a conversar de vez.

Quíron bateu seu casco novamente, mas Rachel ainda tinha que esperar antes que pudesse recuperar a atenção deles.

Ela contou-os sobre o acidente no céu do Grand Canyon — como Gleeson Hedge sacrificou-se quando os espíritos de tempestade atacaram, e os espíritos alertaram que era só o começo. Eles aparentemente serviam alguma grande mestra que destruiria todos os semideuses.

Então Rachel contou para eles sobre o desmaio de Piper no chalé de Hera. Piper tentou manter uma expressão calma, mesmo quando ela notou Drew na fileira de trás, pantominando um desmaio, e suas amigas rindo. Finalmente Rachel lhes contou sobre a visão de Jason na sala de estar da Casa Grande. A mensagem que Hera entregou era tão similar que Piper teve um calafrio. A única diferença: Hera alertara para Piper não traí-la: *Curve-se ao seu desejo, e o rei deles irá se erguer condenando todos nós.* Hera sabia sobre a ameaça do gigante. Mas se aquilo era verdade, por que ela não alertou Jason, e expôs Piper como uma agente inimiga?

“Jason,” Rachel disse. “Hã... você lembra seu último nome?”

Ele parecia autoconsciente, mas sacudiu a cabeça.

“Vamos só lhe chamar de Jason, então,” Rachel disse. “Está claro que a própria Hera lhe expediu uma missão.”

Rachel pausou, como se desse a Jason uma chance de protestar seu destino. Os olhos de todos estavam nele; havia tanta pressão, Piper pensou que teria se curvado na sua posição. Contudo ele parecia corajoso e determinado. Ele endureceu a mandíbula e assentiu. “Eu concordo.”

“Você deve salvar Hera para prevenir um grande mal,” Rachel continuou. “Algum tipo de rei a erguer-se. Por motivos que ainda não entendemos, deve acontecer no solstício de inverno, somente quatro dias a partir de agora.”

“Esse é o dia do conselho dos deuses,” Annabeth disse. “Se os deuses não já souberam que Hera sumiu, eles definitivamente irão reconhecer sua ausência pelo então. Eles provavelmente romperão brigando, acusando um ao outro de pegá-la. É o que eles geralmente fazem.”

“O solstício de inverno,” Quíron falou, “também é a hora da maior escuridão. Os deuses se reúnem nesse dia, como mortais sempre fazem, pois há força nos números. O solstício é um dia quando a magia do mal é forte. Magia *antiga*, mais velha que os deuses. É um dia quando as coisas... se agitam.”

O jeito que ele disse isso, agitação soou absolutamente sinistra — como se devesse ser um delito de primeiro grau, não algo que você fez para massa de biscoito.

“Ok,” Annabeth falou, olhando para o centauro. “Obrigada, Capitão Sunshine. Que quer que esteja acontecendo, eu concordou com Rachel. Jason foi escolhido para liderar essa missão, então —”

“Por que ele não foi reclamado?” alguém gritou do chalé de Ares. “Se ele é tão importante —”

“Ele foi reclamado,” Quíron anunciou. “Tempos atrás. Jason os dê uma demonstração.”

A princípio, Jason não pareceu entender. Ele deu um passo para frente nervosamente, mas Piper não pôde deixar de pensar como ele parecia incrível com seus cabelos loiros brilhando na luz do fogo, suas feições reais como a de uma estátua romana. Ele olhou para Piper, e ela assentiu encorajadoramente. Ele fez uma mímica de arremessar uma moeda.

Jason colocou uma mão no bolso. Sua moeda cintilou no ar, e quando ele a pegou na sua mãe, ele estava segurando uma lança — uma haste de ouro de aproximadamente dois metros, com uma ponta de dardo numa extremidade. Os outros semideuses ofegaram. Rachel e Annabeth deram um passo para trás para evitar a ponta, que parecia afiada como um furador de gelo.

“Isso não era...” Annabeth hesitou. “Pensei que você tinha uma espada.”

“Hã, sobe as extremidades, eu acho,” Jason disse. “Mesma moeda, forma de arma de longo alcance.”

“Rapaz, eu quero uma!” gritou alguém do chalé de Ares.

“Melhor que a lança elétrica da Clarisse, cara!” um dos seus irmãos concordou.

“Elétrica,” Jason murmurou como se fosse uma boa ideia. “Recuem.”

Annabeth e Rachel entenderam a mensagem. Jason levantou sua lança, e um trovão rompeu no céu. Todos os cabelos no braço de Piper se eriçaram. Um raio arqueou para baixo através do ponto da lança dourada e acertou a fogueira com a força de um projétil de artilharia.

Quando a fumaça dissipou, e o zumbido nos ouvidos de Piper diminuiu, o acampamento inteiro estava congelado em choque, meio cego, coberto de cinzas, olhando para o lugar onde a fogueira estava. Choveram cinzas de todo o lugar. Um pedaço de lenha queimando empalou-se alguns metros da criança dorminhoca Clovis, que não tinha nem se mexido.

Jason baixou sua lança. “Hã... desculpe.”

Quíron limpou algumas brasas queimando na sua barba. Ele fez uma careta como se seus piores medos fossem confirmados. “Um pouco destruidor, talvez, mas você conseguiu o que queria. E acredito que sabemos que seu pai é.”

“Júpiter,” Jason disse. “Quero dizer Zeus. Lorde do Céu.”

Piper não pôde deixar de sorrir. Fazia perfeito sentido. O deus mais poderoso, o pai de todos os maiores heróis nos mitos antigos — ninguém mais poderia ser possivelmente o pai de Jason.

Aparentemente, o resto do acampamento não tinha tanta certeza. Tudo quebrou em caos, com dúzias de pessoas perguntas coisas até Annabeth levantar os braços.

“Esperem!” ela disse. “Como ele pode ser filho de Zeus. Os Três Grandes... o pacto deles de não ter filhos mortais... como não pudemos ter sabido sobre ele antes?”

Quíron não respondeu, mas Piper teve a sensação de que ele sabia. E a verdade não era boa.

“A coisa importante,” Rachel disse, “é que Jason está aqui agora. Ele tem uma missão para cumprir, o que significa que ele precisará da sua própria profecia.”

Ela fechou os olhos e desmaiou. Dois campistas correram para a frente e a pegaram. Um terceiro correu para o lado do anfiteatro e pegou um banco dourado de três pernas, como se tivessem sido treinados para essa função. Eles soltaram Rachel no banco em frente à fogueira arruinada. Sem o fogo, a noite era escura, mas névoa verde começou a redemoinhar ao redor dos pés de Rachel. Quando ela abriu os olhos, eles estavam brilhando. Fumaça esmeralda surgiu de sua boca. A voz que saiu era raspante e antiga — o som que uma cobra faria se pudesse falar:

“Criança do raio, cuidado com a terra, A vingança dos gigantes os sete irão nascer, A forja e a pomba quebrarão a prisão, E a morta desatrelada pela ira de Hera.” (eu traduzi)

Na última palavra, Rachel caiu, mas seus ajudantes estavam esperando para pegá-la. Eles a arrebataram da fogueira e a deitaram no canto para descansar.

“Isso é normal?” Piper perguntou. Então ela percebeu que havia falado no silêncio, e todos estavam olhando para ela. “Digo... ela vomita fumaça verde constantemente?”

“Deuses, você é estúpida!” Drew zombou. “Ela acabou de emitir uma profecia — a profecia do Jason para salvar Hera! Por que você simplesmente não —”

“Drew,” Annabeth vociferou. “Piper fez uma pergunta clara. Algo sobre essa profecia *definitivamente* não é normal. Se quebrar a prisão de Hera libera sua ira e causa várias mortes... por que a libertaríamos? Pode ser uma armadilha, ou — ou talvez Hera vá se virar contra seus salvadores. Ela nunca foi gentil com heróis.”

Jason levantou. “Não tenho muita escolha. Hera pegou minha memória. Preciso dela de volta. Além disso, não podemos simplesmente *não* ajudar a rainha dos céus se ela está em perigo.”

Uma garota do chalé de Hefesto se levantou — Nyssa, a de bandana vermelha. “Talvez. Mas você devia ouvir a Annabeth. Hera pode ser vingativa. Ela jogou seu próprio filho — nosso pai — de um Monte só porque ele era feio.”

“*Realmente* feio,” riu alguém de Afrodite.

“Cale-se!” Nyssa rosnou. “Em todo o caso, também temos que pensar — por que tomar cuidado com a terra? E o que é a vingança dos gigantes? Com o que estamos tratando aqui que é poderoso o bastante para sequestrar a rainha dos céus?”

Ninguém respondeu, mas Piper notou Annabeth e Quíron tendo uma troca silenciosa. Piper pensou que era algo como:

Annabeth: *A vingança dos gigantes... não, não pode ser.*

Quíron: *Não fale disso aqui. Não os assuste.*

Annabeth: *Você está brincando comigo! Não podemos ser tão azarados.*

Quíron: *Depois, criança. Se você os contasse tudo, eles estariam muito aterrorizados para continuar.*

Piper sabia que era loucura pensar que ela podia ler suas expressões tão bem — duas pessoas que ela mal conhecia. Mas ela estava absolutamente positiva que ela os entendeu, e isso assustou suas jujubas para fora.

Annabeth respirou fundo. “É a missão do Jason,” ela anunciou, “então é a escolha do Jason. Obviamente, ele é a criança do raio. Segundo a tradição, ele pode escolher dois companheiros quaisquer.”

Alguém do chalé do Hermes gritou, “Bem, você obviamente, Annabeth. Você tem mais experiência.”

“Não, Travis,” Annabeth disse. “Primeiro, eu *não* estou ajudando Hera. Todas as vezes que tentei, ela me enganou, ou volta para trapacear depois. Esqueça. Sem chance. Em segundo lugar, a primeira coisa que vou fazer na manhã é partir para encontrar Percy.”

“É conectado,” Piper deixou escapar, sem saber como ela teve coragem. “Você sabe que é verdade, não é? Esse negócio completo, o desaparecimento do seu namorado — tudo está conectado.”

“Como?” perguntou Drew. “Se você é tão esperta, como?”

Piper tentou formar uma resposta, mas não conseguiu.

Annabeth a salvou. “Você pode estar certa, Piper. Se isso está conectado, vou descobrir do outro lado — procurando por Percy. Como disse, não estou prestes a apressar-me a resgatar Hera, mesmo se seu desaparecimento põe o resto dos olimpianos lutando novamente. Mas há outro motivo que eu não possa ir. A profecia diz diferente.”

“Diz quem *eu* escolho,” Jason concordou. “A forja e a pomba quebrarão a prisão. A forja é o símbolo de Vul — Hefesto.”

Sob o banner do Chalé Nove, os ombros da Nyssa caíram, como se lhe foi dada uma bigorna pesada para carregar. “Você tem que tomar cuidado com a terra,” ela disse, “você devia evitar viajar por terra. Você precisará de transporte aéreo.”

Piper estava prestes a gritar que Jason podia voar. Mas então ela pensou melhor a respeito. Aquilo era para Jason contá-los, e ele não estava voluntariando a informação. Talvez ele calculasse que já tivera alucinado-os o bastante para uma noite.

“A biga voadora está quebrada,” Nyssa continuou, “e os pégasos, estamos usando para procurar pelo Percy. Mas talvez o chalé do Hefesto possa ajudar descobrindo algo mais para ajudar. Com Jake incapacitado, sou a campista sênior. Posso voluntariar-me para a missão.”

Ela não soava entusiasmada.

Então Leo levantou-se. Ele estivera muito quieto, Piper quase esqueceu que ele estava ali, o que é totalmente *fora* do estilo de Leo.

“Sou eu,” ele disse.

Seus companheiros se agitaram. Vários tentaram empurrá-lo de volta ao assento, mas Leo resistiu.

“Não, sou eu. Eu sei que é. Eu tenho uma ideia para o problema do transporte. Deixem-me tentar. Eu posso resolver isso!”

Jason estudou-o por um momento. Piper tinha que certeza que ele ia dizer não para Leo. Aí ele sorriu. “Começamos isso juntos, Leo. Só parece certo que você venha também. Você nos encontra uma carona, você está dentro.”

“Yes!” Leo bateu o punho.

“Será perigoso,” Nyssa o alertou. “Miséria, monstros, sofrimento terrível. Possivelmente ninguém de vocês voltará vivo.”

“Ah.” Subitamente Leo não pareceu tão animado. Então ele lembrou que todos estavam observando. “Digo... Ah, legal! Sofrimento? Amo sofrimento! Vamos fazer isso.”

Annabeth assentiu. “Então, Jason, você só precisa escolher o terceiro membro da missão. A pomba —”

“Ah, absolutamente!” Drew estava de pé e brilhando um sorriso a Jason. “A pomba é Afrodite. Todos sabem disso. Eu sou *totalmente* sua.”

As mãos de Piper cerraram-se. Ela deu um passo à frente. “Não.”

Drew virou os olhos. “Ah, por favor, garota lixo. Desista.”

“Eu tive a visão de Hera; não você. Eu tenho que fazer isso.”

“Qualquer um pode ter uma visão,” Drew disse. “Você só estava no lugar certo na hora certa.” Ela virou para Jason. “Olhe, lutar é tudo bem, suponho. E pessoas que constroem coisas...” Ela olhou para Leo em desdém. “Bem, suponho que alguém tem que sujar as mãos. Mas você precisa de *charme* do seu lado. Eu posso ser muito persuasiva. Eu poderia ajudar muito.”

Os campistas começaram a murmurou sobre como Drew *era* bastante persuasiva. Piper podia ver Drew conquistando-os. Até Quíron estava coçando a barba, como se a participação de Drew subitamente fizesse sentido para ele.

“Bem...” Annabeth falou. “Dadas as palavras da profecia —”

“Não!” A própria voz de Piper soou estranha aos seus ouvidos — mais insistente e rica em tom. “Eu tenho que ir.”

Então a coisa mais estranha aconteceu. Todos começaram a assentir, murmurando que hum, o ponto de vista da Piper fazia sentido também. Drew olhou em volta, incrédula. Até algumas das suas próprias campistas estavam assentindo.

“Sai dessa!” Drew vociferou para a multidão. “O que Piper pode fazer?”

Piper tentou responder, mas sua confiança começou a se esvair. O que ela *podia* oferecer? Ela não era uma lutadora, ou planejadora, ou uma montadora. Ela não tinha experiência exceto entrar em encrencas e ocasionalmente convencer pessoas a fazer coisas estúpidas.

E mais, ela era uma mentirosa. Ela precisava ir nessa missão por motivos que iam além de Jason — e se ela fosse ela acabaria traizando todos ali. Ela ouviu aquela voz sonho: *Execute nossa ordem, e você pode partir viva.* Como ela podia fazer uma escolha assim — entre ajudar seu pai e ajudar Jason?

“Bem,” Drew disse presunçosamente, “suponho que resolve isso.”

Subitamente ouve uma arfada coletiva. Todos olharam para Piper como se ela fosse explodir. Ela queria saber o que fez de errado. Então ela percebeu que havia um brilho avermelhado ao redor dela.

“O quê?” ela perguntou.

Ela olhou sobre si, mas não havia nenhum sinal queimando como o que apareceu sobre Leo. Então ela olhou para baixo e ganiu.

Suas roupas... o que no mundo ela estava *vestindo*? Ela desprezava vestidos. Ela não *tinha* um vestido. Mas agora ela estava adornada num bonito vestido branco sem mangas que descia aos tornozelos, com um decote em forma de V tão baixo que era totalmente embaraçoso. Delicadas braçadeiras douradas revolvia seu bíceps. Um colar complexo de âmbar, coral, e flores douradas resplandecendo no seu peito, e seu cabelo...

“Ah, deus,” ela disse. “O que aconteceu?”

Uma Annabeth aturdida apontou para a adaga de Piper, que estava agora suja de óleo e brilhando, pendurada no seu lado por laços dourados. Piper não queria puxá-la. Ela tinha medo do que veria. Mas sua curiosidade venceu. Ela desembainhou Katoptris e olhou para seu reflexo na lâmina de metal polida. Seu cabelo estava perfeito: luxuriente, longo e castanho-chocolate, trançado com fitas douradas num lado de forma que caia no seu ombro. Ela até usava maquiagem, melhor do que Piper jamais iria saber se produzir — toques sutis que faziam seus lábios vermelho-cereja e exibia todas as cores diferentes no seus olhos.

Ela estava... ela estava...

“Linda,” Jason exclamou. “Piper, você... você está uma maravilha.”

Sob diferentes circunstâncias, aquilo teria sido o momento mais feliz da sua vida. Mas agora todos estavam olhando para ela como se fosse um fenômeno. O rosto de Drew estava completo de horror e revulsão. “Não!” ela gritou. “Não é possível!”

“Não sou eu,” Piper protestou. “Eu — não entendo.”

O centauro Quíron dobrou as pernas frontais e inclinou-se para ela, e todos os campistas seguiram seu exemplo.

“Saudações, Piper McLean,” Quíron anunciou gravemente, como se ele estivesse falando no seu funeral. “Filha de Afrodite, senhora das pombas, deusa do amor.”

L E O

LEO NÃO FICOU POR PERTO DEPOIS DE PIPER ficar bonita. Certo, era incrível e tudo — *Ela usa maquiagem! É um milagre!* — mas Leo tinha problemas para cuidar. Ele saiu do anfiteatro e correu na escuridão, pensando no que havia se metido.

Ele levantou em frente de um grupo de bravos e fortes semideuses e voluntariou-se — *voluntariou-se* — a uma missão que provavelmente o mataria.

Ele não mencionou ver Tía Callida, sua antiga babá, mas assim que ele ouviu sobre a visão do Jason — a senhora de vestido preto e xale — Leo soube que era a mesma mulher. Tía Callida era Hera. Sua babá do mal era a rainha dos deuses. Coisas assim que podiam realmente fritar seu cérebro.

Ele arrastou-se para a floresta e tentou não pensar sobre sua infância — todas as coisas bagunçadas que deixara para a morte da mãe. Mas ele não pôde deixar de pensar.

* * *

Na primeira vez que Tía Callida tentou matá-lo, ele devia ter uns dois anos. Tía Callida estava olhando ele enquanto sua mãe estava na oficina mecânica. Ela não era realmente sua tia, é claro — só uma das velhinhas na comunidade, uma *tía* genérica que ajudava a observar as crianças. Ela cheirava como um presunto cozido-de-mel, e sempre vestia um vestido de viúva com um xale preto.

“Vamos descê-lo para um cochila,” ela disse. “Vamos ver se você é meu corajoso pequeno herói, hein?”

Leo estava sonolento. Ela aninhou-o nos cobertores num monte quente de vermelhos e amarelos — travesseiros? A cama era como um cubículo na parede, feita de tijolos enegrecidos, com uma fenda em metal sobre sua cabeça e um buraco quadrado muito acima, onde ele podia ver as estrelas. Ele lembrou descansar confortavelmente, agarrando faíscas como vaga-lumes. Ele repousou, e sonhou com um barco feito de fogo, a navegar pelas cinzas. Ele imaginou-se a bordo, navegando pelo céu. Em algum lugar próximo, Tía Callida sentava na sua cadeira de balanço — *nhec, nhec, nhec* — e cantava uma canção de ninar. Mesmo com dois anos, Leo sabia a diferença entre inglês

e espanhol, e ele lembrou sendo confundido porque Tía Callida estava cantando numa linguagem que era desconhecida.

Tudo estava bem até sua mãe vir para casa. Ela gritou e correu para pegá-lo, gritando para Tía Callida, “Como você pôde?” Mas a velha senhora desapareceu.

Leo lembrou olhar sobre o ombro da mãe nas chamas ondulando ao redor dos seus cobertores. Só anos depois ele percebeu que estava dormindo numa lareira ardente.

A coisa mais estranha? Tía Callida não foi impedida sequer banida da casa deles. Ela apareceu novamente várias vezes nos próximos anos. Quando Leo tinha três anos, ela o deixou brincar com facas. “Você deve descobrir suas lâminas cedo,” ela insistia, “se você for meu herói algum dia.” Leo controlou não matar-se, mas ele teve a sensação que Tía Callida não teria se importado de um jeito ou de outro.

Quando Leo tinha quatro, Tía encontrou uma cascavel para ele num pasto próximo. Ela deu para ele uma vara e encorajou-o a mexer no animal. “Onde está sua bravura, pequeno herói? Mostre-me que as Moiras estavam certas para lhe escolher.” Leo olhou para aqueles olhos cor-de-âmbar, ouvindo o seco *shh-shh-ssh* do chocalho da cobra. Ele não podia trazer-se para picar a cobra. Não parecia justo. Aparentemente a cobra sentia o mesmo modo de picar uma criança pequena. Leo podia jurar que olhou para Tía Callida como, *Você é louca, senhora?* Em seguida, ela desapareceu na grama alta.

A última vez que ela cuidou dele foi quando Leo tinha cinco anos. Ela o trouxe um pacote de carvão e um bloco de papel. Eles sentaram juntos na mesa de piquenique atrás do condomínio, sob uma antiga árvore de noz-pecã. Enquanto Tía Callida cantava suas estranhas músicas, Leo desenhava uma pintura do barco que ele vira em chamas, com velas coloridas e fileiras de remos, uma popa curvada, e um mastro impressionante. Quando ele quase acabou, prestes a assinar seu nome do jeito que aprendeu no jardim de infância, uma ventania arrebatou o desenho. Ele voou para o céu e desapareceu.

Leo queria chorar. Ele gastou muito tempo naquele desenho — mas Tía Callida só cacarejou com desapontamento.

“Não é hora ainda, pequeno herói. Algum dia, você terá sua missão. Você encontrará seu destino, e sua dura jornada finalmente fará sentido. Mas primeiro você deve encarar várias dores. Eu lamento por isso, mas heróis não podem ser formados de um jeito diferente. Agora, me faça um fogo, hein? Esquente esses velhos ossos.”

Alguns minutos depois, a mãe de Leo saiu e gritou em horror. Tía Callida havia partido, mas Leo estava no meio de um fogo com fumaça. O bloco de papel estava reduzido a cinzas. Pedaços de carvão tinham derretido numa poça borbulhante de gosma multicolorida, e as mãos de Leo estavam flamejantes, lentamente queimando através da mesa de piquenique. Por anos depois, as pessoas no condomínio queriam saber como

alguém queimou as impressões dumas mãos de cinco anos de idade em dois centímetros e meio de profundidade na madeira maciça.

Agora Leo tinha certeza que Tía Callida, sua babá psicótica, era Hera por todo o tempo. Aquilo a fez, o que — sua avó divina? Sua família era ainda mais bagunçada do que ele percebeu.

Ele pensava se sua mãe sabia da verdade. Leo se lembrou depois daquela última visita, sua mãe o colocou para dentro e teve uma longa conversa com ele, mas ele só entendeu um pouco.

“Ela não pode voltar de novo.” Sua mãe tinha um rosto lindo com olhos gentis, e cabelo preto encaracolado, mas ela parecia mais velha do que era por causa do trabalho duro. As linhas ao redor dos estavam profundamente marcadas. Suas mãos estavam cheias de calos. Ela era a primeira pessoa na família a ter pós-graduação da faculdade. Ela tinha uma licenciatura em engenharia mecânica e podia projetar qualquer coisa, consertar qualquer coisa, construir qualquer coisa.

Ninguém iria contratá-la. Nenhuma companhia iria levá-la a sério, então ela acabou na oficina mecânica, tentando conseguir dinheiro suficiente para suportar os dois. Ela sempre cheirava a óleo de máquina, e quando ela falava com Leo, ela trocava de espanhol para inglês constantemente — usando-os como ferramentas complementares. Levou anos para Leo perceber que nem todos falavam daquele jeito. Ela até ensinou-o o código Morse como um tipo de jogo, então eles tocar mensagens um para o outro quando estavam em quartos diferentes: *Eu te amo. Está bem?* Coisas simples assim.

“Não me importo com o que Callida diz,” sua mãe lhe disse. “Não me importo sobre destino e as Moiras. Você é muito jovem para isso. Você ainda é meu bebê.”

Ela pegou as mãos dele, procurando marcas queimadas, mas naturalmente não havia nenhuma. “Leo, ouça-me. Fogo é uma ferramenta, como tudo mais, mas isso é mais perigoso que o resto. Você não sabe seus limites. Por favor, me prometa — sem fogo até você conhecer seu pai. Algum dia, *mijo*, você *irá* conhecê-lo. Ele explicará tudo.”

Leo ouvira aquilo desde quando ele podia lembrar. Algum dia ele conheceria o pai. Sua mãe não responderia perguntas sobre ele. Leo nunca o conheceu, nunca nem viu suas fotos, mas ela falava como se ele houvesse partido à loja por algum leite e voltaria a qualquer minuto. Leo tentava acreditar nela. Algum dia, tudo faria sentido.

Nos anos seguintes, eles foram felizes. Leo quase esqueceu a Tía Callida. Ele ainda sonhava com o barco voador, mas os outros eventos estranhos pareciam como um sonho também.

Isso tudo foi à parte quando ele tinha oito. Por então, ele estava gastando toda hora livre na oficina com a mãe. Ele sabia como usar as máquinas. Ele podia medir e fazer contas melhor que a maioria dos adultos. Ele aprendeu a pensar tridimensionalmente, resolvendo problemas mecânicos de cabeça do jeito que sua mãe fazia.

Uma noite, eles ficaram até mais tarde, pois sua mãe estava terminando um projeto de broca que ela esperava patentear. Se ela pudesse vender o protótipo, aquilo poderia mudar suas vidas. Ela finalmente teria descanso.

Enquanto trabalhava, Leo passava suas ferramentas e lhe contava piadas tolas, tentando manter sua animação. Ele adorava quando podia fazê-la rir. Ela sorria e diria, “Seu pai estaria orgulhoso de você, *mijo*. Você irá conhecê-lo em breve, tenho certeza.”

O espaço de trabalho de sua mãe era nos fundos extremos da oficina. Era um pouco assustador na noite, pois eles eram os únicos ali. Todos os sons ecoavam pelo armazém escuro, mas Leo não se importava enquanto estava com a mãe. Se ele passeasse pela oficina, eles sempre poderiam se comunicar com os toques do código Morse. Sempre que estavam prontos para ir, eles tinham que andar através de toda a oficina, pela sala de espera, e fora para o estacionamento, trancando as portas atrás deles.

Aquela noite depois de terminarem, eles chegaram à sala de espera quando sua mãe percebeu que ela não estava com as chaves.

“Engraçado.” Ela franziu. “Seu que estava com elas. Espere aqui, *mijo*. Só vou demorar um minuto.”

Ela deu-lhe mais um sorriso — o último que ele ainda conseguia — e voltou para o armazém.

Ela só havia ido alguns batimentos cardíacos quando a porta interior se fechou. Então a porta exterior trancou-se.

“Mãe?” O coração de Leo batia. Algo pesado quebrou-se dentro do armazém. Ele correu para a porta, mas não importava com quanta força ele empurrasse ou chutasse, ela não abriria. “Mãe!” Freneticamente, ele tocou uma mensagem na parede: *Está bem?*

“Ela não pode ouvir você,” uma voz disse.

Leo virou e encontrou-se encarando uma mulher estranha. A princípio ele pensou que era Tía Callida. Ela estava enrolada em robes negros, com um véu cobrindo seu rosto.

“Tía?” ele disse.

A mulher riu por entre os dentes, um lento som gentil, como se estivesse meio adormecida. “Eu não sou sua guardiã. A mera semelhança de família.”

“O que — o que você quer? Onde está minha mãe?”

“Er... leal à mãe. Que legal. Mas você entende, eu tenho filhos também... e eu entendo que você irá lutar com eles algum dia. Quando eles tentarem me levantar, você irá impedi-los. Eu não posso aceitar isso.”

“Eu não te conheço. Eu não quero lutar com ninguém.”

Ela murmurou como uma sonâmbula em transe, “Uma sábia escolha.”

Com um calafrio, Leo percebeu que a mulher estava, na verdade, adormecida. Atrás do véu, seus olhos estavam fechados. Porém mais estranho ainda: suas roupas não eram feitas de tecido. Elas eram feitas de *terra* — lama seca e negra, agitando e mudando ao redor dela. Seu rosto adormecido e pálido era pouco visível atrás de uma cortina de pó, ele teve a horrível sensação que ela tinha acabado de se levantar do túmulo. Se a mulher estava adormecida, Leo queria que ela ficasse desse jeito. Ele sabia que completamente acordada, ela seria ainda mais terrível.

“Não posso te destruir ainda,” a mulher murmurou. “As Moiras não permitirão. Mas elas não protegem sua mãe, e elas não podem me impedir de quebrar seu espírito. Lembre-se dessa noite, pequeno herói, quando eles pedirem para você opor-se a mim.”

“Deixe minha mãe em paz!” Medo cresceu na sua garganta enquanto a mulher embaralhava-se para frente. Ela movia mais como uma avalanche que uma pessoa, uma parede escura de terra deslocando-se para ele.

“Como você irá me parar?” ela sussurrou.

Ela andou direto através de uma mesa, as partículas do seu corpo remontando no outro lado.

Ela pairou sobre Leo, e ele sabia que ela iria passar direto por ele, também. Ele era a única coisa entre ela e sua mãe.

Suas mãos pegaram fogo.

Um sorriso sonolento propagou-se pelo rosto da mulher, como se ela já houvesse ganhado. Leo gritou em desespero. Sua visão ficou vermelha. Chamas lavaram sobre a mulher térrea, as paredes, as portas trancadas. E Leo perdeu a consciência.

Quando ele acordou, estava numa ambulância.

A paramédica tentou ser bondosa. Ela lhe disse que o armazém havia sido queimado. Sua mãe não havia escapado. A paramédica disse que sentia muito, mas Leo sen-

tiu um oco. Ele perdeu o controle, assim como sua mãe alertou. Sua morte era a sua culpa.

A polícia logo chegou para pegá-lo, e eles não eram tão gentis. O incêndio começou na sala de espera, eles disseram, certo onde Leo estava. Ele sobreviveu por um milagre, mas que tipo de criança trancava as portas do escritório da mãe, sabendo que ela estava do lado de dentro, e começava um incêndio?

Mais tarde, seus vizinhos no condomínio contaram à polícia que estranho garoto ele era. Eles falaram sobre as marcas queimadas de mãos na mesa de piquenique. Eles sempre souberam que havia algo de errado com o filho da Esperanza Valdez.

Seus parentes não iriam cuidar dele. Sua tia Rosa o chamou de *diablo* e gritou para os assistentes sociais levarem-no. Então Leo foi para sua primeira casa adotiva. Alguns dias depois, ele fugiu. Algumas casas adotivas duravam mais que outras. Ele contaria piadas, faria alguns amigos, fingia que nada o incomodava, mas ele sempre acabava correndo mais cedo ou mais tarde. Era a única coisa que fazia a dor melhor — sentir que estava se mexendo, ficando cada vez mais longe das cinzas daquela oficina mecânica.

Ele prometeu a si mesmo que nunca mais brincaria com fogo novamente. Ele não pensava em Tía Callida, ou a mulher dorminhoca enrolada em robes téreos, por um longo tempo.

Ele estava quase na floresta quando imaginou a voz da Tía Callida: *Não foi sua culpa, pequeno herói. Nossa inimigo se levanta. É hora de parar de fugir.*

“Hera,” Leo murmurou, “você nem está aqui, está? Você está numa prisão em algum lugar.”

Não houve resposta.

Mas agora, pelo menos, Leo entendia alguma coisa. Hera estivera observando-o durante toda a sua vida. De algum jeito, ela sabia que algum dia ela precisaria dele. Talvez aquelas Moiras que ela mencionou podiam dizer o futuro. Leo não tinha certeza. Mas ele sabia que *tinha* que ir à missão. A profecia do Jason os alertava para tomar cuidado com a terra, e Leo estava que tinha algo a ver com aquela mulher adormecida na oficina, enrolada em robes de lama deslocável.

Você encontrará seu destino, Tía Callida prometeu, *e sua dura jornada finalmente fará sentido.*

Leo podia entender o que aquele barco voador nos seus sonhos significava. Ele poderia conhecer seu pai, ou até conseguiria vingar a morte de sua mãe.

Mas primeiro as coisas principais. Ele prometeu a Jason uma carona voadora.

Não o barco dos seus sonhos — ainda não. Não era hora de construir algo tão complicado. Ele precisava de uma solução mais rápida. Ele precisava de um dragão.

Ele hesitou no lado da floresta, olhando na escuridão absoluta. Coruas assobiam, e algo muito distante silvava como um coro de serpentes.

Leo se lembrou do que Will Solace lhe disse: Ninguém deve entrar na floresta sozinho, definitivamente não desarmado. Leo não tinha nada — nenhuma espada, nenhuma lanterna, nenhuma ajuda.

Ele olhou atrás para as luzes dos chalés. Ele podia dar meia-volta agora e contar para todos que ele estava brincando. *Psiu!* Nyssa podia ir à missão em vez dele. Ele podia ficar no acampamento e aprender a ser parte do chalé de Hefesto, mas ele pensava quanto tempo demoraria a ele parecer seus companheiros de chalé — triste, abatido, convencido da sua própria má sorte.

*Elas não podem me impedir de quebrar seu espírito, a mulher adormecida disse-
ra. Lembre-se dessa noite, pequeno herói, quando eles pedirem para você opor-se a
mim.*

“Acredite em mim, senhora,” Leo sussurrou, “eu lembro. E quem quer que seja você, vou lhe encarar duramente, estilo-do-Leo.”

Ele respirou profundamente e mergulhou na floresta.

L E O

A FLORESTA NÃO ERA ALGUM LUGAR que ele estivera antes. Leo cresceu num condomínio ao norte de Houston. As coisas mais selvagens que ele já viu eram aquela cobra no pasto e sua tia Rosa de camisola, até ser mandado para a Wilderness School.

Até lá, a escola era no deserto. Sem árvores com raízes nodosas para tropeçar. Sem buracos para cair. Sem ramos moldando sombras escuras e arrepiantes e corujas olhando para ele com seus grandes olhos refletidos. Essa era a Zona Crepúsculo.

Ele tropeçou até ter certeza que ninguém nos chalé possivelmente poderiavê-lo. Então ele convocou fogo. Chamas dançaram pela ponta dos dedos, formando luz o suficiente para ver. Ele não tentou manter uma queimada sustentada desde que tinha cinco, na mesa de piquenique. Desde a morte da mãe, ele teve muito medo de tentar qualquer coisa. Até o seu fino fogo o fazia sentir-se culpado.

Ele continuou andando, procurando pistas de dragão — pegadas gigantes, árvores pisoteadas, trechos de floresta queimada. Algo tão grande não podia exatamente enganar, certo? Mas ele não viu *nada*. Uma vez ele localizou uma forma grande e peluda como um lobo ou um urso, mas ela ficou longe do seu fogo, o que estava bom para Leo.

Então, no meio de uma clareira, ele viu a primeira armadilha — uma cratera de cem metros de largura cercada com pedras.

Leo teve que admitir que era bastante ingênuo. No centro da depressão, um tanque de metal do tamanho de um ofurô que foi cheio com um escuro líquido borbulhante — molho de pimenta e óleo de motor. Num pedestal suspenso sobre o tanque, um ventilador elétrico rodava num círculo, propagando a fumaça pela floresta. Dragões de metal podiam cheirar?”

O tanque parecia estar desguardado. Mas Leo chegou perto, e na luz turva das estrelas e seu fogo de mão, ele pôde ver o clarão de metal abaixo da sujeira e folhas — uma rede de bronze alinhando a cratera inteira. Ou talvez *ver* não fosse a palavra certa — ele podia sentir que estava lá, como se o mecanismo estivesse emitindo calor, revelando-se a ele. Seis grandes tiras de bronze estendiam a partir do tanque como os traços de uma roda. Elas seriam sensíveis à pressão, Leo pensou. Assim que o dragão

pisasse em um, a rede iria saltar fechando-se, e *voilà* — um monstro embrulhado para presente.

Leo moveu para mais perto. Ele colocou o pé no gatilho de tira mais próximo. Como esperava, nada aconteceu. Eles deviam ter colocado a rede para algo realmente pesado. Caso contrário, eles poderiam pegar um animal, humano, monstro menor, seja o que for. Ele duvidou que houvesse algo mais pesado que um dragão de metal naquela floresta. Pelo menos, ele esperou que não houvesse.

Ele desceu na cratera e aproximou-se do tanque. A fumaça estava quase dominando, e seus olhos começaram a molhar. Ele se lembrou da vez que Tía Callida (Hera, seja o que for) fez para ele um pouco de jalapeños na cozinha e ele deixou cair o suco nos olhos. Dor séria. Mas é claro que ela ficou como, “*Suporte, pequeno herói. Os astecas da pátria de sua mãe costumavam punir crianças más detendo-os sobre fogo cheio de pimentas. Eles levantaram vários heróis desse jeito.*”

Uma psico total, aquela mulher. Leo se sentia tão feliz que estava numa missão para resgatá-la.

Tía Callida teria amado esse tanque, pois era um *jeito* pior que suco de jalapeño. Leo procurou por um gatilho — algo que desarmaria a rede. Ele não viu nada.

Ele teve um momento de pânico. Nyssa disse que haviam várias armadilhas assim na floresta, e eles estavam planejando mais. E se o dragão já pisou em alguma outra? Como Leo poderia possivelmente encontrar todas elas?

Ele continuou a procurar, mas não encontrou nenhum mecanismo liberado. Nenhum botão largo identificável. Ocorreu a ele que não poderia *haver* um. Ele começou a desanimar — e então ele ouviu o som.

Era mais como um tremor — o tipo de estranho profundo que você ouve melhor nas tripas do que nos ouvidos. Isso lhe deixou nervoso, mas ele não olhou em volta procurando a fonte. Ele só continuou examinando a armadilha, pensando, *Deve ser um longo caminho. Ele está indo no caminho através da floresta. Melhor ter pressa.*

Então ele ouviu um bufo grave, como fumaça forçada para fora de um barril metálico.

Seu pescoço formigou. Ele virou lentamente. Na borda da cratera, a quinze metros, dois olhos vermelhos brilhantes estavam olhando para ele. A criatura brilhava na luz da lua, e Leo não podia acreditar que algo daquele tamanho havia se deslocado para ele tão rápido. Tarde demais, ele percebeu que sua visão estava fixada no fogo em sua mão, e ele extinguiu as chamas.

Ele ainda podia ver o dragão muito bem. Tinha aproximadamente uns dezoito metros de comprimento, focinho até a calda, seu corpo se fazia de placas de bronze interligadas. Suas garras eram do tamanho de facas de açougueiro, e sua bota era alinhada com centenas de adagas afiadas. Fumaça saia de suas narinas. Rosnou como uma motosserra cortando uma árvore. Podia ter mordido Leo na metade, facilmente, ou esmagá-lo liso. Era a coisa mais bonita que Leo já vira, exceto por um problema arruinava completamente seu plano.

“Você não tem asas,” Leo disse.

O rosnado do dragão morreu. Ele inclinou a cabeça como se dissesse, *Por que você não está fugindo de terror?*

“Ei, sem ofensas,” disse Leo. “Você é incrível! Santo Deus, quem *fez* você? Você é hidráulico ou nuclear ou o quê? Mas se fosse eu, eu teria colocado asas em você. Que tipo de dragão não tem asas? Suponho que talvez você seja muito pesado para voar? Eu devia ter pensado nisso.”

O dragão bufou, mais confuso agora. Ele devia atropelar Leo. Essa conversa não fazia parte do plano. Ele deu um passo para frente, e Leo gritou, “Não!”

O dragão rosнou novamente.

“É uma armadilha, cérebro de bronze,” Leo disse. “Eles estão tentando capturá-lo.”

O dragão abriu a boca e soprou fogo. Uma coluna de chamas brancas e quentes ondearam sobre Leo, mais do que ele já tentou suportar antes. Ele sentiu como se houvesse sido regado no chão com um poderoso regador de fogo. Ardeu um pouco, mas ele ficou no chão. Quando as chamas morreram, ele estava perfeitamente bem. Até suas roupas estavam bem, o que Leo não entendeu, mas por enquanto ele estava grato. Ele gostava da sua jaqueta do exército, e ter suas calças queimadas seria muito embaraçoso.

O dragão olhou para Leo. Seu rosto não mudou realmente, sendo feito de metal e tudo, mas Leo pensou que podia ler sua expressão. *Por que nenhum cereal crocante?* Uma faísca voou do seu pescoço como se estivesse prestes a dar curto-circuito.

“Você não pode me queimar,” Leo disse, tentando soar firme e calmo. Ele nunca teve um cachorro antes, mas ele conversava com o dragão do jeito que ele pensava que você conversaria com um cachorro. “Fique, garoto. Não chegue mais perto. Eu não querer que você seja pego. Veja, eles acham que você está quebrado e tem que ser jogado fora. Mas eu não acredito nisso. Eu posso te consertar se você me deixar —”

O dragão rangeu, rugiu, e carregou. A armadilha saltou. O chão da cratera entrou em erupção com um som como tampas de latas de lixo batendo juntas. Sujeira e folhas

voaram, a rede de metal cintilando. Leo foi tirado de cima dos pés, virado de cabeça para baixo, e temperado em molho de pimenta e óleo. Ele achou-se imprensado entre o tanque e o dragão enquanto ele se debatia, tentando livrar-se da rede que se enrolara em volta deles.

O dragão cuspiu fogo em todas as direções, acendendo o céu e colocando árvores em chamas. Óleo e molho queimavam sobre eles. Não feriu Leo, mas deixou um sabor desagradável na boca dele.

“Você vai parar com isso!” ele gritou.

O dragão continuou enroscando-se. Leo percebeu que seria esmagado se não mexesse. Não era fácil, mas ele conseguiu esquivar-se de entre o dragão e o tanque. Ele se contorceu no caminho pela rede. Felizmente os buracos eram grandes o bastante para uma criança magra.

Ele correu para a cabeça do dragão. Ele tentava abocanhá-lo, mas seus dentes estavam emaranhados na malha. Ele cuspiu fogo de novo, mas parecia estar ficando sem energia. Dessa vez as chamas eram só laranjas. Elas crepitaram mesmo antes de alcançar o rosto de Leo.

“Ouça, cara,” Leo disse, “você só mostrar para eles onde está. Então eles virão e romper o ácido e cortadores de metal. É isso que você quer?”

A mandíbula do dragão emitiu um rangido, como se tentasse conversar.

“Ok, então,” Leo disse. “Você terá que confiar em mim.”

E Leo colocou para trabalhar.

Tomou-lhe quase uma hora para encontrar o painel de controle. Estava bem atrás da cabeça do dragão, o que fazia sentido. Ele elegera para manter o dragão na rede, pois era mais fácil trabalhar com o dragão constrangido, mas o dragão não gostou disso.

“Fique parado!” Leo resmungou.

O dragão fez outro rangido que devia ser um choro.

Leo examinou os fios dentro da cabeça do dragão. Ele foi distraído por um som na floresta, mas quando foi olhar era só um espírito de árvore — uma dríade, Leo achou que eram chamadas — apagando as chamas de seus ramos. Felizmente, o dragão não começara um incêndio total na floresta, mas mesmo assim a dríade não estava muito satisfeita. O vestido da garota estava fumegando. Ela abafou as chamas com um cobertor de seda, e quando ela que Leo estava olhando para ela, ela fez um gesto que era provavelmente um gesto muito rude em dríade. Então ela desapareceu num *puf* verde de névoa.

Leo voltou sua atenção à fiação. Era ingênuo, definitivamente, e fazia sentido para ele. Esse era o relé de controle do motor. Ele processava a entrada de dados sensorial dos olhos. Esse disco...

“Rá,” ele disse. “Bem, não me admira.”

Rangido? o dragão perguntou com a mandíbula.

“Você tem um disco de controle corroído. Provavelmente regula seus maiores circuitos de raciocínio, certo? Cérebro enferrujado, cara. Não me admira que você esteja um pouco... confuso.” Ele quase disse *louco*, mas se segurou. “Eu gostaria de ter um disco de substituição, mas... essa é uma peça complicada dos circuitos. Terei que tirá-la e limpá-la. Durará um minuto.” Ele tirou o disco, e o dragão ficou absolutamente quieto. O brilho morreu nos seus olhos. Leo escorregou para suas costas e começou a polir o disco. Ele limpou um pouco de óleo e molho de pimenta com a manga, o que permitiu cortar pela sujeira, porém por mais que ele limpassse, mais aflito ele ficava. Alguns dos circuitos estavam além do reparo. Ele podia torná-los melhores, mas não perfeitos. Para aquilo, ele precisaria de um disco completamente novo, e ele não tinha ideia de como construir um.

Ele tentou trabalhar rapidamente. Ele não tinha certeza por quanto tempo o disco de controle do dragão poderia ficar fora sem ser danificado — talvez para sempre — mas ele não queria arriscar. Quando ele fez o melhor que pôde, ele subiu novamente para a cabeça do dragão e começou a limpar os fios e as caixas de velocidade, ficando imundo no processo.

“Mãos limpas, equipamento sujo,” ele murmurou, algo que sua mãe costumava dizer. No momento em que havia completado, suas mãos estavam pretas de graxa e suas roupas pareciam como se houvesse acabado de perder um concurso de luta na lama, mas os mecanismos pareciam muito melhores. Ele enfiou o disco, conectou o último fio, e faíscas voaram. O dragão estremeceu. Seus olhos começaram a brilhar.

“Melhor?” Leo perguntou.

O dragão fez um barulho como uma broca em alta velocidade. Ele abriu sua boca e todos os seus dentes giraram.

“Suponho que seja um *sim*. Espero, vou lhe libertar.”

Outros trinta minutos para os ganchos de liberação da rede e desemaranhar o dragão, mas finalmente levantou-se e sacudiu o último pedaço de rede das costas. Ele rugiu triunfantemente e atirou fogo no céu.

“É sério,” Leo disse. “Você poderia não se exibir?”

Rangido? o dragão perguntou.

“Você precisa de um nome,” Leo decidiu. “Vou lhe chamar de Festus.”

O dragão chiou os dentes e sorriu. Pelo menos Leo esperou que fosse um sorriso.

“Legal,” Leo disse. “Mas nós ainda temos um problema, porque você não tem asas.”

O dragão inclinou a cabeça e bufou fumaça. Então ele abaixou as costas num gesto inconfundível. Ele queria que Leo subisse.

“Para onde vamos?” Leo perguntou.

Mas ele estava animado demais para uma resposta. Ele subiu nas costas do dragão, e Festus pulou na floresta.

* * *

Leo perdeu a noção do tempo e todo o senso de direção. Parecia impossível que a floresta fosse tão profunda e selvagem, mas o dragão viajou até as árvores parecerem arranha-céus e a cobertura de folhas riscarem completamente as estrelas. Nem o fogo na mão do Leo podia clarear o caminho, mas os olhos brilhantes do dragão agiam como holofotes.

Finalmente eles cruzaram um córrego e foram para um beco sem saída, uma falésia de calcário de trinta metros de altura — uma massa lisa e sólida.

Festus parou na base e suspendeu uma pata como um cachorro apontando.

“O que é isso?” Leo deslizou ao chão. Ele andou até a falésia — nada a não ser rocha sólida. O dragão continuou apontando.

“Ela não vai sair do seu caminho,” Leo lhe disse.

O fio solto no pescoço do dragão faiscou, mas de outro modo ele ficou parado. Leo colocou a mão na falésia. Subitamente seus dedos arderam. Linhas de fogo propagaram-se da ponta deles como pólvora inflamada, chiando pelo calcário. As linhas ardentes correram pela superfície da falésia até contornarem uma porta vermelha brilhante cinco vezes mais alta que Leo. Ele recuou e a porta virou, perturbadoramente silenciosa por tal placa de rocha.

“Perfeitamente balanceada,” ele murmurou. “Essa é uma engenharia de primeira classe.”

O dragão descongelou e marchou para frente, como se estivesse voltando para casa.

Leo passou, e a porta começou a fechar. Ele teve um momento de pânico, lembrando aquela noite na oficina mecânica tempos atrás, quando ele foi preso do lado de dentro. E se ele ficasse preso aqui? Mas então luzes cintilaram — uma combinação de fluorescentes elétricas e tochas montadas nas paredes. Quando Leo viu a caverna, ele esqueceu sobre partir.

“Festus,” ele murmurou. “O que é esse lugar?”

O dragão entrou rapidamente ao centro da sala, deixando pegadas na poeira grossa, e espiralou numa grande plataforma circular.

A caverna era do tamanho do hangar de um avião, com mesas de trabalho sem fim e cofres de armazenamento, fileiras de portas do tamanho de garagens ao longo de cada parede, e escadarias que levavam para uma rede de passarelas altas acima. Equipamentos estavam em todo o lugar — elevadores hidráulicos, tochas de soldagem, trajes de risco, espadas aéreas, empilhadeiras, e mais algo que parecia suspeitamente uma câmara de reação nuclear. Quadros de aviso estavam cobertos com diagramas esfarrapados e desbotados. E armas, armaduras, escudos — suprimentos de guerra em todos os lugares, vários só parcialmente terminados.

Pendurada em correntes muito acima da plataforma do dragão havia um banner antigo e esfarrapado quase desbotado demais para ler. As letras eram gregas, mas Leo de algum jeito sabia o que dizia: carvoeira 9.

Aquilo significa nove como o chalé de Hefesto, ou nove como havia outras oito? Leo olhou para Festus, ainda espiralado na plataforma, e ocorreu a ele que o dragão parecia tão contente porque *era* a sua casa. Ela provavelmente foi construída naquele bloco.

“As outras crianças sabem...?” A pergunta do Leo morreu quando ele a fez. Claramente, esse lugar esteve abandonado por décadas. Teias de aranha e poeira cobriam tudo. O chão não revelava pegadas exceto pelas suas, e as impressões da pata do dragão. Ele era o primeiro naquela carvoeira desde... desde muito tempo atrás. Carvoeira 9 foi abandonada com vários projetos finalizados pela metade nas mesas. Trancada e esquecida, mas por quê?

Leo olhou para um mapa na parede — um mapa de batalha do acampamento, mas o papel estava tão rasgado e amarelo como casca de cebola. Uma data embaixo lia-se, 1864.

“Sem chance,” ele murmurou.

Então ele localizou um diagrama num quadro de avisos próximo, e seu coração quase saltou da garganta. Ele correu para a mesa de trabalho e olhou um desenho de

linha branca quase desbotado além do reconhecimento: um navio grego de vários diferentes ângulos. Palavras fracamente rabiscadas abaixo dele lia: profecia? obscuro. voo?

Era o navio que ele viu nos seus sonhos — o navio voador. Alguém tentou construir-lo aqui, ou pelo menos esboçou a ideia. Então ela foi deixada, esquecida... uma profecia ainda a vir. E o mais estranho de tudo, o mastro do navio era exatamente como o que Leo desenhou quando tinha cinco anos — a cabeça de um dragão. “Parece você, Festus,” ele murmurou. “É arrepiante.”

O mastro lhe deu uma sensação inquieta, mas a mente do Leo girou com várias outras perguntas a pensar sobre isso por muito tempo. Ele tocou o diagrama, esperando que pudesse baixar para estudar, mas o papel crepitou ao seu toque, então ele deixou-o em paz. Ele olhou em volta procurando outras pistas. Sem barcos. Sem peças que pareciam parte desse projeto, mas haviam tantas portas e despensas para explorar.

Festus bufou como se estivesse tentando conseguir a atenção do Leo, fazendo-lhe lembrar de que eles não tinham a noite toda. Era verdade. Leo calculou que seria de manhã em algumas horas, e ele ficou completamente desviado. Ele salvou o dragão, mas não iria ajudá-lo na missão. Ele precisava de algo que voasse.

Festus cutucou algo nele — um cinto de ferramentas de couro que foi deixado ao lado do seu bloco de construção. Então o dragão ligou os feixes brilhantes dos olhos e virou-os em direção ao teto. Leo olhou para onde as luzes estavam apontando, e ganiu quando reconheceu as formas penduradas sobre eles na escuridão.

“Festus,” ele disse numa voz baixa. “Temos trabalho a fazer.”

JASON

JASON SONHOU COM LOBOS.

Ele estava numa clareira no meio de uma floresta de paus-brasis. Na frente dele cresciam as ruínas de uma mansão de pedra. Nuvens cinza baixas misturavam com a névoa do chão, e chuva fria caia no ar. Um grupo de grandes animais cinza fresava ao redor dele, roçando nas suas pernas, rosmando e mostrando os dentes. Eles gentilmente o cutucaram para as ruínas.

Jason não tinha desejo de virar o maior biscoito de cachorros do mundo, então decidiu fazer o que eles queriam.

O chão esmagava-se sob suas botas enquanto ele caminhava. Torres de pedra de chaminés, não mais ligadas em alguma coisa, erguiam-se como totens. A casa devia ter sido enorme alguma vez, feita com sólidas paredes de madeira e um telhado alto e com um cata-vento, mas agora nada fazia permaneceu a não ser seu esqueleto de pedra. Jason passou sob uma porta desintegrada e achou-se num tipo de pátio.

Em frente a ele havia uma tanque vazia refletiva, grande e retangular. Jason não pôde estimar a profundidade, pois o fundo estava cheio de névoa. Uma trilha suja levava todo o caminho em volta, e as paredes irregulares da casa cresciam em cada lado. Lobos passavam sob a arcada de pedra vulcânico, vermelha e dura.

No distante fim da tanque sentava uma loba gigante, alguns metros mais alta que Jason. Seus olhos brilhavam pratas na névoa, e seu pelo era da mesma cor das rochas — vermelho achocolatado quente.

“Eu conheço esse lugar,” Jason disse.

A loba reparou ele. Ela não falou exatamente, mas Jason pôde entendê-la. Os movimentos das orelhas e dos bigodes, o brilho dos olhos, o jeito que ela curvava os lábios — tudo fazia parte da sua linguagem.

Naturalmente, a loba disse. Você começou sua jornada aqui como um pupilo. Agora você deve encontrar seu caminho de volta. Uma missão, um novo começo.

“Isso não é justo,” Jason disse. Mas assim que ele falou isso, ele soube que não havia sentido se queixar com a loba.

Lobos não sentiam simpatia. Eles nunca esperavam justiça. A lobo disse: *Conquiste ou morra. Esse é sempre o nosso modo.*

Jason queria protestar que ele não podia conquistar se não soubesse quem era, ou onde ele devia estar. Mas ele conhecia essa loba. Seu nome era simplesmente Lupa, a Mãe Lobo, a maior da sua espécie. Tempos atrás ele encontrou-o nesse lugar, o protegeu, o alimentou, o *escolheu*, mas se Jason mostrasse fraqueza, ela iria rasgá-lo em farrapos. Antes de ser seu pupilo, ele iria se tornar o seu jantar. No bando de lobos, fraqueza não era uma opção.

“Você pode me guiar?” Jason perguntou.

Lupa fez um barulho de ronco profundamente na sua garganta, e a névoa na tanque dissolveu.

A princípio Jason não tinha certeza do que via. No lado oposto da tanque, duas espirais obscuras entraram em erupção do chão de cimento como as brocas de algumas máquinas de tunelamento furando através do chão. Jason não podia dizer se as espirais eram feitas de rocha ou parreiras petrificadas, mas elas estavam formadas de gavinhas grossas que vinham juntas num ponto ao topo. Cada espiral tinha aproximadamente um metro e meio de altura, mas não eram idênticas. A mais próxima do Jason era mais escura e parecia como uma massa sólida, suas gavinhas fundidas juntas. Enquanto ele observava, elas ergueram um pouco mais da terra e expandiram-se um pouco mais largas.

No lado de Lupa da tanque, as gavinhas da segunda espiral estavam mais aberdas, como as barras de uma cela. Dentro, Jason podia ver vagamente uma figura nevonta lutando, descolando-se nos seus confinamentos.

“Hera,” Jason disse.

A loba rosno em concordância. Os outros lobos circularam a tanque, seus pelos levantados nas costas enquanto rosnavam para as espirais.

A inimiga escolheu esse lugar para acordar seu filho mais poderoso, o rei gigante, Lupa disse. *Nosso lugar sagrado, onde semideuses são reclamados — o lugar de morte ou vida. A casa queimada. A casa do lobo. É uma abominação. Você deve pará-la.*

“Ela?” Jason estava confuso. “Você quer dizer, Hera?”

A loba rangeu os dentes impacientemente. *Use seus sensos, pupilo. Eu não me importo com Juno, mas se ela cair, nossa inimiga irá se erguer. E esse será o fim para todos nós. Você conhece esse lugar. Você pode encontrá-lo novamente. Limpe nossa casa. Pare isso antes que seja muito tarde.*

A espiral escura cresceu um pouco maior, como o bulbo de alguma flor horrível. Jason sentiu que se abrisse, isso iria soltar alguém que ele *não* queria encontrar.

“Quem sou eu?” Jason perguntou à loba. “Pelo menos me diga isso.”

Lobos não têm muito senso de humor, mas Jason podia dizer que a pergunta divertiu Lupa, como se Jason fosse um filhote tentando colocar suas garras para fora, praticando para ser o alfa.

Você é nossa graça salvadora, como sempre. A loba curvou o lábio, como se acabasse de fazer uma piada esperta. *Não falhe, filho de Júpiter.*

JASON

JASON ACORDOU AO SOM DO TROVÃO. Então ele lembrou onde estava. Sempre estava trovejando no Chalé Um.

Sobre sua cama, o teto abobadado estava decorado com um mosaico azul-e-branco como um céu nebuloso. Os azulejos da nuvem moviam-se pelo teto, mudando de branco para preto. Trovão ribombava pelo quarto, e azulejos dourados brilhavam como veias de relâmpago.

Exceto pela cama que os outros campistas trouxeram para ele, o chalé não tinha móveis normais — sem cadeiras, mesas, ou aparadores. Até onde Jason podia falar, não tinha nem um banheiro. As paredes eram esculpidas com alcovas, cada segurando um braseiro de bronze ou uma estátua dourada de águia num pedestal de mármore. No centro do quarto, havia uma estátua colorida de seis metros de altura do Zeus em clássicos robes gregos em pé com um escudo no seu lado e um relâmpago erguido, pronto para atingir alguém.

Jason estudou a estátua, procurando algo que tivesse em comum com o Lorde do Céu. Cabelo escuro? Não. Expressão zangada? Bem, talvez. Barba? Não, obrigado. Nos seus robes e sandálias, Zeus parecia de fato um búfalo, de fato um hippie raivoso.

É, Chalé Um. Uma grande honra, os outros campistas lhe disseram. Certo, se você gostasse de dormir num templo frio por si mesmo com um Zeus Hippie olhando carrancudo para você a noite toda.

Jason se levantou e esfregou o pescoço. Seu corpo inteiro estava inflexível por causa do sono mau e atraindo raios. Aquele pequeno truque na noite passada não foi tão fácil quanto ele deixou parecer. Quase havia lhe feito desmaiar.

Perto da cama, novas roupas foram dispostas para ele: jeans, sapatilhas, e uma camisa laranja do Acampamento Meio-Sangue. Ele definitivamente precisa de uma troca de roupas, mas olhando para sua camisa roxa esfarrapada, ele estava relutante em trocar. Sentia-se errado de algum jeito vestindo a camisa do acampamento. Ele ainda não podia acreditar que ele era daqui, apesar de tudo que lhe contaram.

Ele pensou sobre o sonho, esperando que mais memórias voltassem para ele sobre Lupa, ou aquela casa arruinada nos paus-brasis. Ele sabia que esteve ali antes. A

loba era real. Mas sua cabeça doía quando ele tentava lembrar. As marcas no seu antebraço pareciam queimar.

Se ele pudesse encontrar aquelas ruínas, ele poderia encontrar seu passado. O que quer que esteja crescendo dentro daquela espiral de rocha, Jason tinha que pará-la.

Ele olhou para o Zeus Hippie. “Você é bem-vindo para ajudar.”

A estátua não disse nada.

“Obrigado, papai,” Jason murmurou.

Ele trocou de roupa e viu seu reflexo no escudo do Zeus. Seu rosto parecia molhado e estranho no metal, como se estivesse dissolvendo numa tanque de ouro. Definitivamente ele não parecia tão bom quanto Piper esteve na noite anterior depois de ser subitamente transformada.

Jason ainda não sabia como se sentia sobre isso. Ele agiu como um idiota, anunciando em frente a todos que ela estava uma maravilha. Como que houvesse algo errado com ela *antes*. Certo, ela parecia incrível depois de Afrodite dar um tiro nela, mas ela também não parecia como si mesma, inconfortável com a atenção.

Jason sentiu-se mal por ela. Talvez fosse loucura, considerando que ela havia acabado de ser reclamado por uma deusa e se transformado na garota mais deslumbrante do acampamento.

Todos estavam começando a bajulá-la, lhe dizendo como era ela incrível e como era óbvio que *ela* deveria ir à missão — mas aquela atenção não tinha nada a ver com ela. Novo vestido, nova maquiagem, aura rosa brilhante, e *bum*: subitamente as pessoas gostavam dela. Jason se sentiu como se entendesse isso.

Na última noite quando ele atraiu o raio, a reação dos outros campistas pareceu familiar a ele. Ele tinha bastante certeza que esteve lidando com aquilo por um longo tempo — pessoas olhando para ele em temor só porque era filho do Zeus, tratando-lhe como especial, mas isso não tinha nada a ver com *ele*. Ninguém se importava com *ele*, só o seu grande pai assustador ficando atrás dele com seu raio do Juízo Final, como se dissesse, *Respeite esse garoto ou coma voltagem!*

Depois da fogueira, quando as pessoas começaram a voltar aos seus chalés, Jason havia ido até Piper e formalmente lhe pedido para vir com ele na missão.

Ela ainda estava num estado de choque, mas assentiu, esfregando os braços, o que devia ser bastante frio naquele vestido sem mangas.

“Afrodite pegou meu casaco de snowboard,” ela murmurou. “Assaltada pela minha própria mãe.”

Na primeira fila do anfiteatro, Jason encontrou um cobertor e o enrolou ao redor dos ombros dela. “Vamos lhe arranjar um novo casaco,” ele prometeu.

Ela controlou um sorriso. Ele queria embrulhá-la nos seus braços, mas refreou-se. Ele não queria que ela pensasse que ele era tão superficial quanto todo o resto — tentando fazer um movimento para ela só porque havia ficado toda bonita.

Ele estava feliz que Piper ia à missão com ele. Jason tentou agir corajoso na fogueira, mas era só isso — um ato. A ideia de ir contra uma força maligna poderosa o bastante para raptar Hera o assustava como tolo, especialmente desde que ele não nem mesmo sabia seu passado. Ele precisaria de ajuda, e sentia certo: Piper deveria estar com ele. Mas as coisas já eram complicadas sem perceber o quanto ele gostava dela, e por quê. Ele já bagunçava a sua cabeça demais.

Ele deslizou aos novos sapatos, pronto para sair daquele chalé frio e vazio. Então ele localizou algo que não havia notado na noite anterior. Um braseiro foi movido de uma das alcovas para criar um lugar de dormir, com um saco de dormir, uma mochila, até algumas fotos coladas na parede.

Jason se aproximou. Quem quer que tenha dormido ali, foi a um longo tempo atrás. O saco de dormir estava mofado. A mochila estava coberta com uma película fina de pó. Algumas fotos uma vez coladas na parede haviam perdido a viscosidade e caído no chão.

Uma foto mostrava Annabeth — muito mais nova, talvez com oito, mas Jason podia dizer que era ela: o mesmo cabelo loiro, olhos cinzentos, o mesmo olhar distraído como se estivesse pensando em milhões de coisas de uma vez. Ela estava perto de um cara com cabelo arenoso de aproximadamente catorze ou quinze, com um sorriso mal-doso e uma armadura de couro esfarrapada sobre uma camiseta. Ele estava apontando para um beco atrás deles, como se dissesse ao fotógrafo, *Vamos encontrar coisas num beco escuro e matá-las!* Uma segunda foto mostrava Annabeth e o mesmo cara sentados na fogueira, rindo histericamente.

Finalmente Jason levantou uma foto que tinha caído. Era uma tira de fotos como se você as pegasse numa cabine de fotos faça-você-mesmo: Annabeth e o cara de cabelo arenoso, mas com outra garota entre eles. Ela tinha aproximadamente quinze, com cabelo escuro — cortado como o da Piper — uma jaqueta preta de couro, e joias prateadas, de forma que ela parecia uma vândala; mas ela estava dando meio que uma risada, e estava claro que ela estava com seus dois melhores amigos.

“Essa é Thalia,” alguém disse.

Jason virou.

Annabeth estava olhando sobre seu ombro. Sua expressão era triste, como se a foto lhe trouxesse de volta memórias difíceis. “Ela é a outra filha do Zeus que viveu aqui — mas não por muito tempo. Desculpe, eu devia ter batido.”

“Está bem,” Jason disse. “Não como se eu pensasse nesse lugar como casa.”

Annabeth estava vestida para viagem, com um casaco de inverno sobre suas roupas do acampamento, sua faca no cinto, e uma mochila nos ombros.

Jason disse, “Não diga que você mudou de ideia em vir conosco?”

Ela balançou a cabeça. “Você já tem um bom time. Estou fora para procurar pelo Percy.”

Jason ficou um pouco desapontado. Ele apreciaria ter alguém na viagem que soubesse o que eles estavam fazendo, então ele não iria sentir como se estivesse levando a Piper e o Leo para um penhasco.

“Ei, vocês vão ficar bem,” Annabeth prometeu. “Algo me diz que essa não é a sua primeira missão.”

Jason teve uma vaga suspeita de que ela estava certa, mas aquilo não lhe fazia sentir-se melhor. Todos pareciam achar que ele era tão corajoso e confiante, mas eles não viam como ele se sentia perdido. Como eles podiam confiar nele quando ele nem mesmo sabia quem era?

Ele olhou para as fotos da Annabeth sorrindo. Ele se perguntou a quanto tempo foi desde que ela sorriu. Ela devia gostar mesmo do Percy para procurá-lo tanto, e aquilo dava um pouco de inveja no Jason. Alguém estava procurando por *ele* nesse exato momento? E se alguém se importasse com *ele* tanto que estivesse perdendo a cabeça de preocupação, e ele não podia nem lembrar da sua vida antiga?

“Você sabe que eu sou,” ele supôs. “Não sabe?”

Annabeth apertou o punho de sua faca. Ela procurou uma cadeira para sentar, mas naturalmente não havia nenhuma. “Honestamente, Jason... eu não sei. Minha melhor suposição é que você seja um fugitivo. Acontece às vezes. Por um motivo ou outro, o acampamento nunca encontrou você, mas de qualquer jeito você sobreviveu por viagens constantes. Treinou-se para lutar. Encarou os monstros por si só. Você bate as expectativas.”

“A primeira coisa que Quíron disse para ele,” Jason lembrou, “foi *você devia estar morto.*”

“Pode ser o porquê,” Annabeth disse. “A maioria dos semideuses nunca conseguiram por si próprios. E um filho do Zeus — digo, isso não lhe faz mais perigoso que

o normal. As chances de você chegar aos quinze anos sem encontrar o Acampamento Meio-Sangue ou morrer — microscópicas. Mas como eu disse, acontece. Thalia fugiu quando era jovem. Ela sobreviveu sozinha por anos. Até cuidou de mim por um tempo. Então talvez você seja um fugitivo também.”

Jason mostrou o braço. “E essas marcas?”

Annabeth olhou para as tatuagens. Claramente, elas a incomodavam. “Bem, a águia é o símbolo do Zeus, então faz sentido. As vinte linhas — talvez elas ficassem por anos, se você estivesse fazendo-as desde que tinha três anos. SPQR — é o lema do Império Romano antigo: *Senatus Populusque Romanus*, o Senado e as Pessoas de Roma. Embora por que você iria queimar isso no seu próprio braço, eu não sei. A não ser que você tivesse um professor de latim *realmente* severo...”

Jason tinha total certeza que essa não era a razão. Também não parecia possível que ele estivesse por si durante toda a vida. Porém o que mais fazia sentido? Annabeth foi bastante clara — o Acampamento Meio-Sangue era o único lugar seguro no mundo para semideuses.

“Eu, hã... tive um sonho estranha na noite passada,” ele disse. Parecia uma coisa estúpida contar, mas Annabeth não parecia surpresa.

“Acontece toda hora aos semideuses,” ela disse. “O que você viu?”

Ele contou para ela sobre os lobos e a casa arruinada e as duas espirais de rocha. Enquanto falava, Annabeth começou a andar, parecendo mais e mais agitada.

“Você não lembra onde essa casa é?” ela perguntou.

Jason sacudiu a cabeça. “Mas tenho certeza que estive lá antes.”

“Floresta de paus-brasis,” ela meditou. “Pode ser ao norte da Califórnia. E a loba... estudei deusas, espíritos, e monstros minha vida inteira. Eu nunca ouvi falar de Lupa.”

“Ela disse que era uma inimiga. Eu pensei que talvez fosse Hera, mas —”

“E não confiaria em Hera, mas não acho que ela é a inimiga. E essa coisa erguendo da terra —” A expressão da Annabeth escureceu. “Você tem que pará-la.”

“Você sabe o que é, não sabe?” ele perguntou. “Ou pelo menos, você acha que sabe. Eu vi seu rosto ontem na fogueira. Você olhou para Quíron como se estivesse ficando claro para você, mas você não queria nos assustar.”

Annabeth hesitou. “Jason, a coisa sobre profecias... por mais que você saiba, mais você tenta mudá-las, e isso pode ser desastroso. Quíron acredita que é melhor que

vocês encontrem seu próprio caminho, descobrir as coisas no tempo certo. Se ele me contou tudo que sabia antes da minha primeira missão com o Percy... eu tenho que admitir, não tenho certeza se eu possa passar por isso. Para sua missão, é ainda mais importante.”

“Mau, hein?”

“Não se você conseguir. Pelo menos... eu espero que não.”

“mas eu nem lembro onde começar. Onde eu devia ir?”

“Seguir os monstros,” Annabeth sugeriu.

Jason pensou sobre isso. Os espíritos de tempestade que o atacou no Grand Canyon dissera que ele foi chamado pelo mestre. Se Jason pudesse localizar os espíritos de tempestade, ele poderia conseguir encontrar a pessoa controlando-os. E talvez aquilo o levasse para a prisão da Hera.

“Ok,” ele disse. “Como eu encontro ventos de tempestade?”

“Pessoalmente, eu perguntaria a um deus dos ventos,” Annabeth disse. “Éolo é o mestre de todos os ventos, mas ele é um pouco... imprevisível. Ninguém o encontra a menos que ele queira ser encontrado. Eu tentaria um dos quatro deuses do vento sazonais que trabalha para Éolo. O mais próximo, o que tem mais relações com heróis, é Bóreas, o Vento Norte.”

“Então se eu procurá-lo no Google Maps —”

“Ah, ele não é difícil de encontrar,” Annabeth prometeu. “Ele se instalou na América do Norte como todos os outros deuses. Então naturalmente ele pegou a instalação do norte mais antigo, quase no mais longe ao norte que você possa ir.”

“Maine?” Jason supôs.

“Mais longe.”

Jason tentou visionar um mapa. O que era mais longe ao norte que Maine? A instalação do norte mais antiga...

“Canadá,” ele decidiu. “Quebec.”

Annabeth sorriu. “Espero que você fale francês.”

Jason na verdade sentiu uma fagulha de animação. Quebec — pelo menos agora ele tinha um objetivo. Encontrar o Vento Norte, rastrear os espíritos de tempestade, descobrir para quem eles trabalhavam e onde era aquela casa arruinada. Libertar Hera. Tudo em quatro dias. Fácil.

“Obrigado, Annabeth.” Ele olhou para as fotos da cabine de fotos ainda na sua mão. “Então, hã... você disse que era perigoso ser um filho do Zeus. O que foi que aconteceu com Thalia?”

“Ah, ela está bem,” Annabeth disse. “Ela se tornou uma Caçadora de Ártemis — uma das ajudantes da deusa. Elas percorrem o país matando monstros. Não a vemos no acampamento frequentemente.”

Jason olhou para a grande estátua do Zeus. Ele entendeu porque Thalia dormiu nessa alcova. Era o único lugar no chalé fora da linha de visão do Zeus Hippie. E não foi só isso. Ela escolheu seguir Ártemis e ser parte de um grupo melhor que ficar nesse templo frio e esfriado sozinha com seu pai de seis metros de altura — *o pai do Jason* — olhando ameaçadoramente para ela. *Coma voltagem!* Jason não tinha problemas entendendo os sentimentos da Thalia. Ele pensou se havia um grupo dos Caçadores.

“Quem é a outra criança na foto?” ele perguntou. “O cara de cabelo arenoso.”

A expressão da Annabeth apertou. Assunto delicado.

“Esse é Luke,” ela disse. “Ele está morto agora.”

Jason decidiu que era melhor não fazer mais perguntas, mas o jeito que Annabeth disse o nome do Luke, ele se perguntou se talvez Percy Jackson não fosse o único garoto que Annabeth já gostou.

Ele se focou novamente no rosto da Thalia. Ele continuou pensando que essa foto dela era importante. Ele estava esquecendo-se de algo.

Jason sentiu uma estranha sensação de conexão a essa outra criança do Zeus — alguém que pudesse entender sua confusão, talvez até responder algumas perguntas. Mas outra voz dentro dele, um sussurro insistente, disse: *Perigosa. Fique longe.*

“Quantos anos ela tem agora?” ele perguntou.

“Difícil dizer. Ela foi uma árvore por um tempo. Agora ela é imortal.”

“O quê?”

Sua expressão deve ter sido bastante boa, porque Annabeth riu. “Não se preocupe. Não é algo que todas as crianças do Zeus passam. É uma longa história, mas... ela esteve fora de missão por um longo tempo. Se ela envelhecesse regularmente, ela estaria nos seus vinte agora, mas ela ainda parece a mesma na foto, como se tivesse aproximadamente... bem, aproximadamente sua idade. Quinze ou dezesseis?”

Algo que a loba dissera no sonho chamou a atenção do Jason. Ele encontrou perguntando, “Qual é seu sobrenome?”

Annabeth pareceu perturbada. “Ela não usava um sobrenome, mesmo. Se ela tivesse, ela usaria o da mãe, mas elas não conviveram. Thalia fugiu quando era muito nova.”

Jason esperou.

“Grace,” Annabeth disse. “Thalia Grace.”

Os dedos do Jason paralisaram. A foto flutuou ao chão.

“Você está bem?” Annabeth perguntou.

Um farrapo de memória acendeu — talvez um fino pedaço que Hera esqueceu-se de roubar. Ou talvez ela deixasse ali de propósito — só o bastante para ele lembrar aquele nome, e saber que escavar o passado era terrivelmente, terrivelmente perigoso.

Você devia estar morto, Quíron havia dito. Não era um comentário sobre Jason bater as expectativas como um fugitivo. Quíron sabia algo específico — algo sobre a família do Jason.

As palavras da loba no seu sonho finalmente fizeram sentido para ele, sua piada inteligente na sua despesa. Ele pôde imaginar Lupa rosnando uma risada de lobo.

“O que é?” Annabeth pressionou.

Jason não podia manter isso para si. Isso o mataria, e ele tinha que conseguir a ajuda da Annabeth. Se ela conhecia Thalia, talvez ela pudesse aconselhá-lo.

“Você tem que jurar não contar para ninguém,” ele disse.

“Jason —”

“Jure,” ele insistiu. “Até eu descobrir o que está acontecendo, o que tudo isso significa —” Ele esfregou as tatuagens queimadas no seu antebraço. “Você tem que manter um segredo.”

Annabeth hesitou, mas sua curiosidade ganhou. “Está bem. Até você me disser que está bem, eu não vou compartilhar o que você disser com ninguém. Eu juro pelo Rio Estige.”

Trovão ribombou, mais alto ainda que o normal para o chalé. *Você é nossa Graca salvadora*, a loba rosnou. Jason ergueu a foto do chão. “Meu sobrenome é Grace,” ele disse. “Essa é minha irmã.” Annabeth ficou pálida. Jason pôde vê-la lutando com desânimo, descrença, raiva. Ela pensou que ele estava mentindo. Sua afirmação era impossível. E parte dele sentiu o mesmo, mas assim que ele falou as palavras, ele soube que elas eram verdadeiras.

Então as portas do chalé estouraram. Meia dúzia de campistas derramou para dentro, liderados pelo cara careca de Íris, Butch. “Depressa!” ele disse, e Jason não podia dizer se sua expressão era de animação ou medo. “O dragão voltou.”

PIPER

PIPER ACORDOU E IMEDIATAMENTE PEGOU um espelho. Havia vários deles no chalé de Afrodite. Ela sentiu no seu beliche, olhou para o seu reflexo e gemeu.

Ela *ainda* estava esplêndida.

Na noite passada depois da fogueira, ela tentou de tudo. Ela bagunçou o cabelo, limpou a maquiagem do rosto, chorou para avermelhar os olhos. Nada funcionou. Seu cabelo voltou à perfeição. A maquiagem mágica reaplicou-se. Seus olhos recusaram a ficar ofegantes ou injetados de sangue.

Ela teria mudado de roupa, mas não tinha nada pra vestir. Os outros campistas de Afrodite ofereceram a ela algumas (rindo pelas suas costas, ela sabia), mas cada uma estava ainda mais elegante e ridículo do que as que ela usava. Agora, depois de uma horrível noite de sono, ainda sem mudanças. Piper normalmente parecia um zumbi na manhã, mas seu cabelo estava estiloso como o de supermodelos e sua pele estava perfeita. Até aquela bolha horrível na base do seu nariz, que ela tivera por tantos dias que começou a chamá-la de Bob, desapareceu.

Ela resmungou em frustração e passou os dedos pelo cabelo. Nada. O feito só o colocou de volta no lugar. Ela parecia a Barbie Cherokee.

Do outro lado do chalé, Drew gritou, “Ah, querida, eu não vou partir.” Sua voz gotejava com falsa simpatia. “A bênção da mamãe irá durar *pelo menos* outro dia. Talvez uma semana se você tiver sorte.”

Piper rangeu os dentes. “Uma *semana*?”

As outras crianças de Afrodite — aproximadamente doze garotas e cinco garotos — sorriram e riram ao seu desconforto. Piper sabia que ela devia agir legal, não deixá-los afetá-la. Ela lidou com crianças superficiais e populares várias vezes. Mas isso era diferente. Esses eram seus irmãos e irmãs, mesmo se ela não tivesse *nada* em comum com ele, e como Afrodite conseguiu ter tantas crianças com idades tão próximas... Não importa. Ela não queria saber.

“Não se preocupe, querida.” Drew borrou seu batom fluorescente. “Você está achando que você não é daqui? Não poderíamos concordar mais. Não é, *Mitchell*?”

Um dos garotos vacilou. “Hã, sim. Certo.”

“Humm.” Drew tirou sua máscara e verificou os cílios. Todos observavam, sem ousar falar. “Então em todo caso, gente, quinze minutos até o café da manhã. O chalé não vai se limpar sozinho! E Mitchell, penso que você aprendeu sua lição. Certo, querido? Então você está na patrulha de lixo só por hoje, oo-k? Mostre para Piper como é feito, pois tenho uma sensação que ela terá esse trabalho em breve — *se* ela sobreviver à missão. Agora, ao trabalho, todo o mundo! É minha hora do banheiro!”

Todos começaram a correr ao redor, fazendo camas e dobrando roupas, enquanto Drew colhia seu kit de maquiagem, secador de cabelos e escova, e marchou para o banheiro.

Alguém dentro ganiu, e uma garota de aproximados onze anos foi expulsa, apressadamente enrolada em toalhas com shampoo ainda no cabelo.

A porta bateu com força, e a garota começou a chorar. Alguns campistas mais velhos a confortaram e limparam as bolhas do seu cabelo.

“É sério?” Piper disse para ninguém em particular. “Vocês deixam Drew tratar vocês assim?”

Algumas crianças atiraram a Piper olhares nervosos, como se na verdade pudessem concordar, mas não disseram nada.

Os campistas continuaram trabalhando, embora Piper não pudesse ver por que o chalé precisava de tanta limpeza. Era uma casa de boneca em tamanho real, com paredes rosa e elegantes janelas brancas. As cortinas de renda eram misturadas em azul e verde, o que obviamente correspondia aos forros e edredons em todas as camas.

Os garotos tinham uma fila de beliches separados por uma cortina, mas a seção deles do chalé era tão pura e ordenada quanto a das garotas. Havia algo *definitivamente* anormal ali. Cada campista tinha um cofre de madeira no pé do beliche deles com seus nomes pintados, e Piper supôs que as roupas em cada cofre eram ordenadamente dobradas e coordenadas pela cor. O único pedaço de individualismo era como os campistas os seus espaços de beliche privados. Cada um tinha fotos levemente diferentes com várias celebridades que eles achavam que eram bonitas. Algumas eram fotos pessoais, também, mas a maioria era de atores ou cantores ou o que quer que fosse.

Piper esperou que não pudesse ver *O Pôster*. Já havia passado quase um ano desde o filme, e ela pensou que agora com certeza todos jogariam fora aquelas velhas propagandas esfarrapadas e colasse algo mais novo. Mas não teve tal sorte. Ela localizou um na parede pelo armário, no meio de uma colagem de galãs famosos.

O título estava lividamente vermelho: *rei de esparta*. Embaixo dele, o pôster mostrava o líder — um tiro de três quartos de um corpo bronzeado de peito nu, com peitorais arrancados e pacotes de plástico. Ele estava vestido em somente uma saia gre-ga de guerra e uma capa roxa com uma espada na mão. Ele parecia que estava simplesmente derramado com óleo, seu curto cabelo preto resplandecendo e ribeiros de suor pingando do seu rosto áspero, aqueles tristes olhos escuros encarando a câmera como se dissesse, *Eu vou matar seus homens e roubar suas mulheres! Rá-rá.*

Era o pôster mais ridículo de todos os tempos. Piper e seu pai tiveram uma boa risada por ele da primeira vez que o viram. Então o filme rendeu um trilhão de dólares. O pôster gráfico apareceu subitamente em todos os lugares. Piper não podia fugir dele na escola, andando pela rua, nem na internet. E sim, era uma foto do seu pai.

Ela virou para que ninguém pensasse que ela estava olhando para ele. Talvez quando todos fossem ao café da manhã, ela poderia rasga-lo sem ninguém perceber.

Ela tentou parecer ocupada, mas não tinha mais roupas a dobrar. Ela arrumou sua cama, então percebeu que o cobertor de cima era o que Jason havia enrolado nos seus ombros na noite passada. Ela o pegou e pressionou-o no seu rosto. Cheirava a madeira queimada, mas infelizmente não a Jason. Ele era a *única* pessoa que foi genuinamente gentil com ela depois da reclamação, como se importasse como ela se sentia, não só por causa de suas roupas novas estúpidas. Deus, ela queria beijá-lo, mas ele parecia tão inconfortável, quase com medo dela. Ela não podia realmente culpá-lo. Ela esteve brilhando rosa.

“Desculpa-me,” disse uma voz aos seus pés. O garoto da patrulha do lixo, Mitchell, estava rastejando de quatro, pegando embalagens de chocolate e notas desintegradas debaixo dos beliches. Aparentemente as crianças de Afrodite não eram cem por cento aberrações limpas afinal.

Ela saiu do seu caminho. “O que você fez para deixar Drew louca?”

Ele olhou para a porta do banheiro para ter certeza que ainda estava fechada. “Na noite passada, depois de você ser reclamada, eu disse que você não estava tão mal.”

Não era muito um elogio, mas Piper ficou aturdida. Um filho de Afrodite realmente levantou-se por ela?

“Obrigada,” ela disse.

Mitchell deu de ombros. “É, bem. Veja onde isso me levou. Mas para o que importa, bem-vinda ao Chalé Dez.”

Uma garota com tranças loiras e braçadeiras correu com uma pilha de roupas nos braços. Ela olhou ao redor furtivamente como se estivesse entregando materiais nucleares.

“Eu lhe trouxe essas,” ela sussurrou.

“Piper, conheça Lacy,” Mitchell disse, ainda rastejando pelo chão.

“Oi,” Lacy disse sem fôlego. “Você *pode* trocar de roupa. A bênção não irá lhe parar. Isso é só, você sabe, uma mochila, algumas rações, ambrosia e néctar para emergências, alguns jeans, umas camisas extras, e um agasalho. As botas podem ficar um pouco confortáveis. Mas — bem — temos uma coleção. Boa sorte na sua missão!”

Lacy despejou as coisas na cama e começou a ir embora, mas Piper pegou seu braço. “Espere. Pelo menos me deixe agradecer-lhe! Por que está se apressando?”

Lacy pareceu que pudesse tremer-se a parte de nervosismo. “Ah, bem —”

“Drew pode descobrir,” Mitchell explicou.

“Eu posso ter que usar os sapatos da vergonha!” Lacy reprimiu.

“Os o quê?” Piper perguntou.

Lacy e Mitchell apontaram para uma prateleira negra montada no canto do quarto, como um altar. Exibida ali havia um par hediondo de sapatos ortopédicos de enfermeira, branco brilhante com solas grossas.

“Eu tive que usá-las uma vez por uma semana,” Lacy choramingou. “Elas não combinam com *nada!*”

“E há os piores castigos,” Mitchell alertou. “Drew pode encantar, entende? Não são muitos os filhos de Afrodite que tem esse poder; mas ela tenta dura demais, ela pode conseguir que você faça algumas coisas bastante embaracosas. Piper, você é a primeira pessoa em um longo tempo que pode resistir a ela.”

“Encantar...” Piper lembrou a noite passada, o jeito que a multidão na fogueira havia oscilado pra frente e pra trás entre as opiniões da Drew e as dela. “Você está dizendo, tipo, você podia falar para alguém fazer coisas. Ou... lhe dar coisas. Como um carro?”

“Ah, não dê ideias para a Drew!” Lacy ofegou.

“Mas sim,” Mitchell disse. “Ela poderia fazer isso.”

“Então é por isso que ela é a conselheira chefe,” Piper disse. “Ela convenceu todos vocês?”

Mitchell pegou uma bola de chiclete nojenta de baixo da cama de Piper. “Nem, ela herdou o posto quando Silena Beauregard morreu na guerra. Drew era a segunda mais velha. A campista mais velha automaticamente consegue o posto, a menos que alguém com mais anos ou mais missões completas queira desafiar, no caso isso é um duelo, mas dificilmente acontece. Resumindo, estamos presos com Drew no cargo desde agosto. Ela decidiu fazer algumas, er, *mudanças* no jeito que o chalé anda.”

“Sim, eu decidi!” Subitamente Drew estava ali, encostada no beliche. Lacy chiou como um porco da Guiné e tentou correr, mas Drew estendeu um braço para pará-la. Ela olhou para Mitchell. “Eu acho que você esqueceu um pouco de lixo, querido. Seria melhor dar outra passada.”

Piper olhou para o banheiro e viu que Drew despejou tudo da lixeira do banheiro — coisas bastante *nojentas* — no chão.

Mitchell se sentou nas coxas. Ele olhou para Drew como se estivesse prestes a atacar (o que Piper pagaria pra ver), mas finalmente vociferou, “Certo.”

Drew sorriu. “Observe, Piper, querida, nós somos um bom chalé aqui. Uma boa família! Silena Beauregard, embora... você podia levar uma advertência dela. Ela estava secretamente passando informação para Cronos na Guerra dos Titãs, ajudando o *inimigo*.”

Drew sorriu toda doce e inocente, com sua maquiagem rosa brilhante e seu cabelo seco luxuriante e cheirando a noz-moscada. Ela parecia qualquer adolescente popular num colégio. Mas seus olhos eram tão frios quanto aço. Piper teve a sensação que Drew estava olhando direto na sua alma, puxando seus segredos.

Ajudando o inimigo.

“Ah, nenhum dos outros chalés fala sobre isso,” Drew contou. “Eles agem como se Silena Beauregard fosse uma heroína.”

“Ela sacrificou sua vida para fazer as coisas certas,” Mitchell resmungou. “Ela *era* uma heroína.”

“Humm,” Drew disse. “Outro dia na patrulha do lixo, Mitchell. Mas *voltando*, Silena perdeu a trilha sobre o que esse chalé é. Nós fazemos casais bonitinhos no acampamento! Então os quebramos a parte e começamos de novo! É a melhor diversão de todos os tempos. Não temos nenhum problema envolvendo-nos em outras coisas como guerras e missões. *Eu* certamente não fui a nenhuma missão. Elas são uma perda de tempo!”

Lacy levantou a mão nervosamente. “Mas na noite passada você disse que queria ir numa —”

Drew olhou para ela, e a voz de Lacy morreu.

“Na maioria das vezes,” Drew continuou, “certamente não precisamos de nossas imagens manchadas por espiões, precisamos, *Piper*? ”

Piper tentou responder, mas não pôde. Não havia jeito que Drew pudesse saber sobre seus sonhos ou o sequestro do seu pai, havia?

“É muito mal que você estava fora,” Drew suspirou. “Mas se você sobreviver à sua pequena missão, não se preocupe, eu vou encontrar *alguém* para ficar com você. Talvez um daqueles garotos brutos de Hefesto. Ou Clovis? Ele é bastante repulsivo.” Drew olhou para ela com uma mistura de pena e desgosto. “Honestamente, eu não acho que seja *possível* Afrodite ter uma criança feia, mas... quem *era* o seu pai? Ele era algum tipo de mutante, ou —”

“Tristan McLean,” Piper vociferou.

Assim que disse isso, ela se odiou. Ela nunca, *nunca* brincou com o *card* do “papai famoso.” Mas Drew havia lhe levado até a borda. “Meu pai é Tristan McLean.”

O silêncio atordoado foi gratificante por alguns segundos, mas Piper se sentiu envergonhada de si. Todos viraram e olharam *O Pôster*, seu pai flexionando os músculos para o mundo todo ver.

“*Oh my god!*” metade das garotas gritou de vez.

“Incrível!” um rapaz disse. “O cara com a espada que matou aquele outro cara naquele filme?”

“Ele é *tão* gato para um sujeito velho,” uma garota disse, então ela corou. “Dig... desculpe-me. Eu sei que ele é seu *pai*. Isso é *tão* estranho!”

“É estranho, certo,” Piper concordou.

“Você acha que poderia me arranjar um autógrafo?” outra garota perguntou.

Piper forçou um sorriso. Ela não podia dizer, *Se meu pai sobreviver...*

“É, sem problemas,” ela controlou.

A garota guinchou de animação, e mais pessoas surgiram à frente, perguntando dúzias de perguntas de vez.

“Você já esteve nos bastidores?”

“Você vive numa mansão?”

“Você tem almoço com estrelas de cinema?”

“Você já teve seu ritual de passagem?”

Essa pegou Piper despreparada. “Ritual do quê?” ela perguntou.

As garotas e garotos riram e empurraram um ao outro como se fosse um tópico embarracoso.

“O ritual de passagem para uma criança de Afrodite,” um explicou. “Você faz alguém se apaixonar por você. Então você quebra seu coração. Derruba ele. Quando você fizer isso, você provou-se digna de Afrodite.”

Piper olhou para a multidão para ver se eles estavam brincando. “Quebrar o coração de alguém de propósito? Isso é terrível!”

Os outros pareceram confusos.

“Por quê?”

“Ah meu deus!” uma garota disse. “Aposto que Afrodite quebrou o coração do seu pai! Aposto que ele nunca mais amou ninguém de novo, amou? É tão romântico. Quando você tem seu ritual de passagem, você pode ser do jeito de mamãe!”

“Esqueça isso!” Piper gritou, um pouco mais alto do que pretendia. Os outros recuaram. “Eu *não* vou quebrar o coração de alguém só por causa de um ritual de passagem estúpido!”

O que é claro deu a Drew uma chance de voltar ao outro. “Bem, lá vai você!” ela se intrometeu. “Silena disse a mesma coisa. Ela quebrou a tradição, apaixonou-se pelo garoto Beckendorf, e *ficou* no amor. Se você me perguntar, é por isso que as coisas acabaram trágicas para ela.”

“Não é verdade!” Lacy chiou, mas Drew olhou para ela, e ela imediatamente derreteu-se de volta à multidão.

“Pouco importa,” Drew continuou, “porque, Piper, querida, você não poderia quebrar o coração de alguém, em todo o caso. E esse *nonsense* sobre seu pai ser Tristan McLean — é *tão* mendigar por atenção.”

Várias pessoas piscaram incertas.

“Você quer dizer que ele *não* é o pai dela?” um perguntou.

Drew virou os olhos. “Por favor. Agora, é hora do café da manhã, gente, e Piper aqui tem que começar aquela pequena missão. Então vamos fazer suas malas e tirá-la daqui!”

Drew dispersou a multidão e colocou todos para se mexerem. Ela os chamou de “querida” e “amigo,” mas seu tom fazia claro que ela esperava ser obedecida. Mitchell e Lacy ajudaram com a mala de Piper. Eles até protegeram o banheiro enquanto Piper entrava e mudava para uma roupa de viagem melhor. As roupas usadas não eram bobas — graças a deus — só jeans bem-vestidos, uma camiseta, um casaco confortável, e botas de caminhada que cabiam perfeitamente. Ela prendeu sua adaga, Katoptris, no cinto.

Quando Piper saiu, ela se sentia quase normal novamente. Os outros campistas estavam nos seus beliches enquanto Drew andava e inspecionava. Piper virou para Mitchell e Lacy e gesticulou com a boca, *Obrigada*. Mitchell sorriu severamente. Lacy bri-lhou um grande sorriso. Piper duvidou que Drew já os agradecesse por algo. Ela também notou que o pôster do *Rei de Esparta* fosse amassado e jogado no lixo. Ordens da Drew, sem dúvida. Embora que Piper queria arrancar o pôster por ela mesma, agora ela estava totalmente fumegante.

Quando Drew a localizou, ela fez um aplauso falso. “Muito bem! Nossa pequena garota de missão toda vestida em roupas de Lixo novamente. Agora, vá! Sem necessidade de comer o café da manhã conosco. Boa sorte com... seja o que for. Tchau!”

Piper colocou a mochila nos ombros. Ela podia sentir os olhos de todos nela enquanto ela andava até a porta. Ela só podia partir e esquecer sobre isso. Aquilo seria uma coisa fácil. O que ela importava sobre esse chalé, essas crianças superficiais?

Exceto que alguns deles tentaram ajuda-la. Alguns deles até encararam Drew por ela.

Ela virou para a porta. “Vocês sabem, vocês não tem que seguir as ordens da Drew.”

As outras crianças se mexeram. Várias olharam para Drew, mas ela pareceu muito aturdida para responder.

“Hãã,” um controlou, “ela é nossa conselheira chefe.”

“Ela é uma tirana,” Piper corrigiu. “Vocês podem pensar por si sós. Tem que mais que *isso* para Afrodite.”

“Mais que isso,” uma criança ecoou.

“Pensar por nós mesmos,” uma segunda murmurou.

“Gente!” Drew piou. “Não sejam estúpidos! Ela está encantando vocês.”

“Não,” Piper disse. “Só estou dizendo a verdade.”

Pelo menos, Piper pensou que era o caso. Ela não entendeu exatamente como esse negócio de encantamento funcionava, mas não se sentiu como se estivesse colocando algum poder especial nas palavras. Ela não queria ganhar uma discussão por usar truques contra as pessoas. Aquilo não lhe faria nenhum bem do que Drew. Piper simplesmente dizia o que queria dizer. Além disso, mesmo se ela tentasse encantar, ela tinha uma sensação que não funcionaria muito bem em outra encantadora como Drew.

Drew zombou dela. “Você pode ter um pouco de poder, Senhora Estrela de Filme. Mas você não sabe da primeira coisa sobre Afrodite. Você tem essas grandes ideias? O que você acha sobre o que esse chalé é, então? Fale para eles. Então talvez eu vou dizê-los algumas coisas sobre *você*, hein?”

Piper queria fazer uma réplica murcha, mas sua raiva virou pânico. Ela era uma espiã para o inimigo, assim como Silena Beauregard. Uma traidora de Afrodite. Drew sabia sobre isso, ou ela estava blefando? Sob o olhar da Drew, sua confiança começava a esmigalhar.

“Isso não,” Piper controlou. “Afrodite não é sobre isso.”

Então ela virou e saiu correndo antes que os outros pudessemvê-la corando.

Atrás dela, Drew começou a rir. “*Isso não?* Ouviu isso, gente? Ela não sabe!”

Piper prometeu a si que nunca *jámais* voltaria naquele chalé. Ela secou as lágrimas e invadiu o campo, sem saber onde estava indo — até ver o dragão descendo do céu.

PIPER

“LEO?” ELA GRITOU.

Com certeza, ali estava ele, sentando em cima de uma máquina mortal gigante de bronze e sorrindo feito um lunático. Antes mesmo de pousar, o alarme do acampamento soou. Um alarme de concha soprou. Todos os sátiros começaram a gritar, “Não me mate!” Metade do acampamento correu para fora numa mistura de pijamas e armaduras. O dragão desceu direito no meio no campo, e Leo gritou. “Está legal! Não atirem!”

Hesitantemente, os arqueiros baixaram os arcos. Os guerreiros recuaram, mantendo as lanças e espadas prontas. Eles fizeram um grande anel fróxio ao redor do monstro de metal. Outros semideuses se esconderam atrás das portas dos seus chalés ou espiaram pela janela. Ninguém parecia ansioso de chegar perto.

Piper não podia culpa-los. O dragão era imenso. Ele resplandecia no sol da manhã como uma escultura de centavos viva — tons diferentes de cobre e bronze — uma serpente de dezoito metros de comprimento com garras de aço e dentes de broca e olhos de rubi brilhantes. Tinha asas do formato das de morcego duas vezes sua largura que estendiam como velas metálicas, fazendo um som como moedas cascanteando de um caça-níquel sempre que batia.

“É lindo,” Piper murmurou. Os outros semideuses olharam para ela como se fosse uma insana.

O dragão ergueu a cabeça e atirou uma coluna de fogo no céu. Campistas se afastaram e suspenderam suas armas, mas Leo escorregou calmamente das costas do dragão. Ele ergueu as mãos como se rendesse, exceto que ainda tinha aquele sorriso louco no rosto.

“Pessoas da Terra, eu venho em paz!” ele gritou. Ele parecia que esteve rolando ao redor da fogueira. Seu casaco do exército e seu rosto estavam sujos de fuligem. Suas mãos estavam manchadas de graxa, e ele usava um novo cinto de ferramentas ao redor da cintura. Seus olhos estavam injetados de sangue. Seu cabelo cacheado estava tão oleoso que estavam em pé como espinho de um porco-espinho, e ele cheirava estranhamente a molho de pimenta. Mas ele parecia absolutamente deliciado. “Festus só está dizendo olá!”

“Essa coisa é perigosa!” uma garota de Ares gritou, brandindo sua lança. “Mata agora!”

“Abaixe!” alguém ordenou.

Para a surpresa de Piper, era Jason. Ele empurrou pela multidão, flanqueado por Annabeth e aquela garota do chalé de Hefesto, Nyssa.

Jason olhou para o dragão e balançou a cabeça em estupefação. “Leo, o que você fez?”

“Encontrei uma carona!” Leo sorriu. “Você disse que eu podia ir na missão se eu lhe conseguisse uma carona. Bem, eu lhe consegui um *bad boy* voador metálico classe A! Festus pode nos levar para qualquer lugar!”

“Ele — tem asas,” Nyssa gaguejou. Sua mandíbula parecia ter caído do rosto.

“É!” Leo disse. “Eu as encontrei e as recoloquei.”

“Mas ele nunca teve asas. Onde você as encontrou?”

Leo hesitou, e Piper podia dizer que ele estava escondendo algo.

“Em... na floresta,” ele disse. “Reparei os circuitos, também, a maioria, então sem mais problema com ele ficar maluco.”

“A maioria?” Nyssa perguntou.

A cabeça do dragão contraiu. Ele se inclinou para um lado e um rio de líquido preto — talvez óleo, *esperançosamente* apenas óleo — vazou do seu ouvido, tudo sobre Leo.

“Só alguns ajutes para resolvemos,” Leo disse.

“Mas como você sobreviveu...?” Nyssa ainda estava olhando para a criatura em pavor. “Digo, a respiração de fogo...”

“Eu sou rápido,” Leo disse. “E sortudo. Agora, estou na missão, ou o quê?”

Jason coçou a cabeça. “Você chamou ele de Festus? Você sabe que em latim, ‘festus’ significa ‘feliz’? Você quer que partamos para salvar o mundo em Feliz, o Dragão?”

O dragão se contraiu e tremeu e bateu as asas.

“Esse é um sim, cara!” Leo disse. “Agora, hã, eu realmente sugeriria que fossemos, gente. Eu já peguei algumas coisas na — hã, na floresta. E todas essas pessoas com armas estão deixando Festus nervoso.”

Jason franziu a testa. “Mas não temos nenhum plano ainda. Não podemos simplesmente —”

“Vão,” Annabeth disse. Ela era a única que não parecia nervosa absolutamente. Sua expressão estava triste e saudosa, como se isso o lembrasse dos velhos tempos. “Jason, vocês só tem três dias até o solstício agora, e vocês nunca deveriam manter um dragão nervoso esperando. Esse é certamente um bom presságio. Vão!”

Jason assentiu. Depois sorriu para Piper. “Está pronta, parceira?” Piper olhou para asas do dragão de bronze reluzindo no céu, e aquelas garras que podiam rasga-la em pedaços.

“Vá apostando,” ela disse.

Voar no dragão era a experiência mais maravilha de todos os tempos, Piper pensou.

Lá em cima, o ar era frio congelante; mas o metal do dragão gerava tanto calor que era como se estivessem voltando numa bolha protetora. Fale sobre os aquecedores de assento! E as estrias nas costas do dragão eram designadas como selas high-tech, então eles não estavam completamente desconfortáveis. Leo lhes mostrou como encaixar os pés nas fendas da armadura, como em estribos, e usar os arreios de segurança de couro engenhosamente escondidos sob o chapeamento exterior. Eles sentaram em fila única: Leo na frente, depois Piper, então Jason, e Piper estava bastante ciente de Jason logo atrás dela. Ela desejou que ele a agarrasse, talvez enrolar seus braços ao redor da cintura dela; mas infelizmente, ele não fez isso.

Leo usava as rédeas para conduzir o dragão no céu como se fizesse isso a vida inteira. As asas de metal trabalhavam perfeitamente, e logo a costa de Long Island era só uma linha obscura atrás deles. Eles se atiraram sobre Connecticut e subiram nas nuvens cinza de inverno.

Leo olhou para trás e sorriu para eles. “Legal, hein?”

“E se formos localizados?” Piper perguntou.

“A Névoa,” Jason disse. “Ela impede os mortais de verem coisas mágicas. Se eles nos localizarem, eles provavelmente confundirão a gente com um avião pequeno ou outra cosa.”

Piper olhou sobre o ombro. “Tem certeza disso?”

“Não,” ele admitiu. Então Piper que ele estava apertando uma foto na sua mão — uma foto de uma garota com cabelo escuro.

Ela deu a Jason um olhar esquisito, mas ele corou e colocou a foto no bolso.
“Estamos tendo um tempo bom. Provavelmente cheguemos lá de noite.”

Piper se perguntou quem era a garota na foto, mas ela não queria perguntar; e se Jason não voluntariou a informação, aquilo não era um bom sinal. Ele se lembrou de algo sobre sua vida antes? Aquela era uma foto da sua namorada verdadeira?

Pare, ela pensou. Você só vai se torturar.

Ela fez uma pergunta mais segura. “Para onde estamos indo?”

“Encontrar o deus do Vento Norte,” Jason disse. “E perseguir alguns espíritos de tempestade.”

L E O

LEO ESTAVA TOTALMENTE ZUNINDO.

A expressão no rosto de todos quando ele voou com o dragão no acampamento! Não tem preço! Ele pensou que seus companheiros de chalé iriam lhe dar um puxão louco.

Festus foi incrível também. Ele não queimou um único chalé ou comeu algum sátiro, mesmo se ele pingasse um pouco de óleo da orelha. Ok, *muito* óleo. Leo podia trabalhar nisso depois.

Então talvez Leo não pegasse a chance de contar a todos sobre a Carvoeira 9 ou o desenho do barco voador. Ele precisava de algum tempo para pensar sobre isso. Ele podia contar para eles quando voltasse.

Se eu voltar, parte dele pensou.

Que nada, ele voltaria. Ele ganhou um cinto de ferramentas mágico incrível da carvoeira, e mais vários suprimentos agora seguramente guardados na sua mochila. Além disso, ele tinha um dragão que respirava fogo e só levemente avariado no seu lado. O que poderia dar errado?

Bem, o disco de controle poderia explodir, a parte má dele sugeriu. Festus poderia comer você.

Ok, então o dragão não estava *tão* consertado quanto Leo esperava ter deixado. Ele trabalhou a noite toda colocando aquelas asas, mas ele não encontrou nenhum cérebro extra de dragão em lugar nenhum na carvoeira. Ei, eles estavam sob um limite de tempo! Três dias até o solstício. Eles tinham que continuar. Além disso, Leo havia limpado o disco bastante bem. A maioria dos circuitos ainda estava bem. Só teriam que ficar unidos.

Seu lado mau começou a pensar, *É, mas e se —*

“Cale a boca, eu,” Leo disse em voz alta.

“O quê?” Piper perguntou.

“Nada,” ele disse. “Longa noite. Acho que estou alucinando. É legal.”

Sentado na frente, Leo não podia ver o rosto deles, mas assumiu pelo silêncio que seus amigos não estavam agradecidos em ter um motorista de dragão alucinado e com sono.

“Só brincando.” Leo decidiu que seria bom mudar de assunto. “Então qual é o plano, gente? Vocês disseram algo sobre pegar vento, ou quebrar o vento, ou algo?”

Enquanto eles voavam sobre a Nova Inglaterra, Jason explicou o plano de jogo: Primeiro, encontrar algum sujeito chamado Bóreas e atormentá-lo por informação —

“O nome dele é *Bóreas*?” Leo teve que perguntar. “O que ele é, o Deus da Chacice?”

Segundo, Jason continuou, eles tinham que encontrar aqueles *ventus* que atacaram eles no Grand Canyon —

“Podemos simplesmente chamá-los de espíritos de tempestade?” Leo perguntou. “*Ventus* os faz soarem como cafés-expresso do mal.”

E terceiro, Jason acabou, eles tinham que descobrir para quem os espíritos de tempestade trabalhavam, então eles poderiam encontrar Hera e libertá-la.

“Então você quer procurar Dylan, o cara desagradável de tempestade, *de propósito*,” Leo disse. “O sujeito que me jogou do Skywalk e sugou o Treinador Hedge para as nuvens.”

“É sobre isso,” Jason disse. “Bem... pode haver uma loba envolvida, também. Mas acho que ela é amigável. Provavelmente não vai nos comer, a menos que mostremos fraqueza.”

Jason lhes contou sobre seu sonho — a grande mãe loba horrível e uma casa queimada com espirais de pedra subindo da tanque de natação.

“Ahã,” Leo disse. “Mas você não sabe onde esse lugar é.”

“Não,” Jason admitiu.

“Também há gigantes,” Piper acrescentou. “A profecia diz *a vingança dos gigantes*.”

“Espere aí,” Leo disse. “Gigantes — tipo, mais que um? Por que não pode ser simplesmente um gigante que quer vingança?”

“Eu acho que não,” Piper disse. “Eu lembro que em algumas histórias gregas antigas, havia algo sobre um exército de gigantes.”

“Legal,” Leo murmurou. “É claro, com nossa sorte, é um exército. Então você sabe mais alguma coisa sobre esses gigantes? Você não fez várias pesquisas sobre mitos para aquele filme com seu pai?”

“Seu pai é um ator?” Jason perguntou.

Leo riu. “Eu continuo esquecendo sua amnésia. É. Esquecendo a amnésia. É engraçado. Mas sim, o pai dela é Tristan McLean.”

“Hã — Desculpe, ele esteve no quê?”

“Não importa,” Piper disse rapidamente. “Os gigantes — bem, há vários gigantes na mitologia grega. Mas se eu estou pensando nos certos, eles são más notícias. Grandes, quase impossíveis de matar. Eles poderiam arremessar montanhas e coisas. Eu acho que eles são relacionados ao titãs. Eles se ergueram da terra depois de Cronos perder a guerra — eu quero dizer a *primeira* guerra titã, milhões de anos atrás — e eles tentaram destruir o Olimpo. Se estamos falando sobre os mesmos gigantes —”

“Quíron disse que estava acontecendo novamente,” Jason lembrou. “O último capítulo. É o que ele quis dizer. Não me admira que ele não quisesse que soubéssemos todos os detalhes.”

Leo assobiou. “Então... gigantes que podem arremessar montanhas. Lobos amigáveis que irão nos comer se mostrarmos fraqueza. Cafés-expresso maus. Entendi. Talvez não seja a hora de trazer minha babá psicótica à tona.”

“Essa é outra piada?” Piper perguntou.

Leo lhes contou sobre Tía Callida, que era realmente Hera, e como ele apareceu a ele no acampamento. Ele não lhes contou sobre as habilidades com fogo. Aquele ainda era um assunto delicado, especialmente depois de Nyssa lhe contar que semideuses de fogo tendiam a destruir cidades e coisas. Além disso, assim Leo teria que entrar em como ele causou a morte da mãe, e... Não. Ele não estava pronto para ir ali. Ele conseguiu falar sobre a noite que ela morreu, sem mencionar o fogo, só dizendo que a oficina mecânica desabou. Era mais fácil sem olhar para os amigos, só mantendo os olhos direto à frente enquanto eles voavam.

E ele lhes contou sobre a mulher estranha em robes de terra que parecia estar adormecida, e parecia saber o futuro.

Leo estimou que todo o estado de Massachusetts passou abaixo deles antes dos amigos falarem.

“É... perturbador,” Piper disse.

“Aproximadamente resume,” Leo concordou. “O problema é que todos dizem para não confiar em Hera. Ela odeia semideuses. E a profecia disse que causaríamos morte se desatrelarmos sua raiva. Então eu me pergunto... por que estamos fazendo isso?”

“Ela nos escolheu,” Jason disse. “Todos nós. Somos os primeiros dos sete que terão de ser reunidos para a Grande Profecia. Essa missão é o começo de algo muito maior.”

Aquilo não fazia Leo se sentir melhor, mas ele não podia argumentar com a resolução de Jason. *Sentia* como se fosse o começo de algo grande. Ele só desejou que se houvessem mais semideuses destinados a ajudá-los, eles aparecessem rápido. Leo não queria participar de todas as aventuras aterrorizantes de risco de vida.

“Além disso,” Jason continuou, “ajudar Hera é o único jeito para que eu possa conseguir minha memória de volta. E aquela espiral escura no meu sonho parecia estar alimentada pela energia de Hera. Se essa coisa desatrela um rei dos gigantes por destruir Hera —”

“Não é um balanceamento bom,” Piper concordou. “Pelo menos Hera está no nosso lado — pela maioria. Perdê-la iria lançar os deuses em caos. Ela é a principal que mantém paz na família. E uma guerra com os gigantes poderia ser ainda mais destrutível que a Guerra dos Titãs.”

Jason assentiu. “Quíron também falou sobre forças piores se agitando no solstício, com ele sendo um bom tempo para magia negra, e tudo — algo que poderia acordar se Hera fosse sacrificada nesse dia. E essa mestra que está controlando os espíritos de tempestade, a que quer matar todos os semideuses —”

“Pode ser aquela mulher estranha dormindo,” Leo concluiu. “Mulher-Sujeira totalmente acordada? Não é algo que eu queira ver.”

“Mas quem é ela?” Jason perguntou. “E o que ela tem a ver com gigantes?”

Boas perguntas, mas nenhuma delas tinha resposta. Eles voaram em silêncio enquanto Leo pensava se ele fizera a coisa certa, compartilhando tanto. Ele nunca contara para ninguém sobre aquela noite no armazém. Mesmo se ele não tivesse lhes dado toda a história, ainda sentia estranho, como se abrisse seu peito e tirasse todas as engrenagens que o permitia fazer tique-taque. Seu corpo estava tremendo, e não pelo frio. Ele esperou que Piper, sentada atrás dele, não pudesse dizer.

A forja e a pomba quebrarão a prisão. Não era aquela linha da profecia? Significava que Piper e ele teriam que encontrar um jeito de quebrar aquela prisão mágica de rocha, assumindo que pudessem encontrá-la. Então eles desatrelariam a ira de Hera, causando muitas mortes. Bem, aquilo parecia divertido! Leo vira Tía Callida em ação;

ela gostava de facas, cobras, e colocar bebês em fogos estalantes. É, definitivamente vamos desatrelar sua ira. Grande ideia.

Festus continuou voando. O vento ficou mais quente, e abaixo deles florestas nevadas pareciam continuar para sempre. Leo não sabia exatamente onde era Quebec. Ele disse para Festus levá-los ao palácio de Bóreas, e Festus continuou indo para o norte. Esperançosamente, o dragão sabia o caminho, e eles não acabariam no Polo Norte.

“Por que você não dorme um pouco?” Piper disse no seu ouvido. “Você esteve acordado a noite toda.”

Leo queria protestar, mas a palavra *dormir* soou realmente bem. “Você não vai me deixar cair?”

Piper bateu de novo no seu ombro. “Confie em mim, Valdez. Pessoas bonitas nunca mentem.”

“Certo,” ele murmurou. Ele se encostou ao bronze quente do pescoço do dragão, e fechou os olhos.

L E O

PARECEU QUE ELE DORMIR SÓ POR SEGUNDOS, mas quando Piper o sacudiu, a luz do dia estava indo embora.

“Cá estamos,” ela disse.

Leo esfregou o sono para fora dos olhos. Abaixo deles, havia uma cidade numa escarpa em frente a um rio. As planícies em volta estavam cheio de neve, mas a cidade em si brilhava calorosamente no pôr-do-sol de inverno. Prédios se aglomeravam juntos dentro de altos muros como uma cidade medieval, mais velho que qualquer lugar que Leo vira antes. No centro havia um verdadeiro castelo — pelo Leo assumiu que era um castelo — com sólidas paredes vermelhas de tijolos e uma torre quadrada com um telhado em forma de isósceles verde e pontiagudo.

“Diga-me que Quebec não é a oficina do Papai Noel,” Leo disse.

“É, Cidade de Quebec,” Piper confirmou. “Uma das cidades mais antigas na América do Norte. Fundada por volta de mil e seiscentos aproximadamente?”

Leo levantou uma sobrancelha. “Seu pai fez um filme sobre isso também?”

Ela fez uma cara para ele, o que Leo estava acostumado, mas não funcionou muito bem com sua nova maquiagem glamorosa. “Eu *leio* às vezes, ok? Só porque Afrodite me reclamou, não significa que eu tenho de ser uma cabeça-de-vento.”

“Mal-humorada!” Leo disse. “Então você que sabe tanto, o que é aquele castelo?”

“Um hotel, eu acho.”

Leo riu. “Sem chance.”

Mas assim que chegou mais perto, Leo viu que ela tinha razão. A grande entrada estava alvoroçada com porteiros, criados de quarto, e bagageiros tomando bagagens. Lustrosos e luxuosos carros pretos ficavam à toa na entrada de carros. Pessoas em ternos elegantes e capas de inverno se apressavam para sair do frio.

“O Vento Norte está ficando num hotel?” Leo disse. “Não pode ser —”

“Cabeça erguida, gente,” Jason interrompeu. “Temos companhia!”

Leo olhou para baixo e viu o que Jason queria dizer. Erguendo-se do topo da torre havia duas figuras aladas — anjos zangados, com espadas de aparência sórdida.

Festus não gostou dos anjos. Ele se precipitou a uma parada no meio do ar, as asas batendo e as garras nuas, e fez um estrondo na sua garganta que Leo reconheceu. Ele estava se preparando para soprar fogo.

“Firme, garoto,” Leo murmurou. Algo lhe disse que os anjos não ficariam amigáveis por serem tostados.

“Eu não gosto disso,” Jason disse. “Eles parecem espíritos de tempestade.”

A princípio Leo pensou que ele estava certo, mas assim que os anjos se aproximaram, ele pôde ver que eles eram muitos mais sólidos do que *ventus*. Eles pareciam adolescentes normais exceto pelos seus frios cabelos brancos e asas roxas emplumadas. Suas espadas de bronze estavam entalhadas, como pingentes. Seus rostos pareciam similares o bastante que eles poderiam ser irmãos, mas definitivamente não eram gêmeos.

Um era do tamanho de um boi, com um casaco de hóquei de lã, vermelho-claro, calças de moletom folgadas, e capuzes de couro negros. O rapaz claramente estivera em várias lutas, porque ambos seus olhos estavam pretos, e quando ele mostrava seus dentes, vários deles estavam faltando.

O outro rapaz parecia que havia sido tirado de uma das capas de álbuns de rock dos anos 80 da mãe de Leo — Journey, talvez, ou Hall & Oates, ou algo ainda mais careta. Seu cabelo de gelo branco era comprido e cobria uma tainha. Ele usava sapatos de couro com dedos significativos, calças desenhistas que pelo jeito eram muito apertadas, e uma camisa de seda cruel com os três botões de cima abertos. Talvez ele pensasse que parecia um cupido excelente, mas o cara não podia pesar mais que noventa quilos, e ele tinha um péssimo caso de acne.

Os anjos se empurraram para frente do dragão e pairaram ali, espadas prontas.

O boi de hóquei grunhiu. “Sem liberação.”

“Quê?” Leo disse.

“Vocês não têm plano de voo no arquivo,” explicou o cupido excelente. No topo dos seus outros problemas, ele tinha um acento francês tão ruim que Leo tinha certeza que era falso. “Esse é um espaço aéreo restrito.”

“Destruí-los?” O boi mostrou seu sorriso banguela.

O dragão começou a sibilar fumaça, pronto para defendê-los. Jason pegou sua espada dourada, mas Leo gritou, “Espere! Vamos ter alguns modos aqui, garotos. Eu posso pelo menos descobrir quem tem a honra de me destruir?”

“Eu sou Cal!” o boi grunhiu. Ele pareceu muito orgulhoso de si, como se tivesse gasto muito tempo para memorizar essa sentença.

“É a abreviação para Calais,” o cupido disse. “Infelizmente, meu irmão não pode dizer palavras com mais de duas sílabas —”

“Pizza! Hóquei! Destruir!” Cal ofereceu.

“— que inclua seu próprio nome,” o cupido acabou.

“Eu sou Cal,” Cal repetiu. “E esse é Zetes! Meu irmão!”

“Uau,” Leo disse. “Foram quase três frases, cara! Continue assim.”

Cal grunhiu, obviamente satisfeito com si próprio.

“Palhaço estúpido,” seu irmão grunhiu. “Eles estão rindo da sua cara. Mas não importa. Eu sou Zetes, que é abreviação de Zetes. E a senhorita ali —” Ele piscou para Piper, mas a piscada era mais como uma apreensão facial. “Ela pode me chamar de tudo que gostar. Talvez ela gostasse de jantar com um semideus famoso antes de termos que destrui-los?”

Piper fez um som como engasgos numa pastilha para tosse. “É... uma oferta realmente horrível.”

“Sem problema.” Zetes mexeu as sobrancelhas. “Somos um povo muito romântico, nós boréades.”

“Boréades?” Jason se intrometeu. “Você quer dizer, tipo, os filhos de Bóreas?”

“Ah, então você ouviu falar de nós!” Zetes pareceu contente. “Somos os guardiões do nosso pai. Assim você entende, não podemos deixar pessoas desautorizadas voando no seu espaço aéreo em dragões rangedores, assustando os pobres mortais.”

Ele apontou para baixo, e Leo viu que os mortais estavam começando a notar. Vários estavam apontando para cima — não em alarme, ainda — mais em confusão e incômodo, como se o dragão fosse um helicóptero no tráfego voando muito baixo.

“Que é tristemente por isso, a menos que seja um pouso de emergência,” Zetes disse, removendo o cabelo do seu rosto coberto de acne, “teremos que destruir vocês dolorosamente.”

“Destruir!” Cal concordou, com um pouco mais de entusiasmo do que Leo achou necessário.

“Espere!” Piper disse. “Esse é um pouso de emergência.”

“Ahhh!” Cal pareceu tão desapontado que Leo quase sentiu pena dele.

Zetes estudou Piper, o que naturalmente o que obviamente já esteve fazendo. “Como a garota bonita decide que é uma emergência, então?”

“Temos que ver Bóreas. É totalmente urgente! Por favor?” Ela forçou um sorriso, o que Leo pensou que devia estar lhe matando; mas ela ainda tinha aquela bênção de Afrodite funcionando, e ela parecia incrível. Algo na sua voz, também — Leo se encontrou acreditando em cada palavra. Jason estava assentindo, parecendo absolutamente convencido.

Zetes pegou sua camisa cruel, provavelmente verificando se ainda estava aberta o suficiente. “Bem... eu odeio desapontar uma senhorita amável, mas você entende, minha irmã, ela teria uma avalanche se permitíssemos que vocês —”

“E nosso dragão está falhando!” Piper acrescentou. “Pode quebrar a qualquer minuto!”

Festus estremeceu utilmente, então virou a cabeça e derramou óleo da orelha, esparramando uma Mercedes preta no estacionamento abaixo.

“Sem destruição?” Cal choramingou.

Zetes ponderou o problema. Então ele deu a Piper outra piscadela convulsiva. “Bem, você está linda. Digo, você está *certa*. Um dragão falhando — essa pode ser uma emergência.”

“Destruí-los depois?” Cal ofereceu, o que provavelmente era o mais próximo de ‘amigável’ que ele jamais chegou.

“Vou dar algumas explicações,” Zetes decidiu. “Papai não tem sido dócil com visitantes ultimamente. Mas, sim. Venham, pessoas do dragão quebrado. Siga-nos.”

Os boréades embainharam as espadas e puxaram armas menores dos seus cintos — ou pelo menos Leo pensou que eram armas. Então os boréades as ligou, e Leo percebeu que eram lanternas com cones laranja, como os que controladores de tráfego usam numa pista. Cal e Zetes viraram e mergulharam para a torre do hotel.

Leo virou para seus amigos. “Eu amo esses caras. Seguir eles?”

Jason e Piper não pareceram ansiosos.

“Eu acho,” Jason decidiu. “Estamos aqui agora. Mas me pergunto por que Bóreas não tem sido dócil com visitantes.”

“Tsc, ele só não conheceu a gente ainda.” Leo assobiou. “Festus, atrás daquelas lanternas!”

Enquanto se aproximavam, Leo se preocupou que eles bateriam na torre. Os boréades sinalizaram a direita para o telhado e não diminuíram a velocidade. Então uma parte do telhado tendencioso deslizou abrindo-se, revelando uma entrada grande o bastante para Festus. O topo e o fundo eram alinhados com pingentes como dentes com reentrâncias.

“Não deve ser nada bom,” Jason murmurou, mas Leo induziu o dragão para baixo, e eles mergulharam atrás dos boréades.

Eles pousaram no que devia ser a suíte; mas o lugar foi batido por um freezer. O salão de entrada arqueou tetos de doze metros de altura, grandes janelas com cortinas, e tapetes orientais de luxo. Uma escadaria no fundo da sala levava a outro salão igualmente sólido, e mais corredores se separavam à esquerda e direita. Mas o gelo fez a beleza do quarto um pouco assustadora. Quando Leo deslizou do dragão, o tapete se tritou sob seus pés. Uma camada fina de frieza cobria a mobília. As cortinas não se mexiam porque estavam congeladas e sólidas, e as janelas cobertas de gelo deixava entrar num úmida do pôr-do-sol. Até o teto estava cheio de pingentes. Como para as escadas, Leo tinha certeza que escorregaria e quebraria o pescoço se tentasse subi-las.

“Gente,” Leo disse, “consertem o termostato aqui, e eu iria me mexer totalmente.”

“Eu não.” Jason olhava preocupadamente para a escada. “Algo parece errado. Algo ali em cima...”

Festus estremeceu e bufou chamas. Gelo começou a se formar no seu corpo.

“Não, não e não.” Zetes marchou, embora como ele pudesse andar naqueles sapatos de couro pontudos, Leo não tinha ideia. “O dragão deve ser desativado. Não permitimos fogo aqui. O calor arruína meu cabelo.”

Festus rugiu e girou seus dentes de broca.

“Tá tudo ok, garoto.” Leo virou para Zetes. “O dragão é um sensível sobre o conceito todo de *desativação*. Mas eu tenho uma solução melhor.”

“Destruir?” Cal sugeriu.

“Não, cara. Você tem que parar com a conversa de *destruir*. Só espere.”

“Leo,” Piper disse nervosamente, “o que você vai —”

“Veja e aprenda, linda rainha. Quando estava reparando Festus na noite passada, eu encontrei todos os tipos de botões. Alguns, você *não* quer nem saber o que fazem. Mas outros... ah, aqui vamos nós.”

Leo encaixou seus dedos atrás da pata dianteira esquerda do dragão. Ele puxou um interruptor, e o dragão estremeceu da cabeça até o pé. Todos recuaram enquanto Festus se dobrava como origami. Seu chapeamento de bronze se empilhou junto. Seu pescoço e rabo contraíram no seu corpo. Suas asas caíram e seu tronco se compactou até ele ser uma fatia de metal retangular do tamanho de uma mala.

Leo tentou levantá-la, mas a coisa pesada aproximadamente seis bilhões de quilos. “Hã... é. Espere. Eu acho — ahá.”

Ele empurrou outro botão. Uma alça virou no topo, e rodas clicaram embaixo.

“Ta-da!” ele anunciou. “A bagagem de mão mais pesada do mundo!”

“É impossível,” Jason disse. “Algo daquela grandeza não poderia —”

“Pare!” Zetes ordenou. Ele e Cal puxaram as espadas e olharam para Leo.

Leo levantou as mãos. “Ok... o que eu fiz? Fiquem calmos, caras. Se isso lhes perturba tanto, eu não *tenho* que deixar o dragão como bagagem —”

“Quem é você?” Zetes pôs a ponta da sua espada no peito de Leo. “Uma criança do Vento Sul, nos espiando?”

“O quê? Não!” Leo disse. “Filho de Hefesto. Ferreiro amigável, sem danos a ninguém!”

Cal rosnou. Ele encostou seu rosto no de Leo, e ele definitivamente não era mais bonito olhando direto, com seus olhos feridos e boca desregulada. “Cheira fogo,” ele disse. “Fogo é mau.”

“Ah.” O coração de Leo bateu fortemente. “Sim, bem... minhas roupas estão um pouco chamuscadas, e eu estive trabalhando com óleo, e —”

“Não!” Zetes colocou Leo de volta na ponta da espada. “Nós podemos *cheirar* fogo, semideus. Nós assumimos que eram do dragão rangedor, mas agora o dragão é uma mala. E eu ainda sinto cheiro... em *você*.”

Se não fosse pelos três graus na suíte, Leo teria começado a suar. “Ei... olhem... Eu não sei —” Ele olhou para os seus amigos desesperadamente. “Gente, uma pequena ajuda?”

Jason já estava com sua moeda de ouro na mão. Ele deu um passo para a frente com os olhos em Zetes.

“Olhem, aqui tem um erro. Leo não é um menino de fogo. Conte para eles, Leo. Conte para eles que você não é um menino de fogo.”

“Hã...”

“Zethes?” Piper tentou seu sorriso deslumbrante de novo, embora ela parecesse um pouco nervosa demais e fria para ceder. “Somos todos amigos aqui. Abaixe suas espadas e vamos conversar.”

“A garota é bonita,” Zetes admitiu, “e naturalmente ela não pode ajudar sendo atraída ao meu assombro; mas infelizmente, eu não posso romanceá-la dessa vez.” Ele cutucou a ponta da espada mais fundo no peito de Leo, e Leo pôde sentir o gelo e espatilhando pela sua camisa, formigando a pele.

Ele desejou que pudesse reativar Festus. Ele precisava de alguma ajuda. Mas demoraria vários minutos, mesmo se ele pudesse alcançar o botão, com dois caras de asas roxas no caminho.

“Destruí-lo agora?” Cal perguntou ao irmão.

Zetes assentiu. “Infelizmente, eu acho —”

“Não,” Jason insistiu. Ele soou calmo o suficiente, mas Leo calculou que ele estava a dois segundos de arremessar aquela moeda e colocá-la em modo gladiador completo. “Leo é só um filho de Hefesto. Ele não é uma ameaça. A Piper aqui é uma filha de Afrodite. Eu sou o filho de Zeus. Estamos numa pacífica —”

A voz de Jason vacilou, pois os boréades subitamente viraram para ele.

“O que você disse?” Zetes exigiu. “Você é o filho de Zeus?”

“Hã... é,” Jason disse. “É uma coisa boa, certo? Meu nome é Jason.”

Cal pareceu tão surpresa que quase deixou sua espada cair. “Não pode ser o Jason,” ele disse. “Não parece o mesmo.”

Zeus deu um passo à frente e manteve os olhos semicerrados no rosto de Jason. “Não, ele não é o *nosso* Jason. Nossa Jason era mais elegante. Não tanto quanto eu — mas elegante. Além disso, o nosso Jason morreu a milênios atrás.”

“Espere,” Jason disse. “*Nosso* Jason... você está dizendo, o Jason original? O cara do Velocino de Ouro?”

“É claro,” Zetes disse. “Fomos seus companheiros de tripulação a bordo do navio dele, o *Argo*, nos tempos antigos, quando éramos semideuses mortais. Então aceitamos a imortalidade para servir o nosso pai, então eu pude pensar nisso como legal o tempo todo, e meu irmão bobo pôde gostar de pizza e hóquei.”

“Hóquei!” Cal concordou.

“Mas Jason — o *nossa* Jason — ele morreu uma morte mortal,” Zetes disse. “Você não pode ser ele.”

“Eu não sou,” Jason concordou.

“Então, destruir?” Cal perguntou. Claramente a conversando estava dando para os seus dois neurônios um sério exercício.

“Não,” Zetes disse pesarosamente. “Se ele é um filho de Zeus, ele pode ser o que temos estado observando.”

“Observando?” Leo perguntou. “Você diz num bom sentido: você vai lhe encher de prêmios fabulosos? Ou observando num *mau* sentido: ele está em encranca?”

A voz de uma garota disse, “Depende da vontade do meu pai.”

Leo ergueu os olhos para a escadaria. Seu coração quase parou. No topo, uma garota em pé com um vestido branco de seda. Sua pele era anormalmente pálida, a cor da neve, mas seus cabelos eram uma cabeleira luxuriante de preto, e seus olhos eram marrom café. Ela se fechou em Leo sem expressão, sem sorriso, sem simpatia. Mas não importava. Leo estava apaixonado. Ela era a garota mais deslumbrante que ele já viu.

Aí ela olhou para Jason e Piper, e pareceu entender a situação imediatamente.

“Meu pai irá querer ver o que é chamado de Jason,” a garota disse.

“Então é ele?” Zetes perguntou, animado.

“Veremos,” a garota disse. “Zetes, traga nossos visitantes.”

Leo pegou a alça da mala do seu dragão de bronze. Ele não tinha certeza como ele iria se arrastar pelos degraus, mas ele *tinha* que se aproximar daquela garota e lhe perguntar algumas perguntas importantes — como qual era o e-mail dela e o número de telefone.

Antes que desse um passo, ela lhe congelou com um olhar. Não *literalmente* congelou, mas ela também podia ter feito isso.

“Você não, Leo Valdez,” ela disse.

No fundo da sua mente, Leo se perguntou como ela sabia seu nome; mas na maioria ele só estava se concentrando em como se sentia apaixonado.

“Por que não?” Ele provavelmente soou como um gaoroto infantil e boba, mas não pôde pensar nisso.

“Você não pode ficar na presença do meu pai,” a garota disse. “Fogo e gelo — não seria sábio.”

“Estamos vindo juntos,” Jason insistiu, colocando a mão no ombro de Leo, “ou de jeito nenhum.”

A garota abaixou a cabeça, como se não estivesse acostumada a pessoas rejeitando suas ordenas. “Ele não será machucado, Jason Grace, a menos que você cause problemas. Calais, mantenha Leo Valdez aqui. O guarde, mas não o mate.”

Cal fez beicinho. “Só um pouco?”

“Não,” a garota insistiu. “E cuide da mala interessante dele, até nosso pai passar o julgamento.”

Jason e Piper olharam para Leo, suas expressões fazendo-lhe uma pergunta sibilenciosa: *Como você quer jogar isso?*

Leo sentiu uma onda de gratidão. Eles estavam prontos a lutar por ele. Eles não o deixariam sozinho com o boi de hóquei. Parte dele queria ir, usar seu novo cinto de ferramentas e ver o que ele podia fazer, talvez até formar uma bola de fogo ou duas e queimar esse lugar. Mas os boréades haviam lhe assustado. E aquela garota maravilhosa lhe assustou mais ainda, mesmo se ele ainda quisesse o seu número.

“Está tudo bem, gente,” ele disse. “Não há sentido em causar problemas se não precisamos. Vocês vão.”

“Ouçam o seu amigo,” a garota pálida disse. “Leo Valdez estará perfeitamente seguro. Eu queria poder dizer o mesmo de você, filho de Zeus. Agora venham, Rei Bóreas está esperando.”

JASON

JASON NÃO QUERIA DEIXAR LEO, mas ele começou a pensar que sair na mão com o atleta de hóquei Cal era a *menor* opção de perigo nesse lugar.

Enquanto eles subiam a escadaria congelada, Zetes ficava atrás dele, sua lâmina na mão. O rapaz podia parecer um dançarino de disco, mas não havia nada engraçado naquela espada. Jason calculou que um golpe daquela coisa provavelmente iria lhe transformar em picolé.

Então havia a princesa do gelo. De vez em quando ela viraria e daria a Jason um sorriso, mas não havia calor na sua expressão. Ela julgou Jason como se ele fosse uma ciência de espécime especialmente interessante — uma que ela não poderia esperar para dissecar.

Se essas eram as crianças de Bóreas, ele não estava certo se queria encontrar o papai. Annabeth disse para ele que Bóreas era o mais amigável dos deuses do vento. Aparentemente aquilo significava que ele não matava heróis tão rápido quanto os outros faziam.

Jason se preocupou caso ele levasse seus amigos para uma armadilha. Se as coisas ficassem más, ele não sabia se poderia tirá-los vivos. Sem pensar sobre isso, ele pegou a mão de Piper para reassegurar-se.

Ela levantou as sobrancelhas, mas não soltou.

“Ficará tudo bem,” ela prometeu. “Só uma conversa, certo?”

No topo da escada, a princesa do gelo olhou para trás e notou eles de mãos dadas. Seu sorriso sumiu. Subitamente a mão de Jason na de Piper virou gelo frio — frio *ardente*. Ele soltou, e seus dedos estavam fumegando com gelo. Então foi a de Piper.

“Calor não é uma boa ideia aqui,” a princesa avisou, “especialmente quando *eu* sou sua melhor chance de ficarem vivos. Por favor, por aqui.”

Piper franziu para ele, nervosa. *Sobre o que foi aquilo?*

Jason não tinha uma resposta. Zetes o cutucou nas costas com sua espada pingente, e eles seguiram a princesa por um sólido corredor coberto por tapetes gelados.

Brisas geladas sopravam de um lado ao outro, e os pensamentos de Jason se mexeram quase tão rápido. Ele teve muito tempo para pensar enquanto montavam o dragão para o norte, mas ele se sentiu mais confuso que nunca.

A foto de Thalia ainda estava no seu bolso, porém ele não precisava mais olhar para ela. Sua imagem havia se queimado na sua mente. Era mau demais não lembrar seu passado, mas saber que tinha uma irmã em algum lugar por aí que podia ter respostas e não ter nenhuma maneira de encontrá-la — aquilo só o fazia subir o muro.

Na foto, Thalia não tinha nada em comum com ele. Eles tinham olhos azuis, mas era só isso. Seu cabelo era preto. Sua aparência era mais mediterrânea. Seus traços faciais eram mais violentos — como os de um falcão.

Ainda assim, Thalia parecia *tão* familiar. Hera só lhe deixara memória o bastante para que ele pudesse ter certeza que Thalia era sua irmã. Mas Annabeth agiu completamente surpresa quando ele lhe contou, como se ela nunca tivesse ouvido falar de Thalia ter um irmão. Thalia já sabia sobre ele? Como eles foram separados?

Hera pegara aquelas memórias. Ela roubara tudo do passado de Jason, o estatelado numa nova vida, e agora ela esperava que ele salvasse-a de alguma prisão só para que pudesse pegar de volta o que lhe foi tomado. Isso deixou Jason tão irritado que ele queria ir embora, deixar Hera apodrecer naquela prisão: mas ele não podia. Ele estava obcecado. Ele tinha que saber mais, e aquilo o fazia ainda mais ressentido.

“Ei.” Piper tocou seu braço. “Você ainda está comigo?”

“Sim... sim, desculpe.”

Ele estava gratificado por Piper. Ele precisava de uma amiga, e estava contente que ela começava a perder a bênção de Afrodite. A maquiagem estava enfraquecendo. Seu cabelo estava lentamente voltando ao seu estilo cortado com suas pequenas tranças caindo nos lados. Isso a fez parecer mais real, e mais que Jason ficava preocupado, mais linda ela ficava.

Ele tinha que certeza agora que eles nunca se conheceram antes do Grand Canyon. O relacionamento deles era só um truque da Névoa na mente de Piper. Porém com mais tempo que ele ficava com ela, mais ele desejava que fosse real.

Pare isso, ele disse para si mesmo. Não era justo com Piper, pensando desse jeito. Jason não tinha ideia o que estava esperando para ele de volta à sua vida antiga — ou quem estava esperando. Mas ele estava bastante certo que seu passado não se misturaria com o Acampamento Meio-Sangue. Depois dessa missão, quem sabia o que aconteceria? Assumindo ainda que eles sobrevivessem.

No fim do corredor eles se acharam na frente de um conjunto de portas de carvalho esculpidas com um mapa do mundo. Em cada ponta havia uma face barbuda de um homem, assoprando brisa. Jason teve certeza que já vira mapas assim antes. Mas nessa versão, todos os sujeitos do vento eram Inverno, soprando gelo e neve de cada canto do mundo.

A princesa virou. Seus olhos marrons brilharam, e Jason sentiu que era um presente de natal que ela estava esperando abrir.

“Essa é a sala do trono,” ela disse. “Comporte-se o melhor que puder, Jason Grace. Meu pai pode ser... frio. Eu vou traduzir para você, e tentar encorajá-lo a ouvi-lo. Espero que ele te poupe. Podemos ter certa diversão.”

Jason supôs que a definição da garota de ‘diversão’ não era a mesma dele.

“Hã, ok,” ele controlou. “Mas na verdade, só estamos aqui para uma pequena conversa. Estaremos partindo logo depois.”

A garota sorriu. “Eu adoro heróis. Ignorantes tão felizes.”

Piper descansou sua mão na adaga. “Bem, que tal você nos esclarecer? Você diz que vai traduzir para nós, e nem sabemos quem você é. Qual seu nome?”

A garota fungou com desagrado. “Suponho que não me surpreenderia que não me reconhecesse. Até nos tempos antigos, os gregos não me conheciam muito bem. As ilhas deles eram muito quentes, muito longes do meu domínio. Eu sou Quione, filha de Bóreas, deusa da neve.”

Ela agitou o ar com seu dedo, e uma nevasca em miniatura rodou ao seu redor — grandes e fofos flocos tão macios quanto algodão.

“Agora, venham,” Quione disse. As portas de carvalho foram sopradass, e luz azul fria derramou da sala. “Esperançosamente vocês irão sobreviver à sua pequena conversa.”

JASON

SE O SALÃO DE ENTRADA ERA FRIO, a sala do trono era um depósito de carne.

Névoa se suspendia no ar. Jason tremeu, e seu coração ferveu. Ao longo das paredes, tapetes reais mostravam cenas de florestas nevadas, montanhas estéreis, e geleiras. Alto acima, fitas de luz colorida — a aurora boreal — pulsavam no teto. Uma camada de neve cobria o chão, de forma que Jason tinha que pisar cuidadosamente. Ao redor do quarto havia esculturas de gelo de guerreiros em tamanho real — alguns em armadura grega, alguns medievais, alguns em camuflagem moderna — todos congelados em várias posições de ataque, espadas erguidas, revólveres travados e carregados.

Pelo menos Jason *pensou* que eram esculturas. Então ele tentou passar entre os dois lanceiros gregos, e eles se moveram com velocidade surpreendente, suas juntas estalando e lançando cristais de gelo enquanto eles cruzavam seus dardos para bloquear o caminho de Jason.

No outro lado do salão, a voz de um homem soou numa linguagem que parecia francês. A sala era tão comprida e nevoenta que Jason não pôde ver o outro lado; mas o que quer que o homem falou, os guardas de gelo descruzaram seus dardos.

“Está tudo bem,” Quione disse. “Meu pai os ordenou a não matar vocês ainda.”

“Super,” Jason disse.

Zetes o cutucou nas costas com a espada. “Continue andando, Jason Júnior.”

“Por favor, não me chame assim.”

“Meu pai não é um homem paciente,” Zetes alertou, “e a linda Piper, infelizmente, está perdendo o seu penteado mágico muito rápido. Mais tarde, talvez, eu possa emprestá-la algo da minha vasta coleção de produtos de cabelo.”

“Obrigada,” Piper grunhiu.

Eles continuaram andando, e a névoa se partiu para revelar um homem num trono de gelo. Ele era firmemente feito, vestido num terno branco elegante que parecia elaborado da neve, com asas escuras imperiais que se estendiam de cada lado. Seu longo cabelo e barba peluda eram encrustados com pingentes, de forma que Jason não pudesse dizer se seu cabelo era cinza ou só branco com neve. Suas sobrancelhas arqueadas o

fazia parecer nervoso, mas seus olhos piscavam mais calorosamente do que sua filha — como se ele pudesse ter um senso de humor enterrado em algum lugar sob aquele chão permanentemente gelado. Jason esperou que sim.

“*Bienvenu*,” o rei disse. “*Je suis Boreas le Roi. Et vous?*”

A deusa da neve Quione estava prestes a falar, mas Piper deu um passo à frente e fez uma reverência.

“*Votre Majesté*,” ela disse, “*je suis Piper McLean. Et c'est Jason, fils de Zeus.*”

O rei sorriu com agradável surpresa. “*Vous parlez français? Très bien!*”

“Piper, você fala francês?” Jason perguntou. Piper franziu a testa. “Não. Por quê?” “Você acabou de falar francês.” Piper pestanejou. “Falei?” O rei disse algo mais, e Piper assentiu. “*Oui, Votre Majesté.*”

O rei riu e bateu palmas, obviamente encantado. Ele disse mais algumas frases então moveu a mão rapidamente em direção à filha como se a mandasse ir embora.

Quione pareceu ofendida. “O rei diz —”

“Ele diz que eu sou uma filha de Afrodite,” Piper interrompeu, “então naturalmente eu posso falar francês, que é a língua do amor. Eu não tinha ideia. Vossa majestade diz que Quione não terá que traduzir agora.”

Atrás deles, Zetes bufou, e Quione lhe atirou um olhar assassino. Ela se curvou duramente ao pai e deu um passo para trás.

O deus julgou Jason, e Jason decidiu que seria uma boa ideia se curvar. “Vossa Majestade, eu sou Jason Grace. Obrigado por, hã, não nos matar. Eu posso perguntar... por que um deus grego fala francês?”

Piper teve outra troca com o rei.

“Ele fala a língua do seu país hospedeiro,” Piper traduziu. “Ele diz que todos os deuses fazem isso. A maioria dos deuses gregos fala inglês, como eles agora residem nos Estados Unidos, mas Bóreas nunca foi bem-vindo no reino deles. Seu domínio sempre foi distante ao norte. Nesses dias ele gosta de Quebec, então ele fala francês.”

O rei disse mais alguma coisa, e Piper ficou pálida.

“O rei diz...” Ela vacilou. “Ele diz —”

“Ah, me permita,” Quione disse. “Meu pai diz que tem ordens para matar vocês. Eu não mencionei isso mais cedo?”

Jason ficou tenso. O rei ainda estava sorrindo bondosamente, como se tivesse entregado boas notícias.

“Nos matar?” Jason disse. “Por quê?”

“Por que,” o rei disse, num inglês severamente acentuado, “meu lorde Éoo comandou isso.”

Bóreas se levantou. Ele desceu do seu trono e dobrou as asas nas costas. Conforme se aproximava, Quione e Zetes se curvaram. Jason e Piper seguiram o exemplo.

“Eu irei conceder falar sua língua,” Bóreas disse, “como Piper McLean me honrou na minha. *Toujours*, eu tive um afeto pelos filhos de Afrodite. Como para você, Jason Grace, meu mestre Éolo não me esperaria matar um filho do Lorde Zeus... sem primeiro deixar você falar.”

A moeda de ouro de Jason pareceu ficar mais pesada no seu bolso. Se ele fosse forçado a lutar, ele não gostava de suas chances. Dois segundos pelo menos para convocar sua lâmina. Então ele estaria encarando um deus, dois dos seus filhos, e um exército de guerreiros congelados a vácuo.

“Éolo é o mestre dos ventos, certo?” Jason perguntou. “Por que ele iria nos querer mortos?”

“Vocês são semideuses,” Bóreas disse, como se isso explicasse tudo. “O trabalho de Éolo é conter os ventos, e semideuses sem causaram a ele muitas dores de cabeça. Eles lhe pedem por favores. Eles desatrelam os ventos e causam caos. Mas o insulto final foi a batalha com Tífon no verão passado...”

Bóreas acenou com a mão, e uma superfície de gelo como uma TV de tela plana apareceu no ar. Imagens de uma batalha tremeluziram pela superfície — um gigante enrolado em nuvens de tempestade, prosseguindo com dificuldade através de um rio em direção à linha do horizonte de Manhattan. Figuras minúsculas e brilhantes — os deuses, Jason pensou — se aglomeravam ao redor dele como vespas raivosas, golpeando o monstro com raio e fogo. Finalmente o rio entrou em erupção num redemoinho maciço, e a forma fumegante caiu sob as ondas e desapareceu.

“O gigante de tempestade, Tífon,” Bóreas explicou. “Na primeira vez que os deuses derrotaram ele, eras atrás, ele não morreu discretamente. Sua morte libertou uma hospedagem de espíritos de tempestade — ventos selvagens que respondiam a ninguém. Era o trabalho de Éolo ir atrás de todos e aprisioná-los na sua fortaleza. Os outros deuses — eles não ajudaram. Nem se desculparam pela inconveniência. Demorou séculos para Éolo ir atrás de todos os espíritos de tempestade, e naturalmente isso o irritou. Então, verão passado, Tífon foi derrotado novamente —”

“E sua morte libertou outra onda de *ventus*,” Jason supôs. “O que fez Éolo ficar mais furioso ainda.”

“*C'est vrai*,” Bóreas concordou.

“Mas, Vossa Majestade,” Piper disse, “os deuses não tinham escolha a não ser batalhar com Tífon. Ele ia destruir o Olimpo! Além disso, por que punir semideuses por isso?”

O rei deu de ombros. “Éolo não pode libertar sua fúria nos deuses. Eles são seus mestres, e muito poderosos. Então ele fica impassível com semideuses que ajudaram eles na guerra. Ele emitiu ordens para nós: semideuses que vierem para nós por ajuda não são mais tolerados. Estamos para esmagar suas pequenos rostos mortais.”

Houve um silêncio inconfortável.

“Isso soa... extremo,” Jason arriscou. “Mas você não vai esmagar nossos rostos ainda, certo? Você irá nos ouvir primeiro, porque quando você ouvir sobre nossa missão —”

“Sim, sim,” o rei concordou. “Entenda, Éolo também disse que um filho de Zeus poderia procurar minha ajuda, e se isso acontecer, eu deveria ouvir você antes de lhe destruir, enquanto você possa — como foi que ele colocou? — fazer todas as nossas vidas muito interessantes. Eu sou apenas obrigado a *ouvir*, porém. Depois disso, estou livre para julgar como eu ver justo. Mas eu *vou* ouvir primeiro. Quione espera isso também. Pode ser que não matemos vocês.”

Jason sentiu como se quase pudesse respirar novamente. “Que bom. Obrigado.”

“Não me agradeça.” Bóreas sorriu. Há várias formas que você poderia fazer nossas vidas interessantes. “Às vezes mantemos semideuses para nosso entretenimento, como você pode ver.”

Ele gesticulou em volta do quarto para as várias estátuas de gelo.

Piper fez um barulho sufocado. “Você quer dizer — são todos semideuses? Semideuses congelados? Estão vivos?”

“Uma pergunta interessante,” Bóreas admitiu, como se isso nunca ocorreu a ele antes. “Eles não se mexem a menos que estejam obedecendo minhas ordens. O resto do tempo, eles estão meramente congelados. A menos que forem derreter, suponho, o que seria muita bagunça.”

Quione foi para trás de Jason e colocou seus dedos frios no seu pescoço. “Meu pai me dá presentes tão bondosos,” ela murmurou no seu ouvido. “Junte-se à nossa corte. Talvez eu deixe seus amigos irem.”

“O quê?” Zetes rompeu. “Se Quione ficar com esse, então eu mereço a garota. Quione sempre consegue mais presentes!”

“Agora, filho,” Bóreas disse firmemente. “Nosso visitantes vão achar que você é mimado! Além disso, você se mexeu muito rápido. Nem ouvimos ainda a história do semideus ainda. Aí decidiremos o que fazer com eles. Por favor, Jason Grace, nos entretenha.”

Jason sentiu seu cérebro se fechando. Ele não olhou para Piper pelo medo que iria completamente perder. Ele os colocou nessa, e agora eles iriam morrer — ou pior, seriam diversão para os filhos de Bóreas e acabariam congelados para sempre na sua sala do trono, lentamente corroendo na queimadura daquele congelador.

Quione murmurou e alisou seu pescoço. Jason não planejou isso, mas eletricidade faiscou pela sua pele. Houve um *pop* alto, e Quione voou para trás, derrapando pelo chão.

Zetes riu. “Foi legal! Estou contente que você fez isso, mesmo que tenha de matar você agora.”

Por um momento, Quione ficou muito aturdida para reagir. Então o ar ao redor dela começou a redemoinhar com uma micro nevasca. “Você ousa —”

“Pare,” Jason ordenou, com mais força do que podia reunir. “Vocês não vão nos matar. E vocês não vão nos manter aqui. Estamos numa missão para a própria rainha dos deuses, e a menos que você queira Hera explodindo as suas portas, você irá nos deixar ir.”

Ele soou muito mais confiante do que se sentia, mas chamou a atenção deles. A nevasca de Quione redemoinhou até parar. Zetes baixou a espada. Eles olhavam em dúvida para o pai.

“Humm,” Bóreas disse. Seus olhos cintilaram, mas Jason não soube se era de raiva ou de diversão. “Um filho de Zeus, favorecido por Hera? Essa é definitivamente uma primeira. Conte-nos sua história.”

Jason teria estragado tudo ali. Ele não esteve esperando ter a chance de falar, e agora que ele podia, sua voz o abandonou.

Piper o salvou. “Vossa Majestade.” Ela fez uma referência com um equilíbrio incrível, considerando ter sua vida por um fio. Ela contou para Bóreas toda a história, do Grand Canyon até a profecia, muito melhor e mais rápido do que Jason teria feito.

“Tudo pelo que pedimos é orientação,” Piper concluiu. “Esses espíritos de tempestade nos atacaram, e eles estão trabalhando para alguma mestra do mal. Se encontrarmos eles, talvez possamos encontrar Hera.”

O rei alisou os pingentes na barba. Do lado de fora da janela, a noite havia caído, e a única luz vinha da aurora boreal acima, jogando vermelho e azul em tudo.

“Eu conheço esses espíritos de tempestade,” Bóreas disse. “Eu sei onde eles são mantidos, e do prisioneiro que capturaram.”

“Você quer dizer o Treinador Hedge?” Jason perguntou. “Ele está vivo?”

Bóreas balançou a pergunta de lado. “Por enquanto. Mas quem controla esses espíritos de tempestade... Seria loucura opor-se a ela. Seria melhor vocês ficarem aqui como estátuas congeladas.”

“Hera está em apuros,” Jason disse. “Em três dias ela será — não sei — consumida, destruída, alguma coisa. E um gigante irá se erguer.”

“Sim,” Bóreas concordou. Era imaginação de Jason, ou ele atirou um olhar raioso a Quione? “Várias coisas horríveis estão acordando. Até meus filhos não me contam as notícias que deviam. A Grande Agitação dos monstros que começou com Cronos — seu pai Zeus tolamente acreditou que acabaria quando os titãs fossem derrotados. Mas assim como foi antes, assim é agora. A batalha final ainda está por vir, e aquele que acordará é mais terrível que qualquer titã. Espíritos de tempestade — esses são só o começo. A terra tem muito mais horrores para revelar. Quando os monstros não ficam mais no Tártaro, e almas não estão mais confinadas no Hades... O Olimpo tem uma boa razão para temer.”

Jason não tinha certeza do que tudo isso significava, mas ele não gostava do jeito que Quione estava sorrindo — como se *isso* fosse sua definição de ‘diversão.’

“Então você irá nos ajudar?” Jason perguntou ao rei.

Bóreas franziu a testa. “Eu não disse isso.”

“Por favor, Vossa Majestade,” Piper disse.

Os olhos de todos viraram para ela. Tinha que ser assustada da mente, mas ela parecia bonita e confiante — e não tinha nada a ver com a bênção de Afrodite. Ela parecia si mesma novamente, em velhas roupas de viagem com cabelo bagunçado e sem maquiagem. Mas ela quase brilhou com calor naquela sala do trono fria. “Se você nos contar onde estão os espíritos de tempestade, podemos capturá-los e trazê-los para Éolo. Você pareceria bom em frente ao seu chefe. Éolo pode nos perdoar e os outros semideuses. Poderíamos até resgatar Gleeson Hedge. Todo o mundo ganha.”

“Ela está linda,” Zetes murmurou. “Digo, ela está certa.”

“Pai, não ouça ela,” Quione disse. “Ela é uma filha de Afrodite. Ela ousa encantar um deus? Congele-a agora!”

Bóreas considerou isso. Jason escorregou a mão no bolso e se preparou para tirar a moeda de ouro. Se as coisas dessem errado, ele teria que se mover rapidamente.

O movimento chamou a atenção de Bóreas. “O que é isso no seu antebraço, semideus?”

Jason não havia percebido que a manga do seu casaco foi forçada, revelando a borda da sua tatuagem. Relutantemente, ele mostrou a Bóreas suas marcas.

Os olhos do deus se arregalaram. Quione sibilou e recuou.

Então Bóreas fez algo inesperado. Ele riu tão alto que um pingente quebrou no teto e se quebrou perto do seu trono. A forma do deus começou a tremeluzir. Sua barba desapareceu. Ele cresceu mais alto e mais magro, e suas roupas mudaram para uma toga romana, alinhada com dignidade real. Sua cabeça estava coroada com uma coroa de louro gelada, e um *gladius* — uma espada romana como a de Jason — presa no seu lado.

“Áquilo,” Jason disse, embora de onde ele conseguiu nome romano do deus, ele não tinha ideia.

O deus inclinou a cabeça. “Você me reconhece melhor nessa forma, sim? E você ainda diz que veio do Acampamento Meio-Sangue?”

Jason mudou o peso do corpo de um pé ao outro. “Hã... sim, Vossa Majestade.”

“E Hera te enviou aqui...” Os olhos do deus do inverno estavam cheios de hilidade. “Entendo agora. Ah, ela joga um *game* perigoso. Bravo, mas perigoso! Não me admira que o Olimpo esteja fechado. Eles devem estar tremendo no jogo que ela foi pega.”

“Jason,” Piper disse nervosamente, “por que Bóreas mudou de forma? A toga, a coroa. O que está acontecendo?”

“É a sua forma romana,” Jason disse. “Mas o que está acontecendo — não sei.”

O deus riu. “Não, tenho certeza que não. Deve ser muito interessante observar.”

“Significa que você vai nos soltar?” Piper perguntou.

“Minha querida,” Bóreas disse, “não há motivo para matar vocês. Se o plano de Hera falhar, o que eu acho que irá, vocês vão se rasgar um ao outro. Éolo nunca terá que se preocupar com semideuses novamente.”

Jason sentiu com se os dedos frios de Quione estivessem no seu pescoço novamente, mas não era ela — era só a sensação de que Bóreas tinha razão. Aquele senso de inexatidão que perturbava Jason desde que ele chegou no Acampamento Meio-Sangue, e

o comentário de Quíron sobre sua chegada ser desastrosa — Bóreas sabia o que aquilo significava.

“Suponho que você não possa explicar?” Jason perguntou.

“Ah, pare de pensar! Não sou eu que irei interferir no plano de Hera. Não me admira que ela pegou sua memória.” Bóreas riu, aparentemente ainda tendo um momento incrível imaginando semideuses rasgando um ao outro. “Você sabe, eu tenho uma reputação como um deus do vento útil. Ao contrário dos meus irmãos, eu fui conhecido por me apaixonar com mortais. Porque, meus filhos Zetes e Calais começaram como semideuses —”

“O que explica porque eles são idiotas,” Quione grunhiu.

“Pare com isso!” Zetes respondeu bruscamente. “Só porque você nasceu uma deusa completa —”

“Vocês dois, congelem,” Bóreas ordenou. Aparentemente, aquela palavra carregava muito peso na família, pois os dois irmãos ficaram absolutamente imóveis.

“Agora, como eu estava dizendo, eu tenho uma boa reputação, mas é raro que Bóreas faça um papel importante nos negócios dos deuses. Eu me sinto no meu palácio, na beira da civilização, e muito raramente tenho animações. Porque, até aquele idiota do Nótus, o Vento Sul, tem férias de primavera. O que eu recebo? Um festival de inverno com Québécois nus rolando pela neve!”

“Eu gosto do festival de inverno,” Zetes murmurou.

“Minha decisão,” Bóreas vociferou, “é que agora eu tenho a chance de ser o centro. Ah, sim, eu lhe deixarem ir nessa missão. Vocês encontrará seu espírito de tempestade na cidade tempestuosa, é claro. Chicago —”

“Pai!” Quione protestou.

Bóreas ignorou a filha. “Se você puder capturar os ventos, você possa conseguir entrada segura na corte de Éolo. Se por algum milagre você sair vivo, esteja certo de contá-lo que você capturou os ventos sob minhas ordens.”

“Ok, certo,” Jason disse. “Chicago é então onde encontrarem essa senhora que está controlando os ventos. É ela que pegou Hera numa armadilha?”

“Ah.” Bóreas sorriu. “Essas são duas perguntas diferentes, filho de Júpiter.”

Júpiter, Jason notou. Antes, ele me chamava de filho de Zeus.

“Aquela que controla os ventos,” Bóreas continuou, “sim, você irá encontrá-la em Chicago. Mas *ela* é só uma serva — uma serva que é muito amigável para te destruir.”

ir. Se você tiver sucesso com ela e pegar os ventos, então você pode ir a Éolo. Só ele tem conhecimento de todos os ventos da terra. Consequentemente, todos os segredos vêm de sua fortaleza. Se alguém pode lhes dizer onde Hera está aprisionada, esse é Éolo. Quanto a quem vocês irão encontrar quando finalmente encontrarem a prisão de Hera — sinceramente, se eu os contasse isso, vocês implorariam para eu lhes congelar.”

“Pai,” Quione protestou, “você não pode simplesmente deixá-los —”

“Eu posso fazer o que eu gostar,” ele disse, sua voz endurecendo, “Ainda sou o mestre aqui, não sou?”

O jeito que Bóreas olhou para sua filha, era óbvio que eles tinham alguma discussão em andamento.

Os olhos de Quione brilharam em raiva, mas ela apertou os dentes. “Como você quiser, Pai.”

“Agora vão, semideuses,” Bóreas disse, “antes que eu mude de ideia. Zetes acompanhe-os para fora seguramente.”

Todos se curvaram, e o deus do Vento Norte dissolveu em névoa.

De volta ao salão de entrada, Cal e Leo estavam esperando por eles. Leo parecia congelado, mas ileso. Ele até foi limpo, e suas roupas pareciam recentemente lavadas, como se houvesse usado o serviço de camareiro do hotel. Festus, o dragão, estava de volta à sua forma normal, soprando fogo sobre suas estruturas para se manter descongelado.

Conforme Quione os levava para as escadas, Jason notou que os olhos de Leo a seguiam. Leo começou a pentear o cabelo para trás com suas mãos. Ops, Jason pensou. Ele fez um lembrete mental de alertar a Leo sobre a deusa do gelo depois. Ela não era alguém para se apaixonar.

No último passo, Quione virou para Piper. “Você enganou meu pai, garota. Mas você não me enganou. Nós não acabamos. E você, Jason Grace, irei te ver como uma estátua na sala do trono muito em breve.”

“Bóreas tem razão,” Jason disse. “Você é uma criança mimada. Vejo você por aí, princesa do gelo.”

Os olhos de Quione cintilaram um branco puro. Por um momento, ela pareceu perder as palavras. Ela se tempestuou de volta para as escadas — literalmente. Na metade do caminho acima, ela virou uma nevasca e desapareceu.

“Tome cuidado,” Zetes alertou. “Ela nunca esquece um insulto.”

Cal grunhiu, concordando. “Irmã má.”

“Ela é a deusa da neve,” Jason disse. “O que ela vai fazer, jogar bolas de neve na gente?”

Mas assim que ele disse isso, Jason teve a sensação que Quione poderia fazer uma coisa muito pior.

Leo pareceu devastado. “O que aconteceu lá em cima? Você a deixou louca? Ela está louca comigo, também? Gente, era meu baile de formatura!”

“Vamos explicar depois,” Piper prometeu, mas quando ela olhou para Jason, ele percebeu que ela esperava que *ele* explicasse.

O que *havia* acontecido lá em cima? Jason não tinha certeza. Bóreas tinha virado Áquilo, sua forma romana, como se a presença de Jason causasse ele ficar esquizofrênico.

A ideia que Jason foi mandado para o Acampamento Meio-Sangue parecia divertir o deus, mas Bóreas / Áquilo não havia os deixado sair de bondade. Animação cruel dançou aos seus olhos, como se eles acabasse de apostar numa briga de cães.

Vocês irão rasgar um ao outro, ele disse com deleito. *Éolo nunca terá que se preocupar com semideuses novamente.*

Jason desviou os olhos de Piper, tentando não mostrá-la como ele estava desanimado. “É,” ele concordou, “vamos explicar depois.”

“Tenha cuidado, linda garota,” Zetes disse. “Os ventos entre aqui e Chicago são mal temperados. Várias outras coisas más estão se agitando. Sinto muito por você não ficar. Você faria uma estátua de gelo adorável, onde eu poderia verificar meu reflexo.”

“Obrigada,” Piper disse. “Porém, mais cedo ou mais tarde eu jogaria hóquei com Cal.”

“Hóquei?” Os olhos de Cal se iluminaram.

“Brincadeira,” Piper disse. “E os ventos de tempestade não são nosso pior problema, são?”

“Ah, não,” Zetes concordou. “Algo mais. Algo pior.”

“Pior,” Cal ecoou.

“Você pode me contar?” Piper lhe deu um sorriso.

Dessa vez, o charme não funcionou. Os boréades alados balançaram a cabeça em uníssono. As portas do galpão se abriram numa noite congelante e estrelada, e o dragão Festus bateu as patas, ansioso para voar.

“Pergunte para Éolo o que é pior,” Zetes disse obscuramente. “Ele sabe. Boa sorte.”

Ele quase souou como se importasse com o que acontecesse a eles, mesmo que alguns minutos atrás ele quisesse transformar Piper numa escultura de gelo.

Cal bateu de leve no ombro de Leo. “Não se destrua,” ele disse, o que provavelmente foi a maior frase que ele já tentou. “Próxima vez — hóquei. Pizza.”

“Vamos, gente.” Jason olhou para a escuridão. Ele estava ansioso para sair daquela suíte fria, mas tinha uma sensação que era o lugar mais hospitaleiro que eles veriam por um tempo. “Vamos para Chicago e tentar não nos destruir.”

PIPER

PIPER NÃO RELAXOU ATÉ QUE O BRILHO da Cidade de Quebec enfraquecesse atrás deles.

“Você foi incrível,” Jason lhe disse.

O elogio deveria ter feito o dia dela. Mas tudo que podia pensar era o problema adiante. *Coisas más estão se agitando*, Zetes os alertou. Ela sabia daquilo em primeira mão. Quanto mais eles se aproximassem do solstício, menos tempo Piper tinha para tomar sua decisão.

Ela falou para Jason em francês: “Se você soubesse a verdade sobre mim, você não acharia que fui tão incrível.”

“O que disse?” ele perguntou.

“Disse que só falei com Bóreas. Não foi tão incrível.”

Ela não virou para olhar, mas imaginou-o sorrindo.

“Ei,” ele disse, “você me salvou de entrar na coleção de heróis sub-zero de Quione. Eu te devo uma.”

Aquela foi definitivamente a parte fácil, ela pensou. Não havia jeito de Piper deixar aquela bruxa do gelo ficar com Jason. O que mais perturbava Piper era o modo em que Bóreas mudou de forma, e por que ele os deixou ir. Tinha algo a ver com o passado de Jason, aquelas tatuagens no seu braço. Bóreas assumiu que Jason era algum tipo de romano, e romanos não se misturavam com gregos. Ela continuou esperando que Jason oferecesse uma explicação, mas ele claramente não queria falar sobre isso.

Até agora, Piper conseguira recusar a sensação de Jason que ele não pertencia ao Acampamento Meio-Sangue. Obviamente ele era um semideus. É claro que ele pertencia. Mas agora... e se ele fosse algo mais? E se ele realmente fosse um inimigo? Ela não podia suportar aquela ideia mais do que não podia suportar Quione.

Leo lhes passou alguns sanduíches da sua mala. Ele esteve quieto desde que lhe contaram o que aconteceu na sala do trono. “Eu ainda não posso acreditar em Quione,” ele disse. “Ela parecia tão legal.”

“Confie em mim, cara,” Jason disse. “Neve pode ser bonita, mas de perto ela é fria e desagradável. Vamos lhe achar um baile de formatura melhor.”

Piper sorriu, mas Leo não pareceu agradecido. Ele não falara muito sobre seu período no palácio, ou por que os boréades haviam o discriminado por cheirar a fogo. Piper teve a sensação que ele estava escondendo alguma coisa. O que quer que fosse, o seu ânimo parecia estar afetando Festus, que grunhia e emitia fumaça enquanto tentava se manter quente no ar frio canadense. Feliz, o Dragão, não parecia tão feliz.

Eles comeram seus sanduíches enquanto voavam. Piper não tinha ideia de como Leo se abastecera com suprimentos, mas ele até lembrou-se de trazer comida vegetal para ela. O sanduíche de queijo e abacate era impressionante.

Ninguém falou nada. O que quer que encontrassem em Chicago, todos eles sabiam que Bóreas só os havia deixado ir pois ele calculou que eles já estavam numa missão suicida.

A lua se ergueu as estrelas viraram acima. Os olhos de Piper começaram a sentir pesados. O encontro com Bóreas e seus filhos a assustara mais do que queria admitir. Agora que ela estava de estômago cheio, sua adrenalina estava diminuindo.

Engula isso! O Treinador Hedge teria gritado para ela. *Não seja uma banana!*

Piper estivera pensando no treinador desde que Bóreas mencionou que ele estava vivo. Ela nunca gostou do Treinador Hedge, mas ele havia saltado um penhasco para salvar Leo, e ele se sacrificou para protegê-los no Skywalk. Ela agora percebeu que sempre que o treinador havia lhe empurrado na escola, gritado com ela para correr mais rápido ou fazer mais flexões, ou até quando ele virou de costas e deixou-a lutar suas próprias batalhas com as garotas médias, o velho homem-bode estivera tentando ajudá-la no seu próprio modo irritante — tentando prepará-la para vida como semideusa.

No Skywalk, o espírito de tempestade Dylan dissera algo sobre o treinador também: como ele seria aposentado da Wilderness School porque estava ficando muito velho, como se fosse algum tipo de castigo. Piper se perguntou o que significava aquilo, e se isso explicava por que o treinador sempre estava tão maldisposto. Qualquer que seja a verdade, agora que Piper soube que Hedge estava vivo, ela teve uma obrigação forte de salvá-lo.

Não se precipite, ela repreendeu. Você tem problemas maiores. Essa viagem não terá um final feliz.

Ela era uma traidora, assim como Silena Beauregard. Era só uma questão de tempo antes dos seus amigos descobrirem.

Ela ergueu os olhos para as estrelas e pensou sobre uma noite a tempos atrás quando ela e seu pai haviam acampado na frente da casa do seu avô Tom. O avô Tom morrera anos antes, mas seu pai manteria sua casa em Oklahoma, pois era onde ele cresceu.

Eles haviam voltado por alguns dias, com a ideia de deixar o lugar arrumado para vender, apesar de Piper não saber quem iria querer comprar um chalé em estado precário com folhas de janelas ao invés delas e duas portas minúsculas que cheiravam a cigarro. A primeira noite fora tão quente e sufocante — sem ar condicionado no meio de agosto — que seu pai sugeriu que eles dormissem do lado de fora.

Eles abriram seus sacos de dormir e ouviram cigarras zumbindo nas árvores. Piper apontou para as constelações que estava lendo sobre — Hércules, a lira de Apolo, o centauro Sagitário.

Seu pai cruzou os braços atrás da cabeça. Na sua camiseta e nos seus jeans抗igos ele parecia só outro cara de Tahlequah, Oklahoma, um Cherokee que nunca poderia ter deixado terras tribais. “O seu avô diria que esses padrões gregos são um bando de bobagem. Ele me disse que as estrelas eram criaturas com pele brilhante, como ouriços mágicos. Uma vez, a um tempo atrás, alguns caçadores até capturaram poucos na floresta. Eles não estavam cientes do que fizeram até a noite, quando as criaturas das estrelas começaram a brilhar. Faíscas douradas voaram da pele deles, então os Cherokee liberaram eles de volta ao céu.”

“Você acredita em ouriços mágicos?” Piper perguntou.

Seu pai riu. “Eu acho que o vovô Tom era cheio de bobagem, também, assim como os gregos. Mas é um céu grande. Suponho que haja um quarto para Hércules e os ouriços.”

Eles se sentaram um pouco, até Piper ter o nervo de fazer uma pergunta que estivera lhe aborrecendo.

“Pai, por que você não faz personagens nativo-americanos?”

Na semana anterior, ele havia recusado vários milhões de dólares para interpretar Tonto num *remake* de *The Lone Ranger*. Piper ainda estava tentando entender o porquê. Ele já interpretara todos os tipos de papéis — um professor latino numa escola de valentões em LA, um elegante espião israelense numa bomba de ação de aventura, até um terrorista sírio num filme de James Bond. E, naturalmente, ele sempre seria conhecido como o Rei de Esparta. Mas se o personagem era nativo-americano — não importava que tipo de papel fosse — o pai recusava.

Ele piscou para ela. “Muito perto de casa, Pipes. Mais fácil fingir que sou algo que não sou.”

“Isso não fica velho? Você não esteve sempre tentado, tipo, se você encontrasse o personagem perfeito que pudesse mudar as opiniões das pessoas?”

“Se há um personagem assim, Pipes,” ele disse lamentavelmente, “eu não o encontrei.”

Ela olhou para as estrelas, tentando imaginá-los como ouriços brilhantes. Tudo que ela via eram as figuras com bastões que ela conhecia — Hércules correndo pelo céu, no seu jeito para matar monstros. O pai estava provavelmente certo. Os gregos e os Cherokee eram igualmente loucos. As estrelas eram só bolas de fogo.

“Pai,” ela disse, “se você não gosta de ficar perto de casa, por que estamos dormindo no jardim do vovô Tom?”

Sua risada ecoou na noite silenciosa de Oklahoma. “Acho que você me conhece muito bem, Pipes.”

“Você não realmente vender esse lugar, vai?”

“Não,” ele suspirou. “É provável que não.”

Piper piscou, sacudindo a cabeça para esquecer-se da memória. Ela percebeu que estava caindo no sono nas costas do dragão. Como o seu pai poderia fingir ser tantas coisas que não era? Ela estava tentando fazer isso agora, e isso estava lhe rasgando.

Talvez ela pudesse fingir um pouco mais. Ela podia sonhar em encontrar um caminho para salvar seu pai sem trair os amigos — mesmo se agora um final feliz parecia tão amigável como ouriços mágicos.

Ela se encostou no peito quente de Jason. Ele não reclamou. Assim que fechou os olhos, ela caiu no sono.

No seu sonho, ela voltou ao topo do Monte. A espectral fogueira roxa lançava sombras sobre as árvores. Os olhos de Piper arderam com a fumaça, e o chão estava tão quente que a sola das suas botas estava grudenta.

Uma voz da escuridão ressoou, “Você esquece o seu dever.”

Piper não podia vê-lo, mas era definitivamente o seu gigante menos favorito — o que se chamava de Encélado. Ela olhou ao redor procurando algum sinal do seu pai, mas a estaca onde ele esteve acorrentado não estava mais lá.

“Onde ele está?” ela perguntou. “O que você com ele?”

A risada do gigante era como lava sibilando de um vulcão. “O corpo dele está bastante seguro, embora eu tenha medo que a mente do pobre homem não possa tomar muito mais da minha companhia. Por algum motivo ele me encontra — perturbador. Você deve se apressar, agora, ou temo que haverá pouco dele para salvar.”

“O deixe ir!” ela gritou. “Pegue-me no lugar dele. Ele é só um mortal!”

“Mas, minha querida,” o gigante assobiou, “nós devemos provar nosso amor aos nossos pais. É o que eu *estou* fazendo. Mostre-me que você vale a vida do seu pai fazendo o que eu peço. Quem é mais importante — seu pai, ou uma deusa enganosa que usou você, brincou com suas emoções, manipulou suas memórias, hein? O que Hera é para você?”

Piper começou a tremer. Tanta raiva e medo fervia dentro dela que mal podia falar. “Você está me pedindo para trair os meus amigos.”

“Infelizmente, minha querida, seus amigos estão destinados a morrer. A missão deles é impossível. Mesmo se vocês tivessem sucesso, você ouviu a profecia: desatrelar a ira de Hera significaria sua destruição. A única pergunta agora — você morrerá com seus amigos, ou viverá com seu pai?”

A fogueira bradou. Piper tentou recuar, mas seus pés estavam pesados. Ela percebeu que o chão estava lhe arriando, agarrando-se às suas botas como areia molhada. Quando ela olhou para cima, uma chuva de faíscas roxas espalhou-se pelo céu, e o sol estava se erguendo no leste. Um fragmento de cidades brilhava no vale abaixo, e ao oeste, sobre uma linha de colinas reverberantes, ela viu um ponto de referência familiar subindo de um mar de névoa.

“Por que você está me mostrando isso?” Piper perguntou. “Você está revelando onde está.”

“Sim, você conhece esse lugar,” o gigante disse. “Traga os seus amigos para cá em vez do verdadeiro destino deles, e irei negociar com eles. Ou ainda melhor, arranjar a morte deles antes de você chegar. Não me importo com isso. Só esteja no cume ao meio-dia no solstício, e você pode coletar seu pai e ir em paz.”

“Não posso,” Piper disse. “Você não pode me pedir —”

“Tair aquele tolo do Valdez, que sempre irritou você e está agora escondendo segredos de você? Desistir de um namorado que você na verdade nunca teve? Isso é mais importante que o seu próprio pai?”

“Eu vou encontrar um jeito de derrotá-lo,” Piper disse. “Eu vou salvar meu pai e meus amigos.”

O gigante grunhiu nas sombras. “Eu já fui orgulhoso também. Pensei que os deuses nunca poderiam me derrotar. Então eles atiraram um Monte em cima de mim, me esmagaram no chão, onde eu lutei por eras, com a metade da consciência em dor. Aquilo me ensinou a paciência, garota. Aquilo me ensinou a não agir temerariamente. Agora eu recuperei a minha maneira com a ajuda da terra reveladora. Eu só apenas o primeiro. Meus irmãos seguirão. Piper McLean precisa de uma lição de humildade. Eu vou te mostrar como é fácil o seu espírito rebelde poder ser trazido a terra.”

O sonho dissolveu. E Piper acordou gritando, descendo em queda livre pelo ar.

PIPER

PIPER TOMBOU ATRAVÉS DO CÉU. Logo abaixo ela viu luzes de cidade cintilando no amanhecer, e a várias centenas de jardas de distância o corpo de um dragão de bronze girando fora de controle, suas asas moles, fogo tremeluzindo na sua boca como uma luminária conectada de forma errada.

Um corpo passou por ela — Leo, gritando e freneticamente agarrando nas nuvens. “Não é legaaaaaal!”

Ela tentou chamar ele, mas ele já estava distante demais abaixo. Em algum lugar acima dela, Jason gritou, “Piper, fique plana! Estenda seus braços e pernas!”

Era difícil controlar seu medo, mas ela fez o que ele disse e ganhou algum equilíbrio. Ela caiu em forma de uma águia com as asas abertas do mesmo jeito que um paraquecista, o vento abaixo dela como um sólido bloco de gelo. Então Jason estava ali, colocando seus braços ao redor da sua cintura.

Graças a Deus, Piper pensou. Mas parte dela também pensou: Ótimo. Segunda vez nessa semana que ele me abraça, e em ambas as vezes é porque eu estou mergulhando para a minha morte.

“Temos que pegar o Leo!” ela gritou.

A caída deles diminuiu conforme Jason controlava os ventos, mas eles se balançavam para cima e para baixo como se os ventos não quisessem cooperar.

“Vai ficar duro,” Jason alertou. “Segure-se!”

Piper trancou seus braços ao redor dele, e Jason se atirou para o chão. Piper provavelmente gritou, mas o som foi rompido da sua boca. Sua visão se desfocou.

E então, *tum!* Eles bateram com força em outro corpo quente — Leo, ainda se mexendo e xingando.

“Pare de lutar!” Jason disse. “Sou eu!”

“Meu dragão!” Leo gritou. “Você tem que salvar Festus!”

Jason já estava lutando para mantê-los no alto, e Piper sabia que não havia chance de ajudar um dragão de metal de quinze toneladas. Mas antes que ela pudesse raciocinar com Leo, ela ouviu uma explosão abaixo deles. Uma bola de fogo girou ao céu de trás de um complexo de armazéns, e Leo soluçou, “Festus!”

O rosto de Jason se avermelhou com força enquanto ele tentava manter um curso de ar abaixo deles, mas reduções de velocidade interruptas eram o melhor que ele podia controlar. Melhor que cair em queda livre, pareceu que eles estavam saltando uma escadaria gigante, cem pés de vez, o que não estava favorecendo o estômago de Piper.

Enquanto eles bamboleavam e ziguezagueavam, Piper pôde distinguir detalhes do complexo de fábricas abaixo — armazéns, chaminés, cercas de arame farpado, e estacionamentos alinhados com veículos cobertos de neve. Eles ainda estavam altos demais de forma que bater no chão os achataria num atropelamento na estrada — ou no céu — quando Jason gemeu, “Eu não posso —”

E eles caíram feito pedras.

Eles bateram no telhado do maior armazém e colidiram na escuridão.

Infelizmente, Piper tentou pousar de pé. Seus pés não gostavam disso. Dor brihou no seu tornozelo esquerdo enquanto ela caia sobre uma superfície fria de metal.

Por alguns segundos ela não estava consciente de nada a não ser dor — dor tão mau que suas orelhas zumbiram e sua visão ficou vermelha.

Então ela ouviu a voz de Jason em algum lugar abaixo, ecoando pela construção. “Piper! Onde está Piper?”

“Ai, cara!” Leo gemeu. “Essas são as minhas costas! Não sou um sofá! Piper, onde você foi?”

“Aqui,” ela conseguiu falar, sua voz como um gemido.

Ela ouviu arrastar de pés e grunhidos, então pés dando passos no metal.

Sua visão começou a clarear. Ela estava numa passarela de metal que circulava o interior do armazém. Leo e Jason pousaram no térreo, e agora estavam subindo as escadas em direção a ela. Ela olhou ao seu pé, e uma onda de náusea se varreu sobre ela. Seus dedos não deviam apontar para aquela direção, deviam?

Oh, god. Ela se forçou para desviar o olhar antes que vomitasse. Focar em mais alguma coisa. Qualquer coisa.

O buraco que eles fizeram no telhado era um teto solar maltrapilho seis metros acima. Como eles sobreviveram àquela queda, ela não tinha ideia. Pendurados no teto,

algumas lâmpadas elétricas cintilavam debilmente, mas elas não faziam muito para iluminar o enorme espaço. Do lado de Piper, a parede de metal ondulado estava brasonada com a logomarca de uma companhia, mas ela estava quase completamente borrifada com grafite. Abaixo, no armazém escuro, ela pôde perceber grandes máquinas, braços robóticos, caminhões finalizados pela metade numa linha de montagem. O lugar parecia abandonado por anos.

Jason e Leo chegaram ao seu lado.

Leo começou a perguntar, “Está bem...?” Então ele ouviu o seu pé. “Ah não, você não está.”

“Obrigada pelo reconforto,” Piper gemeu.

“Você ficará bem,” Jason disse, embora Piper pudesse ouvir a preocupação na voz. “Leo, você tem alguns suprimentos de primeiros-socorros?”

“Sim — sim, certo.” Ele escavou no seu cinto de ferramentas e tirou um monte de gazes e um rolo de fita — ambos pareciam muito grandes para bolsos de cinto. Piper notara o cinto de ferramentas ontem de manhã, mas ela não pensara em perguntar a Leo sobre ele. Não parecia nada especial — só um daqueles aventais de couro envoltórios com vários bolsos, como um ferreiro ou um carpinteiro pode usar. E parecia estar vazio.

“Como foi que —” Piper tentou se sentar, e encolheu-se. “Como você puxou essas coisas de um cinto vazio?”

“Magia,” Leo disse. “Não comprehendi isso completamente, mas posso convocar ferramentas normais dos bolsos, e mais algumas outras coisas úteis. Ele colocou a mão em outro bolso e tirou uma pequena caixa feita de estanho. “Balas de menta?”

Jason pegou as mentas. “Incrível, Leo. Agora, você pode consertar o pé dela?”

“Eu sou um mecânico, cara. Talvez se ela fosse um carro...” Ele estalou os dedos. “Espere, o que foi aquela cura divina que eles te deram para comer no acampamento — comida do Rambo?”

“Ambrosia, boneco,” Piper disse com os dentes trincados. “Deve ter um pouco na minha mochila, se não está amassado.”

Jason cuidadosamente tirou a mochila dos seus ombros. Ele vasculhou os suprimentos que as crianças de Afrodite colocaram para ela, e encontrou uma caixa cheia de pedaços esmagados de pastel como barras de limão. Ele tirou um pedaço e entregou para ela.

O gosto não era nada como o que ela esperava. A fez lembrar-se da sopa escura de feijão do seu pai quando ela era uma garotinha. Ele costumava alimentá-la com isso

quando ficasse doente. A memória a relaxou, embora isso a deixou triste. A dor no tornozelo diminuiu.

“Mais,” ela disse.

Jason franziu a testa. “Piper, não deveríamos arriscar. Eles disseram que muito poderia lhe consumir. Eu acho que deveria tentar colocar seu pé.”

O estômago de Piper tremeu. “Você já fez isso antes?”

“Sim... acho que sim.”

Leo encontrou um pedaço velho de madeira e o quebrou no meio como uma tala. Então ele deixou a gaze e a fita prontas.

“Deixe a perna dela imóvel,” Jason falou para ele. “Piper, isso vai doer.”

Quando Jason colocou o pé, Piper se retraiu tanto que ela socou Leo no braço, e ele gritou quase tanto quanto ela. Quando sua visão clareou e ela pôde respirar normalmente de novo, ela encontrou que seu pé estava apontando para a direção certa, seu tornozelo entalado com madeira compensada, gaze, e fita.

“Ai,” ela disse.

“Caramba, rainha da beleza!” Leo esfregou o braço. “Ainda bem que meu rosto não estava ali.”

“Desculpa,” ela disse. “E não me chame de ‘rainha da beleza,’ ou eu vou te socar novamente.”

“Vocês dois foram incríveis.” Jason achou um cantil na mala de Piper e lhe deu um pouco de água. Depois de alguns minutos, seu estômago começou a acalmar.

Quando ela parou de gritar de dor, ela pôde ouvir o vento bramindo do lado de fora. Flocos de neve flutuaram pelo buraco no telhado, e depois do encontro deles com Quione, neve era a última coisa que Piper queria ver.

“O que aconteceu com o dragão?” ela perguntou. “Onde estamos?”

A expressão de Leo ficou pesada. “Não sei o que houve com Festus. Ele simplesmente estremeceu de lado como se batesse uma parede invisível e começou a cair.”

Piper se lembrou do alerta de Encélado: *Eu vou te mostrar como é fácil o seu espírito rebelde poder ser trazido a terra.* Ele conseguira acertá-los daquela distância? Parecia impossível. Se ele fosse tão poderoso, porque precisaria que ela traísse seus amigos quando poderia simplesmente matá-los por si? E como o gigante poderia estar olhando ela numa tempestade de neve milhares de quilômetros de distância?

Leo apontou para a logomarca na parede. “Pelo que onde estamos...” Era difícil ver pelo grafite, mas Piper conseguiu distinguir um grande olho vermelho com palavras escritas em matriz: motores monóculos, sessão de fábrica 1.

“Fábrica de carros fechada,” Leo disse. “Acho que caímos em Detroit.”

Piper ouvira sobre fábricas de carro fechadas em Detroit, então aquilo fez sentido. Mas parecia um lugar bastante depressivo para pousar. “Qual é a distância é daqui para Chicago?”

Jason deu a ela o cantil. “Talvez três-quartos do caminho de Quebec? O problema é que sem o dragão, estamos presos viajando por terra.”

“Sem chance,” Leo disse. “Não é seguro.”

Piper pensou sobre o jeito que o chão havia se grudado aos seus pés no sonho, e o que Rei Bóreas dissera sobre a terra revelar mais horrores.

“Ele tem razão. Além disso, eu não sei se posso andar. E três pessoas — Jason, você não pode voar tanto pelo país sozinho.”

“Sem chance,” Jason disse. “Leo, você tem certeza que o dragão não falhou? Digo, Festus é velho, e —”

“E eu posso não ter reparado-o direito?”

“Eu não disse isso,” Jason protestou. “É só — talvez você pudesse consertá-lo.”

“Eu não sei.” Leo soou cabisbaixo. Ele tirou alguns parafusos dos seus bolsos e começou a remexer neles. “Eu teria que encontrar onde ele caiu, se ele ainda está num só pedaço.”

“Foi minha culpa.” Piper disse sem pensar. Ela não podia mais aguentar isso. O segredo sobre seu pai estava aquecendo dentro dela como muita ambrosia. Se ela continuasse mentindo aos amigos, ela sentiria como se queimasse em cinzas.

“Piper,” Jason disse gentilmente, “você estava dormindo quando Festus quebrou. Não poderia ser sua culpa.”

“É, você está só abalada,” Leo concordou. Ele nem tentou fazer uma piada com o gasto dela. “Você está com dor. Basta descansar.”

Ela queria contá-los tudo, mas as palavras se prenderam na sua garganta. Eles estavam sendo muito gentis com ela. Contudo, se Encélado estivesse observando-os de algum jeito, dizer a coisa errada poderia matar o pai dela.

Leo se levantou. “Olhe, hã, Jason, por que você não fica com ela, cara? Eu vou fazer uma escolta por aí procurando Festus. Eu acho que ele caiu fora do armazém em algum lugar. Se eu puder encontrá-lo, talvez eu possa descobrir o que aconteceu e consertá-lo.”

“É perigoso demais,” Jason disse. “Você não deveria ir sozinho.”

“Ah, eu tenho fita e balas de mental. Ficarei legal,” Leo disse, um pouco rápido demais, e Piper percebeu que ele estava muito mais abalado do que estava deixando parecer.

“E vocês, não fujam sem mim.”

Leo colocou a mão no seu cinto de ferramentas mágico, tirou uma lanterna, e rumou para as estrelas deixando Piper e Jason sozinhos.

Jason a deu um sorriso, embora ele parecesse um pouco nervoso. Era a exata expressão que ele tinha no rosto depois dele beijá-la pela primeira vez, em cima do telhado do dormitório da Wilderness School — aquela pequena cicatriz bonita no seu lábio curvando numa meia-lua. A memória lhe deu uma sensação quente. Então ela lembrou que o beijo realmente nunca aconteceu.

“Você parece melhor,” Jason ofereceu.

Piper não tinha certeza se ele mencionava seu pé, ou o fato que ela não estava mais magicamente linda. Seus jeans estavam surrados da queda pelo telhado. Suas botas estavam espirradas de neve suja e derretida. Ela não sabia como seu rosto parecia, mas provavelmente horrível.

Por que isso importava? Ela nunca se importou com coisas assim antes. Ela pensou se era sua estúpida mãe, a deusa do amor, brincando com os seus pensamentos. Se Piper começasse a ter impulsos para ler revistas de moda, ela iria ter que encontrar Afrodite e dar-lhe uma tapa.

Porém, ela decidiu focar no seu tornozelo. Enquanto ela não o mexia, a dor não era má. “Você fez um bom trabalho,” ela falou para Jason. “Onde você aprendeu primeiros-socorros?”

Ele deu de ombros. “A mesma resposta de sempre. Eu não sei.”

“Mas você está começando a ter algumas memórias, não está? Como aquela profecia em latim lá no acampamento, ou aquele sonho com a loba.”

“É indistinto,” ele disse. “Como *déjà vu*. Já esqueceu uma palavra ou um nome, e você que devia estar na ponta da sua língua, mas não está? É assim — mas é com a minha vida toda.”

Piper meio que entendeu o que ele estava dizendo. Os últimos três meses — uma vida que ela pensou que tinha um relacionamento com Jason — havia virado Névoa.

Um namorado que você na verdade nunca teve, Encélado dissera. Isso é mais importante que o seu próprio pai?

Ela deveria ter deixado sua boca fechada, mas disse a pergunta que estivera na sua mente desde ontem.

“Aquela foto no seu bolso,” ela disse. “É alguém do seu passado?”

Jason recuou.

“Desculpe-me,” ela disse. “Não é negócio meu. Esqueça.”

“Não — está tudo bem.” Suas feições relaxaram. “Só, estou tentando descobrir as coisas. Seu nome é Thalia. Ela é minha irmã. Eu não me lembro de mais detalhes. Não tenho nem certeza de como sei, mas — hã, por que você está sorrindo?”

“Nada.” Piper tentou matar o sorriso. *Não era uma namorada antiga. Ela se sentiu ridiculamente feliz. “Hã, é só — é bom que você lembrou. Annabeth me disse que se tornou uma Caçadora de Ártemis, certo?”*

Jason assentiu. “Eu tenho a sensação que devo encontrá-la. Hera me deixou aquela memória por um motivo. Tem algo a ver com essa missão. Mas... eu também tenho a sensação que pode ser perigoso. Eu não sei se *quero* descobrir a verdade. É loucura?”

“Não,” Piper disse. “Não completamente.”

Ela olhou para a logomarca na parede: motores monóculos, o único olho vermelho. Algo naquela logomarca a incomodava.

Talvez fosse a ideia que Encélado estava lhe observando, segurando o seu pai para puxar a alavanca. Ela tinha que salvá-lo, mas como ela poderia trair os amigos?

“Jason,” ela disse. “Falando a verdade, eu preciso te falar uma coisa — uma coisa sobre meu pai —”

Ela não teve a chance. Em algum lugar abaixo, metal ressoou contra metal, como uma porta batendo. O som ecoou pelo armazém.

Jason se levantou. Ele tirou sua moeda e a lançou, pegando sua espada dourada no ar. Ele olhou para o parapeito. “Leo?” ele chamou.

Sem resposta.

Ele agachou ao lado de Piper. “Não gosto disso.”

“Ele pode estar com problemas,” Piper disse. “Vá checar.”

“Não posso te deixar sozinha.”

“Ficarem bem.” Ela se sentia aterrorizada, mas não iria admitir isso. Ela puxou sua adaga Katoptris e tentou parecer confiante. “Se alguém chegar perto, eu espeto eles.”

Jason hesitou. “Eu vou te deixar a mala. Se eu não voltar em cinco minutos —”

“Pânico?” ela sugeriu.

Ele controlou um sorriso. “Estou feliz que você tenha voltado ao normal. A maquiagem e o vestido eram muito mais intimidantes que a adaga.”

“Vá logo, Sparky, antes de eu espistar *você*.”

“Sparky?”

Mesmo ofendido, Jason parecia bonito. Não era justo. Então ele foi para as escadas e desapareceu na escuridão.

Piper contou suas respirações, tentando medir quanto tempo passara. Ela perdeu a conta em aproximadamente quarenta e três. Então algo no armazém fez *bang!* O eco morreu. O coração de Piper pesou, mas ela não gritou. Seus instintos lhe disseram que não devia ser uma boa ideia.

Ela olhou para o seu tornozelo entalado. *Não é como se eu possa correr.* Então ela olhou novamente para o sinal da Motores Monóculos. Uma pequena voz na sua cabeça a incomodou, alertando o perigo. Algo da mitologia grega...

Sua mão foi à mochila. Ela tirou os quadrados de ambrosia. Muito lhe consumiria, mas um pouco mais consertraria seu tornozelo?

Boom. O som estava mais perto dessa vez, diretamente abaixo dela. Ela cavou um quadrado inteiro de ambrosia e encheu-o na boca. Seu coração bateu mais rápido. Sua pele parecia febril.

Hesitantemente, ela flexionou o tornozelo na tala. Sem dor, nem mesmo inflexibilidade. Ela cortou a fita com sua adaga e ouviu passos pesados nas escadas — como botas de metal.

Passaram cinco minutos? Mais? Os passos não pareciam os de Jason, mas talvez ele estivesse carregando Leo. Finalmente ela não pôde aguentar. Apertando sua adaga, ela gritou, “Jason?”

“É,” ele disse da escuridão. “Subindo.”

Definitivamente era a voz de Jason. Então por que todos os seus instintos diziam *Corra?*

Com esforço, ela se levantou.

Os passos ficaram mais próximos.

“Está tudo bem,” a voz de Jason prometeu.

No topo das escadas, um rosto apareceu da escuridão — um sorriso negro e horrível, um nariz esmagado, e um único olho injetado de sangue no meio da testa.

“Está tudo bem,” o ciclope disse, numa perfeita imitação da voz de Jason. “Você está bem na hora do jantar.”

L E O

LEO ESPEROU QUE O DRAGÃO NÃO TIVESSE CAÍDO nos toaletes.

De todos os lugares para cair, uma linha de banheiros químicos não teria sido sua primeira escolha. Uma dúzia de caixas azuis de plástico foi posta no jardim da fábrica, e Festus havia achado todas elas. Felizmente, elas não eram usadas há muito tempo, e a bola de fogo da batida incinerou a maioria delas; mas mesmo assim, havia substâncias químicas bastante grossas transpirando dos destroços. Leo tinha que passar por elas e tentar não respirar pelo nariz. Neve pesada estava caindo, mas o esconderijo do dragão ainda estava fervendo quente. É claro, aquilo não incomodou Leo.

Depois de alguns minutos escalando o corpo inanimado de Festus, Leo começou a irritar-se. O dragão estava perfeitamente bem. Sim, ele caiu do céu e pousou com um grande *cabum*, mas seu corpo não estava nem amassado. A bola de fogo aparentemente veio dos gases compostos dentro dos banheiros, e não do próprio dragão. As asas de Festus estavam intactas. Nada parecia quebrado. Não havia motivo para ter parado.

“Não foi minha culpa,” ele murmurou. “Festus, você está me fazendo parecer mal.”

Então ele abriu o painel de controle na cabeça do dragão, e o coração de Leo afundou. “Ah, Festus, o que é isso?”

A fiação estava coberta de gelo. Leo sabia que estava tudo bem ontem. Ele trabalhara tanto para reparar as linhas corroídas, mas algo causou um congelamento instantâneo dentro do crânio do dragão, onde deveria ser quente demais para gelo se formar. O gelo fez com que a fiação sobrecarregasse e torrado o painel de controle. Ele não via um motivo para que isso acontecesse. Certo, o dragão era velho, mas mesmo assim, não fazia sentido.

Ele podia recolocar os cabos. Aquele não era o problema. Mas o disco de controle chamuscado não era bom. As letras gregas e fotos esculpidas nas bordas, que provavelmente carregavam todos os tipos de magia, estavam manchadas e enegrecidas.

A peça que Leo não poderia recolocar — e ela estava danificada. *De novo.*

Ele imaginou a voz de sua mãe: *A maioria dos problemas parece pior do que é, mijo. Nada é inconsertável.*

Sua mãe podia reparar quase tudo, mas Leo tinha muita certeza que ela nunca trabalhara num dragão mágico de metal de cinquenta anos de idade.

Ele apertou os dentes e decidiu que tinha que tentar. Ele não iria andar de Detroit até Chicago numa tempestade de neve, e ele não seria responsável por fazer seus amigos fracassarem.

“Certo,” ele murmurou, limpando a neve dos ombros.

“Dá um item de escova de cerdas de náilon, algumas luvas descartáveis, e talvez uma lata daquele solvente aerossol de limpeza.”

O cinto de ferramentas obedeceu. Leo não pôde deixar de sorrir enquanto tirava os objetos. Os bolsos do cinto tinham limites. Eles não lhe dariam qualquer coisa mágica, como a espada de Jason, ou algo grande, como uma motosserra. Ele tentara pedir as duas coisas. E se ele pedisse muitas coisas de vez, o cinto precisaria de um tempo para se resfriar antes que pudesse funcionar novamente. Quanto mais complicado o pedido, mais tempo para resfriar. Mas algo pequeno e simples como os que você pode encontrar numa oficina — tudo que Leo precisava fazer era pedir.

Ele começou a limpar o disco de controle. Enquanto trabalhava, neve recobria o dragão frio. Leo tinha que parar de tempos em tempos para convocar fogo e derreter tudo, mas na maioria das vezes ele trabalhava como piloto automático, suas mãos trabalhando por si próprias enquanto seus pensamentos fluíam.

Leo não acreditava em como ele foi estúpido agindo no palácio de Bóreas. Ele deveria ter calculado que uma família de deuses do inverno o odiaria à primeira vista. Filho do deus do fogo voando num dragão que respira fogo numa suíte de gelo — é, talvez não fosse o melhor. Ainda assim, ele odiava se sentir rejeitado. Jason e Piper conseguiram visitar a sala do trono. Leo teve que esperar no salão com Cal, o semideus do hóquei e a cabeça dos maiores insultos.

Fogo é mau, Cal lhe disse.

Aquilo praticamente resumia. Leo sabia que ele não esconder a verdade dos seus amigos por muito tempo. Desde o Acampamento Meio-Sangue, uma linha daquela Grande Profecia continuava voltando para ele: *Em tempestade ou fogo o mundo deve perecer.*

E Leo era o garoto do fogo, o primeiro desde 1666 quando Londres havia queimado. Se ele contasse aos seus amigos o que ele realmente podia fazer — *Ei, adivinha, galera? Eu posso destruir o mundo!* — por que alguém iria lhe dar as boas-vindas no acampamento de novo? Leo teria que correr novamente. Mesmo que ele conhecesse aquele exercício, a ideia o deprimia.

Aí havia Quione. Maldição, aquela garota era linda. Leo sabia que agira como um idiota total, mas não pôde deixar de pensar nele. Ele teve suas roupas limpas com o serviço de camareiro de uma hora — o que havia sido totalmente demais, a propósito. Ele penteou o cabelo — nunca era algo fácil — e até descobriu que o cinto de ferramentas podia fazer balas de menta, tudo na esperança de se aproximar dela. Naturalmente, sem tal sorte.

Ser excluído — história da sua vida — pelos seus parentes, casas de adoção, você escolhe. Até na Wilderness School, Leo gastara as últimas semanas se sentindo uma terceira roda enquanto Jason e Piper, seus únicos amigos, se tornavam um casal. Ele estava feliz por eles e tudo, mas ainda assim o fazia se sentir como se não precisassem mais dele.

Quando ele descobriu que a vida inteira de Jason no colégio fora uma ilusão — um tipo de arroto de memória — Leo ficou secretamente animado. Era uma chance para recomeçar. Agora Jason e Piper estavam indo ser um casal novamente — que era óbvia pelo jeito que agiram no armazém agora pouco, como se quisessem conversar sozinhos sem Leo por perto. O que ele esperava? Ele iria reanimar o homem estranho novamente. Quione só havia lhe dado a indiferença um pouco mais rápido que a maioria.

“Basta, Valdez,” ele se repreendeu. “Ninguém vai tocar violinos para você só porque você não é importante. Conserte o dragão estúpido.”

Ele ficou tão envolvido com o trabalho que não sabia quanto tempo passara antes de ouvir a voz.

Você está errado, Leo, ela disse.

Ele se atrapalhou com a escova e a deixou cair na cabeça do dragão. Ele se levantou, mas não pôde ver quem falava. Então ele olhou para o chão. Neve e esgoto químico dos toaletes, até o asfalto estava se deslocando como se virasse líquido. Uma área de três metros formou olhos, um nariz, e uma boca — o rosto gigante de uma mulher adormecida.

Ela não falou exatamente. Seus lábios não se mexiam. Mas Leo pôde ouvir sua voz na cabeça dele, como se as vibrações estivesse vindo pelo chão, direto aos seus pés e repercutindo no seu esqueleto.

Eles precisam de você desesperadamente, ela disse. Em algumas maneiras, você é o mais importante dos sete — como o disco de controle no cérebro do dragão. Sem você, o poder dos outros não significa nada. Eles nunca me alcançarão, nunca me pararão. E eu vou acordar completamente.

“Você.” Leo estava tão mexido que não tinha certeza se falou em voz alta. Ele não ouvira aquela voz desde que tinha oito, mas era ela: a mulher térrea da oficina mecânica. “Você matou minha mãe.”

O rosto descolou. A boca formou um sorriso sonolento, como se estivesse tempo um sonho agradável. *Ah, mas Leo. Eu sou sua mãe também — a Primeira Mãe. Não se oponha a mim. Parta agora. Deixe meu filho Porfírio se erguer e tornar-se rei, e eu irei aliviar suas cargas. Você irá andar brilhantemente na terra.*

Leo pegou a coisa mais próxima que pôde encontrar — um assento de banheiro químico — e jogou no rosto. “Me deixe em paz!”

O assento do toalete afundou na terra líquida. Neve e esgoto ondularam, e o rosto dissolveu.

Leo olhou para o chão, esperando o rosto reaparecer. Mas não reapareceu. Leo quis pensar que imaginou isso.

Então da direção da fábrica, ele ouviu um estrondo — como dois caminhões de lixo batendo juntos. Metal caiu e vergou, e o barulho ecoou pelo jardim. Instantaneamente Leo sabia que Jason e Piper estavam em apuros.

Parta agora, a voz urgira.

“Provavelmente não,” Leo grunhiu. “Dá o maior martelo que você tiver.”

Ele colocou a mão no cinto de ferramentas e tirou um martelo de três quilos com uma cabeça de duas faces do tamanho de uma batata assada. Então ele pulou das costas do dragão e correu para o armazém.

L E O

LEO PAROU NAS PORTAS E TENTOU controlar sua respiração. A voz da mulher de terra ainda cercava os seus ouvidos, lhe fazendo lembrar-se da morte da mãe. A última coisa que ele queria fazer era mergulhar em outro armazém escuro. Subitamente ele sentia que tinha oito anos novamente, sozinho e desamparado enquanto alguém que ele se importava fora pego numa armadilha e estava em perigo.

Pare, ele falou para si. É como ela quer que você se sinta.

Mas aquilo não o deixava menos assustado. Ele respirou profundamente e examinou o lado de dentro. Nada parecia diferente. A luz cinza da manhã infiltrava pelo buraco no telhado. Algumas lâmpadas tremeluziam, mas a maioria do chão da fábrica ainda estava perdida em sombras. Ele podia distinguir a passarela acima, as forças escuradas de maquinaria pesada pela linha de montagem, mas nenhum movimento. Nenhum sinal dos amigos.

Ele quase gritou, mas algo o parou — um sentido que ele não pôde identificar. Então ele percebeu que era *cheiro*. Algo cheirava estranho — como óleo de motor ardente e bafo ácido.

Algo não humano estava dentro da fábrica. Leo tinha certeza. Seu corpo se mexia em marcha alta, todos os nervos zunindo.

Em algum lugar no chão da fábrica, a voz de Piper gritou: “Leo, ajude!”

Mas Leo segurou a língua. Como Piper poderia ter saído da passarela com seu tornozelo quebrado?

Ele deslizou para dentro e se abaixou atrás de um container de carga. Lentamente, apertando seu martelo, ele foi para o centro da sala, escondido atrás de caixas e chassis de caminhões vazios. Finalmente ele alcançou a linha de montagem. Ele agachou atrás da peça mais próxima de maquinaria — um guindaste com um braço robótico.

A voz de Piper gritou novamente: “Leo?” Menos certa dessa vez, mas muitoerto.

Leo espiou ao redor da maquinaria. Pendurado diretamente acima da linha de montagem, suspenso por uma corrente de um guindaste no lado oposto, havia um pesa-

do motor de caminhão — balançando só a nove metros de altura, como se houvesse sido deixado ali quando a fábrica foi abandonada. Abaixo na esteira transportadora havia o chassi de um caminhão, e aglomerado ao redor havia três formas escuras do tamanho de empilhadeiras. Perto, balançando de correntes em dois outros braços robóticos, havia duas formas menores — talvez mais motores, mas um deles estava virando em volta como se estivesse vivo.

Então uma das formas de empilhadeira levantou, e Leo percebeu que era um humanoide tamanho compacto. “Eu te disse que não era nada,” a coisa resmungou. Sua voz era muito profunda e feroz para ser humana.

Uma das formas do tamanho de empilhadeiras se deslocou, e gritou na voz de Piper: “Leo, me ajude! Ajude —” Então a voz mudou, virando um rosnado masculino. “Bah, não tem ninguém ali. Nenhum semideus pode ser tão quieta, né?”

O primeiro monstro riu. “Provavelmente fugiu, se ele sabe o que é bom para ele. Ou a garota estava mentindo sobre um terceiro semideus. Vamos cozinar.”

Estalo. Uma luz laranja brilhante chiou à vida — um sinalizador — e Leo temporariamente ficou cego. Ele se abaixou atrás do guindaste até o borrão clarear nos seus olhos. Então ele deu outra espiada e a cena de pesado que nem Tía Callida poderia ter pensado.

As duas coisas menores balançando dos braços de guindaste não eram motores. Eles eram Jason e Piper. Ambos pendurados de cabeça para baixo, amarrados nos tornozelos e isolados com correntes nos pescoços. Piper estava se debatendo, tentando se livrar. Sua boca estava amordaçada, mas pelo menos ela estava viva. Jason não parecia tão bem. Ele estava pendurado sem firmeza, os olhos rolando na cabeça. Ele tinha uma marca de pancada vermelha inchada do tamanho de uma maçã sobre sua sobrancelha esquerda.

Na esteira transportadora, a base da picape não finalizada estava sendo usada como um buraco de fogo. O sinalizador havia inflamado uma mistura de pneus e madeira, que, do cheiro, fora mergulhada em querosene. Um grande mastro de metal estava suspenso sobre as chamas — uma pá, Leo percebeu, o que significava que era um fogo para cozinar.

Mas o mais aterrorizante de tudo eram os cozinheiros.

Motores Monóculos: aquela logomarca de um olho vermelho. Por que Leo não percebeu antes?

Três humanoides pesados se reuniram ao redor do fogo. Dois estavam em pé, atiçando as chamas. O maior se abaixou com as costas para Leo. Os dois encarando-o tinham cada três metros de altura, com coros musculares e cabeludos e pele que brilhava

vermelha na luz do fogo. Um dos monstros usava uma tanga de malhas de ferro que realmente parecia desconfortável. O outro usava uma toga esfarrapada e felpuda feita de fibra de vidro de isolamento, que também não seria uma das ideias de guarda-roupa principais de Leo. Além disso, os dois monstros poderiam ser gêmeos. Cada um tinha um rosto selvagem com um único olho no centro da testa. Os cozinheiros eram ciclópes.

As pernas de Leo começaram a tremer. Ele vira algumas coisas estranhas até agora — espíritos de tempestade e deuses alados e um dragão de metal que gostava de molho de pimenta. Mas isso era diferente. Esses eram verdadeiros monstros vivos de carne e sangue e de três metros de altura que queriam seus amigos como jantar.

Ele estava tão aterrorizado que mal podia pensar. Se ele ao menos tivesse Festus. Ele podia usar um tanque respirador de fogo de dezoito metros de comprimento agora. Mas tudo que ele tinha era um cinto de ferramentas e uma mochila. Seu martelo de três quilos parecia tremendamente pequeno comparado a aqueles ciclópes.

Era *isso* que a senhora térrea adormecida estivera falando. Ela queria que Leo partisse e deixasse seus amigos morrerem.

Aquilo decidia a questão. Sem chance que Leo ia deixar aquela mulher térrea lhe fazer se sentir sem poder — nunca mais. Leo tirou sua mochila e silenciosamente começou a abrir o zíper.

O ciclope na tanga de malhas de ferro avançou para Piper, que contorcia e tentava acertá-lo no olho. “Eu posso tirar a mordaça dela agora? Eu gosto quando eles gritam.”

A pergunta era direcionada para o terceiro ciclope, aparentemente o líder. A figura abaixada grunhiu, e Tanga arrancou a mordaça da boca de Piper.

Ela não gritou. Ela tomou um fôlego trêmulo, como se tentasse se manter calma.

Entretanto, Leo encontrou o que queria na mochila: uma pilha de controles remotos minúsculos que ele pegara na Carvoeira 9. Pelo menos ele *esperava* que fosse isso. O painel de manutenção do guindaste robótico era fácil de encontrar. Ele escorregou uma chave de fenda do cinto de ferramentas e foi ao trabalho, mas tinha que ir lentamente. O líder ciclope estava a só seis metros na frente dele. Os monstros obviamente tinham sentidos excelentes. Ter sucesso no plano sem fazer barulho parecia impossível, mas ele não tinha muitas chances.

O ciclope na toga atiçou o fogo, que agora estava inflamando mais e elevava fumaça negra nociva para o teto. Seu amigo Tanga fitou Piper, esperando ela fazer algo engraçado. “Grite, garota! Eu acho gritar engraçado!”

Quando Piper finalmente falou, seu tom estava calmo e razoável, como se estivesse corrigindo um filhote desobediente. “Ah, sr. ciclope, você não quer nos matar. Seria muito melhor se vocês nos soltasse.”

Tanga coçou sua cabeça disforme. Ele virou para o amigo na toga de fibra de vidro. “Ela é um pouco bonita, Torque. Talvez eu devesse soltá-la.”

Torque, o cara na toga, grunhiu. “Eu vi ela primeiro, Sump. *Eu* vou soltá-la!” Sump e Torque começaram a discutir, mas o terceiro ciclope levantou e gritou, “Tolos!”

Leo quase derrubou a chave de fenda. O terceiro ciclope era *feminino*. Ela era vários metros mais alta que Torque ou Sump, e mais forte ainda. Ela usava uma tenda de malhas de ferro cortada como um daqueles vestidos-saco que a desprezível Tia Rosa de Leo costumava vestir. Como eles chamavam aquilo — um *muumuu*? É, a senhora ciclope tinha um *muumuu* de malhas de ferro. Seu escuro cabelo graxo era entrancado em rabo de porco, entrelaçado com cabos de cobre e arruelas de metal. Seu nariz e boca eram grossos e esmagados juntos, como se ela gastasse as horas vagas batendo seu rosto nas paredes; mas seu único olho vermelho brilhava com inteligência maligna.

A mulher ciclope se aproximou silenciosamente de Sump e o empurrou para o lado, o fazendo bater na esteira transportadora. Torque recuou rapidamente.

“A garota é prole de Vênus,” a senhora ciclope rosnuou. “Ela está usando encantamento em vocês.”

Piper começou a dizer, “Por favor, madame —”

“Rá!” A senhora ciclope pegou Piper pela cintura. “Não tente sua bonita fala comigo, garota! Eu sou Ma Gasket! Já comi heróis mais valentões que você como almoço!”

Leo temeu que Piper fosse ser triturada, mas Ma Gasket só a soltou e a deixou balançar na corrente. Então ela começou a gritar com Sump sobre como ele era estúpido.

As mãos de Leo trabalharam furiosamente. Ele emaranhou fios e virou chaves, dificilmente pensando no que ele estava fazendo. Ele terminou de encaixar o remoto. Então ele engatinhou para o próximo braço robótico enquanto os ciclopes estavam conversando.

“— comê-la por último, Ma?” Sump estava dizendo.

“Idiota!” Ma Gasket gritou, e Leo percebeu que Sump e Torque deviam ser seus filhos. Nesse caso, feiura definitivamente corria na família. “Eu devia ter lhes jogado nas ruas quando vocês eram bebês, como filhos *próprios* de ciclope. Vocês podem ter aprendido algumas habilidades úteis. Aflija meu delicado coração que eu te deserto!”

“Delicado coração?” Torque murmurou.

“O que disse, seu ingrato?”

“Nada, Ma. Eu disse que você tem um coração delicado. Temos que trabalhar para você, alimentar você, lixar suas unhas —”

“E você devia ser grato!” Ma Gasket berrou. “Agora, atiça o fogo, Torque! E Sump, seu idiota, minha embalagem de salsa está no outro armazém. Não me diga que você esperou que eu comesse esses semideuses sem salsa!”

“Sim, Ma,” Sump disse. “Digo, não, Ma. Digo —”

“Vá pegá-la!” Ma Gasket levantou um chassi de caminhão próximo e atirou na cabeça de Sump. Sump caiu aos joelhos. Leo tinha certeza que um golpe daquele iria matá-lo, mas Sump aparentemente fora batido por caminhões muito. Ele conseguiu desatracar o chassi da cabeça. Então ele cambaleou de pé e correu para trazer a salsa.

A hora é agora, Leo pensou. Enquanto eles estão separados.

Ele terminou a fiação da segunda máquina e moveu-se para a terceira. Enquanto ele se batia contra os braços robóticos, os ciclopes não o viram, mas Piper sim. Sua expressão mudou de terror para incredulidade, e ela ofegou.

Ma Gasket virou para ela. “Qual o problema, garota? Tão frágil que eu quebrei você?”

Reconhecidamente, Piper era uma pensadora rápida. Ela desviou o olhar de Leo e disse, “Acho que são minhas costelas, madame. Se eu estiver batida por dentro, eu vou ter um gosto horrível.”

Ma Gasket gritou em risadas. “Boa. O último herói que comemos — lembra-se dele, Torque? Filho de Mercúrio, não era?”

“Sim, Ma,” Torque disse. “Saboroso. Pouco pegajoso.”

“Ele tentou um truque assim. Disse que estava em medicação. Mas o gosto dele era incrível!”

“Parecia carne de carneiro,” Torque recordou. “Camisa roxa. Falava em Latim. Sim, um pouco pegajoso, mas bom.”

Os dedos de Leo congelaram no painel de manutenção. Aparentemente, Piper estava tendo o mesmo pensamento que ele, pois ela perguntou, “Camisa roxa? Latim?”

“Comida boa,” Ma Gasket disse afetuosamente. “O ponto, garota, é que não somos tão estúpidos como as pessoas pensam! Não caímos naqueles truques e enigmas estúpidos, não nós, ciclopes do norte.”

Leo se forçou de volta ao trabalho, mas sua mente estava correndo. Uma criança que falava latim fora pega aqui — numa camisa roxa como a de Jason? Ele não sabia o que significava, mas tinha que deixar o interrogatório para Piper. Se ele fosse ter alguma chance de ganhar daqueles monstros, ele tinha que se mexer rápido antes que Sump voltasse com a salsa.

Ele olhou para o bloco de motor suspenso logo acima do acampamento dos ciclopes. Ele desejava que pudesse usá-lo — faria uma grande arma. Mas o guindaste que o segurava estava no lado oposto da esteira transportadora. Não havia jeito de Leo chegar ali sem ser visto e, além disso, ele estava correndo contra o tempo.

A última parte do seu plano era a mais malandra. Do seu cinto de ferramentas ele convocou alguns fios, um adaptador de rádio, e uma chave de fenda menor e começou a construir um controle universal. Pela primeira vez, ele disse um obrigado silencioso ao pai — Hefesto — pelo cinto de ferramentas. *Me tire daqui*, ele rezou, *e talvez você não seja tão ignorante*.

Piper continuou falando, impondo elogios. “Ah, eu ouvi falar dos ciclopes do norte!” o que Leo calculou que era conversa furada, mas ela pareceu convencida. “Eu não sabia que vocês eram tão grandes e espertos!”

“Bajulação não vai funcionar também,” Ma Gasket disse, embora parecesse satisfeita. “É verdade, você será o café da manhã para os melhores ciclopes dessa região.”

“Mas os ciclopes não são bons?” Piper perguntou. “Pensei que vocês faziam armas para os deuses.”

“Bah! Eu sou muito boa. Boa em comer pesoas. Boa em esmagar. E boa em construir coisas, sim, mas não para os deuses. Nossos primos, os ciclopes anciões, eles fazem isso, sim. Pensar que eles são tão altos e fortes porque são alguns milhares de anos mais velhos. Então há nossos primos do sul, vivendo em ilhas e cuidando de ovelhas. Trouxas! Mas nós, ciclopes hiperbóreos, o clã do norte, nós somos os melhores! Fundamos a Motores Monóculos nessa fábrica velha — as melhores armas, armaduras, bigas, SUVs eficientes! E ainda — bah! Forçados a ficarmos reclusos. Maioria da tribo parada. A guerra foi muito rápida. Os titãs perderam. Nada bom! Sem mais necessidade de armas dos ciclopes.”

“Ah, não,” Piper simpatizou. “Tenho certeza que você fez algumas armas incríveis.”

Torque riu. “Martelo de guerra guinchante!” Ele pegou uma estaca larga com uma caixa de metal na ponta, parecendo um acordeão.

Ele o bateu contra o chão e o cimento rachou, mas também houve um som como o do maior patinho de borracha do mundo sendo apertado.

“Aterrorizante,” Piper disse.

Torque pareceu agradecido. “Não tão bom quanto o machado detonador, mas esse pode ser usado mais de uma vez.”

“Eu posso ver?” Piper perguntou. “Se você só pudesse soltar minhas mãos —”

Torque deu um passo para frente ansiosamente, mas Ma Gasket disse, “Estúpido! Ela está lhe enganando de novo. Chega de conversa! Mante o garoto primeiro, antes que ele morra sozinho. Eu gosto de carne fresca.”

Não! Os dedos de Leo voaram, conectando os cabos para o remoto. *Só mais alguns minutos!*

“Ei, espere,” Piper disse, tentando chamar a atenção dos ciclopes. “Ei, eu posso só perguntar —”

Os fios faiscaram na mão de Leo. Os ciclopes congelaram e viraram na sua direção. Então Torque pegou um caminhão e jogou nele.

Leo rolou enquanto o caminhão rolou pela maquinaria. Se ele fosse meio segundo mais lento, ele teria sido esmagado.

Ele subiu aos pés, e Ma Gasket o localizou. Ela gritou, “Torque, sua desculpa patética para um ciclope, pegue-o!”

Torque embarrilou na direção dele. Leo freneticamente atirou o trabelho no seu remoto temporário.

Torque estava a quinze metros de distância. Seis metros.

Então o primeiro braço robótico zumbiu à vida. Uma garra metálica amarela de três toneladas golpeou o ciclope nas costas tão duro que ele caiu plano de cara. Antes que Torque pudesse se recuperar, a mão robótica o pegou por uma perna e o arremessou direto para cima.

“AHHHHH!” Torque voou verticalmente para a escuridão. O teto era muito escuro e muito alto para ver exatamente o que aconteceu, mas julgando pelo metal rude clang, Leo supôs que o ciclope bateria em uma das vigas de suporte.

Torque nunca mais voltou. Em vez disso, pó amarelo choveu para o chão. Torque fora desintegrado.

Ma Gasket olhou para Leo em choque. “Meu filho... Você... Você...”

Como se em sugestão, Sump entrou com ruídos na luz do fogo com uma embalagem de salsa. “Ma, eu trouxe o extra picante —”

Ele nunca finalizou a frase. Leo girou o trabelho do remoto, e o segundo braço robótico golpeou Sump no peito. A embalagem de salsa explodiu como uma piñata e Sump voou para trás, direto na base da terceira máquina de Leo. Sump pode ter sido imune a ser acertado com chassis de caminhão, mas ele não era imune a braços robóticos que podiam desferir dez milhões de quilos de força. O terceiro braço do guindaste o golpeou contra o chão tão forte que ele explodiu em pó como um saco de farinha rasgado.

Duas baixas de ciclópes. Leo estava começando a se sentir o Comandante Cinto de Ferramentas quando Ma Gasket prendeu seus olhos nele. Ela pegou o guindaste mais próximo e o arrancou do seu pedestal com um rugido selvagem. “Você degradou meus garotos! Só *eu* degrado os meus garotos!”

Leo socou um botão, e os dois braços restantes balançaram em ação. Ma Gasket pegou o primeiro e o dilacerou pela metade. O segundo braço a acertou na cabeça, mas aquilo só pareceu deixá-la louca. Ela o pegou pelas braçadeiras, o arrancou, e o balançou como um taco de beisebol. Não acertou Piper e Jason por pouco. Então Ma Gasket o soltou — lançando-o em direção a Leo. Ele gritou e rolou para um lado enquanto a máquina ao lado dele era demolida.

Leo começou a pensar que uma mãe ciclope com raiva não era algo que você queira lutar com um controle remoto universal e uma chave de fenda. O futuro para o Comandante Cinto de Ferramentas não estava parecendo tão incrível.

Ela estava a aproximadamente seis metros dele agora, do lado do fogo. Seus punhos estavam cerrados, seus dentes a mostra. Ela parecia ridícula no seu *muumuu* e seus rabos de porco graxos — mas dado o olhar assassino no seu grande olho vermelho e o fato que ela tinha seis metros de altura, Leo não estava rindo.

“Mais algum truque, semideus?” Ma Gasket exigiu.

Leo olhou para cima. O bloco de motor suspenso na corrente — se ele só tivesse tempo de manipulá-lo. Se ele só pudesse fazer com que Ma Gasket desse mais um passo para frente. A corrente em si... Aquela ligação... Leo não conseguiria ver, especialmente de tão longe, mas seus sentidos o disseram que havia uma fadiga metálica.

“Uhum, sim, eu tenho truques!” Leo levantou seu controle remoto. “Dê mais um passo, e eu vou te destruir com fogo!”

Ma Gasket riu. “Ah, é? Ciclopes são imunes a fogo, seu idiota. Mas se você deseja brincar com chamas, deixe-me ajudar!”

Ela escavou brasas vermelhas e quentes com as mãos nuas e as arremessou em Leo. Todas pousaram ao redor dos seus pés.

“Você errou,” ele disse incredulamente. Então Ma Gasket sorriu e levantou um barril do lado do caminhão. Leo só teve tempo de ler a palavra escrita em matriz no lado — querosene — antes de Ma Gasket jogar. O barril se quebrou no chão em frente a ele, derramando fluido isqueiro em todo o lugar.

Brasas reluziram. Leo fechou os olhos, e Piper gritou, “Não!”

Uma tempestade de fogo entrou em erupção ao seu redor. Quando Leo abriu os olhos, ele estava banhado em chamados redemoinhando em seis metros no ar.

Ma Gasket riu alto em deleito, mas Leo não oferecia combustível bom ao fogo. O querosene extinguiu, morrendo em pequenos fragmentos ardentes no chão.

Piper ofegou. “Leo?”

Ma Gasket ficou pasma. “Você está vivo?” Então deu aquele passo extra para frente, que colocou sua direita onde Leo queria. “Você é o quê?”

“O filho de Hefesto,” Leo disse. “E eu lhe alertei que eu te destruiria com fogo.”

Ele apontou um dedo para o ar e convocou toda a sua vontade. Ele nunca tentara fazer algo tão focado e intenso — mas ele atirou uma flecha de chamas brancas e ardentes para a corrente que suspendia o bloco de motor sobre a cabeça da ciclope — direcionando para a ligação que parecia mais fraca que a maioria.

As chamas morreram. Nada aconteceu. Ma Gasket riu. “Uma tentativa impressionante, filho de Hefesto. Se passaram vários séculos desde que vi um usuário de fogo. Você fará um aperitivo forte!”

A corrente estalou — aquela única ligação aqueceu além do seu ponto de tolerância — e o bloco de motor caiu, mortífero e silencioso.

“Eu acho que não,” Leo disse.

Ma Gasket nem teve tempo de olhar para cima.

Smash! Sem mais ciclopes — só uma pilha de pó sob um bloco de motor de cinco toneladas.

“Não é imune a motores, hein?” Leo disse. “Boa!”

Então ele caiu aos joelhos, sua cabeça zumbindo. Depois de alguns minutos ele percebeu que Piper estava chamando o seu nome.

“Leo! Você está bem? Pode se mexer?”

Ele tropeçou nos pés. Ele nunca tentou convocar tal intensidade de fogo antes, e aquilo havia lhe deixado completamente drenado.

Demorou um pouco de tempo para descer Piper das suas correntes. Então juntos eles abaixaram Jason, que ainda estava inconsciente. Piper conseguiu escorrer um pouco de néctar na sua boca, e ele grunhiu. A pancada na cabeça começou a diminuir. A sua cor voltou um pouco.

“É, ele tem um crânio bastante duro,” Leo disse. “Acho que ele vai ficar bem.”

“Graças a Deus,” Piper suspirou. Então ela olhou para Leo com algo parecido com medo. “Como você — o fogo — você sempre...?”

Leo olhou para o chão. “Sempre,” ele disse. “Eu sou uma ameaça danada. Desculpe, eu devia ter contado para vocês antes, mas —”

“Desculpa?” Piper socou seu braço. Quando ele olhou para cima, ela estava sorrindo. “Aquilo foi incrível, Valdez! Você salvou nossas vidas. Por que você está se desculpando?”

Leo pestanejou. Ele começou a sorrir, mas seu senso de alívio estava arruinado quando ele percebeu algo do lado do pé de Piper.

Pó amarelo — os restos pulverizados de um dos ciclopes, talvez Torque — estava se deslocando no chão como se uma brisa invisível estivesse empurrando-o para trás de novo.

“Eles estão se formando de novo,” Leo disse. “Olha.”

Piper recuou do pó. “Não é possível. Annabeth me disse que os monstros se dissipam quando são mortos. Eles voltam ao Tártaro e não podem retornar por um longo tempo.”

“Bom, ninguém falou sobre pó.” Leo observou enquanto ele se coletava numa pilha, então muito lentamente se espalhava, formando uma forma com braços e pernas.

“Ah, deus.” Piper ficou pálida. “Bóreas disse algo sobre isso — a terra revelando horrores. ‘Quando os monstros não ficam mais no Tártaro, e almas não estão mais confinadas no Hades.’ Quanto tempo você acha que temos?”

Leo pensou sobre o rosto que formara no chão do lado de fora — a mulher adormecida que era *definitivamente* um horror da terra.

“Eu não sei,” ele disse. “Mas precisamos sair daqui.”

JASON

JASON SONHOU QUE ESTAVA PRESO em algemas, pendurado de cabeça para baixo como um pedaço de carne. Tudo doía — seus braços, suas pernas, seu peito, sua cabeça. Especialmente a sua cabeça. Parecia um balão de água acima da capacidade.

“Se estou morto,” ele murmurou, “por que dói tanto?”

“Você não está morto, meu herói,” disse a voz de uma mulher. “Não é a sua hora. Venha, fale comigo.”

Os pensamentos de Jason flutuaram do seu corpo. Ele ouviu monstros gritando, seus amigos berrando, explosões ardentes, mas tudo parecia estar acontecendo em outro plano de existência — se distanciando cada vez mais.

Ele se encontrou de pé numa prisão de terra. Gavinhais de raízes de árvore e pedra redemoinhavam juntas, o confinando. Do lado de fora das barras, ele pôde ver o chão de um tanque refletor seco, outra espiral de terra crescendo no lado mais longe, e acima dele, as pedras vermelhas arruinadas de uma casa quebrada.

Do seu lado na prisão, uma mulher sentada de pernas cruzadas de robes negros, sua cabeça coberta por uma mortalha. Ela colocou seu véu de lado, revelando um rosto era orgulhoso e bonito — mas também endurecido de sofrimento.

“Hera,” Jason disse.

“Bem-vindo à minha prisão,” disse a deusa. “Você não morrerá hoje, Jason. Seus amigos não vão lhe deixar iludir — por enquanto.”

“Por enquanto?” ele perguntou.

Hera gesticulou para as gavinhais da sua prisão. “Há julgamentos piores a vir. As agitações extremas da terra contra nós.”

“Você é uma deusa,” Jason disse. “Por que você não pode escapar?”

Hera sorriu, triste. Sua forma começou a brilhar, até o seu brilho encher a prisão com luz dolorosa. O ar zuniu em poder, moléculas se dividindo em pedaços como uma explosão nuclear. Jason suspeitou que se estivesse realmente ali em corpo, ele teria sido vaporizado.

A prisão deveria ter sido explodida em pedregulhos. O chão deveria ter rachado e a casa arruinada deveria ter sido demolida. Mas quando o brilho morreu, a prisão não fora saída do lugar. Nada do lado de fora das barras mudara. Só Hera parecia diferente — um pouco mais curvada e cansada.

“Alguns poderes são ainda maiores que os deuses,” ela disse. “Eu não sou facilmente contida. Eu posso estar em vários lugares de vez. Mas quando a maior parte da minha essência é capturada, é como um pé numa ratoeira, por assim dizer. Eu não posso escapar, e estou escondida dos olhos dos outros deuses. Só você pode me encontrar, e eu fico mais fraca a cada dia.”

“Então por que você veio aqui?” Jason perguntou. “Como você foi pega?”

A deusa suspirou. “Eu não podia ficar inativa. Seu pai Júpiter acredita que pode se retrair do mundo, e assim acalmar nossos inimigos, colocando-os de volta para dormir. Ele acredita que nós, olimpianos, nos tornamos muito envolvidos nos negócios dos mortais, nos destinos dos nossos filhos semideuses, especialmente desde que concordamos reclamar todos eles depois da guerra. Ele acredita que é isso o que fez nossos inimigos se agitarem. É por isso que ele fechou o Olimpo.”

“Mas você não concorda.”

“Não,” ela disse. “Na maioria das vezes eu não entendo os modos do meu marido ou suas decisões, mas até para Zeus, isso pareceu paranoia. Eu não posso sonhar por que ele era tão insistente e tão convencido. Era... ao contrário dele. Como Hera, eu posso ter me contentado em seguir os desejos do meu lorde. Mas eu também sou Juno.” Sua imagem tremeluziu, e Jason viu armadura sob seus robes negros simples, uma capa de pele de cabra — o símbolo de um guerreiro romano — pelo seu manto de bronze. “Já me chamaram uma vez de Juno Moneta — Juno, Aquela Que Adverte. Eu fui guardiã do estado, patrono da Roma Eterna. Eu não podia descansar enquanto os descendentes do meu povo eram atacados. Eu senti perigo nesse lugar sagrado. Uma voz —” Ela hesitou. “Uma voz me disse que eu devia vir aqui. Os deuses não tem o que você pode chamar de consciência, nem temos sonhos; mas a voz era assim — suave e persistente, me alertando para vir aqui. E então no mesmo dia Zeus fechou o Olimpo, eu saí despercebida sem lhe contar os meus planos, então ele não pôde me parar. E eu vim aqui para investigar.”

“Era uma armadilha,” Jason chutou.

A deusa assentiu. “Só foi tarde demais que eu percebi a velocidade que a terra estava se agitando. Eu era ainda mais tola que Júpiter — uma escrava dos meus próprios impulsos. É exatamente assim como aconteceu a primeira vez. Eu fui pega presa pelos gigantes, e minha prisão começou uma guerra. Agora os nossos inimigos se erguem novamente. Os deuses só podem derrotá-los com a ajuda dos maiores heróis vivos. E

aquele a quem os gigantes servem... *ela* não pode ser absolutamente detida — somente mantida dormindo.”

“Eu não entendo.”

“Você irá em breve,” Hera disse.

A prisão começou a contrair, as gavinhas espiralando mais firmes. A forma de Hera se despedaçou como a chama de uma vela na brisa. Fora da prisão, Jason pôde ver formas se reunindo na borda do tanque — humanoides pesados com costas encurvadas e cabeças carecas. A menos que os olhos de Jason o estivessem enganando — eles tinham mais que um par de braços. Ele ouviu lobos também, mas não os lobos que ele vira com Lupa. Ele pôde ver pelos seus uivos que era uma matilha diferente — mais faminta, mais agressiva, sedenta de sangue.

“Depressa, Jason,” Hera disse. “Meus carcereiros se aproximam, e você começa a acordar. Eu não serei forte o suficiente para aparecer para você novamente, nem nos sonhos.”

“Espere,” ele disse. “Bóreas nos disse que você fizera um jogo perigoso. O que ele quis dizer?”

Os olhos de Hera pareceram selvagens, e Jason se perguntou se ela realmente *fizera* algo maluco.

“Uma troca,” ela disse. “O único jeito de trazer paz. A inimiga conta com nossas divisões, e se estamos divididos, *seremos* destruídos. Você é minha oferta de paz, Jason — uma ponte para superar um milênio de ódio.”

“O quê? Eu não —”

“Não posso lhe dizer mais,” Hera disse. “Você só viveu tanto tempo porque eu peguei sua memória. Encontre esse lugar. Volte ao seu ponto de partida. Sua irmã irá ajudar.”

“Thalia?”

A cena começou a dissolver. “Adeus, Jason. Cuidado com Chicago. Sua inimiga mortal mais perigosa espera lá. Se você for morrer, será pelas mãos dela.”

“Quem?” ele exigiu.

Mas a imagem de Hera enfraqueceu, e Jason acordou.

Seus olhos abriram com um estalo. “Ciclope!”

“Uou, dorminhoco.” Piper sentava atrás dele no dragão de bronze, segurando sua cintura para mantê-lo em equilíbrio. Leo sentava na frente, dirigindo. Eles voavam pacificamente pelo céu invernoso como se nada tivesse acontecido.

“D-Detroit,” Jason gaguejou. “Nós não caímos? Pensei —”

“Está tudo bem,” Leo disse. “Nós fugimos, mas você teve uma concussão sórdida. Como está se sentindo?”

A cabeça de Jason palpitava. Ele se lembrou da fábrica, depois descendo a passarela, depois uma criatura aparecendo subitamente sobre ele — um rosto com um olho, um punho pesado — e tudo ficou preto.

“Como vocês — o ciclope —”

“Leo os demoliu em pedaços,” Piper disse. “Ele foi incrível. Ele pode convocar fogo —”

“Não foi nada,” Leo disse rapidamente.

Piper riu. “Cale a boca, Valdez. Eu vou contar para ele. Continue dirigindo.”

E ela fez — como Leo sozinho derrotou a família dos ciclopes; como eles libertaram Jason, depois notou os ciclopes começando a reformarem-se; como Leo recolocaria a fiação do dragão e os colocaram de volta no ar assim que começaram a ouvir os ciclopes rugindo por vingança dentro da fábrica.

Jason estava impressionado. Tirar três ciclopes do caminho sem nada a não ser um kit de ferramentas? Nada mau. Isso não exatamente o assustou ouvir como chegaram perto da morte, mas isso o fez se sentir horrível. Ele entrou direto numa emboscada e gastou a luta toda nocauteado enquanto seus amigos se afastavam por si mesmos. Que tipo de líder de missão ele era?

Quando Piper lhe contou sobre a outra criança que os ciclopes alegaram ter comido, aquele da camisa roxa que falava latim, Jason sentiu que sua cabeça ia explodir. Um filho de Mercúrio... Jason sentiu que devia conhecer aquela criança, mas o nome estava perdido da sua mente.

“Eu não estou sozinho, então,” ele disse. “Há outros como eu.”

“Jason,” Piper disse, “você nunca esteve sozinho. Você tem a gente.”

“Eu — eu sei... mas algo que Hera disse. Eu estava tendo um sonho...”

Ele lhes contou o que vira, e o que a deusa dissera na sua prisão.

“Uma troca?” Piper perguntou. “O que significa?”

Jason balançou a cabeça. “Mas o jogo de Hera sou *eu*. Só por me mandar para o Acampamento Meio-Sangue, tenho a sensação que ela quebrou algum tipo de regra, algo que pode ser destruído num grande modo —”

“Ou nos salvar,” Piper disse esperançosamente. “Essa parte sobre a inimiga adormecida — parece a senhora que Leo nos contou.”

Leo limpou a garganta. “Sobre isso... ela meio que apareceu para mim lá em Detroit, num charco de esgoto de banheiro químico.”

Jason não teve certeza se ouviu aquilo direito. “Você disse... banheiro químico?”

Leo lhes contou sobre o grande rosto no jardim da fábrica. “Eu não sei se ela é completamente imatável,” ele disse, “mas ela não pode ser detida por assentos de toilette. Eu posso garantir isso. Ela queria que eu traísse vocês, e eu fiquei tipo, ‘Uhum, certo, eu vou dar ouvidos a um rosto no esgoto químico.’”

“Ela está tentando nos dividir.” Piper escorregou seus braços da cintura de Jason. Ele podia sentir sua tensão sem nem olhar para ela.

“Qual é o problema?” ele perguntou.

“É só... Por que eles estão brincando conosco? Quem é aquela mulher, e qual é a conexão dela com Encélado?”

“Encélado?” Jason não achou que ouvira aquele nome antes.

“Digo...” Piper disse em voz trêmula. “É um dos gigantes. Só um dos nomes eu pude lembrar.”

Jason teve a sensação que havia muito mais a perturbando, mas ele decidiu não pressioná-la. Ela tivera uma manhã agitada.

Leo coçou a cabeça. “Bem, não sei sobre enchiladas —”

“Encélado,” Piper corrigiu.

“Não importa. Mas o Rosto de Esgoto Velho mencionou outro nome. Algo como Porfato.”

“Porfírio?” Piper perguntou. “Ele era o rei gigante, eu acho.”

Jason visionou aquela espiral escura no tanque refletor antigo — crescendo mais larga enquanto Hera enfraquecia. “Vou dar um chute,” ele disse. “Nas histórias antigas, Porfírio raptou Hera. Foi o primeiro tiro na guerra entre os gigantes e os deuses.”

“Acho que sim,” Piper concordou. “Mas aqueles mitos são realmente adulterados e combatidos. É quase como se ninguém quisesse que alguém sobrevivesse na his-

tória. Eu só lembro que houve uma guerra, e os gigantes eram quase impossíveis de matar.”

“Heróis e deuses tiveram que trabalhar juntos,” Jason disse. “É o que Hera me disse.”

“Um pouco difícil de fazer,” Leo grunhiu, “se os deuses nem vão falar com a gente.”

Eles voaram para o oeste, e Jason ficou perdido nos seus pensamentos — todos maus. Ele não sabia quanto tempo passou antes do dragão mergulhar por um intervalo nas nuvens, e abaixo deles, brilhando no sol de inverno, uma cidade na borda de um lago ponderoso. Um crescente de arranha-céus alinhava a costa. Atrás deles, espalhando para o horizonte do oeste, uma vasta grade de bairros e estradas cobertos de neve.

“Chicago,” Jason disse.

Ele pensou sobre o que Hera dissera no seu sonho. Sua pior inimiga mortal estava esperando aqui. Se ele fosse morrer, seria pelas mãos dela.

“Um problema a menos,” Leo disse. “Chegamos aqui vivos. Agora, como encontramos os espíritos de tempestade?”

Jason viu um brilho de movimento abaixo deles. A princípio ele pensou que era um avião pequeno, mas era muito pequeno, muito escuro e rápido. A coisa espiralava em direção aos arranha-céus, tecendo e mudando de forma — e, só por um momento ela virou a figura esfumaçada de um cavalo.

“Que tal seguirmos aquele,” Jason sugeriu, “e ver aonde ele vai?”

JASON

JASON TEVE MEDO QUE ELES PERDESSEM O ALVO. O *ventus* se movia como... bem, como o vento.

“Acelera!” ele urgiu.

“Cara,” Leo disse, “se eu chegar mais perto, ele vai nos localizar. Dragão de bronze não é exatamente um avião discreto.”

“Diminua,” Piper gritou.

O espírito de tempestade mergulhou na grade de ruas na parte baixa da cidade. Festus tentou seguir, mas as envergaduras das asas eram muito largas. Sua asa esquerda cortou o canto de um prédio, cortando fora uma gárgula de pedra antes de Leo subir.

“Fique acima dos edifícios,” Jason sugeriu. “Vamos rastreá-lo de lá.”

“Você quer dirigir essa coisa?” Leo grunhiu, mas fez o que Jason pediu.

Depois de alguns minutos, Jason localizou o espírito de tempestade novamente, silvando pelas ruas com nenhum propósito aparente — assoprando pedestres, agitando bandeiras, fazendo carros desviarem.

“Ah, ótimo,” Piper disse. “São dois.”

Ela tinha razão. Um segundo *ventus* saiu como uma rajada do canto do Hotel da Renascença e se uniu com o primeiro. Eles ondearam juntos numa dança caótico, se atirando para o topo de um arranha-céu, curvando uma torre de rádio, e mergulhando de volta para a rua.

“Esses aí *não* precisam de mais cafeína,” Leo disse.

“Acho que Chicago é um bom lugar para se exporem,” Piper disse. “Ninguém vai questionar mais um par de ventos malignos.”

“Mais que um par,” Jason disse. “Olhem.”

O dragão circulou uma vasta avenida perto de um parque do lado dum lago. Espíritos de tempestade estavam convergindo — pelo menos uma dúzia deles, rodopiando ao redor de uma grande instalação de arte pública.

“Qual você acha que é Dylan?” Leo perguntou. “Eu quero jogar alguma coisa nele.”

Mas Jason focou na instalação de arte. Quanto mais perto chegavam, mais rápido o seu coração batia. Era só uma fonte pública, mas era desagradavelmente familiar. Dois monólitos de cinco andares se erguiam de cada lado de um longo tanque refletor de granito. Os monólitos pareciam ser feitos de telas de vídeo, brilhando a imagem combinada de um rosto gigante que cuspiam água no tanque.

Talvez fosse só coincidência, mas ele parecia uma versão high-tech e em tamanho super daquele tanque refletor arruinado que ele vira nos sonhos, com aquelas duas massas escuras ressaltando de cada lado. Enquanto Jason observava, a imagem nas telas mudou para o rosto de uma mulher com os olhos fechados.

“Leo...” ele disse nervosamente.

“Eu a vejo,” Leo disse. “Eu não gosto dela, mas eu a vejo.”

Então as telas ficaram escuras. Os *ventus* redemoinharam juntos num único funil de nuvem e deslizaram pela fonte, erguendo no ar uma tromba d’água quase tão alta quanto os monólitos. Eles foram ao centro dela, revelando a cobertura de um fosso, e desapareceram sob o chão.

“Eles desceram um fosso?” Piper perguntou. “Como vamos segui-los?”

“Talvez não devêssemos,” Leo disse. “Aquela fonte está me dando vibrações seriamente negativas. E não devíamos, tipo, ter cuidado com a terra?”

Jason sentiu o mesmo, mas eles tinham que seguir. Era o único caminho em frente para eles. Eles tinham que encontrar Hera, e agora só tinham dois dias até o solstício.

“Nos abaixe naquele parque,” ele sugeriu. “Vamos verificar de pé.”

Festus pousou numa área aberta entre o lago e o horizonte. As placas diziam Grant Park, e Jason imaginou que seria um bom lugar no verão; mas agora era um campo de gelo, neve, e aleias salgadas. Os pés quentes do dragão de metal silvaram enquanto ele aterrissava. Festus bateu as asas tristemente e atirou fogo no céu, mas não havia ninguém por perto para notar. A brisa saindo do lado era fria e penetrante. Qualquer um com senso estaria dentro. Os olhos de Jason ardiam tanto que ele mal podia ver.

Eles desmontaram, e o dragão Festus bateu os pés. Um dos seus olhos de rubi tremeluzindo, de forma que parecia que ele estava piscando.

“Isso é normal?” Jason perguntou.

Leo puxou um malho de borracha da sua mala de ferramentas. Ele deu uma pancada forte no olho ruim do dragão, e a luz voltou ao normal. “Sim,” Leo disse. “Festus não pode ficar à mostra por aqui, embora, no meio do parque. Eles irão detê-lo por estacionamento. Talvez se eu tivesse um apito de cachorro...”

Ele remexeu seu cinto de ferramentas, mas voltou com nada.

“Especializado demais?” chutou. “Ok, me dê um apito de segurança. Eles têm vários desses em oficinas mecânicas.”

Dessa vez, Leo tirou um grande apito de plástico laranja. “O Treinador Hedge ficaria com inveja! Ok, Festus, ouça.” Leo assoprou o apito. O som agudo provavelmente rolou todo o caminho pelo Lago Michigan. “Você ouve isso, e vem me pegar, ok? Até lá, você voa para qualquer lugar que quiser. Só tente não tentar cozinhar algum pedestre.”

O dragão bufou — esperançosamente em concordância. Então ele desdobrou as asas e se lançou no ar.

Piper deu um passo e estremeceu. “Ai!”

“Seu tornozelo?” Jason se sentiu mal por ter esquecido seu ferimento lá na fábrica ciclope. “Aquele néctar que lhe demos deve estar perdendo o efeito.”

“Está tudo bem.” Ela tremeu, e Jason lembrou sua promessa de arranjá-la um novo casaco de snowboard. Ele esperou que vivesse longe o bastante para lhe achar um.

Ela deu mais alguns passos com só uma manqueira leve, mas Jason via que ela estava tentando não fazer uma careta.

“Vamos sair do vento,” ele sugeriu.

“Descendo um fosso?” Piper estremeceu. “Parece aconchegante.”

Eles se agasalharam o máximo que puderam e rumaram para a fonte.

* * *

Segundo a placa, se chamava Fonte da Coroa. Toda a água esvaziara exceto por alguns fragmentos que estavam começando a congelar. Afinal, não parecia certo para Jason que a fonte tivesse água no inverno. Mais uma vez, aqueles grandes monitores brilhavam o rosto da misteriosa inimiga Mulher-Sujeira. Nada nesse lugar estava certo.

Eles foram até o centro do tanque. Nenhum espírito tentou pará-los. As paredes do monitor gigante ficaram escuras. O buraco do fosso estava facilmente grande o bastante para uma pessoa, e uma escada de manutenção descia na escuridão.

Jason foi primeiro. Enquanto subia, ele se reforçou para cheiros horríveis de cano de esgoto, mas não era tão mau. A escada descia num túnel de pedreiro correndo do norte a sul. O ar era quente e seco, com só um gotejamento de água no chão.

Piper e Leo desceram atrás dele.

“Todos os canos de esgoto são agradáveis assim?” Piper se admirou.

“Não,” Leo disse. “Confie em mim.”

Jason franziu a testa. “Como você sabe —”

“Ei, *man*, eu já fugi seis vezes. Eu já dormi em alguns lugares estranhos, ok? Agora, para que lado vamos?”

Jason abaixou a cabeça, ouvindo, depois apontou para o sul. “Por aqui.”

“Como pode ter certeza?” Piper perguntou.

“Há uma corrente de ar soprando para o sul,” Jason disse. “Talvez os *ventus* foram com o fluxo.”

Não era muito de uma orientação, mas ninguém ofereceu nada melhor.

Infelizmente, assim que começaram a andar, Piper tropeçou. Jason teve que pegá-la.

“Tornozelo estúpido,” xingou.

“Vamos descansar,” Jason decidiu. “Poderíamos todos fazer isso. Estivemos trabalhando sem descanso por mais de um dia. Leo, você pode puxar alguma comida desse cinto de ferramentas além de balas de menta?”

“Pensei que você nunca fosse pedir. Chef Leo na área!”

Piper e Jason sentaram numa saliência de tijolos enquanto Leo revirava sua mala.

Jason estava contente em descansar. Ele ainda estava cansado e atordoado, e fadinho, também. Mas na maioria, ele não estava ansioso para encarar o que quer que existisse à frente. Ele virou sua moeda dourada nos dedos.

Se você for morrer, Hera advertira, será pelas mãos dela.

Quem quer que “ela” fosse. Depois de Quione, a mãe ciclope, e a senhora adormecida esquisita, a última coisa que Jason precisava era outra vilã psicótica na sua vida.

“Não foi sua culpa,” Piper disse.

Ele olhou para ela vagamente. “O quê?”

“Ser capturado pelos ciclopes,” ela disse. “Não foi sua culpa.”

Ele abaixou o olhar para a moeda na sua palma. “Eu fui estúpido. Eu lhe deixei sozinha e cai numa armadilha. Eu devia ter sabido...”

Ele não acabou. Havia muitas coisas que ele devia ter sabido — quem ele era, como lutar com monstros, como ciclopes iludiam suas vítimas imitando vozes e se escondendo em sombras e uma centena de outros truques. Toda aquela informação devia estar na sua cabeça. Ele podia sentir os lugares onde devia estar — como bolsos vazios. Se Hera queria que ele tivesse sucesso, por que ela roubara as memórias que podiam ajudá-lo? Ela exclamou que sua amnésia o manteria vivo, mas aquilo não fazia sentido. Ele estava começando a entender porque Annabeth queria deixar a deusa na sua prisão.

“Ei.” Piper cutucou seu braço. “Se dê uma folga. Só porque você é o filho de Zeus, não significa que você vale por um exército inteiro.”

Alguns metros de distância, Leo acendeu um pequeno fogo para cozinhar. Ele cantava enquanto tirava suprimentos da mala e do cinto de ferramentas.

Na luz do fogo, os olhos de Piper pareciam dançar. Jason estivera estudando-os por dias agora, e ainda não pôde decidir de que cor eles eram.

“Eu sei como isso deve lhe absorver,” ele disse. “Não só a missão, quero dizer. O jeito que apareci no ônibus, a Névoa brincando com a sua mente, e lhe fazendo pensar que eu era... você sabe.”

Ela abaixou seu olhar. “É, bem. Nenhum de nós pediu por isso. Não é a sua culpa.”

Ela puxou pequenas fitas de cada lado da sua cabeça. Mais uma vez, Jason pensou em como ele estava contente por ela perder a bênção de Afrodite. Com a maquiagem e o vestido e o cabelo perfeito, ela parecia ter vinte e cinco anos, fascinante, e completamente demais para ele. Ele nunca pensara em beleza como uma forma de poder, mas era o jeito que Piper parecera — *poderosa*.

Ele gostava melhor da Piper normal — alguém com que ele podia aparecer. Mas a coisa estranha era que ele não podia tirar aquela outra imagem da sua cabeça. Não fora uma ilusão. Aquele lado de Piper estava ali também. Ela só fazia o melhor para escondê-lo.

“Lá na fábrica,” Jason disse, “você ia falar algo sobre seu pai.”

Ela traçou seus dedos nos tijolos, quase como se estivesse escrevendo um grito que ela não queria vocalizar. “Ia?”

“Piper,” ele disse, “ele está em algum tipo de problema, não está?”

No fogo, Leo mexia em alguns pimentões e carne numa panela. “Yeah, baby! Quase lá.”

Piper considerou a beira de lágrimas. “Jason... eu não posso falar a respeito disso.”

“Somos seus amigos. Nos deixe ajudar.”

Aquilo pareceu lhe fazer se sentir pior. Ela tomou fôlego, trêmula. “Eu queria poder, mas —”

“E bingo!” Leo anunciou.

Ele voltou com três bandejas empilhadas nos seus braços como um garçom. Jason não tinha de onde ele conseguira toda a comida, ou como ele reuniu tudo tão rápido, mas parecia incrível: pimenta e tacos de carne com batata e salsa.

“Leo,” Piper disse em espanto. “Como você —?”

“A Garagem de Taco do Chef Leo vai te consertar!” ele disse orgulhosamente. “E a propósito, é tofu, e não carne, rainha da beleza, então não estranhe. Basta cavar!”

Jason não tinha certeza a respeito do tofu, mas os tacos tinham um gosto tão bom quanto cheiravam. Enquanto comiam, Leo tentou animar o astral fazendo piadas. Jason estava grato por Leo estar com eles. Fazia estar com Piper um pouco menos intenso e desconfortável. Ao mesmo tempo, ele meio que esperava que *estivesse* sozinho com ela; mas ele se repreendeu por sentir aquilo.

Depois de Piper comer, Jason a encorajou para dormir um pouco. Sem outra palavra, ela enrolou o cabelo e colocou a sua cabeça no colo de Jason. Em dois segundos ela estava roncando.

Jason olhou para Leo, que estava obviamente tentando não rir.

Eles se sentaram em silêncio por alguns minutos, bebendo limonada que Leo fizera de um cantil de água e uma mistura em pó.

“Bom, hein?” Leo sorriu.

“Você devia abrir uma barraquinha,” Jason disse. “Ganhar algum dinheiro sério.”

Mas enquanto ele olhava para as brasas do fogo, algo começou a incomodá-lo. “Leo... sobre o negócio do fogo que você pode fazer... é verdade?”

O sorriso de Leo vacilou. “É, bem...” Ele abriu a mão. Uma pequena bola de fogo irrompeu à vida, dançando pela sua palma.

“Isso é tão legal,” Jason disse. “Por que você não disse antes?”

Leo fechou sua mão e o fogo morreu. “Não queria parecer uma aberração.”

“Eu tenho poderes de raio e vento,” Jason o fez lembrar. “Piper pode ficar bonita e encantar as pessoas para lhe darem BMWs. Você não é uma aberração mais do que nós somos. E, ei, talvez você possa voar, também. Tipo, pular de um prédio e gritar, ‘Em chamas!’”

Leo bufou. “Se eu fizesse isso, você veria um garoto chamejante caindo para a morte, e estaria gritando algo um pouco mais forte que ‘Em chamas!’ Confie em mim, o chalé de Hefesto não vê poderes com fogo tão legais. Nyssa me disse que eles são super raros. Quando um semideus como eu está por perto, coisas ruins acontecem. *Realmente* ruins.”

“Talvez seja ao contrário,” Jason sugeriu. “Talvez as pessoas com dons especiais apareçam quando as coisas ruins estão acontecendo porque é quando eles são mais necessários.”

Leo limpou as chapas. “Talvez. Mas estou te dizendo... não é sempre um dom.”

Jason caiu em silêncio. “Você está falando sobre sua mãe, não está? A noite que ela morreu.”

Leo não respondeu. Ele tinha precisava. O fato de que ele estava quieto, sem fazer piadas — aquilo já dizia o suficiente para Jason.

“Leo, a morte dela não foi sua culpa. O que quer que tenha acontecida naquela noite — não foi porque você podia convocar fogo. Essa Mulher-Sujeira, quem quer que seja, estivera tentando lhe arruinar por anos, bagunçar sua confiança, lhe tirar tudo que você se importa. Ela tentando fazer com que você se sinta um fracasso. Você não é. Você é importante.”

“É o que ela disse.” Leo ergueu o olhar, seus olhos cheios de dor. “Ela disse que eu iria fazer algo importante — algo que iria refrear ou quebrar aquela grande profecia sobre os sete semideuses. É o que me assusta. Não sei se estou preparado para isso.”

Jason queria lhe dizer que tudo ficaria bem, mas soaria falso. Jason não sabia o *que* aconteceria. Eles eram semideuses, o que significava que às vezes as coisas não acabavam bem. Às vezes você é comida pelo ciclope.

Se você perguntasse à maioria das crianças, “Ei, vocês querem convocar fogo ou raio ou maquiagem mágica?” elas achariam que parecia bastante legal. Mas aqueles poderes traziam coisas difíceis, como sentar num cano de esgoto no meio do inverno, correr de monstros, perder a memória, assistir seus amigos serem quase cozidos, e ter sonhos que lhe alertava sobre a sua própria morte.

Leo atiçou as sobras do seu fogo, virando brasas vermelhas com sua mão nua. “Você já se perguntou sobre os outros quatro semideuses? Digo... se somos três da Grande Profecia, quem são os outros? Cadê eles?”

Jason pensara nisso, certo, mas ele tentou tirar isso da sua mente. Tinha uma suspeita horrível que esperariam que *ele* liderasse aqueles outros semideuses, e ele tinha medo de falhar.

Vocês irão rasgar um ao outro, Bóreas prometera.

Jason fora treinado para nunca demonstrar medo. Ele tinha certeza daquilo pelo sonho com os lobos. Ele devia agir confiante, mesmo se não se sentisse assim. Mas Leo e Piper estavam dependendo dele, e ele estava aterrorizado em fracassá-los. Se ele tivesse que liderar um grupo de seis — dos quais ele não convivia — aquilo seria pior ainda.

“Eu não sei,” ele disse por fim. “Acho que os outros quatro irão aparecer quando chegar a hora. Quem sabe? Talvez eles estejam em outra missão agora mesmo.”

Leo grunhiu. “Aposto que o cano de esgoto deles é melhor que o nosso.”

A corrente de ar tomou força, soprando em direção ao lado sul do túnel.

“Descanse um pouco, Leo,” Jason disse. “Vou fazer a primeira patrulha.”

Era difícil medir o tempo, mas Jason calculou que seus amigos dormiram por aproximadamente quatro horas. Jason não se importou. Agora que ele estava sobrando, não via realmente a necessidade de dormir mais. Ele dormira tempo o suficiente no dragão. E ainda por cima, ele precisava de tempo para pensar sobre a missão, sua irmã Thalia, e os alertas de Hera. Ele também não se importou por Piper usá-lo de travesseiro. Ela tinha um jeito gracioso de respirar enquanto dormia — inalando pelo nariz, exalando com um pequeno sopro pela boca. Ele ficou quase desapontado quando ela acordou.

Finalmente eles quebraram o acampamento e começaram a descer o túnel.

Ele se torcia e virava e parecia continuar para sempre. Jason não estava certo sobre o que esperar no fim — uma masmorra, um laboratório de cientista maluco, ou talvez um reservatório onde todos os esgotos de banheiro químico acabavam, formando um rosto de toalete maligno grande o bastante para engolir o mundo.

Ao contrário, eles encontraram portas de elevador polidas de aço, cada uma entalhada com uma letra cursiva *M*. Do lado do elevador havia um diretório, como o de um *shopping*.

“M de Macy’s?” Piper chutou. “Acho que eles têm um na parte baixa de Chicago.”

“Ou Motores Monóculos ainda?” Leo disse. “Gente, leiam o diretório. Está bagunçado.”

Estacionamento, Canis, Entrada Principal: Esgoto

Mobiliário e Café M: 1

Moda de Mulher e Aplicações Mágicas: 2

Roupas de Homens e Armamento: 3

Cosméticos, Poções, Venenos & Diversos: 4

“Canis para quê?” Piper disse. “E que tipo de *shopping* tem sua entrada num esgoto?”

“Ou vende venenos,” Leo disse. “Cara, o que é que ‘diversos’ significa? É aquilo tipo cueca?”

Jason respirou fundo. “Na dúvida, comece pelo topo.”

* * *

As portas deslizaram e abriram no quarto andar, e o aroma de perfume flutuou para o elevador. Jason saiu primeiro, espada pronta.

“Galera,” disse. “Vocês têm que ver isso.”

Piper se juntou a ele e prendeu a respiração. “Esse *não* é o Macy’s.”

O *shopping* parecia o lado de dentro de um caleidoscópio. O teto inteiro era um mosaico vitral com sinais astrológicos ao redor de um sol gigante. A luz do dia correndo por ele banhava tudo em milhões de cores diferentes. Os pisos superiores faziam um elo de balcões em volta de um saguão central imenso, de forma que eles podiam ver todo o

caminho pelo térreo. Grades douradas resplandeciam tão claramente que era difícil olhar para elas.

Exceto pelo teto vitral e o elevador, Jason não pôde ver outras janelas ou portas, mas dois conjuntos de escadas rolantes de vidro corriam entre os níveis. O tecido do tapete era uma exuberância de padrões orientais e cores, e as prateleiras de mercadoria eram do mesmo jeito bizarro. Havia muito para registrar de uma vez, mas Jason viu coisas normais como prateleiras de camisa e formas de sapatos misturados com manequins com armaduras, camas de prego, e casacos de pele que pareciam estar se mexendo.

Leo andou até a grade e olhou para baixo. “Venham ver.”

No meio do saguão havia uma fonte jogando água a seis metros do chão, mudando de cor de vermelho para amarelo e azul. O reservatório brilhava com moedas de ouro, e em cada lado da fonte havia uma jaula dourada — como a gaiola de um canário em tamanho real.

Dentro de uma, um ciclone em miniatura redemoinhava, e raios reluziam. Alguém aprisionara os espíritos de tempestade, e a jaula estremecia enquanto eles tentavam sair. Na outra, congelado como uma estátua, havia um sátiro baixo e amarelo, segurando uma clava de ramo de árvore.

“Treinador Hedge!” Piper disse. “Temos que chegar lá embaixo.”

Uma voz disse, “Posso lhes ajudar a encontrar alguma coisa?”

Todos os três pularam para trás.

Uma mulher simplesmente *apareceu* na frente deles. Ela vestia um vestido preto elegante com joias de diamante, e parecia uma modelo afastada — talvez cinquenta anos de idade, mas era difícil para Jason julgar. Seu longo cabelo escuro caia sobre um ombro, e seu rosto era deslumbrante naquele modo surreal de supermodelo — fino, arrogante e frio, não exatamente humano. Com suas unhas longas pintadas de vermelho, seus dedos pareciam mais como garras.

Ela sorriu. “Estou tão feliz por ver novos clientes. Como posso ajudar vocês?”

Leo olhou para Jason tipo, *Toda sua*.

“Hã,” Jason começou, “essa é a sua loja?”

A mulher assentiu. “Eu a encontrei abandonada, você sabe. Eu acredito que há muitas lojas nesses dias. Eu decidi que faria o lugar perfeito. Eu amo colecionar objetos saborosos, ajudar pessoas, e oferecer coisas de qualidade a preços razoáveis. Então essa pareceu uma boa... como vocês dizem... primeira aquisição nesse país.”

Elá falava num acento agradável, mas Jason não pode pensar de onde era. Contudo, claramente ela não era hostil. Jason começou a relaxar. Sua voz era rica e exótica. Jason queria ouvir mais.

“Então você é nova na América?” perguntou.

“Eu sou... nova,” a mulher concordou. “Eu sou a Princesa de Cólquida. Meus amigos me chamam de Vossa Alteza. Agora, o que estão procurando?”

Jason ouvira falar sobre ricos estrangeiros construindo *shoppings* americanos. É claro que na maioria das vezes eles não vendiam venenos, casacos de pele vivos, espíritos de tempestade, ou sátiros, mas ainda assim — com uma voz gentil assim, a Princesa de Cólquida não poderia ser completamente mau.

Piper o cutucou nas costelas. “Jason...”

“Hã, certo. Na verdade, Vossa Alteza...” Ele apontou para a jaula dourada no primeiro andar. “Aquele é o nosso amigo lá baixo, Gleeson Hedge. O sátiro. Poderíamos... pegá-lo de volta, por favor?”

“É claro!” a princesa concordou imediatamente. “Eu amaria mostrá-los o meu inventário. Primeiro, posso saber seus nomes?”

Jason hesitou. Parecia uma má ideia dar seus nomes. Uma memória puxou no fundo da sua mente — algo que Hera alertara, mas parecia indistinto.

Por outro lado, Vossa Alteza estava no limite de cooperação. Se eles pudessem conseguir o que queriam sem uma luta, seria melhor. Além disso, essa senhora não parecia uma inimiga.

Piper começou a dizer, “Jason, eu não iria —”

“Essa é Piper,” ele disse. “Esse é Leo. Eu sou Jason.”

A princesa ficou os olhos nele e, só por um momento, seu rosto literalmente bri-lhou, queimando com tanta raiva que Jason pôde ver seu crânio debaixo da pele. A mente de Jason estava ficando mais manchada, mas ele sabia que algo não parecia correto. Então o momento passou, e Vossa Alteza parecia uma normal e elegante mulher novamente, com um sorriso cordial e uma voz suavizante.

“Jason. Que nome interessante,” ela disse, seus olhos tão frios quanto o ar de Chicago. “Acho que teremos de fazer um negócio especial com você. Venham, crianças. Vamos fazer compras.”

PIPER

PIPER QUERIA CORRER PARA O ELEVADOR.

Sua segunda escolha: atacar a princesa estranha agora, pois ela tinha certeza que uma luta estava vindo. O jeito que o rosto da senhora brilhou quando ela ouvira o nome de Jason fora ruim o bastante. Agora Vossa Alteza estava sorrindo como se nada tivesse acontecido, e Jason e Leo não pareciam achar que havia algo errado.

A princesa gesticulou para o balcão de cosméticos. “Devemos começar com poções?”

“Legal,” Jason disse.

“Gente,” Piper interrompeu, “estamos aqui para pegar os espíritos de tempestade e o Treinador Hedge. Se essa — *princesa* — é realmente nossa amiga —”

“Ah, eu sou melhor que uma amiga, minha querida,” Vossa Alteza disse. “Eu sou uma vendedora.” Seus diamantes faiscaram, e seus olhos brilharam como os de uma cobra — frios e obscuros. “Não se preocupe. Vamos descer para o primeiro andar, viu?”

Leo assentiu ansiosamente. “Certo, é! Parece ok. Certo, Piper?”

Piper deu o seu melhor para olhar feito um punhal para ele: *Não, não está ok!*

“É claro que está ok.” Vossa Alteza colocou suas mãos nos ombros de Leo e Jason e os guiou para os cosméticos. “Vamos, garotos.”

Piper não teve muitas escolhas a não ser seguir.

Ela odiava *shoppings* — na maioria porque ela era pega roubando de vários deles. Bem, não exatamente *pega*, e não exatamente *roubando*. Ela falava para os vendedores lhe darem computadores, novas botas, um anel de ouro, uma vez até um cortador de grama, embora ela não tivesse ideia por que queria um. Ela nunca ficava com as coisas. Ela só fazia isso para chamar a atenção do pai. Geralmente ela falava para o cara do bairro para pegar as coisas de volta. Mas naturalmente os vendedores que ela ludibriara sempre voltavam ao senso e chamavam a polícia, que consequentemente iam ao encalço dela.

Porém, ela não estava animada por voltar num *shopping* — especialmente um dirigido por uma princesa louca que brilhava no escuro.

“E aqui,” a princesa disse, “é a melhor seleção de misturas mágicas de todos os lugares.”

O balcão estava abarrotado de canecas borbulhantes e frascos fumegantes em tripés. Alinhando as prateleiras de exposição havia cantis de cristal — alguns com forma de cisnes ou boticários de urso com mel. Os líquidos dentro eram de todas as cores, de branco brilhante a bolinhas. E os cheiros — ugh! Alguns eram agradáveis, como biscoitos recém-cozidos ou rosas, mas eles eram misturados com aromas de pneus queimados, spray de jaritataca, e armários de ginásio.

A princesa apontou para um frasco vermelho como sangue — um simples tubo de ensaio com uma rolha de cortiça. “Esse vai curar qualquer doença.”

“Até câncer?” Leo perguntou. “Mal de Hansen? Cutícula solta?”

“Qualquer doença, doçura. E esse frasco” — ela apontou para um recipiente em forma de cisne com líquido azul dentro — “vai lhe matar muito dolorosamente.”

“Incrível,” Jason disse. Sua voz soava ofuscada e sonolenta.

“Jason,” Piper disse. “Temos um trabalho a fazer. Lembra?” Ela tentou colocar força nas suas palavras, apanhá-los de volta da transe com encanto, mas sua voz soava trêmula até para ela. A mulher princesa a assustou demais, fez a sua confiança se desintegrar, do mesmo jeito que ela se sentiu no chalé de Afrodite com Drew.

“Trabalho a fazer,” Jason murmurou. “Certo. Mas compras primeiro, ok?”

A princesa sorriu radiantemente para ele. “Então temos poções para resistir a fogo —”

“Estou coberto dessa,” Leo disse.

“Mesmo?” A princesa fitou o rosto de Leo mais de perto. “Você não parece estar usando meu filtro solar de marca registrada... mas não importa. Também temos poções que causam cegueira, insanidade, sono, ou —”

“Espere.” Piper ainda estava fitando o frasco vermelho. “Essa poção pode curar memória perdida?”

A princesa estreitou os olhos. “Possivelmente. Sim. Bastante possível. Por que, minha querida? Você se esqueceu de algo importante?”

Piper tentou manter sua expressão neutra, mas se aquele frasco pudesse curar a memória de Jason...

Eu realmente quero isso? ela se perguntou.

Se Jason descobrisse quem ele era, ele poderia não mais ser seu amigo. Hera tiraria suas memórias por um motivo. Ela lhe dissera que era o único jeito dele sobreviver ao Acampamento Meio-Sangue. E se Jason descobrisse que ele era o inimigo deles, ou algo parecido? Ele poderia sair da sua amnésia e decidir que odiava Piper. Ele poderia ter uma namorada de onde quer que ele viesse.

Não importa, ela decidiu, o que meio que a surpreendeu.

Jason sempre parecia tão aflito quando ele tentava lembrar-se das coisas. Piper odiava vê-lo daquela maneira. Ela queria ajudá-lo porque se importava com ele, mesmo se aquilo significasse perdê-lo. E talvez isso fizesse a viagem pelo *shopping* da Vossa Loucura lucrativa.

“Quanto?” Piper perguntou.

A princesa teve um olhar distante nos seus olhos. “Bem, agora... O preço é sempre enganador. Eu amo ajudar as pessoas. Honestamente, amo. E eu sempre mantendo minhas barganhas, mas às vezes as pessoas tentam trapacear.” Seu olhar caiu em Jason. “Uma vez, por exemplo, eu conheci um jovem bonito que queria um tesouro do reino do meu pai. Fizemos uma barganha, e prometi ajudá-lo a roubar.”

“Do seu próprio pai?” Jason ainda parecia ter sua metade num transe, mas a ideia pareceu incomodá-lo.

“Ah, não se preocupe,” a princesa disse. “Eu ordenei um preço alto. O jovem tinha que me levar embora com ele. Ele era bastante bonito, elegante, forte...” Ela olhou para Piper. “Tenho certeza, minha querida, que você entende agora como uma pessoa pode ser atraída para tal herói, e querer ajudá-lo.”

Piper tentou controlar suas emoções, mas ela provavelmente corou. Ela teve a sensação mais arrepiante que a princesa podia ler seus pensamentos.

Ela também achou a história da princesa perturbadoramente familiar. Peças dos mitos antigos que ela lera com seu pai começavam a se juntar, mas essa mulher não podia ser a que ela estava pensando.

“De qualquer forma,” Vossa Alteza continuou, “meu herói tinha que fazer várias tarefas impossíveis, e eu não estou me gabando quando digo que ele não poderia ter feito-as sem mim. Eu traí minha própria família para ganhar do herói o seu prêmio. E ainda assim ele trapaceou com o meu pagamento.”

“Trapaceou?” Jason franziu o cenho, como se tentasse lembrar-se de algo importante.

“Está bagunçando,” Leo disse.

Vossa Alteza deu uma tapinha na sua bochecha afetuosa mente. “Tenho certeza que você não precisa se preocupar, Leo. Você parece honesto. Você sempre pagaria um preço justo, não iria?”

Leo assentiu. “O que estávamos comprando de novo? Vou levar dois.”

Piper rompeu: “Então, o frasco, Vossa Alteza — quanto?”

A princesa avaliou as roupas de Piper, seu rosto, sua postura, como se colocasse uma etiqueta de preço um semideus levemente usado.

“Você daria qualquer coisa por ele, minha querida?” a princesa perguntou. “Eu sinto que você iria.”

As palavras encharcaram Piper tão poderosas quanto uma boa onda de surfe. A força da sugestão quase a fez decolar dos pés. Ela queria pagar qualquer preço. Ela queria dizer sim.

Então seu estômago se torceu. Piper percebeu que ela estava sendo encantada. Ela sentira algo assim antes, quando Drew falou na fogueira, mas esse era um milhão de vezes mais potente. Não admira que seus amigos estivessem entorpecidos. Era *isso* que as pessoas sentiam quando Piper usava encantamento? Uma sensação de culpa se assentou sobre ela.

Ela chamou toda a sua força de vontade. “Não, eu não vou pagar *qualquer* preço. Mas um preço justo, talvez. Depois disso, precisamos partir. Certo, garotos?”

“Partir?” Jason disse.

“Você diz... depois das compras?” Leo perguntou.

Piper queria gritar, mas a princesa abaixou sua cabeça, examinando Piper com respeito recém-encontrado.

“Impressionante,” a princesa disse. “Não são muitas as pessoas que resistem às minhas sugestões. Você é uma filha de Afrodite, minha querida? Ah, sim — eu devia ter percebido. Não importa. Talvez devêssemos comprar um pouco mais antes de decidirem o que comprar, né?”

“Mas o frasco —”

“Agora, garotos.” Ela virou para Jason e Leo. Sua voz era muito mais poderosa do que a de Piper, tão cheia de confiança que Piper não aguentava uma chance.

“Vocês gostariam de ver mais?”

“Certo,” Jason disse.

“Ok,” Leo disse.

“Excelente,” a princesa disse. “Vocês precisarão de toda a ajuda que conseguirem se forem para a Área da Baía.”

As mãos de Piper se moveram para a sua adaga. Ela pensou sobre seu sonho no topo do Monte — a cena que Encélado lhe mostrara, um lugar que ela conhecia, onde devia trair seus amigos em dois dias.

“A Área da Baía?” Piper disse. “Por que a Área da Baía?”

A princesa sorriu. “Bem, é onde eles morrerão, não é?”

Então ela os levou para as escadas rolantes, Jason e Leo ainda parecendo animados para comprar.

PIPER

PIPER LEVOU A PRINCESA PARA A PAREDE enquanto Jason e Leo partiam para ver os casacos de pele vivos.

“Você quer que eles comprem para morrerem?” Piper perguntou.

“Mmm.” A princesa soprou poeira de uma estante de exposição de espadas. “Eu sou uma vidente, minha querida. Eu sei seu pequeno segredo. Mas não queremos insistir nisso, né? Os garotos estão se divertindo.”

Leo ria enquanto eles experimentavam um chapéu que parecia ser feito de pele de guaxinim encantada. Seu rabo anelado se retorcia, e suas pequenas pernas se sacudiam freneticamente enquanto Leo andava. Jason estava olhando com ansiedade a roupa de esporte dos homens. Garotos interessados em comprar roupas? Um sinal definitivo que eles estavam sob um feitiço maligno.

Piper olhou para a princesa. “Quem é você?”

“Eu lhe disse, minha querida. Eu sou a Princesa de Cólquida.”

“Onde é Cólquida?”

A expressão da princesa ficou um pouco triste. “Onde *era* Cólquida, você quer dizer. Meu pai comandava as costas distantes do Mar negro, tão longe ao leste como um navio grego podia velejar naqueles dias. Mas não há mais Cólquida — eras perdidas atrás.”

“Eras?” Piper perguntou. A princesa não parecia mais ter cinquenta, mas uma má sensação começou a se estabelecer em Piper — algo que Rei Bóreas mencionara em Quebec. “Quantos anos você tem?”

A princesa riu. “Uma dama deveria evitar perguntar ou responder essa pergunta. Vamos só dizer que, hã, o processo de imigração para entrar no seu país demorou um pouco. Meu patrono finalmente me restaurou. Ela fez tudo isso possível.” A princesa correu a mão ao redor do *shopping*.

O gosto da boca de Piper pareceu metal. “Seu patrono...”

“Ah, sim. Ela não cura qualquer um, caso se importe — só aqueles que têm talentos especiais, aqueles como eu. E realmente, ela insiste pouco — a entrada de uma loja que deve ser no subterrânea para que ela, hã, monitore minha clientela; e um favor agora e depois. Em troca de uma nova vida? Realmente, foi a melhor pechincha que fiz em séculos.”

Corra, Piper pensou. Temos que sair daqui.

Mas antes mesmo que ela pudesse transformar seus pensamentos em palavras, Jason gritou, “Ei, venham ver!”

De uma prateleira com roupas etiquetadas, ele puxou uma camiseta roxa como a que ele vestia na excursão escolar — exceto que essa camisa parecia como se fora arranhada por tigres.

Jason franziu a testa. “Por que isso parece tão familiar?”

“Jason, é como a sua,” Piper disse. “Agora realmente temos que partir.” Mas ela não tinha certeza que ele ao menos podia ouvi-la mais pelo encantamento da princesa.

“Nonsense,” a princesa disse. “Os garotos não acabaram ainda, não é? E sim, minha querida. Essas camisas são muito populares — transações de clientes prévios. Cai bem em você.”

Leo ergueu uma camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue com um buraco pelo meio, como se tivesse sido golpeada por um dardo. Do lado dela havia um peitoral de bronze amassado cedido com corrosão — ácido, talvez? — e uma toga romana lascada em pedaços e manchada com algo que parecia perturbadoramente como sangue seco.

“Vossa Alteza,” Piper disse, tentando controlar os nervos. “Por que você não conta para os garotos como traiu sua família? Tenho certeza que eles adorariam ouvir essa história.” Suas palavras não tinham efeito na princesa, mas os garotos viraram,突bitamente interessados.

“Mais história?” Leo perguntou.

“Eu gosto de mais história!” Jason concordou.

A princesa chamejou um olhar irritado para Piper. “Ah, um desejo faz coisas estranhas para o amor, Piper. Você deveria saber disso. Eu cai por aquele jovem herói, na verdade, porque sua mãe Afrodite me mantinha em fascinação. Se não fosse por ela — mas não posso guardar rancor de uma densa, posso?”

O tom da princesa deixou significar claramente: *Eu posso tirá-lo de você.*

“Mas aquele herói lhe levou com ele quando fugiu de Cólquida,” Piper lembrou. “Né, Vossa Alteza? Ele se casou com você assim como prometeu.”

O olhar nos olhos da princesa fez Piper querer se desculpar, mas ela não voltou atrás.

“A princípio,” Sua Alteza admitiu, “parecia que ele manteria sua palavra. Mas mesmo depois de ajudá-lo a roubar o tesouro do meu pai, ele *ainda* precisava de minha ajuda. Enquanto fugíamos, a frota do meu irmão veio atrás de nós. Seus navios de guerra nos alcançaram. Ele teria nos destruído, mas eu convenci meu irmão a vir a bordo do nosso barco primeiro e conversar sob bandeira de trégua. Ele confiou em mim.”

“E você matou seu próprio irmão,” Piper disse, a história terrível completa voltando para ela, ao longo com um nome — um nome infame que começava com a letra *M*.

“O quê?” Jason se animou. Por um momento parecia quase como si próprio. “Matou seu próprio —”

“Não,” a princesa vociferou. “Essas histórias são mentiras. Foi meu novo marido e seus homens que mataram meu irmão, embora eles não pudessem ter feito isso sem meu engano. Eles jogaram o seu corpo ao mar, e a frota importunada teve que parar e procurá-lo para que eles pudessem dar ao meu irmão um enterro adequado. Isso nos deu tempo para fugir. Tudo isso, eu fiz por meu marido. E ele esqueceu nossa barganha. Ele me traiu no final.”

Jason ainda se sentia inconfortável. “O que ele fez?”

A princesa segurou a toga fatiada contra o peito de Jason, como se o medisse para um assassinato. “Você não conhece a história, meu garoto? Todos vocês deveriam. Você foi nomeado para ele.”

“Jason,” Piper disse. “O Jason *original*. Mas então você está — você devia estar morta!”

A princesa sorriu. “Como disse, uma nova vida em um novo país. Certamente cometí erros. Eu virei minhas costas para o meu próprio povo. Eu fui chamada de traidora, ladra, mentirosa, assassina. Mas eu agi por amor.” Ela virou para os garotos e lhes deu um olhar lamentável, piscando seus cílios. Piper pôde sentir a magia correndo sobre ela, tomindo controle mais firmemente que nunca.

“Vocês não fariam o mesmo por alguém que amam, meus queridos?”

“Ah, claro,” Jason disse.

“Ok,” Leo disse.

“Gente!” Piper rangeu os dentes em frustração. “Vocês não veem que ela está encantando vocês? Vocês não —”

“Vamos continuar, ok?” a princesa disse friamente. “Creio que vocês queriam falar sobre o preço dos espíritos de tempestade — e o seu sátiro.”

Leo se distraiu no segundo andar com os dispositivos.

“Sem chance,” ele disse. “Essa é uma forja de armaduras?”

Antes que Piper pudesse pará-lo, ele partiu da escada rolante e correu por um grande forno oval que parecia uma grelha em esteroides.

Quando o alcançaram, a princesa disse, “Você tem bom gosto. Essa é a H-2000, desenhada pelo próprio Hefesto. Quente o suficiente para derreter bronze Celestial ou ouro Imperial.”

Jason recuou como se reconhecesse aquele termo. “Ouro Imperial?”

A princesa assentiu. “Sim, meu querido. Como essa arma tão habilmente escondida no seu bolso. Para ser propriamente forjado, o ouro Imperial teve que ser consagrado no Templo de Júpiter no Monte Capitólio em Roma. Um metal poderoso e bastante raro, mas como os imperadores romanos, bastante voláteis. Tenha certeza de nunca quebrar essa lâmina...” Ela sorriu agradavelmente. “Roma foi *depois* do meu tempo, naturalmente, mas eu ouço histórias. E agora aqui — esse trono dourado é um dos meus melhores itens de luxo. Hefesto o fez como uma punição para a sua mãe, Hera. Sente nele e você será imediatamente preso.”

Leo aparentemente tomou isso como uma ordem. Ele começou a andar em direção a ele em transe.

“Leo, não!” Piper alertou.

Ele pestanejou. “Quanto pelos dois?”

“Ah, o assento eu poderia lhe dar por cinco grandes feitos. A forja, sete anos de servitude. E só por um pouco da sua força —” Ela deixou Leo na seção de dispositivos, lhe dando preços em vários itens. Piper não queria deixá-lo sozinho com ela, mas ela tinha que tentar raciocinar com Jason. Ela o empurrou para um lado e lhe deu uma tapa no rosto.

“Ei,” ele sussurrou sonolentamente. “Para que isso?”

“Sai dessa!” Piper sibilou.

“O que você quer dizer?”

“Ela está lhe encantando. Não está sentindo?”

Ele juntou as sobrancelhas. “Ela parece legal.”

“Ela não é legal! Ela não devia nem estar viva! Ela foi casada com Jason — o *outro* Jason — três milhões de anos atrás. Lembra o que Bóreas disse — algo sobre as almas não ficarem mais confinadas no Hades? Não são só monstros que não podem ficar vivos. Ela veio do Mundo Inferior!”

Ele balançou a cabeça inquietamente. “Ela não é um fantasma.”

“Não, ela é pior! Ela é —”

“Crianças.” A princesa voltou com Leo no reboque. “Se vocês fizerem favor, agora vamos ver para o que vocês vieram. É isso que vocês querem, sim?”

Piper teve que reprimir um grito. Ela estava tentada a puxar sua adaga e cuidar da bruxa ela mesma, mas não gostava das suas chances — não no meio do *shopping* de Sua Alteza enquanto seus amigos estavam sob um feitiço. Piper não podia nem saber se eles estariam do lado dela numa luta. Ela tinha que descobrir um plano melhor.

Eles desceram as escadas rolantes para a base da fonte. Pela primeira vez, Piper notou dois relógios de sol grandes de bronze — cada um do tamanho aproximado de um trampolim — incrustado no piso de mármore do norte ao sul da fonte. As gaiolas douradas de canário em tamanho real iam do leste a oeste, e a mais longe prendia os espíritos de tempestade. Eles eram tão densamente empacotados, redemoinhando parecendo um tornado superconcentrado, que Piper não podia dizer quantos havia ali — dúzias, no mínimo.

“Ei,” Leo disse, “o Treinador Hedge parece bem!”

Eles correram para a gaiola de canário mais próxima. O velho sátiro parecia ter sido petrificado no momento que foi sugado no céu acima do Grand Canyon. Ele foi congelado no meio de um grito, sua clava erguida sobre sua cabeça como se estivesse ordenando à classe do ginásio para cair e pagar cinquenta. Seu cabelo encaracolado de pé em ângulos bizarros. Se Piper só se concentrasse em certos detalhes — a clara camisa polo laranja, o fino cavanhaque, o apito ao redor do pescoço — ela podia imaginar o Treinador Hedge como seu bom e antigo ser irritante. Mas era difícil ignorar os grossos chifres na sua cabeça, e o fato que ele tinha pernas de bode peludas e cascos ao invés de calças de exercício e Nikes.

“Sim,” a princesa disse. “Eu sempre deixo meus artigos em boas condições. Podemos certamente negociar pelos espíritos de tempestade e o sátiro. Um pacote de acordo. Se formos a termos, vou até dar o frasco de poção de cura, e vocês podem ir em

paz.” Ela deu a Piper um olhar sagaz. “É melhor do que começar aborrecimento, não é, querida?”

Não confie nela, alertou uma voz na sua cabeça. Se Piper tinha razão sobre a identidade da senhora, ninguém estaria partindo em paz. Um acordo justo não era possível. Era tudo um truque. Mas seus amigos estavam olhando para ela, assentindo urgentemente e gesticulando com a boca, *Diga sim!* Piper precisava de mais tempo para pensar.

“Podemos negociar,” disse.

“Totalmente!” concordou Leo. “Dê seu preço.”

“Leo!” Piper vociferou.

A princesa riu. “Dar meu preço? Talvez não a melhor estratégia de pechincha, meu garoto, mas pelo menos você sabe o valor de uma coisa. Realmente, liberdade vale muito. Você me pediria para libertar seu sátiro, que atacou meus ventos de tempestade —”

“Que nos atacaram,” contra-atacou Piper.

Sua Alteza deu de ombros. “Como disse, meu patrono me pede pequenos favores de tempos em tempos. Mandar os espíritos de tempestade para abduzir vocês — foi um deles. Garanto a vocês que não foi nada pessoal. E sem nenhum dano, como vocês vieram aqui, no fim, de sua livre e espontânea vontade! Em qualquer caso, vocês querem libertar o sátiro, e vocês querem meus espíritos de tempestade — que são servos muito valiosos, por sinal — de forma que você possa legá-los àquele tirano do Éolo. Não parece muito justo, parece? O preço será alto.”

Piper pôde ver que seus amigos estavam prontos para oferecer qualquer coisa, prometer qualquer coisa. Antes que eles pudessem falar, ela jogou sua última carta.

“Você é Medeia,” ela disse. “Você ajudou o Jason original a roubar o Velocino de Ouro. Foi você uma das vilãs mais malignas na mitologia grega. Jason, Leo — não confiem nela.”

Piper colocou toda a intensidade que pôde reunir naquelas palavras. Ela estava sendo totalmente sincera, e pareceu ter algum efeito. Jason recuou da feiticeira.

Leo coçou a cabeça e olhou ao redor como se estivesse saindo de um sonho.

“O que estamos fazendo, de novo?”

“Garotos!” A princesa abriu suas mãos num gesto de boas-vindas. Suas joias de diamante brilharam, e seus dedos pintados se dobraram como garras com sangue nas

pontas. “É verdade, eu sou Medeia. Mas eu sou tão mal interpretada. Ah, Piper, minha querida, você não sabe o que era ser mulher nos dias antigos. Não tínhamos poder, nenhuma influência. Na maioria das vezes nem mesmo escolhíamos os nossos maridos. Mas *eu* era diferente. Eu escolhi meu próprio destino me tornando uma feiticeira. Isso é tão errado? Eu fiz um pacto com Jason: minha ajuda para ganhar o velocino, em troca do seu amor. Um acordo justo. Ele se tornou um herói famoso! Sem mim, ele teria morrido desconhecido nas margens de Cólquida.”

Jason — o Jason de Piper — franziu a testa. “Então... você realmente morreu a três milhões de anos atrás? Você retornou do Mundo Inferior?”

“A morte não me prende mais, jovem herói,” Medeia disse. “Graças ao meu patrono, eu sou carne e sangue novamente.”

“Você se... reformou?” Leo pestanejou. “Como um monstro?”

Medeia desdobrou seus dedos, e vapor assobiou das suas unhas, como água esparramada em ferro quente.

“Vocês não têm ideia do que está acontecendo, têm, meus queridos? É muito mais pior do que uma agitação de monstros do Tártaro. Meu patrono sabe que gigantes e monstros não são seus maiores servos. *Eu* sou mortal. Eu aprendo pelos meus erros. E agora que eu retorno à vida, não serei trapaceada novamente. Agora, esse é o meu preço para o que vocês pedem.”

“Gente,” Piper disse. “O Jason original deixou Medeia porque ela era louca e sedenta de sangue.”

“Mentiras!” Medeia disse.

“No caminho de volta para Cólquida, o navio de Jason parou em outro reino, e Jason concordou em liquidar Medeia e se casar com a filha do rei.”

“Depois de lhe dar dois filhos!” Medeia disse. “Ainda assim ele quebrou sua promessa! Eu lhe pergunto, isso foi certo?”

Jason e Leo obedientemente balançaram suas cabeças, mas Piper não.

“Isso pode não ter sido certo,” ela disse, “mas tampouco foi a vingança de Medeia. Ela assassinou seus próprios filhos para voltar para Jason. Ela envenenou sua nova esposa e evitou o reino.”

Medeia rosou. “Uma invenção para arruinar a minha reputação! As pessoas de Corinto — aquela multidão rebelde — mataram os meus filhos e me expulsaram. Jason não fez nada para me proteger. Ele roubou tudo de mim. Então sim, eu entrei rapidamente

mente no palácio e envenenei sua nova noiva encantadora. Foi só justo — um preço adequado.”

“Você é insana,” Piper disse.

“Eu sou a vítima!” Lamentou Medeia. “Eu morri com os meus sonhos despedaçados, mas não mais. Agora sei como não confiar em heróis. Quando eles vêm pedindo por tesouros, eles pagarão um preço grave. Especialmente quando esse que pede tem o nome de Jason!”

A fonte virou vermelho-vivo. Piper puxou sua adaga, mas sua mão estava tremendo quase tanto para segurá-la. “Jason, Leo — é hora de ir. Agora.”

“Antes de você fechar o acordo?” perguntou Medeia. “E a sua missão, garotos? E meu preço é tão baixo. Vocês sabiam que essa fonte é mágica? Se um homem morto for jogado nela, mesmo se ele estiver cortado em pedaços, ele seria estourado de volta para a sua forma completa — mais forte e mais poderoso que nunca.”

“É sério?” Leo perguntou.

“Leo, ela está mentindo,” Piper disse. “Ela fez esse truque com alguém antes — um rei, eu acho. Ela convenceu suas filhas a cortá-lo em pedaços para que ele pudesse sair da água jovem e cheio de saúde novamente, mas só o matou!”

“Ridículo,” Medeia disse, e Piper podia ouvir o poder carregado em cada sílaba. “Leo, Jason — meu preço é bastante simples. Por que vocês dois não lutam? Se vocês se machucarem, ou até morrerem, sem problemas. Vamos só jogar vocês na fonte e vocês ficarão melhores do que nunca. Você们 *querem* lutar, não querem? Você们 ressentem um ao outro!”

“Gente, não!” Piper disse. Mas já estavam olhando um para o outro, como só estivesse expandindo neles como realmente se sentiam.

Piper nunca se sentiu mais inútil. Agora ela entendia o que parecia uma feiticeira verdadeira. Ela sempre pensou que magia significava varinhas e bolas de fogo, mas isso era pior. Medeia não só contava com venenos e poções. Sua arma mais potente era a voz.

Leo fez carranca. “Jason é sempre a estrela. Ele sempre ganha a atenção e me toma por certo.”

“Você é irritante, Leo,” Jason disse. “Você nunca leva nada a sério. Você nem pode consertar um dragão.”

“Parem!” Piper suplicou, mas ambos puxaram as armas — Jason a sua espada de ouro, e Leo um martelo do seu cinto de ferramentas.

“Solte-os,” Piper,” Medeia urgiu. “Estou lhe fazendo um favor. Deixe isso acontecer agora, e deixará sua escolha muito mais fácil. Encélado estará agradecido. Você pode ter o seu pai de volta hoje!”

O encanto de Medeia não funcionava nela, mas a feiticeira ainda tinha uma voz persuasiva. *Seu pai de volta hoje?* Apesar das suas melhores intenções, Piper queria isso. Ela queria seu pai de volta tanto que doía.

“Você trabalha para Encélado,” ela disse.

Medeia riu. “Servir um gigante? Não. Mas todos servimos à mesma grande causa — um patrono que você não pode começar a lutar. Parta, filha de Afrodite. Isso não tem que ser a sua morte, também. Salve-se, e seu pai pode ir livre.”

Leo e Jason ainda estavam se encarando, prontos para lutar, mas eles pareciam inseguros e confusos — esperando por outra ordem. Parte deles tinha que estar resistindo, Piper esperou. Isso ia completamente contra a natureza deles.

“Ouça-me, garota.” Medeia arrancou um diamante do seu bracelete e o jogou num *spray* de água da fonte. Enquanto ele passava pela luz multicolorida, Medeia disse, “Oh, Íris, deusa do arco-íris, me mostre o escritório de Tristan McLean.”

A névoa tremulou, e Piper viu o escritório do pai. Sentada atrás da sua mesa, falando ao telefone, estava a assistente do seu pai, Jane, no seu terno escuro de trabalho, seu cabelo trançado num coque firme.

“Olá, Jane,” Medeia disse.

Jane colocou o telefone no gancho calmamente. “Como posso ajudá-la, madame? Olá, Piper.”

“Você —” Piper estava tão irritada que mal podia falar.

“Sim, criança,” disse Medeia. “A assistente do seu pai. Bastante fácil de manipular. Uma mente organizada para um mortal, mas incrivelmente fraca.”

“Obrigada, madame,” disse Jane.

“Não faça menção a isso,” Medeia disse. “Eu só queria lhe dar os parabéns, Jane. Fazer o Sr. McLean sair da cidade tão subitamente, mandar o seu jato para Oakland sem alertar a imprensa ou a polícia — bem feito! Ninguém parece saber onde ele foi. E lhe contar a vida da filha estava sob um fio — foi um toque ótimo para conseguir sua cooperação.”

“Sim,” Jason concordou num tom suave, como se ela estivesse sonâmbula. “Ele estava batante cooperativo quando acreditou que Piper estava em perigo.”

Piper olhou para sua adaga. A lâmina tremeu na sua mão. Ela não podia usá-la como arma melhor do que Helena de Troia podia, mas ainda era um espelho, e o que ela via nele era uma garota assustada sem chances de vitória.

“Eu posso ter novas ordens para você, Jane,” disse Medeia. “Se a garota cooperar, pode ser a hora para o Sr. McLean voltar para casa. Você arranjaría uma história apropriada para explicar a sua ausência, se acontecer? E imagino que o pobre homem precisará de algum tempo num hospital psiquiátrico.”

“Sim, madame. Estarei na espera.”

A imagem enfraqueceu, e Medeia virou para Piper. “Então, entende?”

“Você ludibriou meu pai para uma armadilha,” Piper disse. “Você ajudou o gigante —”

“Ah, por favor, querida. Você vai se trabalhar num desmaio! Eu estive preparando essa guerra por anos, mesmo antes de ser trazida de volta à vida. Eu sou uma vidente, como disse. Eu posso narrar o futuro tão bem como o seu pequeno oráculo. Anos atrás, ainda sofrendo nos Campos de Punição, eu tive uma visão dos sete na sua assim chamada Grande Profecia. Eu vi seu amigo Leo aqui, e vi que ele seria um importante inimigo algum dia. Eu mexi a consciência do meu patrono, lhe deu essa informação, e ela conseguiu acordar só um pouco — só o suficiente para visitá-lo.”

“A mãe de Leo,” Piper disse. “Leo, ouça isso! Ela ajudou a matar a sua mãe!”

“Ahã,” Leo resmungou, ofuscado. Ele franziu a testa para o martelo. “Então... eu só ataco o Jason? Está ok?”

“Perfeitamente seguro,” Medeia prometeu. “E Jason, o acerte forte. Mostre-me que você é merecedor do seu xará.”

“Não!” Piper ordenou. Ela sabia que era a sua última chance. “Jason, Leo — ela está enganando vocês. Abaixem as suas armas.”

A feiticeira rolou os olhos. “Por favor, garota. Você não é capaz para mim. Eu treinei com a minha tia, a imortal Circe. Eu posso guiar homens à loucura ou curá-los com a minha voz. Que esperança esses dois jovens heróis débeis tem contra mim? Agora, garotos, matem um ao outro!”

“Jason, Leo, me ouçam.” Piper colocou toda a sua emoção da voz. Por anos ela tentara controlar-se e não mostrar fraqueza, mas agora ela despejou tudo nas palavras — seu medo, seu desespero, sua fúria. Ela sabia que podia estar assinando o atestado de óbito do pai, mas ela se importava muito com seus amigos para deixá-los ferir um ao outro. “Medeia está enfeitiçando vocês. É parte da sua magia. Vocês são melhores amigos. Não lutem entre si. Lutem com *ela!*”

Eles hesitaram, e Piper pôde sentir o feitiço se despedaçar.

Jason pestanejou. “Leo, eu estava prestes a perfurá-lo?”

“Algo sobre minha mãe...?” Leo franziu a testa, então virou para Medeia. “Você... você está trabalhando para a Mulher-Sujeira. Você a mandou para a oficina mecânica.” Ele levantou o braço. “Senhora, eu tenho um martelo de três quilos com seu nome nele.”

“Bah!” Medeia zombou. “Simplesmente coletarei o pagamento de outro modo.”

Ela pressionou um ladrilho de mosaico no chão, e a construção estremeceu. Jason gingou sua espada para Medeia, mas ela dissolveu em fumaça e reapareceu na base do elevador.

“Você é lento, herói!” Ela riu. “Despeje a sua frustração nas minhas mascotes!”

Antes que Jason pudesse ir atrás dela, os relógios de sol gigantes de bronze em cada lado da fonte balançaram, abrindo. Duas bestas douradas rosнando — dragões alados de carne e osso — rastejaram para fora dos buracos abaixo. Cada um era do tamanho uma vã de acampamento, talvez não grandes comparados a Festus, mas grandes o suficiente.

“Então era isso que estava nos canis,” Leo disse humildemente.

Os dragões abriram as asas e sibilaram. Piper podia sentir o calor partindo da pele brilhante deles. Um virou seus raivosos olhos laranja para ela.

“Não os olhem no olho!” Jason alertou. “Vão paralisá-los!”

“De fato!” Medeia estava vagarosamente subindo a escada rolante, se encostando no corrimão enquanto assistia a diversão. “Esses dois bolinhos estiveram comigo por um longo tempo — dragões do sol, vocês sabem, presente do meu avô Hélio. Eles empurraram a minha biga quando parti de Corinto, e agora eles serão sua destruição. Tárra!”

Os dragões bufaram. Leo e Jason carregaram para interceptar. Mas estava assustada com quanta coragem que os garotos atacaram — trabalhando como um time que treinara junto por anos.

Medeia estava quase no segundo andar, onde poderia escolher dentre uma vasta coleção de dispositivos mortais.

“Ah, não, você não vai,” Piper grunhiu, e partiu atrás dela.

Quando Medeia localizou Piper, ela começou a subir com seriedade. Ela era rápida para uma mulher de três milhões de anos. Piper subiu em velocidade máxima, dan-

do três passos de vez, e ainda assim ela não podia alcançá-la. Medeia não parou no piso dois. Ela pulou para a próxima escada rolante e continuou a ascender.

As poções, Piper pensou. É claro que ela iria para lá. Ela era famosa por poções.

Abaixo, Piper ouviu a batalha assolando. Leo estava soprando seu apito de segurança, e Jason estava gritando para chamar a atenção dos dragões. Piper não ousou olhar — não enquanto corria com uma adaga na mão. Ela só pôde se ver cambaleando e batendo no próprio nariz. Aquilo seria super heroico.

Ela agarrou um escudo de um manequim de armadura no piso três e continuou a subir. Ela imaginou o Treinador Hedge gritando na sua mente, assim como de volta à classe de ginásio na Wilderness School: *Ande, McLean! Você chama isso de escalada-de-escada-rolante?*

Ela chegou ao piso superior, respirando duro, mas estava muito atrasada. Medeia alcançara o balcão de poções.

A feiticeira pegou um frasco em forma de cisne — o azul que causava morte dolorosa — e Piper fez a única coisa que lhe veio em mente. Ela jogou seu escudo.

Medeia virou triunfantemente na hora de ser golpeada no peito por um frisbee de metal de cinquenta quilos. Ela tropeçou para trás, batendo contra o balcão, quebrando frascos e derrubando prateleiras. Quando a feiticeira se levantou dos destroços, seu vestido estava manchado em uma dúzia de cores diferentes. Várias das manchas estavam queimando e brilhando.

“Tola!” Medeia gemeu. “Você tem ideia do que tantas poções farão quando misturadas?”

“Te matar?” Piper disse esperançosamente.

O tapete começou a emitir fumaça em volta dos pés de Medeia. Ela tossiu, e seu rosto se contorceu de dor — ou ela estava fingindo?

Abaixo, Leo gritou, “Jason, ajuda!”

Piper arriscou uma rápida olhada, e quase chorou em desespero. Um dos dragões tinha Leo preso no chão. Estava mostrando suas presas, pronto para abocanhar. Jason estava batalhando com o outro dragão por toda a sala, muito mais distante para auxiliar.

“Você condenou todos nós!” Medeia gritou. Fumaça estava correndo pelo tapete enquanto a mancha se estendia, lançando faíscas e pondo fogo em prateleiras de roupa. “Vocês só têm segundos antes dessa mistura consumir tudo e destruir a construção. Não há tempo —”

CRASH! O teto vitral se estilhaçou numa chuva de fragmentos multicoloridos, e o dragão de bronze Festus rompeu no *shopping*.

Ele se lançou à briga, agarrando um dragão do sol em cada garra. Só agora que Piper apreciou como o amigo deles era grande e forte.

“É o meu garoto!” Leo gritou.

Festus voou a metade do caminho acima do saguão, então atirou os dragões do sol nos buracos de onde vieram. Leo correu para a fonte e pressionou o ladrilho de mármore, fechando os relógios de sol. Eles estremeceram enquanto os dragões se debatiam, tentando sair, mas pelo momento estavam contidos.

Medeia xingou em alguma língua antiga. O quarto andar inteiro estava incendiando agora. O ar se enchia com gás nocivo. Até na abertura do telhado, Piper podia sentir o calor s intensificando. Ela recuou para a borda da grade, mantendo sua adaga apontada para Medeia.

“Eu não serei abandonada de novo!” A feiticeira se ajoelhou e lançou a poção vermelha de cura, que se algum jeito sobreviveu à colisão. “Você quer a memória do seu namorado restaurada? Me leve com vocês!”

Piper olhou para trás dela. Leo e Jason estavam a bordo das costas de Festus. O dragão de bronze batia suas asas imensas, pegou as duas jaulas com o sátiro e os espíritos de tempestade nas garras, e começou a ascender.

A construção fez um ruído. Fogo e a fumaça se torciam pelas paredes, derretendo as grades, transformando o ar em ácido.

“Vocês nunca sobreviverão à sua missão sem mim!” Medeia grunhiu. “Seu garoto herói ficará ignorante para sempre, e seu pai morrerá. Me leve com vocês!”

Por um batimento cardíaco, Piper estava atraída. Então ela viu o sorriso malandro de Medeia. A feiticeira estava confiante nos seus poderes de persuasão, confiante que sempre podia fazer um acordo, sempre escapar e ganhar no fim.

“Hoje não, bruxa.” Piper pulou para a lateral. Ela caiu por só um segundo antes de Leo e Jason a pegarem, lhe puxando a bordo do dragão.

Ela ouviu Medeia gritando de raiva enquanto eles subiam pelo telhado quebrado e sobre a parte baixa de Chicago. Então o *shopping* explodiu atrás deles.

L E O

LEO CONTINUOU OLHANDO PARA TRÁS. METADE DELE ESPEROU ver aqueles dragões do sol desagradáveis carregando uma biga voadora com uma vendedora mágica berrante jogando poções, mas nada os seguiu.

Ele guiou o dragão para o sudoeste. Finalmente, a fumaça do *shopping* flamejante enfraqueceu na distância, mas Leo não relaxou até os subúrbios de Chicago derem lugar a campos nevados, e o seu começou a se por.

“Bom trabalho, Festus.” Ele deu um soco de leve na pele de metal do dragão. “Você foi incrível.”

O dragão estremeceu. Engrenagens estalaram e clicaram no seu pescoço.

Leo franziu a testa. Ele não gostava daqueles barulhos. Se o disco de controle estivesse falhando de novo — não, confiantemente era algo menor. Algo que ele pudesse consertar.

“Eu vou te dar um *tune* na próxima vez que pousarmos,” Leo prometeu. “Você mereceu algum óleo de motor e molho de pimenta.”

Festus girou os dentes, mas até aquilo parecia fraco. Ele voava a um passo firme, suas grandes asas se curvando em ângulo para empurrar o vento, mas ele estava levando uma carga pesada. Duas gaiolas nas garras mais três pessoas nas costas — quanto mais Leo pensava sobre isso, mas preocupado ele ficava. Até dragões de metal tinham limites.

“Leo.” Piper bateu no seu ombro. “Você está se sentindo ok?”

“Sim... nada mal para um zumbi passado por lavagem cerebral.” Ele esperou que não parecesse tão embaraçado como se sentia. “Obrigado por nos salvar lá, rainha da beleza. Se você não tivesse me influenciado a sair daquele feitiço —”

“Não se preocupe sobre isso,” Piper disse.

Mas Leo se preocupava muito. Ele se sentia terrível sobre como foi fácil para Medeia colocá-lo contra seu melhor amigo. E aquelas sensações não vieram de lugar nenhum — seu ressentimento do jeito que Jason sempre ficava aos holofotes e não re-

almente parecia precisar dele. Leo ás vezes sentia aquilo, mesmo se não tivesse orgulho disso.

O que mais o incomodava era a notícia sobre sua mãe. Medeia vira o futuro lá embaixo, no Mundo Inferior. Era como o seu patrono, a mulher em robes negros e téreos, viera à oficina mecânica sete anos depois para assustá-lo, arruinar a sua vida. É como sua mãe morrera — por causa de algo que Leo poderia fazer algum dia. Então de um modo esquisito, mesmo se seus poderes com fogo não fossem acusar, a morte da mãe *ainda* era sua culpa.

Quando deixaram Medeia naquela loja explosiva, Leo se sentiu um pouco mais bom. Ele esperou que ela não escapasse, e fosse direto para os Campos de Punição, o lugar que ela pertencia. Aquelas sensações também não o orgulhavam.

E se almas estivessem voltando do Mundo Inferior... era possível que a mãe de Leo pudesse ser trazida de volta?

Ele tentava colocar a ideia de lado. Aquele era o pensamento de Frankenstein. Não era natural. Não era certo. Medeia podia ser trazida de volta à vida, mas ela não parecia exatamente humana, com as unhas sibilantes e a cabeça brilhante e não se sabe o que mais.

Não, a mãe de Leo passou adiante. Pensar de outra maneira só iria conduzir Leo à loucura. Ainda assim, o pensamento continuava lhe cutucando, como um eco da voz de Medeia.

“Vamos ter que descer logo,” ele avisou os amigos. “Mais algumas horas, talvez, para termos certeza que Medeia não está nos seguindo. Não acho que Festus possa voar muito mais que isso.”

“É,” Piper concordou. “O Treinador Hedge provavelmente quer sair da sua gaio-la de canário, também. A pergunta é — para onde estamos indo?”

“A Área da Baía,” Leo chutou. Suas memórias do *shopping* eram vagas, mas ele pareceu se lembrar de ouvir aquilo. “Medeia não disse algo sobre Oakland?”

Piper não respondeu por tanto tempo que Leo se perguntou se ele falou algo errado.

“O pai de Piper,” Jason interviu. “Algo aconteceu com o seu pai, certo? Ele foi iludido em algum tipo de armadilha.”

Piper soltou uma respiração trêmula. “Olhem, Medeia disse que vocês *morreriam* na Área da Baía. E além disso... mesmo se fôssemos lá, a Área da Baía é imensa! Primeiro precisamos encontrar Éolo e despachar os espíritos de tempestade. Bóreas disse que Éolo era o único que podia nos contar onde exatamente ir.”

Leo grunhiu. “Então como encontramos Éolo?”

Jason se inclinou para frente. “Está dizendo que você não vê?” Ele apontou para frente deles, mas Leo não viu nada exceto nuvens e as luzes de algumas cidades brilhando no crepúsculo.

“O quê?” Leo perguntou. “Aquele... o que quer que seja,” Jason disse. “No ar.”

Leo olhou para trás. Piper parecia mais confuso que ele.

“Certo,” disse Leo. “Você poderia ser mais específico na parte do ‘o-que-quer-que-seja’?”

“Como uma trilha de vapor,” Jason disse. “Exceto que está brilhando. Realmente fraca, mas está definitivamente aqui. Estivemos seguindo-a desde Chicago, então pensei que você a viu.”

Leo balançou a cabeça. “Talvez Festus possa senti-la. Você acha que Éolo fez isso?”

“Bem, é uma trilha mágica no vento,” Jason disse. “Éolo é o deus do vento. Acho que ele sabe que temos prisioneiros para ele. Ele está nos dizendo para onde voar.”

“Ou é outra armadilha,” Piper disse.

O seu tom preocupou Leo. Ela não soava só nervosa. Ela soava quebrada de desespero, como se eles já tivessem selados os seus destinos, e como se fosse culpa dela.

“Pipes, você está bem?” ele perguntou.

“Não me chame assim.”

“Ok, certo. Você não gosta de nenhum nome que eu decido para você. Mas se seu pai está em perigo e nós podemos ajudar —”

“Vocês não podem,” ela disse, sua ficando mais vacilante. “Olhe, estou cansada. Se vocês não se importam...”

Ela se encostou em Jason e fechou os olhos.

Tudo bem, Leo pensou — um sinal bastante claro que ela não queria conversar.

Eles voaram em silêncio por um tempo. Festus parecia saber para onde estava indo. Ele manteve o curso, gentilmente curvando para o sudoeste e esperançosamente para a fortaleza de Éolo. Outro deus do vento para visitar, um novo sabor inteiramente louco — Ah, cara, Leo não podia esperar.

Ele tinha muito desejo na sua mente para dormir, mas agora que ele estava fora de perigo, seu corpo tinha ideias diferentes. Seu nível de energia estava se despedaçando. A batida monótona das asas do dragão fazia seus olhos se sentirem pesados. Sua cabeça começou a assentir.

“Durma um pouco,” Jason disse. “Está tranquilo. Me dê as rédeas.”

“Nhá, estou bem —”

“Leo,” Jason disse, “você não é uma máquina. Além disso, eu sou o único que pode ver a trilha de vapor. Vou fazer com que nós fiquemos no curso.”

Os olhos de Leo começaram a se fecharem sozinhos. “Tudo bem. Talvez só...”

Ele não completou a frase até de cair para frente sobre o pescoço quente do dragão.

No seu sonho, ele ouviu uma voz cheia de estática, como um rádio AM ruim: “Alô? Está coisa está funcionando?”

A visão de Leo voltou a foco — um pouco. Tudo estava nebuloso e cinza, com bandas de interferência correndo pela sua visão. Ele nunca sonhou com uma má conexão antes.

Ele parecia estar numa oficina. Fora do canto dos seus olhos ele viu uma serra de banco, tornos mecânicos de metal, e gaiolas de ferramentas. Uma forja brilhava vivamente numa parede.

Não era a forja do acampamento — grande demais. Não a Carvoeira 9 — muito mais quente e mais confortável, obviamente não abandonada.

Então Leo percebeu que algo estava bloqueando o meio da sua visão — algo grande e indistinto, e tão perto que Leo tinha de ficar vesgo para vê-la propriamente. Era um rosto grande e feio.

“Santa mãe!” ele gritou.

O rosto se afastou e voltou a foco. Olhando para ele estava um homem barbudo em macacões azuis e sujos. Seu rosto era granuloso e coberto de machucados, como se houvesse sido reprimido por um milhão de abelhas, ou arrastado em cascalho. Possivelmente os dois.

“Umpf,” o homem disse. “Santo *pai*, garoto. Eu pensei que você conheceria a diferença.”

Leo pestanejou. “Hefesto?”

Estar na presença do pai pela primeira vez, Leo provavelmente ficaria mudo ou intimidado ou alguma coisa. Mas depois do que ele passou nos últimos dias, com ciclópes e uma feiticeira e um rosto no esgoto químico, tudo que Leo sentia era uma onda de aborrecimento completo.

“Agora você aparece?” perguntou. “Depois de quinze anos? Grande paternidade, Rosto Peludo. Onde você começa a pregar seu nariz feio nos meus sonhos?”

O deus levantou uma sobrancelha. Uma pequena fagulha pegou fogo na sua barba. Então ele recuou sua cabeça e ria tão alto que as ferramentas chocalharam nas bancadas.

“Você parece a sua mãe,” Hefesto disse. “Sinto falta de Esperanza.”

“Ela morreu há sete anos.” A voz de Leo vacilou. “Não que você se importe.”

“Mas eu me importo, garoto. Com vocês dois.”

“Ahã. É por isso que eu nunca vi você antes de hoje.”

O deus fez um som retumbante na sua garganta, mas pareceu mais desconfortável que irritado. Ele puxou um motor em miniatura do seu bolso e começou a mexer distraidamente nos êmbolos — o mesmo que Leo fazia quando ficava nervoso.

“Eu não sou bom com crianças,” o deus confessou. “Ou pessoas. Bem, nenhuma forma de vida orgânica, na verdade. Pensei sobre falar com você no funeral da sua mãe. E de novo quando você estava na quarta série... aquele projeto de ciências que você fez, o cacarejador de galinhas movido a fumaça. Muito impressionante.”

“Você viu aquilo?”

Hefesto apontou para a mesa de trabalho mais próximo, onde um espelho lustroso de bronze mostrava uma imagem nebulosa de Leo adormecido nas costas do dragão.

“Sou eu?” Leo perguntou. “Tipo — eu agora, tendo esse sonho — olhando para mim tendo um sonho?”

Hefesto coçou a barba. “Agora você me confundiu. Mas sim — é você. Estou sempre dando uma olhada em você, Leo. Mas falar com você é, hã... diferente.”

“Você está assustado,” Leo disse.

“Ilhós e engrenagens!” o deus gritou. “É claro que não!”

“Sim, você está assustado.” Mas a raiva de Leo vazou. Ele gastou anos pensando no que diria ao pai se um dia encontrasse — como Leo iria o censurar por ser um ma-

landro. Agora, olhando para aquele espelho bronzeado, Leo pensou sobre seu pai observando o seu progresso pelos anos, até seus estúpidos experimentos de ciências.

Talvez Hefesto ainda fosse um simplório, mas Leo meio que entendeu de onde ele estava vindo. Leo sabia fugir das pessoas, não se encaixar. Ele sabia se esconder em oficinas melhor do que tentar negociar com formas de vida orgânica.

“Então,” Leo rosnou, “você ficando olhando todas as suas crianças? Você tem umas vinte no acampamento. Como você já — Não importa. Eu não quero saber.”

Hefesto teria corado, mas seu rosto estava tão mal conservado e vermelho que era difícil dizer. “Deuses são diferentes de mortais, garoto. Podemos existir em vários lugares de vez — em qualquer lugar que as pessoas nos chamarem, em qualquer lugar que nossa esfera de influência é forte. Na verdade, é raro nossa essência inteira estiver junta num só lugar — nossa verdadeira forma. É perigoso, poderoso o bastante para destruir qualquer mortal que olhar para nós. Então, sim... muitas crianças. Acrecentando aqueles nossos aspectos diferentes, gregos e romanos —” Ele congelou os dedos no seu projeto de motor. “Er, é isso a dizer, ser um deus é complicado. E sim, eu tento dar uma olhada em todas as minhas crianças, mas especialmente você.”

Leo tinha bastante certeza que Hefesto havia quase escorregado e dito algo importante, mas ele não tinha certeza do quê.

“Por que me contatar agora?” Leo perguntou. “Pensei que os deuses entraram em silêncio.”

“Entramos,” Hefesto se irritou. “Ordens de Zeus — muito estranhas, até para ele. Ele bloqueou todas as visões, sonhos, e mensagens de Íris de e para o Olimpo. Hermes fica sentado o tempo todo chateado, perdendo a cabeça porque não pode entregar o correio. Felizmente, fiquei com o meu antigo equipamento de transmissão pirata.”

Hefesto deu uma tapinha numa máquina da mesa. Parecia uma combinação de pratos por satélite, motor V-6, e máquina de expresso. Sempre que Hefesto apertava a máquina, o sonho de Leo tremeluzia e mudava de cor.

“Usei esse na Guerra Fria,” o deus disse cordialmente. “Radio Livre Hefesto. Aqueles foram os dias. Eu o mantendo por perto para *pay-for-view*, na maioria, ou fazer vídeos virais de cérebro —”

“Vídeos virais de cérebro?”

“Mas agora está acessível novamente. Se Zeus souber que estou lhe contatando, ele iria querer minha cabeça.”

“Por que Zeus está sendo tão ignorante?”

“Humpf. Ele se sobressaiu a isso, garoto.” Hefesto o chamou de *garoto* como se Leo fosse a parte de uma máquina irritante — um lavador extra, talvez, que não tinha propósito claro, mas que Hefesto não queria jogá-lo fora por medo de precisar-lo algum dia.

Não exatamente agradável. E mais uma vez, Leo não tinha certeza se queria ser chamado de “filho.” Leo não iria começar a chamar esse cara feio, grande e desajeitado de “pai.”

Hefesto se cansou do seu motor e o jogou sobre o ombro. Antes que pudesse bater no chão, brotou hélices de helicópteros nele e voou numa lixeira.

“Foi a segunda Guerra dos Titãs, suponho,” Hefesto disse. “É o que deixou Zeus desajeitado. Nós deuses ficamos... bem, embaraçados. Não acho que há outro modo de dizer isso.”

“Mas vocês ganharam,” Leo disse.

O deus grunhiu. “Ganhamos por causa dos semideuses do” — novamente ele hesitou, como se sempre escorregasse — “do Acampamento Meio-Sangue que tomou a dianteira. Ganhamos por causa dos nossos filhos que lutaram nossas batalhas por nós, mais inteligentes do que fomos. Se nós confiássemos no plano de Zeus, teríamos caído para o Tártaro lutando com o tempestuoso gigante Tífon, e Cronos teria ganho. Mortais maus o bastante ganharam nossa guerra por nós, mas então aquele jovem arrogante, Percy Jackson —”

“O cara que está desaparecido.”

“Humpf. Sim. Ele. Ele teve a ousadia de rejeitar a nossa oferta de imortalidade e nos falar para prestar atenção melhor a nossos filhos. Er, sem ofensas.”

“Ah, como eu poderia me ofender? Por favor, continue me ignorando.”

“Entendimento considerável o seu...” Hefesto franziu a testa, então suspirou exaustamente. “Foi sarcasmo, não foi? Máquinas não tem sarcasmo, geralmente. Mas como estava dizendo, os deuses se sentiram humilhados, desmascarados por mortais. A princípio, naturalmente, estávamos gratos. Mas depois de alguns meses, aquelas sensações ficaram amargas. Somos deuses, afinal. Precisamos ser admirados, procurados, acompanhados de medo e admiração.”

“Mesmo se estiverem errados?”

“Especialmente aí! E ter Jackson negado nosso presente, como se ser mortal fosse de algum jeito *melhor* que ser um deus... bem, aquilo se prendeu em Zeus no estômago. Ele disse que o tempo de voltar aos valores tradicionais passou. Deuses haviam para serem respeitados. Nossos filhos eram para ser vistos e não visitados. O Olimpo foi fe-

chado. Pelo menos aquilo era *parte* do seu raciocínio. E, é claro, começamos a ouvir falar de coisas más se agitando sob a terra.”

“Os gigantes, você quer dizer. Monstros se reformando instantaneamente. Os mortos se erguendo de novo. Coisas pequenas assim?”

“É, garoto.” Hefesto virou um botão na sua velha máquina de transmissão pirata. O sonho de Leo se adaptou a colorido, mas o rosto do deus estava um tumulto grande de machucados vermelhos e contusões preto e amarela que Leo desejou que voltasse para preto e branca.

“Zeus acha que pode reverter a maré,” o deus disse, “acalmar a terra para ela voltar a dormir contanto que fiquemos quietos. Nenhum de nós realmente acredita nisso. E eu não me importo em dizer, não estamos em forma de lutar em outra guerra. Nós mal sobrevivemos aos titãs. Se vamos repetir o padrão antigo, o que vem depois é ainda pior.”

“Os gigantes,” Leo disse. “Hera disse que semideuses e deuses tinham que unir forças para derrubá-los. É verdade?”

“Mmm. Odeio concordou com a minha mãe em algo, mas sim. Aqueles gigantes são duros de matar, garoto. Eles são de um gênero diferente.”

“Gênero? Você os faz parecer cavalos de corrida.”

“Rá!” o deus disse. “Mais como cachorros de guerra. De volta ao começo, entende, tudo na criação veio dos mesmos pais — Gaia e Urano, Terra e Céu. Eles tinham seus grupos diferentes de filhos — seus titãs, seus ciclopes anciões, e assim por diante. Então Cronos, o líder titã — bem, você provavelmente ouviu como ele picou seu pai Urano com uma foice e tomou o mundo. Então os deuses vieram, filhos dos titãs, e derribaram *eles*. Mas aquele não foi o fim. A terra trouxe um novo grupo de filhos, exceto os que foram procriados por Tártaro, o espírito do abismo eterno — o lugar mais maligno e obscuro do Mundo Inferior. Aqueles filhos, os gigantes, foram produzidos por um propósito — se vingar de *nós* pela queda dos titãs. Eles se ergueram para destruir o Olimpo, e eles chegaram tremendamente perto.”

A barba de Hefesto começou a entrar em combustão. Ele distraidamente esmagou as chamas. “O que a minha maldita mãe Hera está fazendo agora — ela é uma tola intrometida jogando um *game* perigoso, mas ela tem razão sobre uma coisa: vocês semideuses têm que se unir. É o único jeito de abrir os olhos de Zeus, convencer os olimpianos que eles devem aceitar a sua ajuda. E é o único modo de vencer o que está vindo. Você é uma grande parte disso, Leo.”

O olhar do deus pareceu muito longe. Leo se perguntou se realmente poderia se dividir em partes diferentes — onde mais ele estava agora? Talvez seu lado grego esti-

vesse consertando um carro ou indo num encontro, enquanto seu lado romano estava assistindo um jogo de bola e pedindo pizza. Leo tentou imaginar o que devia ser ter múltiplas personalidades. Ele esperou que não fosse hereditário.

“Por que eu?” ele perguntou, e assim que disse isso, mais perguntas inundaram. “Por que me reclamar agora? Por que não quando eu tinha treze, como você devia? Ou você podia me reclamar quando eu tinha sete, antes da minha mãe morrer! Por que você não me encontrou mais cedo? Por que você não me alertou sobre *isso*? ”

A mão de Leo rompeu em chamas.

Hefesto o olhou tristemente. “A parte mais difícil, garoto. Deixar meus filhos andarem seus próprios caminhos. Interferência não funciona. As Moiras se asseguram disso. Como para a reclamação, você é um caso especial, garoto. O tempo teve que ser certo. Eu não posso explicar muito mais, porém —”

O sonho de Leo ficou vago. Só por um momento, ele virou uma reprise da *Roda da Fortuna*. Então Hefesto voltou a foco.

“A capacidade,” ele disse. “Eu não posso falar mais. Zeus está sentindo um sonho ilegal. Ele é o lorde do ar, afinal, incluindo as linhas aéreas. Só ouça, garoto: você tem um papel a interpretar. Seu amigo Jason tem razão — fogo é um dom, não uma maldição. Eu não dou essa bênção para qualquer um. Eles nunca derrubarão os gigantes sem você, muito menos a mestra a quem eles servem. Ela é pior do que qualquer deus ou titã.”

“Quem?” Leo exigiu.

Hefesto franziu a testa, sua imagem ficando mais vaga. “Eu te disse. Sim, tenho certeza que te disse. Apenas se alerte: pelo caminho, você perderá alguns amigos e algumas ferramentas valiosas. Mas não é a sua culpa, Leo. Nada dura para sempre, nem as melhores máquinas. E tudo pode ser reutilizado.”

“O que você quer dizer? Não gosto como isso soa.”

“Não, você não deveria.” A imagem de Hefesto estava pouco visível agora, só uma bolha na estática. “Só ficar alerta para —”

O sonho de Leo virou a *Roda da Fortuna* assim que a roda bateu em Falido e a audiência disse, “Ahhhhh!”

Então Leo acordou com Jason e Piper gritando.

X X X

LEO

Traduzido por: [Marina](#)

ELES ESPIRALARAM PELO ESCURO em queda livre no escuro, ainda em cima do dragão, mas a pele de Festus estava fria. Seus olhos de rubi estavam sombrios.

“De novo não!” Leo gritou. “Você não pode cair de novo!”

Ele mal conseguia se segurar. O vento picava seus olhos, mas ele conseguiu abrir o painel sobre o pescoço do dragão. Ele alternou os interruptores. Puxou os fios. As asas do dragão bateram mais uma vez, mas Leo achou um sopro de bronze em chamas. O sistema de acionamento foi sobrecarregado. Festus não tinha força para continuar a voar, e Leo não poderia chegar ao painel de controle principal na cabeça do dragão — não no ar. Ele viu as luzes de uma cidade abaixo deles — apenas brilhos no escuro enquanto caíam em círculos. Eles teriam apenas alguns segundos antes de baterem.

“Jason,” ele gritou. “Pegue Piper e voe para fora daqui!”

“O quê?”

“Nós precisamos aliviar a carga! Eu poderia ser capaz de fazer Festus ser reiniciado, mas ele está carregando muito peso!”

“E você?” Piper chorou. “Se você não puder reiniciá-lo —”

“Eu vou ficar bem,” Leo gritou. “Sigam-me até o chão. Vão!”

Jason agarrou Piper pela cintura. Ambos soltaram seus arreios, e num piscar de olhos eles se foram, disparando pelo ar.

“Agora,” disse Leo. “É só você e eu, Festus — e duas gaiolas pesadas. Você pode fazer isso, rapaz!”

Leo conversou com o dragão enquanto ele trabalhava, caindo numa velocidade terminal. Ele podia ver as luzes da cidade abaixo dele, cada vez mais próximas. Convocou fogo em sua mão para que ele pudesse ver o que estava fazendo, mas o vento continuava a extinguí-lo.

Ele puxou um fio que considerou estar ligado ao nervo central da sua cabeça, esperando por um pequeno choque de despertar.

Festus gemeu — metal rangendo dentro do seu pescoço. Seus olhos brilharam fracamente, e ele abriu as asas. Sua queda se transformou em um íngreme deslize.

“Boa!” Leo disse. “Vamos lá, garotão. Vamos!”

Eles ainda estavam voando de um jeito muito quente, e o chão estava se aproximando. Leo precisava de um lugar para pousar — rápido.

Havia um grande rio — não. Não é bom para um dragão que cospe fogo. Ele nunca iria conseguir tirar Festus do fundo se ele afundasse, especialmente em temperaturas congelantes. Então, nas margens do rio, Leo viu uma mansão branca com um gramado enorme nevado cercado por um muro alto feito de tijolos — como alguns recintos privados de pessoas ricas, todo resplandescente com a luz. Um campo de pouso perfeito. Ele fez o seu melhor para dirigir o dragão nessa direção, e Festus parecia voltar à vida. Eles poderiam conseguir!

Então tudo deu errado. Quando eles se aproximaram do gramado, os holofotes ao longo do cercado se fixaram neles, cegando Leo. Ele ouviu estouros como projéteis de fogo, o som de metal sendo cortado em retalhos — e *BUM*.

Leo desmaiou.

Quando Leo voltou a si, Jason e Piper estavam debruçados sobre ele. Ele estava deitado na neve, coberto de lama e graxa. Ele cuspiu um pedaço congelado de grama de sua boca.

“Onde —”

“Se acalme.” Piper tinha lágrimas em seus olhos. “Você bateu bem duro quando — quando Festus —”

“Onde ele está?” Leo sentou-se, mas sua cabeça parecia que estava flutuando. Eles pousaram no interior do complexo. Algo tinha acontecido no caminho — fogo?

“Sério, Leo,” disse Jason. “Você pode estar ferido. Você não deve —”

Leo fez força para ficar de pé. Então ele viu os destroços. Festus deve ter deixado cair as gaiolas de canário enquanto ele veio por cima da cerca, porque tinham rolado em diferentes direções e caíram no lado deles, perfeitamente intactas.

Festus não teve a mesma sorte.

O dragão tinha se desintegrado. Seus membros estavam espalhados pelo gramado. Sua cauda pendurada em cima do muro. A seção principal do seu corpo tinha uma vala de seis metros de largura e se rompendo a quinze metros da mansão. O que restava

dele ou estava carbonizado, ou tinha virado uma pilha de sucata. Só o pescoço e a cabeça estavam um pouco intactas, descansando em uma fila de roseiras congeladas como um travesseiro.

“Não,” Leo soluçou. Ele correu para a cabeça do dragão e acariciou o seu fucinho. Os olhos do dragão tremeluziam fracamente. Óleo derramava do seu ouvido.

“Você não pode ir,” suplicou Leo. “Você é a melhor coisa que eu já consertei.”

A cabeça do dragão girou suas engrenagens, como se estivesse ronronando. Jason e Piper ficaram ao lado dele, mas Leo manteve os olhos fixos no dragão.

Ele lembrou que Hefesto havia dito: *Não é a sua culpa, Leo. Nada dura para sempre, nem as melhores máquinas.*

Seu pai estava tentando avisá-lo.

“Não é justo,” disse ele.

O dragão clicou. Houve um longo *rangido*. Dois curtos *clique*. *Rangido. Rangido.* Quase como um padrão... desencadeando uma antiga lembrança na mente de Leo. Leo percebeu que Festus estava tentando dizer algo. Ele estava usando o código Morse, exatamente como a mãe de Leo lhe havia ensinado anos atrás. Leo ouviu atentamente, traduzindo os cliques em letras: uma mensagem simples repetindo várias vezes.

“Sim,” disse Leo. “Eu entendo. Eu vou. Eu prometo.”

Os olhos do dragão escureceram. Festus havia partido.

Leo chorou. Ele não ficou envergonhado. Seus amigos estavam do seu lado, batendo no seu ombro, dizendo coisas reconfortantes; mas o zumbido nos ouvidos de Leo abafavam suas palavras.

Leo fungou. Ele abriu o painel da cabeça do dragão, só para ter certeza, mas o disco de controle estava rachado e queimado além de reparo.

“Algo que meu pai me disse,” Leo disse. “Tudo pode ser reutilizado.”

“Seu pai falou com você?” Jason perguntou. “Quando foi isso?”

Leo não respondeu. Mecheu nas dobradiças do pescoço de dragão e levou até a cabeça que fora desanexada. Pesava cerca de quarenta quilos, mas Leo conseguiu segurá-la em seus braços. Ele olhou para o céu estrelado e disse, “Leve-o de volta para a carvoeira, pai. Por favor, até que eu possa reutilizá-lo. Eu nunca pedi nada a você.”

O vento aumentou, e a cabeça do dragão flutuou para fora dos braços de Leo, como se não pesasse nada. Voou para o céu e desapareceu.

Piper olhou para ele com espanto. “Ele te *respondeu*?”

“Eu tive um sonho,” Leo controlou. “Conto a vocês mais tarde.”

Ele sabia que devia uma explicação melhor a seus amigos, mas Leo mal podia falar. Sentia-se como uma máquina quebrada — como se alguém tivesse removido uma pequena parte dele, e agora ele nunca mais seria completo. Ele poderia se mover, ele poderia falar, ele poderia continuar e fazer o seu trabalho. Mas ele sempre estaria fora de equilíbrio, nunca estaria calibrado corretamente.

Ainda assim, ele não podia dar ao luxo de ficar triste para sempre. Caso contrário, Festus haveria morrido em vão. Ele tinha que terminar essa missão — por seus amigos, por sua mãe, por seu dragão.

Ele olhou em volta. A grande mansão branca brilhava no centro do terreno. Paredes de tijolo altas com luzes e câmeras de segurança cercavam o perímetro, mas agora Leo podia ver — ou melhor, *sentir* — como as paredes foram defendidas bem.

“Onde estamos?” perguntou ele. “Quero dizer, que cidade?”

“Omaha, Nebraska,” disse Piper. “Eu vi um cartaz enquanto voávamos. Mas não sei o que é esta mansão. Nós viemos atrás de você, mas como você estava pousando, Leo, eu juro que parecia que — eu não sei —”

“Lasers,” disse Leo. Ele pegou um pedaço dos destroços do dragão e jogou em direção ao topo do muro. Imediatamente, um revólver surgiu a partir do tijolo da parede e um raio de puro calor incinerou a placa de bronze em cinzas.

Jason silvou. “Sistema de defesa. Como ainda estamos vivos?”

“Festus,” Leo disse miseravelmente. “Ele tomou o fogo. Os lasers o cortaram em pedaços enquanto entrava então não focou em vocês. Eu o levei para uma armadilha mortal.”

“Você não poderia saber,” disse Piper. “Ele salvou nossas vidas novamente.”

“Mas e agora?” Jason disse. “Os portões principais estão trancados, e eu estou supondo que não posso voar para nos tirar daqui sem levar um tiro.”

Leo olhou para a passagem na grande mansão branca. “Como não podemos sair, vamos ter que entrar.”

JASON

JASON TERIA MORRIDO CINCO VEZES no caminho para a porta da frente se não fosse por Leo.

Primeiro o alçapão sensível a calor no passeio, então os lasers nas escadas, então o gás de nervos na grade da varanda, os pregos envenenados sensíveis à pressão no tapete de boas-vindas, e é claro a campainha explosiva.

Leo desativou todos. Era como se ele pudesse cheirar as armadilhas, e só pegou a ferramenta certa do seu cinto para desabilitá-las.

“Você é incrível, *man*,” Jason disse.

Leo fez carranca enquanto ele examinava a fechadura da porta da frente. “É, incrível,” ele disse. “Não posso consertar um dragão direito, mas sou incrível.”

“Ei, aquilo não foi a sua —”

“A porta da frente já está destrancada,” Leo anunciou.

Piper olhou para a porta em incredulidade. “Está? Todas aquelas armadilhas, e a *porta* está destrancada?”

Leo virou a maçaneta. A porta girou facilmente. Ele pisou no lado de dentro sem hesitação.

Antes que Jason pudesse seguir, Piper pegou seu braço. “Ele precisará de algum tempo para superar Festus. Não leve isso para o lado pessoal.”

“É,” disse Jason. “É, ok.”

Mas ele ainda se sentia horrível. Na loja de Medeia, ele dissera coisas bastante cruéis para Leo — coisas que um amigo não deveria dizer, sem mencionar o fato que ele quase espetara Leo com uma espada. Se não fosse por Piper, ambos estariam mortos. E Piper também não teria saído daquele encontro facilmente.

“Piper,” disse, “eu sei que estava confuso em Chicago, mas aquela coisa sobre o seu pai — se ele está em perigo, eu quero ajudar. Não me importo se é uma armadilha ou não.”

Seus olhos sempre eram de cores diferentes, mas agora eles pareciam abalados, como se ela tivesse visto algo com que não pudesse competir. “Jason, você não sabe o que está dizendo. Por favor — não me faça sentir pior. Vamos lá. Deveríamos ficar unidos.”

Ela mergulhou para dentro.

“Unidos,” Jason disse para si próprio. “É, estamos indo bem nisso.”

A primeira impressão de Jason da casa: Escura.

Do eco dos seus passos ele podia dizer que o saguão de entrada era enorme, até maior que a suíte de Bóreas; mas a única iluminação vinha das luzes do jardim afora. Um brilho fraco espreitava pelos intervalos nas cortinas grossas de veludo. As janelas se erguiam em três metros. Espaçadas entre elas pelas paredes haviam estátuas metálicas de tamanho real. Enquanto os olhos de Jason se ajustavam, ele viu sofás arranjados num U no meio da sala, com uma mesa de café central e uma grande cadeira no outro lado. Um candelabro pesado reluzia suspenso. Pela parede traseira se encontrava uma fila de portas fechadas.

“Cadê o interruptor?” Sua voz ecoou assustadoramente pela sala.

“Não vejo um,” Leo disse.

“Fogo?” Piper sugeriu.

Leo levantou sua mão, mas nada aconteceu. “Não está funcionando.”

“Sem fogo? Por quê?” Piper perguntou.

“Bem, se eu soubesse que —”

“Ok, ok,” ela disse. “O que fazemos — exploramos?”

Leo balançou a cabeça. “Depois de todas aquelas armadilhas lá fora? Má ideia.”

A pele de Jason formigou. Ele odiava ser um semideus. Olhando ao redor, ele via uma sala confortável para ficar. Ele imaginou espíritos de tempestade viciados se espreitando nas cortinas, dragões sob o tapete, um candelabro feito de pedaços de gelo letais, prontos para empalá-los.

“Leo tem razão,” disse. “Não vamos nos separar de novo — não como em Detroit.”

“Ah, obrigada por me fazer lembrar dos ciclopes.” A voz de Piper tremulou. “Eu tava precisando disso.”

“São algumas horas até o amanhecer,” Jason chutou. “Muito frio para esperar do lado de fora. Vamos trazer as jaulas para dentro e acampar nessa sala. Esperamos pela luz do dia; então podemos decidir o que fazer.”

Ninguém ofereceu uma ideia melhor, então eles rolaram para dentro as jaulas com o Treinador Hedge e os espíritos de tempestade, e se estabeleceram. Agradecidamente, Leo não encontrou nenhum veneno jogado nos travesseiros ou almofadas elétricas nos sofás.

Leo não parecia no ânimo de fazer mais tacos. Além disso, eles não tinham fogo, então se assentaram com comida fria.

Enquanto Jason comia, ele estudava as estátuas de metal pelas paredes. Eles pareciam deuses gregos ou heróis. Talvez fosse um bom sinal. Ou talvez eles fossem usadas para prática de alvo. Na mesa de café tinha um aparelho de chá e vários folhetos lisos, mas Jason não podia distinguir as palavras. A grande cadeira no outro lado da mesa parecia um trono. Nenhum deles tentou sentar nela.

As gaiolas de canário não faziam o lugar menos arrepiador. Os *ventus* continuavam se debatendo na prisão, sibilando e girando, e Jason teve a sensação inconfortável que eles estavam o observando. Ele podia sentir seu ódio pelas crianças de Zeus — o lorde do céu que ordenou a Éolo aprisionar sua espécie. Os *ventus* não gostariam de nada melhor que rasgar Jason.

A respeito do Treinador Hedge, ele ainda estava congelado no meio de um grito, seu porrete levantado. Leo estava trabalhando na gaiola, tentando abri-la com várias ferramentas, mas a fechadura parecia estar lhe dando tempos difíceis. Jason decidiu não sentar perto dele no caso de Hedge subitamente descongelar e entrar no modo de bode-ninja.

Apesar de como ele se sentia agitado, uma vez que seu estômago estava cheio, Jason começou a adormecer. Os sofás eram um pouco confortáveis demais — muito melhores que as costas do dragão — e ele fizera as duas últimas patrulhas enquanto seus amigos dormiam. Ele estava exausto.

Piper já se enrolara em outro sofá. Jason quis saber se ela estava realmente dormindo ou evitando uma conversa sobre o seu pai. O que quer que Medeia quis dizer em Chicago, sobre Piper ter seu pai de voltar se ela cooperasse — não souu bem. Se Piper arriscara seu próprio pai para salvá-los, aquilo fez Jason se sentir mais culpado ainda.

E eles estavam correndo contra o tempo. Se Jason contou os dias certo, agora era de manhã cedo de 20 de Dezembro. O que significava que amanhã era o solstício de inverno.

“Durma um pouco,” Leo disse, ainda trabalhando na gaiola trancada. “É a sua vez.”

Jason respirou fundo. “Leo, me desculpe sobre aquelas coisas que disse em Chicago. Não era eu. Você não é irritante e você *leva* as coisas a sério — especialmente o seu trabalho. Eu queria poder fazer metade das coisas que você pode fazer.”

Leo abaixou sua chave de fenda. Ele olhou para o teto e balançou a cabeça como, *O que eu vou fazer com esse garoto?*

“Eu tento muito ser irritante,” Leo disse. “Não insulte minha habilidade de *irritar*. E como é que eu vou te ofender se você fica se desculpando? Eu sou um mecânico humilde. Você é como o príncipe do céu, filho do Lorde do Universo. Eu *tenho* que te ofender.”

“Lorde do Universo?”

“Certo, você é todo — *bam!* Homem raio. E ‘Me veja voando. Eu sou a águia que sobe —’”

“Cale a boca, Valdez.”

Leo controlou um sorriso. “É, entendo. Eu *irrito* você.”

“Desculpo-me por desculpar.”

“Obrigado.” Ele voltou ao trabalho, mas a tensão diminuiu entre eles. Leo ainda parecia exausto e triste — apenas não exatamente tão irritado.

“Vá dormir, Jason,” ordenou. “Vai demorar algumas horas para libertar esse homem bode. Depois eu ainda tenho que descobrir como fazer aos ventos uma cela menor, porque eu *não* vou arrastar aquela gaiola de canário para Califórnia.”

“Você consertou Festus, você sabe,” Jason disse. “Você lhe deu um propósito de novo. Acho que essa missão foi o ponto alto da sua vida.”

Jason teve medo de falasse isso e deixasse Leo doido mais uma vez, mas Leo só suspirou.

“Espero,” ele disse. “Agora, durma, cara. Eu quero algum tempo sem vocês, formas de vida orgânicas.”

Jason não tinha muita certeza do que aquilo significava, mas não discutiu. Ele fechou os olhos e teve um sono sem sonhos felizmente.

Ele só acordou quando a gritaria começou.

“Ahhgggggh!”

Jason ficou de pé. Ele não tinha certeza do que era mais irritante — a luz do sol toda que agora banhava a sala, ou o sátiro berrante.

“O Treinador está acordado,” Leo disse, o que foi meio que desnecessário. Gleeson Hedge estava dando cambalhotas por perto nas suas traseiras peludas, sacudindo sua clava e gritando, “Morram!” enquanto esmagava a máquina de chá, golpeava os sofás, e carregava contra o trono.

“Treinador!” Jason gritou.

Hedge virou, respirando duro. Seus olhos estavam tão selvagens que Jason teve medo que ele pudesse atacar.

O sátiro ainda estava vestindo sua camisa polo laranja e seu apito de treinador, mas seus chifres estavam claramente visíveis acima do seu cabelo encaracolado, e sua traseira carnuda era definitivamente toda de bode. Você podia chamar um bode de *carnudo*? Jason colocou o pensamento de lado.

“Você é a nova criança,” Hedge disse, baixando a clava. “Jason.” Ele olhou para Leo, depois Piper, que aparentemente também acabara de acordar. Seu cabelo parecia ter sido transformado num ninho para um hamster amigável.

“Valdez, McLean,” o treinador disse. “O que está acontecendo? Estábamos no Grand Canyon. Os *anemoi thuellai* estavam atacando e —” Ele mirou para a gaiola dos espíritos de tempestade, e seus olhos voltaram para prontidão máxima. “Morram!”

“Uou, Treinador!” Leo entrou no seu caminho, o que era bastante corajoso, mesmo que Hedge fosse quinze centímetros mais baixo. “Está tudo bem. Eles estão trancafiados. Nós só te emergimos da outra gaiola.”

“Gaiola? Gaiola? O que está acontecendo? Só porque eu sou um sátiro não significa que não posso fazer vocês pagarem flexões, Valdez!”

Jason tossiu. “Treinador — Gleeson — hã, o que quer que você queira que a gente te conte. Você nos salvou no Grand Canyon. Você foi totalmente corajoso.”

“É claro que fui!”

“A equipe de extração veio e nos levou para o Acampamento Meio-Sangue. Pensamos que havíamos perdido você. Então tivemos conhecimento que os espíritos de tempestade haviam te levado para a sua — hã, operadora, Medeia.”

“Aquela bruxa! Espere — é impossível. Ela é mortal. Ela está morta.”

“É, bem,” Leo disse, “de algum jeito ela não está mais.”

Hedge assentiu, seus olhos se estreitando. “Certo! Vocês foram mandados numa missão perigosa para me resgatar. Excelente!”

“Hã.” Piper ficou de pé, retendo as mãos para que o Treinador Hedge não lhe atacasse. “Na verdade, Glee — eu ainda posso te chamar de Treinador Hedge? Gleeson parece *errado*. Estamos numa missão por mais algo. Nós meio que encontramos você por acidente.”

“Ah.” A disposição do treinador pareceu esvaziar, mas só por um segundo. Aí seus olhos brilharam novamente. “Mas não há acidentes! Não em missões. Isso estava *destinado* a acontecer! Então, esse é o covil da bruxa, é? Por que é tudo ouro?”

“Ouro?” Jason olhou em volta. Do jeito que Leo e Piper prenderam a respiração, ele supôs que eles também não haviam notado ainda.

A sala era repleta de ouro — as estátuas, a máquina de chá que Hedge esmagara, a cadeira que era definitivamente um trono. Até as cortinas — que pareciam ter se abertas sozinhas no romper do dia — pareciam ser tecidas com fibra de ouro.

“Legal,” Leo disse. “Não me admira que eles tenham tanta segurança.”

“Esse não é —” Piper gaguejou. “Esse não o lugar de Medeia, Treinador. É a mansão de alguma pessoa rica em Omaha. Fugimos de Medeia e aterrissamos aqui.”

“É o destino, bolinhos!” Hedge insistiu. “Estou destinado a protegê-los. Qual é a missão?”

Antes que Jason pudesse decidir se queria explicar ou só empurrar o Treinador Hedge de volta para a sua gaiola, uma porta abriu no outro lado da sala.

Um homem atarracado num roupão branco saiu com uma escova de dente dourada na boca. Ele tinha uma barba branca e um daqueles longos e antiquados quepes de dormir pressionava para baixo o seu cabelo branco. Ele congelou quando os viu, e a escova de dente caiu da sua boca.

Ele olhou para a sala atrás dele e chamou, “Filho? Lit, saia aqui, por favor. Há pessoas estranhas na sala do trono.”

O Treinador Hedge fez a coisa óbvia. Ele levantou sua clava e gritou, “Morra!”

JASON

FORAM PRECOS TODOS OS TRÊS para deter o sátiro. “Uou, Treinador!” Jason disse. “Acalme-se um pouco.” Um homem mais novo carregou na sala. Jason supôs que ele devia ser Lit, o filho do sujeito velho. Ele estava vestindo calças de pijama com uma camiseta sem manga que dizia Descascadoresdemilho, e ele segurava uma espada que parecia poder descansar muitas coisas além de milho. Seus braços violentos estavam cobertos de cicatrizes, e seu rosto, ajustado com cabelo escuro e encaracolado, seria bonito se não estivesse também fatiado.

Lit imediatamente mirou em Jason como se ele fosse a maior ameaça, e aproximou-se silenciosamente dele, balançando sua espada acima. “Espere!” Piper deu um passo para frente, tentando sua melhor voz calma. “Isso é só um mal entendido! Está tudo bem.” Lit parou nos seus passos, mas ainda parecia alerta. Não ajudou que Hedge estava gritando, “Eu vou pegá-los! Não se preocupem!”

“Treinador,” Jason argumentou, “eles podem ser gentis. Além disso, estamos dentro da casa dele ilegalmente.”

“Obrigado!” disse o velho homem no roupão. “Agora, quem são vocês, e por que estão aqui?”

“Vamos todos abaixar as nossas armas,” Piper disse. “Treinador, você primeiro.”

Hedge apertou o maxilar. “Só uma paulada?”

“Não,” Piper disse.

“E um acordo? Eu matarei eles primeiro, e se confirmar que eles gentis, me desculparei.”

“Não!” Piper insistiu.

“Meh.” O Treinador Hedge baixou sua clava.

Piper deu a Lit um bondoso sorriso *desculpa-por-isso*. Até com o seu cabelo bagunçado e usando as mesmas roupas a dois dias, ela parecia extremamente bonita, e Jason sentiu um pouco de ciúme por ela estar dando a Lit aquele sorriso.

Lit xingou e embainhou a espada. “Você fala bem, garota — felizmente para os seus amigos, ou eu teria acabado com eles.”

“Aprecie,” Leo disse. “Eu tentou não ser acabado antes da hora do almoço.”

O velho no roupão suspirou, chutando o bule de chá que o Treinador Hedge esmagara.

“Bem, já que vocês estão aqui, por favor, sentem-se.”

Lit franziu a testa. “Vossa Majestade —”

“Não, não, está tudo bem, Lit,” o velho disse. “Nova terra, novos costumes. Eles podem se sentar na minha presença. Afinal, eles me viram em roupas de dormir. Não há sentido em observar formalidades.” Ele deu o seu melhor para sorrir, embora parecesse um pouco forçado. “Bem-vindos à minha humilde casa. Eu sou Rei Midas.”

“Midas? Impossível,” disse o Treinador Hedge. “Ele morreu.”

Eles agora estavam sentados em sofás, enquanto o rei reclinava o seu trono. Espero fazer isso num roupão, e Jason continuou se preocupando se o velho esqueceria e descruzaria as pernas. Com sorte ele estaria usando cuecas douradas por baixo.

Lit ficou atrás do trono, ambas as mãos na espada, olhando para Piper e flexionando seus braços musculosos só para ser irritante. Jason quis saber se *ele* parecia tão ridículo segurando uma espada. Tristemente, ele duvidou disso.

Piper se acomodou mais para frente. “O que nosso amigo sátiro quer dizer, Vossa Majestade, é que você é o segundo mortal que encontramos que devia estar — desculpe — morto. O Rei Midas viveu milhões de anos atrás.”

“Interessante.” O rei olhou pelas janelas para os brilhantes céus azuis e a luz do sol de inverno. À distância, Omaha parecia blocos de Lego — um lugar muito limpo e pequeno para uma cidade normal.

“Vocês sabem,” o rei disse, “eu acho que *estive* um pouco morto por um tempo. É estranho. Parece um sonho, né, Lit?”

“Um sonho muito longo, Vossa Majestade.”

“E ainda assim, agora estamos aqui. Eu me divertindo muito. Eu gosto de estar vivo melhor.”

“Mas como?” Piper perguntou. “Você não aconteceu de ter um... patrono?”

Midas hesitou, mas houve uma piscadela maliciosa nos seus olhos. “Isso importa, minha querida?”

“Poderíamos matá-los de novo,” Hedge sugeriu.

“Treinador, não ajude,” Jason disse. “Por que você não sai e fica de guarda?”

Leo tossiu. “É seguro? Eles têm segurança pesada.”

“Ah, sim,” o rei disse. “Me desculpem sobre isso. Mas são coisas adoráveis, não são? Incrível o que ouro ainda pode comprar. Brinquedos excelentes que vocês têm nesse país!”

Ele pescou um controle remoto do bolso do roupão e pressionou alguns botões — uma senha, supôs Jason.

“Aí,” Midas disse. “Seguro para sair agora.”

O Treinador Hedge grunhiu. “Certo. Mas se vocês precisarem de mim...” Ele piscou para Jason significativamente. Depois ele apontou para si, depois apontou para os seus anfitriões, e cortou um dedo pela garganta. Linguagem de sinais muito util.

“É, obrigado,” Jason disse.

Depois de o sátiro partir, Piper tentou outro sorriso diplomático. “Então... você não sabe como chegou aqui?”

“Ah, bem, sim. Um pouco,” o rei disse. Ele franziu a testa para Lit. “Por que pegamos Omaha, de novo? Eu sei que não vou o clima.”

“O oráculo,” Lit disse.

“Sim! Me contaram que havia um oráculo em Omaha.” O rei deu de ombros. “Aparentemente eu estava errado. Mas essa é uma casa bastante bonita, né? Lit — é abreviação de Lityerses, a propósito — nome horrível, mas a mãe dele insistiu — Lit tem um amplo espaço aberto para praticar o seu manejo de espada. Ele tem uma grande reputação para isso. Eles o chamavam de Ceifeiro dos Homens nos dias antigos.”

“Ah.” Piper tentou parecer entusiasmada. “Que legal.”

O sorriso de Lit foi mais como um sarcasmo cruel. Jason tinha agora cem por cento de certeza que ele não gostava desse garoto, e estava começando a pesar em mandar Hedge para fora.

“Então,” Jason disse. “Todo esse ouro —”

Os olhos do rei se iluminaram. “Você está aqui por ouro, meu garoto? Por favor, pegue um folheto!”

Jason olhou para os folhetos na mesa de café. O título dizia *OURO: Investir para Eternidade*.

“Hã, você vende ouro?”

“Não, não,” o rei disse. “Eu faço. Em tempos incertos como esses, ouro é o investimento mais sábio, não acha? Governos caem. Os mortos se erguem. Os gigantes atacam o Olimpo. Mas ouro retém o seu valor!”

Leo franziu a testa. “Eu vi esse comercial.”

“Ah, não seja enganado por imitações baratas!” o rei disse. “Lhe asseguro, eu posso fechar qualquer preço para um investidor sério. Eu posso fazer uma grande seleção de itens de ouro na atenção de um momento.”

“Mas...” Piper balançou a cabeça em confusão. “Vossa Majestade, você desistiu do toque dourado, não desistiu?”

O rei pareceu surpresa. “Desisti?”

“Sim,” Piper disse. “Você pegou de algum deus —”

“Dioniso,” o rei concordou. “Eu resgatei um dos seus sátiros, e em troca, o deus me concedeu um desejo. Eu escolhi o toque dourado.”

“Mas você accidentalmente virou sua própria filha em ouro,” Piper lembrou. “E você percebeu como foi ganancioso. Então você se arrependeu.”

“Arreendi!” Rei Midas olhou para Lit incredulamente. “Está vendo, filho? Você fica fora por alguns milhares de anos, e a história se torce por todo o lugar. Minha querida garota, aquelas histórias já *disseram* que eu perdi meu toque mágico?”

“Bem, eu acho que não. Elas só disseram que você aprendeu como invertê-lo em água corrente, e você trouxe sua filha de volta à vida.”

“É tudo verdade. Às vezes eu ainda tenho que inverter meu toque. Não há água corrente na casa porque eu não quero acidentes” — ele gesticulou para as suas estátuas — “mas escolhemos viver perto de um rio só no caso de precisar. Ocionalmente, eu esqueço e dou uma tapinha nas costas de Lit —”

Lit se afastou em alguns passos. “Eu odeio isso.”

“Eu te *disse* que sentia muito, filho. Em todo caso, ouro é maravilhoso. Por que eu iria desistir?”

“Bem...” Piper pareceu realmente perdida agora. “Não é o ponto da história? Que você aprendeu sua lição?”

Midas riu. “Minha querida, posso ver sua mochila por um momento? Jogue-a aqui.”

Piper hesitou, mas ela não estava ansiosa para ofender o rei. Ela esvaziou tudo dela e a jogou para Midas. Assim que ele pegou, a mochila virou ouro, como gelo se expandindo no tecido. Ainda parecia flexível e leve, mas definitivamente ouro. O rei a jogou de volta.

“Como você vê, eu ainda posso transformar qualquer coisa em ouro,” Midas disse. “Essa mochila é mágica agora, também. Vá em frente — colocou os seus inimigos espíritos de tempestade aí.”

“Sério?” Leo estava subitamente interessado. Ele pegou a mochila de Piper e a expôs para a gaiola. Assim que ele abriu o zíper da mochila, os ventos se agitaram e berraram em protesto. As barras da gaiola estremeceram. A porta da prisão voou e os ventos foram aspirados diretamente para a mochila. Leo fechou o zíper e sorriu. “Tenho que admitir. Foi legal.”

“Está vendendo?” Midas disse. “Meu toque dourado uma *maldição*? Eu não aprendi lição nenhuma, e a vida não é uma história, garota. Honestamente, minha filha Zoe ficou muito mais amena como uma estátua de ouro.”

“Ela falava demais,” Lit ofereceu.

“Exatamente! E então eu a transformei de volta em ouro.” Midas apontou. Ali no canto estava uma estátua dourada de uma garota com uma expressão chocada, como se estivesse pensando, *pai!*

“É horrível!” Piper disse.

“Sem sentido. Ela não se importa. Além disso, se eu tivesse aprendido minha lição, eu teria conseguido isso?”

Midas despiu seu quepe de dormir enorme, e Jason não sabia se ria ou ficava doente. Midas tinham longas, felpudas e cinzas orelhas ressaltando do seu cabelo branco — como as orelhas do Pernalonga, mas não eram orelhas de coelho. Eram orelhas de burro.

“Ah, uou,” Leo disse. “Eu não precisava ver isso.”

“Terrível, não?” Midas suspirou. “Alguns anos depois do incidente do toque dourado, eu julguei um concurso de música entre Apolo e Pã, e eu declarei Pã como vencedor. Apolo, o perdedor ofendido, disse que eu devia ter as orelhas de um burro, e *voilà*. Esse foi o meu prêmio por ser sincero. Eu tentei mantê-las em segredo. Só o meu barbeiro sabia, mas ele não pôde deixar de tagarelar.” Midas apontou para outra estátua dourada — um homem careca de toga, segurando um par de tesouras. “É ele. Ele não estará contando o segredo de mais ninguém novamente.”

O rei sorriu. Subitamente ele não ocorreu a Jason como um velho inocente num roupão. Seus olhos tinham um brilho alegre neles — o olhar de um alienado que sabia que era louco, aceitava sua loucura, e se divertia com ela. “Sim, ouro tem vários usos. Eu acho que *deve* ser porque eu fui trazido de volta, né Lit? Para financiar com o nosso patrono.”

Lit assentiu. “Isso é o meu braço bom de espada.”

Jason olhou para os amigos. De repente o ar na sala parecia muito mais frio.

“Então você tem um patrono,” Jason disse. “Você trabalha para os gigantes.”

O Rei Midas acenou sua mão desconsideravelmente. “Bem, eu não me importo com os gigantes, é claro. Mas até exércitos supernaturais precisam ser pagos. Eu devo ao meu patrono um grande débito. Eu tentei explicar isso para o último grupo que passei, mas eles eram muito hostis. Não cooperariam no fim.”

Jason deslizou a mão ao bolso e pegou sua moeda de ouro. “O último grupo?”

“Caçadoras,” Lit rosnou. “Garotas detestáveis de Ártemis.”

Jason sentiu uma faísca de eletricidade — uma faísca *literal* — viajar pela sua espinha. Ele pegou uma corrente de fogo elétrico como se acabasse de dissolver algo das molas do sofá.

Sua *irmã* esteve aqui.

“Quando?” ele perguntou. “O que aconteceu?”

Lit deu de ombros. “Poucos dias atrás? Eu não consegui matá-las, infelizmente. Elas estavam procurando alguns lobos do mal, ou algo assim. Disseram que estavam seguindo uma trilha, indo para o oeste. Semideus desaparecido — não me recordo.”

Percy Jackson, Jason pensou. Annabeth mencionara que as Caçadoras estavam procurando por ele. E no sonho de Jason da casa quebrada na floresta de paus-brasis, ele ouvira lobos inimigos ladrado. Hera os chamara de carcereiros. Tinha que estar conectado de algum modo.

Midas coçou suas orelhas de burro. “Mocinhas muito desprezíveis, aquelas Caçadoras,” ele se lembrou. “Elas absolutamente recusaram serem transformadas em ouro. Muito do sistema de segurança do lado de fora que instalei para impedir que esse tipo de coisa acontecer novamente, você sabe. Eu não tenho tempo para aqueles que não são investidores sérios.”

Jason se levantou cuidadosamente e olhou para os amigos. Eles captaram a mensagem.

“Bem,” Piper disse, controlando um sorriso. “Foi uma grande visita. Bem-vindo de volta à vida. Obrigada pela mochila de ouro.”

“Ah, mas vocês não podem partir!” Midas disse. “Eu sei que vocês não são investidores sérios, mas está tudo bem! Eu tenho que reconstruir a minha coleção.”

Lit estava sorrindo cruelmente. O rei levantou, e Leo e Piper recuaram dele.

“Não se preocupem,” o rei os assegurou. “Vocês não *têm* ser transformados em ouro. Eu dou a todos os visitantes uma escolha — juntarem à minha coleção, ou morrer nas mãos de Lityerses. Realmente, cada modo é bom.”

Piper tentou usar seu encanto. “Vossa Majestade, você não pode —”

Mais rápido que qualquer velho poderia se mover, Midas atacou e agarrou seu pulso.

“Não!” Jason gritou.

Mas um congelamento de ouro se expandia em Piper, e num batimento cardíaco ela era uma estátua brilhante. Leo tentou convocar fogo, mas ele esqueceu que o seu poder não estava funcionando. Midas tocou sua mão, e Leo se transformou em metal sólido.

Jason estava tão aterrorizado que não podia se mexer. Seus amigos — simplesmente *partiram*. Ele não podia parar.

Midas sorriu apologeticamente. “Ouro supera fogo, eu receio.” Ele acenou ao redor dele, em todas as cortinas douradas e a mobília. “Nessa sala, meu poder refreia todos os outros: fogo... até encantamento. O que me deixa só mais um troféu para colecionar.”

“Hedge!” Jason gritou. “Preciso de ajuda aqui!”

De primeira, o sátiro não correu para dentro. Jason se perguntou se os lasers o pegaram, ou se ele estava sentado no fundo de um buraco.

Midas riu. “Nenhum bode ao resgate? Triste. Mas não se preocupe, meu garoto. Não é realmente doloroso. Lit pode lhe contar.”

Jason se fixou numa ideia. “Eu escolho combate. Você disse que eu podia lutar com Lit em vez disso.”

Midas pareceu suavemente desapontado, mas deu de ombros. “Eu disse que você podia *morrer* lutando com Lit. Mas é claro, se você deseja.”

O rei recuou, e Lit levantou a espada.

“Vou gostar disso,” Lit disse. “Eu sou o Ceifeiro dos Homens!”

“Vamos, Descascadordemilho.” Jason convocou sua própria arma. Dessa vez ela apareceu como uma lança, e Jason ficou contente pelo comprimento extra.

“Ah, arma de ouro!” disse Midas. “Muito bom.”

Lit atacou.

O cara era rápido. Ele golpeou e corpo, e Jason mal pôde desviar golpes, mas sua mente entrou num modo diferente — padrões analistas, aprendendo o estilo de Lit, que era todo ofensivo, sem defesa.

Jason opôs, evadiu e bloqueou. Lit pareceu surpreso por encontrá-lo vivo.

“Que estilo é esse?” Lit rosnou. “Você não luta como um grego.”

“Treinamento da legião,” Jason disse, embora não tivesse certo de como sabia daquilo. “É romano.”

“Romano?” Lit golpeou de novo, e Jason desviou a lâmina. “O que é *romano*?”

“Chamada,” Jason disse. “Enquanto você estava morto, Roma derrotou a Grécia. Criaram o maior império de todos os tempos.”

“Impossível,” Lit disse. “Nunca ouvi falar deles.”

Jason girou em um calcanhar, acertou Lit no peito com o topo da lança, e o mandou tombando no trono de Midas.

“Ah, querido,” Midas disse. “Lit?”

“Estou bem,” Lit grunhiu.

“Seria melhor ajudá-lo a se levantar,” disse Jason.

Lit gritou, “Pai, não!”

Tarde demais. Midas colocou sua mão no ombro do filho, e de repente uma estátua de ouro de aparência muito zangada estava sentada no trono de Midas.

“Maldições!” lamuriou Midas. “Foi um truque malvado, semideus. Você vai pagar por isso.” Ele bateu no ombro dourado de Lit. “Não se preocupe, filho. Eu vou te submergir no rio logo depois de colecionar esse prêmio.”

Midas correu para frente. Jason desviou, mas o velho também era rápido. Jason chutou a mesa de café nas pernas do velho e o derrubou, mas Midas não ficaria caído por muito tempo.

Então Jason olhou para estátua dourada de Piper. Raiva se arrastou nele. Ele era o filho de Zeus. Ele *não* podia falhar os amigos.

Ele sentiu uma sensação de puxão no intestino, e a pressão do ar caiu tão rapidamente que suas orelhas se moveram. Midas deve ter sentido isso também, porque ele tropeçou com os pés e pegou as orelhas de burro.

“Ei! O que você está fazendo?” ele exigiu. “Meu poder é supremo aqui!”

Um trovão ribombou. Fora, o céu ficou preto.

“Você conhece outro bom uso para ouro?” Jason disse.

Midas levantou as sobrancelhas, subitamente animado. “Sim?”

“É um excelente condutor de eletricidade.”

Jason levantou sua lança, e o teto explodiu. Um raio rompeu pelo telhado como se fosse uma casca de ovo, conectada com a ponta da lança de Jason, e emitiu arcos de energia que destruíram os sofás em farrapos. Pedaços grandes do gesso do teto foram em encontro ao chão. O candelabro vergou e soltou sua corrente, e Midas gritou enquanto ele o alfinetou no chão. O vidro imediatamente virou ouro.

Quando o ribombo parou, chuva congelada vazava na construção. Midas xingou em grego antigo, completamente preso sob o candelabro. A chuva encharcou tudo, transformando o candelabro de ouro de volta a vidro. Piper e Leo estavam lentamente mudando também, ao longo com as outras estátuas na sala.

Então a porta da frente estourou, e o Treinador Hedge correu para dentro, clava pronta. Sua boca estava coberta de sujeira, neve e grama.

“O que eu perdi?” ele perguntou.

“Onde você estava?” Jason perguntou. Sua cabeça estava girando por convocar o raio, e foi tudo que ele pôde fazer para impedir que passasse dessa para melhor.

“Eu estava gritando por ajuda.”

Hedge arrotou. “Pegando uma refeição. Desculpe. Quem precisa matar?”

“Ninguém, agora!” Jason disse. “Só pegar Leo. Vou pegar Piper.”

“Não me deixe assim!” choramingou Midas.

Tudo ao redor dele, as estátuas das vítimas estavam virando carne — sua filha, seu barbeiro, e vários caras irritados com espadas.

Jason pegou a mochila dourada de Piper e seus próprios pertences.

Então ele jogou um tapete sobre a estátua dourada de Lit no trono. Com sorte, aquilo iria impedir o Ceifeiro dos Homens de voltar à carne — pelo menos até depois que as vítimas de Midas voltassem.

“Vamos sair daqui,” Jason falou para Hedge. “Acho que esses caras irão querer algum tempo de qualidade com Midas.”

PIPER

Traduzido por: [Tamyris](#)

PIPER ACORDOU COM FRIO E TREMENDO.

Ela teve o pior sonho sobre um velho com orelhas de burro correndo atrás dela e gritando, *Você é isso!*

“Ah, deus.” Seus dentes batiam. “Ele me transformou em ouro!”

“Você está bem agora.” Jason inclinou-se e passou um cobertor quente em torno dela, mas ela ainda se sentia fria como uma boréade.

Ela piscou, tentando entender onde estavam. Perto dela, uma fogueira ardia, tornando o ar cortante com a fumaça. A luz do fogo cintilava nas paredes de rocha. Eles estavam em uma pequena caverna, mas ela não lhes oferecia muita proteção. Do lado de fora, o vendo assobiava. Neve soprava de um lado para outro. Poderia ser dia ou noite. A tempestade deixava escuro demais para dizer.

“L-L-Leo?” Piper tentou.

“Presente e desourado.” Leo também estava envolto em cobertores. Ele não parecia ótimo, mas melhor do que Piper se sentia. “Eu ganhei o tratamento de metal precioso também,” falou, “mas eu caí fora dessa mais rápido. Não sei porquê. Tivemos que afundar você no rio para te trazer de volta completamente. Tentei secar você, mas... está muito, muito frio.”

“Você estava com hipotermia,” Jason falou. “Nós arriscamos tanto néctar quanto podíamos. O Treinador Hedge também fez uma magia da natureza —”

“Remédio para esporte.” A cara feia do treinador pairava sobre ela. “É uma espécie de hobby meu. Sua respiração pode cheirar a cogumelos selvagens e Gatorade por alguns dias, mas vai passar. Você provavelmente não vai morrer. Provavelmente.”

“Obrigada,” Piper disse, fraca. “Como vocês venceram Midas?”

Jason a contou a história, jogando a culpa na sorte.

Treinador bufou. “O garoto está sendo modesto. Você deveria ter visto ele. Ih-áh! Fatiou! Explodiu com um raio!”

“Treinador, você nem viu isso,” Jason falou. “Você estava do lado de fora comendo o gramado.”

Mas o sátiro só estava se aquecendo. “Então eu cheguei com a minha clava e nós dominamos a sala! Depois, eu falei pra ele, ‘Garoto, estou orgulho de você! Se você pudesse apenas dar alguma atenção à força dos membros superiores —’”

“Treinador,” Jason chamou.

“Sim?”

“Cale a boca, por favor.”

“Claro.” O treinador se sentou junto ao fogo e começou a mastigar seu porrete.

Jason colocou sua mão sobre a testa de Piper e mediu sua temperatura. “Leo, você pode atiçar o fogo?”

“Lá vai.” Leo convocou um amontoado de chamas do tamanho de bolas de beisebol e as arremessou na fogueira.

“Eu pareço assim tão mal?” Piper tremeu.

“Que nada,” Jason disse.

“Você é um péssimo mentiroso,” ela falou. “Onde nós estamos?”

“Peaks Pike,” Jason respondeu. “Colorado.”

“Mas isso é, o quê? — oitocentos quilômetros de Omaha?”

“Por aí,” Jason concordou. “Eu fiz os espíritos de tempestade nos trazer até aqui. Eles não gostaram muito — foram um pouco mais rápido do que eu queria, quase nos esmagaram contra o Monte antes que eu conseguisse colocá-los de volta na mochila. Não vou tentar isso de novo.”

“E porque estamos aqui?”

Leo fungou. “Isso foi o que *eu* perguntei a ele.”

Jason encarou a tempestade como se estivesse esperando por algo. “Aquela triilha de vento brilhante que vimos ontem? Ainda estava no céu, mesmo que tenha se apagado bastante. Eu a segui até que não a pudesse ver mais. Então — honestamente não estou certo. Eu só senti que este era o lugar certo para parar.”

“É claro que é.” Treinador Hedge cuspiu algumas lascas de porrete. “O palácio flutuante de Éolo deve estar ancorado acima de nós, bem no pico. Este é um de seus pontos favoritos para atracar.”

“Pode ter sido isso.” Jason franziu as sobrancelhas. “Eu não sei. Alguma outra coisa, também...”

“As Caçadoras se dirigiam para o oeste,” Piper lembrou “Você acha que elas estão por aqui?”

Jason esfregou seu antebraço, como se as tatuagens o estivessem incomodando. “Eu não vejo como alguém poderia sobreviver no Monte agora. A tempestade está muito ruim. Já é a noite antes do solstício, mas não tivemos outra escolha a não ser esperar a tempestade passar. Tivemos que dar a você algum tempo para descansar antes que tentássemos nos mover.”

Ele não precisava convencê-la. O vento assobiando no lado de fora da caverna a assustava, e ela não conseguia parar de tremer.

“Nos precisamos te aquecer.” Jason sentou perto dela e estendeu os braços um pouco sem jeito. “Hã, você se importa se eu...”

“Acho que não.” Ela tentou parecer desinteressado.

Ele passou os braços ao seu redor e a segurou. Eles chegaram mais perto do fogo. Treinador Hedge mastigava pedaços de seu porrete e cuspiu lascas no fogo.

Leo pegou alguns suprimentos de cozinha e começou a fritar hambúrgueres em uma frigideira de ferro. “Então, gente, já que vocês estão aninhados para hora da história... Tem algo que eu preciso contar a vocês. No caminho pra Omaha, eu tive esse sonho. Um pouco difícil de entender com a estática e a *Roda da Fortuna* interrompendo —”

“*Roda da Fortuna?*” Piper achou que Leo estava brincando, mas quando ele levantou os olhos dos hambúrgueres sua expressão estava mortalmente séria.

“O negócio é que,” ele falou, “meu pai Hefesto falou comigo.”

Leo contou a eles sobre seu sonho. Na luz do fogo, com o vento assobiando, a história era ainda mais assustadora. Piper podia imaginar a voz cheia de estática do deus avisando sobre os gigantes que eram filhos de Tártaro, e sobre Leo perdendo alguns amigos no caminho.

Ela tentou se concentrar em algo bom: os braços de Jason em volta dela, o calor lentamente se espalhando por seu corpo, mas ela estava aterrorizada. “Eu não entendo. Se semideuses e deuses têm que trabalhar juntos para matar os gigantes, por que os deuses ficariam em silêncio? Se eles precisam da gente —”

“Rá,” falou o Treinador Hedge. “Os deuses *odeiam* precisar de humanos. Eles gostam de ser precisados *por* humanos, mas não o contrário. As coisas devem ficar bem piores antes que Zeus admita que cometeu um erro fechando o Olimpo.”

“Treinador,” falou Piper, “esse foi quase um comentário inteligente.”

Hedge bufou. “O quê? Eu sou inteligente! Eu não estou surpreso que vocês bolidinhos não tenham ouvido falar da Guerra dos Gigantes. Os deuses não gostam de falar sobre isso. É um RP ruim admitir que você precisou de mortais para ajudar a vencer um inimigo. É simplesmente embaraçoso.”

“No entanto, há mais,” disse Jason. “Quando eu sonhei com Hera em sua prisão, ela falou que Zeus estava anormalmente paranóico. E Hera — ela falou que foi para aquelas ruínas porque uma voz estava falando em sua cabeça. E se alguém estiver manipulando os deuses, como Medeia estava nos manipulando?”

Piper estremeceu. Ela teve um pensamento parecido — que alguma força que eles não podiam ver estava manipulando as cordas por trás da cortina, ajudando os gigantes. Talvez a mesma força estivesse mantendo Encélado informado sobre seus movimentos, e até mesmo derrubou seu dragão em Detroit. Talvez a Mulher-Sujeira adorada de Leo, ou outro servo dela...

Leo colocou alguns pães de hambúrguer na frigideira para torrar. “É, Hefesto falou algo parecido, como se Zeus estivesse agindo mais estranho que o normal. Mas o que me incomodou foi o que meu pai *não* falou. Como se em algumas vezes ele estivesse falando sobre os semideuses e como ele tinha tantos filhos e tudo mais. Eu não sei. Ele agiu como se juntar os maiores semideuses fosse quase impossível — como Hera está tentando, mas que era uma coisa estúpida de se fazer, e tinha algum segredo que Hefesto não deveria me contar.”

Jason se mexeu. Piper podia sentir a tensão em seus braços.

“Quíron agiu da mesma forma no acampamento,” ele falou. “Ele mencionou um juramento secreto para não falar — alguma coisa. Treinador, você sabe alguma coisa sobre isso?”

“Nah. Eu sou só um sátiro. Eles não nos contam as coisas suculentas. Especialmente um velho —” Ele parou.

“Um velho como você?” Piper perguntou. “Mas você não é assim tão velho, é?”

“Cento e seis,” o treinador murmurou.

Leo tossiu. “Como é que é?”

“Não bote fogo nas calças, Valdez. São só cinquenta e três em anos humanos. Ainda assim, é, eu fiz alguns inimigos no Conselho dos Anciões do Casco Fendido. Eu fui um protetor por um *longo* tempo. Mas eles começaram a dizer que eu estava ficando imprevisível. Muito violento. Pode imaginar?”

“Nossa.” Piper tentou não olhar para seus amigos. “Essa é difícil de acreditar.”

Treinador fez uma careta. “É, então nós tínhamos uma boa guerra com os titãs, e eles me colocaram na frente de batalha? Não! Eles me mandaram para o mais longe possível — na fronteira canadense, você pode acreditar? Então depois da guerra, eles me colocaram no pasto. Wilderness School. Bah! Como se eu fosse velho demais para ajudar, só porque eu gosto de alguma ação. Todos aqueles colhedores de flores do Conselho — falando sobre natureza”

“Pensei que sátiros gostavam de natureza,” Piper arriscou.

“Na mosca, eu amo natureza,” disse Hedge “Natureza significa coisas grandes matando e comendo coisas pequenas! E quando você é — você sabe — um sátiro verticalmente desafiado como eu, você fica em boa forma, carrega uma grande vara e não leva desaforo pra casa. Isso é natureza.” Hedge bufou indignado. “Colhedores de flores. De qualquer forma, espero que você tenha comida vegetariana, Valdez. Eu não como carne.”

“Sim, treinador, não coma seu porrete. Eu tenho alguns bifes de tofu. Piper também é vegetariana. Vou fritá-los em um segundo.”

O cheiro de hambúrgueres fritos encheu o ar. Piper normalmente odiava o cheiro de carne sendo cozida, mas seu estômago roncou como se fosse fazer um motim.

Estou perdendo a cabeça, ela pensou. Pense em brócolis. Cenouras. Lentilha.

Seu estômago não era a única coisa se rebelando. Deitada perto do fogo, com Jason a segurando, a consciência de Piper parecia uma bala quente lentamente fazendo seu caminho até o coração. Toda a culpa que estava sentindo pela última semana, desde que o gigante Encélado lhe mandou um sonho pela primeira vez, estava prestes a matá-la.

Seus amigos queriam ajudá-la. Jason falou que até mesmo cairia em uma armadilha pra salvar seu pai. E Piper os calou. Até onde sabia, ela já tinha condenado seu pai quando atacou Medeia.

Ela sufocou um soluço. Talvez tivesse feito a coisa certa em Chicago, salvando seus amigos, mas só retardou o problema. Ela nunca poderia trair seus amigos, mas seu lado mais egoísta estava desesperado o bastante para pensar, *E se eu fizesse?*

Elá tentou imaginar o que seu pai diria. *Ei, pai, se alguma vez você fosse acorrentado por um gigante canibal e eu tivesse que trair alguns amigos para te salvar, o que deveria fazer?*

Engraçado, ela nunca tinha pensado naquilo quando jogavam Três Perguntas Quaisquer. Seu pai nunca levaria a pergunta a sério, é claro. Ele provavelmente a contaaria alguma velha história de seu avô Tom — algo com ouriços brilhantes e pássaros falantes — e, em seguida, riria como se o conselho fosse bobo.

Piper desejou lembrar-se melhor de seu avô. Algumas vezes sonhava com aquela pequena casa de dois cômodos em Oklahoma. Elá se perguntava como seria crescer por lá.

Seu pai pensaria que era loucura. Ele tinha passado toda sua vida fugindo daquele lugar, se distanciando do resto, fazendo qualquer papel menos o de um nativo-americano. Ele sempre falava para Piper como ela era sortuda por crescer rica e bem cuidada, em uma boa casa na Califórnia.

Elá apredeu a ser vagamente desconfortável sobre seus ancestrais — como as fotos antigas de seu pai, dos anos oitenta, quando ele tinha cabelo emplumado e roupas estranhas. *Você acredita que eu um dia me vesti assim?* ele diria. Ser Cherokee funcionava do mesmo jeito pra ele — algo engraçado e levemente embarracoso.

Mas o que mais eles eram? O pai parecia não saber. Talvez fosse por isso que ele estava sempre tão infeliz, mudando de papéis. Talvez seja por isso que Piper começou a roubar coisas, procurando por algo que seu pai não poderia lhe dar.

Leo colocou os bifes de tofu na frigideira. O vento continuava furioso. Piper pensou em uma antiga história que seu pai havia lhe contado... uma que talvez *respondeesse* mesmo algumas de suas dúvidas.

Um dia na segunda série ela chegou em casa chorando e perguntando porque seu pai a tinha dado o nome de Piper. As crianças estavam zuando ela por que Piper Cherokee era uma espécie de avião.

Seu pai riu, como se nunca tivesse pensado naquilo. “Não, Pipes. Belo avião. Mas não foi assim que chamei você. Foi o vovô Tom que escolheu seu nome. A primeira vez que a ouviu chorar, ele falou que você tinha uma voz poderosa — melhor que qualquer flautista (**flautista é ‘piper’, em inglês**) doce. Ele falou que você aprenderia a cantar as mais difíceis canções Cherokee, até mesmo a canção da cobra.”

“A canção da cobra?”

Papai contou a lenda a ela — como um dia uma Cherokee viu uma cobra brincando perto de seus filhos e matou-a com uma pedra, sem perceber que era o Rei das Cascavéis. As cobras se prepararam para a guerra contra os humanos, mas o marido daquela mulher tentou a paz. Ele prometeu que faria qualquer coisa para recompensar as cascavéis. As cobras o fizeram cumprir a promessa. Elas falaram para que ele levasse sua mulher para sacrifício, de maneira que as cobras pudesse pica-la e levar sua vida em troca. O homem estava com o coração partido, mas fez o que lhe pediram. Depois, as cobras ficaram impressionadas pelo homem ter desistido de tanto e mantido sua promessa. Elas o ensinaram a Canção da cobra para que todos os Cherokee a usassem. Dali em diante, se algum Cherokee encontrasse uma cobra e cantasse aquela canção, a cobra o reconheceria como um amigo, e não o picaria.

“Isso é horrível!” Piper falou. “Ele deixou sua mulher morrer?”

Seu pai abriu as mãos. “Foi um grande sacrifício. Mas uma vida levou paz por gerações entre cobras e os Cherokee. Vovô Tom acreditava que as canções Cherokee podiam resolver quase todos os problemas. Ele pensou que você saberia várias canções, e seria a quase musicista da família. Foi por isso que te chamamos de Piper.”

Um grande sacrifício. Será que seu avô havia previsto algo sobre ela, mesmo quando era apenas um bebê? Será que ele sentiu que ela era uma filha de Afrodite? Seu pai provavelmente diria que era loucura. Vovô Tom não era um oráculo.

Mas ainda assim... ela prometeu ajudar nessa missão. Seus amigos contavam com ela. Eles a salvaram quando Midas a transformou em ouro. Eles a trouxeram de volta à vida. Ela não poderia recompensá-los com mentiras.

Gradualmente, ela começou a se sentir mais quente. Parou de tremer e se sentou contra o peito de Jason. Leo lhe entregou a comida. Piper não queria se mexer, falar ou fazer qualquer coisa para quebrar o momento. Mas ela precisava fazer isso.

“Precisamos conversar.” Ela se sentou de maneira a olhar para Jason. “Eu não quero esconder mais nada de vocês.”

Eles a olharam com suas bocas cheias de hambúrguer. Tarde demais para mudar de idéia agora.

“Três noites antes da ida ao Grand Canyon,” ela falou, “eu tive uma visão em um sonho — um gigante, me dizendo que meu pai havia sido sequestrado. Ele me disse que eu deveria cooperar, ou meu pai seria morto.”

As chamas crepitaram.

Finalmente, Jason perguntou, “Encélado? Você mencionou esse nome antes.”

Treinador Hedge se virou. “Grande gigante. Cospe fogo. Não alguém que eu ia querer fazendo churrasco do meu pai bode.”

Jason o mandou um olhar de *cala boca*. “Piper, continue. O que aconteceu depois?”

“Eu — eu tentei falar com meu pai, mas tudo o que eu consegui foi sua assistente pessoal, e ela me disse para não me preocupar.”

“Jane?” Leo lembrou “Medeia não falou algo sobre controlá-la?”

Piper concordou com um aceno. “Para ter meu pai de volta, eu deveria sabotar esta missão. Eu não tinha pensado que seria nós três. Então depois que começamos a missão, Encélado me mandou outro aviso: Ele me falou que queria vocês dois mortos. Ele queria que eu os levasse até um Monte. Não sei qual exatamente, mas na Área da Baía — eu podia ver a ponte Golden Gate do cume. Eu deveria estar lá ao anoitecer no solstício, amanhã. Uma troca.”

Ela não podia encarara seus amigos nos olhos. Ela esperou que gritassem com ela, que lhe virassem as costas ou que a jogassem na tempestade de neve.

Ao invés disso, Jason se aproximou dela e a envolveu com seus braços novamente. “Deuses, Piper. Eu sinto muito.”

Leo concordou. “Sem sacanagem. Você esteve carregando isso por quase uma semana? Piper, nós poríamos te *ajudar*.”

Ela olhou para eles. “Por que vocês não gritam comigo ou algo do tipo? Me mandaram matar vocês!”

“Ah, qual é,” disse Jason. “Você salvou a nós dois nessa missão. Eu colocaria minha vida em suas mãos a qualquer hora.”

“Idem.” Leo falou “Posso ganhar um abraço também?”

“Vocês não entendem!” Piper falou “Eu provavelmente matei meu pai contando isso a vocês!”

“Eu duvido.” O Treinador Hedge arrotou. Ele estava comendo seu hambúrguer de tofu embrulhado no prato de papel, mastigando como um taco. “O gigante ainda não conseguiu o que queria, então ele ainda precisa do seu pai para chantagem. Ele vai esperar até que o seu prazo se acabe, vê se você aparece. Ele quer que você desvie a missão para esto Monte, certo?”

Piper confirmou, incerta.

“Então isso significa que Hera está presa em outro lugar.” Hedge argumentou. “E ela tem que ser salva no mesmo dia. Então você tem que escolher — resgatar seu pai, ou resgatar Hera. Se você for atrás de Hera, *então* Encélado cuida do seu pai. Além disso, Encélado nunca te deixaria ir mesmo se você cooperasse. Você é obviamente um dos sete na Grande Profecia.”

Um dos sete. Ela falou sobre isso antes com Jason e Leo, e supôs que deveria ser verdade, mas ainda tinha problemas em acreditar nisso. Ela não se sentia tão importante. Ela era só uma estúpida filha de Afrodite. Como poderia valer à pena enganando e matando?

“Então nós não temos escolha,” ela falou miseravelmente. “Temos que salvar Hera, ou o Rei dos Gigantes será libertado. Essa é a nossa missão. O mundo depende disso. E Encélado parece ter meios de me vigiar. Ele não é burro. Ele vai saber se mudarmos o curso e formos à direção errada. Ele vai matar meu pai.”

“Ele não vai matar seu pai,” Leo falou “Nós vamos salvá-lo.”

“Nós não temos tempo!” choramingou Piper. “Além disso, é uma armadilha.”

“Nós somos seu amigos, rainha da beleza,” disse Leo “Não vamos deixar seu pai morrer. Só temos que bolar um plano.”

Treinador Hedge resmungou. “Ajudaria se soubéssemos onde é esso Monte. Talvez Éolo possa dizer. A Área da Baía tem uma má reputação para os semideuses. Antigo lar dos Titãs, Monte Ótris, fica acima do Monte Tam, onde Atlas segura o céu nas costas. Eu espero que essa não seja o Monte que você viu.”

Piper tentou lembrar-se da vista em seu sonho. “Eu acho que não. Essa era no continente”

Jason franziu o cenho para o fogo, como se estivesse tentando lembrar-se de algo.

“Má reputação... isso não parece certo. A Área da Baía....”

“Você acha que já esteve lá?” Piper perguntou.

“Eu...” Ele parecia estar quase na ponta de uma importante descoberta. Então a angústia voltou a seus olhos. “Eu não sei. Hedge, o que aconteceu no Monte Ótris?”

Hedge mordeu novamente papel e hambúrguer. “Bom, Cronos construiu um novo castelo lá no último verão. Lugar bem desagradável, era para ser o novo quartel-general de seu novo reino e tudo mais. No entanto, não tiverem muitas batalhas lá. Cronos marchou por Manhattan, tentou tomar o Olimpo. Se eu me lembro bem, ele deixou

alguns outros titãs cuidando do palácio, mas depois que Cronos foi derrotado em Manhattan, o lugar todo simplesmente desabou.”

“Não,” Jason falou.

Todos olharam para ele.

“Como assim, ‘Não’?” Leo perguntou.

“Não foi isso que aconteceu. Eu —” Ele se retraiu, olhando para fora da caverna.
“Ouviram isso?”

Por um segundo, nada. Então Piper ouviu: uivos cortando a noite.

PIPER

“LOBOS,” PIPER DISSE. “ELES PARECEM PERTO.”

Jason se levantou e pegou sua espada. Leo e o Treinador Hedge ficaram de pé também. Piper tentou, mas borrões pretos dançaram à frente dos seus olhos.

“Fique aí,” Jason lhe disse. “Iremos te proteger.”

Ela rangeu os dentes. Ela odiava se sentir inútil. Ela não *queria* que alguém a protegesse. Primeiro o tornozelo estúpido. Agora hipotermia estúpida. Ela queria ficar de pé, com sua adaga na mão.

Então, fora da luz do fogo na entrada da caverna, ela viu um par de olhos vermelhos brilhando na escuridão.

Ok, ela pensou. Talvez um pouco de proteção seja legal.

Mais lobos se apertaram na luz do fogo — bestas negras maiores que cães dinamarqueses, com gelo e neve endurecidos no pelo. Suas presas cintilavam, e seus brilhantes olhos vermelhos pareciam perturbadoramente inteligentes. O lobo no centro era quase tão alto quanto um cavalo, sua boca manchada como se ele tivesse acabado de matar a pouco tempo.

Piper puxou a adaga da bainha.

Então Jason deu um passo para frente e disse algo em latim.

Piper não achou que uma língua morta teria muito efeito em animais selvagens, mas o lobo alfa enrugou o lábio. O pelo se levantou pela sua espinha. Um dos seus tenentes tentou avançar, mas o lobo alfa mordeu a sua orelha. Então todos os lobos voltaram para a escuridão.

“Rapaz, eu tenho que estudar latim.” O martelo de Leo sacudiu na sua mão. “O que você disse, Jason?”

Hedge xingou. “O quer que fosse, não foi o bastante. Olhem.”

Os lobos estavam voltando, mas o alfa não estava com eles. Eles não atacaram. Eles esperaram — pelo menos uma dúzia deles agora, num semicírculo irregular fora da luz do fogo, bloqueando a saída da caverna.

O treinador suspendeu sua clava. “Esse é o plano. Eu vou matar todos eles, e vocês escapam.”

“Treinador, eles vão te rasgar em pedaços,” Piper disse.

“Nhá, estou bem.”

Então Piper viu a silhueta de um homem vindo pela tempestade, passando com dificuldade pela matilha de lobos.

“Mantenum-se juntos,” Jason disse. “Eles respeitam um grupo. E Hedge, sem coisas malucas. Não vamos deixar você ou ninguém mais para trás.”

Piper sentiu um nó na garganta. Ela era um elo fraco no “grupo” deles agora. Não havia dúvida que os lobos podiam cheirar o seu medo. Ela também podia estar usando uma placa que dizia almoço grátis.

Os lobos se partiram, e o homem pisou na luz. Seu cabelo era graxo e desigual, a cor da fuligem da lareira, com uma coroa acima dele que parecia ser ossos de dedos. Seus robes eram esfarrapados com pelos — lobo, coelho, ursos, cervos, e vários outros que Piper não pôde identificar. Os pelos não pareciam tratados, e pelo cheiro, não eram novos. Seu corpo era ágil e musculoso, como o de um corredor distante. Mas a coisa mais horrível era o seu rosto. Sua pele fina e pálida era puxada firmemente sobre seu crânio. Seus dentes eram afiados como presas. Seus olhos brilhavam em vermelho vivo como os dos lobos — e se fixaram em Jason com ódio absoluto.

“*Ecce,*” disse, “*filli Romani.*”

“Fale inglês, homem lobo!” Hedge gritou.

O homem lobo rosnu. “Fale para o seu fauno controlar sua língua, filho de Roma. Ou ele será a primeira refeição.”

Piper lembrou que *fauno* era o nome romano de *sátiro*. Não exatamente uma informação útil. Agora, se ele pudesse lembrar quem esse homem lobo era na mitologia grega, e como derrotá-lo, *isso* ela poderia usar.

O homem lobo estudou seu pequeno grupo. Suas narinas se contraíram. “Então é verdade,” refletiu. “Uma filha de Afrodite. Um filho de Hefesto. Um fauno. E um filho de Roma, de Lorde Júpiter, nada menos. Todos juntos, sem matar um ao outro. Que interessante.”

“Contaram sobre nós?” Jason perguntou. “Quem?”

O homem rosnou — talvez uma risada, talvez um desafio. “Ah, estivemos fazendo patrulha por vocês em todo o oeste, semideus, esperando que fôssemos os primeiros a encontrá-los. O rei gigante me recompensará bem quando se erguer. Sou Licaão, rei dos lobos. E a minha matilha está com fome.”

Os lobos rosnaram na escuridão.

No canto do olho, Piper viu Leo erguer seu martelo e deslizar mais algo do seu cinto de ferramentas — uma garrafa de vidro cheia de líquido limpo.

Piper quebrou a cabeça tentando localizar o nome do homem lobo. Ela sabia que o ouvira antes, mas não podia lembrar-se de detalhes.

Licaão olhou para espada de Jason. Ele moveu para cada lado procurasse uma abertura, mas a lâmina de Jason se moveu com ele.

“Parta,” ordenou Jason. “Não há comida para vocês aqui.”

“A menos que queiram hambúrguer de tofu,” Leo ofereceu.

Licaão exibiu suas presas. Aparentemente ele não era um fã de tofu.

“Se eu tivesse a minha conduta,” Licaão disse com pesar, “eu mataria você primeiro, filho de Júpiter. Seu pai me fez o que sou. Eu fui o poderoso rei mortal da Arcádia, com cinquenta perfeitos filhos, assassinou todos eles com raios.”

“Rá,” o Treinador Hedge disse. “Por um bom motivo!”

Jason olhou sobre o ombro. “Treinador, você conhece essa coroa?”

“*Eu* conheço,” Piper respondeu. Os detalhes do mito voltaram para ela — uma história curta e horrível que ela e seu pai riram no café-da-manhã. Ela não estava rindo agora.

“Licaão convidou Zeus para um jantar,” disse. “Mas o rei não tinha certeza se realmente era Zeus. Então para testar os seus poderes, Licaão tentou lhe dar carne humana para comer. Zeus ficou ultrajado —”

“E matou meus filhos!” Licaão urrou. Os lobos atrás dele urraram também.

“Então Zeus o transformou em lobo,” Piper disse. “Eles se chamam... eles se chamam lobisomens *licantropos*, nomeados por causa dele, o primeiro lobisomem.”

“O rei dos lobos,” o Treinador Hedge finalizou. “Um vira-lata imortal, fedorento e viciado.”

Licaão rosnou. “Eu vou te partir em pedaços, fauno!”

“Ah, você quer um pouco de bode, amigo? Porque eu vou te dar bode.”

“Parem,” Jason disse. “Licaão, você disse que *queria* me matar primeiro, mas...?”

“Infelizmente, Filho de Roma, você está prometido. Desde que essa” — ele balançou suas garras para Piper — “falhou em te matar, você está para ser entregue vivo á Casa dos Lobos. Uma dos meus compatriotas pediu pela honra de te matar ela mesma.”

“Quem?” Jason disse.

O rei lobo riu em silêncio. “Ah, uma grande admiradora sua. Aparentemente, você realmente deixou uma impressão nela. Ela tomará cuidado de você muito em breve, e eu realmente não posso reclamar. Derramar o seu sangue na Casa dos Lobos deve marcar meu novo território muito bem. Lupa pensará duas vezes antes de desafiar a minha matilha.”

O coração de Piper tentou pular do seu peito. Ela não entendia tudo que Licaão dissera, mas uma mulher que queria matar Jason? Medeia, ela pensou. De algum modo, ela devia ter sobrevivido à explosão.

Piper lutou para ficar de pé. Borrões dançaram nos seus olhos de novo. A caverna parecia girar.

“Você partirá agora,” Piper disse, “antes de destruirmos você.”

Ela tentou colocar poder nas palavras, mas estava muito fraca. Tremendo nos seus cobertores, pálida, suada e com pouca possibilidade de segurar uma faca, ela não poderia ter parecido muito ameaçadora.

Os olhos vermelhos de Licaão se enrugaram com humor. “Uma brava tentativa, garota. Admiro isso. Infelizmente, é o jantar.”

Naquele momento, Piper sabia que iria morrer. Mas pelo menos ela morreria de pé, lutando do lado de Jason.

Jason deu um passo para frente. “Você não vai matar ninguém, homem lobo. Não sem passar por mim.”

Licaão bramiu e estendeu as garras. Jason o açoitou, mas sua espada dourada atravessou ele como se o rei lobo não estivesse ali.

Licaão riu. “Ouro, bronze, aço — nenhum desses funciona contra meus lobos, filho de Júpiter.”

“Prata!” Piper gritou. “Lobisomens não são feridos por prata?”

“Não temos prata!” Jason disse.

Lobos saltaram na luz do fogo. Hedge correu com um orgulhoso “Raiz!”

Mas Leo atacou primeiro. Ele jogou sua garrafa de vidro e ela se rachou no chão, esparramando todo o líquido sobre os lobos — o cheiro inconfundível de gasolina. Ele atirou uma rajada de fogo na confusão, e uma parede de chamas entrou em erupção.

Lobos latiram e se retiraram. Vários pegaram fogo e tivera que correr de volta para neve. Até Licaão olhava preocupadamente a barreira de chamas agora separando seus lobos dos semideuses.

“Ah, que isso,” o Treinador Hedge reclamou. “Eu não posso acertá-los se eles estão lá.”

Todas as vezes que um lobo se aproximava, Leo atirava uma nova onda de fogo das mãos, mas cada esforço parecia deixá-los um pouco mais cansado, e a gasolina já estava diminuindo. “Eu não posso convocar mais gás!” Leo avisou. Então seu rosto ficou vermelho. “Uau, essa saiu errada. Eu digo o gás *abrasador*. Vou colocar o cinto de ferramentas um pouco para recarregar. Vocês têm o quê, cara?”

“Nada,” Jason disse. “Nem uma arma que funcione.”

“Raio?” Piper perguntou.

Jason se concentrou, mas nada aconteceu. “Acho que a tempestade de neve está interferindo, ou algo.”

“Liberte os *ventus*!” Piper disse.

“Então não teremos nada para dar a Éolo,” Jason disse. “Viemos todo esse caminho para nada.”

Licaão riu. “Eu posso cheirar o seu medo. Mais alguns minutos de vida, heróis. Rezem para deuses que quiserem. Zeus não me concedeu clemência, e vocês não terão nenhuma de mim.”

As chamas começaram a se extinguirem. Jason xingou e abaixou sua espada. Ele se agachou como se estivesse pronto para ir mão-a-mão. Leo puxou seu martelo da mochila. Piper levantou sua adaga — não muito, mas era tudo que ela tinha. O Treinador Hedge suspendeu a sua clava, e ele era o único que parecia animado em morrer.

Aí um som espetacular cortou pelo ar — como um pedaço de papelão rasgado. Um longo graveto se projetava do pescoço do lobo mais próximo — o cabo de uma flecha de prata. O lobo se debateu e caiu, dissolvendo numa poça de escuridão.

Mais flechas. Mais lobos caídos. A matilha rompeu em confusão. Uma flecha flamejou para Licaão, mas o rei lobo a pegou no ar. Então ele gritou em dor. Quando ele deixou a flecha cair, ela deixou um corte fumegante e chamuscado na sua palma. Outra flecha o pegou no ombro, e o rei lobo cambaleou.

“Os amaldiçoem!” Licaão gritou. Ele urrou para matilha, e os lobos viraram e correram. Licaão fixou Jason com aqueles olhos brilhantes rubros. “Isso não acabou, garoto.”

O rei lobo desapareceu na noite.

Segundos depois, Piper ouviu mais lobos latindo, mas o som era diferente — menos ameaçador, mais como caçada de cachorros por farejamento. Um lobo menor branco rompeu na caverna, seguido por mais dois.

Hedge disse, “Matar?”

“Não!” Piper disse. “Espere.”

Os lobos inclinaram a cabeça e estudaram os campistas com grandes olhos dourados.

Um batimento cardíaco depois e seus mestres apareceram: um grupo de caçadoras em camuflagem de inverno em branco-e-cinza, pelo menos meia dúzia. Todas carregavam arcos, com aljavas de brilhantes flechas prateadas nas costas.

Seus rostos estavam cobertos com capuzes de pele, mas claramente eram todas meninas. Uma um pouco mais alta que o resto, se agachou na luz do fogo e apanhou a flecha que feriu a mão de Licaão.

“Tão perto.” Ela virou para as suas companhias. Phoebe, fique comigo. Observe a entrada. O resto de vocês, sigam Licaão. Não podemos perdê-lo agora. Eu vou seguir vocês.”

As outras caçadoras resmungaram em concordância e desapareceram, rumando atrás da matilha de Licaão.

A garota de branco virou em direção a eles, seu rosto ainda escondido no capuz de pele. “Estivemos seguindo a trilha daquele demônio por mais de uma semana. Estão todos bem? Ninguém foi mordido?”

Jason se levantou congelado, olhando para garota. Piper percebeu que algo na sua voz soou familiar. Era difícil atribuir diferenças, mas o jeito que ela falou, o jeito que ela formou as palavras, a fazia lembrar-se de Jason.

“Você é ela,” chutou Piper. “Você é Thalia.”

A garota enrijeceu. Piper teve medo que ela pudesse puxar o arco, mas ao invés disso ela abaixou o capuz de pele. Seu cabelo era preto e pontudo, com uma tiara prateada na sua testa. Seu rosto tinham um brilho super-saudável nele, como se ela fosse um pouco mais que humana, e seus olhos eram azul brilhante. Ela era a garota da fotografia de Jason.

“Eu conheço você?” Thalia perguntou.

Piper tomou fôlego. “Pode ser um choque, mas —”

“Thalia.” Jason deu um passo para frente, sua voz tremendo. “Eu sou Jason, seu irmão.”

L E O

LEO PENSOU QUE TINHA A PIOR SORTE do grupo, e aquilo era dizer muito. Por que *ele* não tinha uma irmã perdida há muito tempo ou o pai como estrela de cinema que precisava de resgate? Tudo que ele tinha era um cinto de ferramentas e um dragão que caíra no meio da missão. Talvez fosse uma maldição estúpida do chalé de Hefesto, mas Leo achava que não. Sua vida fora tão azarada antes de chegar ao acampamento.

Mil anos depois, enquanto essa missão estivesse sendo contada ao redor de uma fogueira, ele estimou que as pessoas falariam sobre o bravo Jason, a linda Piper, e o seu assistente Chamejante Valdez, que os acompanhava com uma mochila de chaves de fenda mágicas e ocasionalmente preparava hambúrgueres de peru.

Se aquilo não fosse ruim o suficiente, Leo se apaixonava com toda garota que via — contanto que ela fosse totalmente demais para ele.

Quando ele viu Thalia pela primeira vez, Leo imediatamente pensou que ela era *muito* bonita para ser a irmã de Jason. Então ele pensou que seria melhor não falar isso ou ele estaria em problema. Ele gostava do seu cabelo escuro, seus olhos azuis, e sua atitude confiante. Ela parecia o tipo de garoto que podia agredir qualquer um num campo de bola ou de batalha, e não daria para Leo a hora do dia — simplesmente o tipo de Leo!

Por um minuto, Jason e Thalia encararam um ao outro, aturdidos. Então Thalia investiu e o abraçou.

“Meus deuses! Ela me disse que você estava morto!” Ela agarrou o rosto de Jason e pareceu estar examinando tudo nele. “Graças a Ártemis, é você. Aquela pequena cicatriz no seu lábio — você tentou comer um grampeador quando tinha dois anos!”

Leo riu. “Sério?”

Hedge assentiu como se aprovasse o gosto de Jason. “Grampeadores — fonte excelente de ferro.”

“E-espere,” Jason gaguejou. “Quem te disse que eu estava morto? O que aconteceu?”

Na entrada da caverna, um dos lobos brancos latiu. Thalia olhou para trás ao lobo e assentiu, mas ela manteve suas mãos no rosto de Jason, como se tivesse medo que ele desaparecesse. “Minha loba está me contando que não tenho muito tempo, e ela tem razão. Mas *temos* que conversar. Vamos nos sentar.”

Piper fez melhor que isso. Ela caiu. Ela teria batido a cabeça no chão da caverna se Hedge não tivesse lhe pego.

Thalia se precipitou. “Qual é o problema dela? Ah — não importa. Entendo. Hipotermia. Tornozelo.”

Ela franziu a testa para o sátiro. “Você não conhece a cura da natureza?”

Hedge zombou. “Por que você acha que ela parece *tão* bem? Não está cheirando o Gatorade?”

Thalia olhou para Leo pela primeira vez, e naturalmente era um olhar acusatório, como *Por que você deixou o bode como médico?* Como se a culpa fosse de Leo.

“Você o sátiro,” Thalia ordenou, “levem essa garota para minha amigam na entrada. Phoebe é uma excelente curandeira.”

“Está frio lá fora!” Hedge disse. “Vou congelar meus chifres.”

Mas Leo sabia quando eles não eram necessários. “Vamos, Hedge. Esses dois precisam de tempo para conversar.”

“Humpf. Certo,” o sátiro murmurou. “Nem consegui quebrar a cabeça de alguém.”

Hedge carregou Piper para a entrada. Leo estava prestes a seguir quando Jason chamou, “Na verdade, cara, você poderia, hã, ficar por perto?”

Leo viu algo nos olhos de Jason que ele não esperava: Jason estava pedindo ajuda. Ele queria mais alguém ali. Ele estava assustado.

Leo sorriu. “Ficar por perto é a minha especialidade.”

Thalia não apareceu muito feliz a respeito disso, mas os três se sentaram ao fogo. Por alguns minutos, ninguém falou. Jason estudou a irmã como se fosse uma invenção assustadora — uma que podia explodir se manipulava incorretamente. Thalia parecia mais a vontade, como se estivesse acostumada a tropeçar em coisas mais estranhas que parentes perdidos. Mas ainda assim ela olhava Jason num tipo de transe maravilhoso, talvez lembrando um pequeno de dois anos de idade que tentava comer um grameador. Leo pegou alguns pedaços de fios de cobre dos bolsos e os torceu juntos.

Finalmente ele não pôde suportar o silêncio. “Então... as Caçadoras de Ártemis. Esse negócio todo do ‘sem compromisso’ — é assim *sempre*, ou mais como uma sazonal, ou o quê?”

Thalia olhou para ele como se tivesse acabado de ser desenvolvido por espuma do mar. É, ele estava *definitivamente* gostando dessa garota.

Jason o chutou na canela. “Não se importe com Leo. Ele só está tentando quebrar o gelo. Mas, Thalia... o que aconteceu com a nossa família? Quem te disse que eu estava morto?”

Thalia puxou um bracelete de prata no pulso. Na luz do fogo, na sua camuflagem de inverno, ela quase parecia Quione, a princesa do gelo — porém mais fria e bonita.

“Você se lembra de alguma coisa?” ela perguntou.

Jason balançou a cabeça. “Eu acordei três dias atrás num ônibus com Leo e Piper.”

“O que não foi nossa culpa,” Leo acrescentou ligeiramente. “Hera roubou suas memórias.”

Thalia enrijeceu. “Hera? Como vocês sabem disso?”

Jason explicou sobre a missão — a profecia no acampamento, Hera sendo aprisionada, o gigante pegando o pai de Piper, e o prazo final no solstício de inverno.

Leo interrompeu e adicionou a coisa importante: como ele consertara o dragão de bronze, podia jogar bolas de fogo, e fazer tacos excelentes.

Thalia era uma boa ouvinte. Nada parecia surpreendê-la — os monstros, as profecias, os mortos se erguendo. Mas quando Jason mencionou o Rei Midas, ela xingou em grego antigo.

“Sabia que deveríamos ter queimado aquela mansão,” ela disse. “Aquele homem é uma ameaça. Mas estamos tão concentrados em seguir Licaão — Bem, estou feliz que vocês escaparam. Então Hera esteve... o que, escondendo você todos esses anos?”

“Eu não sei.” Jason tirou a foto do bolso. “Ela só me deixou memória o suficiente para reconhecer o seu rosto.”

Thalia olhou para a foto, e sua expressão suavizou. “Eu me esqueci disso. Eu deixei no Chalé Um, não foi?”

Jason assentiu. “Acho que Hera queria que nos encontrássemos. Quando pousamos aqui, nessa caverna... tive uma sensação que era importante. Como se soubesse que você estava perto. É loucura?”

“Que nada,” Leo lhe assegurou. “Estávamos absolutamente destinados a encontrar a sua irmã bonita.”

Thalia o ignorou. Provavelmente ela só não queria deixar parecer quanto Leo a impressionara.

“Jason,” ela disse, “quando você está negociando com os deuses, *nada* é muita loucura. Mas você não pode confiar em hera, especialmente já que somos filhos de Zeus. Ela *odeia* todos os filhos de Zeus.”

“Mas ela disse algo sobre Zeus lhe dar a minha vida como uma oferta de paz. Não faz algum sentido?”

A cor drenou do rosto de Thalia. “Ah, deuses. Mãe não teria... Você não lembrar — Não, é claro que não.”

“O quê?” Jason perguntou.

Os traços de Thalia pareceram envelhecer na luz, como se sua imortalidade não estivesse funcionando tão bem. “Jason... Eu não sei como dizer isso. Nossa mãe não era exatamente estável. Ela pegou os olhos de Zeus porque ela era uma atriz de televisão, e ela *era* bonita, mas ela não guiou a fama bem. Ela bebeu, teve atrações estúpidas. Ela estava sempre nos tabloides. Ela nunca poderia conseguir atenção o bastante. Mesmo antes de você nascer, ela e eu discutíamos o tempo todo. Ela... ela sabia que o meu pai era Zeus, e acho que era muito para ela aceitar. Foi como a façanha suprema para ela atrair o senhor do céu, e ela não pôde aceitar isso quando ele partiu. A coisa sobre os deuses... bem, eles não ficavam à toa.”

Leo se lembrou da própria mãe, o jeito que ela o assegurava cada vez mais que seu pai voltaria um dia. Mas ela nunca agiu maluca por isso. Ela não parecia querer Hefesto para ela mesma — só para que Leo pudesse conhecer o pai. Ela acordara em trabalhar num trabalho com fim mortal, vivendo num apartamento minúsculo, nunca tendo dinheiro o bastante — e ela parecia bem com isso. Contanto que tivesse Leo, ela sempre dizia que a vida ficaria ok.

Ele observou o rosto de Jason — parecendo cada vez mais devastado enquanto Thalia descreveu a mãe deles — e por uma vez, Leo não sentiu inveja do amigo. Leo podia ter perdido a mãe. Ele podia ter tido alguns momentos difíceis. Mas pelo menos ele lembrava dela. Ele se encontrou batendo no seu joelho, formando um código Morse: *Amo você*. Ele se sentiu mal por Jason, sem ter memórias assim — não ter nada para recorrer.

“Então...” Jason não pareceu capaz de acabar a pergunta.

“Jason, você tem amigos,” Leo lhe disse. “Agora você tem uma irmã. Você não está sozinho.”

Thalia ofereceu a sua mão, e Jason a pegou.

“Quando eu tinha uns sete,” ela disse, “Zeus começou a visitar minha mãe de novo. Acho que ele se sentiu mal por arruinar sua vida, e ele pareceu — diferente de algum jeito. Um pouco mais velho e severo, mais como um pai para mim. Por um momento, minha mãe melhorou. Ela amava ter Zeus por perto, lhe trazendo presentes, fazendo o céu ribombar. Ela sempre queria mais atenção. Foi o ano que você nasceu. A mamãe... bem, eu nunca me dei bem com ela, mas você me deu um motivo para ficar por perto. Você era tão bonito.

E eu não confiei na minha mãe para tomar conta de você. É claro, Zeus consequentemente parou de vir novamente. Ele provavelmente não podia mais suportar as exigências da mamãe mais, sempre o importunando para deixá-la visitar o Olimpo, ou fazê-la imortal ou eternamente bonita. Quando ele partiu definitivamente, mamãe ficou cada vez mais instável. Aquela foi aproximadamente a hora que os monstros começaram a me atacar. Minha mãe culpou Hera. Ela alegou que a deusa estava vindo atrás de você também — que Hera mal tolerara o meu nascimento, mas *dois* semideuses filhos da mesma família era um insulto muito grande. Minha mãe até disse que ela não queria te nomear como Jason, mas Zeus insistiu, como um jeito de satisfazer Hera porque a deusa gostava daquele nome. Eu não sabia no que acreditar.”

Leo mexeu com seus fios de cobre. Ele se sentia como um intruso. Ele não deveria estar ouvindo isso, mas também o fez se sentir como estivesse conseguindo conhecer Jason pela primeira vez — como se talvez estivesse aqui agora enfeitado por aqueles quatro meses na Wilderness School, quando Leo só imaginava que eles tinham uma amizade.

“Como vocês se separaram?” ele perguntou.

Thalia apertou a mão do irmão. “Se eu soubesse que você estava vivo... deuses, as coisas teriam sido tão diferentes. Mas quando você tinha dois anos, nossa mãe nos carregou no carro para férias de família. Dirigimos para o norte, em direção ao país do vinho, para esse parque que ela queria nos mostrar. Eu me lembro pensando que era estranho porque mamãe nunca nos levou para lugar nenhum, e ela estava agindo super nervosa. Eu estava segurando a sua mão, lhe fazendo andar para essa grande construção no meio do parque, e...” Ela respirou tremulamente. “A mamãe me disse para voltar ao carro e pegar a cesta de piquenique. Eu não queria te deixar sozinho com ela, mas era só por alguns minutos. Quando voltei... minha mãe estava ajoelhada nas escadas de pedra, se abraçando e chorando. Ela disse — ela disse que você havia partido. Ela disse que

Hera lhe reclamou e você era tão bom quanto morto. Eu não sabia o que ela fizera. Eu tive medo que ela perdesse a cabeça completamente. Eu corri por todo o lugar lhe procurando, mas você simplesmente sumiu. Ela teve que me arrastar para longe, chutando e gritando. Pelos dias seguintes eu estava histérica. Eu não lembro de tudo, mas chamei palácio para mamãe e eles a questionaram por um longo tempo. Mais tarde, brigamos. Ela me disse que eu a trai, que eu deveria ajudá-la, como se *ela* fosse a única que se importava. Finalmente não pude aguentar. Seu desaparecimento foi a gota d'água. Eu fui, e nunca voltei, nem mesmo quando a mamãe morreu alguns anos depois. Pensei que você havia partido para sempre. Eu nunca contei a ninguém sobre você — nem Annabeth ou Luke, meus dois melhores amigos. Era simplesmente muito doloroso.”

“Quíron sabia.” A voz de Jason soava distante. “Quando cheguei ao acampamento, ele olhou uma vez para mim e disse, ‘Você deveria estar morto.’”

“Isso não faz sentido,” Thalia insistiu. “Eu nunca contei para ele.”

“Ei,” Leo disse. “A coisa importante é que vocês têm um ao outro agora, certo? Vocês dois têm sorte.”

Thalia assentiu. “Leo tem razão. Olhe para você. Você é da *minha* idade. Você tem crescido.”

“Mas onde estive?” Jason disse. “Como eu poderia estar desaparecido por todo esse tempo? E as coisas romanas...”

Thalia franziu a testa. “As coisas romanas?”

“Seu irmão fala latim,” Leo disse. “Ele chama os deuses pelos seus nomes romanos, e ele tem tatuagens.” Leo apontou para as marcas no braço de Leo. Então ele deu a Thalia o resumo sobre as outras coisas estranhas que aconteceram: Bóreas se transformando em Áquilo, Licaão chamando Jason de “um filho de Roma,” e os lobos voltarem para fora quando Jason falou latim com eles.

Thalia puxou a corda do arco. “Latim. Zeus falava em latim às vezes, na segunda vez que ficou com a mamãe. Como disse, ele pareceu diferente, mais formal.”

“Você acha que ele estava no seu aspecto romano?” Jason perguntou. “E por isso que eu penso em mim como um filho de Júpiter?”

“Possivelmente,” Thalia disse. “Eu nunca ouvi falar de algo assim acontecendo, mas pode explicar porque você pensa em termos romanos, porque você pode falar latim melhor que grego antigo. Isso lhe faria único. Ainda assim, não explica como você sobreviveu sem o Acampamento Meio-Sangue. Um filho de Zeus, ou Júpiter, ou como você quiser chamá-lo — você teria sido caçado por monstros. Se ficasse por si próprio,

você deveria ter morrido anos atrás. Eu sei que *eu* não teria sido capaz de sobreviver sem amigos. Você precisaria de treinamento, um abrigo seguro —”

“Ele não estava sozinho,” Leo falou sem pensar. “Ouvimos sobre outros como ele.”

Thalia olhou para ele estranhamente. “O que você quer dizer?”

Leo lhe contou sobre a camisa roxa cortada no *shopping* de Medeia, e a história que os ciclopes contaram sobre o filho de Mercúrio de Mercúrio que falava latim.

“Não tem mais algum lugar para semideuses?” Leo perguntou. “Digo, além do Acampamento Meio-Sangue? Talvez algum professor louco de latim tenha estado abduzindo crianças dos deuses ou alguma coisa, os fazendo pensar como romanos.”

Assim que disse isso, Leo percebeu como a ideia parecia estúpida. Os deslumbrantes olhos azuis de Thalia o estudaram atentamente, fazendo ele se sentir um suspeito numa fila.

“Eu estive por todo o país,” refletiu Thalia. “Eu nunca vi evidência de um professor louco de latim, ou semideuses com camisas roxas. Ainda assim...” Sua voz morreu, como se tivesse acabado de lhe ocorrer um pensamento problemático.

“O quê?” Jason perguntou.

Thalia balançou a cabeça. “Terei que falar com a deusa. Talvez Ártemis nos guie.”

“Ela ainda está falando com vocês?” Jason perguntou. “A maioria dos deuses entraram em silêncio.”

“Ártemis segue suas próprias regras,” Thalia disse. “Ela tem que tomar cuidado para não deixar Zeus saber, mas acha que Zeus está sendo ridículo fechando o Olimpo. É ela que nos põe na trilha de Licaão. Ela disse que encontrariamos uma direção para um amigo perdido nosso.”

“Percy Jackson,” Leo supôs. “O cara que Annabeth está procurando.”

Thalia assentiu, seu rosto cheio de preocupação.

Leo quis saber se alguém já pareceu tão preocupado todas as vezes que *ele* desaparecia. Ele meio que duvidou disso.

“Então o que Licaão teria a ver com isso?” Leo perguntou. “E como isso se conecta a nós?”

“Precisamos descobrir logo,” Thalia admitiu. “Se o prazo de vocês é amanhã, estamos perdendo tempo. Éolo poderia lhes dizer —”

A loba branca apareceu novamente na porta e ganiu insistenteamente.

“Eu tenho que ir.” Thalia se levantou. “Entretanto perderei a trilha das outras Caçadoras. Primeiro, porém, vou levar vocês para o palácio de Éolo.”

“Se você não puder, está tudo bem,” Jason disse, embora soasse um pouco aflito.

“Ah, por favor.” Thalia sorriu e o ajudou a se levantar. “Eu não tenho um irmão a anos. Acho que posso suportar alguns minutos com você antes de ficar chato. Agora, vamos lá!”

L E O

Traduzido por: [Tamyris](#)

QUANDO LEO VIU COMO PIPER E HEDGE estavam sendo tratados bem, ele ficou profundamente ofendido.

Ele os imaginou congelando os traseiros na neve, mas a Caçadora Phoebe montou esse pavilhão de tenda prata bem do lado de fora da caverna. Como ela fez isso tão rápido, Leo não tinha ideia, mas dentro havia um aquecedor a querosene mantendo-os aquecidos e um bando de travesseiros confortáveis. Piper pareceria normal de novo, coberta por um novo casaco, luvas e uma calça camuflada como uma Caçadora. Ela e Hedge e Phoebe estavam relaxando, bebendo chocolate quente.

“Ah, não mesmo,” Leo falou. “Nós estávamos sentados em uma *caverna* e vocês ficam com a tenda de luxo? Alguém me dê hipotermia! Eu quero chocolate quente e um casaco!”

Phoebe fungou. “Garotos,” ela falou como se fosse o pior insulto em que podia pensar.

“Está tudo bem, Phoebe,” disse Thalia. “Eles vão precisar de casacos extras. E acho que podemos compartilhar algum chocolate.”

Phoebe resmungou, mas logo Leo e Jason também estavam vestindo roupas de inverno prateadas que eram incrivelmente leves e quentes. O chocolate quente era de primeira.

“Saúde,” disse o Treinador Hedge. Ele mastigou e engoliu seu copo térmico de plástico.

“Isso não pode ser bom para seus intestinos,” disse Leo.

Thalia deu tapinhas nas costas de Piper. “Está bem para irmos?”

Piper assentiu. “Graças a Phoebe, sim. Vocês são mesmo muitos boas nessa coisa de sobrevivência na selva. Eu poderia correr 20 quilômetros.”

Thalia piscou para Jason. “Ela é durona para uma filha de Afrodite. Gostei dessa.”

“Ei, eu poderia correr 20 quilômetros também,” Leo se voluntariou. “Filho durão de Hefesto aqui. Manda ver.”

Naturalmente, Thalia o ignorou.

Phoebe levou exatamente 6 segundos para desmontar o acampamento, no que Leo não podia crer. A tenda se encolheu em um quadrado do tamanho de uma caixinha de chicletes. Leo queria pedir para ela a planta, mas eles não tinham tempo.

Thalia correu montanha acima pela neve, seguindo um pequeno caminho pela lateral, e logo Leo lamentava tentar parecer o valentão, porque as Caçadoras o estavam fazendo comer poeira.

O Treinador Hedge estava saltitando em volta como uma feliz cabra montesa, adulando-os como costumava fazer em dia de trilha na escola. “Vamos, Valdez! Acerte o passo! Vamos cantar. *Eu tenho uma garota em Kalamazoo —*”

“Não vamos não,” Thalia rebateu.

Então, correram em silêncio.

Leo ficou para trás ao lado de Jason, no fim do grupo. “Como está indo, cara?”

A expressão de Jason foi suficiente para responder: *Nada bem.*

“Thalia leva isso tão bem,” Jason disse “Como se não fosse grande coisa eu ter aparecido. Eu não sei o que eu esperava, mas... ela não é como eu. Ela parece bem mais *integrada.*”

“Ei, ela não está lutando com a amnésia,” Leo falou. “E outra, ela teve mais tempo para se habituar a essa coisa toda de semideus. Você luta com monstros e fala com os deuses, provavelmente se acostuma às surpresas.”

“Talvez,” Jason respondeu. “Eu só queria entender o que aconteceu quando eu tinha dois anos, porque minha mãe se livrou de mim. Thalia fugiu por *minha* causa.”

“Ei, seja lá o que aconteceu, não foi sua culpa. E sua irmã é muito legal. Ela é *bem* parecida com você.”

Jason ficou em silêncio. Leo se perguntou se havia dito as palavras certas. Ele queria fazer Jason se sentir melhor, mas isso estava fora da sua zona de conforto.

Leo desejou poder enfiar a mão em seu cinto de ferramentas e pegar justamente a que consertaria a memória de Jason — talvez um martelo pequeno — bater no lugar certo e talvez tudo funcionasse direito. Isso seria muito mais fácil que tentar conversar sobre o assunto. *Não sou bom com as formas de vida orgânica.* Obrigado pelos traços herdados, pai.

Ele estava tão perdido em pensamentos que não percebeu que as Caçadoras haviam parado. Ele se chocou contra Thalia e quase os mandou montanha abaixo pelo caminho mais difícil. Felizmente, a Caçadora era boa com os pés. Ela firmou aos dois, e então apontou para o alto.

“Isso sim,” Leo engasgou-se, “é uma pedra muito grande.”

Eles estavam perto do topo do Peaks Pike. Abaixo deles o mundo estava coberto por nuvens. O ar era tão rarefeito que Leo mal conseguia respirar. A noite já tinha caído, mas uma grande lua cheia brilhava e as estrelas estavam incríveis. Se estendendo ao norte e ao sul, picos de outras montanhas surgiam entre as nuvens, como ilhas — ou dentes.

Mas o show de verdade estava acima deles. Pairando no céu, a cerca de meio quilômetro de distância, estava uma enorme ilha flutuante de uma brilhante pedra roxa. Era difícil julgar seu tamanho, mas Leo percebeu que era tão grande quanto um estádio de futebol e tão alta quanto. As laterais eram de rochedos ásperos, crivados de cavernas, e de vez em quando uma raja da de vento escapava, com um toque de órgão. No topo da rocha, muros de bronze rodeavam uma espécie de fortaleza.

A única coisa ligando o topo do Peaks Pike para rocha flutuante era uma estreita ponte de gelo que brilhava ao luar.

Então Leo percebeu que a ponte não era exatamente feita de gelo, porque não era sólida. Tal qual os ventos mudavam de direção, a ponte serpenteava — borrando e afinando, em alguns pontos até mesmo quebrando em uma linha pontilhada, como o rastro de vapor de um avião.

“Nós não vamos mesmo atravessar isso,” Leo disse.

Thalia deu ombro. “Eu não sou uma grande fã de altura, admito. Mas se você quiser chegar a fortaleza de Éolo, esse é o único jeito.”

“A fortaleza sempre fica pairando lá?” Piper perguntou. “Como as pessoas não percebem isso no topo do Peaks Pike?”

“A névoa,” Thalia respondeu. “Ainda assim, os ,ortais a notam indiretamente. Tem dias que o Peaks Pike parece roxo. As pessoas dizem que é um truque da luz, mas em verdade é o palácio de Éolo, refletindo no Monte.”

“É enorme,” disse Jason.

Thalia riu. “Você deveria ver o Olimpo, maninho.”

“Você tá falando sério? Esteve lá?”

Thalia fez uma careta, como se não fosse uma boa recordação. “Nós devemos atravessar em dois grupos. A ponte é frágil.”

“Isso é tranquilizador,” Leo disse. “Jason, você não pode simplesmente nos levar voando?”

Thalia riu. Então pareceu notar que a pergunta de Leo não era uma piada. “Espero... Jason, você pode *voar*?”

Jason encarou a Fortaleza flutuante. “Bem, mais ou menos. É mais como se eu controlasse o vento. Mas os ventos aqui em cima são tão fortes que não sei se quero tentar. Thalia, quer dizer que... você não pode voar?”

Por um segundo, Thalia pareceu genuinamente assustada. Então ela controlou novamente sua expressão. Leo percebeu que ela tinha bem mais medo de altura do que deixava transparecer.

“Sinceramente,” ela disse, “eu nunca tentei. Talvez seja melhor nos atermos a ponte.”

Treinador Hedge bateu no vapor de gelo com o casco, então pulou para a ponte. Surpreendentemente, ela suportou seu peso. “Moleza! Eu vou primeiro! Piper, vamos lá, garota. Eu te dou uma mão.”

“Não, está tudo bem,” Piper começou a dizer, mas o treinador segurou sua mão e a içou pra a ponte.

Quando eles estavam quase na metade, a ponte continuou segurando-os bem.

Thalia se virou para sua amiga Caçadora. “Phoebe, eu volto logo. Vá achar as outras. Diga a elas que estou bem.”

“Tem certeza?” Phoebe estreitou os olhos para Leo e Jason, como se eles fossem sequestrar Thalia ou algo do tipo.

“Está tudo bem,” Thalia prometeu.

Phoebe concordou, relutante, e depois desceu correndo pelo caminho do Monte, os lobos brancos no seu encalço.

“Jason, Leo, só tomem cuidado onde pisam,” Thalia falou. “Ela quase nunca quebra.”

“Ela não me conheceu ainda,” Leo murmurou, mas ele e Jason caminharam pela ponte.

No meio da subida, as coisas deram errado, e é claro que a culpa era de Leo. Piper e Hedge já estavam são e salvos no topo, acenando para eles, encorajando-os a continuar subindo, mas Leo se distraiu. Ele estava pensando em pontes — como ele projetaria algo bem mais estável que negócio de vapor móvel de gelo, se esse fosse o seu palácio. Ele ponderava sobre corrimões e colunas de suporte. Em seguida, uma revelação súbita parou sua linha de pensamento.

“Por que eles têm uma ponte?” ele questionou.

Thalia franziu o cenho. “Leo, este não é um bom lugar para parar. O que você quer dizer?”

“Eles são espíritos do vento,” Leo disse. “Não podem voar?”

“Sim, mas em algumas ocasiões eles precisam de uma forma de se ligar ao mundo abaixo.”

“Então a ponte não fica sempre aqui?” Leo perguntou.

Thalia balançou a cabeça. “Os espíritos de vento não gostam de se ancorar a terra, mas algumas vezes é necessário. Como agora. Eles sabe que vocês estão chegando.”

A mente de Leo estava a mil. Ele estava tão empolgado que ele quase podia sentir sua temperatura corporal aumentando. Ele não podia botar seus pensamentos em palavras, mas ele sabia que estava chegando a algo importante.

“Leo?” Jason falou. “No que está pensando?”

“Oh, deuses” Thalia disse. “Continue andando. Olhe para seus pés.”

Leo recuou. Com horror, percebeu que sua temperatura realmente *estava* aumentando, tal como tinha acontecido anos atrás, na mesa de piquenique debaixo de uma noz-pecã, quando sua ira fugiu ao controle. Agora, a empolgação estava causando a mesma reação. Suas calças soltavam vapor no ar frio. Seus sapatos estavam, literalmente, fumegando, e a ponte não gostou. O gelo estava afinando.

“Leo, pare com isso,” Jason avisou. “Você vai derretê-la.”

“Vou tentar,” Leo disse. Mas seu corpo estava superaquecendo sozinho, indo tão rápido quanto seus pensamentos. “Escuta, Jason, de que Hera te chamou naquele sonho? Ela falou que você era uma ponte.”

“Leo, sério, esfria,” Thalia disse. “Não sei do que está falando, mas a ponte está _____”

“Apenas escutem,” Leo insistiu. “Se Jason for uma ponte, o que ele está conectando? Talvez dois lugares diferentes que normalmente não têm contato — como o pa-

lácio no ar e o chão. Você tinha que estar em algum lugar antes disso, certo? E Hera falou que você era uma troca.”

“Uma troca.” Os olhos de Thalia se arregalaram. “Ah, deuses.”

Jason franziu o cenho. “Do que vocês dois estão falando?”

Thalia murmurou algo como uma oração. “Eu entendo agora porque Ártemis me mandou aqui. Jason — ela me falou para caçar Licaão e que eu encontraria uma pista sobre Percy. Você é a pista. Ártemis queria que nos encontrássemos para que eu pudesse ouvir sua história.”

“Eu não entendo,” ele protestou. “Eu não tenho uma historia. Eu não me lembro de nada.”

“Mas Leo está certo,” Thalia disse. “Está tudo ligado. Se nós apenas soubéssemos onde —”

Leo estalou os dedos. “Jason, como você chamou aquele lugar no seu sonho? Aquela casa em ruínas. A Casa dos Lobos?”

Thalia quase se engasgou. “A Casa dos Lobos? Jason, porque você não me contou! Esse é o lugar onde estão mantendo Hera?”

“Você sabe onde fica?” Jason perguntou.

Em seguida, a ponte se dissolveu. Leo teria caído para a morte, mas Jason segurou sua capa e o puxou em segurança. Os dois escalararam a ponte e, quando se viraram, Thalia estava do outro lado de um abismo de nove metros. A ponte continuava a derreter.

“Vão!” Thalia gritou, recuando na ponte enquanto ela se desintegrava. “Descubra onde o gigante está mantendo o pai de Piper. Salvem-no! Eu vou levar as Caçadoras para a Casa do Lobo e retardá-los até que vocês cheguem. Ambos podemos fazer!”

“Mas onde é a Casa do Lobo?” Jason gritou de volta.

“Você sabe onde é, maninho!” Ela estava tão distante agora que eles mal podiam ouvir sua voz sobre o vento. Leo tinha quase certeza de que ela tinha dito: “Vejo vocês lá. Eu prometo.”

Então ela se virou e correu pela ponte em dissolução.

Leo e Jason não tiveram tempo para ficar lá. Eles escalararam por suas vidas, o gelo afinando sob seus pés. Várias vezes Jason agarrou Leo e usou os ventos para mantê-los no alto, mas parecia mais *bungee jump* que voo.

Quando chegaram à ilha flutuante, Piper e Treinador Hedge os colocaram a bordo assim que o final da ponte de vapor se dissolveu. Eles tentaram recuperar o fôlego na base de uma escadaria de pedra esculpida ao lado do penhasco, levando até a fortaleza.

Leo olhou para baixo. O topo do Peaks Pike flutuava abaixo deles em um mar de nuvens, mas nem sinal de Thalia.

“O que aconteceu?”, Piper exigiu. “Leo, por que suas roupas estão fumegando?”

“Eu me esquentei um pouco,” ele cuspiu. “Desculpe, Jason. Honestamente. Eu não —”

“Está tudo bem,” Jason disse, mas sua expressão era sombria. “Nós temos menos de vinte e quatro horas para resgatar uma deusa e o pai de Piper. Vamos ver o rei dos ventos.”

JASON

JASON ENCONTROU SUA IRMÃ E a perdeu em menos de uma hora. Enquanto eles escavavam os rochedos da ilha flutuante, ele continuou olhando para trás, mas Thalia havia partido.

Apesar do que ela dissera sobre encontrá-lo novamente, Jason ficou se questionando. Ela encontrou uma nova família com as Caçadoras, e uma nova mãe em Ártemis. Ela parecia tão confiante e confortável com a vida que Jason não tinha certeza se ele um dia seria parte dela. E ela parecia tão decidida em encontrar seu amigo Percy. Ela já procurara por Jason desse jeito?

Não é justo, ele falou para si. *Ela pensou que você estava morto.*

Ele mal podia tolerar o que ela dissera sobre sua mãe. Era quase como se Thalia tivesse lhe passado um bebê — um bebê realmente barulhento e feio — e dito, *Aqui, esse é seu. O carregue.* Ele não queria carregá-lo. Ele não queria olhar para ele ou lhe sustentado. Ele não queria saber que tinha uma mãe instável que havia se desfeito dele para satisfazer uma deusa. Não admira que Thalia fugira.

Então ele lembrou do chalé de Zeus no Acampamento Meio-Sangue — aquela alcova minúscula que Thalia usara como beliche, fora da vista da estátua carrancuda do deus do céu. O pai deles também não era muito de barganhar. Jason entendeu porque Thalia renunciara aquela parte da sua vida também, mas ele ainda estava ressentido. Ele não podia ter tanta sorte. Ele foi deixado segurando a mala — literalmente.

A mochila dourada de ventos estava alçada nos seus ombros. Quanto mais perto eles chegavam ao palácio de Éolo, mais pesada a mala ficava. Os ventos lutavam, bramindo e colidindo.

O único que parecia estar num bom ânimo era o Treinador Hedge. Ele continuava pulando a escadaria escorregadia e trotando de volta para baixo. “Vamos, bolinhos! Só mais alguns mil degraus!”

Enquanto subiam, Leo e Piper deixaram Jason no silêncio. Talvez eles pudessem sentir sua má disposição. Piper continuou olhando para trás, preocupada, como se tivesse sido ele que quase morreu de hipotermia mais que ela. Ou talvez ela estivesse pensando sobre a ideia de Thalia. Eles a contaram o que Thalia dissera na ponte — como

eles podiam salvar ambos seu pai e Hera — mas Jason realmente não entendia como eles iriam fazer isso, e ele não tinha certeza se a possibilidade deixara Piper mais esperançosa ou só mais ansiosa.

Leo continuou batendo nas próprias pernas, procurando sinais de que suas calças estavam pegando fogo. Ele não estava mais fumegando, mas o incidente na ponte de gelo realmente alucinara Jason. Leo não pareceu perceber que tinha fumaça saindo dos ouvidos e chamas dançando no seu cabelo. Se Leo começasse espontaneamente a entrar em combustão toda vez que ficava animado, seria desagradável levá-lo para algum lugar. Jason imaginou tentar pegar comida num restaurante. *Eu quero um cheeseburguer e — Ahhh! Meu amigo está pegando fogo! Me dê um balde!*

Na sua maioria, porém, Jason se preocupava sobre o que Leo disse. Jason não queria ser uma ponte, ou uma troca, ou nada mais. Ele só queria saber de onde viera. E Thalia pareceu tão enervada quando Leo mencionou a casa arruinada nos seus sonhos — o lugar que a loba Lupa lhe contara que era seu ponto de partida. Como Thalia conhecia aquele lugar, e por que ela assumiu que Jason poderia encontrá-lo?

A resposta parecia perto. Mas quanto mais perto Jason chegava, menos isso cooperava, como os ventos nas suas costas.

Finalmente eles chegaram ao topo da ilha. Paredes de bronze manchavam pelo caminho todo ao redor da área da fortaleza, embora Jason não pudesse imaginar quem possivelmente atacaria esse lugar. Portões altos de seis metros se abriram para eles, e uma estrada de pedra polida roxa liderava até a cidadela principal — uma rotunda de colunas brancas, estilo grego, como um dos monumentos em Washington, DC — exceto pelo grupo de antenas de satélite e torres de rádio no telhado.

“É bizarro,” Piper disse.

“Acho que você não pode conseguir cabo numa ilha flutuante,” Leo disse. “Diabos, olha o jardim de frente desse cara.”

A rotunda ocupava o centro de um círculo de quatrocentos metros. A área era incrível de um jeito assustador. Eles eram divididos em quatro seções como grandes pedaços de pizza, cada um representando uma estação.

A seção à direita deles era um deserto de gelo, com árvores nuas e um lago congelado. Bonecos de neve rolavam na paisagem enquanto o vento soprava, então Jason não tinha certeza eles eram decorações ou estavam vivos.

Na esquerda deles estava um parque de outono com árvores douradas e rubras. Montículos de folhas sopravam em padrões — deuses, pessoas, animais que corriam um atrás do outro antes de se espalharem de volta em folhas.

À distância, Jason podia ver mais duas áreas atrás da rotunda. Uma parecia um pasto verde com carneiros fingidos de nuvens. A última seção era um deserto onde sal-solas rabiscavam formas estranhas na areia como letras gregas, rostos sorridentes, e uma grande propaganda que se lia: *assista éolo à noite!*

“Uma seção para cada um dos quatro deuses do vento,” Jason supôs. “Quatro direções cardinais.”

“Estou amando aquele pasto.” O Treinador Hedge lambeu os beiços. “Vocês se importam —”

“Vá em frente,” Jason disse. Ele estava realmente aliviado de expedir o sátiro. Seria suficientemente difícil ir para o lado bom de Éolo sem o Treinador Hedge brandir sua clava e gritar, “Morra!”

Enquanto o sátiro corria para atacar a primavera, Jason, Leo, e Piper desceram a estrada para as escadas do palácio. Eles atravessaram as portas da frente num saguão branco de mármore decorado com estandartes roxos que se liam canais de clima olímpicos, e alguns que só se liam *ei!*

“Olá!” Uma mulher flutuou para eles. *Literalmente* flutuou. Ela era linda naque-la forma élfica que Jason associou com os espíritos da natureza no Acampamento Meio-Sangue — pequena, orelhas levemente pontudas, e um rosto sem idade que poderia ter dezesseis ou trinta. Seus olhos castanhos brilhavam alegremente. Mesmo que não hou-vesse vento, seu cabelo soprava num movimento lento, no estilo de comercial de *shampoo*. Seu vestido branco se elevava em volta dela como material de paraquedas. Jason não podia dizer se ela tinha pés, mas se tivesse, eles não tocavam o chão. Ela tinha um *tablet* branco na sua mão. “Você é do Lorde Zeus?” perguntou. “Estábamos te esperan-do.”

Jason tentou responder, mas era um pouco difícil pensar claramente, porque ele percebeu que podia ver através da mulher. Sua forma ficava forte e fraca como se fosse feita de névoa.

“Você é um fantasma?” ele perguntou.

Imediatamente ele soube que a insultou. O sorriso virou um beiço espichado. “Eu sou uma *aura*, senhor. Uma ninfa do vento, como você podia esperar, trabalhando para o senhor dos ventos. Meu nome é Mellie. Nós não temos *fantasmas*.”

Piper foi ao resgate. “Não, é claro que não! Meu amigo simplesmente te confundi com a Helena de Troia, a mortal mais bonita de todos os tempos. É um equívoco fácil.”

Uau, ela era boa. O elogio pareceu um pouco fora do limite, mas a aura Mellie corou. “Ah... bem, então. Então você é de Zeus?”

“Er,” Jason disse, “eu sou o filho de Zeus, sim.”

“Excelente! Por favor, por aqui.” Ela os levou por algumas portas de segurança em outro saguão, consultando seu *tablet* enquanto flutuava. Ela não olhava para onde estava indo, mas aparentemente não importava enquanto ela flutuava direto por uma coluna de mármore sem problemas. “Estamos fora do tempo primário agora, então é bom,” ela refletiu. “Eu posso encaixar vocês na direita antes da sua posição 11:12.”

“Hã, ok,” Jason disse.

O saguão era um lugar bastante distrativo. Ventos explodiam ao redor deles, assim Jason sentiu como se estivesse se empurrando numa multidão invisível. As portas sopraram, abrindo, e bateram sozinhas.

As coisas que Jason *podiam* eram mais bizarras ainda. Aviões de papel de todos os tamanhos e formas aceleravam em volta, e as outras ninfas do vento, *aurai*, ocasionalmente os arrancariam do ar, os desdobravam e os liam, então os jogavam de volta no ar, onde os aviões se redobrariam e continuariam voando.

Uma criatura feia passou flutuando. Ela parecia a mistura de uma velha e uma galinha em esteroides. Ela tinha um rosto enrugado com cabelo preto amarrado numa toca, braços como um humano com asas como uma galinha, e um corpo gordo emplumado com garras no lugar dos pés. Era incrível que ela também podia voar. Ela continuava andando ao redor e se chocando em coisas como um balão de cortejo.

“Não é uma *aura*?” Jason perguntou para Mellie enquanto a criatura se agitava.

Mellie riu. “É uma harpia, é claro. Nossas, er, meias-irmãs feitas, acho que vocês diriam. Vocês não têm harpias no Olimpo? Elas são espíritos de rajadas de vento violentas, diferentes das *aurai*. “Somos todas brisas gentis.”

Ela piscou os olhos para Jason.

“Claro que são,” ele disse.

“Então,” Piper sugeriu, “você estava nos levando para ver Éolo?”

Mellie os levou através de um conjunto de portas como uma câmara de compressão. Sobre a porta interior, uma luz verde piscou.

“Temos alguns minutos antes dele começar,” Mellie disse alegremente. “Ele provavelmente não matará vocês se entrarmos agora. Venham comigo!”

JASON

Traduzido por: [Mônica](#)

O QUEIXO DE JASON CAIU. A SEÇÃO CENTRAL da fortaleza de Éolo era tão grande quanto uma catedral, com o formidável teto cupulado coberto em prata. Equipamentos de televisão flutuavam aleatoriamente no ar — câmeras, refletores, peças de cenário, plantas em vaso. E não tinha chão. Leo quase caiu dentro do abismo antes de Jason puxá-lo de volta.

“Santo — !” Leo engoliu em seco. “Ei, Mellie. Um pequeno aviso na próxima vez!”

Uma enorme cratera circular mergulhava no coração do Monte. Tinha provavelmente oitocentos metros de profundidade, minada com cavernas. Alguns dos túneis provavelmente levavam direto para fora. Jason lembrava de ter visto os ventos que sopram para fora deles quando estavam no Pikes Peak. Outras cavernas estavam seladas com algum material brilhante como vidro ou cera. A caverna inteira alvorocava com harpias, *aurai*, e aviões de papel, mas para alguém que não podia voar, isso seria uma queda muito longa, muito fatal.

“Oh, céus,” Mellie engasgou. “Eu sinto muito.” Ela pegou um Walkie-talkie de algum lugar de dentro das roupas dela e falou nele: “Alô, sets? É a Nuggets? Oi, Nuggets. Você poderia conseguir um piso no estúdio principal, por favor? Sim, um sólido. Obrigada.”

Poucos segundos depois, um exército de harpias apareceu do abismo — três dúzias ou mais de moças galinhas demoníacas, todas carregando quadrados de vários materiais de construção. Elas foram trabalhar martelando e colando — e usando uma larga quantidade de fita adesiva, o que não tranquilizava Jason. Em nenhum momento houve um piso improvisado serpenteando ao longo do abismo. Ele era feito de madeira, blocos de mármore, tapetes, cunhas de tapete de grama — apenas sobre qualquer coisa.

“Isso não pode ser seguro,” Jason disse.

“Ah, mas é!” Mellie o assegurou. “As harpias são muito boas.”

Fácil para ela falar. Ela atravessava sem tocar no chão, mas Jason decidiu que ele tinha a melhor chance de sobreviver, já que ele podia voar, então ele pisou primeiro. Incrivelmente, o chão aguentava.

Piper agarrou a mão dele e o seguiu. “Se eu cair, você vai me pegar.”

“Hã, claro.” Jason esperava que ele não estivesse corando.

Leo pisou depois. “Você vai me pegar, também, Super Homem. Mas eu não vou segurar a sua mão.”

Mellie os levou em direção ao meio da sala, onde uma esfera solta de câmeras de vídeo flutuava em volta de um controle central. Um homem pairava dentro, checando monitores e lendo mensagens de aviôezinhos de papel.

O homem não prestou atenção quando Mellie os trouxe avante. Ela empurrou uma televisão Sony de quarenta e duas polegadas para fora do seu caminho e os levou para a área de controle.

Leo assobiou. “Eu *tenho* que conseguir uma sala como essa.”

As telas flutuantes mostravam todos os tipos de programas de televisão. Alguns Jason reconhecia — transmissões de notícias, principalmente — mas alguns programas pareciam um pouco estranho: lutas de gladiadores, semideuses batalhando com monstros. Talvez fossem filmes, mas eles pareciam mais como *reality shows*.

O final da esfera era um pano de fundo de seda azul como uma tela de cinema, com câmeras e luzes de estúdio flutuando em volta.

O homem no centro estava falando em um pedaço de orelha como fone. Ele tinha um controle remoto em cada mão e estava apontando-os para várias telas, aparentemente de forma aleatória.

Ele vestia um terno que parecia como o céu — principalmente azul, mas manchado com nuvens que mudavam, escureciam e se moviam ao redor do tecido. Ele parecia estar entre os seus sessenta anos, com um cabelo branco chocante, mas ele tinha uma tonelada de maquiagem, e aquela aparência de plástica no rosto, então ele aparecia não ser muito novo, não realmente velho, apenas *errado* — como um boneco que alguém tinha jogado no microondas e derretido. Seus olhos disparavam de tela em tela, como se ele estivesse tentando absorver tudo de uma só vez. Ele murmurou coisas no seu telefone. Ele era divertido, ou louco, ou os dois.

Mellie flutuou em frente a ele. “Ah, senhor, Sr. Éolo, esses semideuses —”

“Espera!” Ele levantou uma mão para silenciá-la, então apontou para uma das telas. “Olha!”

Era um daqueles programas de caçador de tempestades, onde dirigem à procura de emoção insana atrás de tornados. Enquanto Jason assistia, um jipe ia direto para dentro de um funil de nuvem e foi atirado no céu.

Éolo gritou de alegria. “O Canal do Desastre. As pessoas fazem isso *de propósito!*” Ele se virou para Jason com um sorriso louco. “Não é maravilhoso? Vamos assistir de novo.”

“Hã, senhor,” Mellie disse, “este é Jason, filho de —”

“Sim, sim, eu lembro,” Éolo disse. “Você está de volta. Como foi?”

Jason hesitou. “Desculpe? Eu acho que você me confundiu —”

“Não, não, Jason Grace, não é você? Foi — o que — ano passado? Você estava no caminho para lutar um monstro marinho, eu creio.”

“Eu — eu não lembro.”

Éolo riu. “Não deve ter sido um monstro muito bom! Não, eu lembro de cada herói que vem até mim por ajuda. Odisseu — Deuses, ele ancorou na minha ilha por um mês! Ao menos você só ficou por alguns dias. Agora, assista esse vídeo. Esses patos sugam direto —”

“Senhor,” Mellie interrompeu. “Dois minutos para entrar no ar.”

“Ar!” Éolo exclamou. “Eu amo ar. Como eu estou? Maquiagem!”

Imediatamente um pequeno tornado de escovas, costaneiras e bolas de algodão desceram em Éolo. Eles o borravam no rosto em uma nuvem de fumaça em tons de pele até que a sua coloração ficou ainda mais horrível do que antes. Vento rodava através do seu cabelo e deixou-o apontado para cima como uma árvore de natal coberta de geada.

“Sr. Éolo.” Jason abriu a mochila de ouro. “Nós trouxemos esses espíritos de tempestade perigosos.”

“Você trouxe!” Éolo olhou para a mochila como isso fosse um presente de um fã — algo que ele realmente não queria. “Bem, que legal.”

Leo cutucou ele, e Jason ofereceu a mochila. “Bóreas nos mandou capturá-los para você. Nós esperamos que você vai aceitá-los e parar de — você sabe — ordenar matar semideuses.”

Éolo riu, e olhou incredulamente para Mellie. “Semideuses serem mortos — eu ordenei isso?”

Mellie checou o seu *tablet*. “Sim, senhor, quinze de setembro. ‘Espíritos de tempestade libertados pela morte de Tífon, semideuses serem tomados como responsáveis,’ etc... sim, uma orden geral para todos serem mortos.”

“Ah, poxa,” Éolo disse. “Eu só estava mal disposto. Anule essa ordem, Mellie, e hã, quem é o oficial de guarda — Teriyaki? — Teri, leve esses espíritos de tempestade para o bloco de células catorze E, sim?”

Uma harpia apareceu do nada, agarrou o saco de ouro, e desceu para o abismo.

Éolo sorriu para Jason. “Agora, me desculpe sobre o negócio de matar-ao-avistar. Mas deuses, eu realmente estava furioso, não estava?” Seu rosto de repente escurceu, e seu terno fez o mesmo, as lapelas piscando com relâmpagos. “Sabe... Eu lembro agora. Quase parecia como uma voz que estava me dando aquelas ordens. Uma pequena picada gélida na parte de trás da minha nuca.”

Jason ficou tenso. Uma pequena picada gólica na parte de trás da nuca... Por que isso soava tão familiar? “Uma... hm, voz na sua mente, senhor?”

“Sim. Que estranho. Mellie, nós *deveríamos* matá-los?”

“Não, senhor,” ela disse pacientemente. “Eles nos trouxeram espíritos de tempestade, o que deixa tudo bem.”

“Claro.” Éolo riu. “Desculpem. Mellie, vamos mandar algo legal para os semideuses. Uma caixa de chocolate, talvez.”

“Uma caixa de chocolate para *todos* os semideuses no mundo, senhor?”

“Não, muito caro. Não importa. Espere, está na hora! Eu estou ao vivo!”

Éolo voou para frente da tela azul enquanto uma nova seleção de música começou a tocar.

Jason olhou para Piper e Leo, que pareciam tão confuso quanto ele estava.

“Mellie,” ele disse, “ele é... sempre assim?”

Ela sorriu timidamente. “Bem, você sabe o que eles dizem. Se você não gosta do humor dele, espere cinco minutos. Aquela expressão ‘de qualquer maneira o vento sopra’ — essa foi baseada nele.”

“E aquela coisa sobre o monstro marinho,” Jason disse. “Eu *estive* aqui antes?”

Mellie corou. “Me desculpe, eu não lembro. Eu sou a nova assistente do Sr. Éolo. Eu estive com ele mais do que a maioria, mas ainda — não tanto tempo.”

“Quanto tempo duram as assistentes dele?” Piper perguntou.

“Ah...” Millie pensou por um momento. “Eu estive fazendo isso por... doze horas?”

Uma voz bradou dos alto-falantes flutuantes: “E agora, o clima a cada doze minutos! Aqui esta o seu prognóstico para o clima olimpiano — o Canal EI! — Éolo!”

Luzes brilhavam em Éolo, que estava agora na frente da tela azul. Seu sorriso era de um branco não natural, e ele parecia que tinha tanta cafeína no rosto que estava prestes a explodir.

“Alô, Olimpo! Éolo, mestre dos ventos aqui, com o clima a cada doze! Teremos um sistema de baixa pressão que se desloca sobre a Flórida hoje, então espere temperaturas mais amenas desde que Deméter pretende poupar os citricultores!” Ele gesticulou para a tela azul, mas quando Jason checou os monitores, ele viu que uma imagem digital estava sendo projetada atrás de Éolo, então parecia como se ele estivesse em frente do mapa dos Estados Unidos com sorrisos animados de sois e nuvens de tempestades. “Ao longo do litoral oriental — oh, espere.” Ele bateu no fone de ouvido. “Desculpa, nativos! Poseidon está bravo com Miami hoje, então parece que a geada na Florida está de volta! Desculpa, Deméter. No centro-oeste, eu não tenho certeza o que St. Louis fez para ofender Zeus, mas você pode esperar tempestades de inverno! Bóreas está sendo chamado para punir essa área com gelo. Mais notícias, Missouri! Não, espere. Hefesto sente pena do centro de Missouri, então vocês todos terão muito mais temperaturas moderadas e céus ensolarados.”

Éolo continuou com isso — previsões para cada área do país e ele as mudava duas ou três vezes que ele recebia mensagens pelo fone de ouvido — os Deuses aparentemente diziam várias ordens de ventos e de clima.

“Isso não pode estar certo,” Jason sussurrou. “O clima não é para ser assim.”

Millie sorriu. “E com quanta frequencia o homem do tempo mortal está certo? Eles falam sobre as frentes e pressão do ar e umidade, mas o clima os surpreende todo o tempo. Ao menos Éolo nos diz o *porquê* dele ser tão imprevisível. Trabalho muito duro, tentando satisfazer todos os deuses de uma só vez. É o bastante para dirigir qualquer um...”

Ela parou, mas Jason sabia que ela queria dizer. *Louco*. Éolo era completamente louco.

“E esse é o clima,” Éolo concluiu. “Vejo vocês em doze minutos, porque eu tenho certeza que isso vai mudar!”

As luzes apagaram, os monitores de vídeo voltaram para a cobertura aleatória, e só por um momento, o rosto de Éolo cedeu para o cansaço. Então ele se lembrou que tinha convidados, e ele botou o sorriso de volta.

“Então, vocês me trouxeram alguns espíritos de tempestade,” Éolo disse. “Eu suponho... Obrigado! E vocês querem mais alguma coisa? Eu suponho que sim. Semideuses sempre querem.”

Mellie disse, “Hm, senhor, este é o filho de Zeus.”

“Sim, sim. Eu sei disso. Eu disse que lembrava dele antes.”

“Mas, senhor, eles estão aqui do *Olimpo*.”

Éolo parecia pasmo. Então ele riu tão repentinamente que Jason quase pulou dentro do abismo. “Você querer dizer que está em nome do seu pai desta vez? Finalmente! Eu sabia que eles iriam mandar alguém renegociar o meu contrato!”

“Hã, o que?” Jason perguntou.

“Ah, graças aos deuses!” Éolo suspirou em alívio. “Faz o que, três mil anos desde que Zeus me nomeou mestre dos ventos. Não que eu seja ingrato, claro! Mas realmente, o meu contrato é tão vago. Obviamente eu sou imortal, mas ‘mestre dos ventos.’ O que isso significa? Eu sou um espírito da natureza? Um semideus? Um deus? Eu *quero* o deus dos ventos, porque os benefícios são *tão* melhores. Nós podemos começar com isso?”

Jason olhou para os seus amigos, mistificado.

“Cara,” Leo disse, “você acha que viemos aqui te promover?”

“Vocês estão, então?” Éolo sorriu. Seu terno se tornou completamente azul — nenhuma nuvem no tecido. “Maravilha! Quero dizer, eu acho que mostrei um pouco de iniciativa com o canal do tempo, hein? E é claro que eu estou na imprensa o tempo todo. Tantos livros foram escritos sobre mim: *No Ar Rarefeito*, *Amor sem Escalas*, *E o vento Levou* —”

“Er, eu não acho que eles sejam sobre você,” Jason disse, antes de notar Mellie sacudindo a cabeça.

“Absurdo,” Éolo disse. “Mellie, eles são biografias minhas, não são?”

“Absolutamente, senhor,” ela guinchou.

“Viu? Eu não leio. Quem tem tempo? Mas obviamente os mortais me amam. Então, nós vamos mudar meu título para *deus* dos ventos. Então, sobre salário e essas coisas —”

“Senhor,” Jason disse, “Nós não somos do Olimpo.”

Éolo piscou. “Mas —”

“Eu sou filho de Zeus, sim,” Jason disse, “mas nós não estamos aqui para renegociar o seu contato. Nós estamos em uma missão e precisamos da sua ajuda.”

A expressão de Éolo se endureceu. “Como na última vez? Como *todos* os heróis que veem aqui? Semideuses! É sempre sobre *vocês*, não é?”

“Senhor, por favor, eu não lembro da última vez, mas se você me ajudou uma vez antes...”

“Eu estou sempre ajudando! Bem, às vezes eu estou destruindo, mas principalmente estou ajudando, e às vezes eu sou mandado a fazer os dois ao mesmo tempo! Por que, Enéias, o primeiro da sua espécie —”

“Minha espécie?” Jason perguntou. “Você quer dizer, semideuses?”

“Ah, por favor!” Éolo disse. “Quero dizer a sua *linha* de semideuses. Você sabe, Enéias, filho de Vênus — o único herói sobrevivente de Troia. Quando os gregos queimaram a sua cidade, ele fugiu para a Itália, onde fundou o reinado que eventualmente se tornou Roma, blá, blá, blá. Isso é o que eu quero dizer.”

“Não entendi,” Jason admitiu.

Éolo revirou os olhos. “O ponto é, eu fui jogado no meio desse conflito, também! Juno chama: ‘Ah, Éolo, destrua o barco de Enéias para mim. Eu não gosto dele.’ Então Netuno diz, ‘Não, não destrua! Esse é o meu território. Acalme os ventos.’ Então Juno é como, ‘Não, afunde seus navios, ou então eu vou contar a Júpiter que você não colabora!’ Você acha que é fácil fazer malabarismo com pedidos como aqueles?”

“Não,” Jason disse. “Eu acho que não.”

“E não queira que eu comece com Amelia Earhart! Eu *ainda* estou recebendo ligações furiosas do Olimpo sobre jogar *ela* para fora do céu!”

“Nós só queremos informações,” Piper disse com a sua voz mais calma. “Nós ouvimos que você sabe de tudo.”

Éolo ajeitou a gola e parecia um pouco amolecido. “Bem... *isso* é verdade, claro. Por exemplo, eu sei que *esse* negócio aqui” — ele sacudiu os dedos para os três — “Esse plano desajeitado de Juno trazer vocês todos é mais como um derramamento de sangue. Já para você, Piper McLean, eu sei que seu pai está em sérios problemas.” Ele estendeu a mão e um pedaço de papel flutuou para as suas mãos. Era uma foto de Piper com um cara que devia ser o seu pai. Seu rosto *parecia* familiar. Jason tinha certeza que já vira ele em alguns filmes.

Piper pegou a foto. Suas mãos estavam tremendo. “Isso — isso é da carteira dele.”

“Sim,” Éolo disse. “Todas as coisas perdidas no vento eventualmente vem para mim. A foto se afastou quando o Terrestre o capturou.”

“Quem?” Piper perguntou.

Éolo deixou de lado a questão e estreitou os olhos para Leo. “Agora, *você*, filho de Hefesto... sim, eu vejo o seu futuro.” Outro papel caiu nas mãos do deus dos ventos — um antigo desenho esfarrapado feito com giz de cera.

Leo o pegou como se isso pudesse ser revestido de veneno. Ele cambaleou para trás.

“Leo?” Jason disse. “O que é isso?”

“Algo que eu — eu desenhei quando era criança.” Ele dobrou o desenho rapidamente e colocou-o dentro do casaco. “É... sim, é nada.”

Éolo riu. “Sério? Só é a chave do sucesso! Agora, onde estávamos? Ah, sim, vocês queriam informações. Vocês têm certeza disso? Às vezes informação pode ser perigoso.”

Ele sorriu para Jason como se ele estivesse insinuando um desafio. Atrás dele, Mellie balançou sua cabeça em aviso.

“Sim,” Jason disse. “Nós precisamos encontrar o covil de Encélado.”

Éolo sorriu. “O gigante?” Por que vocês gostariam de ir lá? Ele é horrível! Ele nem mesmo assiste o meu programa!”

Piper segurou a foto. “Éolo, ele pegou o meu pai. Nós precisamos resgatar ele e encontrar onde Hera é sendo mantida capturada.”

“Agora, *isso* é impossível,” Éolo disse. “Até mesmo *eu* não posso ver isso, e acredite em mim, eu tentei. Existe um véu mágico sobre a localização de Hera — muito forte, impossível de localizar.”

“Ela está em um local chamado a Casa dos Lobos,” Jason disse.

“Espere!” Éolo colocou uma mão na sua testa e fechou os olhos. “Eu estou conseguindo algo! Sim, ela está em um lugar chamado a Casa dos Lobos! Tristemente, eu não sei onde é.”

“Encélado sabe,” Piper persistiu. “Se você nos ajudar a achá-lo, nós conseguiremos a localização da deusa —”

“Sim,” Leo disse, se recuperando. “Se nós a salvarmos, ela será muito grata a vocês —”

“E Zeus poderia lhe promover,” Jason finalizou.

As sobrancelhas de Éolo subiram. “Uma promoção — e tudo o que vocês querem de mim é a localização do gigante?”

“Bem, se você pudesse nos levar lá, também,” Jason emendou, “isso seria ótimo.”

Mellie bateu as mãos com empolgação. “Oh, ele poderia fazer isso! Ele frequentemente envia ventos de ajuda —”

“Mellie, quieta!” Éolo disse. “Eu tenho uma metade de uma mente para demití-la por deixar essas pessoas sob falsos pretextos.”

O rosto dela ficou pálido. “Sim, senhor. Desculpe, senhor.”

“Não foi culpa dela,” Jason disse. “Mas sobre aquela ajuda...”

Éolo inclinou sua cabeça como se estivesse pensando. Então Jason pensou que ele estivesse ouvindo vozes no fone de ouvido.

“Bem... Zeus aprova,” Éolo murmurou. “Ele diz... ele diz que seria melhor se você pudesse evitar salvando ela até depois do final de semana, porque ele tem uma grande festa planejada — Ei! Isso é a Afrodite gritando com ele, lembrando-o que o solstício começa ao amanhecer. Ela diz que deveria ajudá-los. E Hefesto... sim. Hmm. Muito raro eles concordarem com algo. Espere...”

Jason sorriu para os seus amigos. Finalmente, eles estavam tendo boa sorte. Seus parentes divinos estavam ajudando eles.

De volta para a entrada, Jason ouviu um arroto alto. O Treinador Hedge apareceu com grama em todo o seu rosto. Mellie o viu vindo do chão improvisado e prendeu a respiração. “Quem é *aquele*? ”

Jason sufocou uma tosse. “Aquele? Aquele é só o treinador Hadge. Uh, Gleeson Hedge. Ele é o nosso...” Jason não tinha certeza de como chamá-lo: *professor, amigo, problema?*

“Nosso guia.”

“Ele é *tão* bode,” Mellie murmurou.

Atrás dela, Piper encheu as bochechas de ar, fingindo vomitar.

“E aí, pessoal?” Hedge trotou para mais perto. “Uau, lugar legal. Ah! Praças com relvas.”

“Treinador, você acabou de comer,” Jason disse. “E nós estamos usando a relva como chão. Essa é, ah, Mellie —”

“Uma *aura*.” Hedge sorriu atraentemente. “Linda como uma brisa de verão.”

Mellie corou.

“E Éolo aqui está quase nos ajudando,” Jason disse.

“Sim,” o lorde do vento murmurou. “Parece que sim. Vocês irão encontrar Encé-lado no Monte Diablo.”

“Montanha do Diabo?” Leo perguntou. “Isso não parece bom.”

“Eu lembro desse lugar!” Piper disse. “Eu fui lá uma vez com o meu pai. É ao leste da baía de São Francisco.”

“A Área da Baía de novo?” O treinador balançou a cabeça. “Não é bom. Não é bom mesmo.”

“Agora...” Éolo começou a sorrir. “Sobre levá-los lá —”

De repente seu rosto deu uma folga. Ele se inclinou e bateu no fone de ouvido como se estivesse com defeito. Quando ele se endireitou novamente, seus olhos eram selvagens. Apesar da maquiagem, ele parecia um homem velho — um velho muito assustado. “Ela não fala comigo em séculos. Eu não posso — sim, sim eu entendo.”

Ele engoliu em seco, em relação a Jason como se tivesse de repente se tornado uma barata gigante. “Sinto muito, filho de Júpiter. Novas ordens. Vocês todos têm que morrer.”

Mellie rangiu. “Mas — mas, senhor! Zeus disse para ajudá-los. Afrodite, Hefesto —”

“Mellie!” Éolo insistiu. “Seu trabalho já esta por um fio. Além do mais, existem ordens que ultrapassam até mesmo os pedidos dos deuses, especialmente quando vem de forças da natureza.”

“Ordens *de quem?*” Jason disse. “Zeus vai despedi-lo se não nos ajudar!”

“Duvido.” Éolo agitou o pulso e bem abaixo dele, a porta da cela abriu o buraco. Jason podia ouvir espíritos de tempestade gritando fora dela, em espiral na direção deles, gritando por sangue.

“Até mesmo Zeus entende a ordem das coisas,” Éolo disse. “E se *ela* está acordando — pelos deuses — ela não pode estar enganada. Adeus, heróis. Eu estou terri-

velmente arrependido, mas eu tenho que fazer isso rápido. Estou de volta no ar em quatro minutos.”

Jason pegou a sua espada. O treinador Hedge puxou o seu taco. A aura Mellie gritou, “Não!”

Ela mergulhou em seus pés assim que os espíritos de tempestade atingiram com a força de um furacão, soprando o chão aos pedaços, rasgando as amostras de mármore, carpete e linóleo para o que deveria ter sido projéteis letais, as vestias de Mellie se espalharam como um escudo e absorveram o impacto do impacto. Os cinco deles caíram no abismo, e Éolo gritou por cima deles, “Mellie você está *tão* demitida!”

“Rápido,” Mellie gritou. “Filho de Zeus, você tem algum poder sobre o ar?”

“Um pouco!”

“Então me ajude, ou todos morrem!” Mellie pegou sua mão, e uma carga elétrica passou pelo braço de Jason. Ele entendeu o que ela precisava. Eles tinham que controlar a sua queda e ir para um dos túneis abertos. Os espíritos de tempestade estavam os seguindo, fechando-se rapidamente, levando com eles uma nuvem de estilhaços.

Jason pegou a mão de Piper. “Abraço grupal!”

Hedge, Leo e Piper tentaram se amontoar juntos, se segurando em Jason e Mellie enquanto eles caiam.

“Isso NÃO É BOM!” Leo gritou.

“Podem vir, sacos de gás!” Hedge gritou para os espíritos de tempestade. “Eu vou pulverizar vocês!”

“Ele é magnífico,” Mellie suspirou.

“Concentração?” Jason propôs.

“Certo!” ela disse.

Eles canalizaram o vento então a queda foi mais como um tombo na rampa mais próxima. Ainda, eles bateram dentro do túnel à uma velocidade dolorosa e foram rolando uns sobre os outros em uma ventilação que não foi projetada para pessoas. Não havia nenhuma maneira de parar.

As vestias de Mellie subiam ao seu redor, Jason e os outros se agarraram a ela desesperadamente e eles começaram a desacelerar, mas os espíritos de tempestade gritavam dentro do túnel atrás deles.

“Não consigo — agüentar — muito,” Mellie avisou, “Fiquem juntos! Quando o vento acertar —”

“Você está indo bem, Mellie,” Hedge disse. “Minha própria mãe foi uma *aura*, sabe. Ela não poderia ter feito melhor.”

“Me manda uma Mensagem de Íris?” Mellie pediu.

Hedge piscou.

“Vocês dois poderiam planejar o seu encontro mais tarde?” Piper gritou. “Olhem!”

Atrás deles, o túnel estava se tornando escuro. Jason podia sentir seus ouvidos estourarem com a pressão.

“Não consigo segurá-los,” Mellie avisou. “Mas eu vou tentar defender vocês, só mais um favor.”

“Obrigada, Mellie,” Jason disse. “Eu espero que você consiga um trabalho novo.”

Ela sorriu, e então se dissolveu, envolvendo-os em agradável brisa suave. E então os ventos de verdade os atingiram, os jogando do céu tão rápido que Jason apagou.

PIPER

PIPER SONHOU QUE ESTAVA NO telhado do dormitório da Wilderness School.

A noite do deserto era fria, mas ela trouxera cobertores, e com Jason ao seu lado, ela não precisava de mais calor.

O ar cheirava a sálvia e arbusto queimando. No horizonte, as Montanhas da Primavera assomava como dentes negros entalhados, o brilho fraco de Las Vegas atrás delas.

As estrelas estavam tão claras que Piper teve medo que eles não pudesse ver a chuva de meteoros. Ela não queria que Jason pensasse que ela o arrastou ali para cima com falsas pretensões. (Mesmo que suas pretensões fossem *totalmente* falsas.) Mas os meteoros não desapontaram. Um riscava o céu quase cada minuto — uma de fogo branco, amarelo, ou azul. Piper tinha certeza que o seu avô Tom teria algum mito Cherokee para explicar a eles, mas no momento ela estava ocupada criando sua própria história.

Jason pegou sua mão — *finalmente* — e apontou enquanto dois meteoros pulavam pela atmosfera e formavam uma cruz.

“Uau,” ele disse. “Não posso acreditar que Leo não queria ver isso.”

“Na verdade, eu não convidei ele,” Piper disse casualmente.

Jason sorriu. “Ah, é?”

“Ahã. Você já sentiu como se três fosse uma multidão?”

“É,” Jason admitiu. “Como agora. Você sabe quanto problema teríamos se fôssemos pegos aqui em cima?”

“Ah, eu inventaria alguma coisa,” Piper disse. “Eu posso ser muito persuasiva. Então você quer dançar, ou o quê?”

Ele riu. Seus olhos eram incríveis, e o seu sorriso era ainda melhor na luz das estrelas. “Sem música. Na noite. Em cima de um telhado. Parece perigoso.”

“Eu sou uma garota perigosa.”

“Isso, eu posso acreditar.”

Ele se levantou e lhe ofereceu sua mão. Eles lentamente dançaram alguns passos, mas rapidamente virou um beijo. Piper quase não pôde beijá-lo novamente, pois estava muito ocupada sorrindo.

Então o sonho mudou — ou talvez ela estava morta no Mundo Inferior — porque se encontrou de volta no *shopping* de Medeia.

“Por favor, deixe isso ser um sonho,” ela murmurou, “e não meu castigo eterno.”

“Não, querida,” disse a voz de uma mulher doce como mel. “Sem castigo.”

Piper virou, com medo que visse Medeia, mas uma mulher diferente estava ao seu lado, pesquisando pela estante de cinquenta porcento de desconto.

A mulher era deslumbrante — cabelo na altura do ombro, um pescoço gracioso, feições perfeitas, e uma figura incrível dobrada em jeans e um *top* branco como neve.

Piper viu que ela era parecida com atrizes — a maioria dos encontros do pai era com lindas e maravilhosas — mas essa mulher era diferente. Ela era elegante sem tentar, que segue a moda sem esforço, atordoante sem maquiagem. Depois de ver Éolo com suas plásticas e cosméticos bobos, Piper pensou que essa mulher parecia ainda mais surpreendente.

Ainda enquanto Piper assistia, a aparência da mulher mudou. Piper não podia decidir a cor do seus olhos, ou a cor exata do seu cabelo. A mulher se tornava cada vez mais bonita, como se sua imagem estivesse se alinhando aos pensamentos de Piper — chegando o mais perto possível do ideal de beleza de Piper.

“Afrodite,” Piper disse. “Mãe?”

A deusa sorriu. “Você só estava sonhando, minha querida. Se alguém perguntar, eu não estava aqui. Ok?”

“Eu —” Piper queria fazer um milhão de perguntas, mas todos elas se amontoaram juntas na sua cabeça.

Afrodite levantou um vestido turquesa. Piper achou que parecia incrível, mas a deusa fez um rosto. “Não é minha cor, é? Pena, é bonito. Medeia realmente tem algumas coisas adoráveis aqui.”

“Essa — essa construção explodiu,” Piper gaguejou. “Eu vi.”

“Sim,” Afrodite concordou. “Acho que é por isso que tudo está a venda. Só uma memória, agora. Eu me desculpe por lhe tirar do seu outro sonho. Muito mais agradável, eu sei.”

O rosto de Piper queimou. Ela não sabia se ficava mais irritada ou embaracada, mas na maioria ela se sentia oca de desapontamento. “Não foi real. Nunca, nunca aconteceu. Então por que eu lembro disso tão vividamente?”

Afrodite sorriu. “Porque você é minha filha, Piper. Você vê possibilidades muito mais vividamente que os ouros. Você vê o que *podia* ser. E isso ainda pode ser — não desista. Infelizmente —” A deusa gesticulou em volta do *shopping*. “Você tem mais desafios a encarar, primeiro. Medeia voltará, assim como vários outros inimigos. As Portas da Morte se abriram.”

“O que você quer dizer?”

Afrodite piscou para ela. “Você é esperta, Piper. Você sabe.”

Uma sensação fria se assentou dela. “A mulher dormindo, aquela que Medeia e Midas chamaram de patrono. Ela conseguiu abrir uma nova entrada do Mundo Inferior. Ela está deixando os mortos escaparem de volta ao mundo.”

“Sim. E não só *quaisquer* mortos. Os piores e mais poderosos, aqueles que muito provavelmente odeiam os deuses.”

“os monstros setão voltando do Tártaro do mesmo jeito,” Piper chutou. “É por isso que eles não ficam desintegrados.”

“Sim. O *patrono*, como vocês a chamam, tem uma relação especial com Tártaro, o espírito do buraco.” Afrodite levantou um *top* dourado de cequim. “Não... esse me faria parecer ridícula.”

Piper riu inquietamente. “Você? Você não pode parecer nada, a não ser perfeita.”

“Você é meiga,” Afrodite disse. “Mas beleza é sobre encontrar o ajuste certo, o ajuste mais natural. Para ser perfeita, você tem que se sentir perfeita em si própria — evitar tentando se algo que não é. Para uma deusa, é especialmente difícil. Podemos mudar facilmente.”

“Meu pai pensou que você era perfeita.” A voz de Piper falhou. “Eu nunca lhe superou.”

O olhar de Afrodite tornou-se distante. “Sim... Tristan. Ah, ele era incrível. Tão gentil e simpático, divertido e bonito. Ainda assim, ele tinha tanta tristeza dentro.”

“Poderíamos, por favor, não falar sobre ele no passado?”

“Desculpe, querida. Eu não queria deixar seu pai, é claro. É sempre tão difícil, mas foi o melhor. Se ele percebesse quem eu realmente era —”

“Espere — ele não *sabia* que você era uma deusa?”

“É claro que não.” Afrodite soou ofendida. “Eu não faria isso com ele. Para a maioria dos mortais, é simplesmente muito difícil aceitar. Pode arruinar as suas vidas! Pergunte para o seu amigo Jason — garoto *adorável*, a propósito. Sua pobre mãe foi destruída quando descobriu que se apaixonou por Zeus. Não, foi muito melhor Tristan acreditar que eu era uma mulher mortal que o deixou sem explicação. Melhor uma memória agrioste que uma deusa imortal e inalcançável. O que me traz para uma questão importante...”

Ela abriu a mão e mostrou a Piper um frasco de vidro brilhante com líquido rosa. “Essa é uma das misturas mais dóceis de Medeia. Só apaga memórias recentes. Quando você salvar o seu pai, *se* você puder salvá-lo, você deveria dar isso para ele.”

Piper não pôde acreditar no que estava ouvindo. “Você quer que eu dope o meu pai? Você quer que eu o faça esquecer o que ele passou?”

Afrodite levantou o frasco. O líquido lançou um brilho rosa sobre seu rosto. “Seu pai age confiante, Piper, mas ele anda numa linha fina entre dois mundos. Ele trabalhou sua vida inteira rejeitando as histórias antigas sobre deuses e espíritos, e ainda assim ele teve que aquelas histórias possam ser reais. Ele teme que exclua uma parte importante dele, e algum dia isso irá destrui-lo. Agora ele foi capturado por um gigante. Ele está vivendo um pesadelo. Mesmo se ele sobreviver... se ele tiver que gastar o resto de sua vida com aquelas memórias, sabendo que deuses e espíritos andam na terra, isso irá despedaçá-lo. É isso que a nossa inimiga espera. Ela irá quebrá-lo, e assim quebrar o seu espírito.”

Piper queria gritar que Afrodite estava errada. Seu pai era a pessoa mais forte que ela conhecia. Piper nunca pegaria seus memórias do jeito que Hera pegou as de Jason.

Mas de algum jeito ela não podia ficar com raiva de Afrodite. Ela lembrou do que seu pai dissera meses atrás, na praia em Big Sur: *Se eu realmente acreditasse em País Fantasma, ou espíritos animais, ou deuses gregos... eu não acho que poderia dormir na noite. Eu sempre estaria procurando por alguém para acusar.*

Agora Piper também queria acusar alguém.

“Quem é ela?” Piper exigiu. “A que está controlando os gigantes?”

Afrodite enrugou os lábios. Ela moveu para a estante seguinte, que tinha armadura quebrada e togas rasgadas, mas Afrodite olhou por elas como se fossem roupas de desenhista.

“Você tem uma vontade forte,” ela meditou. “Eu nunca fui dada muito crédito entre os deuses. Meus filhos são motivo de piada. Eles são rejeitados como convencidos e rasos.”

“Alguns deles são.”

Afrodite riu. “Admito. Talvez eu seja convencida e rasa, também, às vezes. Uma garota tem que ter indulgência. Ah, esse é bom.” Ela pegou um peitoral de bronze queimado e manchado e levantou para Piper ver. “Não?”

“Não,” disse Piper. “Você vai responder minha pergunta?”

“Paciência, minha querida,” a deusa disse. “Meu ponto é que amor é o motivador mais poderoso do mundo. Estimula os mortais à grandeza. Os seus atos mais nobres e bravos são feitos por amor.”

Piper puxou sua adaga e estudou sua lâmina reflectiva. “Como Helena começar a Guerra do Cavalo de Troia?”

“Ah, Katoptris.” Afrodite sorriu. “Estou contente que você a encontrou. Eu ganhei muita publicidade com aquela guerra, mas honestamente, Paris e Helena eram um casal bonito. E os heróis daquela guerra são imortais agora — pelo menos na memória dos homens. O amor é poderoso, Piper. Pode até ajoelhar os deuses. Eu falei isso para o meu filho Enéias quando ele escapou de Troia. Ele pensou que falhou. Ele pensou que era um perdedor! Mas viajou para Itália —”

“E se tornou o ancestral de Roma.”

“Exatamente. Entenda, Piper, meus filhos podem ser muito poderosos. Você pode ser muito poderosa, porque minha linhagem é única. Eu estou mais perto do início da criação que qualquer outro olimpiano.”

Piper lutou para lembrar do nascimento de Afrodite. “Você não... se ergueu do mar? De pé numa concha do mar?”

A deusa riu. “Aquele pintor Botticelli tinha uma boa imaginação. Eu nunca fiquei de pé numa concha do mar, obrigada muito. Mas sim, me ergui do mar. Os primeiros seres a se erguerem do Caos foram a Terra e o Céu — Gaia e Urano. Quando o filho deles, o titã Cronos, matou Urano —”

“O cortando em pedaços com uma foice,” Piper lembrou.

Afrodite torceu o nariz. “Sim. Os pedaços de Urano caíram no mar. Sua essência imortal criou a espuma do mar. E daquela espuma —”

“Você nasceu. Eu me lembro agora. Então você é —”

“A última filha de Urano, que foi maior que os deuses ou os titãs. Então, de um jeito estranho, eu sou a deusa olimpiana mais antiga. Como disse, amor é uma força poderosa. E você, minha filha, é muito mais que um rostinho bonito. Que é por isso que você já sabe quem está acordando os gigantes, e quem tem o poder de abrir portas nas partes mais profundas da terra.”

Afrodite esperou, como se pudesse sentir Piper lentamente unindo as peças de um quebra-cabeça, que formava uma foto assustadora.

“Gaia,” Piper disse. “A própria terra. É a nossa inimiga.”

Ela esperou que Afrodite dissesse não, mas a deusa manteve os olhos na estante de armaduras esfarrapadas. “Ela dormiu por eras, mas está lentamente acordando. Até adormecida, ela é poderosa, mas quando acordar... seremos condenados. Você deve derrotar os gigantes antes que isso aconteça, e acalmar Gaia de volta ao seu sono. Caso contrário, a rebelião só começou. Os mortos continuarão a se erguerem. Montros se regenerarão com velocidade ainda maior. Os gigantes destruirão o lugar de origem dos deuses. E se eles fizerem isso, toda a civilização queimarão.”

“Mas *Gaia*? A Mãe Terra?”

“Não a subestime,” Afrodite alertou. “Ela é uma divindade cruel. Ela orquestrou a morte de Urano. *Ela* deu a Cronos a foice e o impeliu a matar o próprio pai. Enquanto os titãs governavam o mundo, ela dormia em paz. Mas quando os deuses subjugaram eles, Gaia acordou novamente com toda sua raiva e deu nascimento a uma nova raça — os gigantes — para destruir o Olimpo de uma vez por todas.”

“E está acontecendo de novo,” Piper disse. “A ascensão dos gigantes.”

Afrodite assentiu. “Agora você sabe. O que fará?”

“Eu?” Piper cerrou os punhos. “O que eu deveria fazer? Pôr um vestido bonito e falar docemente para Gaia voltar a dormir?”

“Eu queria que isso funcionasse,” Afrodite disse. “Mas não, você terá que encontrar suas próprias forças, e lutar pelo que ama. Como os meus favorecidos, Helena e Paris. Como meu filho Enéias.”

“Helena e Paris morreram,” Piper disse.

“E Enéias se tornou um herói,” a deusa se opôs. “O primeiro grande herói de Roma. O resultado dependerá de você, Piper, mas vou lhe falar isso: Os sete maiores semideuses devem ser reunidos para derrubar os gigantes, e esse forço não terá sucesso sem você. Quando os dois lados se encontrarem... você será a mediadora. Você determinará se haverá amizade ou matança.”

“Que dois lados?”

A visão de Piper começou a enfraquecer.

“Você deve acordar logo, minha filha,” disse a deusa. “Eu não concordo sempre com Hera, mas ela tomou um risco corajoso, e concordo que isso tenha que ser feito. Zeus manteve os dois lados separados por muito tempo. Só juntos vocês terão o poder de salvar o Olimpo. Agora, acorde, e espero que você goste das roupas que escolhi.”

“Que roupas?” Piper exigiou, mas o sonho escureceu.

PIPER

Traduzido por: [Larissa](#)

PIPER ACORDOU SOBRE UMA MESA NA VARANDA DE UM CAFÉ.

Por um segundo, ela pensou que ainda estava sonhando. Era uma manhã ensolarada. O ar estava vigoroso, mas não desagradável para sentar do lado de fora. Nas outras mesas, um misto de ciclistas, empresários, e universitários sentados conversando e bebendo café.

Ela podia sentir o cheiro das árvores de eucalipto. Um monte de pedestres passavam em frente às várias pequenas lojas. A rua era ladeada de escovas-de-garrafa e azáleas fluorescentes como se o inverno fosse um conceito estranho.

Em outras palavras: ela estava na Califórnia.

Seus amigos sentavam em cadeiras ao seu redor — todos eles com suas mãos calmamente cruzadas sobre o peito, cochilando agradavelmente. E todos vestiam roupas novas. Piper olhou para a sua própria roupa e engasgou. “Mãe!”

Ela gritou mais alto do que pretendia. Jason sobressaltou-se, batendo com os joelhos na mesa, e então todos eles estavam despertos.

“O quê?” exigiu Hedge. “Lutar com quem? Onde?”

“Caindo!” Leo agarrou a mesa. “Não — caindo não. Onde nós estamos?”

“Jason piscou, tentando se orientar. Ele focou em Piper e fez um pequeno som de engasgo. “O que você está vestindo?”

Piper provavelmente corou. Ela estava usando o vestido azul-turquesa que tinha visto em seu sonho, com polainas pretas e botas de couro pretas. Também usava a sua pulseira de prata com pingentes favorita, mesmo tendo a deixado na sua casa em LA, e a sua velha jaqueta de esqui que ganhou do pai, que surpreendentemente combinou muito bem com a sua roupa. Ela puxou Katoptris, e julgando pelo reflexo da lâmina, teve o seu cabelo arrumado, também.

“Não é nada,” disse ela. “É minha —” Ela lembrou do aviso de Afrodite para não mencionar que elas conversaram. “Não é nada.”

Leo deu risada. “Afrodite ataca de novo, hein? Você vai ser a guerreira mais bem vestida da cidade, rainha da beleza.”

“Ei, Leo.” Jason cutucou seu braço. “Você se olhou no espelho recentemente?”

“O que... ah.”

Todos eles tinham passado por uma transformação. Leo estava de calças listradas, sapatos pretos de couro, uma camisa branca sem gola com suspensórios, seu cinto de ferramentas, óculos de sol Ray-Ban, e um chapéu *porkpie*.

“Deus, Leo.” Piper tentou não rir. “Eu acho que meu pai usou isso em sua última *premiere*, tirando o cinto de ferramentas.”

“Ei, cala boca.”

“Eu acho que ele ficou legal,” disse o Treinador Hedge. “Obviamente, eu pareço melhor.”

O sátiro era um pesadelo pastel. Afrodite tinha dado a ele um terno berrante e folgado amarelo-canário com sapatos de dois tons que combinavam com os seus cascos. Ele tinha, combinando, um chapéu de abas largas amarelo, uma camisa rosa, uma gravata azul-bebê, e um cravo azul na lapela, que Hedge cheirou e depois comeu.

“Bem,” disse Jason, “pelo menos sua mãe esqueceu de mim.”

Piper sabia que isso não era exatamente verdade. Olhando pra ele, seu coração sapateou um pouco. Jason vestia apenas jeans e uma camiseta roxa limpa, como a que ele usara no Grand Canyon. Ele usava tênis novos, e tinha o cabelo recém-cortado. Seus olhos eram da mesma cor do céu. A mensagem de Afrodite era clara: *Esse não precisa de melhorias.*

E Piper concordava.

“De qualquer forma,” disse ela desconfortavelmente, “como a gente chegou aqui?”

“Ah, deve ter sido Mellie,” disse Hedge, mastigando o seu cravo alegremente. “Os *ventus* nos atiraram para o outro lado do país, eu acho. Nós teríamos sido esmagados com o impacto, mas o último presente de Mellie — uma agradável brisa suave — amorteceu a nossa queda.

“E ela foi demitida por nossa causa,” disse Leo. “Cara, somos uma droga.”

“Ah, ela vai ficar bem,” disse Hedge. “Além disso, ela não pôde se conter. Eu tenho esse efeito sobre as ninfas. Eu vou enviar-lhe uma mensagem quando tivermos

completado essa missão e ajudá-la a descobrir uma coisa. Ali está uma *aura* com quem eu poderia me estabelecer e criar um rebanho de bebês bodes.”

“Estou ficando enjoada,” disse Piper. “Mais alguém quer café?”

“Café!” O sorriso de Hedge estava tingido de azul da flor. “Eu amo café!”

“Hum,” disse Jason, “mas e o dinheiro? Nossas mochilas?”

Piper olhou para baixo. Suas mochilas estavam aos seus pés, e tudo parecia ainda estar lá.

Ela enfiou a mão no bolso do casaco e sentiu duas coisas inesperadas. Uma delas era um maço de dinheiro. A outra era um frasco de vidro — a poção da amnésia. Ela deixou o frasco no bolso e puxou o dinheiro.

Leo assobiou. “Mesada? Piper, sua mãe é demais!”

“Garçonete!” Hedge chamou. “Seis expressos duplos, e o que mais esse garotos quiserem. Põe na conta da menina.”

Não demorou muito pra eles descobrirem onde estavam. O menu dizia “Café Verve, Walnut Creek, Califórnia.” E de acordo com a garçonete, eram 9 horas da manhã de 21 de dezembro, o solstício de inverno, o que lhes dava três horas antes do prazo limite de Encélado.

Eles não precisavam se perguntar onde ficava o Monte Diablo, também. Eles podiam vê-la no horizonte, bem no final da rua. Após as Rockies, o Monte Diablo não parecia muito grande, nem era coberta de neve. Parecia absolutamente pacífica, os seus vincos de ouro em mármore com as árvores verde-acinzentadas. Mas o tamanho das montanhas enganavam, Piper sabia. Provavelmente era muito maior de perto. E as apariências enganavam também. Aqui estavam eles — de volta a Califórnia — supostamente a sua casa — com céus ensolarados, clima ameno, pessoas descontraídas, e um prato de bolinhos de chocolate com café. E a apenas alguns quilômetros, em algum lugar naquela pacífico Monte, um superpoderoso gigante super-malvado estava prestes a almoçar o seu pai.

Leo puxou algo do seu bolso — o velho desenho de lápis-de-cor que Éolo tinha lhe dado.

Afrodite deve ter pensado que era importante para magicamente ter transferido para sua nova roupa.

“O que é isso?” Piper perguntou.

Leo o dobrou com cuidado e guardou. “Nada. Você não quer ver a minha obra de arte do jardim de infância.”

“É mais que isso,” Jason adivinhou. “Éolo disse que era a chave para o nosso sucesso.”

Leo balançou a cabeça. “Não hoje. Ele estava falando sobre... depois.”

“Como você pode ter certeza?” Piper perguntou.

“Confie em mim,” disse Leo. “Agora — qual é o nosso plano de jogo?”

O Treinador Hedge arrotou. Ele já tinha tomado três expressos e comido um prato de rosquinhas, junto com dois guardanapos e outra flor do vaso sobre a mesa.

Ele teria comido a prataria, mas Piper bateu em sua mão.

“Escalar o Monte,” disse Hedge. “Matar todos, exceto o pai de Piper. Partir.”

“Obrigado, General Eisenhower,” Jason resmungou.

“Ei, só estou falando!”

“Pessoal,” Piper falou. “Há mais coisas que vocês precisam saber.”

Foi complicado, porque ela não podia mencionar sua mãe; mas ela lhes disse que tinha descoberto algumas coisas em seus sonhos. Ela contou sobre a verdadeira inimiga deles: Gaia.

“Gaia?” Leo balançou a cabeça. “Ela não é a Mãe Natureza? Ela deveria ter algo como flores nos cabelos e pássaros cantando ao seu redor e veados e coelhos lavando as suas roupas.”

“Leo, essa é a Branca de Neve,” Piper disse.

“Ok, mas —”

“Escute, bolinho.” Treinador Hedge limpou o espresso do seu cavanhaque. “Piper está nos dizendo uma coisa séria, aqui. Gaia não é tola. Eu mesmo não estou certo de que *eu* poderia apanhá-la.”

Leo assobiou. “Sério?”

Hedge assentiu. “Essa senhora da terra — ela e o seu velho homem, o céu, eram indivíduos desagradáveis.”

“Urano,” Piper disse. Ela não pôde evitar olhar para o céu azul, imaginando se ele tinha olhos.

“Certo,” Hedge falou. “Então Urano, não é o melhor pai. Ele joga os seus primeiros filhos, os ciclopes, no Tártaro. Isso deixa Gaia maluca, mas ela aguarda a sua hora. Então, eles tem outros filhos — os doze titãs — e Gaia fica com medo de que eles sejam jogados na prisão também. Então, ela vai até o seu filho Cronos —”

“O cara grande malvado,” falou Leo. “O que eles derrotaram no verão passado.”

“Certo. E Gaia é aquela que lhe dá a foice, e lhe diz, ‘Ei, por que eu não chamo o seu pai aqui? E enquanto ele está distraído conversando comigo, você pode cortá-lo em pedaços. Então você pode dominar o mundo. Isso não seria ótimo?’”

Ninguém disse nada. O bolinho de chocolate de Piper não parecia mais tão apetitoso. Embora, ela já tivesse ouvido essa história antes, ela não conseguia fazer com que sua mente parasse de girar. Ela tentava imaginar uma criança tão desajustada que mataria o seu próprio pai apenas por poder. Depois uma mãe tão desvairada que convenceria um filho a fazer isso.

“Definitivamente não é a Branca de Neve,” ela decidiu.

“Nah, Cronos era um cara mau,” disse Hedge. “Mas Gaia era literalmente a mãe de todos os caras maus. Ela é tão antiga e poderosa, tão grande, que é difícil para ela estar plenamente consciente. Na maior parte do tempo, ela dorme, e é assim que gostamos dela — roncando.”

“Mas ela conversou comigo,” disse Leo. “Como ela pode estar dormindo?”

Gleeson varreu as migalhas da sua lapela amarelo-canário. Ele estava no seu sexto expresso agora, e suas pupilas tão grandes como uma moeda de 25 centavos. “Mesmo dormindo, parte de sua consciência está ativa — sonhando, vigiando, fazendo pequenas coisas como causando explosões de vulcões e ascensão de monstros. Mesmo agora, ela não está completamente acordada. Acredite, você não quer vê-la completamente acordada.”

“Mas ela está ficando mais forte,” disse Piper. “Ela está causando a ascensão dos gigantes. E se o rei deles retorna — esse cara Porfírio —”

“Ele irá erguer um exército para destruir os deuses,” interveio Jason. “Começando com Hera. Vai haver outra guerra. E Gaia vai despertar completamente.”

Gleeson assentiu. “Razão pela qual é uma boa idéia nos mantermos fora da terra tanto quanto possível.”

Leo olhou cautelosamente para o Monte Diablo. “Então... escalar um Monte. Isso seria ruim.”

O coração de Piper afundou. Primeiro, pediram que ela traísse seus amigos. Agora eles estavam tentando ajudá-la a resgatar seu pai, mesmo sabendo que eles caminhavam para uma armadilha. A idéia de lutar contra um gigante já era suficientemente assustadora. Mas a idéia de que Gaia estava por trás disso — uma força mais poderosa que um deus ou titã...

“Pessoal, eu não posso pedir a vocês que façam isso,” disse Piper. “É perigoso demais.”

“Tá brincando?” Gleeson arrotou e mostrou-lhes o seu sorriso azul do cravo. “Quem está pronto pra bater em coisas?”

L E O

Traduzido por: [Pedro](#)

LEO TORCEU PARA QUE O TÁXI PUDESSE LEVÁ-LOS o caminho todo até o topo.

Sem tanta sorte. O táxi deu uma guinada, rangendo enquanto subia a estrada do Monte, e na metade do caminho de subida eles encontraram a estação do guarda florestal fechada e uma corrente bloqueando o caminho.

“Tão longe quanto eu posso ir,” o taxista disse. “Tem certeza disso? Será uma grande caminhada de volta, e meu carro está agindo engraçado. Eu não posso esperar por vocês.”

“Nós temos certeza.” Leo foi o primeiro a sair. Ele tinha um mau pressentimento sobre o que estava errado com o táxi, e quando ele olhou embaixo ele viu que estava certo. As rodas estavam afundando na estrada com se ela fosse feita de areia movediça. Não de forma rápida — apenas o suficiente para o motorista pensar que era um problema de transmissão ou um eixo ruim — mas Leo sabia que era diferente.

A estrada estava cheia de lama. Nem ao mesmo uma razão para que ela estivesse macia, mas os sapatos de Leo já começavam a afundar. Gaia estava aprontando com eles.

Enquanto seus amigos saiam, Leo pagou o taxista. Ele foi generoso — e por que não? Era o dinheiro de Afrodite. E ainda mais, ele tinha um pressentimento de que ele talvez nunca sairia desse Monte.

“Fique com o troco,” ele disse. “E dê o fora daqui. Rápido.”

O motorista não discutiu. Logo, tudo que podiam ver era seu rastro de poeira.

A visão do Monte era bem incrível. O interior inteiro dos vales que ficavam em volta do Monte Diablo era um remendo de cidades — ruas arborizadas e um subúrbio de classe média legal, lojas, e escolas. Todas essas pessoas normais vivendo suas vidas normais — o tipo que Leo nunca teve.

“Aquele é o Concord,” Jason disse, apontando para o norte. “Walnut Creek abaixo de nós. Ao sul, Danville, atrás daqueles vales. E naquele caminho...”

Ele apontou para o oeste, onde um cume de vales dourados eram cobertos por uma camada de neblina, como uma borda de uma tigela. “Aquela é Berkeley Hills. A baía do leste. Atrás dela, São Francisco.”

“Jason?” Piper tocou seu braço. “Você se lembra de algo? Você já esteve aqui antes?”

“Sim... não.” Ele deu a ela um olhar angustiado. “Isso apenas parece importante.”

“Essa é a terra dos titãs.” O Treinador Hedge assentiu para o oeste. “Lugar ruim, Jason. Confie em mim, isso é tão perto de São Francisco quanto queremos chegar.”

Mas Jason olhou pra a bacia do nevoeiro com tanta cobiça que Leo se sentiu receoso. Por que Jason parecia tão conectado com aquele lugar — um lugar que Hedge disse ser mal, cheio de magia má e inimigos antigos? E se Jason tivesse vindo daqui? Todo mundo ficava insinuando que Jason era um inimigo, que sua chegada ao Acampamento Meio-Sangue era um erro perigoso.

Não, Leo pensou. Ridículo. Jason era seu amigo.

Leo tentou mover seu pé, mas agora suas solas estavam completamente afundadas na lama.

“Ei, galera,” ele disse. “Vamos continuar andando.”

Os outros perceberam o problema.

“Gaia é mais forte aqui,” Hedge resmungou. Ele tirou seus cascos dos sapatos, e então entregou seus sapatos para Leo. “Guarde eles para mim, Valdez. Eles são bons.”

Leo bufou. “Sim, senhor, treinador. Quer que eu engraxe também?”

“Esse é o espírito, Valdez.” Hedge assentiu, aprovando. “Mas primeiro, é melhor subirmos essas montanha enquanto ainda podemos.”

“Como sabemos onde está o gigante?” Piper perguntou.

Jason apontou para o pico. Havia fumaça envolta do cume. De longe, Leo tinha pensado que era uma nuvem, mas não. Era algo queimando.

“Onde tem fumaça, tem fogo,” Jason disse. “É melhor nos apressarmos.”

A Wilderness School havia forçado Leo a participar de várias marchas. Ele pensou que estava em boa forma. Mas escalar um Monte quando a terra estava tentando engolir seus pés era como movimentar-se em uma esteira de papel.

Sem tempo, Leo havia enrolado suas mangas na sua camisa sem gola, mas ainda sim o vendo era frio e afiado. Ele desejou que Afrodite tivesse dado a ele shorts de caminhada e uns sapatos mais confortáveis, mas estava grato pelos Ray-Bans que mantinha o sol fora de seus olhos. Ele levou suas mãos até seu cinto de ferramentas e começou a convocar utensílios — rodas dentadas, uma pequena chave inglesa, e algumas tiras de bronze. Enquanto ele andava, construía — sem nem mesmo pensar nisso, apenas brincando com as peças.

No momento em que eles se aproximavam do cume do Monte, Leo era o herói suado e sujo mais fashion de todos os tempos. Suas mãos estavam cobertas com graxa de máquinas.

O pequeno objeto que ele fez era como um brinquedo de corda — do tipo que chacoalha e anda pela mesa do café. Ele não tinha certeza do que isso podia fazer, mas colocou no seu cinto de ferramentas.

Ele sentia falta do seu casaco do exército com todos os seus bolsos. Ele sentia ainda mais falta de Festus. Ele poderia usar um dragão de bronze que cospe fogo agora mesmo. Mas Leo sabia que Festus não voltaria — pelo menos não na sua forma antiga.

Ele passou a mão na gravura em seu bolso — o desenho de giz de cera que ele havia feito na mesa de picnic debaixo da arvore quando ele tinha cinco anos. Ele lembrou da Tia Calida cantando enquanto ele trabalhava e quão chateado ele ficou quando os ventos arrebataram o seu desenho. *Não é hora ainda, pequeno herói*, Tia Callida havia lhe dito. *Algum dia, sim. Você terá sua missão. Você encontrará seu destino, e sua dura jornada finalmente fará sentido.*

Agora Éolo havia devolvido a gravura. Leo sabia que aquilo significava que seu destino estava se aproximando; mas a jornada era tão frustrante quanto esso Monte estúpida. Todo vez que Leo achava que eles haviam alcançado o topo, acontecia que era apenas mais um cume, com um maior ainda atrás dele.

Prioridades primeiro, Leo disse a si mesmo. Sobreviver hoje. Desvendar desenho de giz de cera do destino depois.

Finalmente Jason se abaixou atrás de uma parede de pedras. Ele gesticulou para os outros fazerem o mesmo. Leo ajoelhou ao seu lado. Piper teve que puxar o Treinador Hedge para baixo.

“Eu não quero sujar minhas roupas!” Hedge reclamou.

“Shhhh!” Piper disse.

Relutante, o sátiro ajoelhou-se.

Sobre o cume onde eles estavam se escondendo, na sombra do último cume do Monte, estava uma depressão cheia de árvores do tamanho aproximado de uma campo de futebol, onde o gigante Encélado havia armado acampamento.

Árvores haviam sido cortadas para fazer uma fogueira roxa bem forte. A outra beira da clareira estava cheia de tocos grande e equipamentos de construção — uma pá mecânica, um grande negócio de guindaste com lâminas que giravam no final parecendo um barbeador elétrico — deve ser um ceifador de árvores, Leo pensou — e uma longa coluna de metal com uma lâmina de machado, como uma guilhotina de dois lados — um machado hidráulico.

O porquê de um gigante precisar de máquinas de construções, Leo não tinha certeza. Ele não entendia como a criatura a sua frente poderia ao menos caber no assento do motorista. O gigante Encélado era tão largo, tão feio, Leo não queria olhar para ele.

Mas ele se forçou a focar no monstro.

No começo, ele tinha nove metros de altura — facilmente tão alto quanto as árvores. Leo tinha certeza que o gigante podia te-los visto de trás da cordilheira, mas ele parecia interessado na estranha fogueira roxa, dando voltas nela e cantando baixinho. Da cintura pra cima, o gigante parecia humanóide, seu peito musculoso dentro de uma armadura de bronze, decorada com desenhos de chamas. Seus braços estavam completamente para fora. Cada bíceps era maior que Leo. Sua pele era bronzeada mas coberta de cinzas. Sua face era grosseiramente afinada, como uma escultura de barro pela metade, mas seus olhos brilhavam brancos, e seus cabelos eram trançados, estilo medonho e ia até seus ombros, e eram presos com ossos.

Da cintura para baixo, ele era ainda mais aterrorizante. Suas pernas eram escuras e verdes, com garras ao invés de pés — como pernas traseiras de um dragão. Na sua mão, Encélado segurava uma lança do tamanho de uma haste de bandeira. E às vezes ele enfiava a ponta no fogo, tornando o metal vermelho incandescente.

“Ok,” o Treinador Hedge disse. “O plano é o seguinte —”

Leo lhe deu uma cotovelada. “Você não vai correr até ele sozinho.”

“Ahh, qual é...”

Piper deu um soluço. “Olhem.”

Visivelmente do outro lado da fogueira estava um homem amarrado a um poste. Sua cabeça estava caída como se estivesse inconsciente, por isso Leo não conseguia reconhecer sua face mas Piper parecia não ter nenhuma dúvida.

“Pai,” ela disse.

Leo se afundou, ele queria que isso fosse um filme de Tristan McLean. Então o pai de Piper estaria fingindo a inconsciência. Ele iria desamarrar os nós e nocautear o gigante com algum inteligentíssimo gás anti-gigante. Música heróica começaria a tocar, e Tristan McLean escaparia de forma incrível, correndo em câmera lenta enquanto um lado do Monte explodia atrás dele.

Mas isso não era um filme. Tristan McLean estava meio morto e prestes a ser comido. As únicas pessoas que poderiam parar isso — três heróis adolescentes vestidos bem na moda e um bode megalomaníaco.

“Há quatro de nós,” Hedge sussurrou urgentemente. “E apenas um dele.”

“Você deixou escapar o fato de que ele tem nove metros de altura?” Leo perguntou.

“Ok,” Hedge disse. “Então você, eu e o Jason distraímos ele. Piper vai de mansinho e liberta seu pai.”

Todos olharam para Jason.

“O quê?” Jason perguntou. “Eu não sou o líder.”

“Sim,” Piper disse. “Você é.”

Eles nunca haviam falado nisso, mas ninguém discordava, nem mesmo Hedge. Chegado tão longe, havia sido um trabalho de equipe, mas quanto surgia uma decisão de vida ou morte, Leo sabia que Jason era a quem devia perguntar. Mesmo se ele não tivesse memória, Jason havia uma espécie de equilíbrio com ele mesmo. Você podia dizer que ele já esteve em batalhas antes, e ele sabia como se manter calmo. Leo não era exatamente do tipo que confia, mas ele confiava em Jason com sua vida.

“Eu odeio dizer isso,” Jason suspirou, “mas o Treinador Hedge está certo. Uma distração é a melhor chance de Piper.”

Não é bem uma boa chance, Leo pensou. Nem mesmo uma chance de sobreviver. Apenas a *melhor* chance.

Eles podiam ficar sentados ali o dia inteiro e falar sobre isso. Era quase meio dia — o prazo limite do gigante — e a terra ainda estava tentando puxa-los para baixo. Os joelhos de Leo já haviam afundado cinco centímetros na lama.

Leo olhou para os equipamentos de construção e teve uma ideia louca. Ele tirou o pequeno brinquedo que ele havia feito na subida, e percebeu o que isso podia fazer — se ele tivesse sorte, o que quase nunca tinha.

“Vamos rápido,” ele disse. “Antes que eu retome meu juízo.”

L E O

Traduzido por: [Pedro](#)

O PLANO DEU ERRADO QUASE QUE DE IMEDIATO. Piper subiu o cume, tentando manter sua cabeça abaixada, enquanto Leo, Jason e o Treinador Hedge caminhavam direto para a clareira.

Jason convocou sua lança de ouro. Ele a brandiu sobre a cabeça e gritou, “Gigante!” O que soou muito bom, e muito mais confiante do que Leo poderia ter feito. Ele estava pensando mais em algo tipo, “Nós somos formigas patéticas! Não nos mate!”

Encélado parou de cantar para as chamas. Ele girou e sorriu, revelando presas como as de um tigre dente-de-sabre.

“Bem,” o gigante ressoou. “Que ótima surpresa.”

Leo não gostou do tom daquilo. Suas mãos estavam fechadas sobre sua invenção de dar corda. Ele andou de lado, dando uma volta na escavadeira.

O Treinador Hedge gritou, “Deixe a estrela de cinema ir, seu bolinho grande e horroroso! Ou eu vou enfiar meus casco bem na sua —”

“Treinador,” Jason disse. “Cala a boca.”

Encélado rugiu meio que com uma risada. “Tinha esquecido o tanto que sátiros são engraçados. Quando nós dominarmos o mundo, acho que vou deixar sua espécie viva por aí. Vocês podem me entreter enquanto eu como todos os outros mortais.”

“Isso é um elogio?” Hedge franziu a testa para Leo. “Eu não acho que foi um elogio.”

Encélado abriu sua boca largamente e seus dentes começaram a brilhar.

“Espalhem-se!” Leo gritou.

Jason e Hedge mergulharam para a esquerda quanto o gigante soltou fogo — uma fornalha que até Festus ficaria com ciúmes. Leo se escondeu atrás da escavadeira, dando corda no seu dispositivo caseiro e deixando-o no assento do motorista. Então correu para a direita, com a intenção de chegar até o cortador de árvores.

Pelo canto do olho, ele viu Jason se levantar e avançar contra o gigante. O Treinador Hedge tirou sua jaqueta amarela, que agora estava em chamas, e gritou com raiva. “Eu *gostava* daquela roupa!” Então ele levantou sua clava e atacou também.

Antes que eles pudessem ir longe demais, Encélado bateu com força sua lança no chão. O Monte inteira vibrou.

A onda do impacto fez Leo se estrelar no chão. Ele piscou, momentaneamente desnorteado. Pela neblina de gramas em chamas e um pouco de fumaça, ele viu Jason se levantando do outro lado da clareira. Treinador Hedge havia sido nocauteadado. Ele havia caído e batido sua cabeça num toco de madeira. Seu traseiro peludo estava pra fora, com sua calça amarela em volta do joelho — um visão que Leo não precisava.

O gigante berrou, “Eu te vejo, Piper McLean!” Ele virou e cuspiu fogo em uma linha de arbustos a direita de Leo. Piper correu para a clareira com uma codorna desesperada e o arbusto atrás dela queimando.

Encélado riu. “Fico feliz que você tenha chegado. E você trouxe meus prêmios!”

O intestino de Leo contorceu. Esse era o momento que Piper os havia avisado. Eles haviam caído direto nas mãos de Encélado.

O gigante dever ter lido a expressão de Leo, porque ele riu ainda mais alto. “É isso mesmo filho de Hefesto. Eu não esperava que todos vocês estivessem vivos até agora, mas não importa. Trazendo vocês aqui, Piper McLean estava selando seu acordo. Se ela traír vocês, eu sou tão bom quanto minhas palavras. Ela pode pegar seu pai e ir. Por que me importaria com uma estrela de cinema?”

Leo podia ver o pai de Piper mais claramente agora. Ele estava vestindo uma camisa esfarrapada e uma calça rasgada. Seus pés descalços estavam cobertos de lama. Ele não estava completamente inconsciente, porque levantou sua cabeça e gemeu — sim, Tristan McLean estava bem. Leo havia visto seu rosto em vários filmes. Mas ele tinha um corte nojento do lado de seu rosto e parecia magro e doente — nada tão heróico.

“Pai!” Piper gritou.

O Sr. McLean piscou, tentando focar sua visão. “Pipes...? Onde...”

Piper sacou sua faca e encarou Encélado. “Deixe-o ir!”

“Claro, querida,” o gigante ressoou. “Jure lealdade a mim e não teremos nenhum problema. Apenas esses outros irão morrer.”

Piper olhou pra frente e pra trás, entre Leo e seu pai.

“Ele vai te matar,” Leo avisou. “Não acredite nele!”

“Ah, venha agora,” Encélado berrou. “Você sabia que eu nasci para combater a própria Atena? Mãe Gaia fez cada um de nós gigante com um propósito específico, destinados a lutar e destruir um deus em particular. Eu era o carrasco de Atena, o *anti*-Atena, você pode dizer. Comparado com alguns de meus irmãos — eu sou pequeno! Mas eu sou inteligente. E eu vou manter meu acordo com você, Piper McLean. É parte do meu plano!”

Jason estava de pé agora, com a lança pronta; mas antes que ele pudesse agir, Encélado rugiu — um chamado tão alto que ecoou pelo vale e provavelmente foi escutado pelo caminho todo até São Francisco.

A beira da floresta, meia dúzia de criaturas parecidas com ogros surgiram. Leo percebeu com um certeza nauseante que eles não estava simplesmente escondidos ali. Eles haviam surgidos direto da terra.

Os ogros vacilaram pra frente. Eles eram pequenos comparados a Encélado, uns dois metros e meio de altura. Cada um possuía seis braços — um par no lugar normal, e então um par extra brotando de seu ombro, e outro conjunto do lado de suas costelas. Eles vestiam apenas tangas esfarrapadas de couro, e mesmo do outro lado da clareira Leo podia sentir o cheiro deles. Seis caras que nunca tomaram banho, com seis axilas cada. Leo decidiu que se ele sobrevivesse a esse dia, ele teria que tomar um banho de três horas só pra esquecer esse fedor.

Leo foi até o lado de Piper. “O que são eles?”

Sua lamina refletiu a luz roxa da fogueira. “Gegenees.”

“Em inglês?” Leo perguntou.

“Os Terrestres,” ela disse. “Gigantes de seis braços que lutaram contra Jasão — o *primeiro* Jasão.”

“Muito bom, minha querida!” Encélado soou encantado. “Eles costumavam viver em um lugar miserável na Grécia, chamada de Montanha do Urso. Monte Diablo é muito melhor! Eles são os filhos inferiores da Mãe Terra, mas eles servem a seus propósitos. Eles são bons em construir equipamentos —”

“Vroom, Vroom!” Um dos terrestres berrou, e os outros também começaram o canto, cada um movendo suas seis mãos como se estivessem dirigindo um carro, como se fosse um tipo de ritual religioso estranho. “Vroom, Vroom!”

“Sim, obrigado, garotos,” Encélado disse. “Eles também tem contas a acertar com heróis. Especialmente qualquer um chamado Jason.”

“Yay-son!” Os nascidos da terra gritaram. Todos pegaram um pouco de terra que se solidificou em suas mãos, virando pedras pontudas e nojentas. “Cadê o Yay-son? Mate Yay-son!”

Encélado riu. “Veja Piper, você tem uma escolha. Salve seu pai, ou hmm, *tente* salvar seus amigos e encare a morte certa.”

Piper deu um passo a frente. Seus olhos queimaram de fúria, até mesmo os terrestres terra recuaram. Ela irradiava poder e beleza, mas isso não tinha nada a ver com suas roupas ou maquiagem.

“Você não vai levar as pessoas que eu amo,” ela disse. “Nenhum deles.”

Suas palavras atravessaram a clareira com tanta força que os Gegenees murmuraram, “Okay, Okay, desculpa,” e começaram a recuar.

“Fiquem parados, idiotas!” Encélado berrou. Ele rosnou para Piper. “É por isso que nós queríamos você viva, minha querida. Você poderia ter sido tão útil para nós. Mas como queira. Gegenees! Lhes mostrarei Jason.”

O coração de Leo saiu pela boca. Mas o gigante não apontou para Jason. Ele apontou para o outro lado da fogueira, onde Tristan McLean estava preso e indefeso meio inconsciente.

“Ali está o Jason,” Encélado disse com prazer. “Rasgue-o ao meio!”

A maior surpresa de Leo: Uma olhada para Jason, e os três sabiam o plano do jogo. Quando aquilo havia acontecido, o fato de poderem ler uns aos outros tão bem?

Jason avançou contra Encélado, enquanto Piper corria para seu pai, e Leo se arremessou para o cortador de árvores, que ficava entre o Sr. McLean e os ogros.

Os Gegenees eram rápidos, mas Leo correu como um espírito de tempestade. Ele saltou até o cortador a cinco pés de distância e caiu direto no assento do motorista. Suas mãos voou para os controles, e a máquina respondeu com velocidade natural — tomando vida como se soubesse o quanto isso era importante.

“Rá!” Leo gritou, e girou o guindaste até a fogueira, jogando tocos em chamas nos ogros e soltando faíscas por toda parte. Dois gigantes caíram na violenta avalanche e se fundiram de novo na terra — esperançosamente, para ficar lá por um tempo.

Os outros quatro ogros tropeçaram nos tocos em chamas e nos carvões quentes enquanto Leo trazia o cortador para mais perto. Ele apertou um botão, e no fim do guindaste as perversas lâminas começaram a girar.

Pelo canto do olho ele podia ver Piper escorada, libertando seu pai. Do outro lado da clareira, Jason lutava com o Gigante, de alguma forma conseguindo se esquivar sua imensa lança e rajadas de fogo. Hedge ainda estava heroicamente desmaiado com sua calda de cabra pra cima.

O lado do Monte inteira estaria logo logo em chamas. O fogo não incomodaria Leo, mas se seus amigos ficassem presos ali — Não. Ele tinha que agir rápido.

Um dos ogros — aparentemente não o mais inteligente — avançou contra o cortador de arvores, e Leo girou o guindaste em sua direção. No momento em que as lâminas tocaram o ogro, ele se dissolveu como argila molhada e foi espalhado por toda clareira. Uma grande parte dele voou para a cara de Leo.

Ele cuspiu a argila de sua boca e virou o cortador na direção dos três que sobraram, que recuaram rapidamente.

“Vroom-vroom ruim!” um gritou.

“Sim, é isso ai!” Leo gritou para eles. “Vocês querem uns Vroom-vroons ruins? Venham aqui!”

Infelizmente, eles foram. Tres ogros com seis braços, cada um jogando grandes e duras pedras a uma super velocidade — e Leo sabia que já era. De alguma forma, ele conseguiu dar uma cambalhota para trás do cortador meio segundo antes de um pedregulho demolir o assento do motorista. Pedras bateram com força no metal. No momento que Leo se levantou, o cortador parecia uma latinha de refrigerante amassada, afundando na lama.

“Trator!” Leo gritou.

Os ogros estavam pegando mais terra, mas dessa vez estavam encarando na direção de Piper.

Nove metros dali, a escavadeira rugiu ganhando vida. A invenção improvisada de Leo havia feito seu trabalho, desaparecendo nos controles do revolvedor de terra e dando vida temporária a ele por conta própria. Ele rugiu para o inimigo.

No momento em que Piper libertou seu pai e o segurou pelo braço, os gigantes lançaram suas segunda saraivadas de pedras. O trator girou na lama, derrapando para interceptar, e boa parte das pedras se chocaram com sua pá. A força era tão grande que empurrou o trator para trás. Duas pedras ricochetearam e golpearam os ogros que as jogaram. Mais dois Gegenees derretidos em argila. Infelizmente, uma pedra atingiu o motor do trator, fazendo com que uma fumaça de óleo subisse, e o trator gemesse e parasse. Outro ótimo brinquedo quebrado.

Piper arrastou seu pai cume abaixo. O último nascido da terra avançou contra ela.

Leo estava sem cartas nas mangas, mas ele não podia deixar aquele monstro pegar piper. Ele correu para frente, na direção das chamas, e pegou alguma coisa — *qualquer coisa* — de seu cinto de ferramentas.

“Ei, seu estúpido!” ele gritou, e atirou uma chave de fenda no ogro.

Isso não matou o ogro, mas com certeza chamou sua atenção. A chave de fenda afundou na testa do ogro como se ele fosse feito de massa de modelar.

O Terrestre ganiu de dor e deu uma parada. Ele puxou a chave de fenda, virou e encarou Leo. Tristemente, esse ultimo ogro parecia o maior e o mais nojento do grupo. Gaia tinha realmente dado tudo de si criando ele — com atualizações de músculos extras, uma luxuosa cara feia, o pacote inteiro.

Ah, ótimo, pensou Leo. Eu fiz um amigo.

“Você morrer!” o ogro rugiu. “Amigo de Yay-son morrer!”

O ogro pegou um punhado de terra do chão, que imediatamente se endureceram e viraram bolas de canhão de pedra.

A mente de Leo ficou branca. Ele enfiou a mão em seu cinto de ferramentas, mas ele não conseguia pensar em nada que o ajudaria. Ele supostamente deveria ser esperto — mas ele não conseguia pensar em nenhuma forma de escapar dessa.

Ótimo, ele pensou. Vou apelar pro estilo chama-da-glória.

Ele ficou em chamas, e gritou, “Hefesto!” e avançou contra o ogro sem nada nas mãos.

Ele nunca chegou lá.

Um borrão turquesa e preto brilhou atrás do ogro. Um vislumbre de uma lâmina de bronze fez um corte pra cima de um lado do ogro e um pra baixo do outro.

Seis largos braços caíram no chão, pedras rolando para fora de suas mão inúteis. O Gegenees olhou para baixo, muito surpreso. Ele murmurou, “Braços foram tchau-tchau.”

Então ele derreteu-se no chão.

Piper ficou ali, respirando pesado, sua adaga coberta de lama. Seu pai sentava numa beirada, atordoado e machucado, mas ainda vivo.

A expressão de Piper era feroz — quase maluca, como um animal severo. Leo estava feliz que ela estava do seu lado.

“Ninguém machuca meus amigos,” ela disse, e com um sentimento caloroso de repente, Leo percebeu que ela estava falando dele. Então ela gritou, “Vamos lá!”

Leo viu que a batalha ainda não havia acabado. Jason ainda estava lutando com o gigante Encélado — e não estava indo muito bem.

JASON

Traduzido por: [Marina](#)

QUANDO A LANÇA DE JASON QUEBROU, ele sabia que estava morto.

A batalha tinha começado suficientemente bem. Os instintos de Jason recuaram, e seu intestino lhe disse que ele já havia duelado com adversários quase tão grandes antes. Tamanho e força igualadas à lentidão, assim Jason só tinha de ser mais rápido — desgastar o adversário e evitar ser esmagado ou grelhado.

Ele rolou para longe da primeira lança do gigante e espetou no tornozelo de Encélado. O dardo de Jason conseguiu furar a pele grossa de dragão e *ichor* dourado — o sangue dos imortais — escorreu pelos pés com garras do gigante.

Encélado gritou de dor e soprou-lhe fogo. Jason afastou-se, rolando por trás do gigante, e atacou novamente atrás de seu joelho.

Foi desse jeito por alguns segundos, minutos — foi difícil de julgar. O ouvido de Jason captou todo o combate na clareira — equipamento de construção de moagem, o fogo rugindo, monstros gritando e quebrando pedras em metal. Ele ouviu Leo e Piper gritarem desafiadoramente, o que significa que eles ainda estavam vivos. Jason tentou não pensar nisso. Ele não podia se distrair.

A lança de Encélado não pegou ele por um milímetro. Jason continuou esquivando-se, mas seus pés estavam presos ao chão. Gaia foi ficando mais forte, e o gigante foi ficando mais rápido. Encélado podia ser lento, mas não era burro. Ele começou a antecipar os movimentos de Jason, os ataques de Jason iam apenas irritando-o, fazendo ele ficar mais enfurecido.

“Eu não sou um monstro pequeno,” berrou Encélado. “Eu sou um gigante, nascido para destruir os deuses! Seu palito de ouro não pode me matar, garoto.”

Jason não desperdiçou energia respondendo. Ele já estava cansado. O chão agarrrando seus pés, fazendo-o sentir como ele pesava uns cinquenta quilos a mais. O ar estava cheio de fumaça que ardia nos seus pulmões. Incêndios rugiam à sua volta, alimentado pelos ventos, a temperatura estava se aproximando ao calor de um forno.

Jason levantou o dardo para bloquear o próximo ataque do gigante — um grande erro. *Não se combate violência com violência*, uma voz repreendeu-o — a loba Lupa, quem havia dito há muito tempo. Ele conseguiu desviar a lança, mas ela atingiu o seu ombro e seu braço ficou dormente.

Ele apoiou-se, quase tropeçando em uma tora. Ele teve de adiar —para manter a atenção do gigante fixa nele, enquanto seus amigos lidavam com os Terrestres e salvavam o pai de Piper. Ele não poderia falhar.

Ele recuou, tentando levar o gigante até a beira da clareira. Encélado podia sentir o cansaço. O gigante sorriu, exibindo suas presas.

“O poderoso Jason Grace,” ele zombou. “Sim, nós sabemos sobre você, filho de Júpiter. Quem liderou o ataque do Monte Ótris. Aquele que, sozinho, matou o titã Krios e derrubou o trono negro.”

A mente de Jason bobinou. Ele não conhecia esses nomes, mas eles fizeram sua pele formigar, como se seu corpo lembrasse a dor e sua mente não.

“Do que você está falando?” perguntou ele. Ele percebeu seu erro quando Encélado cuspiu fogo.

Distraído, Jason movimentava-se muito lentamente. Houve uma explosão de lembranças, mas o calor queimava suas costas. Ele bateu no chão, suas roupas em chamas. Ele ficou cego de cinzas e fumaça, se debatendo enquanto tentava respirar.

Tentava ficar de pé com a lança do gigante carvada no chão entre seus pés.

Jason conseguiu ficar de pé.

Se ele conseguisse convocar uma explosão de raios — mas ele já estava drenado, e nesta condição, o esforço poderia matá-lo. Ele nem sequer sabia se electricidade prejudicaria o gigante.

A morte em combate é honrosa, disse a voz de Lupa.

Isso é realmente reconfortante, Jason pensou.

Uma última tentativa: Jason respirou fundo e atacou.

Encélado deixou-o se aproximar, sorrindo com antecipação. No último segundo, Jason fingiu um ataque e rolou entre as pernas do gigante. Ele subiu rapidamente, empurrando com toda sua força, pronto para apunhalar o gigante na parte de baixo das costas, mas Encélado antecipou o truque. Ele afastou-se com uma velocidade e agilidade grandes demais para um gigante, como se a Terra fosse ajudá-lo a se mover.

Ele jogou a lança para longe, pegou o dardo de Jason — e com um estalo como um tiro de espingarda, a arma de ouro se quebrou. A explosão foi mais quente do que a respiração do gigante, Jason foi cegado com a luz dourada. A força tremeu seus pés e o fez segurar o fôlego.

Quando voltou ao foco, ele estava sentado na borda de uma cratera. Encélado estava do outro lado, com o andar cambaleante e confuso. A destruição do dardo liberou tanta energia que tinha feito um buraco perfeito em forma de cone de nove metros de profundidade, fundindo a terra e rocha em uma substância escorregadia e transparente. Jason não tinha certeza de como ele sobreviveu, mas suas roupas estavam cozinhando. Ele estava sem energia. Ele não tinha arma. E Encélado ainda estava muito vivo.

Jason tentou se levantar, mas suas pernas pareciam chumbo. Encélado olhou para a destruição, então riu. “Impressionante! Infelizmente, esse foi o seu último truque, semideus.”

Encélado saltou da cratera em um único salto, pousou seus pés um de cada lado de Jason. O gigante levantou sua lança, sua ponta pairando a dois metros do peito de Jason.

“E agora,” disse Encélado, “meu primeiro sacrifício a Gaia!”

JASON

Traduzido por: [Marina](#)

O TEMPO PARECER DESACELERAR, O QUE FOI muito frustrante, já que Jason ainda não conseguia se mover. Ele se sentiu afundando na terra como se o terreno fosse um colchão d'água — confortável, instigando-o a relaxar e se entregar. Ele pensou se as histórias do submundo eram verdadeiras. Será que ele iria acabar nos Campos de Punição ou no Elísio? Se ele não conseguia lembrar de nenhum de seus atos, será que eles ainda contavam? Ele questionou se os juízes que levariam isso em consideração, ou se o seu pai, Zeus, iria escrever-lhe uma nota: “Por favor poupem Jason da condenação eterna. Ele teve amnésia.”

Jason não podia sentir seus braços. Ele podia ver a ponta da lança, vindo para o seu peito em câmera lenta. Ele sabia que deveria se mover, mas ele não conseguia fazê-lo. Engraçado, pensou ele. Todo esse esforço para se manter vivo e, em seguida, *bum*. Você apenas repousa, impotente, enquanto um gigante que cospe fogo lhe espeta.

Leo gritou, “Cuidado!”

Uma cunha de metal preto bateu em Encélado com um baque enorme. O gigante tombou e caiu na cova.

“Jason, levante-se!” Piper chamou. Sua voz energizou ele, tirando-o de seu entorpecimento. Sentou-se, sua cabeça girando, enquanto Piper agarrava seus braços e puxava a seus pés.

“Não morra em cima de mim,” ordenou. “Você *não* vai morrer em cima de mim.”

“Sim, senhora.” Ele sentia-se tonto, mas ela era a coisa mais linda que ele já tinha visto. Seu cabelo estava queimando sem chamas. Seu rosto estava manchado com fuligem. Ela tinha um corte no braço, o vestido fora rasgado, e estava faltando uma bocha. Linda.

Cerca de cem metros atrás dela, Leo estava em pé sobre um pedaço de equipamento de construção — uma coisa como um canhão com um único pistão maciço, a borda quebrada limpa.

Em seguida, Jason olhou para baixo na cratera e viu onde a outra extremidade do machado hidráulico tinha ido. Encélado estava lutando para subir, uma lâmina de machado do tamanho de uma máquina de lavar roupa presa em seu peitoral.

Surpreendentemente, o gigante conseguiu puxar a lâmina do machado. Ele gritou de dor e as montanhas tremeram. *Ichor* dourado enxarcou a frente de sua armadura, mas Encélado continuou. Tremendo, ele se abaixou e pegou sua lança.

“Boa tentativa.” O gigante estremeceu. “Mas eu não posso ser derrotado.”

Enquanto observavam, a armadura do gigante remendava-se, e o ichor parou de escorrer. Mesmo os cortes nas pernas do tamanho de dragões, que Jason tinha trabalhado tanto para formar, agora eram apenas cicatrizes pálidas.

Leo correu até eles, viu o gigante, e amaldiçoou. “O que há com esse cara? Morra!”

“Meu destino está predeterminado,” disse Encélado. “Gigantes não podem ser mortos por deuses ou heróis.”

“Só por ambos,” disse Jason. O sorriso do gigante vacilou, e Jason viu em seus olhos, algo como o medo. “É verdade, não é? Deuses e semideuses tem que trabalhar em conjunto para poder matá-lo.”

“Você não vai viver tempo suficiente para tentar!” O gigante começou a tropeçar na encosta da cratera, escorregando nas laterais.

“Alguém tem um deus à mão?” Leo perguntou.

O coração de Jason cheio de temor. Ele olhou para o gigante abaixo deles, lutando para sair da cova, e ele sabia o que tinha que fazer.

“Leo,” disse ele, “se você tem uma corda no seu cinto de ferramentas, deixe-a pronta.”

Ele pulou no gigante sem nenhuma arma, apenas suas mãos.

“Encélado!” Piper gritou. “Olhe para trás!”

Foi um truque óbvio, mas a voz dela era tão convincente, que até Jason olhou. O gigante disse, “O quê?” e virou-se como se houvesse uma enorme aranha em suas costas.

Jason atacou suas pernas no momento certo. O gigante perdeu o equilíbrio. Encélado bateu na cratera e deslizou para o fundo. Enquanto ele tentava subir, Jason colocou os braços ao redor do pescoço do gigante. Quando Encélado esforçou-se para ficar de pé, Jason tinha montado em seus ombros.

“Saia!” Encélado gritou. Ele tentou agarrar as pernas de Jason, mas Jason arranhou ao seu redor, se contorcendo e escalando nos cabelos do gigante.

Pai, Jason pensou. Se eu já fiz algo de bom, qualquer coisa que você aprovou, ajude-me agora. Eu ofereço a minha própria vida — basta salvar os meus amigos.

De repente, ele pôde sentir o cheiro metálico de uma tempestade. A escuridão engoliu o sol. O gigante congelou, ele estava sentindo também.

Jason gritou para seus amigos, “Se preparem!”

E cada fio de cabelo em sua cabeça se eriçou.

Crack!

Raios percorreram o corpo de Jason, e indo direto até Encélado, e na terra. O gigante endureceu novamente, e Jason caiu. Quando recuperou a sua visão, ele estava escorregando para baixo da cratera, e, a cratera se abriu em rachaduras. O raio dividiu o Monte em dois. A terra tremeu, e as pernas de Encélado deslizaram para o abismo. Ele se agarrou desesperadamente nas bordas do poço, e em só por um momento conseguiu segurar a vantagem, suas mãos trêmulas.

Ele se fixou em Jason com um olhar de ódio. “Você não ganhou nada, rapaz. Meus irmãos estão se erguendo, e eles são dez vezes mais fortes que eu. Vamos destruir os deuses em suas raízes! Você morrerá, e morrerá com Olimpo —”

O gigante perdeu o controle e caiu na fenda.

A terra tremeu. Jason caiu no abismo.

“Segure firme!” Leo gritou.

Os pés de Jason estavam à beira do abismo, quando ele pegou a corda, e Leo e Piper puxaram-no para cima.

Eles estavam juntos, exaustos e aterrorizados, e o abismo se fechando como uma boca com raiva. A terra parou de puxar seus pés.

Por ora, Gaia tinha ido embora.

O Monte estava em chamas. Saiu fumaça a centenas de metros no ar. Jason viu um helicóptero — talvez bombeiros ou repórteres — vindo na direção deles.

Em torno deles haviam muitos mortos. Os Terrestres tinham derretido em montes de barro, deixando para trás apenas seus mísseis de pedra e alguns pedaços desagradáveis de roupa, mas Jason imaginou que haveria uma reforma em breve. Equipamentos de construção em ruínas. O chão estava preto e cheio de cicatrizes. O Treinador Hedge

começou a se mexer. Sentou-se com um gemido e coçou a cabeça. Sua calça amarelo-canário estava agora com a cor de mostarda de Dijon misturado com lama.

Ele piscou e olhou em volta para a cena de batalha. “Eu fiz isso?” Antes de Jason pudesse responder, Hedge pegou o clube e chacoalhou seus pés. “Sim, vocês queriam um casco? Eu lhes darei alguns cascos, bolinhos! Quem é o bode, hein?”

Ele fez uma pequena dança, chutando pedras e fazendo o que provavelmente foram gestos rudes de um sátiro na pilha de barro.

Leo esboçou um sorriso, e Jason não poderia deixar de ajudá-lo — ele começou a rir. Muito provável que tenha soado um pouco histérico, mas foi um alívio por estar vivo que ele não se importou.

Então, um homem se levantou em toda a clareira. Tristan McLean cambaleou para a frente. Seus olhos estavam vazios, alguém em estado de choque, como quem tinha acabado de andar no meio de um deserto nuclear.

“Piper?” chamou. Sua voz falhou. “Pipes, o que — o que é —”

Ele não pôde concluir o pensamento. Piper correu até ele e o abraçou com força, mas ele quase não parecia conhecê-la.

Jason havia se sentido assim, naquela manhã no Grand Canyon, quando ele acordou sem memória. Mas o Sr. McLean tinha o problema oposto. Ele tinha muitas lembranças, muitos traumas, que sua mente simplesmente não podia guardar. Ele estava desmoronando.

“Precisamos tirá-lo daqui,” disse Jason.

“Sim, mas como?” Leo disse. “Ele está sem nenhuma condição de andar.”

Jason olhou para o helicóptero, que estava circulando por cima.

“Você pode nos dar um megafone ou algo assim?” ele perguntou a Leo. “Piper tem algumas coisas para dizer.”

PIPER

Traduzido por: [Lauren](#)

EMPRESTAR UM HELICÓPTERO ERA FÁCIL... Colocar seu pai a bordo de um não.

Piper precisou apenas de algumas palavras através do megafone improvisado de Leo para convencer a piloto a pousar no Monte. O Serviço de Helicóptero do Parque era grande o suficiente para evacuações médicas ou busca e salvamento, e quando Piper disse para simpática senhora guarda-florestal que seria uma ótima ideia voarem até o Aeroporto Oakland, ela rapidamente concordou.

“Não,” seu pai murmurou, assim que o pegaram do chão. “Piper, o que — havia monstros — havia monstros —”

Ela precisava da ajuda de Leo e Jason para segurá-lo, enquanto Treinador Hedge reunia os suprimentos deles. Felizmente Hedge colocou suas calças e sapatos de volta, então Piper não teria que explicar sobre as pernas de bode.

Partia o coração de Piper para ver seu pai assim, empurrado para além o limite, chorando como um garotinho. Ela não sabia o que o gigante fez com ele exatamente, como os monstros tinham destruído seu espírito, mas ela não achava que poderia ficar para descobrir.

“Vai ficar tudo bem, pai,” ela disse, fazendo sua voz ficar tão calma quanto o possível. Ela não queria usar o encantamento em seu próprio pai, mas parecia o único jeito. “Essas pessoas são meus amigos. Nós vamos te ajudar. Você está seguro agora.”

Ela piscou, e olhou para os rotores do helicóptero. “Lâminas. Eles têm uma máquina com tantas lâminas. Eles têm seis braços...”

Quando eles atingiram as portas do compartimento, a piloto veio para ajudar. “O que há de errado com ele?” ela perguntou.

“Inalação de fumaça,” Jason sugeriu. “Ou exaustão de calor.”

“Nós temos que levá-lo a um hospital,” a piloto disse.

“Está tudo bem,” Piper disse. “O aeroporto é bom.”

“É, o aeroporto é bom,” a piloto concordou imediatamente. Então ela franziu o cenho, como se não tivesse certeza do por que ela ter mudado de ideia. “Esse não é Tristan McLean, a estrela de cinema?”

“Não,” Piper disse. “Ele apenas se parece com ele. Esqueça isso.”

“É,” a piloto disse. “Apenas se parece com ele. Eu —” Ela pestanejou, confusa. “Eu esqueci o que eu estava dizendo. Vamos continuar.”

Jason ergueu as sobrancelhas para Piper, obviamente impressionado, mas Piper se sentia miserável. Ela não queria bagunçar as mentes das pessoas, convencendo-as a fazer coisas que elas não acreditavam. Se sentia tão mandona, tão *errada* — como Drew seria quando voltasse ao acampamento, ou como Medeia em seu *shopping* demoníaco. E como ela poderia ajudar seu pai? Ela não poderia convencê-lo que estava tudo bem, ou que isso nunca aconteceu. Seu trauma foi muito profundo.

Finalmente o tinham a bordo, e o helicóptero decolou. A piloto continuou recebendo perguntas em seu rádio, perguntou onde ela estava indo, mas ela ignorava. Eles se afastaram do Monte ardente e foram em direção a Berkeley Hills.

“Piper.” Seu pai agarrou sua mão e a segurou como se tivesse medo de cair. “É você? Eles me falaram — eles me falaram que você seria morta. Eles disseram... coisas horríveis do que iria acontecer.”

“Sou eu, pai.” Ela usou toda a sua força de vontade para não chorar. Ela tinha que ser forte para ele. “Tudo vai ficar bem.”

“Eles eram monstros,” ele disse. “Monstros reais. Espíritos da terra, exatamente como as histórias de seu avô Tom — e a Mãe Terra está com raiva de mim. E o gigante, Tsul’kälû, respirando fogo —” Ele focalizou Piper novamente, seus olhos como vidro quebrado, refletindo um maluco tipo de luz. “Eles disseram que você era um semideus. Sua mãe era...”

“Afrodite,” Piper disse. “Deusa do amor.”

“Eu — eu —” Ele tomou fôlego, então pareceu esquecer como exalar.

Os amigos de Piper tiveram o cuidado de não assistir. Leo brincava com uma porca tirada de seu cinto de ferramentas. Jason olhava para o vale abaixo — os carros dos mortais parados nas estradas olhando para o Monte ardendo em chamas. Gleeson mastigava o topo de seu cravo, e pela primeira vez o sátiro não olhava com vontade de gritar ou se vangloriar-se.

Tristan McLean não deveria ser visto ali. Ele era uma estrela. Ele era confiante, elegante e suave, sempre no controle. Essa era a imagem pública que ele projetava. Pi-

per já tinha visto essa imagem vacilar antes. Mas aquilo era diferente. Agora ele estava quebrado, desesperado.

“Eu não sabia sobre a mamãe,” Piper falou para ele. “Não até você ser raptado. Quando nós descobrimos onde você estava, nós viemos imediatamente. Meus amigos me ajudaram. Ninguém vai te machucar outra vez.”

Seu pai não conseguia parar de tremer. “Vocês são heróis — você e seus amigos. Eu não posso acreditar nisso. Vou é uma heroína verdadeira, não como eu. Não fazer um papel. Estou muito orgulhoso de você, Pipes.” Mas as palavras foram murmuradas indiferentes, como em um semi-transe.

Ele olhou para o vale abaixo, e seu controle na mão de Piper aliviou. “Sua mão nunca me disse.”

“Ela pensou que era o melhor.” Parecia imperfeito, mesmo para Piper, e nenhuma quantidade de encantamento poderia mudar isso. Mas ela não falou para seu pai do que Afrodite realmente se preocupava: *Se ele tiver que gastar o resto de sua vida com aquelas memórias, sabendo que deuses e espíritos andam na terra, isso irá despedaçá-lo.*

Piper sentiu algo dentro de seu bolso, o frasco estava lá, se aquecendo ao seu toque.

Mas como ela poderia apagar a memória dele? Seu pai finalmente sabia o que ela era. Ele estava orgulhoso dela, e pela primeira vez ela era uma heroína, não o contrário. Ele nunca iria mandá-la de volta agora. Eles compartilhariam um segredo.

Como ela poderia voltar para o jeito que as coisas eram?

Ela segurou sua mão, falando para ele sobre coisas pequenas — seu tempo na Wilderness School, seu chalé no Acampamento Meio-Sangue. Ela contou a ele sobre como o Treinador Hedge comia cravos e tinha batido seu bumbum no Monte Diablo, como Leo domesticou um dragão, como Jason tinha feito lobos se retirarem falando em latim. Seus amigos sorriram com relutância, ao relatar suas aventuras. Seu pai parecia relaxar enquanto ela falava, mas ele não sorria. Piper não tinha certeza se ele a escutava.

Enquanto eles passaram sobre as colinas ao leste da baía, Jason ficou tenso. Ele se inclinou para longe da Porta que Piper tinha medo de ele cair.

Ele apontou. “O que é aquilo?”

Piper olhou para baixo, mas ela não viu nada de interessante — apenas colinas, florestas, casas, pequenas estradas que serpenteavam através dos desfiladeiros. Uma rodovia atravessava um túnel nas montanhas, ligando a baía do leste com as cidades do interior.

“Onde?” Piper perguntou.

“Essa estrada,” ele disse. “A única que atravessa as colinas.”

Piper pegou o capacete que a piloto havia lhe dado e transmitiu uma pergunta. A resposta não foi muito emocionante.

“Ela disse que essa é a Rodovia 24,” Piper reportou. “Esse é o Túnel Caldecott. Por quê?”

Jason olhou fixamente para a entrada do túnel, mas ele não disse nada. Ele desapareceu de vista enquanto eles voaram para Oakland, mas Jason continuou olhando à distância, sua expressão tão confusa quanto a do pai de Piper.

“Monstros,” seu pai disse, uma lágrima caindo sobre sua bochecha. “Eu vivo em um mundo de monstros.”

PIPER

Traduzido por: [Lauren](#)

O CONTROLE DE TRÁFEGO AÉREO NÃO QUERIA deixar um helicóptero não programado pousar no Aeroporto de Oakland, até Piper ir ao rádio. Em seguida, ele pousou sem nenhum problema.

Eles desembarcaram no asfalto, e todos olharam para Piper.

“E agora?” Jason perguntou para ela.

Ela se sentia desconfortável. Ela não queria ser responsável, mas pelo seu pai, ela tinha que parecer confiante. Ela não tinha nenhum plano. Ela tinha acabado de se lembrar que ele já tinha voado até Oakland, o que significava que seu avião privado poderia estar ali. Mas hoje era o solstício. Eles tinham que salvar Hera. Eles não tinham ideia para onde ir ou se eles chegariam tarde demais. E como ela poderia abandonar seu pai nessa condição?

“Primeira coisa,” ela disse. “Eu — eu tenho que levar meu pai para casa. Meu desculpem, rapazes.”

Suas expressões morreram.

“Ah,” Leo disse. “Quer dizer, absolutamente. Ele precisa de você agora. Nós podemos ir a partir daqui.”

“Pipes, não.” Seu pai estava sentado na porta do helicóptero, com um cobertor sobre seus ombros. “Você tem uma missão. Uma busca. Eu não posso —”

“Eu vou cuidar dele,” disse o Treinador Hedge.

Piper olhou para ele. O sátiro era a última pessoa que ela esperava que fosse se oferecer. “Você?” ela perguntou.

“Eu sou um protetor,” Gleeson disse. “Esse é o meu trabalho, e não luta.”

Ele parecia um pouco cabisbaixo, e Piper percebeu que talvez ela não devesse ter contado como ele ficou inconsciente na última batalha. Do seu jeito, talvez o sátiro fosse tão sensível quanto o pai dela.

Então Hedge enrubesceu, e seu maxilar se contraiu. “Claro, eu sou bom em uma luta, também.” Ele olhou para todos, desafiando-os a discutir.

“Sim,” Jason disse.

“Aterrorizante,” Leo concordou.

O treinador grunhiu. “Mas eu sou um protetor, e eu posso fazer isso. Seu pai tem razão, Piper. Você precisa continuar com a busca.”

“Mas...” Os olhos de Piper ardiam, como se ela estivesse de volta ao incêndio na floresta. “Pai...”

Ele estendeu seus braços, e ela o abraçou. Ele se sentia frágil. Ele estava muito trêmulo, e isso a assustou.

“Vamos dar um minuto a eles,” Jason disse, e levaram a piloto a poucos metros abaixo no asfalto.

“Eu não posso acreditar nisso,” seu pai disse. “Eu falhei com você.”

“Não, pai!”

“As coisas que eles fizeram, Piper, as visões que eles me mostraram...”

“Pai, escute.” Ela pegou o frasco de seu bolso. “Afrodite me deu isso, pra você. Isso vai tirar suas memórias recentes. Isso vai fazer com que isso nunca aconteceu.”

Ele olhou pasmo para ela, como se estivesse traduzindo suas palavras de uma língua estrangeira. “Mas você é uma heroína. Eu posso esquecer isso?”

“Sim,” Piper sussurrou. Ela forçou um tom confiante em sua voz. “Sim, você pode. Vai ser como — como antes.”

Ele fechou seus olhos e respirou profundamente. “Eu te amo, Piper. E sempre amei. Eu — eu te enviei para longe porque eu não queria você exposta à minha vida. Não do jeito que eu cresci — na pobreza, na desesperança. Não na loucura que Hollywood quer. Eu pensei — eu pensei que estava protegendo você.” Ele conseguiu dar um sorriso frágil. “Como se sua vida sem mim fosse melhor, ou mais segura.”

Piper pegou sua mão. Ela já tinha o ouvido falar de protegê-la antes, mas ela nunca acreditava nisso. Ela sempre pensou que ele estava apenas racionalizando. Seu pai parecia tão confiante e tranquilo, como se sua vida fosse um passeio na felicidade. Como ele podia afirmar que ela precisava de proteção desse jeito?

Finalmente Piper entendeu que ele estava agindo pelo benefício dela, tentando não mostrar como seu medo e insegurança eram. E como sua habilidade para lidar com isso havia sido destruída.

Ela ofereceu o frasco para ele. “Pegue isso. Talvez um dia estejamos prontos para falar sobre isso novamente. Quando você estiver pronto.”

“Quando eu estiver pronto,” ele murmurou. “Você faz parecer que, como eu sou o único a crescer. Eu devia ser o pai.” Ele pegou o frasco. Seu olhos brilhavam com uma pequena expectativa desesperada. “Eu te amo, Pipes.”

“Eu te amo também, pai.”

Ele bebeu o líquido rosa. Seus olhos viraram em sua cabeça e ele caiu para frente. Piper o pegou, e seus amigos correram para ajudar.

“Eu pego ele,” Hedge disse. O sátiro tropeçou, mas ele era forte o suficiente para segurar Tristan McLean de pé. “Eu já pedi para seu amiguinho guarda-florestal chamar seu avião. Está a caminho agora. Endereço de casa?

Piper estava prestes a lhe dizer. Então uma ideia lhe ocorreu. Ela vasculhou o bolso do pai, e seu BlackBerry ainda estava lá. Parecia estranho ele ter algo tão normal, pelo que ele tinha passado, mas supôs que Encélado não tinha visto nenhum motivo para pegá-lo.

“Qualquer coisa aqui,” Piper disse. “Endereço, o número de seu chofer. Apenas preste atenção em Jane.”

Os olhos de Hedge se iluminaram, como se pressentisse uma possível luta. “Quem é Jane?”

Até a hora de Piper explicar, seu lustroso Golfo Stream branco havia taxiado próximo ao helicóptero.

Hedge e o comissário de bordo conseguiram colocar o pai de Piper a bordo. Então Hedge desceu pela última vez para dizer adeus. Ele deu a Piper um abraço e olhou para Jason e Leo. “Vocês bolinhos vão cuidar dessa garoto, ouviram? Ou eu vou fazer vocês fazerem flexões.”

“Claro, treinador,” Leo disse, puxando um sorriso na boca.

“Sem flexões,” Jason prometeu.

Piper deu ao velho sátiro mais um abraço. “Obrigada, Gleeson. Cuide bem dele, por favor.”

“Eu vou fazer isso, McLean,” ele sussurrou para ela. “Eles tem cerveja e enchi-ladas vegetarianas nesse vôo, e cem por cento de guardanapos de linha — iupi! Eu poderia me acostumar com isso.”

Trotando na escada, ele perdeu um sapato, e seu casco ficou visível por apenas um segundo. Os olhos da comissária de bordo se alargaram, mas ela olhou em volta e fingiu que nada estava errado. Piper imaginou que ela já deveria ter visto coisas estranhas, trabalhando para Tristan McLean.

Quando o avião estava subindo, Piper começou a chorar. Ela estava se segurando há muito tempo e não conseguia mais segurar. Antes que ela percebesse, Jason a estava abraçando, e Leo estava desconfortavelmente perto, puxando Kleenex de seu cinto de ferramentas.

“Seu pai está em boas mãos,” Jason disse. “Você foi incrível.”

Ela chorou em sua camisa. Ela deixou se segurar por seis respirações profundas. Sete. Então ela não podia ser indulgente com ela mesma mais.

Eles precisavam dela. A piloto do helicóptero estava pronta parecendo desconfortável, como se estivesse começando a se perguntar por que ela tinha voado até ali.

“Obrigada, rapazes,” Piper disse. “Eu —”

Ela queria dizer a eles o quanto significavam para ela. Eles sacrificaram tudo, talvez até mesmo a busca, para ajudá-la. Ela não poderia reembolsar, nem mesmo colocar gratidão nas palavras. Mas a expressão de seus amigos falavam para ela que eles entendiam.

Então, ao lado de Jason, o ar começou a brilhar. Piper pensou que era o calor da pista, ou talvez fumaça do gás do helicóptero, mas ela tinha visto algo assim antes, na fonte de Medeia. Era uma mensagem de Íris. Uma imagem apareceu no ar com uma menina de cabelos escuros com uma fita prata camuflada em seu cabelo, segurando um arco.

Jason cambaleou para trás, surpreso. “Thalia!”

“Graças aos deuses,” disse a Caçadora. A cena atrás dela era difícil de descrever, mas Piper ouviu gritos, metal colidindo com metal, e explosões.

“Nós temos que encontrá-la,” Thalia disse. “Onde você está?”

“Oakland,” ele disse. “Onde você está?

“Na Casa dos Lobos! Oakland é boa; você não está muito longe. Estamos impedindo os asseclas do gigante, mas não podemos aguentar por muito tempo. Cheguem aqui antes do pôr-do-sol, ou estará tudo acabado.”

“Então nós não estamos muito atrasados?” Piper chorou. A esperança surgiu ne-la, mas a expressão de Thalia rapidamente amorteceu.

“Ainda não,” disse Thalia. “Mas Jason — é pior do que percebi. Porfírio está se erguendo. Rápido.”

“Mas onde é a Casa dos Lobos?” ele invocou.

“Nossa última viagem,” disse Thalia, sua imagem começando a cintilar. “O parque. Jack London. Lembra?

Aquilo não fazia sentido para Piper, mas Jason parecia que tinha entendido. Ele cambaleou, seu rosto pálido, e a mensagem desapareceu.

“Mano, você está bem?” Leo perguntou. “Você sabe onde ela está?”

“Sim,” Jason disse. “Vale de Sonoma. Não muito longe. Não pelo ar.”

Piper voltou-se para a guarda-florestal piloto, que vinha assistido tudo com a ex-pressão cada vez mais intrigada.

“Senhora,” Piper disse com seu melhor sorriso. “Você não se importa em nos ajudar mais uma vez, não é?”

“Eu não me importo,” a piloto disse concordando.

“Nós não podemos levar um mortal para a batalha,” Jason disse. “É muito perigoso.” Virou-se para Leo. “Você acha que poderia voar naquela coisa?”

“Hã...” A expressão de Leo não estava exatamente tranquilizando Piper. Mas então ele colocou sua mão ao lado do helicóptero, muito concentrado, como se estivesse ouvindo a máquina.

“Helicóptero utilitário Bell 412HP,” Leo disse. “Composto por 4 hélices no centro do rotor, na velocidade de um cruzeiro de vinte e dois nós, teto de serviço de vinte mil pés. O tanque está quase cheio. Claro, eu posso voar nisso.”

Piper sorriu para a guarda-florestal novamente. “Você não tem problema com garotos menores de idade não licenciados emprestando o seu helicóptero, não é? Nós vamos voltar com ele.”

“Eu —” A piloto quase se engasgou com as palavras, mas ela colocou para fora: “Eu não tenho problema com isso.”

Leo sorriu. “Pulem dentro, crianças. Tio Leo vai levá-los a um passeio.”

L E O

Traduzido por: [Davi](#)

PILOTAR UM HELICÓPTERO? CLARO, POR QUE NÃO. Leo já tinha feito coisas mais malucas essa semana.

O sol estava se pondo enquanto voavam para o norte sobre a Ponte Richmond, E Leo não conseguia acreditar que o dia tinha se passado tão rapidamente. Mai uma vez, nada como TDAH e uma boa luta com a morte para fazer o tempo voar.

Pilotando o helicóptero, ele ia e voltava entre confiança e pânico. Se ele não pensasse nisso, ele se achava automaticamente apertando os botões certos, verificando o altímetro, mexendo no controle suavemente, e voando reto. Se ele se permite considerar o que estava fazendo, ele começava a entrar em pânico. Imaginou sua Tia Rosa gritando com ele em espanhol, falando que ele era um delinquente lunático que iria se espatifar e queimar. Parte dele suspeitava que ela estivesse certa.

“Indo bem?” Piper perguntou do assento do copiloto. Ela soava mais nervosa que ele, então Leo fez uma cara de corajoso.

“Moleza,” ele disse. “Então, o que é a Casa dos Lobos?”

Jason se ajoelhou entre seus lugares. “É uma mansão abandonada no Vale de Sonoma. Um semideus a construiu — Jack London.”

Leo não conseguia localizar o nome. “Ele é um ator?”

“Escritor,” Piper disse. “Coisas de aventura, certo? Chamado Selvagem? Caninos brancos?”

“Aham,” Jason disse. “Ele era filho de Mercúrio — quero dizer, Hermes. Ele era um aventureiro, viajava ao redor do mundo. Ele foi um vagabundo por um tempo. Depois ele fez uma fortuna escrevendo. Comprou um rancho grande no país e decidiu construir essa mansão enorme — a Casa dos Lobos.”

“Ele a chamou disso por que ele escreveu sobre lobos?” Leo adivinhou.

“Parcialmente,” Jason disse. “Mas o lugar, e a razão que ele escreveu sobre lobos — ele estava deixando pistas sobre sua experiência pessoal. Tem um monte de bu-

racos na história da sua vida — como ele nasceu, quem era seu pai, porque ele viajava tanto pelo mundo — coisas que você só consegue explicar se você soubesse que ele era um semideus.”

A baía passou debaixo deles, e o helicóptero continuou indo para o norte. A frente deles, morros amarelos apareciam na medida em que Leo podia ver.

“Então Jack London foi para o Acampamento Meio-Sangue,” Leo adivinhou.

“Não,” Jason disse. “Não, ele não foi.”

“Cara, você está me enlouquecendo com essa conversa misteriosa. Você está se lembrando do seu passado ou não?”

“Pedaços,” Jason disse. “Só pedaços. Nenhum deles bom. A Casa dos Lobos está em solo sagrado. É onde Jack London começou sua jornada como criança — onde ele descobriu que era um semideus. É por isso que ele voltou para lá. Ele pensou que podia viver lá, reivindicar a terra, mas não era para ele. A Casa dos Lobos estava amaldiçoada. Incendiou uma semana antes que ele e sua esposa iriam supostamente se mudar para lá. Alguns anos depois London morreu, e suas cinzas foram queimadas no local.”

“Então,” Piper disse, “como você sabe tudo isso?”

Uma sombra cruzou a cara de Jason. Provavelmente uma nuvem, mas Leo podia jurar que o formato parecia a de uma águia.

“Eu comecei minha jornada lá também,” Jason disse. “É um lugar poderoso para semideuses, um lugar perigoso. Se Gaia puder reclamá-la, usar seu poder para prender Hera no solstício de inverno e reerguer Porfírio — isso poderia ser suficiente para acordar a deusa da terra completamente.”

Leo deixou sua mão no controle, guiando o helicóptero a velocidade máxima — correndo em frente para o norte. Ele podia ver um pouco do tempo a frente — um ponto de negrume como um amontoado de nuvens ou uma tempestade, bem em cima de onde estavam indo.

O pai da Piper o chamou de herói mais cedo. E Leo não conseguia acreditar em algumas coisas que tinha feito — esmagando ciclopes, desarmando campainhas explosivas, batalhando contra ogros de seis braços com equipamento construído. Parecia que tinha acontecido com outra pessoa. Ele era apenas Leo Valdez, uma criança órfã de Houston. Ele gastou a sua vida fugindo, e parte dele ainda queria fugir. O que ele estava pensando, voando para uma mansão amaldiçoada para lutar contra mais monstros maus?

A voz de sua mãe ecoou na sua cabeça: *Tudo pode ser consertado.*

Exceto o fato que você foi para sempre, Leo pensou.

Ver Piper e seu pai juntos novamente tinha realmente o dirigido para esses pensamentos. Mesmo se Leo sobreviver essa missão e salvar Hera, Leo não teria nenhuma reunião feliz. Ele não estaria voltando para uma família amorosa. Ele não iria ver sua mãe.

O helicóptero estremeceu, metal estalou, e Leo podia imaginar que o barulho era código Morse: *Não é o fim. Não é o fim.*

Ele subiu o helicóptero, e o barulho parou. Ele só estava ouvindo coisas. Ele não podia pensar na sua mãe, ou a ideia continuaria atormentando ele — que Gaia estava trazendo almas de volta do Mundo Inferior — então por que ele não podia fazer vir algo de bom nisso? Pensar desse jeito iria deixá-lo louco. Ele tinha um trabalho a fazer.

Ele deixou seus instintos assumirem — apenas pilotar o helicóptero. Se ele pensasse na missão muito, ou o que aconteceria depois, ele entraria em pânico. O truque era não pensar — apenas fazer.

“Faltam trinta minutos,” ele contou para seus amigos, mas ele não tinha certeza como sabia disso. “Se vocês querem descansar um pouco, agora é uma boa hora.”

Jason voltou para o final do helicóptero e dormiu quase imediatamente. Piper e Leo continuaram ainda bem acordados.

Depois de alguns minutos embarracosos, Leo disse, “O seu pai vai ficar bem, você sabe. Ninguém vai mexer com ele com um bode louco por volta.”

Piper olhou para ele, e Leo pensou o quanto ela tinha mudado. Não apenas fisicamente. A sua presença estava mais forte. Ela parecia mais... *aqui*. Na Wilderness School ela gastou o semestre tentando não ser vista, se escondendo no final da fileira das carteiras da classe, no final do ônibus, no canto do refeitório o mais distante possível de crianças barulhentas. Agora era impossível de perdê-la. Não importava o que estivesse vestindo — você *tinha* que olhar para ela.

“Meu pai,” ela disse pensativa. “Aham, eu sei. Eu estava pensando sobre Jason. Estou preocupada com ele.”

Leo assentiu. Quanto mais se aproximavam do amontoado de nuvens escuras, mais Leo ficava preocupado também. “Ele está começando a se lembrar. Isso pode o fazer ficar um pouco confuso.”

“Mas e se... e se ele for uma pessoa diferente?”

Leo pensava a mesma coisa. Se a Névoa podia afetar as suas memórias, a personalidade do Jason poderia ser uma ilusão também? Se o seu amigo não fosse seu amigo,

e eles estavam indo para uma mansão amaldiçoada — um lugar perigoso para semideuses — o que aconteceria se toda a memória de Jason voltasse de uma vez no meio da batalha?

“Não,” Leo decidiu. “Depois de tudo o que passamos? Eu não consigo ver isso. Nós somos um time. Jason pode suportar.”

Piper alisou seu vestido azul, que estava rasgado e queimado da luta deles no Monte Diablo. “Eu espero que você esteja certo. Eu preciso dele...” Ele limpou a garganta. “Quero dizer, eu preciso acreditar nele...”

“Eu sei,” Leo disse. Depois de ver seu pai arruinado, Leo entendeu, Piper não podia perder Jason também. Ela tinha acabado de ver Tristan McLean, seu pai, astro de cinema, legal e calmo, reduzido a quase a insanidade. Leo mal podia suportar a assistir a isto, mas e a *Piper* — Nossa, Leo não podia nem sequer imaginar. Ele figurou se isso a faria ficar insegura de si mesma também. Se a fraqueza foi herdada, ela estaria pensando, será que ela poderia desmoronar como o seu pai?

“Ei, não se preocupe,” Leo disse. “Piper, você é a mais forte, mais poderosa rainha da beleza que eu já conheci. Você pode contar consigo mesma. E para o pior, você pode contar comigo também.”

O helicóptero caiu em um vento cortante, e Leo se sobressaltou. Ele praguejou e endireitou o helicóptero.

Piper riu nervosa. “Contar contigo, hein?”

“Ah, cala a boca, tudo resolvido.” Mas ele sorriu para ela, e por um segundo, ele sentiu como se estivesse relaxando confortavelmente com um amigo.

Então eles atingiram as nuvens de tempestade.

L E O

Traduzido por: [Davi](#)

NO COMEÇO, LEO PENSOU QUE AS ROCHAS ESTAVAM caindo no pára-brisas. Então ele percebeu que era granizo. Gelo começou a aparecer nas bordas do vidro, e ondas lamacentas de gelo apagaram a sua visão.

“Uma tempestade de gelo?” Piper gritou mais alto que as hélices e o vento. “É para ser tão frio assim em Sonoma?”

Leo não tinha certeza, mas alguma coisa nessa tempestade parecia consciente, malévola — como se intencionalmente estivesse castigando eles.

Jason acordou rapidamente. Ele inclinou para frente, agarrando os assentos deles para se equilibrar. “Nós devemos estar chegando mais perto.”

Leo estava muito ocupado lutando contra o controle para responder. De repente não estava tão fácil pilotar o helicóptero. Seus movimento se tornaram lentos e bruscos. A máquina inteira estremeceu no vento de gelo. O helicóptero provavelmente não tinha sido preparado para voar em tempo frio. Os controles se recusavam a responder. E eles começaram a perder altitude.

Abaixo deles, o chão era uma colcha escura de árvores e nevoeiro. O cume de um monte apareceu na frente deles e Leo puxou o controle, raspando nas copas das árvores.

“Ali!” Jason gritou.

Um vale pequeno abriu-se para eles, com uma forma escura de um edifício no meio. Leo destinou o helicóptero diretamente para ele. Em toda volta deles tinha lampiços de luz que lembrou Leo do fogo marcador no complexo do Midas. Árvores estalaram e explodiram nas bordas da clareira. Sombras moveram-se através do nevoeiro. Combates pareciam estar em todos os lugares.

Ele desceu o helicóptero para um campo de gelo a uns cinquenta metros da casa e desligou o motor. Ele estava prestes a relaxar quando ouviu um silvo e viu uma sombra escura indo rapidamente em direção deles fora do nevoeiro.

“Saiam!” Leo gritou.

Eles saltaram do helicóptero e mau saíram debaixo das hélices antes de um massivo *BUM* tremer a terra, derrubando Leo e jogando gelo nele.

Ele levantou tremendo e viu a maior bola de neve do mundo — um amontoado de neve, gelo, e sujeira do tamanho de uma garagem — tinha achatado completamente o Bell 412.

“Você está bem?” Jason correu para ele com Piper do seu lado. Os dois pareciam bem exceto pelo fato de estarem cobertos de neve e lama.

“Sim.” Leo estremeceu. “Acho que devemos àquela pilota um novo helicóptero.”

Piper apontou para o sul. “As lutas estão por ali.” Depois ela franziu a testa. “Não... está a nossa volta.”

Ela estava certa. O som de combate atravessou todo o vale. A neve e a neblina fez com que ficasse difícil dizer, mas parecia haver um círculo de lutas em toda a volta da Casa dos Lobos. Atrás deles assomava a casa dos sonhos de Jack London — uma ruína massiva de pedras vermelhas e cinzas e vigas de madeira rústica. Leo podia imaginar como era antes de incendiar — uma combinação de uma casa de madeira e castelo, como uma casa de um lenhador bilionário poderia construir. Mas na neblina e no granizo, o lugar parecia solitário e assombrado. Leo podia acreditar totalmente que as ruínas eram amaldiçoadas.

“Jason!” a voz de uma garota chamou.

Thalia apareceu na neblina, a sua jaqueta coberta de neve. O seu arco estava na sua mão, e sua aljava estava quase vazia. Ela correu para encontrá-los, mas ela só deu alguns passos antes de um ogro de seis braços—um dos Terrestres—apareceu da tempestade atrás dela, um porrete erguido em cada mão.

“Cuidado!” Leo gritou. Eles se apressaram para ajudar, mas Thalia tinha tudo sobre controle. Ele se lançou num mortal, atirando uma flecha enquanto ela articulava como uma ginasta e aterrissou em um posição abaixada. O ogro conseguiu uma flecha de prata bem no meio do seus olhos e derreteu em uma pilha de pó.

Thalia levantou e recuperou a flecha, mas a ponta tinha saído. “Essa era a minha última flecha.” Ela chutou a pilha de pó ressentida. “Ogro estúpido.”

“Belo tiro, aliás,” Leo disse.

Thalia ignorou ele como sempre (o que sem dúvida queria dizer que ela pensava que ele era legal como sempre). Ela abraçou Jason e acenou para Piper. “Bem na hora.

Minhas Caçadoras estão cobrindo um perímetro em volta da mansão, mas vamos ser sobrepujados a qualquer minuto.”

“Por Terrestres?” Jason perguntou.

“*E lobos — servidores de Licaão.*” Thalia tirou um pedaço de gelo do seu nariz. “*Espíritos de tempestade —*”

“Mas nós o entregamos para Aeolus!” Piper protestou.

“Que tentou matar a gente,” Leo a lembrou. “Talvez ele esteja ajudando Gaia de novo.”

“Eu não sei,” Thalia disse. “Mas os monstros continuam reformando quase tão rápido quanto conseguimos matá-los. Nós pegamos a Casa dos Lobos sem problemas: surpreendemos os guardas e o mandamos direto para o Tártaro. Mas então, essa tempestade de neve maluca apareceu. Onda após onda de monstros começaram a atacar. Agora estamos cercados. Eu não sei quem ou o que está liderando o assalto, mas acho que planejaram isso. Era uma armadilha para matar qualquer um que tentasse salvar Hera.”

“Onde ela está?” Jason perguntou.

“Lá dentro,” Thalia disse. “Nós tentamos salvar ela, mas não temos ideia de como quebrar a prisão. São só alguns minutos até o pôr-do-sol. Hera acha que esse o momento que Porfírio vai renascer. Além disso, maior parte dos monstros são mais fortes de noite. Se nós não salvarmos Hera logo —”

Ela não precisava terminar.

Leo, Jason e Piper a seguiram para a mansão arruinada.

Logo que Jason atravessou a soleira da porta, ele caiu.

“Ei!” Leo segurou ele. “Sem essa, cara. Qual é o problema?”

“Esse lugar...” Jason balançou a cabeça. “Desculpa... voltou para mim rápido.”

“Então você *esteve* aqui,” Piper disse.

“Nós dois estivemos,” Thalia disse. Sua expressão estava sombria, como se estivesse revivendo a morte de alguém. “É aqui que minha mãe nos trouxe quando Jason era uma criança. Ela o deixou aqui, e me disse que estava morto. Ele simplesmente desapareceu.”

“Ela me deu para os lobos,” Jason murmurou. “Por causa da insistência de Hera. Ela me deu para Lupa.”

“Essa parte eu não sabia.” Thalia franziu a testa. “Quem é Lupa?”

Uma explosão balançou o edifício. Lá fora, uma nuvem de cogumelos azuis subia para cima, chovendo flocos de neve e gelo, como uma explosão nuclear feita de frio ao invés de calor.

“Talvez não seja o momento para perguntas,” Leo sugeriu. “Mostre-nos a deusa.”

Uma vez dentro, Jason parecia ter se recuperado. A casa era construída em um gigante **U**. E Jason liderou eles entre as duas partes para um jardim de fora com uma tanque refletindo vazia. No fundo da tanque, assim como Jason havia descrito a partir do seu sonho, duas espirais de pedra e raízes quebravam através da fundação.

Uma das espirais era muito maior — uma massa escura de aproximadamente 20 pés de altura, e para Leo parecia uma bolsa humana de pedra. Embaixo da massa de raízes fundidas ele podia ver o formato de uma cabeça, ombros largos, um peito e braços maciços, como se a criatura estivesse enterrada do cintura para baixo na terra. Não, não enterrada — *se erguendo*.

No outro lado da tanque, a outra espiral era menor e mais entrelaçada. Cada raiz era tão grossa como um poste de telefone, com tão pouco espaço entre eles que Leo duvidava que podia passar nem mesmo o braço. Mesmo assim, ele podia ver dentro. E no meio da cela estava Tía Callida.

Ela parecia exatamente como Leo se lembrava: cabelo preto coberto por um xaile, o vestido preto de uma viúva, uma cara enrugada brilhando, e os mesmos olhos assustadores.

Ela não brilhava ou emitia nenhum tipo de poder. Ela parecia uma mulher mortal comum, a sua boa e velha babá psicopata.

Leo entrou na tanque e se aproximou da cela. “*Hola Tía*. Com alguns problemas?”

Ela cruzou seus braços e suspirou exasperada. “Não me trate como uma de suas máquinas, Leo Valdez. Me tire daqui!”

Thalia se aproximou dele e olhou para a cela com desgosto — ou talvez ela estivesse olhando para a deusa. “Nós tentamos tudo o que conseguimos pensar, Leo, mas talvez não tenha tentado de coração. Se fosse por mim, eu a deixaria aí.”

“Ah, Thalia Grace,” a deusa disse, “quando eu sair daqui, você vai se arrepender de ter nascido.”

“Já chega!” Thalia a cortou. “Você tem sido nada menos do que uma maldição

para todas as crianças de Zeus por eras. Você mandou um monte de vacas com problemas intestinais atrás da minha amiga Annabeth —”

“Ela faltou com respeito!”

“Você derrubou uma estátua na minha perna.”

“Isso foi um acidente!”

“*E* você levou o meu irmão!” A voz de Thalia falhou com emoção. “Aqui — nesse lugar. Você arruinou as nossas vidas. Nós deveríamos deixá-la para Gaia!”

“Ei,” Jason interviu. “Thalia — Mana — eu sei. Mas não é a hora. Você deveria ajudar as suas Caçadoras.”

Thalia endireitou a sua jaqueta. “Tudo bem. Por você, Jason. Mas se me perguntar, ela não vale a pena.”

Leo virou para Hera com respeito invejoso. “Vacas com problemas intestinais?”

“Se concentre na cela, Leo,” ela grunhiu. “E Jason — você é mais sábio que a sua irmã. Eu escolhi meu campeão bem.”

“Eu não sou seu campeão, senhora.” Jason disse. “Eu só estou a ajudando porque você roubou as minhas memórias e você é melhor que a outra alternativa. Falando de feitiço, o que está acontecendo com aquilo ali?”

Ele acenou para a outra espiral que parecia uma bolsa humana de granito tamanho *king-size*. Leo estava imaginando, ou ele cresceu um pouco desde que chegaram aqui?

“Aquilo, Jason,” Hera disse, “É o rei dos gigantes renascendo.”

“Grande,” Piper disse.

“De fato,” Hera disse. “Porfírio, o mais forte do seu tipo. Gaia precisava um grande poder para reerguê-lo novamente — *meu* poder. Por semanas eu fiquei mais fraca enquanto minha essência era usada para dá-lo uma nova forma.”

“Então você é como uma lâmpada de calor,” Leo adivinhou. “Ou fertilizante.” A deusa olhou para ele, mas Leo não se importou. Essa velha senhora vinha fazendo sua vida miserável desde que era um bebê. Ele tinha direito de pegar no pé dela.

“Brinque o quanto quiser,” Hera disse em um tom grampeado. “Mas ao pôr-do-sol, vai ser muito tarde. O gigante irá acordar. Ele me oferecerá uma escolha: casar com ele, ou ser consumida pela terra. E eu não posso me casar com ele. Nós todos vamos ser destruídos. E enquanto morremos, Gaia irá despertar.”

Leo franziu para a espiral gigante. “Não podemos explôdi-la ou algo?”

“Sem mim, você não teria o poder necessário,” Hera disse. “Seria como tentar destruir um Monte.”

“Fizemos isso hoje,” Jason disse.

“Apenas se apresse e me tire daqui!” Hera demandou.

Jason coçou a sua cabeça. “Leo, você consegue fazer isso?”

“Eu não sei.” Leo tentou não entrar em pânico. “Aliás, se ela é uma deusa, por que ela mesma não escapa?”

Hera andou furiosa em volta da cela, xingando em grego antigo. “Use seu cérebro, Leo Valdez. Eu *escolhi* você por que era inteligente. Uma vez capturado, o poder de um deus é inútil. O seu próprio pai me capturou em uma cadeira de ouro. Foi humilhante! Eu tive que implorar — *implorar* para a minha liberdade e me desculpar por jogá-lo do Olimpo.”

“Parece justo,” Leo disse.

Hera o deu um olhar feio piedoso. “Eu o observava desde que era criança, filho de Hefesto, por que eu sabia que poderia me ajudar neste momento. Se alguém pudesse achar um jeito de destruir essa *abominação*, esse alguém é você.”

“Mas não é uma máquina. É como se Gaia levanta-se a sua mão do chão e...” Leo se sentiu tonto. A linha da profecia voltou para ele: *A forja e a pomba quebrarão a prisão*. “Espera aí. Eu tenho uma ideia. Piper, eu vou precisar da sua ajuda. E vamos precisar de tempo.”

O ar se tornou quebradiço com o frio. A temperatura caiu tão rápido que os lábios do Leo racharam e sua respiração mudou para névoa. Gelo cobriu as paredes da Casa dos Lobos. *Ventus* entraram — mas invés de homens com asas, esses eram como cavalos, com corpos de nuvens de tempestades e crinas que estalavam relâmpagos. Alguns tinham flechas de pratas espetadas nos seus flancos. Atrás deles vieram os lobos com olhos vermelhos e os Terrestres de seis braços.

Piper pegou a sua adaga. Jason pegou um galho coberto de gelo do fundo do tanque. Leo procurou no seu cinto de ferramentas, mas ele estava tão abalado, que tudo que conseguiu foi balinhas de menta. Ele atirou de volta, esperando que ninguém percebe-se e tirou um martelo instantaneamente.

Um dos lobos andou para frente. Estava carregando uma estátua de tamanho real pela perna. Na beirada da tanque, o lobo abriu a boca e a deixou cair a estátua para eles verem — uma escultura de gelo de uma garota, uma arqueira com o cabelo pequeno e

espetado com um olhar surpreso.

“Thalia!” Jason correu para frente, mas Piper e Leo o puxaram de volta. O chão ao redor de Thalia já estava coberto de gelo. Leo temia que se Jason a toca-se, ele congelaria também.

“Quem fez isso?” Jason gritou. Seu corpo estalou com eletricidade. “Eu o matarei eu mesmo!”

De algum lugar atrás dos monstros, Leo ouviu uma risada de uma garota, clara e fria. Ela andou para fora da névoa com seu vestido branco de neve, uma tiara de prata no topo de seus cabelos negros. Ela olhou-o com aqueles profundos olhos castanhos que Leo tinha achado tão lindos em Quebec.

“*Bon soir, mes amis,*” disse Quione, a deusa da neve. Ela deu a Leo um sorriso frio. “Ah, filho de Hefesto, você diz que precisa de tempo? Temo que tempo é uma ferramenta que você não tem.”

JASON

Traduzido por: [Larissa](#)

APÓS A LUTA NO MONTE DIABLO, Jason não pensou que poderia se sentir mais assustado ou devastado.

Agora sua irmã estava congelada aos seus pés. Ele estava cercado por monstros. Havia quebrado a sua espada de ouro e a substituído com um pedaço de madeira. Ele tinha aproximadamente cinco minutos antes que o rei dos gigantes irrompesse e lhes destruísse. Jason já havia utilizado o seu maior trunfo, invocando o raio de Zeus na luta contra Encélado, e ele duvidava que teria a força ou a cooperação dos céus para fazer aquilo de novo. O que significava que os seus únicos recursos eram uma deusa reclamona prisioneira, uma espécie de namorada com uma adaga, e Leo, que aparentemente achava que poderia derrotar os exércitos das trevas com balas de menta.

Acima de tudo isso, as piores memórias de Jason estavam retornando. Ele tinha certeza de que já havia feito muitas coisas perigosas em sua vida, mas ele nunca tinha estado tão perto da morte quanto estava agora.

A inimiga era linda. Quione sorriu, seus olhos negros brilhando, enquanto uma adaga crescia em sua mão.

“O que você fez?” exigiu Jason.

“Ah, tantas coisas,” ronronou a deusa da neve. “Sua irmã não está morta, se é isso que está perguntando. Ela e suas Caçadoras irão dar ótimos brinquedos para nossos lobos. Achei que nós poderíamos descongelá-las uma a uma, e brincar de caçá-las. Deixar que elas sejam as presas dessa vez.”

Os lobos rosaram concordando.

“Sim, meus queridos.” Quione manteve os seus olhos em Jason. “Sua irmã quase matou o rei deles, você sabe. Licaão está anulado numa caverna em algum lugar, sem dúvida lambendo as suas feridas, mas seus servos se juntaram a nós para vingar seu mestre. E logo, Porfírio se levantará, e nós governaremos o mundo.”

“Traidora!” gritou Hera. “Sua intrometida, deusa de quinta categoria! Você não é digna para derramar meu vinho, muito menos governar o mundo.”

Quione suspirou. “Cansativa como sempre, Rainha Hera. Eu tenho desejado te calar por milênios.”

Quione acenou, e gelo cobriu a prisão, selando os espaços entre as gavinhas de barro.

“Assim está melhor,” disse a deusa da neve. “Agora, semideuses, quanto as suas mortes —”

“Foi você quem enganou Hera para que ela viesse aqui,” disse Jason. “Você deu a Zeus a ideia de fechar o Olimpo.”

Os lobos rosaram, e os espíritos de tempestade relincharam, prontos para atacar, mas Quione ergueu sua mão. “Paciência, meus amores. Se ele quer conversar, o que importa? O sol está se pondo, e o tempo está do nosso lado. Naturalmente, Jason Grace. Como a neve, minha voz é tranquila, suave, e muito fria. Para mim é fácil sussurrar para os outros deuses, especialmente quando só estou confirmando os seus medos mais profundos.”

Eu também sussurrei no ouvido de Aeolus que ele deveria emitir uma ordem para matar semideuses. É um pequeno serviço para Gaia, mas estou certa de que será bem recompensado quando seus filhos, os gigantes, chegarem ao poder.

“Você poderia ter nos matado em Quebec,” disse Jason. “Por que nos deixou viver?”

Quione franziu seu nariz. “Complicaria os negócios, matar vocês na casa do meu pai, especialmente quando ele insistia em conhecer todos os visitantes. Eu tentei, você se lembra. Teria sido adorável se ele tivesse concordado em transformar vocês em gelo. Mas, uma vez que ele lhes deu garantia de passagem segura, eu não podia desobedecer-lhe abertamente. Meu pai é um velho tolo. Ele vive com medo de Zeus e Aeolus, mas ele ainda é poderoso. Em breve, quando meus novos mestres tiverem despertado, eu vou destituir Boreas e tomar o trono do Vento Norte, mas não agora. Além disso, meu pai tinha um ponto. Sua missão era suicida. Eu esperava que vocês iriam fracassar.”

“E para nos ajudar com isso,” disse Leo: “você derrubou o nosso dragão do céu sobre Detroit. Os fios congelados na cabeça dele – aquilo foi *sua culpa*. Você vai pagar por isso.”

“Você também foi quem manteve Encélado informado sobre nós,” acrescentou Piper. “Temos sido assolados por tempestades de neve a viagem inteira.”

“Sim, eu me sinto tão próxima de todos vocês agora!” disse Quione. “Uma vez que vocês conseguiram passar por Omaha, eu decidi pedir a Licaão para rastrear vocês, assim Jason poderia morrer aqui, na Casa dos Lobos.”

Quione sorriu para ele. “Você vê, Jason, seu sangue derramado nessa terra sagrada vai manchá-la por gerações. Seus irmãos semideuses ficarão indignados, especialmente quando encontrarem os corpos desses dois do Acampamento Meio Sangue. Eles acreditarão que os gregos têm conspirado com os gigantes. Será... delicioso.”

Piper e Leo não pareciam entender o que ela estava dizendo. Mas Jason sabia. Suas memórias tinham retornado o suficiente para ele perceber quão perigosamente eficaz o plano de Quione poderia ser.

“Você vai colocar semideuses contra semideuses,” disse ele.

“É tão fácil!” disse Quione. “Como eu te falei, eu só estou encorajando o que você faria de qualquer jeito.”

“Mas por quê? Piper estendeu as mãos. “Quione, você irá destruir o mundo. Os gigantes irão destruir tudo. Você não quer isso. Pare os seus monstros.”

Quione hesitou, então riu. “Seus poderes de persuasão estão melhorando, garota. Mas eu sou uma deusa. Você não pode me encantar. Nós deuses do vento somos criaturas do caos!”

“Eu vou derrubar Éolo e deixar as tempestades correrem livremente. Se destruirmos o mundo mortal, melhor ainda! Eles nunca me honraram, mesmo nos tempos gregos. Humanos e sua discussão sobre aquecimento global. Pah! Eu irei refrescá-los com rapidez o bastante. Quando retomarmos os lugares antigos, eu irei cobrir a Acrópole de neve.”

“Os lugares antigos.” Os olhos de Leo se arregalaram. “Foi isso o que Encélado quis dizer quando falou em destruir as raízes dos deuses. Ele se referia a Grécia.”

“Você poderia se juntar a mim, filho de Hefesto,” disse Quione. “Eu sei que você me acha bonita. Seria suficiente pro meu plano se esses outros dois morressem. Rejeite esse destino ridículo que as Parcas deram a você. Ao invés disso, viva e seja o meu herói. Suas habilidades seriam muito úteis.”

Leo parecia estupefato. Ele olhou para trás, como se Quione estivesse falando com outra pessoa. Por um segundo Jason ficou preocupado. Ele imaginou que não era todo dia que Leo tinha lindas deusas fazendo-lhe ofertas como essa.

Em seguida, Leo riu tanto que se curvou. “E, me unir a você. Certo. Até que você se canse de mim e me transforme em um Picoleo? Moça, ninguém mexe o meu dragão e fica impune. Eu não posso acreditar que achava você quente.”

O rosto de Quione ficou vermelho. “Quente? Você se atreve a me insultar? Eu sou fria, Leo Valdez. Muito, muito fria.”

Ela disparou uma rajada de granizo nos semideuses, mas Leo ergueu a sua mão. Uma parede de fogo rugiu ganhando vida na frente deles, e a neve dissolveu em uma nuvem de vapor.

Leo sorriu. “Viu, moça, isso é o que acontece com a neve no Texas. Ela — absolutamente — derrete.”

Quione sibilou. “Já chega. Hera está fracassando. Porfírio está ascendendo. Deixem que eles sejam a primeira refeição do nosso rei!”

Jason levantou o seu pedaço de madeira congelado — uma esúpida arma para morrer lutando com ela — e os monstros investiram.

JASON

Traduzido por: [Gui](#)

UM LOBO SE LANÇOU CONTRA JASON. Ele recuou e acertou a besta no fuço com um estalo satisfatório. Talvez só prata pudesse matá-la, mas uma boa e velha tábua poderia causar uma grande dor de cabeça.

Ele se virou na direção do som de cascos e viu um cavalo espírito de tempestade vindo em sua direção. Jason concentrou-se e convocou os ventos. Pouco antes de o espírito atropelá-lo, Jason lançou-se no ar, agarrou o pescoço esfumaçado do cavalo, e montou em suas costas.

Os espíritos de tempestade da retaguarda tentaram derrubar Jason, em seguida, tentaram dissolver-se em névoa para perdê-lo, porém, de alguma forma Jason continuou montado. Ele desejou que o cavalo permanecesse em sua forma sólida, e o cavalo foi incapaz de recusar. Jason podia sentir o espírito lutando contra ele de novo, podia sentir seus pensamentos enfurecidos — totalmente caóticos esforçando-se para se libertar. Isso tomou toda a força de vontade de Jason para impor seus desejos e conseguir controlar o cavalo. Jason pensou sobre Éolo, supervisionando milhões e milhões de espíritos como esse, muito pior. Não admira que o Mestre dos Ventos tenha ficado meio louco depois de séculos de pressão. Mas Jason tinha um único espírito para dominar, e ele *tinha* que vencer.

“Você é meu agora,” Jason disse.

O cavalo pulou, mas Jason se segurou rápido. Isso fez a crina tremeluzir como se circulasse envolta duma piscina vazia, seus cascos causando pequenas trovoadas sempre que tocavam.

“Tempestade?” Jason disse. “Esse é o seu nome?”

O cavalo espírito de tempestade balançou sua crina, evidente por ter sido reconhecido.

“Bom,” Jason disse. “Agora, vamos lutar”

Ele voltou para batalha, balançando seu pedaço de madeira congelado, batendo em lobos e mergulhando direto através de outros *ventus*. Tempestade tinha um forte

espírito, e sempre que passava por um de seus irmãos, ele descarregava muita eletricidade, os outros espíritos vaporizavam numa inofensiva nuvem de fumaça.

No meio do caos, Jason captou vislumbres de seus amigos. Piper estava cercada por Terrestres, mas ela parecia estar se virando. Era tão impressionante observá-la lutando, quase brilhando com sua beleza, que os Terrestres olharam para ela admirados, esquecendo que deviam para matá-la. Eles diminuíram os golpes para ver, surpresos e emudecidos, quando ela sorriu e ordenou-lhes. Eles sorriram de volta, até ela cortá-los em fatias com Katoptris, formando um monte derretido de lama.

Leo ficou enfrentando a própria Quione. Lutar contra um deus deveria ser suicídio, porém Leo era o homem certo para isso. A deusa convocava punhais de gelo lançando-os contra Leo, rajadas de ar gelado e tornados de neve. Leo queimou tudo. Todo seu corpo brilhava com labaredas vermelhas, como se tivesse sido encharcado de gasolina. Ele avançou para cima da deusa, usando dois martelos de prata com pontas esféricas para esmagar qualquer monstro que atravessasse seu caminho.

Jason percebeu que Leo era a única razão pela qual eles estavam vivos. Sua aura ardente esquentava o pátio inteiro, contrariando a magia gélida de Quione. Sem ele, eles teriam sido congelados como as Caçadoras anos atrás. Em qualquer lugar que Leo passasse, o gelo derretia. Até mesmo Thalia descongelara um pouco quando Leo passou por perto.

Quione começou a recuar. Sua expressão era de raiva e meio chocada pelo pânico que Leo causava enquanto se aproximava.

Jason estava esgotado de tantos inimigos. Lobos derrubavam-se em montes atordoados. Alguns fugiam para fora das ruínas, ganindo por causa de suas feridas. Piper apunhalou o último Terrestre, que caiu no chão em um monte de lama. Jason cavalgou com Tempestade através do ultimo *ventus*, transformando-o em vapor. Então olhou ao redor e viu Leo caindo sobre a deusa da neve.

“Você está atrasado demais,” Quione rugiu. “Ele acordou! E não pense que você ganhou alguma coisa aqui, semideus. O plano de Hera nunca funcionará. Você será engolido antes disso, não pode nos deter.”

Leo tornou seus martelos flamejantes e jogou-os na deusa, mas ela se transformou em neve, uma imagem dela mesma em pó branco. Os martelos bateram na deusa-de-neve, quebrando-a em um monte fumegante.

Piper respirava com dificuldade, mas sorriu para Jason.

“Belo cavalo,” Piper comentou.

Tempestade empinou sobre as patas traseiras, arcos de eletricidade atravessando seus cascos. Um completo exibido.

Em seguida, Jason ouve um estalo atrás dele. A gaiola de Hera derretia em uma cortina de lama, e a deusa chama:

“Ah, não se preocupem comigo, sou só a rainha dos céus, morrendo aqui!”

Jason desmontou e disse a Tempestade que esperasse parado. Os três semideuses pularam na piscina e correram para a torre.

Leo fez uma careta. “Ahn, Tia Callida, você está encolhendo?”

“Não, seu idiota! A terra está me reclamando. Depressa!”

Por mais que Jason não gostasse de Hera, o que viu dentro da gaiola o alarmou. Hera não estava apenas afundando, mas a terra subia pelo seu corpo também. Rocha líquida já tinha coberto suas canelas. “O gigante está acordando!” Hera avisou. “Vocês só têm segundos!”

“Sobre isso,” disse Leo. “Preciso de sua ajuda, Piper. Fale com a gaiola.”

“O quê?” ela disse.

“Fale com a prisão. Use tudo que você tem. Convença Gaia a dormir. Iluda-a, os tentáculos rochosos se enfraquecerão, apenas atrasaria ela, tente fazê-la solta Hera enquanto eu —”

“Certo!” Piper pigarreou e disse “Ei, Gaia. Bela noite, hein? Nossa, como estou cansada. E você? Pronta para dormir?”

Quanto mais ela falava, mais confiante parecia estar. Jason reparou que seus próprios olhos estavam ficando pesados e teve que se esforçar para não se focar nas falas dela. Parecia estar fazendo efeito na gaiola. A lama subia mais devagar. Os tentáculos pareciam amolecer um pouco, tornando-se mais raízes de árvore do que pedra. Leo pegou uma serra circular de seu cinto de ferramentas. Como serviria ali, Jason não tinha idéia.

Em seguida, Leo olhou para o cabo e grunhiu de frustração. “Eu não tenho nenhum lugar para ligar isso!”

Tempestade pulou no poço e relinchou

“Sério?” Jason perguntou ironicamente.

Tempestade abaixou a cabeça e trotou até Leo. Leo olhou duvidoso, mas levantou o cabo e conectou no flanco do cavalo. Iluminou-se, conectado com os pinos do plugue, a serra circular zumbia à vida.

“Legal!” Leo sorriu. “Seu cavalo vem com tomada embutida!”

O bom humor deles não durou muito tempo. Do outro lado do tanque, um rugido, como a de uma arvore sendo cortada na metade, veio da torre do gigante. Seu revestimento externo de gavinhas explodiu de cima a baixo, chovendo cacos de pedra e madeira com o gigante balançando-se livre e subindo da terra.

Jason pensou que nada poderia assustá-lo mais que Encélado.

Ele estava errado.

Porfírio era muito mais alto e mais rasgado. Ele não irradiava calor, ou si quer mostrou sinal de que respirava fogo, mas algo ainda mais terrível existia sobre ele — um tipo de força, mesmo magnetismo como se fosse tão grande e denso que tinha seu próprio campo gravitacional.

Como Encélado, o rei gigante era humanóide da cintura pra cima, vestido com uma armadura de bronze, e da cintura pra baixo ele tinha escamosas pernas de dragão; mas sua pele era da cor de feijão-de-lima. Seu cabelo era verde como folhas de verão, trançado em madeixas e decorado com suas armas, punhais, machados e espadas de tamanho completo, algumas delas dobradas e ensanguentadas, talvez troféus de semideuses derrotados eras atrás. Quando o gigante abriu os olhos, eles estavam brancos como mármore polido. Ele respiro fundo.

“Vivo!” berrou. “Louvor a Gaia!”

Jason fez um pequeno choramingo heróico e esperava que seus amigos não tivessem ouvido. Ele estava certo de que semideuses não teriam chances sozinhos com esse cara. Porfírio podia levantar montanhas. Ele poderia esmagar Jason com apenas um dedo.

“Leo,” Jason disse.

“Hein?” A boca de Leo estava bem aberta. Até mesmo Piper parecia estupefata.

“Continuem trabalhando, vocês dois,” disse Jason. “Libertem Hera!”

“O que você está indo fazer?” Piper perguntou. “Você não pode pensar seriamente —”

“Distrair um gigante?” Jason disse. “Não tenho escolha.”

“Excelente!” O gigante rugiu quando Jason se aproximou. “Um aperitivo! És filho de quem? Hermes? Ares?”

Jason pensou em ir nessa idéia de não revelar de quem era filho, mas algo disse para não fazer isso.

“Eu sou Jason Grace,” disse, “filho de Júpiter.”

Os olhos do gigante o perfuraram. Atrás dele, o zumbido da serra circular de Leo e Piper falando com a gaiola em tons suaves, tentando tirar o medo de sua voz.

Porfírio jogou a cabeça pra cima e riu. “Excelente!” Ele olhou para o céu nublado. “Então, Zeus, você sacrificou seu filho por mim? O gesto é apreciado, mas não irá salvá-lo.”

O céu não fez nenhum estrondo. Sem ajuda do céu. Jason estava por conta própria.

Jason largou sua clava improvisada. Suas mãos cobertas de estilhaços, mas isso não importava agora. Ele tinha que arranjar mais tempo para Piper e Leo, e ele não podia fazer isso sem uma arma adequada.

Era hora dele agir com muito mais confiança do que realmente sentia.

“Se você soubesse quem eu era,” Jason gritou de volta, “você estaria preocupado comigo, não com meu pai. Eu espero que você tenha gostado dos seus dois segundos e meio de renascimento, gigante, porque estou prestes a te mandar de volta ao Tártaro!”

Os olhos de Porfírio se estreitaram. Ele plantou um pé fora da piscina e se agachou para obter uma visão melhor de seu oponente. “Então... vamos começar com van-glórias, não é? Como nos velhos tempos! Muito bem, semideus. Eu sou Porfírio, rei dos gigantes, filho de Gaia. Antigamente, eu me levantei do Tártaro, o abismo do meu pai, para desafiar os deuses e iniciar a guerra, eu roubei a rainha de Zeus.” Ele sorriu para a gaiola da deusa. “Olá, Hera.”

“Meu marido destruiu você uma vez, monstro!” Hera falou. “Ele fará isso de novo!”

“Mas não irá, querida! Zeus não era poderoso o bastante para me matar. Ele teve que confiar em um semideus medíocre para ajudá-lo, e mesmo assim, nós quase ganhamos. Desta vez, nós vamos completar o que começamos. Gaia está acordando. Ela tem nos fornecido muitos servos. Nossos exércitos vão abalar com a terra e vamos destruir vocês pela raiz”

“Você não ousaria,” Hera disse, mas ela se enfraquecia. Jason podia ouvir a dificuldade crescendo em sua voz. Piper continuava sussurrando para a gaiola, e Leo conti-

nuava serrando, mas a terra ainda subia dentro da prisão de Hera, agora cobrindo até sua cintura.

“Ah, sim,” disse o gigante. “Os Titãs tentaram atacar sua nova casa em Nova York. Ousado, mas ineficiente. Gaia é mais inteligente e paciente. E nós, seus melhores filhos, somos muito, muito mais poderosos que Cronos. Nós sabemos como matar vocês olimpianos de uma vez por todas. Você deve ser desenterrado completamente como árvores podres — suas mais velhas raízes arrancadas e queimadas.”

O gigante franziu o cenho para Piper e Leo, como se acabasse de perceber que eles trabalhavam na gaiola. Jason adiantou-se e gritou para atrair a atenção de Porfírio.

“Você disse que um semideus te matou,” ele gritou. “Como? Se somos tão insignificantes?”

“Rá! Você acha mesmo que eu vou explicar pra você? Fui criado para substituir Zeus, nasci para destruir o Lorde dos Céus. Devo tomar seu trono. Devo pegar a esposa dele, ou, se ela não me terá, eu vou deixar a terra consumir sua força de vida. O que você vê, filho, é apenas minha forma enfraquecida. Minha força crescerá por hora, até me tornar invencível. Mas já sou bem capaz de te esmagar numa poça de graxa.”

Ele levantou até sua altura máxima e estendeu sua mão, atirando uma lança a vinte pés da terra. Ele pegou-a, em seguida, pisou duro o chão com seus pés de dragão. As ruínas chacoalharam. Tudo a volta do pátio, monstros começaram a se reerguer, espíritos de tempestade, lobos e Terrestres, todos respondendo ao chamado do rei gigante.

“Ótimo,” Leo murmurou. “Era do que precisávamos, mais inimigos.”

“Rápido,” Hera disse.

“Eu sei!” Leo vociferou.

“Vá dormir, gaiola,” Piper disse. “Ótimo, durma gaiola sonolenta. Sim, estou falando com um monte de tentáculos de barro. Isso não é totalmente estranho.”

Porfírio remexeu sua lança no topo das ruínas, destruindo a chaminé e jogando madeira e pedras por todo o pátio.

“Então, filho de Zeus! Eu terminei de me vangloriar. Agora é a sua vez. O que você dizia sobre a minha destruição?”

Jason olhou para o anel do monstro, esperando impaciente para a ordem de seu mestre em rasgá-lo em pedaços. A serra de Leo continuava zumbindo, e Piper continuava falando, mas parecia impossível. Quase toda a gaiola fora preenchida de terra.

“Sou filho de Júpiter!” gritou Jason, apenas para ter um efeito, ele convocou os ventos, subindo alguns metros do chão. “Sou um filho de Roma, cônsul de semideuses, pretor da Primeira Legião.” Jason não sabia o que dizia exatamente, mas ele ressaltou as palavras como ele a muito havia dito antes. Ele estendeu seu braço, mostrando a tatuagem de uma águia e escrito SPQR, para sua surpresa, o gigante pareceu reconhecer o símbolo.

Por um momento, Porfírio realmente pareceu desconfortável.

“Eu matei o monstro marinho de Troia,” Jason continuou. “Eu derrubei o trono negro de Cronos, e destruí o Titã Crio com as minhas próprias mãos. E agora vou destruir você, Porfírio, e alimentar seus lobos com você.”

“Nossa, cara,” Leo murmurou. “Você tem comida carne vermelha?”

Jason lançou-se em direção ao gigante, decidido a rasgá-lo.

A ideia de lutar a quarenta metros contra um imortal de mãos nuas foi muito ridícula, até mesmo Porfírio pareceu surpreso. Meio voando, meio pulando, Jason pousou no joelho escamoso do gigante e escalou até o braço dele antes que Porfírio sequer percebesse o que aconteceu.

“Você ousa?” o gigante urrou.

Jason alcançou o ombro dele e pegou uma espada das tranças do gigante. Jason gritou: “Por Roma!” e foi em direção ao alvo mais próximo, a gigantesca orelha do gigante.

Um raio riscou o céu e explodiu na espada de Jason, jogando-o aos ares. Ele rolou quando bateu no chão. Quando olhou para cima, o gigante estava cambaleando, seu cabelo em chamas, e o lado de seu rosto estava enegrecido pelo raio. A espada estava fragmentada na orelha do gigante. Ichor dourado escorria pelo seu rosto. As outras armas estavam faiscando e em combustão em suas tranças.

Porfírio quase caiu. O círculo de monstros soltaram um grunhido coletivo e avançaram. Lobos e ogros fixaram os olhos em Jason.

“NÃO!” Porfírio berrou. Ele recuperou o equilíbrio e olhou o semideus. “Eu vou matá-lo eu mesmo!”

O gigante pegou sua lança que começou a crescer. “Você quer brincar com relâmpagos, garoto? Você esqueceu que eu sou a ruína de Zeus. Eu fui criado para destruir seu pai, o que significa que sei exatamente o que *te* matará.”

Alguma coisa na voz de Porfírio disse a Jason que ele não estava blefando.

Jason e seus amigos tiveram uma boa corrida. Os três tinham feito coisas incríveis. É, foram coisas heróicas mesmo. Mas como o gigante levantou a lança, Jason sabia que não tinha nenhum jeito de esquivar desse ataque.

Este era o fim.

“Consegui!” Leo gritou.

“Durma!” disse Piper, com tanta força, que os lobos mais próximos começaram a cair no chão e a dormir.

A gaiola de pedra e madeira desintegrou-se. Leo tinha serrado a base do tentáculo mais denso e aparentemente cortou a conexão da gaiola com Gaia. Os tentáculos viraram pó. A lama em volta de Hera se desintegrou. A deusa cresceu, crescendo seu poder.

“Sim!” a deusa disse. Ela tirou seu manto preto revelando um vestido branco, com os braços enfeitados com jóias de ouro. Seu rosto era tão lindo e terrível, e uma coroa dourada brilhava em seus negros e longos cabelos negros. “Agora, terei minha vingança!”

O gigante Porfírio recuou. Ele não disse nada, mas direcionou um olhar de ódio a Jason. Sua mensagem era clara: Em outro momento. Em seguida, ele bateu sua lança na terra de novo, e o gigante desapareceu no chão como se tivesse caído de uma rampa.

Ao redor do pátio, monstros entraram em pânico e recuaram, mas não tinha escapatória para eles. Hera brilhou com mais intensidade e gritou: “Cubram seus olhos, meus heróis!”

Mas Jason estava muito atordoado e entendeu tarde demais.

Ele viu Hera revelar sua verdadeira forma, explodindo em um anel de força que vaporizou todos os monstros instantaneamente. Jason caiu, uma luz extremamente forte preencheu sua mente, e seu último pensamento foi de seu corpo estar queimando.

PIPER

Traduzido por: [Lauren](#)

“JASON!”

Piper ficou chamando seu nome enquanto o segurava, embora ela estivesse quase perdendo a esperança. Ele ficara inconsciente por dois minutos agora. Seu corpo estava fumegando, seus olhos giravam em sua cabeça. Ela não podia dizer se ele estava ao menos respirando.

“Não adianta, criança.” Hera estava sobre eles com seus simples manto e xale preto.

Piper não tinha visto a deusa ficar nuclear. Felizmente ela fechou seus olhos, mas podia ver os efeitos colaterais. Todo o vestígio do inverno havia ido embora do vale. Não havia sinais de batalha, também. Os monstros haviam sido vaporizados. As ruínas foram restauradas para o que elas estavam antes — ainda em ruínas, mas sem evidências de que havia sido invadida por um bando de lobos, espíritos da tempestade, e ogros de seis braços.

Todas as Caçadoras haviam ressuscitado. A maioria ficou a uma distância respeitosa no campo, mas Thalia se ajoelhou ao lado de Piper, com a mão na testa de Jason.

Thalia olhou para a deusa. “Isso é sua culpa. Faça alguma coisa!”

“Não se dirija a mim desse modo, garota. Eu sou a rainha —”

“Cure ele!”

Os olhos de Hera cintilaram de poder. “Eu *adverti* ele. Eu jamais magoaria intencionalmente o garoto. E disse para fecharem os olhos antes de revelar minha verdadeira forma.”

“Hã...” Leo franziu o cenho. “A verdadeira forma é ruim, certo? Então por que você fez isso?”

“Eu desatrelei meu poder para ajudar vocês, tolo!” Hera gritou. “Eu virei energia pura para poder desintegrar os monstros, restaurar esse lugar, e até mesmo salvar essas miseráveis Caçadoras do gelo.”

“Mas mortais não podem olhar para você nessa forma!” Thalia gritou. “Você o matou!”

Leo balançou a cabeça em receio. “Esse foi o significado da profecia. *E a morte desatrelada pela ira de Hera.* Vamos lá, senhora. Você é uma deusa. Faça alguma mágica vudu nele! Traga ele de volta.”

Piper ouviu metade da conversa, mas ela estava concentrada principalmente no rosto de Jason. “Ele está respirando!” ela anunciou.

“Impossível,” Hera disse. “Eu queria que fosse verdade, criança, mas nenhum mortal jamais —”

“Jason,” Piper chamou, colocando toda a sua pequena força de vontade no nome dele. Ela *não* poderia perdê-lo. “Me escute. Você pode fazer isso. Volte. Você vai ficar bem.”

Nada aconteceu. Ela havia imaginado que seu fôlego estava se agitando?

“Cura não é um poder de Afrodite,” Hera disse lamentavelmente. “Nem mesmo eu posso consertar isso, garota. Seu espírito mortal —”

“Jason,” Piper disse novamente, e ela imaginou sua voz ressoando através da terra, por todo o caminho do Mundo Inferior. “Acorde.”

Ele engasgou, e seus olhos se abriram. Por um momento eles estavam cheios de luz — um ouro puro brilhante. Então a luz se apagou e seus olhos estavam normais novamente. “O que — o que aconteceu?”

“Impossível!” Hera disse.

Piper o envolveu em um abraço até que ele gemeu, “Está me esmagando.”

“Desculpe,” ela disse, tão aliviada, rindo enquanto enxugava uma lágrima de seu olho.

Thalia agarrou a mão de seu irmão. “Como você se sente?”

“Quente,” ele murmurou. “Minha boca está seca. E eu vi algo... realmente horrível.”

“Aquilo era Hera,” Thalia resmungou. “Vossa Majestade, o Canhão Solto.”

“É isso aí, Thalia Grace,” disse a deusa. “Eu vou te transformar em um porco-da-terra, então me ajude —”

“Parem com isso, vocês duas,” Piper disse. Surpreendentemente, ambas se calaram.

Piper ajudou Jason a ficar de pé e deu a ele o último néctar de seus suprimentos.

“Agora...” Piper encarou Thalia e Hera. “Hera — Vossa Majestade — nós não conseguiríamos resgatar você sem as Caçadoras. E Thalia, você nunca teria visto Jason de novo — eu não teria conhecido ele — se não fosse por Hera. Vocês duas façam as pazes, porque nós temos problemas maiores.”

As duas olharam para ela, e por três longos segundos, Piper não tinha certeza de qual iria matá-la primeiro.

Finalmente Thalia resmungou. “Você tem espírito, Piper.” Ela pegou um cartão prateado de seu casado e o colocou dentro da jaqueta de snowboard de Piper. “Sempre que quiser ser uma Caçadora, me ligue. Nós poderíamos usar você.”

Hera cruzou seus braços. “Felizmente para essa Caçadora, você tem um bom argumento, filha de Afrodite.” Ela avaliou Piper, como se estivesse a vendo claramente com o tempo. “Você se perguntou, Piper, por que eu te escolhi para essa busca, por que eu não revelei seu secreto no começo, mesmo quando eu sabia que Encélado estava te usando. Eu devo admitir, até esse momento eu não tinha certeza. Algo me dizia que você seria vital para a missão. Agora eu vejo que estava certa. Você está mais forte do que pensei. E você estava correta sobre os perigos que virão. Nós temos que trabalhar juntos.”

Piper sentiu seu rosto esquentar. Ela não tinha certeza de como responder ao elogio de Hera, mas Leo entrou em cena.

“Sim,” ele disse, “eu não posso supor que esse cara Porfírio simplesmente se dissolveu e morreu, hein?”

“Não,” Hera concordou. “Ao me salvar, e salvar esse lugar, vocês impediram Gaia de acordar. Vocês nos arranjou algum tempo. Mas Porfírio se ergueu. Ele simplesmente sabia que não deveria ficar aqui, especialmente porque ele ainda não recuperou o seu poder por completo. Gigantes só podem ser mortos em uma combinação de deus e semideus, trabalhando juntos. Uma vez que me libertaram —”

“Ele fugiu,” Jason disse. “Mas para onde?”

Hera não respondeu, mas uma sensação de pavor tomou conta de Piper. Ela lembrou o que Porfírio havia dito sobre matar os olimpianos pelas suas raízes. *Grécia*. Ela olhou a expressão severa de Thalia, e adivinhou que a Caçadora chegou à mesma conclusão.

“Eu preciso encontrar Annabeth,” Thalia disse. “Ela deve saber o que aconteceu aqui.”

“Thalia...” Jason segurou sua mão. “Nós nunca conversamos sobre esse lugar, ou —”

“Eu sei.” Sua expressão suavizou. “Eu te perdi aqui uma vez. Eu não vou te deixar novamente. Mas nós nos veremos em breve. Eu te encontro quando voltar ao Acampamento Meio-Sangue.” Ela olhou para Hera. “Você vai levá-los até lá em segurança? É o mínimo que você pode fazer.”

“Não é a sua função me dizer —”

“Rainha Hera,” Piper interferiu.

A deusa suspirou. “Muito bem. Sim. Mas não você, Caçadora!”

Thalia deu a Jason um abraço e disse adeus. Quando as Caçadoras foram embora, o pátio parecia estranhamente quieto. O tanque seco não mostrava nenhum sinal de gavinhas de barro que trouxeram de volta o rei gigante ou Hera presa. O céu noturno estava claro e estrelado. O vento farfalhando nos bosques. Piper pensou sobre aquela noite em Oklahoma quando ela e seu pai haviam dormido em frente ao jardim do vovô Tom. Ela pensou na noite do teto do dormitório da Wilderness School, quando Jason tinha beijado ela — na sua memória alterada pela Névoa, de qualquer maneira.

“Jason, o que aconteceu com você aqui?” ela perguntou. “Digo — eu sei que sua mãe te abandonou aqui. Mas você disse que esse é um local sagrado para semideuses. Por quê? E que aconteceu depois de você estar nesse lugar?”

Jason balançou sua cabeça inquieto. “Isso é difícil de entender. Os lobos...”

“Você foi dado a um destino,” Hera disse. “Você foi dado ao meu serviço.”

Jason franziu as sobrancelhas. “Porque você forçou minha mãe a isso. Você não poderia ficar sabendo que Zeus teve dois filhos com minha mãe. Saber que ele teve uma queda por ela *duas vezes*. Eu era o preço que você pediu deixar o resto da minha família em paz.”

“Foi a escolha certa pra você também, Jason,” Hera insistiu. “A segunda vez que sua mãe conseguiu o afeto de Zeus, que era porque ela o imaginou com aspectos diferentes — os aspectos de Júpiter. Nunca antes isso havia acontecido — duas crianças, gregas e romanas, nascidas na mesma família. Você *teve* que ser separado de Thalia. Esse é o lugar que todos os semideuses do seu tipo começam sua jornada.”

“Do tipo dele?” Piper perguntou.

“Ela quer dizer romano,” Jason disse. “Os semideuses são deixados aqui. Nós conhecemos a deusa logo, Lupa, a mesma loba que criou Rômulo e Remo.”

Hera assentiu. “E se você for forte o suficiente, você sobrevive.”

“Mas...” Leo parecia sobrenatural. “O que aconteceria depois disso? Quer dizer, Jason nunca foi preparado no acampamento.”

“Não no Acampamento Meio-Sangue,” Hera concordou.

Piper sentiu como se o céu estivesse espiralando acima dela, fazendo-a estontear. “Você foi para outro lugar. Onde você ficou todos esses anos. Em algum outro lugar para semideuses, mas onde?”

Jason se voltou para a deusa. “As memórias estão voltando, mas não o local. Você não vai me dizer, não é?”

“Não,” Hera disse. “Isso é parte de seu destino, Jason. Você precisa encontrar você mesmo. Mas quando você conseguir... você vai unir dois grandes poderes. Você vai nos ajudar novamente com os gigantes, e o mais importante — novamente com a própria Gaia.”

“Você precisa de nós para te ajudar,” Jason disse, “mas você está escondendo informações.”

“Te dar respostas fariam delas inválidas,” Hera disse. “Isso está no caminho das Moiras. Você precisa forjar seu próprio destino para significar algo. Agora, vocês três me surpreenderam. Eu não podia imaginar que fosse possível...”

A deusa balançou sua cabeça. “Chega de falar, vocês tiveram um bom desempenho, semideuses. Mas esse é só o começo. Agora vocês precisam voltar ao Acampamento Meio-Sangue, onde vocês iram começar a planejar a próxima fase.”

“Que você não vai nos contar sobre isso,” Jason resmungou. “E eu suponho que você destruiu o meu cavalo de espírito da tempestade legal, então nós temos que voltar pra casa caminhando?”

Hera deixou de lado a pergunta. “Espíritos da tempestade são criaturas do caos. Eu não destruí aquele, embora eu não tenha nenhuma ideia de onde ele foi, ou se irá vê-lo novamente. Mas existe um jeito mais fácil de levá-los para casa. Como você terminou meu ótimo serviço, eu posso ajudá-los — pelo menos dessa vez. Adeus, semideuses, por ora.”

O mundo virou de cabeça para baixo, e Piper quase desmaiou.

Quando ele conseguiu ver em linha reta novamente, ela estava de volta ao acampamento, no pavilhão do refeitório, no meio do jantar. Eles estavam em cima da mesa de

Afrodite, e o pé de Piper estava na pizza de Drew. Dezesseis campistas se levantaram imediatamente, boquiabertos de espanto.

O que quer que Hera fizera para atirá-los pelo país, aqui não fez bem para o estômago de Piper. Ela mal conseguia controlar sua náusea. Leo não teve tanta sorte. Ele pulou fora da mesa, correu para o braseiro de bronze mais próximo e jogou em cima dele, o que provavelmente não foi uma grande oferenda para os deuses.

“Jason?” Quíron trotou para frente. Sem dúvida o velho centauro de milhares de anos tinha visto coisas muito estranhas, mas mesmo ele parecia totalmente espantado. “O que — Como — ?”

Os campistas de Afrodite olharam para Piper com as bocas abertas. Piper imaginou que ela estava horrível.

“Oi,” ela disse, o mais casualmente quanto podia. “Nós estamos de volta.”

PIPER

Traduzido por: Carol

PIPER NÃO SE LEMBRAVA MUITO SOBRE o resto da noite. Eles contaram sua história e responderam a perguntas de um milhão de outros campistas, mas finalmente Quíron viu como eles estavam cansados e ordenou que fossem dormir.

Foi tão bom dormir em um colchão de verdade, e Piper estava tão exausta que dormiu imediatamente, o que poupou suas preocupações sobre como era voltar para a cabine de Afrodite.

Na manhã seguinte, ela acordou em sua cama, sentindo-se revigorada. O sol veio através das janelas, juntamente com uma brisa agradável. Ela pensou que poderia ser primavera, ao invés do inverno. Os pássaros cantavam. Monstros uivavam nos bosques. O cheiro do café-da-manhã vinha do pavilhão — bacon, panquecas e todos os tipos de coisas maravilhosas.

Drew e sua gangue estavam fonzindo a testa para ela, com os braços cruzados.

“Bom dia.” Piper sentou-se e sorriu. “Belo dia.”

“Você está nos fazendo atrasar para o café-da-manhã,” disse Drew, “o que significa que você começa a limpar a cabine para a inspeção.”

Uma semana atrás, Piper teria perfurado Drew no rosto ou em suas costas. Agora, ela pensou nos Ciclopes em Detroit, Medeia em Chicago, Midas transformando-a em ouro em Omaha. Olhando para Drew, que ousava incomodá-la, Piper riu.

A expressão satisfeita de Drew desmoronou. Ela recuou, então se lembrou que deveria estar com raiva. “O que você...”

“Desafio você,” disse Piper. “Meio-dia na Arena? Você pode escolher suas armas.” Ela saiu da cama e sorriu para os campistas. Avistou Mitchell e Lacy — que a ajudou a fazer sua mochila para a viagem. Eles sorriam timidamente, os seus olhos voando de Piper para Drew como se este poderia ser um jogo de tênis muito interessante.

“Eu esqueci vocês, garotos!” Piper anunciou. “Nós vamos ter grandes momentos quando eu for Conselheira Chefa.”

Drew ficou vermelha igual a um pimentão. Mesmo suas melhores tenentes pareciam um pouco nervosas. Isso não estava em seu roteiro.

“Você —” Drew balbuciou. “Sua bruxa feia! Estou aqui há mais tempo. Você não pode simplesmente —”

“Desafiar você? ” disse Piper. “Claro que posso. Regras do Acampamento. Eu fui reclamada por Afrodite, eu completei uma missão, que é uma a mais do que você concluiu. Se eu sinto que posso fazer um trabalho melhor, posso desafiá-la. A menos que você queira sair. Será que recebo todos os direitos, Mitchell?”

“Todos os direitos, Piper.” Mitchell estava sorrindo. Lacy estava saltando para cima e para baixo como se estivesse tentando alcançar a decolagem.

Algumas das outras crianças começaram a sorrir, como se estivessem apreciando as cores diferentes que o rosto de Drew estava se transformando.

“*Demitir-me?*” Drew gritou “Você está louca!”

Piper deu de ombros. Então rapidamente como uma víbora puxou Katoptris de debaixo do travesseiro, desembainhou a espada, e apontou para o queixo de Drew.

Todo mundo congelou.

Uma garota caiu em uma mesa de maquiagem e enviou uma nuvem de pó cor de rosa.

“Um duelo, então,” disse Piper alegremente. ”Se você não quer esperar até o meio dia, agora está bom. Você transformou esta cabana em uma ditadura, Drew. Silena Beauregard sabia melhor do que isso. Afrodite é sobre amor e beleza. Ser amoroso. Espalhando beleza. Bons amigos. Bons tempos. As boas obras. Não apenas boa aparência. Silena cometeu erros, mas no final ela ficou por seus amigos. É por isso que ela é uma heroína. Eu vou acertar as coisas, e eu tenho sentimento que mamãe vai estar do meu lado. Quer saber mais?”

Drew ficou vesga olhando para a lâmina do punhal de Piper. Um segundo passou. Em seguida, dois. Piper não se importava. Ela estava absolutamente feliz e confiante. Deve ter mostrado em seu sorriso.

“Eu me demito,” resmungou Drew. “Mas saiba que eu nunca vou esquecer isso, McLean.”

“Ah, eu espero que não,” disse Piper. “Agora, corra pro refeitório e explique para Quíron porque estamos atrasados. Houve uma mudança de liderança.”

Drew voltou à porta. Até suas melhores tenentes não estavam seguindo-a. Ela estava prestes a sair quando Piper disse “Ah, querida Drew?”

A ex-conselheira olhou para trás com relutância.

“No caso de você pensar que eu não sou uma verdadeira filha de Afrodite,” disse Piper, “nunca mais olhe para Jason Grace. Ele pode não saber ainda, mas ele é *meu*. Se você até tentar fazer uma jogada, eu vou carregar você em uma catapulta e atirar em você todo o estreito de Long Island.”

Drew virou-se tão depressa, e correu para o batente da porta. Então ela se foi. A cabine ficou em silêncio. Os outros campistas olharam para Piper. Esta foi a parte em que ela estava insegura. Ela não queria governar pelo medo. Ela não era como Drew, mas ela não sabia se eles aceitariam ela.

Então, espontaneamente, os campistas do chalé de Afrodite aplaudiram tão alto, que eles devem ter sido ouvidos em todo o acampamento. Eles agruparam ao redor de Piper fora da cabine, levantou ela sobre os seus ombros, e levou todo o caminho até o restaurante do pavilhão, ainda de pijama, o cabelo dela ainda estava uma bagunça, mas ela não se importou. Ela nunca se sentira melhor.

Pela tarde, Piper tinha trocado de roupa. Colocou uma confortável roupa do acampamento e coordenou a cabine de Afrodite através de suas atividades pela manhã. Ela estava pronta para o tempo livre.

Alguns dos burburinhos de sua vitória se tinham desvanecido, porque ela tinha um encontro na Casa Grande.

Quíron a encontrou na varanda da frente em forma humana, compactada em sua cadeira de rodas. “Vem para dentro, minha querida. A videoconferência está pronta.”

O único computador que tinha no acampamento estava no escritório de Quíron, e toda a sala estava protegida no chapeamento de bronze.

“Semideuses e tecnologia não se misturam,” explica Quíron “Ligações, mensagens de texto, até navegar pela internet — todas essas coisas podem atrair monstros. Porque, só nesse outono numa escola em Cincinnati, tivemos que resgatar um jovem herói que procurou no Google por górgonas e teve um pouco mais pelo qual ele barganhou, mas isso não importa. Aqui no acampamento, você está protegido. Ainda assim a gente tenta ser cauteloso. Você só vai ser capaz de falar por alguns minutos.”

“Vamos lá,” disse Piper. “Obrigado, Quiron.”

Ele sorriu e guiou sua cadeira de rodas para fora do escritório. Piper hesitou antes de clicar no botão de chamada. O escritório de Quíron tinha uma sensação acolhedora. Uma parede foi coberta com camisetas de diferentes convenções — pôneis partidários Vegas '09, festa dos pôneis '10 honolulu, etc. Piper não sabe o que a Festa dos pôneis era, mas a julgar pelas manchas, marcas de queimaduras, e os buracos de armas nas camisetas, eles devem ter tido alguns encontros bastante selvagens. Na prateleira mais perto da Recepção de Quíron estava um aparelho de som à moda antiga com fitas cassete rotulados “Dean Martin” e “Frank Sinatra” e “Maiores Hits dos anos 40.” Quíron era tão velho, que Piper se perguntou se isso significava 1940, 1840, ou talvez apenas 40 dC.

Mas a maior parte do espaço da parede do escritório foi rebocada com fotos de semideuses, como um hall da fama. Uma das imagens mais recente mostrou um cara adolescente com cabelos escuros e olhos verdes. Como ele estava de braço dado com Annabeth, Piper assumiu o cara deve ser Percy Jackson. Em algumas das fotos mais antigas, ela reconheu pessoas famosas: empresários, atletas, até mesmo alguns atores que seu pai conhecia.

“Inacreditável,” ela murmurou.

Piper se perguntou se a foto dela estaria naquela parede um dia. Pela primeira vez, ela sentiu como se ela fosse parte de algo maior que ela. Semideuses tinham ao redor por séculos. Tudo o que ela fez, ela fez por todos eles.

Ela respirou fundo e fez a chamada. A tela de vídeo apareceu.

Gleeson Hedge sorriu do escritório de seu pai. “Viu a notícia?”

“É difícil de perder,” disse Piper. “Eu espero que você saiba que você está fazendo.”

Quíron tinha-lhe mostrado um jornal na hora do almoço. O misterioso retorno de seu pai do nada tinha aparecido na primeira página. Sua assistente pessoal Jane foi demitida por encobrir o seu desaparecimento e não notificar a polícia. A nova equipe foi contratada e pessoalmente examinada pelo novo assistente pessoal de Tristan McLean, o treinador Gleeson Hedge. Segundo o jornal, o Sr. McLean afirmou não ter memória da semana passada, e a mídia estava totalmente de comer a história. Alguns pensaram que era uma jogada de marketing inteligente para um filme, talvez McLean estava indo interpretar um amnésico? Alguns achavam que ele tinha sido sequestrado por terroristas, ou por fãs raivosos, ou heroicamente tinha escapado de um resgate usando suas habilidades de combate. Seja qual for a verdade, Tristan McLean está mais famoso do que nunca.

“Está indo muito bem,” prometeu Hedge. “Mas não se preocupe. Vamos mantê-lo fora do olhar público para o próximo mês ou até as coisas esfriarem. Seu pai tem mais coisas importantes para fazer, como descansar, e conversar com sua filha.”

“Não fique muito confortável lá fora, em Hollywood, Gleeson,” disse Piper.

Hedge bufou. “Você está brincando? Estas pessoas fazem Éolo olhar sensato. Eu estarei de volta logo que puder, mas seu pai tem que ficar de pé de novo em primeiro lugar. Ele é um bom rapaz. Ah, e por falar nisso, eu tomei o cuidado de outra questão. O Serviço de Parques na Área da Baía tem uma doação anônima de um novo helicóptero. E o piloto que nos ajudaram? Ele tem uma oferta muito lucrativa para voar para o Sr. McLean.”

“Obrigado, Gleeson,” disse Piper. “Por tudo.”

“Sim, também. Eu tento não ser impressionante. Vem apenas naturalmente. Conheça a nova assistente de seu pai.”

Hedge foi empurrado para fora do caminho, e uma bela jovem sorriu para a câmera.

“Mellie?” Piper olhou, mas era definitivamente ela: a *aura* que tinha ajudado a escapar da fortaleza de Éolo. “Você está trabalhando para o meu pai agora?”

“Não é fantástico?”

“Ele sabe que você está um espírito do vento?”

“Ah, não. Mas eu amo este trabalho. É — hã — uma brisa.”

Piper não podia deixar de rir. “Eu estou contente. Isso é incrível. Mas onde —”

“Só um segundo.” Mellia beijou Gleeson na bochecha. “Vamos lá, seu bode velho. Para de monopolizar a tela.”

“O quê?” Hedge perguntou. Mas Mellia conduziu-o para longe e chamou, “Sr. McLean? Ela está aqui!”

Um segundo depois, o pai de Piper apareceu.

Ele abriu um sorriso enorme. “Pipes!”

Ele parecia ótimo, de volta ao normal, com seus brilhantes olhos castanhos, barba feita, seu sorriso confiante, e seu cabelo recém-cortado, como se estivesse pronto para filmar uma cena. Piper estava aliviado, mas ela também se sentia um pouco triste. Voltar ao normal não era necessariamente o que ela queria.

Em sua mente, ela pensou no relógio. Em uma chamada normal como esta, em um dia de trabalho, ela quase nunca chamou a atenção de seu pai por mais de trinta segundos.

“Ei,” ela disse fracamente. “Você está se sentindo bem?”

“Querida, eu sinto muito que você se preocupar com esse negócio de desaparecimento. Eu não sei.” Seu sorriso vacilou, e ela poderia dizer que ele estava tentando lembrar uma memória que deveria estar lá, mas não estava. “Eu não tenho certeza do que aconteceu, sinceramente. Mas eu estou bem. Treinador Hedge tem sido uma dádiva de Deus.”

“Uma dádiva de Deus,” ela repetiu. Escolha engraçada das palavras.

“Ele me contou sobre sua nova escola,” disse papai. “Lamento pela Wilderness School. Você estava certa. Jane estava errada. Eu era um tolo para ouvi-la.”

Dez segundos passaram, talvez. Mas pelo menos o pai dela parecia sincero, como ele realmente se sentia remorso.

“Você não lembra de nada?” Disse ela, um pouco melancólica.

“Claro que sim,” disse ele.

Um arrepió desceu de seu pescoço. “Você lembra?”

“Eu me lembro que eu te amo,” disse ele. “E eu estou orgulhoso de você. Você está feliz na sua nova escola?”

Piper piscou. Ela não ia chorar agora. Afinal, pelo que ela tinha passado, isso seria ridículo. “Sim, papai. É mais como um acampamento, não uma escola, mas... sim, eu acho que vou ser feliz aqui.”

“Chame-me quantas vezes você puder,” disse ele. “E venha pra casa para o Natal. E Pipes...”

“Sim?”

Ele tocou a tela como se estivesse tentando alcançar, por intermédio de sua mão. “Você é uma mocinha maravilhosa. Eu não digo isso com frequência suficiente. Você me lembra muito de sua mãe. Ela ficaria orgulhosa. E o vovô Tom,” ele riu, “ele sempre disse que iria ser a voz mais poderosa em nossa família. Você vai ofuscar-me algum dia, você sabe. Eles vão lembrar de mim como pai Piper McLean, e isso é o melhor legado que posso imaginar.”

Piper tentou responder, mas tinha medo de cair. Ela apenas tocou com os dedos na tela e balançou a cabeça.

Mellia disse algo em segundo plano, e seu pai suspirou. “Estúdio chamando. Querida, me desculpe.”

“Está tudo bem, papai,” ela conseguiu dizer. “Te amo.”

Ele piscou. Em seguida, a chamada de vídeo ficou escura.

Quarenta e cinco segundos? Talvez um minuto inteiro.

Piper sorriu. Uma pequena melhora, mas era um progresso.

Na área comum, ela encontrou Jason relaxando em um banco, com uma bola de basquete entre seus pés. Ele estava suado do trabalho, mas parecia incrível na sua blusa laranja e shorts. Suas várias cicatrizes e hematomas se foram, graças a um pouco de atenção médica a partir da cabine da Apolo. Seus braços e as pernas estavam bem musculosos e bronzeados — sua distração, como sempre. Seus cabelos loiros e curtos chamou a luz da tarde, assim que parecia que estava se transformando em ouro, no estilo de Midas.

“Ei,” disse ele. “Como foi?”

Levou um segundo para se dedicar à causa. “Hmm? Ah, sim. Bem.”

Ela se sentou ao lado dele e eles viram os campistas indo e voltando. Um casal de filhos de Deméter estava jogando truques em dois dos caras de Apolo.

De tomada de grama crescer em torno de seus tornozelos enquanto acertava tiro nas cestas. Lá na loja do acampamento, as crianças Hermes foram colocar um cartaz que dizia: sapatos voadores, pouco utilizado, 50% de desconto hoje! Crianças de Ares estavam alinhando sua cabine com arame farpado fresco. A cabine de Hipnos estava roncando. Um dia normal no acampamento.

Enquanto isso, as crianças de Afrodite estavam vendendo Piper e Jason, e tentavam fingir que eles não estavam. Piper tinha certeza que ela os viu trocarem dinheiro nas mãos, como se estivessem apostando em um beijo.

“Tem dormido?” perguntou-lhe.

Ele olhou para ela como se ela tivesse lido seus pensamentos. “Não muito. Sonhos.”

“Sobre o seu passado?”

Ele assentiu.

Ela não forçou-lhe. Ele queria falar que estava bem, mas ela sabia que o melhor para ele era não pressionar o assunto. Ela nem se preocupou que seu conhecimento sobre ele era baseado principalmente em três meses de falsas memórias. *Você pode perceber possibilidades*, sua mãe tinha dito. E Piper estava determinado a fazer dessas possibilidades uma realidade.

Jason virou sua bola de basquete. “Não é uma boa notícia,” advertiu. “Minhas lembranças não são boas para — para qualquer um de nós.”

Piper tinha certeza que ele tinha estado a ponto de dizer *para nós*, como os dois — eles, e ela perguntou-se se ele havia lembrado de uma garota de seu passado. Mas ela não o incomodou. Não em um dia de inverno ensolarado como este, com Jason ao lado dela.

“Nós vamos descobrir isso,” prometeu.

Ele olhou para ela, hesitante, como se ele queria muito acreditar nela. “Annabeth e Rachel estão chegando para a reunião desta noite. Eu provavelmente deveria esperar até lá para explicar...”

“Ok.” Arrancou uma folha de grama do seu pé. Ela sabia que havia coisas perigosas na loja para ambos. Ela teria que competir com passado de Jason, e não poderia mesmo sobreviver a guerra contra os gigantes. Mas agora, ambos estavam vivos, e ela estava determinada a aproveitar este momento.

Jason estudou-a com cautela. Sua tatuagem no antebraço ficou azul claro na luz do sol. “Você está de bom humor. Como você pode ter tanta certeza as coisas vão funcionar?”

“Porque você vai nos liderar,” disse ela simplesmente. “Eu vou segui-lo em qualquer lugar.”

Jason piscou. Então, lentamente, ele sorriu. “Coisa perigosa de dizer.”

“Eu sou uma garota perigosa.”

“Isso, eu acredito.”

Ele se levantou e arrumou seus shorts. Ele ofereceu-lhe uma mão. “Leo diz que ele tem algo para mostrar-nos no bosque. Você vem?”

“Não perderia por nada.” Ela pegou sua mão e levantou-se.

Por um momento, eles continuaram de mãos dadas. Jason inclinou a cabeça. “Nós deveríamos ir.”

“Sim,” disse ela. ”Só um segundo.”

Ela soltou de sua mão, e tomou um cartão de prata do seu bolso — o cartão telefônico que Thalia lhe tinha dado para os Caçadores de Ártemis. Ela deixou cair nas proximidades da Fogueira Eterna e viu-o queimar. Não haveria corações partidos na cabine de Afrodite a partir de agora. Esse era um ritual de passagem que não havia necessidade. Do outro lado do campo, ela viu campistas decepcionados, que não tinha presenciado um beijo. Eles começaram a descontar nas suas apostas.

Mas isso estava bem. Piper era paciente, e ela podia ver muitas boas possibilidades.

“Vamos,” disse Jason. “Temos aventuras a planejar.”

LEO

Traduzido por: [Mauro](#)

LEO NÃO TINHA SE SENTIDO NERVOSO ASSIM DESDE QUE ofereceu hambúrgueres aos lobisomens. Quando chegou à falésia de calcário na floresta, ele se virou para o grupo e sorriu nervosamente. “Aqui vamos nós.”

Ele desejou que suas mãos pegassem fogo, e moveu-se contra a porta.

Seus companheiros de chalé ofegaram.

“Leo!” Nyssa gritou. “Você é um usuário de fogo.”

“É, obrigado,” disse. “Eu sei.”

Jake Mason, que estava fora de seu gesso, porém ainda de muletas, disse, “Santo Hefestos. Isso significa que — é tão raro que —”

A porta de pedra maciça se abriu, e todos ficaram de boca aberta. A mão flamejante de Leo parecia insignificante agora. Até mesmo Piper e Jason pareciam atordoados, e eles tinham visto muitas coisas incríveis ultimamente.

Somente Quíron não parecia surpreso. O centauro franziu as espessas sobrancelhas e alisou a barba, como se o grupo estivesse prestes a atravessar um campo minado.

Isto fez com que Leo ficasse ainda mais nervoso, mas ele não poderia mudar sua opinião agora. Seu instintos lhe disseram que ele estava destinado a dividir este lugar... pelo menos, com o chalé de Hefesto... e ele não podia esconder isso de Quíron ou de seu dois melhores amigos.

“Bem vindos à Carvoeira 9,” disse com tanta confiança quanto podia. “Vamos lá dentro.”

O grupo ficou em silêncio enquanto percorriam as instalações. Tudo estava como Leo havia deixado — máquinas gigantes, mesas de trabalho, mapas e esquemas antigos. Só uma coisa havia mudado. A cabeça de Festus estava apoiada na mesa central, ainda destruída e queimada de sua queda final em Omaha.

Leo foi até ele, com um gosto amargo em sua boca e acariciou a testa do dragão.
“Me desculpe, Festus. Mas não te esquecerei.”

Jason pôs a mão no ombro de Leo. “Hefesto trouxe ele para você?”

Leo balançou a cabeça.

“Mas você não pode repará-lo,” advinhou Jason.

“De jeito nenhum,” disse Leo. “Mas a cabeça vai ser reutilizada, Festus estará indo conosco.”

Piper se aproximou e fez uma careta. “O que você quer dizer?”

Antes que Leo pudesse responder, Nyssa gritou, “Pessoal, olhem isso!”

Ela estava parada em uma das mesas, folheando um caderno de esboços — diagramas para centenas de máquinas e armas diferentes.

“Eu nunca vi nada como isto,” disse Nyssa. “Há ideias mais surpreendentes aqui do que na Oficina de Dédalo. Ele levaria um século apenas para desenvolver todas elas.”

“Quem construiu este lugar?” Jake Mason disse. “E por quê?”

Quíron ficou em silêncio, mas Leo focou no mapa da parede que tinha visto durante sua primeira visita. Ele mostrava o Acampamento Meio-Sangue, com uma linha de trirremes no estreito, catapultas montadas nas colinas em torno do vale, trincheiras e locais de emboscada.

“É um centro de comando em tempos de guerra,” disse Leo. “O acampamento foi atacado uma vez, não foi?”

“Na Guerra dos Titãs?” perguntou Piper.

Nyssa balançou a cabeça. “Não. Além disso, esse mapa é muito antigo. A data... aqui diz 1864.”

Todos se viraram para Quíron.

A cauda do centauro balançou aflita. “Este acampamento foi atacado várias vezes,” admitiu. “Este mapa é da ultima guerra civil.”

Aparentemente, Leo não era o único confuso. Os outros campistas de Hefesto se olharam e franziram a testa.

“Guerra Civil...” disse Piper. “Você quer dizer como a de cento e cinquenta anos atrás?”

“Sim e não,” disse Quíron. “Os dois conflitos — mortal e semideus — um espelhado no outro, como geralmente faz a História Ocidental. Olhe para qualquer guerra civil ou revolução desde a queda de Roma em diante, e ela marca um momento em que os semideuses lutavam entre si. Mas essa guerra civil era particularmente horrível. Para os mortais americanos, ainda é o seu conflito mais sangrento de todos os tempos — piores do que as suas vítimas nas duas Guerras Mundiais. Para os semideuses, foi igualmente devastadora. Mesmo naquela época, este vale era o Acampamento Meio-Sangue. Houve uma batalha horrível nessas florestas, durando por dias, com terríveis perdas para ambos os lados.”

“Ambos os lados?” disse Leo. “Você quer dizer que o acampamento se separou?”

“Não,” Jason falou. “Ele quer dizer dois grupos diferentes. Acampamento Meio-Sangue foi um dos lados na guerra.”

Leo não tinha certeza se queria uma resposta, mas perguntou, “Quem era o outro?”

Quíron olhou para a bandeira esfarrapada Carvoeira 9, como se lembrasse do dia em que foi feita.

“A resposta é perigosa,” alertou. “É algo que jurei sobre o Rio Estige nunca mais falar. Após a Guerra Civil, os Deuses estavam tão horrorizados com a tragédia que tomou sobre seus filhos, que eles juraram que nunca aconteceria novamente. Os dois grupos foram separados. Os deuses dobraram todos os seus esforços, teceram a Névoa tão firme quanto puderam, para certificar-se que os inimigos não lembavam-se uns dos outros, nunca se encontrar em suas buscas, de modo que conflitos poderiam ser evitados. Este é do final dos dias sombrios de 1864, a ultima vez que os dois grupos lutaram. Nós tivemos vários apelos negados desde então. Os anos sessenta foram particularmente arriscados. Mas nós conseguimos evitar uma nova guerra civil, pelo menos até agora. Assim como Leo adivinhou, este abrigo era o centro de comando do chalé de Hefesto. No século passado, foi reaberto algumas vezes, geralmente como esconderijo em tempos de grande inquietação. Mas vir aqui é perigoso. Ele agita memórias antigas, deserta antigas rixas. Mesmo quando os Titãs ameaçaram no ano passado, eu não acho que vale a pena o risco de usar este lugar.”

De repente, o sentimento de triunfo de Leo transformou-se em culpa. “Ei, olhe, este lugar *me* encontrou. Era pra acontecer. É uma coisa boa.”

“Eu espero que você esteja certo,” disse Quíron.

“Eu estou!” Leo tirou o antigo desenho do bolso e espalhou-o sobre a mesa para que todos vissem.

“Ali,” disse ele com orgulho. “Éolo foi quem me devolveu. Eu o desenhei quando tinha cinco anos. Esse é o meu destino.”

Nyssa franziu a testa. “Leo, é um desenho de giz de cera de um barco.”

“Olhe.” Ele apontou para o maior esquema do boletim de bordo do projeto, mostrando o trirreme grego. Lentamente, os companheiros de chalé foram arregalando seus olhos quando compararam os dois projetos. O número de mastros e remos, até mesmo a decoração nos escudos e velas eram as mesmas do desenho de Leo.

“Isso é impossível,” disse Nyssa. “Esse projeto tem um século, pelo menos!”

“*Profecia — não-claro — voo.*” Jake Mason leu as notas sobre o projeto. “É um diagrama de um navio voador. Olha, este é o trem de pouso. Santo Hefestos: catapultas rotativas, bestas montadas, chapeamento de bronze celestial. Esta coisa seria uma violenta máquina de guerra. Ela já foi feita?”

“Ainda não,” disse Leo. “Olhe para o mastro.”

Não havia dúvida, a figura na parte da frente do navio era a cabeça de um dragão. Um dragão muito especial.

“Festus,” Piper disse. Todo mundo se virou e olhou para a cabeça do dragão em cima da mesa.

“Ele está destinado a ser o nosso mastro,” disse Leo. “Nosso amuleto de boa sorte, nossos olhos no mar. Eu tenho que construir esse barco.”

“Eu vou chamá-lo de *Argo II*. E, gente, vou precisar da ajuda de vocês.”

“O *Argo II*,” Piper sorriu. “Devido ao navio de Jason.”

Jason parecia um pouco desconfortável, mas ele assentiu. “Leo está certo. Este navio é o que precisamos para a nossa viagem.”

“Que viagem?” Nyssa disse. “Você acabou de voltar!”

Piper correu os dedos sobre o velho desenho de giz de cera. “Temos que enfrentar Porfírio, o rei gigante. Ele disse que iria destruir os deuses em suas raízes.”

“De fato,” disse Quíron. “Grande parte da Grande Profecia de Rachel ainda é um mistério para mim, mas uma coisa é clara. Vocês três — Jason, Piper e Leo — estão entre os sete semideuses que devem assumir essa busca. Vocês precisam enfrentar os gigantes em sua terra natal, onde eles são mais fortes. Vocês devem pará-los antes que possam acordar Gaia totalmente, antes que eles destruam o Monte Olimpo.”

“Hum,” Nyssa mudou. “Você quer dizer Manhattan, não é?”

“Não,” disse Leo. “O Monte Olimpo original. Temos que navegar para a Grécia.”

LEO

DEMOROU ALGUNS MINUTOS PARA AQUILO SE estabelecer. Então os outros campistas de Hefesto começaram a fazer perguntas todos de vez. Quem eram os outros quatro semideuses? Quanto tempo levaria para construir o barco? Por que todos não conseguiram ir à Grécia?

“Heróis!” Quíron bateu seu casco no chão. “Todos os detalhes ainda não estão claros, mas Leo está correto. Ele precisará da ajuda de vocês para construir o *Argo II*. Talvez seja o maior projeto que o Chalé Nove já tentou, ainda maior que o dragão de bronze.”

“Levará pelo menos um ano,” chutou Nyssa. “Temos tanto tempo?”

“Vocês têm seis meses no máximo,” disse Quíron. “Vocês deveriam navegar no solstício de verão, quando o poder dos deuses é mais forte. Além disso, evidentemente não podemos confiar nos deuses do vento, e os ventos de verão são os menos poderosos e mais fáceis de navegar. Não tentem navegar muito tarde, ou pode ser muito tarde para parar os gigantes. Vocês devem evitar viagem por terra, usando somente o ar e o mar, então esse veículo é perfeito. Jason sendo o filho do deus do céu...”

Sua voz morreu, mas Leo calculou que Quíron estava pensando sobre seu aluno desaparecido, Percy Jackson, o filho de Poseidon. Ele teria ido bem nessa viagem, também.

Jake Mason virou para Leo. “Bem, uma coisa é certa. Agora *você* é nosso conselheiro sênior. Essa é a maior honra que o chalé já teve. Alguém se opõe?”

Ninguém se opôs. Todos os seus companheiros de chalé sorriram para ele, e Leo quase pôde sentir a maldição da cabine se quebrando, suas sensações de desamparo se esvaindo.

“É oficial, então,” Jake disse. “Você é o cara.”

Pela primeira vez, Leo estava incapaz de falar. Desde que sua mãe morreu, ele gastara sua vida fugindo. Agora ele encontrara uma casa e uma família. Ele encontrou um trabalho a fazer. E por mais assustador que fosse, Leo não estava tentado a fugir — nem um pouco.

“Bem,” disse por fim, “se vocês me elegem líder, vocês devem ser ainda mais loucos que eu. Então vamos construir uma formidável e quente máquina de guerra!”

JASON

JASON ESPEROU SOZINHO NO CHALÉ UM.

Annabeth e Rachel estavam esperando a qualquer minuto pela reunião dos conselheiros chefes, e Jason precisava de tempo para pensar.

Seus sonhos na noite passado foram piores que ele não queria compartilhá-los — nem com Piper. Sua memória ainda estava nebulosa, mas pedaços e pedaços estavam voltando. A noite que Lupa o testara na Casa dos Lobos, para decidir se ele seria um pupilo ou comida. Então a longa viagem ao sul para... ele não conseguia lembrar, mas tinha lampejos da sua antiga vida. O dia que ele conseguiu sua tatuagem. O dia que ele foi erguido num escudo e proclamado um pretor. O rosto dos seus amigos: Dakota, Gwendolyn, Hazel, Bobby. E Reyna. Definitivamente havia uma garota chamada Reyna. Ele não tinha certeza do que ela significava para ele, mas a memória o fez se questionar sobre o que sentia por Piper — e quis saber se estava fazendo algo errado. O problema era que ele gostava muito de Piper.

Jason moveu suas coisas para a alcova do canto onde sua irmã uma vez dormira. Ele colocou a fotografia de Thalia de volta na parede para que não se sentisse sozinho. Ele olhou para a estátua franzida de Zeus, poderoso e orgulhoso, mas a estátua não o assustava mais. Ela só o fazia se sentir triste.

“Eu sei que você pode me ouvir,” Jason disse para a estátua.

A estátua não disse nada. Seus olhos pintados pareciam olhar para ele.

“Eu queria poder conversar com você pessoalmente,” Jason continuou, “mas entendo que você não pode fazer isso. Os deuses romanos não gostam de interagir muito com mortais, e — bem, você é o rei. Você tem que dar o exemplo.”

Mais silêncio. Jason esperou por alguma coisa — um ribombo de trovão maior que o normal, uma luz forte, um sorriso. Não, não importa. Um sorriso teria sido arrepiante.

“Me lembro de algumas coisas,” disse. Quanto mais falava, menos ele se sentia autoconsciente. “Eu lembro que é difícil ser um filho de Júpiter. Todos estão sempre olhando para mim para que eu seja um líder, mas sempre me sinto sozinho. Acho que

você sente o mesmo aí em cima, no Olimpo. Os outros deuses desafiam suas decisões. Às vezes você tem que fazer escolhas difíceis, e os outros o criticam. E você não pode vir ao meu auxílio como os outros deuses podem. Você tem que me manter à distância para que não pareça que você está escolhendo favoritos. Acho que só queria dizer...”

Jason respirou profundamente. “Eu entendo tudo isso. Está tudo bem. Vou tentar fazer o meu melhor. Vou deixar lhe deixar orgulhoso. Mas algum apoio seria realmente bom, pai. Se há algo que você possa fazer — me ajude para que eu possa ajudar meus amigos. Temo que irei matá-los. Eu não sei como protegê-los.”

A parte de trás do seu pescoço zuniu. Ele percebeu que alguém estava de pé atrás dele. Ele virou e encontrou uma mulher coberta de robes negros, com uma capa de pele de cabra sobre seus ombros e uma espada romana embainhada — uma *gladius* — nas mãos.

“Hera,” ele disse.

Ela tirou seu capuz. “Para você, sempre fui Juno. E seu pai já mandou seu auxílio, Jason. Ele lhe mandou Piper e Leo. Eles não são só sua responsabilidade. Eles também são seus amigos. Ouça-os, e você terá sucesso.”

“Júpiter lhe mandou aqui para me dizer isso?”

“Ninguém me manda para lugar nenhum, herói,” ela disse. “Não sou uma mensageira.”

“Mas você me colocou nessa. Por que me mandou nesse acampamento?”

“Acho que você sabe,” disse Juno. “Uma troca de líderes foi necessária. Foi o único modo para atravessar as diferenças.”

“Eu não concordei com isso.”

“Não. Mas Zeus deu sua vida a mim, e eu estou ajudando-lhe a cumprir seu destino.”

Jason tentou controlar sua raiva. Ele olhou para sua camisa laranja do acampamento e as tatuagens no braço, e ele soube que essas coisas não deveriam ficar juntas. Ele se tornara uma contradição — uma mistura tão perigosa quanto qualquer coisa que Medeia podia preparar.

“Você não vai me dar todas as minhas memórias,” disse. “Mesmo que você prometeu.”

“A maioria voltará no seu devido tempo,” disse Juno. “Mas deve encontrar seu próprio caminho de volta. Você precisa desses próximos meses com seus novos amigos,

sua nova casa. Você está ganhando a confiança deles. Na hora que você velejar no navio, você será um líder nesse acampamento. E você estará pronto para trazer paz entre dois grandes poderes.”

“E se você estiver mentindo?” perguntou. “E se você estiver fazendo isso para causar outra guerra civil?”

A expressão de Juno era impossível de se ler — deleito? Desdém? Afeição? Possivelmente todos os três. Tanto quanto ela parecia humana, Jason sabia que ela não era. Ele ainda podia ver aquela luz cegante — a verdadeira forma da deusa que queimara no seu cérebro. Ela era Juno e Hera. Ela existia em vários lugares de vez. Seus motivos para fazer algo nunca eram simples.

“Eu sou a deusa da família,” ela disse. “Minha família foi dividida por muito tempo.”

“Eles nos dividiram para que não matemos uns aos outros,” disse Jason. “Parece um motivo muito bom.”

“A profecia demanda que mudemos. Os gigantes erguerão-se. Cada um só pode ser morto por um deus e semideus trabalhando juntos. Aqueles semideuses devem ser os sete maiores da era. Enquanto isso permanece, eles são divididos entre dois lugares. Se permanecermos divididos, não venceremos. Gaia está contando com isso. Você deve unir os heróis do Olimpo e navegar juntos para encontrar os gigantes nos antigos campos de batalha da Grécia. Só então os deuses serão convencidos a se juntarem a você. Será a missão mais perigosa, a viagem mais importante, nunca tentada pelos filhos dos deuses.”

Jason olhou novamente para a estátua mal-humorada do pai.

“Não é justo,” disse Jason. “Eu poderia arruinar tudo.”

“Você poderia,” concordou Juno. “Mas deuses precisam de heróis. Sempre precisamos.”

“Até você? Pensei que você odiava semideuses.”

A deusa lhe deu um sorriso seco. “Eu tenho aquela reputação. Mas se você quer a verdade, Jason, na maioria das vezes invejo os filhos mortais dos outros deuses. Vocês semideuses podem se estender por ambos os mundos. Acho que isso ajuda seus parentes divinos — até Júpiter, maldito seja — a entender o mundo mortal melhor que eu.”

Juno suspirou tão tristemente que apesar de sua raiva, Jason quase teve pena dela.

“Eu sou a deusa do casamento,” ela disse. “Não é da minha natureza ser infiel. Só tenho dois filhos divinos — Ares e Hefesto — ambos que são desapontamentos. Não tenho heróis mortais para fazerem a minha vontade, que é por isso eu sou gealmente severa para com semideuses — Hércules, Enéias, todos eles. Mas também é porque eu favoreci o primeiro Jason, um mortal puro, que não tinha parentes divinos para guiá-lo. E é por isso que estou feliz por Zeus lhe dar para mim. Você será meu campeão, Jason. Você será o maior dos heróis, e traga união aos semideuses, e assim ao Olimpo.”

Suas palavras se assentaram sobre ele, mais pesadas que sacos de areia. Dois dias atrás, ele estaria aterrorizado pela ideia de liderar semideuses numa Grande Profecia, navegando para batalhar com os gigantes e salvar o mundo.

Ele ainda estava aterrorizado, mas algo mudara. Ele não se sentia mais sozinho. Ele tinha amigos agora, e uma casa pela qual lutar. Ele até tinha uma deusa patrono o observando, o que tinha que contar alguma coisa, mesmo se ela parecesse um pouco indigna de confiança.

Jason tinha que se levantar e aceitar seu destino, assim como fizera quando encarou Porfírio com suas mãos nuas. Certo, parecia impossível. Ele podia morrer. Mas seus amigos estavam contando com ele.

“E se eu falhar?” perguntou.

“Uma grande vitória exige um grande risco,” ela admitiu. “Falhe, e haverá derramamento de sangue como nunca foi visto. Os semideuses destruirão um ao outro. Os gigantes governarão o Olimpo. Gaia acordará, e a terra sacudirá tudo que construímos por mais de cinco milênios. Será o fim de todos nós.”

“Incrível. Simplesmente incrível.”

Alguém bateu nas portas do chalé.

Juno puxou seu capuz de volta sobre o rosto. Então ela passou a *gladius* embainhada para Jason.

“Tome essa pela arma que você perdeu. Falaremos novamente. Goste você ou não, Jason, eu sou sua responsável, e sua conexão ao Olimpo. Precisamos um do outro.”

A deusa sumiu enquanto as portas se abriam chiando, e Piper andou para dentro.

“Annabeth e Rachel estão aqui,” ela disse. “Quíron convocou o conselho.”

JASON

O CONSELHO NÃO ERA NADA QUE Jason imaginou. Primeiro, era na sala de recreação da Casa Grande, em volta de uma mesa de Ping-Pong, e um dos sátiros estava servindo nachos e sodas. Segundo, alguém trouxe a cabeça de leopardo Seymour da sala de estar o pendurara na parede. De vez em quando, um conselheiro jogaria para ele um biscoito.

Jason olhou em torno do quatro e tentou lembrar o nome de todos. Agradecidamente, Leo e Piper estavam sentados perto dele — era a primeira reunião deles como conselheiros seniores. Clarisse, a líder do chalé de Ares, estavam com as botas na mesa, mas ninguém parecia se importar. Clovis de Hipnos estava roncando no canto enquanto Butch do chalé de Íris estava vendo quantos lápis ele podia encaixar nas narinas de Clovis. Travis Stoll de Hermes estava segurando um isqueiro sob uma bola de Ping-Pong para ver se ela iria queimar, e Will Solace de Apolo estava distraidamente cobrindo e descobrindo o pulso com uma bandagem. A conselheira do chalé de Hécate, Lou Ellen alguma-coisa-ou-outra, estava brincando de “pegue-o-nariz” com Miranda Gardiner de Deméter, exceto que Lou Ellen realmente *tinha* magicamente desconectado o nariz de Miranda, e ela estava tentando pegá-lo de volta.

Jason esperava que Thalia aparecesse. Ela prometeu, afinal — mas ela não estava em lugar nenhum para ser vista. Quíron disse a ele para não se preocupar. Thalia geralmente se desviava lutando com monstros ou correndo em missões para Ártemis, e ela provavelmente chegaria logo. Mas ainda assim, Jason se preocupou.

Rachel Dare, o oráculo, se sentava perto de Quíron na ponta da mesa. Ela estava usando seu vestido-uniforme da escola Clarion Academy, que parecia um pouco estranho, mas ela sorriu para Jason.

Annabeth não parecia tão relaxada. Ela usava uma armadura sobre suas roupas do acampamento, com sua faca no lado e seu cabelo loiro posto num rabo de cavalo. Assim que Jason entrara, ela fixou um olhar expectativo nele, como se ela estivesse tentando extrair informações dele por força de vontade completa.

“Voltemos á ordem,” disse Quíron. “Lou Ellen, por devolva o nariz de Miranda. Travis, você gentilmente destruiria a bola de Ping-Pong, e Butch, acho que vinte lápis é realmente muito para qualquer narina humana. Obrigado. Agora, como podem ver, Jas-

on, Piper e Leo retornaram com sucesso... mais ou menos. Alguns de vocês ouviram partes das histórias deles, mas vou deixar eles lhe informarem.”

Todos olharam para Jason. Ele limpou a garganta e começou a história. Piper e Leo interrompiam de tempos em tempos, informando os detalhes que ele esqueceu.

Só levou alguns minutos, mas pareceu muito mais com todos o observando. O silêncio era forte, e para tantos semideuses com TDAH se sentarem ainda ouvindo por tanto tempo, Jason sabia que a história deveria ter soado bastante selvagem. Ele finalizou com a visita de Hera logo antes da reunião.

“Então Hera esteve *aqui*,” disse Annabeth. “Conversando com você.”

Jason assentiu. “Olhem, não estou dizendo que confio nela —”

“É inteligente,” disse Annabeth.

“— mas ela não está inventando isso sobre outro grupo de semideuses. É de onde eu vim.”

“Romanos.” Clarisse jogou um biscoito para Seymour. “Você espera que acreditemos que há outro acampamento para semideuses, mas eles seguem as formas romanas dos deuses. E nunca ouvimos falar deles.”

Piper se sentou mais para frente. “Os deuses manteram os dois grupos em parte, porque toda a vez que viam um ao outro, eles tentavam matar um ao outro.”

“Posso respeitar isso,” disse Clarisse. “Ainda assim, por que nunca cruzamos uns com os outros em missões?”

“Ah, sim,” disse Quíron tristemente. “Vocês se encontram, várias vezes. É sempre uma tragédia, e sempre os deuses fazem o melhor para limpar as memórias dos envolvidos. A rivalidade está em todo o caminho na Guerra de Troia, Clarisse. Os gregos invadiram Troia e a queimaram até o chão. O herói troiano Enéias escapou, e no fim foi para a Itália, onde fundou a raça que algum dia se tornaria Roma. Os romanos ficaram cada vez mais poderosos, idolatrando os mesmos deuses mas sob nomes diferentes, e personalidades levemente diferentes.”

“Mais militares,” disse Jason. “Mais unidos. Mais sobre expansão, conquista e disciplina.”

“Eca,” colocou Travis.

Vários deles pareceram igualmente inconfortáveis, porém Clarisse deu de ombros como se parecesse tudo bem para ela.

Annabeth girou sua faca na mesa. “E os romanos odiavam os gregos. Eles conseguiram sua revanche quando conquistaram as ilhas gregas, e as tornaram parte do Império Romano.”

“Não exatamente *odiavam* eles,” disse Jason. “Os romanos admiravam a cultura grega, e eram um pouco ciumentos. Em troca, os gregos pensaram que os romanos eram bárbaros, mas eles respeitaram seu poder militar. Então durante os tempos romanos, semideuses começaram a se dividirem — entre gregos ou romanos.”

“E foi assim desde então,” supôs Annabeth. “Mas isso é loucura. Quíron, onde estavam os romanos durante a Guerra dos Titãs? Eles não queriam ajudar?”

Quíron puxou sua barba. “Eles *ajudaram*, Annabeth. Enquanto você e Percy estavam liderando a batalha para salvar Manhattan, quem você acha que conquistou o Monte Ótris, a base dos titãs na Califórnia?”

“Espere,” disse Travis. “Você disse que o Monte Ótris caiu em pedaços quando batemos Cronos.”

“Não,” disse Jason. Ele se lembrou de lampejos da batalha — um gigante em armadura estreçada e um elmo montado com chifres de carneiro. Ele se lembrou do seu exército de semideuses escalando o Monte Tam, lutando através de hordas de monstros de cobra. “Ele não só caiu. Destruímos o palácio deles. Eu derrubei o titã Crio sozinho.”

Os olhos de Annabeth estavam mais tempestuosos que um *ventus*. Jason quase pôde ver seus pensamentos se agitando, encaixando as peças. “A Área da Baía. Nós, semideuses, sempre fomos ditos para ficar longe dela porque o Monte Ótris era lá. Mas esse não era o único motivo, era? O acampamento romano — tem que estar em algum lugar perto de São Francisco. Aposto que foi posto lá para ficar de patrulha no território dos titãs. Onde ele está?”

Quíron se deslocou na sua cadeira de rodas. “Não posso dizer. Nem mesmo *eu* confiei nessa informação. Minha correlativa, Lupa, não é exatamente do tipo de compartilhar coisas. A memória de Jason, também, foi destruída.”

“O acampamento é pesadamente velado com magia,” disse Jason. “E pesadamente guardado. Poderíamos procurar por anos e nunca encontrá-lo.”

Rachel Dare atou os dedos. De todas as pessoas na sala, só ela não parecia nervosa com a conversa. “Mas vocês tentarão, não tentarão? Vocês vão construir o navio de Leo, o *Argo II*. E antes de irem à Grécia, vocês navegarão para o acampamento romano. Vocês precisarão da ajuda deles para confrontar os gigantes.”

“Péssimo plano,” avisou Clarisse. “Se aqueles romanos verem um navio de guerra chegando, eles assumirão que estamos atacando.”

“Você tem provavelmente razão,” concordou Jason. “Mas temos de tentar. Fui mandado aqui para aprender sobre o Acampamento Meio-Sangue, tentar convencer a vocês que os dois acampamentos não têm que ser inimigos. Uma oferta de paz.”

“Hmm,” disse Rachel. “Por isso que Hera está convencido que precisamos dos acampamentos para ganhar a guerra com os gigantes. Sete heróis do Olimpo — alguns gregos, alguns romanos.”

Annabeth assentiu. “Sua Grande Profecia — qual é a última linha?”

“E inimigos com armas ás Portas da Morte afinal.”

“Gaia abriu as Portas da Morte,” disse Annabeth. “Ela está soltando os piores vilões do Mundo Inferior para lutar conosco. Medeia, Midas — haverão mais, tenho certeza. Talvez a linha signifique que os semideuses romanos e gregos se unirão, e encontrarão as portas, e as fecharão.”

“Ou pode significar que eles lutam um com o outro nas portas da morte,” lembrou Clarisse. “Não diz que cooperamos.”

Houve silêncio enquanto os campistas deixavam aquele pensamento feliz afundar.

“Eu vou,” disse Annabeth. “Jason, quando vocês construírem esse navio, me deixe ir com vocês.

“Estava esperando você se oferecer,” disse Jason. “Você de todas as pessoas — precisaremos de você.”

“Espere.” Leo franziu o cenho. “Digo, é legal comigo e tudo. Mas por que Annabeth de todas as pessoas?”

Annabeth estudaram um ao outro, e Jason sabia que ela unira os fatos. Ela viu a perigosa verdade.

“Hera disse que minha chegada aqui era uma troca de líderes,” disse Jason. “Um modo para os dois acampamentos aprenderem a existência de cada um.”

“É?” disse Leo. “E...?”

“Uma troca serve de dois modos,” disse Jason. “Quando cheguei aqui, minha memória foi apagada. Eu não sabia que era ou de onde vinha. Sei que vocês não são meus inimigos. O acampamento romano — eles não são tão amigáveis. Você prova o seu valor rapidamente, ou então você não sobrevive. Eles podem não ser gentis com ele, e eles descobrirem de onde ele vem, ele estará em sérios problemas.”

“Ele?” Leo disse. “De quem você está falando?”

“Meu namorado,” disse Annabeth radiantemente. “Ele desapareceu na mesma hora que Jason apareceu. Se Jason veio ao Acampamento Meio-Sangue —”

“Exatamente,” concordou Jason. “Percy Jackson está em outro acampamento, e ele provavelmente nem lembra de quem é.”

Deuses em *The Lost Hero*

Éolo O deus grego dos ventos. Forma romana: Éolo

Afrodite A deusa grega do amor e da beleza. Ela era casada com Hefesto, mas amou Ares, o deus da guerra. Forma romana: Vênus

Apolo O deus grego do sol, da profecia, música e da cura; o filho de Zeus e o gêmeo de Ártemis. Forma romana: Apolo

Ares O deus grego da guerra; o filho de Zeus e Hera, e meio-irmão de Atena. Forma romana: Marte

Ártemis A deusa grega da caça e da lua; a filha de Zeus e a gêmea de Apolo. Forma romana: Diana

Bóreas O deus grego do vento do norte, um dos quatro *anemoi* direcionais (deuses do vento); o deus do inverno; pai de Quione. Forma romana: Áquilo

Deméter A deusa grega da agricultura, uma filha dos titãs Reia e Cronos. Forma romana: Ceres

Dioniso O deus grego do vinho; o filho de Zeus. Forma romana: Baco

Gaia A personificação grega da Terra. Forma romana: Terra

Hades Segundo a mitologia grega, soberano do Mundo Inferior e o deus dos mortos. Forma romana: Plutão

Hécate A deusa grega da magia; a única filha dos titãs Perses e Astéria. Forma romana: Trívia

Hefesto O deus grego do fogo, da metalurgia e dos ferreiros; o filho de Zeus e Hera, e casado com Afrodite. Forma romana: Vulcano

Hera A deusa grega do casamento; esposa de Zeus e irmã. Forma romana: Juno

Hermes O deus grego dos viajantes, da comunicação e dos ladrões; filho de Zeus. Forma romana: Mercúrio

Hipnos O deus grego do sono; o filho (sem pai) de Nix (Noite) e irmão de Tânato (Morte). Forma romana: Somnus

Íris A deusa grega do arco-íris, e uma mensageira dos deuses; a filha de Taumante e Electra. Forma romana: Íris

Jano O deus romano dos portões, portas e das entradas, também como os começos e os fins.

Quíone A deusa grega da neve; filha de Bóreas

Nótus O deus grego do vento sul, um dos quatro *anemoi* direcionais (deuses do vento).
Forma romana: Favônio

Urano A personificação grega do céu. Forma romana: *Caelus*

Pã O deus grego do mundo selvagem; o filho de Hermes. Forma romana: Fauno

Pomona A deusa romana da abundância

Poseidon O deus grego do mar; filho dos titãs Cronos e Reia, e irmão de Zeus e Hades.
Forma romana: Netuno

Zeus O deus grego do céu e rei dos deuses. Forma romana: Júpiter.

No outono de 2011

Os Heróis do Olimpo, Livro Dois

O FILHO DE NETUNO

SOBRE O AUTOR

Rick Riordan é o autor do best-seller pelo *New York Times*, As Crônicas dos Kane, Livro Um: *A Pirâmide Vermelha*, assim como todos os livros da série Percy Jackson e os Olimpianos best-sellers pelo *New York Times*: *O Ladrão de Raios*; *O Mar de Monstros*; *A Maldição do Titã*; *A Batalha do Labirinto*; e *O Último Olimpiano*. Seus romances antecedentes para adultos incluem a série imensamente popular Tres Navarre, ganhador dos três maiores prêmios no gênero mistério. Ele vive em San Antonio, Texas, com sua esposa e dois filhos. Para saber mais sobre Rick, visite seu website:

www.rickriordan.com